



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE
MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS (MP-CECRE)

ADRIANA AUGUSTO NEVES

RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA CASA GODOY
PORTO ALEGRE/RS

VOLUME I

Salvador

2021

ADRIANA AUGUSTO NEVES

**RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA CASA GODOY
PORTO ALEGRE/RS**

VOLUME I

Trabalho Final apresentado ao Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP CECRE) da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos.

Orientadora: Susana Acosta Olmos

Salvador

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

N511

Neves, Adriana Augusto.

Restauração e conservação da Casa Godoy [manuscrito] : Porto Alegre/ RS/ Adriana Augusto Neves. – Salvador, 2021.
3 v. : il. ; 30 cm.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos. 2021.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Susana Acosta Olmos

1. Arquitetura - Conservação e restauração - Porto Alegre (RS).
2. Edifícios históricos – Projetos e plantas. 3. Patrimônio cultural - Proteção – Porto Alegre (RS). 4. Arte nouveau (Arquitetura) - Séc. XX – Porto Alegre (RS). I. Olmos, Susana Acosta. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 72.025(816.51)

ADRIANA AUGUSTO NEVES

**RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA CASA GODOY
PORTO ALEGRE/RS**

VOLUME I

Trabalho Final apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos.

Aprovada em 11 de junho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Susana Acosta Olmos _____

Prof^a. Doutora em Arquitetura pela Universidade Federal da Bahia

Mariely Cabral de Santana _____

Prof^a. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia.

Helton Estivalet Bello _____

Prof. Mestre em Planejamento Urbano e regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Desde muito antes da graduação em Arquitetura e Urbanismo, eu conservava especial admiração por prédios históricos. Mesmo sem entendê-los, me encantava com a profusão de elementos nas fachadas espalhadas pela cidade. Eu comecei a faculdade muito tempo depois do planejado, mas nunca desisti do meu sonho que se ampliou ainda mais ao saber da existência do CECRE. A partir deste momento, dediquei minha energia neste sonho de me tornar Mestre em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos. Mas nenhum sonho é possível sem o apoio de todos. Por isso, começo agradecendo a toda minha família. Em especial, minha mãe Elisa, minhas irmãs, Rosângela, Patrícia e Daniela e meu irmão, Rodrigo por toda base, apoio, carinho e paciência, não me deixando desistir de meus objetivos durante a caminhada. Também agradeço aos muitos amigos e amigas que tenho, não tenho como citar todos, por todo o incentivo e carinho.

Agradeço a toda equipe da Coordenação da Memória Cultural de Porto Alegre, especialmente ao então coordenador, Eduardo Hahn, por me permitir trabalhar com um objeto tão apaixonante como a Casa Godoy. Agradeço a equipe do Centro de Pesquisa Histórica e a Equipe de Patrimônio Histórico e Cultural do município por toda atenção e disponibilidade para me auxiliar na pesquisa.

Agradeço o suporte, incentivo e carinho da minha orientadora, Susana Olmos e a todo o corpo docente do MP-CECRE por dedicarem seu tempo, conhecimento e amor pelo que fazem para meu aprendizado e crescimento. Agradeço a Universidade Federal da Bahia por proporcionar toda sua infraestrutura e a realização deste sonho através de um curso com tamanho reconhecimento como o MP-CECRE. Assim como também agradeço a fundação de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia, FAPESB, por me proporcionar uma bolsa de estudos que me permitiu, por um tempo, me dedicar aos estudos com maior tranquilidade. Agradeço aos colegas e amigos do MP-CECRE, por todo apoio e troca de experiências nesta caminhada que será de sucesso para todos nós.

E finalizo agradecendo a Deus por tudo que me proporcionou e proporciona a cada instante da minha vida, como a oportunidade de morar numa cidade linda e cheia de energia como Salvador e conhecer tantas pessoas especiais que me ajudaram a construir essa caminhada.

Não gosto da arquitetura nova
Porque a arquitetura nova não faz casas velhas
Não gosto das casas novas
Porque casas novas não têm fantasmas
E, quando digo fantasmas, não quero dizer essas
Assombrações vulgares
Que andam por aí...
É não-sei-quê de mais sutil
Nessas velhas, velhas casas,
Como, em nós, a presença invisível da alma...
Tu nem sabes
A pena que me dão as crianças de hoje!
Vivem desencantadas como uns órfãos:
As suas casas não têm porões nem sótãos,
São umas pobres casas sem mistério.
Como pode nelas vir morar o sonho?
O sonho é sempre um hóspede clandestino
e é preciso (Como bem sabíamos)
Ocultá-lo das outras pessoas da casa,
É preciso ocultá-lo dos confessores,
Dos professores,
Até dos Profetas
(Os Profetas estão sempre profetizando outras
coisas...)
E as casas novas não têm ao menos aqueles
longos,
Intermináveis corredores
Que a Lua vinha às vezes assombrar!
(QUINTANA, 1976)

APRESENTAÇÃO

Trabalho desenvolvido durante o curso de Mestrado profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos da Universidade Federal da Bahia, MP-CECRE, UFBA, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Conservação e Restauração, intitulado, Restauração e Conservação da Casa Godoy, Porto Alegre/RS.

A escolha pelo curso se deu ainda na graduação, quando confirmei meu propósito de seguir os caminhos da preservação do patrimônio histórico. O contato com profissionais da área e a indicação deste curso como ferramenta teórica e prática no campo da preservação me motivaram e fizeram do MP-CECRE um objetivo maior. Para mim, a preservação de edifícios e sítios urbanos vai muito além do projeto. A preservação acolhe o sentimento de pertencimento de um ou mais núcleos sociais. Preservar, é levar às futuras gerações o conhecimento do seu passado na construção de suas trajetórias. O curso me ofereceu a possibilidade de pôr em prática tudo em que acredito através de um aprofundado estudo teórico e aulas práticas que embasaram o desenvolvimento deste trabalho.

A escolha do objeto de estudo aconteceu de forma inesperada. Diante da impossibilidade de seguir com o objeto apresentado durante o processo seletivo por diversos motivos que não serão expostos aqui, a Casa Godoy se apresentou com um objeto à altura para substituir o anterior. Costumo dizer que a Casa Godoy escolheu figurar este trabalho, levando à todos a sua relevância em diferentes instâncias e a sua persistência diante de tantas adversidades que impediram sua conservação integral ao longo de tantos anos.

O presente trabalho pretende reafirmar os valores atribuídos ao objeto de estudo proposto. Em especial, para além de sua importância enquanto objeto arquitetônico, a importância de sua permanência enquanto equipamento institucional que busca zelar pelo patrimônio construído da cidade de Porto Alegre, considerando sua trajetória na historiografia local.

RESUMO

O presente trabalho apresenta o projeto de restauração e conservação da Casa Godoy, construída em 1907 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Um raro exemplar remanescente do estilo Jugendstil, a Casa Godoy é um marco referencial e forte testemunho da história da ciência médica e da sociedade porto-alegrense. Figuras importantes frequentaram essa casa, onde muitos debates políticos, literários e filosóficos aconteciam. O projeto foi dividido em três etapas: a primeira consiste numa investigação histórica acompanhada de cadastro do edifício e seu entorno, visando o entendimento do objeto de estudo no transcurso do tempo; a segunda etapa se refere ao diagnóstico com base numa aprofundada análise física do edifício, considerando os aspectos ambientais e socioculturais; a terceira etapa se dedica ao desenvolvimento do projeto de restauração e conservação do edifício e diretrizes para seu entorno. Pretende trazer reflexões teórico-conceituais acerca das intervenções propostas, reafirmando os valores atribuídos ao bem.

Palavras-chave: Casa Godoy, Restauração, Preservação, Conservação, Jugendstil, Avenida Independência, Porto Alegre.

ABSTRACT:

The present work presents the restoration and conservation project of Godoy House, built in 1907 in Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A rare surviving example of the Jugendstil style, Godoy House is a landmark and strong testimony to the history of medical science and Porto Alegre society. Important figures frequented this house, where many political, literary and philosophical debates took place. The project was divided into three stages: the first consists of a historical investigation accompanied by a register of the building and its urban surroundings, aiming at understanding the object of study over time; the second stage refers to the diagnosis based on a thorough physical analysis of the building, considering the environmental and socio-cultural aspects; the third stage is dedicated to the development of the building's restoration and conservation project and guidelines for its surroundings. It intends to bring theoretical and conceptual reflections on the proposed interventions, reaffirming the values attributed to the good.

Key-words: Godoy House, Restoration, Preservation, Conservation, Jugendstil Style, Independência Avenue, Porto Alegre.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Localização do Bairro Independência na Cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.	24
Figura 2 Localização do Bairro Independência em relação aos bairros adjacentes e centro histórico, que é permeado pelos Rios Jacuí e Guaíba.	25
Figura 3 Figura típica dos tropeiros no RS.....	27
Figura 4 Mapa do Porto de Viamão em 1732, com as estâncias que deram origem a Porto Alegre.	28
Figura 5 Mapa de 1772, demonstrando a abertura de vias e a organização do núcleo da freguesia.....	29
Figura 6 Vista da freguesia, destacando o Alto da Praia a partir das ilhas no século XVIII.....	30
Figura 7 Palácio do Governo, construído em 1772/73 e Igreja Matriz. Ambos foram projetados pelo Arquiteto José Joaquim Vieira. Aquarela de Rudolph Wendroth (século XIX).....	30
Figura 8 A partir da Sesmaria de Santana novos caminhos se abrem, interligando a pequena comunidade com outras regiões como a Aldeia dos Anjos e Viamão.	32
Figura 9 Recorte do mapa de 1837 com as fortificações em torno da península.	33
Figura 10 No mapa de 1839, a partir da península ainda fortificada se desenvolvia o Caminho da Aldeia dos Anjos (atual Avenida Independência) sinalizado em vermelho.	33
Figura 11 Solar dos Câmara pertencente ao Visconde de São Leopoldo, [s/d].	34
Figura 12 Tipologia das casas de alfurja.....	34
Figura 13 Gravura, representando os importantes monumentos construídos nesse período.	37
Figura 14 Planta de 1872, destacando os caminhos antigos que se transformaram em vias arteriais. A Rua da Independência dá continuidade à Rua da Praia.	38
Figura 15 Caminho Novo em 1865.....	39
Figura 16 Doca das Frutas século XIX.	39
Figura 17 A Avenida Independência na sua conformação urbana atual, destacando sua extensão.....	39
Figura 18 Região Metropolitana, destacando Porto Alegre junto aos municípios de Cachoeirinha e Gravataí que correspondiam o distrito de Aldeia dos Anjos.....	40
Figura 19 Vista do povoado a partir do Alto da Santa Casa na primeira metade do século XIX.....	41
Figura 20 Santa Casa de Misericórdia no início do século XIX.	41
Figura 21 Mapa de 1881, apresentando o novo traçado da Rua da Independência, dando continuidade à Rua da Praia. O mapa foi confeccionado com o norte para baixo.	42
Figura 22 Igreja da Conceição no desfile da Independência no século XIX.....	43
Figura 23 Praça Dom Feliciano, onde inicia a Avenida Independência. Imagem de 1888.....	43
Figura 24 Hospital Beneficência Portuguesa, [s/d].	43
Figura 25 Praça Dom Sebastião no início do século XX. Hospital Beneficência Portuguesa e Igreja da Conceição ao fundo.....	43
Figura 26 Rua da Independência em 1880.....	44
Figura 27 Rua da Independência em um postal de 1903.....	44

Figura 28 Imagem de 1917 colorizada, da Igreja Nossa Sra da Conceição junto à esquina da Rua da Conceição.	45
Figura 29 Rua da Independência em 1920. Calçamento de pedras irregulares.....	45
Figura 30 Aspecto do geral do Prado da Independência em 1922.....	46
Figura 31 Aspecto do Prado da Independência na década de 1930.....	46
Figura 32 Mapa de 1896, destacando o traçado do Antigo Caminho da Aldeia remodelado para expansão da cidade.....	46
Figura 33 Vista da Cidade no ano de 1895, destacando a Alfândega e, acima, o Teatro São Pedro e seu prédio gêmeo, o Tribunal de Justiça.	47
Figura 34 Cais, seguido pelo prédio da Delegacia Fiscal em 1909.....	47
Figura 35 Vista norte do campus central da UFRGS, década de 1900.....	47
Figura 36 Cartão postal colorizado da Avenida Independência em princípios do século XX.....	48
Figura 37 Outro cartão postal colorizado da Avenida em princípios do século XX.....	48
Figura 38 As casinhas da Misericórdia. Imagens dos anos 2000.....	48
Figura 39 Plano de Melhoramentos de Moreira Maciel, 1914.....	51
Figura 40 Teatro Apollo junto à Av. Independência na década de 1920. Também exibia películas.....	51
Figura 41 Imagem do Colégio do Rosário em 1951.....	51
Figura 42 Abertura da Avenida Borges de Medeiros em 1932.....	54
Figura 43 Avenida Farrapos em 1948.....	54
Figura 44 Avenida Independência com edifícios altos junto aos casarões ecléticos....	55
Figura 45 Avenida Independência em 1959.....	55
Figura 46 Rua da Conceição antes da implantação do viaduto e dos túneis em 1950.	56
Figura 47 Implantação do Viaduto da Conceição em 1971.....	56
Figura 48 Santa Casa e Praça Dom Feliciano no final da década de 1970.....	57
Figura 49 Viaduto da Conceição visto a partir da rodoviária na década de 1970.....	57
Figura 50 Mapas comparativos da ocupação dos lotes entre as décadas de 1970 e atual.....	57
Figura 51 O progressivo desaparecimento ou descaracterização dos antigos casarões apenas nesta porção de quadra desde a década de 1970.....	58
Figura 52 Situação atual da região central de Porto Alegre, evidenciando o antigo perímetro.....	59
Figura 53 Palacete Argentina, sede do IPHAN/RS.....	61
Figura 54 Casa Torelly (1899), em frente à Casa Godoy.....	61
Figura 55 Antiga residência Saraiva (1926) na Avenida Independência.....	62
Figura 56 Igreja Nossa Senhora da Conceição nos dias atuais.....	62
Figura 57 Casa Godoy é tombada pelo município.....	62
Figura 58 O antigo prédio do Hospital Beneficência Portuguesa abriga o Museu da História da Medicina.....	62
Figura 59 Mapa de bens protegidos (ver Volume III, Prancha 02).....	62
Figura 60 Trecho de quadra em que a Casa Godoy está inserida, formando um pano de fachada com as casas ecléticas vizinhas.....	64
Figura 61 O edifícios próximos, interferindo na percepção visual do conjunto.....	64
Figura 62 Impacto do edifício alto na percepção da paisagem urbana.....	65
Figura 63 Edifício alto atrás do casarão, que foi anulado pela cor cinza.....	65
Figura 64 Ainda na década de 1970, as edificações estavam íntegras. Atualmente, resta apenas uma porção junto ao Condomínio Solar Imperial.....	65

Figura 65 Empreendimento IN 1183, junto ao Casarão Theo Möller da Construtora TGD.	66
Figura 66 Empreendimento Independência, 925, da Goldsztein Cyrela, que não respeita o gabarito existente na quadra e se ergue junto a dois casarões inventariados.	66
Figura 67 Edifício dos Correios (atual Memorial dos Direitos Humanos) em primeiro plano ao lado do MARGS.	71
Figura 68 Edifício Ely nos dias atuais.	71
Figura 69 Rua da Praia (atual Rua dos Andradas) no ano de 1860 com seu casario no alinhamento.	73
Figura 70 Atual Rua dos Andradas, conservando lotes estreitos e edifícios no alinhamento.	73
Figura 71 Palacetes com recuos laterais e fachadas no alinhamento no início do século XX.	74
Figura 72 Vista dos fundos do lote da Avenida Independência a partir da Rua Miguel Tostes. Início do século XX.	74
Figura 73 Diagrama de ocupação dos terrenos ao longo da Avenida Independência.	75
Figura 74 Palácio de Cristal (Joseph Paxton).	78
Figura 75 Fachada do Palácio Piratini (1909).	78
Figura 76 Palacete na Avenida Independência no início do século XX.	78
Figura 77 Platibandas com balaustrada, ornatos em relevo e acrotério.	78
Figura 78 Edifício Jugendstil em Munique.	81
Figura 79 Interior da Stuck Villa em Munique.	81
Figura 80 Casa Behrens (1901), em Munique, Alemanha.	81
Figura 81 Castelinho (1906).	85
Figura 82 Antiga Farmácia Carvalho junto a Rua da Praia.	85
Figura 83 Casa Jung (1905).	87
Figura 84 Residência Theo Möller (1907).	87
Figura 85 Faculdade de Direito UFRGS (1907). Projeto de Otto H. Menchen.	87
Figura 86 Faculdade de Direito nos dias atuais.	87
Figura 87 Casa Oscar Noronha.	89
Figura 88 Casa egípcia na Rua dos Andradas.	89
Figura 89 Fachada sul ocupando as divisas do lote e junto ao alinhamento do passeio público.	92
Figura 90 Casa Arno Meyer (Casa Godoy) em 1912.	93
Figura 91 Cartão postal Casa Arno Meyer em 1916.	93
Figura 92 Família Greco. Angelina com seus 5 filhos e as quatro meninas no quintal da Casa Godoy. S/Data.	94
Figura 93 Imagem de Ferdinand Schlatter no início do século XX.	95
Figura 94 Pinturas executadas por Ferdinand Schlatter na sala de estar da Casa Godoy.	95
Figura 95 Página do catálogo de ornamentos Der Ornamentenschatz.	96
Figura 96 Interior do Paço Municipal de Porto Alegre em 1920.	96
Figura 97 Casal Jacintho Godoy e Eulália na sala de estar da casa. Década de 1940.	99
Figura 98 Gabinete de Jacintho Godoy no pavimento principal. Imagem da década de 1980.	99
Figura 99 Um dos eventos promovidos pela Família Godoy em sua casa. Sem data.	99

Figura 100 Aspecto do sótão do primeiro bloco nos levantamentos para restauro das coberturas.....	100
Figura 101 Aspecto do mesmo sótão nos dias atuais.....	100
Figura 102 Aspecto do sótão do segundo bloco antes do restauro de 1999, apresentando ainda uma “cama de ferro”.....	101
Figura 103 Aspecto do mesmo sótão nos dias atuais, com chapas galvanizadas como subcobertura.....	101
Figura 104 Fachada dos fundos ainda com a cobertura improvisada em telhas onduladas na varanda.....	101
Figura 105 Cobertura em vidro restaurada no ano 2000. Porém, necessitando de reparos.....	101
Figura 106 Aspecto da fachada principal após o restauro executado no ano 2000....	102
Figura 107 Porta de acesso principal.....	102
Figura 108 Imagem do jardim durante as escavações arqueológicas no ano de 2001.	103
Figura 109 Trecho escavado junto à araucária.....	103
Figura 110 Caramanchão no final da década de 1990.....	104
Figura 111 Caramanchão nos dias atuais.....	104
Figura 112 Delimitação antiga do terreno entre as Avenidas Independência e Cristóvão Colombo. Em azul, localização da antiga garagem.....	104
Figura 113 Delimitação atual do terreno dada a partir do fracionamento do antigo limite.....	104
Figura 114 Declividade aos fundos do terreno. Maciço de árvores e muros de arrimo em tijolos.....	105
Figura 115 Escadaria de arenito ou pedra de grés.....	105
Figura 116 Um dos saraus promovidos pela Secretaria da Cultura na Casa Godoy..	105
Figura 117 Estudo da geometria espacial do objeto de estudo com adições de volumes à forma primária.....	108
Figura 118 Diagrama da circulação vertical e horizontal que organiza e distribui os cômodos da edificação.....	108
Figura 119 Planta Cronológica das transformações principais ocorridas na Casa Godoy.....	109
Figura 120 Corte transversal cronológico.....	109
Figura 121 Representação da Flor de Narciso nos ornatos.....	110
Figura 122 Corvo em meio aos galhos no coroamento.....	110
Figura 123 Modulação da Fachada.....	111
Figura 124 Linhas mais geométricas na fachada norte.....	112
Figura 125 Protagonismo da varanda e panos de telhado.....	112
Figura 126 Diagrama de usos da edificação como residência (ver Anexo II, fl. 1 a 3).	112
Figura 127 Planta esquemática com nomenclaturas atuais e fluxos.....	113
Figura 128 Parede de tabique na circulação do pavimento principal.....	114
Figura 129 Revestimento em azulejos na Sala de Banho do térreo.....	114
Figura 130 Planta esquemática de sistemas construtivos do porão.....	114
Figura 131 Planta esquemática de sistemas construtivos do pavimento principal.....	115
Figura 132 Diagrama tridimensional do sistema construtivo.....	115
Figura 133 Uma das trapeiras do sótão.....	116
Figura 134 Passadiço entre os dois volumes.....	116
Figura 135 Laje de grés com viga tipo bigorna sobre o jardim de inverno.....	117

Figura 136 Terraço acima do jardim de inverno, com manta sobre a laje.	117
Figura 137 Pinturas murais do gabinete com, frisos e molduras com ovalos e dardos dourados.	118
Figura 138 Prospecção de cores na Sala da Coordenação feitas por Eduardo Hahn.	118
Figura 139 Sala de jantar com lambris de madeira e pinturas murais.	119
Figura 140 Tardoz do azulejo com decalque da empresa Villeroy e Boch.	119
Figura 141 Sala da CPH com pintura acrílica.	119
Figura 142 Recepção com azulejos da década de 1970.	119
Figura 143 Forro em madeira na cozinha.	120
Figura 144 Forro do gabinete.	120
Figura 145 Mármore desgastado da escadaria da varanda.	121
Figura 146 Piso em mármore apuano na varanda.	121
Figura 147 Vitral das esquadrias da sala de estar e acesso principal são idênticos. .	122
Figura 148 Janela do átrio igual a janela do estar.	122
Figura 149 Vitrais evidenciando o desenho de rosas bojudas e delicadas utilizadas nos trabalhos de Mackintosh, em Glasgow. Nos vitrais da Casa Godoy, há rosas que lembram as rosas de Mackintosh, conforme montagem abaixo.	123
Figura 150 Esquadria do gabinete.	124
Figura 151 Esquadria do jardim de inverno.	124
Figura 152 Portas internas entre o banheiro e a sala de banho.	126
Figura 153 Uma das janelas da copa semelhante às janelas da CPH e banheiro.	126
Figura 154 Mesa que foi de Jacintho Godoy.	127
Figura 155 Estante com livros da época.	127
Figura 156 Elevador monta-pratos para transportar a comida da cozinha para a sala de jantar.	127
Figura 157 Poço do elevador todo em madeira e a corda de sustentação e acionamento.	127
Figura 158 Campainha para chamar os empregados, feita em aço com número do cômodo indicado e cada um dos mostradores.	128
Figura 159 Interruptor atual e a marca do interruptor antigo no espelho da porta.	128
Figura 160 Boiler ou caldeira instalada para o processo de aquecimento da água do banho.	129
Figura 161 À esquerda da imagem, o encanamento de cobre.	129
Figura 162 Antigo depósito de lenha.	129
Figura 163 Compartimento junto à saída do fogão à lenha e chaminé. Presença de resíduos de carbono.	129
Figura 164 A percepção visual vai mudando no decorrer da caminhada.	132
Figura 165 Barreira visual promovida pela marquise do posto de combustíveis.	132
Figura 166 Ponto de junto a Casa Godoy.	134
Figura 167 Cabeamento aparente e poste com iluminação junto ao passeio.	134
Figura 168 Diagrama do relevo na Avenida Independência entre a Rua Barros Cassal e a Rua Pinheiro Machado. Em vermelho, a Casa Godoy. Latitude 30.	135
Figura 169 Diagrama do relevo do terreno entre as Avenidas Independência e Cristovão Colombo.	135
Figura 170 Palmeira da Califórnia junto ao canteiro central.	136
Figura 171 Ligustro em frente à Casa Godoy, que foi removido.	136
Figura 172 Parque da Redenção.	137
Figura 173 Vista aérea da Rua Gonçalo de Carvalho.	137

Figura 174 Vista do jardim a partir dos fundos, evidenciando a densa vegetação sem manutenção periódica.	138
Figura 175 Grande fluxo de veículos durante o dia.	139
Figura 176 Faixa exclusiva para transporte público no sentido bairro-centro.	139
Figura 177 Local do ponto de ônibus atual.	140
Figura 178 Local possível para instalar o ponto de ônibus.	140
Figura 179 Casarão que se mantém com uso residencial na avenida.	141
Figura 180 Casa residencial na Avenida Independência.	141
Figura 181 Modelo reduzido do mapa com atividades e usos ao longo da Avenida Independência (ver Volume III, Prancha 1).	142
Figura 182 Gabaritos ao longo da avenida (ver Volume III, Prancha 2).	142
Figura 183 Perfil da quadra da Casa Godoy, evidenciando o impacto dos edifícios altos (ver Volume III, Prancha 4).	143
Figura 184 Climatologia de Porto Alegre.	143
Figura 185 Rosa dos ventos, indicando a predominância de ventos nas diferentes estações. A fachada sul recebe vento em todas as épocas do ano.	144
Figura 186 Durante o inverno não há incidência solar na fachada sul.	145
Figura 187 No Verão, o sol incide mais no horário da manhã e um pouco à tarde na fachada sul.	145
Figura 188 Diagrama da incidência solar norte no verão e inverno.	146
Figura 189 Imagens tomadas às 15 horas numa tarde de inverno.	146
Figura 190 Os panos de fachada contínuos e lineares, mais o sombreamento de prédios.	146
Figura 191 Sol da manhã de verão (8h AM) com forte incidência na fachada.	147
Figura 192 Tarde de verão com sol oeste incidindo parcialmente na fachada (às 16 h).	147
Figura 193 Porção de quadra com volumetria ainda preservada.	148
Figura 194 Casa Frasca, na mesma quadra, com uso misto. Comércio e serviços no térreo, serviços e residência no segundo pavimento.	148
Figura 195 Prédio onde funcionou a Casa Noturna Cabaret, ainda com as marcas do incêndio de 2013 e do abandono.	150
Figura 196 Imagens da longa-metragem "Espia só".	150
Figura 197 Setorização para análise de diagnóstico.	153
Figura 198 Quadro de distribuição localizado na área de recepção.	155
Figura 199 Instalação de central de processamento de dados inadequada em uma das salas do porão.	155
Figura 200 Posição da condensadora de um dos aparelhos de ar condicionado, instalado numa das salas do pavimento principal voltada para o pátio central.	156
Figura 201 Mangueira transparente para escoamento das águas do ar condicionado instalada inadequadamente. Escoa diretamente no piso, junto à parede e junto ao eletroduto.	156
Figura 202 Perda da camada pictórica e de parte do revestimento da sala de jantar pela ação da água descendente da cobertura.	156
Figura 203 Apodrecimento dos elementos de madeira. Aparentes concavidades e alterações de cor. Na imagem, o piso da sala de estar.	156
Figura 204 Prédio vizinho do lado oeste com dois terraços encostados na casa. Nota-se que não há bom escoamento.	157
Figura 205 Mesmo prédio que subiu em altura sobre uma casa antiga que teve seu telhado original retirado.	157

Figura 206 Telhado do anexo do prédio vizinho encostado na parede da Casa Godoy sem qualquer sinal de rufo junto à parede.	157
Figura 207 Ruptura da calha na varanda, criando uma cortina de água junto à parede da divisa.	157
Figura 208 escoamento no pátio central, gerando acúmulo de água em diversos pontos.	159
Figura 209 Vazamento na calha, comprometendo ainda mais o forro do antigo dormitório.	159
Figura 210 Oxidação de um dos rufos.	160
Figura 211 Calha com muitos pontos de oxidação.	160
Figura 212 Forro do depósito condensado pela ação da água.	161
Figura 213 Árvores altas no pátio do vizinho com suas copas alcançando o jardim da Casa Godoy.	161
Figura 214 Caixa de escada de serviço. Ao fundo, a porta de acesso ao terraço bastante comprometida.	162
Figura 215 Assoalho intransitável no sótão do bloco 2.	162
Figura 216 Fissura na verga em arco.	163
Figura 217 Arco recuperado no final da década de 1990.	163
Figura 218 Laje de grés do jardim de inverno. Alta concentração de microflora.	164
Figura 219 Escadaria em mármore.	164
Figura 220 Manchas aparentes na parede do fundo, apesar da pintura nova.	166
Figura 221 Desplacamento do revestimento, revelando o suporte.	166
Figura 222 Podridão na porta de acesso à cozinha.	167
Figura 223 Ressecamento e descolamento das fibras da madeira.	167
Figura 224 Pichação na fachada sul.	169
Figura 225 Reboco mais recente e fissuras junto à platibanda.	169
Figura 226 Algumas espécies encontradas : 01- Lambari, 02 – Maranta, 03 – Ficus repens, 04 – Flor-de-pau, 05 – Ctenante. 06 - Singônio.	171
Figura 227 Crescimento desordenado e falta de manutenção do jardim.	172
Figura 228 Caramanchão apresentando muitos danos.	172
Figura 229 Amostra retirada do canto para o meio e de baixo para cima a cada 50 cm.	174
Figura 230 Parede com os pontos onde foram coletadas as amostras. No canto direito da imagem, a lacuna na parede.	174
Figura 231 Pesagem da amostra úmida sobre a placa de petri.	175
Figura 232 Retirada das amostras da estufa para resfriar.	175
Figura 233 Pesagem das amostras secas.	175
Figura 234 Diagrama esquemático da determinação do teor de umidade da parede da despensa (Porão), de P1 a P9. Destaque para os maiores índices. (acima de 5%). .	176
Figura 235 Diagrama esquemático da Determinação do teor de umidade no jardim de inverno (pavimento principal).	176
Figura 236 Separação das amostras.	178
Figura 237 Pesagem das amostras até atingir 10 gramas.	178
Figura 238 Um béquer e um funil para cada amostra que será coada, aproveitando seu líquido para o teste.	178
Figura 239 centrífuga.	178
Figura 240 Filtragem das amostras. A amostra de barro é mais turva.	178
Figura 241 Amostras prontas para os testes.	178
Figura 242 Limpeza da Placa de Toque.	179

Figura 243 As amostras e reagentes.	179
Figura 244 Difelinamina + Ácido sulfúrico.	179
Figura 245 Amostras distribuídas em tubos de ensaio para testes de cloreto e sulfato.	180
Figura 246 Reagentes do teste de cloreto.	180
Figura 247 Reagentes do teste de sulfato.	180
Figura 248 Pesagem do béquer e filtro vazios.	181
Figura 249 Ataque com ácido clorídrico.	181
Figura 250 Ácido clorídrico.	181
Figura 251 Cloreto de Bário para o teste de sulfato nas 3 amostras.	183
Figura 252 Momento do teste.	183
Figura 253 Dessecador com sílica para as amostras.	183
Figura 254 Moagem das amostras para verificação da cor no gral de porcelana.	183
Figura 255 Catálogo de Munsell com pontos vazados para comparação das cores.	183
Figura 256 Conjunto de peneiras de número 16 à 200. Quanto maior o número, menor o grão que passa por ela.	184
Figura 257 Pesagem de cada peneira sem as amostras.	184
Figura 258 Peneiras agrupadas na mesa agitadora para separação dos grãos.	184
Figura 259 Exemplo de uma das amostras. Da direita para a esquerda da imagem, os mais grossos na peneira 16.	184
Figura 260 Rampa móvel para acesso PNE, adaptando- se ao desnível do passeio.	199
Figura 261 Rampa de acesso à recepção no Porão.	200
Figura 262 Elevador junto ao pátio interno.	200
Figura 263 Lustre sala de estar.	204
Figura 264 Lustre antiga sala de jantar e iluminação de apoio.	204
Figura 265 Elementos da fachada em destaque.	205
Figura 266 Redesenho do jardim com espaços fluidos.	207
Figura 267 Proposta de novo pergolado para o caramanchão.	208
Figura 268 Nova cadeira e reativação das floreiras.	208
Figura 269 Organização da vegetação promove maior incidência solar no inverno.	209
Figura 270 Mini platéia aos fundos do terreno, criando novos espaços de convívio em diferentes horários.	211
Figura 271 Reforço por ombreiras em estrutura metálica na parede de alvenaria do passadiço.	213
Figura 272 Conexão externa do elevador aos dois blocos por vigas metálicas.	213
Figura 273 Tipo de cobertura bioclimática com brises retráteis.	213
Figura 274 Modelo de funcionamento dos brises.	213
Figura 275 Nova forração no sótão do Bloco 2 que se repete no 1.	215
Figura 276 Nova cobertura para a esquadria do terraço, que também é nova.	216
Figura 277 Cobertura em aço e vidro para o passadiço.	216
Figura 278 Laje estruturada com vigas de ferro e com tela deployer.	218
Figura 279 Encaixes tipo rabo de andorinha para próteses em forros.	224
Figura 280 Forro em madeira com encaixe macho-fêmea e arestas biseladas. Modelo adotado em caso de substituição total nos ambientes.	226
Figura 281 Laje sobre os sanitários junto ao pátio central.	228
Figura 282 Calha de piso junto ao terraço para encaminhar as águas pluviais.	228
Figura 283 Calhas e tubo de queda junto à varanda.	228
Figura 284 Novas janelas junto ao pátio.	236

Figura 285 Fechamento dos vãos de porta convertidos em janelas.....	236
---	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Planilha resumida de espécies vegetais.....	170
Tabela 2 Teste qualitativo de Sais solúveis realizado no dia 11/07/2018	179
Tabela 3 Determinação do traço em massa.....	182
Tabela 4 PROGRAMA DE NECESSIDADES: Usos	197

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EPAHC – Equipe de Patrimônio Histórico e Cultural

CMC – Coordenação da Memória Cultural

CPH – Centro de Pesquisa Histórica

COMPAHC – Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MUHM – Museu da História da Medicina

NTPR – Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração, da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PDDUA – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano-Ambiental de Porto Alegre

PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre

PROCEMPA – Centro de Processamento de dados do Município de Porto Alegre

RS – Rio Grande do Sul

SMC – Secretaria Municipal da Cultura

SPM – Secretaria do Planejamento Municipal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	24
1.1. BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE.....	26
1.2. O LUGAR NA HISTÓRIA DA CIDADE.....	39
1.2.1. Independência: um caminho que virou avenida.....	40
1.2.2. Os planos urbanísticos e suas consequências.....	49
1.2.3. A proteção ao patrimônio histórico no município.....	60
1.3. ARQUITETURA ERUDITA DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM PORTO ALEGRE.....	66
1.3.1. Ecletismo e o Jugendstil nos novos modos de morar.....	71
1.3.2. Otto Hermann Menchen: o construtor da Casa Godoy.....	86
2. A CASA GODOY	92
2.1. CRONOLOGIA: USOS E TRANSFORMAÇÕES NO TEMPO.....	92
2.2. CARACTERIZAÇÃO ARQUITETÔNICA DA CASA GODOY.....	106
2.2.2. Elementos de composição	110
2.2.3. Materiais, técnicas e sistemas construtivos.....	113
Revestimentos.....	117
Pisos e forros.....	120
Esquadrias.....	121
Mobiliários e equipamentos.....	126
Instalações.....	127
3. ANÁLISE FÍSICO-AMBIENTAL E SOCIOCULTURAL	131
3.1. ASPECTOS FÍSICAS E AMBIENTAIS.....	131
3.1.1. Vias e fluxos.....	133
3.1.2. Relevo.....	134
3.1.3. Vegetação.....	136
3.1.4. Ruído.....	138
3.2. DIAGNÓSTICO.....	152
3.2.1. Análise do estado de conservação.....	153
Coberturas.....	158
Pisos e forros.....	161
Revestimentos.....	164
Esquadrias.....	166

Fachadas.....	167
Jardim.....	169
3.3. ANÁLISES DE LABORATÓRIO.....	172
3.3.1. Coleta de dados e amostras.....	173
Determinação do teor de umidade.....	175
Testes qualitativos da presença de sais solúveis.....	177
Verificação do traço em massa.....	180
Granulometria após ataque ácido e remoção dos finos.....	183
4. PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	187
4.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	188
4.2. CONCEITUAÇÃO DE INTERVENÇÃO: RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA CASA GODOY	193
4.3. SOLUÇÕES TÉCNICAS PARA O PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	198
4.3.1. Plano de prevenção e proteção contra Incêndio - PPCI.....	201
4.3.2. Instalações elétricas e luminotécnicas.....	202
4.3.3. Áreas externas.....	206
Jardim.....	206
Pátio interno.....	211
4.3.4. Coberturas.....	213
4.3.5. Infraestrutura e Entrepisos.....	217
Estrutura dos entrepisos.....	217
Pisos.....	220
Forros.....	223
Escoamento das águas pluviais	226
4.3.6. Paredes.....	229
Fachadas.....	232
Bateria de sanitários existente.....	233
4.3.7. Esquadrias e elementos.....	234
Esquadrias e elementos em madeira.....	235
Esquadrias e elementos em ferro.....	239
4.3.8. Conforto ambiental.....	240
5. CONSERVAÇÃO PREVENTIVA.....	241
5.1. DIRETRIZES PARA CONSERVAÇÃO PREVENTIVA:.....	243
Pátio interno e jardim.....	243

Fachadas.....	244
Coberturas.....	244
Ambientes internos.....	244
Outras recomendações.....	245
5.2. GESTÃO E SUSTENTABILIDADE.....	246
6. CONCLUSÃO.....	247
7. REFERÊNCIAS.....	250
GLOSSÁRIO.....	256
APÊNDICES	258
ANEXO.....	268
VOLUME II - Caderno Fotográfico.....	275
APRESENTAÇÃO.....	278
Identificação e reconhecimento do bem.....	280
O lugar.....	305
O objeto.....	311
Diagnóstico.....	334
VOLUME III - Peças gráficas.....	374
APRESENTAÇÃO.....	378
CADASTRO.....	379
Levantamento Planialtimétrico.....	380
Levantamento de Esquadrias.....	395
Uso e ocupação do solo.....	410
MAPA DE DANOS.....	415
PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	426

INTRODUÇÃO

A Casa Godoy é um raro exemplar do estilo Jugendstil na cidade de Porto Alegre. Foi construída em 1907 pelo construtor alemão, Otto Hermann Menchen para o comerciante, Arno Bastian Meyer num período de expansão urbana e econômica da cidade em que a burguesia se instala e constrói seus palacetes nos novos arrabaldes que permeiam os antigos caminhos. Entre eles, a da Rua da Independência. Arno Meyer foi proprietário da residência até 1926, quando a casa foi vendida para Francisco Tschiedel Filho, um importante comerciante no ramo de tecidos na cidade. Porém, foi a partir de 1939 que a casa passou a figurar na história da medicina e da sociedade porto-alegrense através do Médico Psiquiatra, Jacintho Godoy, seu novo proprietário. Jacintho Godoy realizou grandes trabalhos na área da psiquiatria do Estado do Rio Grande do Sul e instalou um consultório psiquiátrico no porão de sua casa que passou a ser conhecida como Casa Godoy. Em sua casa, aconteciam saraus, reuniões e festas promovidos por sua esposa e filhas, onde intelectuais discutiam política, literatura e medicina.

O desenvolvimento do Bairro Independência se deu a partir de propriedades rurais que, no final do século XIX, permeavam o caminho conhecido como “Caminho da Aldeia” que ligava a antiga península fortificada à Aldeia dos Anjos de Gravataí.

Com a expansão urbana da cidade em fins do século XIX, as famílias abastadas voltam seus olhares para essa região da cidade. Local alto, arejado que possibilitava melhor qualidade de vida, sendo então o início do processo de urbanização desse que, até então, não passava de um caminho tortuoso e que logo se tornaria uma avenida de casas residenciais. Os casarões começam a despontar, substituindo as casinhas de porta e janela e as propriedades rurais. A maior parte deles recebe feições ecléticas.

No início do século XX, a via já contava com eletricidade, água encanada, calçamento e linha de bonde que contribuíram ainda mais para o crescimento do local. A cidade continuava a expandir e outras vias eram abertas para facilitar o acesso à região central. E assim, a partir da década de 1950, a burguesia que ocupava a avenida busca locais mais afastados, começando o processo de

desocupação e venda dos antigos casarões. Muitos ganham novos usos ou são demolidos, dando lugar a edifícios de apartamentos.

A mudança no tecido urbano e no caráter da via transformam a percepção do espaço que antes era residencial. O gabarito altera visivelmente, criando sombreamento. O fluxo de veículos aumenta e os casarões com alinhamento junto ao passeio não conseguem manter usos residenciais, restando poucos usos diferentes do uso potencial para comércio e serviços.

Somente a partir da década de 1980, estudos foram feitos na área para a proteção de edificações de potencial interesse para preservação. Em alguns trechos de quadra, foi possível conter o avanço indiscriminado da especulação imobiliária, como no caso de parte da quadra entre as Ruas Barros Cassal e Garibaldi, em que está a Casa Godoy. Devido ao tombamento municipal da Casa Torelly e Casa Godoy que ficam de frente uma para outra, a proteção é estendida às demais edificações do entorno imediato através do instrumento de inventário.

A Casa Godoy tem uso institucional desde 1996, quando foi desapropriada após o falecimento da última moradora, Wanda Godoy. Atualmente, abriga a Coordenação da Memória Cultural e Centro de Pesquisa Histórica num esforço da Secretaria Municipal da Cultura para manutenção do uso do edifício, apesar de seu estado de conservação ser bastante ruim.

A estrutura do trabalho segue a base proposta durante o curso, pois apresenta um roteiro que facilita o entendimento do objeto desde sua matriz histórica até a proposta projetual. O projeto foi dividido em três etapas: a primeira consiste numa investigação histórica acompanhada de cadastro do edifício e seu entorno, visando o entendimento do objeto de estudo no transcurso do tempo; a segunda etapa se refere ao diagnóstico com base numa aprofundada análise física do edifício, considerando os aspectos ambientais e socioculturais; a terceira etapa se dedica ao desenvolvimento do projeto de restauração e conservação do edifício e diretrizes para seu entorno. Conforme colocado acima, o edifício possui um uso institucional, sendo a sua permanência para as gerações futuras um dos principais desafios propostos.

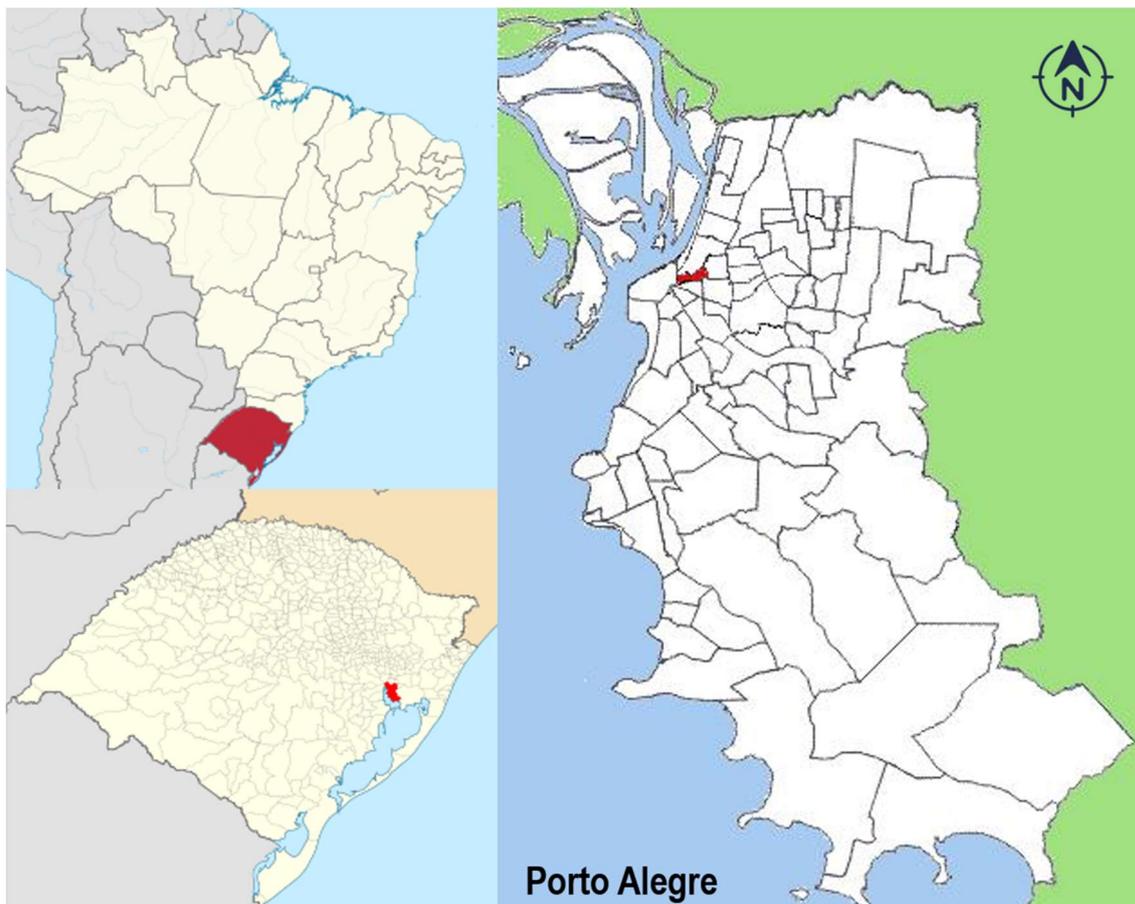


CAPÍTULO I

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A Casa Godoy se localiza na Avenida Independência, número 456, Bairro Independência, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O bairro faz parte da região central da cidade, conectando o Centro Histórico ao Bairro Moinhos de Vento através desta avenida que é a continuação da Rua dos Andradas e a via arterial do Bairro Independência. Além do Moinhos de Vento, os bairros Floresta, Rio Branco e Bom Fim fazem parte do seu entorno imediato e sua história (ver figura 2), apresentando equipamentos urbanos de extrema relevância para a cidade como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Instituto de Educação General Flores da Cunha e o Parque Farroupilha. Junto à avenida e seu entorno, estão alguns dos mais antigos e importantes hospitais da cidade, a Santa Casa de Misericórdia, Hospital Beneficência Portuguesa, Hospital Presidente Vargas, Hospital Fêmeina e Hospital Moinhos de Vento.

Figura 1 Localização do Bairro Independência na Cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.



Fonte: Montagem da autora a partir de imagens do Wikipédia (2020).

O Centro histórico da cidade, antigamente conhecido como “ponta da península” é permeado por dois importantes cursos d’água, o Rio Jacuí que se encontra com o Rio Guaíba na direção sul da cidade logo em frente à Usina do Gasômetro (ver figura 2).

Figura 2 Localização do Bairro Independência em relação aos bairros adjacentes e centro histórico, que é permeado pelos Rios Jacuí e Guaíba.



Fonte: Imagem Blog Observa POA, editada pela autora (2020).

A região central da cidade possui uma dinâmica de comércio e serviços bastante intensa nas principais ruas com equipamentos institucionais, culturais e privados, enquanto muitas ruas do entorno se mantêm residenciais, conservando a tranquilidade dentro do perímetro do centro histórico.

Outro grande equipamento é o Mercado Público Municipal, que concentra as mais diversas manifestações culturais no mesmo espaço, como música, gastronomia, manifestações religiosas e outras. Há museus, centros culturais, teatros e outros espaços dedicados à cultura espalhados pela região. Principalmente entre as praças Marechal Deodoro e Praça da Alfândega que fazem parte do núcleo inicial da cidade no final do século XVIII.

Uma das mais importantes vias da região central é a Rua dos Andradas, antiga Rua da Praia, que inicia na Praça Brigadeiro Sampaio próxima ao Parque Moacyr Scliar e segue até a Praça Dom Feliciano, se conectando com a Avenida

Independência em frente à Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Ao longo desta rua os térreos dos edifícios e galerias abrigam comércio e serviços, enquanto muitos equipamentos de serviços e habitações acontecem no corpo dos edifícios. Desde os primórdios, essa rua é um eixo de grande movimento de pessoas e negócios. Outros caminhos adjacentes estão no perímetro do centro histórico, como a Rua Coronel Vicente, Avenida João Pessoa e Avenida Farrapos. Todas essas vias foram criadas ou transformadas para facilitar o acesso ao centro histórico. Inclusive a própria Avenida Independência, conforme será visto no decorrer deste trabalho.

1.1. BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE

No princípio, um recorte histórico a partir da segunda metade do século XIX parecia ideal para embasar a pesquisa. Porém, logo se percebe a importância do entendimento do processo de ocupação da cidade e seu desenvolvimento a partir de antigos caminhos que se tornariam vias arteriais mais tarde. Numa breve análise do histórico oficial da cidade, se tem por início do povoamento o ano de 1732. Para Pesavento (1991), a origem de Porto Alegre se mistura à formação do Rio Grande do Sul.

As origens de Porto Alegre mesclam-se com o próprio processo de formação histórica do Rio Grande do Sul. Na passagem do século XVII para o século XVIII, a descoberta do ouro no interior do Brasil, na zona das Gerais, motivou a demanda para o serviço das minas de animais para corte e tração. As grandes reservas de gado existentes no Rio Grande do Sul tornaram-se então um pólo de atração para bandos de tropeiros que, de armas na mão, em enfrentamentos diretos com os castelhanos, dedicaram-se à preia deste gado xucro ou chimarrão.

(PESAVENTO, 1991, p. 9)

A exploração das riquezas do Rio Grande do Sul se deu de forma tardia. Segundo Monteiro e Silva (2017) “antes da chegada dos espanhóis, o Rio Grande do Sul era habitado por índios, sendo a maioria Guaranis”. Somente a partir do século XVII que se verificou as primeiras investidas no território e logo o enfrentamento entre jesuítas e bandeirantes em disputa da mão-de-obra indígena. “O tráfico escravagista se deu por ocasião das invasões holandesas durante o domínio espanhol entre 1580 e 1640” (PESAVENTO, 1990, P. 16). Os jesuítas desceram em direção ao território rio-grandense e fundaram as

reduções na Bacia do Rio Jacuí em 1626. Os Bandeirantes aproveitam que o “Tratado de Tordesilhas perde o sentido e saem em busca de tesouros. Entre eles, a mão de obra escrava dos índios para os engenhos de açúcar do norte do país” (Monteiro e Silva, 2017, p. 13) e atacaram as missões jesuíticas do Rio Grande do Sul em múltiplas batalhas que só tiveram fim em 1640, quando os jesuítas se retiraram e os indígenas foram aprisionados. Porém, com o fim do domínio espanhol, os portugueses expulsaram os holandeses da África e o tráfico negreiro foi retomado.

O gado abandonado pelos jesuítas nas reduções se tornaram bravos ou xucros e com o aumento do rebanho formaram uma grande reserva conhecida como Vacaria del Mar (PESAVENTO, 1990, p. 17). Na disputa entre as coroas, por volta de 1680, os jesuítas retornaram e formaram os Sete Povos das Missões com o objetivo de catequizar os índios e o Tropeirismo ganhou força. Desta forma, a economia da “preia do gado”, mesmo com a decadência da mineração e da demanda por gado no século XVIII, não foi afetada no sul. “Os tropeiros necessitavam de ranchos que servissem de apoio durante a preia do gado vacum, cavalariagem e mular. Por isso, houve inúmeras benfeitorias junto às poucas fazendas que existiam na rota” (MONTEIRO e SILVA, 2017, p. 14). Assim se dá a estância e as inúmeras ocupações como no Vale do Gravataí e no Porto de Viamão e dela, se faz a figura do gaúcho descendente de índios, portugueses ou espanhóis.

Figura 3 Figura típica dos tropeiros no RS.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Na década de 1730, com o declínio da cultura tropeira, a Coroa inicia o processo de concessão de sesmarias a particulares como uma maneira de garantir o fornecimento de animais para as minas através das estâncias de criação. Jerônimo de Ornellas Menezes e Vasconcellos, um desses novos sesmeiros, recebe terras que se estendem desde a Capela Grande de Viamão até às margens do Rio Guaíba por volta de 1740 no Porto de Viamão. A sede da sesmaria era uma casa simples, de pedra no local onde hoje se compreende o Morro Santana. Pela ocasião do Tratado de Madri, logo o então Porto do Dornelles recebe como novos moradores casais açorianos que tinham por destino a região das Missões, então ocupada pelos espanhóis.

O povoamento do município de Porto Alegre iniciou em 1732, quando três sesmeiros se estabeleceram nas margens do Guaíba, então denominado de Lagoa de Viamão no Porto de Viamão, em razão da necessidade de Portugal em conquistar e ocupar os territórios ao sul do continente. Em 1752, chegaram as primeiras famílias açorianas, instalando-se na margem norte do Guaíba, impulsionando o povoamento de Porto Alegre.

(GIACOMELLI, 1992, p. 7).

A área onde ficaram "arranchados" os colonos açorianos cresceu e se tornou o embrião da vida urbana local que se ligou através de caminhos que cortavam a península no sentido leste-oeste à Aldeia dos Anjos de Gravataí e a Viamão.

(PESAVENTO, 1991, p. 9).

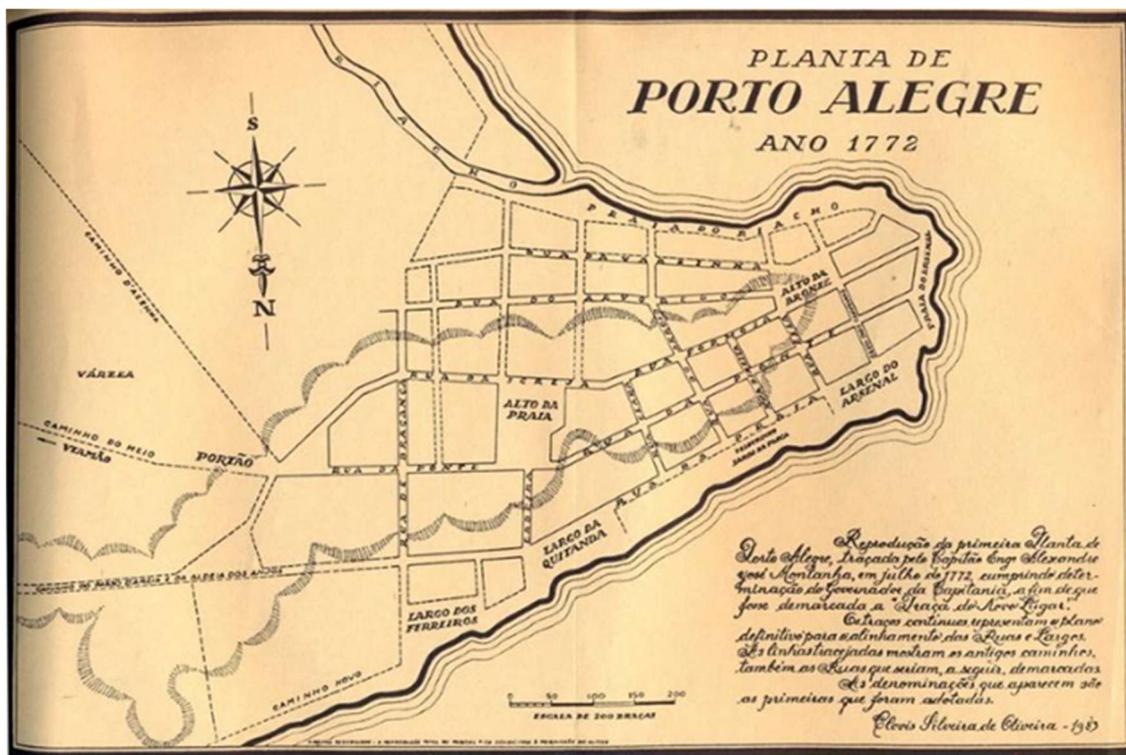
Figura 4 Mapa do Porto de Viamão em 1732, com as estâncias que deram origem a Porto Alegre.



Fonte: PESAVENTO (1991, p.13).

Segundo Pesavento (1991, p.9), novos conflitos militares como a primeira invasão espanhola de 1763 no Rio Grande do Sul motivaram a chegada de mais açorianos a este local, fugidos da Guerra que ocorria ao sul na Capitania de São Pedro. Em 1772, a então Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais assumia sua posição estratégica entre os campos de Viamão e o Porto de Rio Grande, iniciando a divisão de terras, demarcações de lotes entre as famílias açorianas e abertura de vias a partir da sesmaria de Jerônimo de Ornellas (ver figura 5 e 6). Ficou reservado o local para a implantação dos primeiros edifícios civis e religiosos da cidade denominado Alto da Praia, atual Praça Marechal Deodoro (ver figura 7), e outras benfeitorias. É possível perceber na figura abaixo os caminhos que se abrem como importantes eixos de ligação com zonas mais afastadas. Entre eles, o Caminho da Aldeia dos Anjos (ver figura 8).

Figura 5 Mapa de 1772, demonstrando a abertura de vias e a organização do núcleo da freguesia.



Fonte: Blog Portolmagem, [s/d]. (<https://portoimagem.wordpress.com/historia/>, 2018).

Figura 6 Vista da freguesia, destacando o Alto da Praia a partir das ilhas no século XVIII.



Fonte: CD Cartografia virtual Instituto Histórico e Geográfico do RS
(https://www.ihgrgs.org.br/mapoteca/cd_mapas_rs/CD/Indice.htm, 2019).

Figura 7 Palácio do Governo, construído em 1772/73 e Igreja Matriz. Ambos foram projetados pelo Arquiteto José Joaquim Vieira. Aquarela de Rudolph Wendroth (século XIX).



Fonte: CD Cartografia virtual Instituto Histórico e Geográfico do RS
(https://www.ihgrgs.org.br/mapoteca/cd_mapas_rs/CD/Indice.htm, 2019).

Segundo Weimer (2013, p. 92) na ocasião da divisão das terras foi feito um minucioso inventário, detalhando até mesmo a quantidade de árvores frutíferas existentes.

“Uma casa grande e nova, de telha com um lance da capim, de baldrame, em que está a atafona, com quatro portas, três fechaduras, suas dobradiças e uma janela, avaliado tudo em cinqüenta e sete mil e seis contos de réis; um rancho de capim com duas portas de couro e uma fechadura e janela velha, avaliado em seis mil e quatrocentos réis; uma sanzala de telha com duas portas e fechaduras velhas avaliado em doze mil réis; uma casinha de telha com uma porta e uma janela, avaliada em treze mil réis; um rancho de hóspedes, de capim com duas portas e fechadura velha, avaliado em oito mil réis; uma casa de vivenda do dono da fazenda com cinco portas de couro, duas fechaduras, assoalhada a sala, coberta de capim, com quatro janelas, avaliado tudo em dezenove mil e duzentos réis; um curral ao pé das casas com chiqueiro coberto e queijeira, avaliado em doze mil e oitocentos réis; as benfeitorias da horta que é de cerca avaliado em seis mil e quatrocentos réis; um rincão fechado de cerca nova ao pé da casa, com oitenta braças em doze mil réis; um roçado grande e novo, cercado com um curral grande, de moirões e fachina avaliado em dezenove mil e duzentos réis; três roçados grandes que levam nove alqueires de trigo de planta cercada e avaliada em doze mil réis; um rancho de duas portas e um curral com sessenta braças de cercas em pé do passos, quarenta mil réis”.

(Apud. WEIMER, 2013, p. 92, in Revista IHGRS, 2020).

A partir deste inventário, é possível ter uma ideia do tipo de construção existente na Sesmaria de Santana, apesar de não mencionar as casas dos colonos açorianos. Weimer ainda levanta questionamentos quanto à existência ou não de olarias pela cidade antes de 1780 por conta das construções maiores serem cobertas de telhas cerâmicas que não poderiam vir de tão longe pela dificuldade de transporte.

As fortificações no entorno da península são construídas a partir da segunda invasão espanhola, em 1773, onde muralhas e portões cercam (ver figura 9). No mesmo ano, a freguesia passa a se chamar Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre e, por sua posição estratégica e econômica, assume o posto de capital da Província de São Pedro. Até então, a capital era Viamão.

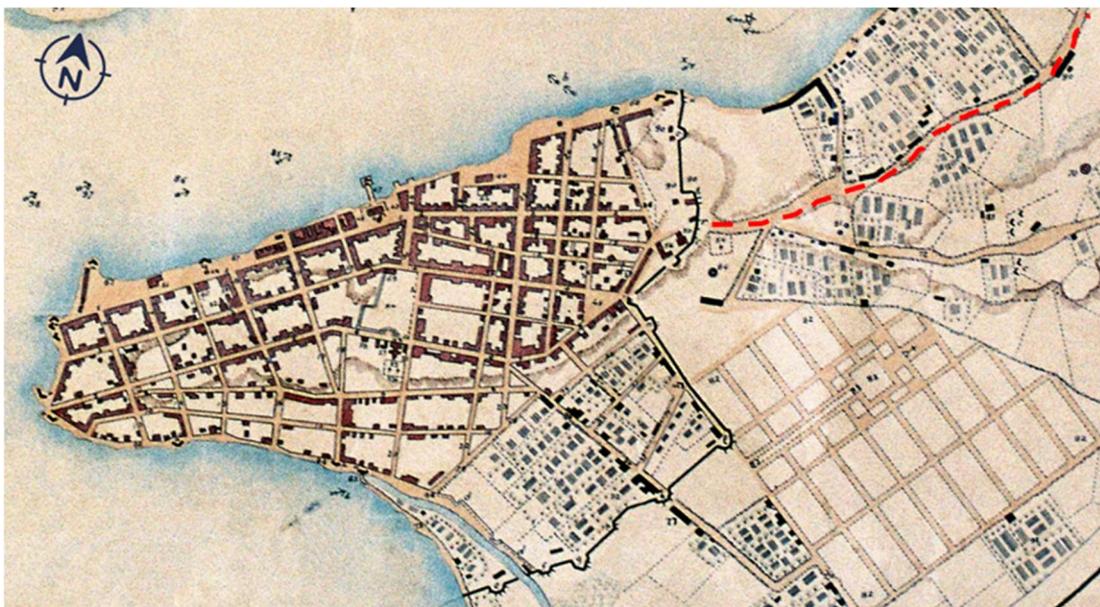
A partir de 1822, a Freguesia de Nossa Senhora da Madre de Deus se torna a cidade de Porto Alegre. Nesse período se abriam mais caminhos e estradas que uniam a antiga vila a outras povoações e cidades, marcando o início dos

Figura 9 Recorte do mapa de 1837 com as fortificações em torno da península.



Fonte: CD Cartografia virtual Instituto Histórico e Geográfico do RS
(https://www.ihgrgs.org.br/mapoteca/cd_mapas_rs/CD/Indice.htm, 2019).

Figura 10 No mapa de 1839, a partir da península ainda fortificada se desenvolvia o Caminho da Aldeia dos Anjos (atual Avenida Independência) sinalizado em vermelho.



Fonte: Cartografia virtual IHGRS, editado pela autora (2020).

Ao longo do século XIX, após a independência do Brasil, aconteceu uma série de transformações econômicas e sociais no país em contrapartida ao

processo de internacionalização do capitalismo. Porto Alegre deixa de ser uma pequena cidade tranquila, passando por transformações sócio-econômicas e adquirindo, como coloca Sandra Pesavento (1991), “valores burgueses perpassados pela ideia de progresso”. Mesmo entre os muros fortificados, a cidade se desenvolvia em contraste com as propriedades rurais do entorno imediato.

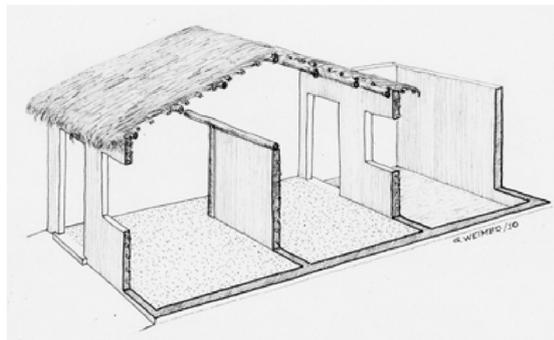
Quando Saint-Hilaire passou pela cidade no início da década de 1820 já encontrou um conglomerado urbano dinâmico, com diversos palacetes, das quais só poucos puderam ser resgatados, como os dos governantes Dom Diogo de Souza e Visconde de São Leopoldo (WEIMER, 2013, p. 105). Também menciona sobre as construções mais simples citadas pelos viajantes do início do século XIX como sua “tipologia mais simples, na forma da casa de alfurja (ver figura 12) e mais evoluída, da casa de porta e janela, ambas herdadas de tradição milenar da arquitetura berbere ou moura”.

Figura 11 Solar dos Câmara pertencente ao Visconde de São Leopoldo, [s/d].



Fonte: Acervo Assembléia Legislativa do RS (2011).

Figura 12 Tipologia das casas de alfurja.



Fonte: WEIMER (2013, p. 105).

Entre os anos de 1835 e 1845, houve um grande conflito na história do Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha. Na historiografia tradicional, tal conflito se tornou símbolo de bravura do povo gaúcho em busca da liberdade. Pesavento (1990, p.8) ressalta que a narrativa dos historiadores do início do século XX apresenta a tendência positivista-idealista no sentido de legitimar e dar coesão

ao sistema de dominação vigente e a hegemonia do grupo agropecuarista na sociedade civil.

Nota-se, no caso, que esta reconstrução idealizada do passado ocorria justamente no momento em que a pecuária gaúcha se encontrava em crise e descapitalizada (...). Através da reelaboração de seu passado, os grupos dominantes buscavam fatos que os nobilitassem e desta forma justificassem seu predomínio na sociedade. Hoje, contudo, a partir de um novo enfoque pretensamente mais científico e menos emocional (...): uma rebelião dos senhores de terra e gado gaúchos contra a dominação que a oligarquia do centro do país, beneficiária da independência buscava impor sobre as províncias da jovem monarquia brasileira.

(PESAVENTO, 1990, p. 9)

Ainda no final do século XVIII, o charque tornou-se o primeiro produto de exportação do Vice Reinado do Prata e a base de sua economia, reorientando a criação de gado para fins mercantis (PESAVENTO, 1990, p. 33). O charque ganhou o mercado brasileiro como abastecedor e dessa economia, o modo de produção escravocrata se fortalece nas charqueadas. Segundo Weimer (2006, p. 77), ao contrário do resto do país, o movimento não se deu para contestar o sistema governamental pela precária situação das províncias, mas sim por questões econômicas como o elevado preço do sal e baixo preço do charque, que levaram à concorrência com charqueadores platinos que, ao contrário dos rio grandenses, não faziam mais uso de mão-de-obra escrava.

A eclosão da Revolução Farroupilha, na metade do século XIX, traz estagnação à cidade, consequência da guerra civil. Com o término do conflito, os governantes impulsionam a colonização, a fim de transformar Porto Alegre no grande entreposto das áreas colonizadas da Encosta da Serra e da Depressão Central. Nesse período, quase todo o comércio se estendia pela Rua da Praia. O impulso comercial da cidade gerou o desenvolvimento social e econômico, através do surgimento de duas instituições: o Banco da Província e o Theatro São Pedro (1858). Por esta época, começam a ser introduzidas melhorias na cidade como o encanamento de água (1861); a primeira linha de bondes (1864); o grande Mercado Público (1869); a instalação definitiva do serviço de bondes (1872); instalação de iluminação a gás (1874).

(GIACOMELLI, 1992, p. 7)

A camada dominante local se sentia oprimida econômica e politicamente e essa dominação levou à eclosão do movimento em 20 de setembro de 1835. Foram dez anos de luta armada contra as forças imperiais.

O incidente que propiciou a eclosão da revolta deu-se no momento da inauguração da primeira Assembléia Legislativa Provincial, quando o presidente Fernandes Braga e o comandante de armas Sebastião Barreto Pereira Pinto acusaram Bento Gonçalves de conivência com os caudilhos platinos, bem como de professar ideias republicanas.

(PESAVENTO, 1990, P. 47)

Esse atrito foi o elemento catalisador para eclosão da revolta que se deu na madrugada de 20 de setembro com a invasão de Porto Alegre, exigindo a retirada das tropas imperiais que fez o presidente da província, Antônio Rodrigues Fernandes Braga fugir para Rio Grande, entregando o poder a seu substituto legal.

A revolução expandiu e, em 1836, os rebeldes proclamaram independência com a República de Piratini (cidade que seria capital do novo governo), também chamada de República Rio Grandense, com Bento Gonçalves como presidente — o governo imperial, é claro, não reconheceu a independência e continuou lutando. O líder da revolução chegou a ser preso, mas o movimento já estava consolidado com líderes como o general Antônio Souza Netto, David Canabarro e o italiano Giuseppe Garibaldi, uma das principais figuras da unificação italiana. Nos anos seguintes, conseguiram novas vitórias e, em 1839, chegaram a conquistar a cidade de Laguna, em Santa Catarina, onde proclamaram a República Juliana.

(MARASCIULO, 2019, in revistagalileu.globo.com)

Depois de inúmeros conflitos, em 28 de fevereiro de 1845, aconteceu a “assinatura da Paz de Ponche Verde” nos campos de Dom Pedrito na região da Campanha. Não houve derrota dos Farrapos, mas sim um acordo de “paz honrosa”. Nesse acordo, muitas das antigas reivindicações dos revoltosos foram atendidas como a concessão do direito de propriedade, direito de escolha do presidente da província, dívidas da república pagas pelo governo central, liberdade aos escravos que lutaram na revolução, entre outras.

Isto por uma razão bem simples: enquanto os demais davam guarida a aspirações populares e punham em xeque a ordem vigente, no sul tratou-se de um conflito de interesses econômicos entre a elite pampeana e do centro-sul por causa do preço do charque.

(WEIMER, p. 261, apud FABRIS, 1987)

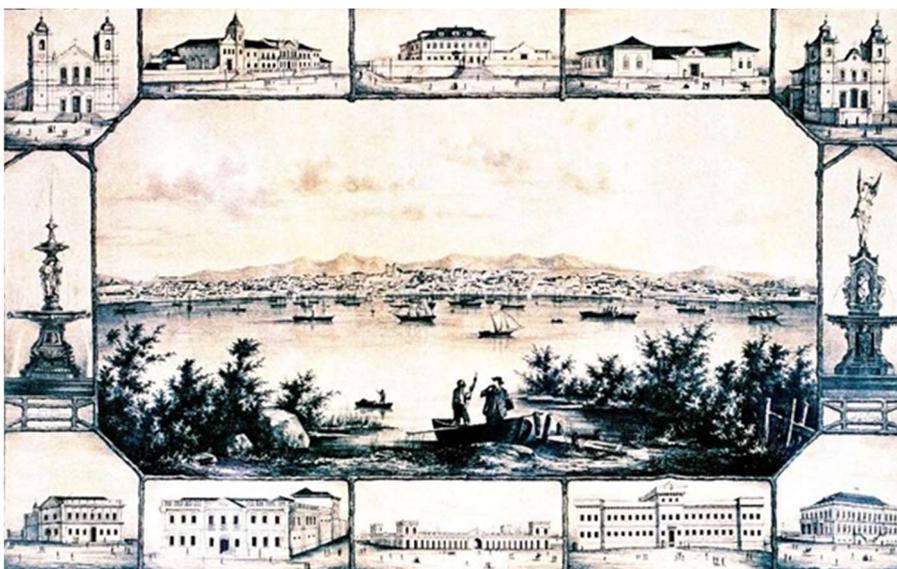
Após a Revolução Farroupilha, em 1845, houve grande preocupação com a estabilidade das importantes cidades do Estado, como Rio Grande e Porto Alegre, as quais se mantiveram fiéis ao governo central. Receberam

investimentos em melhoramentos nas vias urbanas e implantação de importantes equipamentos institucionais e culturais. No caso de Porto Alegre, uma cadeia, dois colégios, remodelação de igrejas e outras importantes obras são realizadas a partir de 1858, com atuação de arquitetos alemães como Phillip von Normann e Friedrich Heydtmann. Obras como a construção do Mercado Público com um pavimento e quatro torreões, o Teatro São Pedro e, algum tempo depois, seu prédio gêmeo para abrigar a Casa de Câmara. Bem como várias fontes pela cidade e muitas residências (ver figura 13).

Para dar andamento a tantas obras, houve a necessidade de contratar um corpo técnico capaz que seria recrutado do corpo militar onde se destacaram os capitães José Maria Pereira de Campos e Johann Martin Buff, o Major Maximilian von Emmerich e o tenente Luiz José de França. Dentre os civis, o mestre Luiz Pereira Dias continuou a prestar seus serviços militares em obras militares durante o conflito. Mas seriam três estrangeiros que dariam efetiva sustentação técnica aos serviços de construção: o engenheiro belga Pierre François Alphonse Booth Mabilde e os arquitetos alemães Georg Phillip Karl Theodor von Normann e Friederich Heydtmann.

(WEIMER, p. 261, apud FABRIS, 1987)

Figura 13 Gravura, representando os importantes monumentos construídos nesse período.

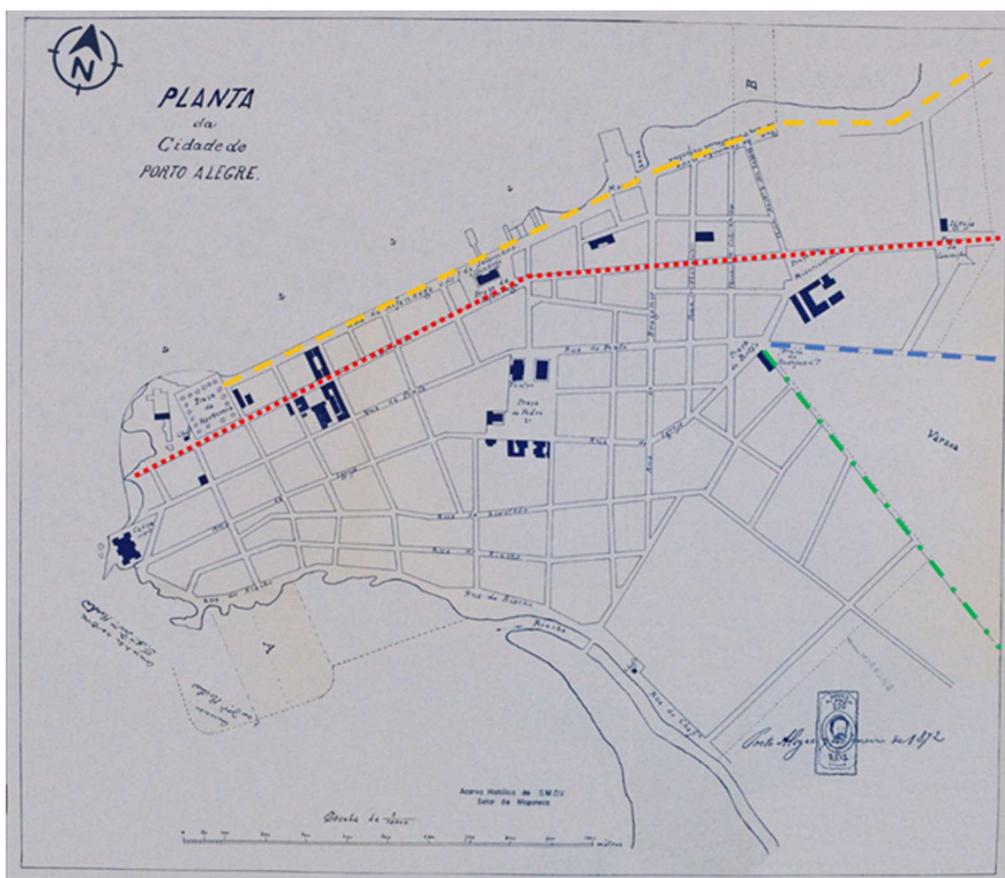


Fonte: CD Cartografia virtual Instituto Histórico e Geográfico do RS
(https://www.ihgrgs.org.br/mapoteca/cd_mapas_rs/CD/Indice.htm, 2020).

A partir da demolição das fortificações que circundavam a cidade, se desenvolve importantes vias de ligação entre o alto da península, local das

fortificações, e as zonas mais afastadas ou limites municipais (ver figura 14). Entre elas está o Caminho Novo, continuação da Rua da Alfândega que conduzia à Colônia de São Leopoldo e atual Rua Voluntários da Pátria (ver figura 15). A chegada de imigrantes alemães no Vale do Rio dos Sinos motivou a abertura do Caminho Novo e, a partir daí, o crescimento da região impulsionou a atividade portuária da cidade (ver figura 16), exportando principalmente produtos oriundos das colônias. Também se abriram outros caminhos como Caminho do Meio, atual Avenida Osvaldo Aranha seguida pela Avenida Protásio Alves, Caminho do Mato Grosso, atual Avenida Bento Gonçalves, e o Caminho da Aldeia, atual Avenida Independência e Rua 24 de Outubro.

Figura 14 Planta de 1872, destacando os caminhos antigos que se transformaram em vias arteriais. A Rua da Independência dá continuidade à Rua da Praia.



Rua da Praia conectada ao antigo Caminho da Aldeia (atuais Rua dos Andradas e Avenida Independência).



Antigo Caminho Novo (atual Av. Voluntários da Pátria)



Antigo Caminho do Meio (atual Av. Osvaldo Aranha).



Antigo Caminho da Azenha (atual Av. João Pessoa).

Fonte: Cartografia virtual IHGRS, editado pela autora (2020).

Figura 15 Caminho Novo em 1865.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre, 2018).

Figura 16 Doca das Frutas século XIX.

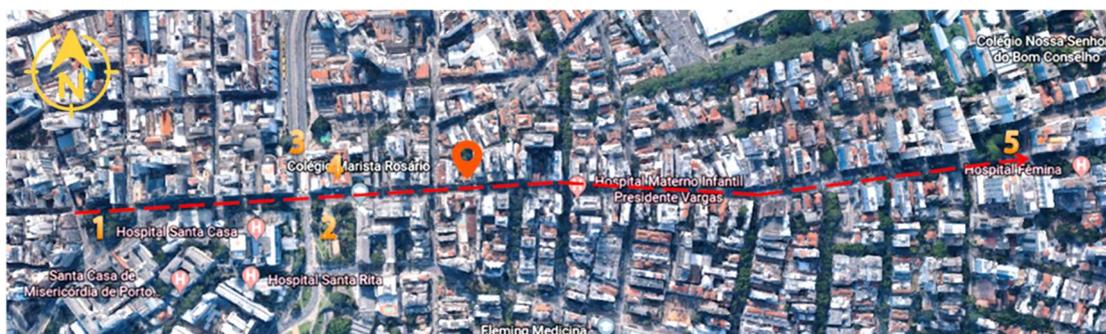


Fonte: CD Cartografia virtual IHGRGS (https://www.ihgrgs.org.br/mapoteca/cd_mapas_rs/CD/Indice.htm, 2019).

1.2. O LUGAR NA HISTÓRIA DA CIDADE

A Avenida Independência é uma importante e antiga via da cidade de Porto Alegre, sendo um dos primeiros caminhos a se desenvolver espontaneamente. Inicia na Praça Dom Feliciano, em frente à Santa Casa de Misericórdia, e termina em frente à Praça Júlio de Castilhos no Bairro Moinhos de Vento como uma das alternativas de ligação entre o centro histórico à zona norte da cidade (ver figura 17).

Figura 17 A Avenida Independência na sua conformação urbana atual, destacando sua extensão.



- | | | |
|--------------------------|---|--|
| 1 - Praça Dom Feliciano | 4 - Igreja da Conceição e Hosp. Beneficência Portuguesa |  Casa Godoy |
| 2 - Praça Dom Sebastião | 5 - Praça Júlio de Castilhos | |
| 3 - Viaduto da Conceição | | |

Fonte: Google Earth, editado pela autora (2020).

1.2.1. Independência: um caminho que virou avenida

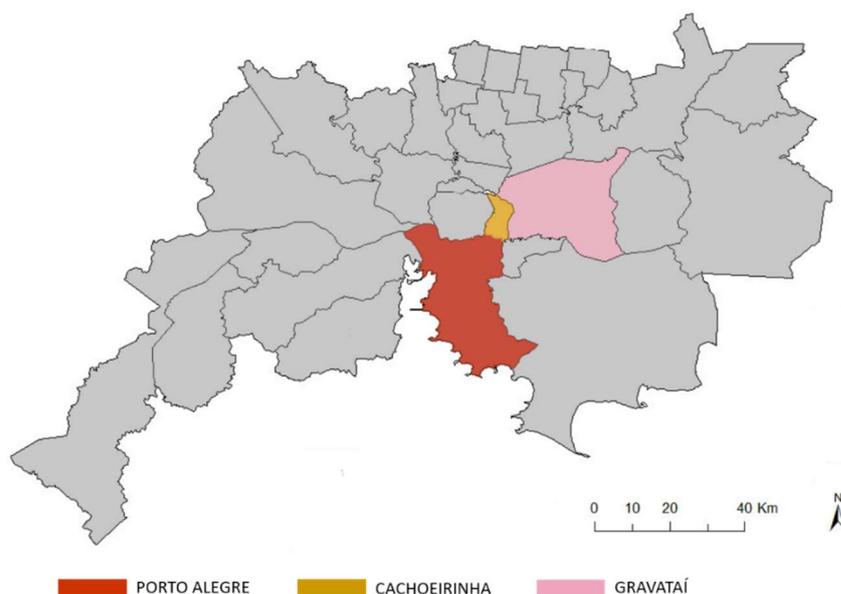
Conforme visto anteriormente, a abertura dos primeiros caminhos de Porto Alegre acontece a partir da sesmaria de Santana. Caminhos importantes que fazem conexão entre a península e regiões mais afastadas. O Caminho da Aldeia apresenta registros de seu funcionamento desde a primeira metade do século XIX.

Pelo menos desde o ano de 1829, nas atas da Câmara Municipal, são encontradas referências à “estrada denominada dos Moinhos de Vento” para objetivarem especificamente o segmento do caminho para Gravataí, que, partindo do Alto da Misericórdia, ou Alto da Santa Casa, dava acesso aos moinhos de vento de Antônio Martins Barbosa, ou Barbosa Mineiro, daí prosseguindo em tortuosa rota até os campos da Aldeia dos Anjos.

(FRANCO, 2006, p.214).

A Aldeia dos Anjos era um distrito de Porto Alegre que compreendia a região onde hoje estão os Municípios de Cachoeirinha e Gravataí, na Região Metropolitana (ver figura 18). A rota, denominada de “Caminho da Aldeia”, se desenvolvia espontaneamente fora dos muros que protegiam a península e passando em meio a propriedades privadas. “Uma dessas terras era do Sr. Antônio Martins Barbosa, que possuía moinhos de vento para moer o trigo” (LORENZONI, 2015, p. 66).

Figura 18 Região Metropolitana, destacando Porto Alegre junto aos municípios de Cachoeirinha e Gravataí que correspondiam o distrito de Aldeia dos Anjos.



Fonte: Site baixarmapas editado pela autora (2021).

É importante abrir um parêntese para falar da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Tão antiga quanto o caminho da Aldeia, foi fundada em 1803 pelo Irmão Joaquim Francisco do Livramento, natural do Desterro, atual Florianópolis, SC. É o hospital mais antigo do Rio Grande do Sul e foi construído no alto de uma colina um pouco afastada do povoado (ver figura 19). A primeira etapa foi inaugurada em 1826 (ver figura 20), com a enfermaria e a capela em louvor ao Senhor dos Passos. Foi expandindo suas práticas, criando um cenário forte no desenvolvimento da ciência médica do Estado (Centro Histórico e Cultural Santa Casa, [s/d], In www.chcsantacasa.org.br/chc-santa-casa/historia, 2018).

Figura 19 Vista do povoado a partir do Alto da Santa Casa na primeira metade do século XIX.



Fonte: IHGRS (2020).

Figura 20 Santa Casa de Misericórdia no início do século XIX.



Fonte: IHGRS (2020).

Em 1829 foi implantado o Código de Posturas na cidade com o objetivo de ordenar o uso e ocupação urbana. Inclusive, para conter a construção de cortiços na área central.

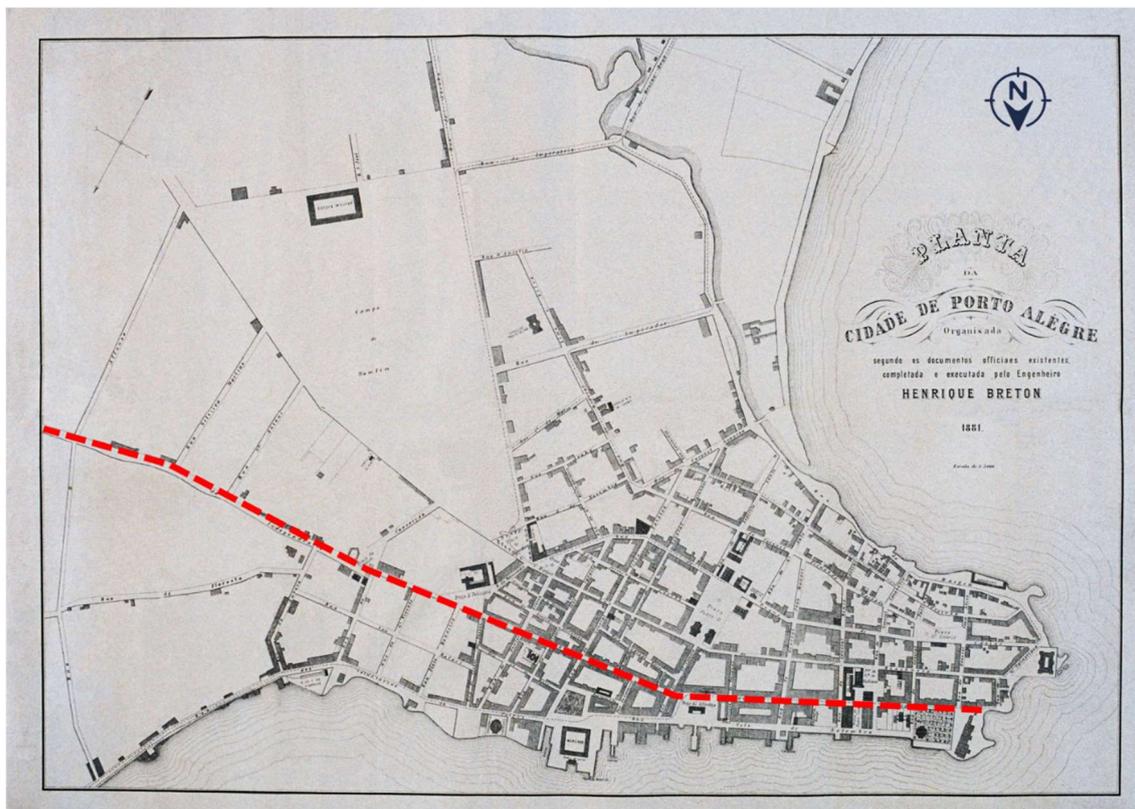
Entre os anos de 1843 e 1845, o alinhamento do Caminho da Aldeia começa a ser projetado e a administração municipal indeniza os herdeiros, adquirindo parte das terras da Chácara de Josefa Eulália de Azevedo, incorporando a rua e consolidando a Estrada dos Moinhos de Vento como um importante eixo residencial e comercial.

A partir de 1843, o alinhamento da estrada começa a ser projetado. Entre 1845 e 1846, para efetivar a regularização da rua foi necessário indenizar os herdeiros da chácara da Brigadeira, "... à base de seis mil-réis o palmo de frentes, desde a esquina da Rua da Conceição (Rua da Brigadeira)". Uma altíssima quantia foi paga pela Província "pela porção de terreno necessário para se continuar a Rua da Praia, assim como pelo que ficasse entre esta e os terrenos da Santa Casa, atual

Praça Dom Feliciano”. Em 1857, aquela artéria passou a denominar-se Rua da Independência iniciando na Praça da Misericórdia.

(SMURB,[s.d.], in www.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro, 2018)

Figura 21 Mapa de 1881, apresentando o novo traçado da Rua da Independência, dando continuidade à Rua da Praia. O mapa foi confeccionado com o norte para baixo.



Cartografia virtual IHGRS, editado pela autora (2020).

Em 1851 é lançada a pedra fundamental para a construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição (ver figura 22) em um terreno junto ao antigo Caminho da Aldeia, doado por Rafaela Pinto Bandeira, filha do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira. Em 20 de outubro de 1857, oficialmente o caminho passa a se chamar “Rua da Independência”, que começaria a partir da Praça da Misericórdia, hoje chamada de Praça Dom Feliciano, em frente ao Complexo Hospitalar Santa Casa de Porto Alegre (ver figura 23). “O nome da rua é uma homenagem às forças imperiais da Revolução Farroupilha. A Igreja da Conceição começa a ser construída em 1858, logo após a abertura da “Rua da Brigadeira”, atual Rua da Conceição. E nasce junto com a igreja, a Praça Dom Sebastião” (SMURB,[s.d.]), in procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro.

Figura 22 Igreja da Conceição no desfile da Independência no século XIX.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 23 Praça Dom Feliciano, onde inicia a Avenida Independência. Imagem de 1888.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Em junho de 1867, junto à Rua da Independência, inicia a construção do prédio que abrigaria o Hospital Beneficência Portuguesa, pertencente à Sociedade Portuguesa de Beneficência (ver figura 24), graças à doações e leilões realizados para arrecadar fundos e impulsionar o crescimento dos serviços médicos existentes desde 1854 na cidade, em instalações provisórias (BENEFICÊNCIA, [s.d.], in www.beneficenciars.org.br, 2018).

Figura 24 Hospital Beneficência Portuguesa, [s/d].



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 25 Praça Dom Sebastião no início do século XX. Hospital Beneficência Portuguesa e Igreja da Conceição ao fundo.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Entre 1870 e 1890, a cidade cresceu ainda mais e recebeu melhorias como algumas indústrias que se instalaram ao longo do Caminho Novo, atual Rua Voluntários da Pátria, a eletricidade na região central e a exclusão de becos sem saneamento.

Nesse meio tempo, a água encanada é instalada na região da Rua da Independência. Porém, a urbanização não era adequada. Ainda não possuía sarjetas e cordões no ano de 1885. Nas crônicas de Felicíssimo de Azevedo junto ao Jornal A Federação, está claro o precário estado da rua.

Se causa admiração o mísero estado da Praça da Caridade, o que se poderá julgar da Rua da Independência que se lhe segue? Aquilo ainda é o caminho dos moinhos de vento, tal qual como o fizeram os taes “ilhoes apodrecidos na preguiça” em 1799. (...) E deram-lhe o nome de Rua da Independência!!! No entanto, a rua ainda está dependendo de urgentes reformas.

O mais lindo arrabalde da cidade, não só pela sua posição elevada, de onde se goza a mais bella vista, como pela solidez do terreno que o torna o mais salubre de Porto Alegre.

(AZEVEDO, 1884, p. 12)

Figura 26 Rua da Independência em 1880.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 27 Rua da Independência em um postal de 1903.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Conforme descrito no Portal Viva o Centro, da Prefeitura de Porto Alegre, o calçamento começa a ser implantado no final do século XIX (ver figuras 28 e 29).

O primeiro calçamento foi implantado a partir de 1893, na gestão do Intendente Alfredo Azevedo e em 1916, na gestão de José Montaury, com pedras irregulares. Somente a partir de 1925, é implantado o calçamento de pedras regulares, conforme consta no relatório do Intendente Otávio Rocha, que diz que “o novo calçamento de paralelepípedos deve substituir o antigo e seguir até o Prado da Independência”

(apud SMURB, [s.d.], in procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro, 2018)

Figura 28 Imagem de 1917 colorizada, da Igreja Nossa Sra da Conceição junto à esquina da Rua da Conceição.



Fonte: Cores da Memória (<https://www.facebook.com/coresdamemoria>, 2018).

Figura 29 Rua da Independência em 1920. Calçamento de pedras irregulares.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati ((<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Em 1892, a Rua da Independência possuía 96 imóveis, sendo 44 prédios térreos, 47 assobradados e 5 sobrados (FRANCO, 2006, p. 215). O que poderia ter justificado a implantação de uma linha de bondes da Companhia Carris no ano de 1894 (Apud SMURB, [s.d.], in procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro, 2018).

O Prado da Independência citado acima foi construído em 1894 e se localizava onde hoje é o Parque Moinhos de Vento, conhecido como Parcão (ver figura 30 e 31), um local nobre e de fácil acesso que assim se manteve por cerca de 65 anos. Também era conhecido como Hipódromo do Moinhos de Vento e, tanto o prado quanto a instalação da linha de bondes no mesmo ano, impulsionaram o crescimento da região. No mapa de 1896 é possível perceber essa transformação (ver figura 32). O aspecto da cidade começa a mudar (ver figuras 33 e 34).

Figura 30 Aspecto do geral do Prado da Independência em 1922.



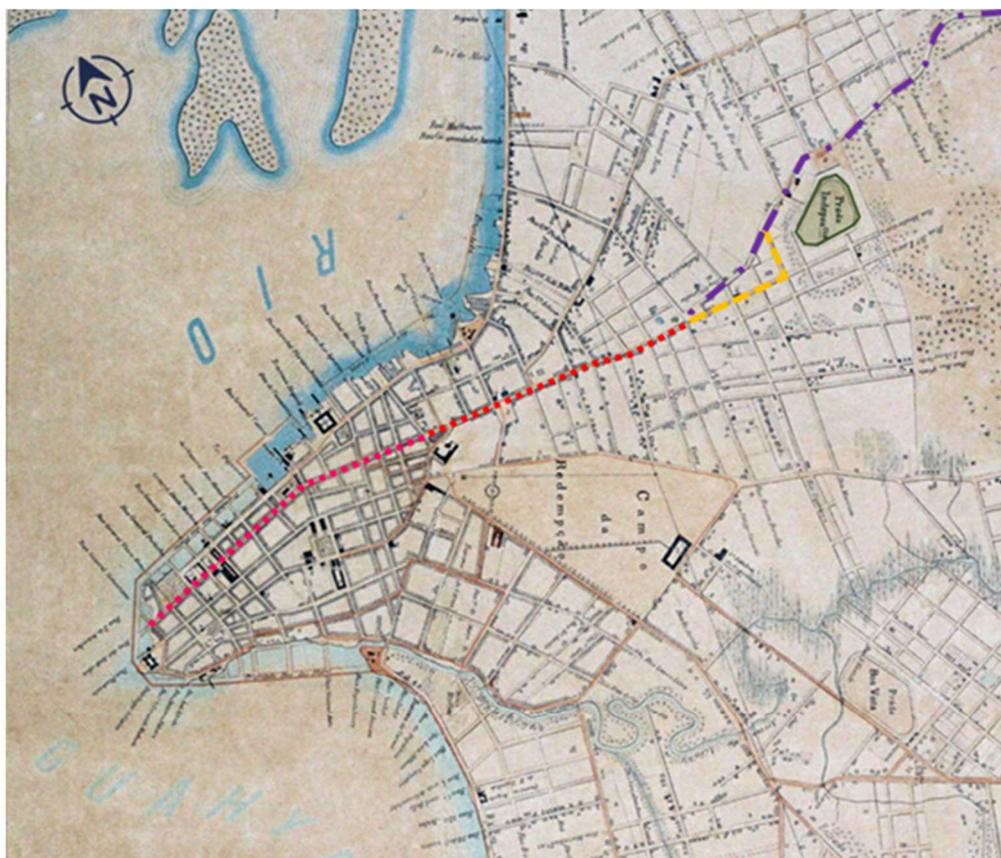
Fonte: Wikipédia.
([https://pt.wikipedia.org/wiki/Moinhos_de_Vento_\(Porto_Alegre\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Moinhos_de_Vento_(Porto_Alegre)), 2018).

Figura 31 Aspecto do Prado da Independência na década de 1930.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati
(<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 32 Mapa de 1896, destacando o traçado do Antigo Caminho da Aldeia remodelado para expansão da cidade.



Rua da Praia (Rua dos Andradas)

Rua da Independência (Avenida Independência)

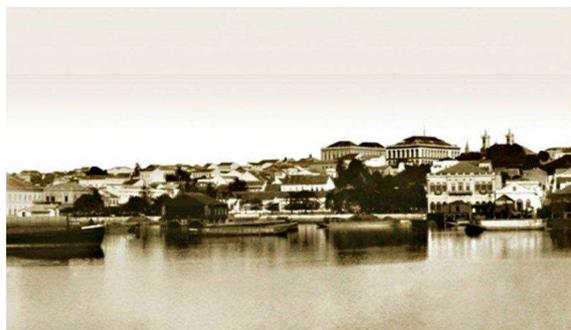
Rua Mostardeiro (Novo traçado)

Estrada dos Moinhos de Vento (Rua 24 de Outubro)

█
Prado da Independência (Parcão)

Cartografia virtual IHGRS, editado pela autora (2020).

Figura 33 Vista da Cidade no ano de 1895, destacando a Alfândega e, acima, o Teatro São Pedro e seu prédio gêmeo, o Tribunal de Justiça.



Fonte: Lítera, (<https://litera.mus.br/porto-alegre-seculo-19/>, 2020).

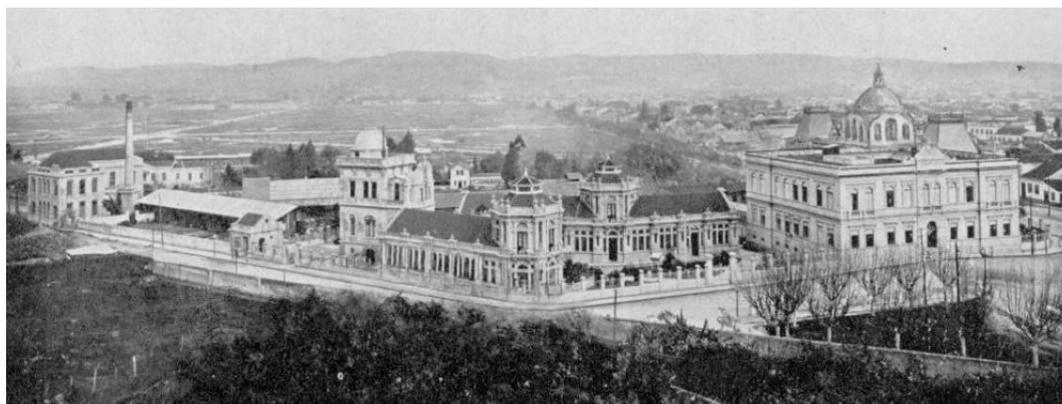
Figura 34 Cais, seguido pelo prédio da Delegacia Fiscal em 1909.



Fonte: Lítera, (<http://litera.mus.br/porto-alegre-seculo-19/>, 2020)

Nesse período, mais precisamente entre 1895 e 1900, foram fundados importantes equipamentos de ensino como as escolas de Farmácia e Química e de Engenharia, seguidas pelas faculdades de medicina e Direito, marcando o início do ensino superior e humanístico no Estado (UFRGS, [s/d], In ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historicoUFRGS, 2020).

Figura 35 Vista norte do campus central da UFRGS, década de 1900.



Fonte: TONIOLI, 2014, p. 67.
(<http://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/101861/000931052.pdf?sequence=1>, 2020)

Conforme se deu o crescimento da cidade, medidas para melhoria da infraestrutura urbana se faziam necessárias. O que foi reforçado no período da industrialização. A Rua da Independência é um reflexo desse período, quando se desenvolveu ainda mais a partir do início do século XX, atraindo a atenção da burguesia como um local de residência. Ergue-se entre os anos de 1900 e 1930

muitos palacetes que expressam um momento importante no desenvolvimento da cidade (ver figuras 36 e 37), onde a indústria e o comércio prosperam. Na época houve intensa procura da área por famílias da burguesia comercial e industrial, interessadas em construir seus palacetes "no mais lindo arrabalde da cidade de onde se goza a mais bela vista", conforme menciona AZEVEDO (1884, p.12).

Figura 36 Cartão postal colorizado da Avenida Independência em princípios do século XX.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 37 Outro cartão postal colorizado da Avenida em princípios do século XX.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Para além de importantes equipamentos construídos como o Complexo Hospitalar Santa Casa de Misericórdia, Hospital Beneficência Portuguesa e Igreja da Conceição, a rua recebe, em 1907, um conjunto de casas geminadas para aluguel, conhecidas como “casinhas da misericórdia” que era destinado à manutenção da Santa Casa (ver figura 38).

Figura 38 As casinhas da Misericórdia. Imagens dos anos 2000.



Fonte: CHC, (<http://www.chcsantacasa.org.br>, 2020).

1.2.2. Os planos urbanísticos e suas consequências

As grandes transformações ocorridas entre fins do século XIX e início do XX poderiam ter levado à necessidade de buscar ferramentas para melhorar as condições urbanas das cidades brasileiras. Em Porto Alegre não foi diferente. O crescimento da cidade a partir dos limites da península levaram a tentativa de ordenar a ocupação urbana. Logo após a Proclamação da República, as leis que orientavam o desenvolvimento urbano passaram a vigorar. As construções deveriam seguir as diretrizes impostas pela intendência. “A partir de 1892 o início de todas as construções tinha de ser precedido de um projeto que precisava ser aprovado pela Intendência. Em março de 1893 entrou em vigor uma revisão do Código de Posturas sobre edificações” (WEIMER, 2014, p. 62). Nos anos seguintes, a instalação da Companhia Hidráulica, de Luz e de Gás também leva à coleta de lixo municipal.

Segundo Weimer (2014, p. 60) o Intendente José Montaury nomeou uma Comissão de Saneamento, em 1907, que tratou de tomar iniciativas de melhoramentos das condições sanitárias concomitantemente com os estudos sobre a instalação do novo porto que se constituía numa prioridade nacional. Nesse período, os meios de transporte necessitavam de ampliação e melhorias. Para melhorias do porto de Porto Alegre, muitos aterros passaram a acontecer a partir de então. Porém, no ano de 1914 em razão da I Guerra Mundial, essas obras não foram iniciadas.

Em 26 de agosto de 1914, João Moreira Maciel apresenta seu Plano de Melhoramentos, sendo o primeiro que se tem notícia no Brasil, embora não fosse o primeiro a ser elaborado.

Sua elaboração aconteceu num período crítico da história do mundo ocidental, quando estava em preparação um dos mais radicais confrontos bélicos que a humanidade já assistiu, qual seja, a I Guerra Mundial. Esses preparativos trouxeram, transitoriamente, grandes vantagens ao Rio Grande do Sul. Por via de exportação de cereais que se constituíam num dos mais cobiçados alimentos “não perecíveis” da época. Uma disputa internacional em torno da aquisição desses produtos com a finalidade de abastecer os armazéns que deveriam suprir as tropas que estavam sendo preparadas para entrar em confronto armado, fez seus preços adquirirem níveis muito compensadores. Isso favoreceu a economia local que passou a investir pesado na industrialização e no fortalecimento de uma rede bancária regional onde se acumulavam os excedentes de capitais.

WEIMER, 2014, p. 53)

As questões sanitárias são a base para um plano urbanístico. Segundo Weimer (2014, p.55) é necessário assinalar que todo o “processo de transformação social é doloroso e acarreta em mudanças na organização social que favorecem os novos donos do poder à custa dos estratos mais baixos da sociedade que pagaram com a miséria e com a exploração de sua força de trabalho a bem-aventurança dos poderosos”.

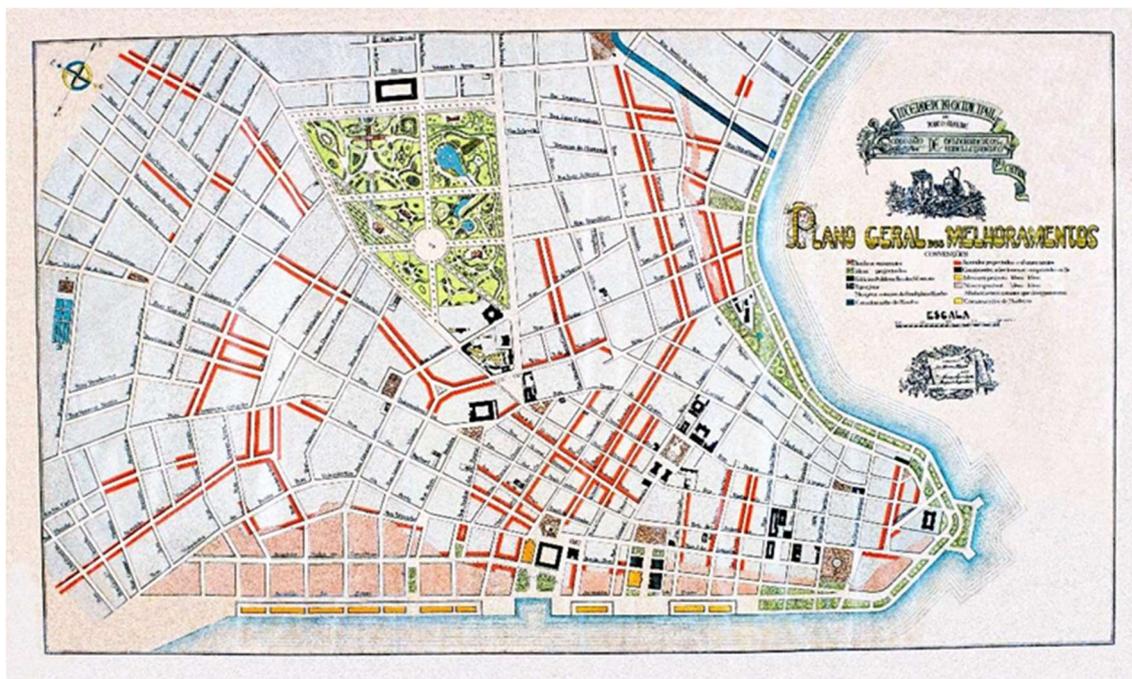
O Plano de Moreira Maciel, de 1914 (ver figura 39), serviu de inspiração para os planos que sucederam na cidade. Suas medidas buscavam a melhoria nos fluxos, desafogando a região central e facilitando o acesso às periferias. O pensamento baseado no Positivismo fez com que o apego ao passado fosse deixado de lado, valorizando o novo.

“Um aspecto que pouco tem sido estudado é o caráter milenarista do positivismo. Depois de passar por estágios primitivos de concepções religiosas e metafísicas, o estágio novo e superior que esta corrente filosófica pretendia inaugurar era o estado positivo, com o primado da razão sobre os instintos. Esta concepção alimentava um profundo desprezo pelo passado e, ao mesmo tempo, justificava iniciativas destinadas a construir um novo começo”.

(WEIMER, 2014, p. 55)

Neste plano estava o projeto de ajardinamento do Campo da Redenção. Porém, anos mais tarde ficou a cargo do arquiteto urbanista francês, Alfred Agache, um anteprojeto para ajardinamento e recuperação da unidade inexistente no projeto de Moreira Maciel (PARQUE DA REDENÇÃO, [s/d], In parqueredencao.com.br/o-parque, 2020). Com esta influência, o pensamento de “construir o novo” fez com que os antigos casarios luso-brasileiros, começando pelas sedes de governo, fossem substituídos por palácios e casarões com feições ecléticas nos pontos mais altos e arejados. Enquanto que a população de baixa renda vivia em cortiços em locais periféricos da cidade. Nesta perspectiva se pode verificar que a Avenida Independência sofre transformações baseadas na demolição para construir o novo desde o final do século XIX.

Figura 39 Plano de Melhoramentos de Moreira Maciel, 1914.



Fonte: Cartografia Virtual do Instituto Histórico e Geográfico do RS, IHGRGS. (https://www.ihgrgs.org.br/mapoteca/cd_mapas_rs/CD/Indice_Mapas.htm, 2020).

No mesmo período, o Teatro Apollo (ver figura 40) passa a figurar junto à Rua da Independência. Também se instalaram o Colégio Americano em 1921 e o Colégio do Rosário (ver figura 41). As casas geminadas da Santa Casa de Misericórdia e o Colégio do Rosário permanecem até os dias atuais.

Figura 40 Teatro Apollo junto à Av. Independência na década de 1920. Também exibia películas.



Fonte: LUME/UFRGS (<http://lume.ufrgs.br/handle/10183/10220>, 2020).

Figura 41 Imagem do Colégio do Rosário em 1951.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

O Plano de Melhoramentos, conforme visto na figura 38, foi somente na área central de Porto Alegre, não se expandindo para o todo.

Na década de 1920, com uma população de quase 200 mil habitantes e o deslocamento gradativo da elite para fora do miolo central da cidade, houve a expansão das linhas de bonde e “a inserção das linhas de ônibus, em 1926, possibilitou a eclosão de novos loteamentos e a expansão da malha urbana para além das linhas dos bondes, já que o Plano de Melhoramentos não previa nenhum tipo de regulamentação e controle do crescimento da cidade dando plena liberdade às companhias loteadoras” (FARION, 2015, p.47).

Sob o Governo de Otávio Rocha, a cidade passa por importantes transformações de modernização que priorizam as questões sanitárias e viárias da cidade.

[...] sancionou um decreto, em 1927, que designou as primeiras normas para o licenciamento de vias novas com regras para cada tipo de zona: urbana, suburbana e rural, nos quais estabelecia para novos loteamentos a pavimentação das ruas com meios fios, escoamento das águas pluviais, placas indicativas com os nomes das ruas e redes de água e esgoto quando a administração tivesse condições de atender à demanda. A lei também estabelecia isenção do imposto predial por um período de dez anos aos proprietários que construíssem e doassem faixa de terra para o alargamento viário ou abertura de nova rua.

(FARION, 2015, p. 48. In peu.poli.ufrj.br/arquivos/Monografias/Suelen_Farinon.pdf, 2020).

Na década de 1930, sob a administração de Alberto Bins, as obras de alargamento de vias e outras melhorias previstas por Otávio Rocha continuaram, valorizando o uso do automóvel. “Nesse período foram concluídas as obras do viaduto Otávio Rocha e ampliadas as redes de esgoto nos bairros ao redor do centro que já estavam previstas na planta de esgotos pluviais projetada por Francisco Bellanca em 1929 (FARION, 2015, p. 49).

Em 1933, um decreto determinou a mudança do nome de Rua da Independência para Avenida General Flores da Cunha e em 1937, como Avenida Independência (SMURB, [s.d.], in procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro, 2018).

A revolução de 30 e a instauração, em 1937, do Estado Novo na sociedade brasileira resultam na tematização de uma cultura nacional popular para o país. A busca do progresso e da modernidade através

da harmonia social e de um capitalismo autônomo tentará encobrir as grandes diferenças sociais existentes nos grandes centros urbanos, através de ações arbitrárias na reordenação do espaço e da vida nestas regiões. As bases de uma democracia populista que vigorará após este período e começam a ser implantadas.

(PESAVENTO, 1991, p. 71)

Em novembro de 1934, foi criada a Universidade de Porto Alegre (UPA), “inicialmente, constituída nos seguintes estabelecimentos: Faculdade de Medicina, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; Escola de Engenharia, com os cursos de Veterinária e Agronomia; Instituto de Belas Artes e Faculdade de Educação, Ciências e Letras” (UFRGS, [s/d], In ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico, 2020).

Entre 1935 e 37 Edvaldo Pereira Paiva e Luiz Arthur Ubatuba de Farias realizaram estudos para lançar um plano diretor.

O trabalho, denominado "As Linhas Gerais do Plano Diretor - Contribuição ao Estudo de Urbanização de Porto Alegre", partia do plano elaborado por Maciel e voltava-se, também, para as questões viárias. Os dois urbanistas trabalharam, por exemplo, na elaboração do traçado definitivo da Avenida Farrapos e destacaram, entre outras questões importantes, a necessidade de construção de um túnel sob a Avenida Independência. Esta intenção deu origem - quase 40 anos mais tarde - aos estudos que resultaram na construção do complexo do túnel e elevadas da Conceição. Também foram os dois urbanistas que planejaram o sistema de radiais e perimetrais para a cidade.

(SMURB, [s/d], in portoalegre.rs.gov.br/spm, 2018).

Em 1938, sob administração de José Loureiro da Silva, o urbanista Arnaldo Gladosch foi contratado para elaborar um Plano Diretor para a cidade e um ano depois, foi criado o Conselho do Plano Diretor para o qual o arquiteto apresentava suas ideias (SMURB, [s/d], in portoalegre.rs.gov.br/spm, 2018). Porém, ainda não era um plano definitivo.

Conforme Pesavento, (1991, p. 71) “em termos de reordenamento do espaço urbano, a grande questão era como equiparar Porto Alegre aos maiores centros, o que implicava em verdadeiras *cirurgias* que redesenharam a cidade em termos de uma modernidade”. Isso implicava no rompimento de velhas estruturas urbanas, como becos existentes na área central.

“A partir desses estudos foi desenvolvido um plano de reformas urbanas viárias que ocasionaram na demolição de grande parte do

centro da cidade pondo abaixo inúmeros casarões coloniais e um conjunto de habitações populares. Essas demolições acarretaram na diminuição do número de habitações disponíveis para aluguel, aumentando consideravelmente o valor dos mesmos, o que obrigou muitos inquilinos de baixa renda a deixarem o centro e se refugiarem em áreas distantes dele”.

(FARION, 2015, p. 48. In peu.poli.ufrj.br/arquivos/Monografias/Suelen_Farinon.pdf, 2020).

Muitas avenidas e ruas são abertas nos anos que seguem, como as avenidas Borges de Medeiros (ver figura 42), Alberto Bins, Otávio Rocha e alargamentos de vias existentes no centro histórico. A Avenida Farrapos, em 1940 (ver figura 43), que facilitou o acesso à região central da cidade desde a zona norte. Pesavento (1991) destaca que essa modernização “trouxe, por outro lado, os locais privilegiados da sociabilidade urbana do espaço público para recintos fechados como, por exemplo, os Cafés”.

Figura 42 Abertura da Avenida Borges de Medeiros em 1932. Figura 43 Avenida Farrapos em 1948.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<http://www.prati.com.br>, 2018).



Fonte: Ficheiro Wikipedia (http://Wikipedia.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/85/MJ_JF-10-Viaduto.jpg, 2018).

Muitos bairros se formam ou se consolidam a partir de antigas chácaras em regiões mais afastadas do centro. Conforme se deu o crescimento da cidade para os arrabaldes, a burguesia foi se deslocando para esses locais e iniciando o processo de degradação dos palacetes da Avenida Independência (ver figuras 44 e 45). Muitos foram demolidos ou transformados em casas de cômodo ou comércios. Poucos resistem a esse processo. (PMPA, [s.d.], in procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro, 2018). O crescimento para as zonas periféricas se deve aos novos olhares de planejamento sobre a cidade

que, como visto, começou antes de 1914, mas deu largos passos entre os anos de 1930 e 1959. O que não significa que se pensou a cidade adequadamente.

Outro passo importante foi dado em 1942, quando Edvaldo Paiva deu início à elaboração do chamado "Expediente Urbano de Porto Alegre", que resultou numa completa radiografia da cidade. Cerca de dez anos mais tarde, Paiva e Demétrio Ribeiro organizaram um anteprojeto de planificação inovador para a época, que fixava normas a serem seguidas pelas quatro funções urbanas: habitação, trabalho, lazer e circulação. Pela primeira vez, houve preocupação em sugerir um esquema de zoneamento onde as áreas residenciais eram divididas em unidades de habitação e onde constavam as áreas industriais e comerciais.

(SMURB, [s/d], In portoalegre.rs.gov.br/spm, 2018).

Na década de 1950, o crescimento das cidades e o êxodo rural resultante do declínio da agricultura geraram grandes problemas como a “periferização seguida pelo aumento da marginalização e da violência nos grandes centros urbanos” (FARION, 2015, p. 55).

Figura 44 Avenida Independência com edifícios altos junto aos casarões ecléticos.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 45 Avenida Independência em 1959.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

“Não por acaso, em 1959 na administração de Ildo Meneghetti, entrou em vigor o Primeiro Plano Diretor de Porto Alegre e a lei que determinava os limites e os nomes de 58 bairros (FARION, 2015, p. 56). Em dezembro deste ano, é oficializado através da lei 2.022 o Bairro Independência. Junto a ele, outros 57 bairros e delimitação do centro foram criados com denominações utilizadas pela população local. Desde 1957, acontecia a instituição de bairros na cidade (SMURB, [s/d]. In portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=294, 2020).

Nesse período, também aconteceu a ampliação do Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, com a construção de alguns edifícios como da Faculdade de Filosofia.

Na década de 1960, ocorreu a metropolização da cidade de Porto Alegre, dividindo com municípios vizinhos o seu espaço de trabalho e estudo e aumentando a necessidade de ampliação de seus serviços.

O enfraquecimento da economia do Rio Grande do Sul em função da baixa produtividade dos produtos agrícolas, da pecuária, a queda no setor industrial e energético refletiam seus efeitos sobre a capital que já não era uma cidade fechada e individualizada. A ligação com as cidades vizinhas era evidente: os 626 mil habitantes do município passaram a dividir os espaços com a população de cidades vizinhas que se deslocavam para Porto Alegre diariamente para trabalhar e estudar.

(FARION, 2015, p. 55. In peu.poli.ufrj.br/arquivos/Monografias/Suelen_Farinon.pdf, 2020).

Na década de 1970, ainda como reflexo dos estudos de Edvaldo Pereira Paiva e Ubatuba de Farias, a Rua da Conceição (ver figura 46) recebe um viaduto e túneis que pretendem facilitar o acesso pela entrada da cidade e a outros bairros adjacentes como o Bom Fim e a Cidade Baixa, facilitando também o acesso ao Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS (ver figura 47). Em 1972, o túnel e o viaduto são inaugurados. No final da década de 1970 se percebe a mudança na paisagem da região (ver figuras 48 e 49).

Figura 46 Rua da Conceição antes da implantação do viaduto e dos túneis em 1950.



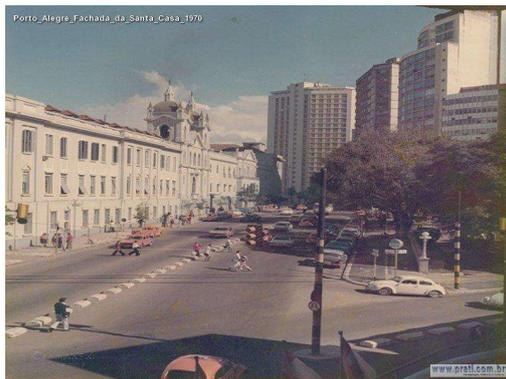
Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 47 Implantação do Viaduto da Conceição em 1971.



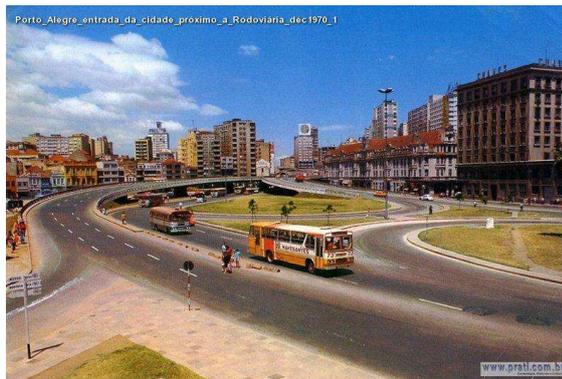
Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 48 Santa Casa e Praça Dom Feliciano no final da década de 1970.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

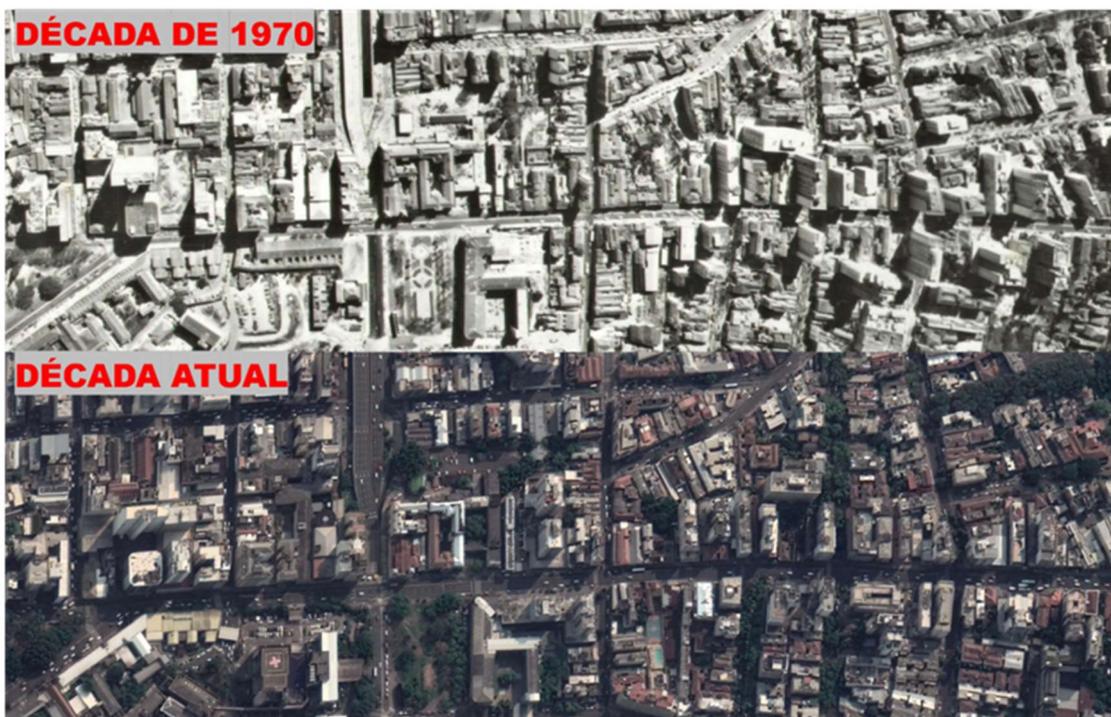
Figura 49 Viaduto da Conceição visto a partir da rodoviária na década de 1970.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

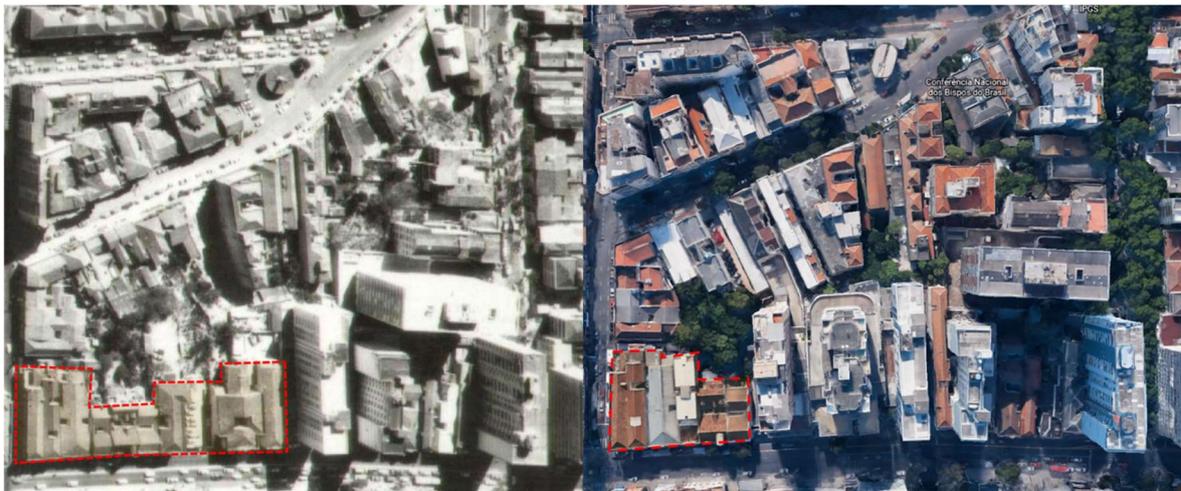
No mapa a seguir, é possível perceber que ainda na década de 1970 algumas edificações permaneciam originais e sem ocupação dos lotes com novos edifícios. Principalmente na quadra da Casa Godoy (Ver figuras 50 e 51).

Figura 50 Mapas comparativos da ocupação dos lotes entre as décadas de 1970 e atual.



Fonte: Cartografia virtual IHGRGS (1970) e Google Earth, editados pela autora (2020).

Figura 51 O progressivo desaparecimento ou descaracterização dos antigos casarões apenas nesta porção de quadra desde a década de 1970.



Fonte: Cartografia virtual IHGRGS (1970) e Google Earth, editados pela autora (2021).

Em 1979, entra em vigor o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, PDDU, da cidade, que consistiu num conjunto de normas que se estendeu para todas as regiões de Porto Alegre, criando a zona urbana e rural.

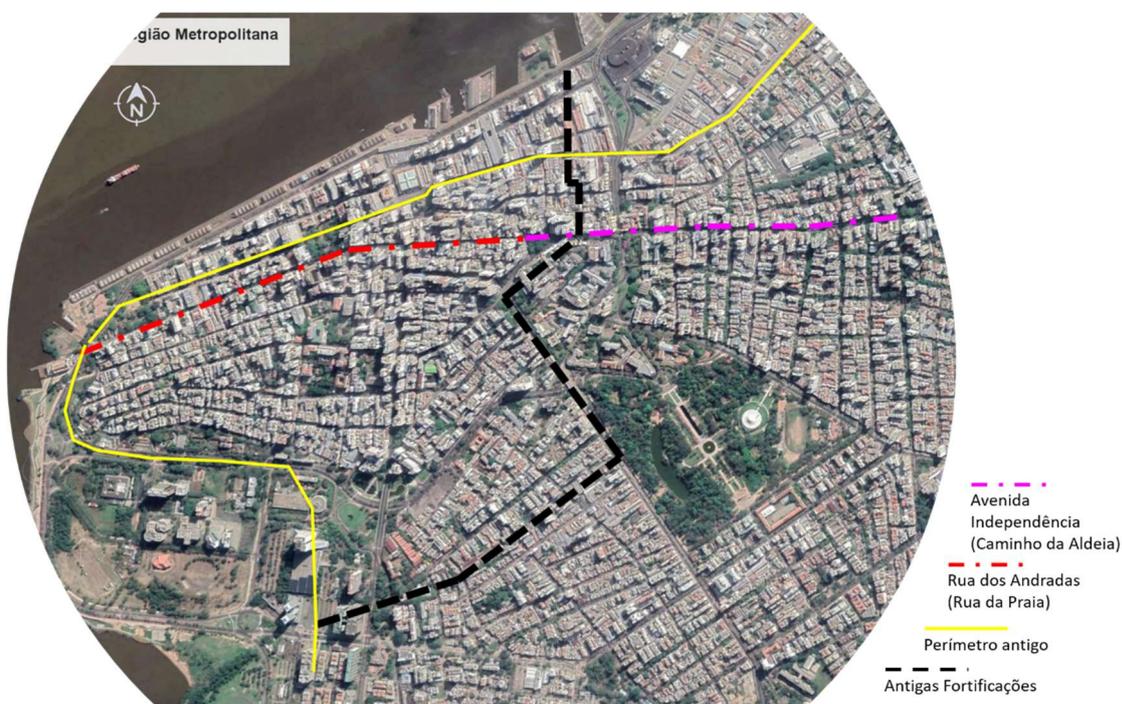
Dentro dessas zonas, regimes urbanísticos e dispositivos de controle das edificações foram definidos como consequência da ocupação prevista para cada setor. A primeira sendo dividida em zonas de uso intensivo e extensivo. A zona urbana intensiva foi dividida em setores denominados de Unidades Territoriais de Planejamento, UTPs, classificados segundo tendências de uso e ocupação do solo. Assim, o regime urbanístico e os dispositivos de controle das edificações foram definidos como consequência da ocupação prevista para cada setor. Como Unidades Territoriais Residenciais, Mistas, de Comércio/Serviços e Industriais. Também foram criadas as chamadas Unidades Territoriais Funcionais para áreas de natureza especial e que deveriam, por esta razão, contar com um regime urbanístico próprio, valor histórico cultural, de valor paisagístico e outros. Outra novidade do 1º PDDU foi a participação comunitária no processo de planejamento, ainda que de forma bastante restrita (SMURB, [s/d], in portoalegre.rs.gov.br/spm, 2018).

É evidente que houve um período na história dos planos urbanísticos em que a questão da preservação não fez parte por ocasião do progresso. Os instrumentos de proteção municipal são muito recentes e chegaram a tempo de tentar conter a devastação total dos casarões da Avenida Independência. Porém, com a revisão da legislação, o risco de perda do que resta ao longo da avenida é alto.

A Lei Complementar 434 de 1º de dezembro de 1999 substituiu o 1º PDDU que completava naquele ano, 20 anos de existência. A Lei 434/99 passou por algumas alterações nos últimos anos e foi revisada e alterada pela Lei 646/2010. Conta com uma série de anexos e complementos acerca de sua atuação no tecido da cidade. Porém, como todas as leis, dispõe de muitas lacunas que a cada complemento ou decreto abre novos precedentes para atuação dos profissionais. O plano divide a cidade em macrorregiões de planejamento que pretendem o entendimento e atuação de acordo com as demandas locais. Cada macrorregião compreende um conjunto de bairros. O Bairro Independência está na Região 1- Centro, que reúne os bairros da região central da cidade.

Atualmente, a Avenida Independência é uma via arterial que, apesar da sua pouca extensão, é a principal avenida do Bairro Independência. Ainda que muitos dos antigos casarões tenham se transformado ou demolidos, o Bairro Independência se mantém como bairro tradicional com muitos moradores antigos e comerciantes (CPH, s/d, p. 46). Alguns casarões das vias adjacentes, têm uso residencial ou misto. Na avenida, poucos são de uso residencial.

Figura 52 Situação atual da região central de Porto Alegre, evidenciando o antigo perímetro.



Fonte: Google Earth editado pela autora (2020).

1.2.3. A proteção ao patrimônio histórico no município

É possível perceber que os sucessivos planos e suas interpretações tiveram forte atuação na transformação urbana de Porto Alegre. As leis de proteção do patrimônio cultural são um tanto recentes. Somente a partir do fim do século XX que as leis estaduais e federais começam a refletir no município através da criação de sua própria legislação. Aliado ao Plano Diretor, a Prefeitura conta com a Secretaria Municipal da Cultura desde 1988 com diversos setores dentro dela para distribuição das funções. E desde 1992, a Lei Complementar 275, Lei do Tombo do município, atua pela proteção do patrimônio cultural com base no Plano Diretor que também tem base na Constituição Federal de 1988 e no Decreto-Lei Federal 25/37 que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional,. Tendo ainda como suporte a Lei Nº 7231/78 que dispõe sobre o patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

Com a Secretaria Municipal da Cultura, foram criadas as coordenações de Artes Visuais, Artes Cênicas, Livro e Literatura e Memória Cultural, além das assessorias de Comunicação, Promoções, Estudos e Pesquisas, Apoio Técnico-administrativo e Administração de Fundos. Com o tempo, foram implantadas as coordenações de Música, Cinema, Vídeo e Fotografia, Descentralização da Cultura e Manifestações Populares. Em 1993, com a criação do Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre (Fumproarte), a comunidade artística passou a contar com a possibilidade de ter seus projetos financiados pela Prefeitura.

Conta ainda com o Conselho Municipal de Cultura, criado em 1998 a partir da 1ª Conferência Municipal de Cultura em 1995. Antes mesmo da Secretaria Municipal da Cultura, a Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural, EPAHC, já atuava. Foi criada pela Portaria nº 45, de 12/05/1981, com o objetivo de gerir os bens culturais de propriedade do Município. Com o passar dos anos, suas atribuições foram-se ampliando e diversificando. Desde 1988 faz parte da Secretaria Municipal da Cultura, estando vinculada à Coordenação da Memória Cultural, que tem sua sede na Casa Godoy.

A Lei Complementar 601, de 23 de outubro de 2008 dispõe sobre os bens culturais inventariados pelo município de Porto Alegre. Prevê proteção aos bens

em dois níveis: Inventário como bem de estruturação, que são aqueles que devem ser protegidos e conservados em sua integridade. Os bens inventariados como compatibilização são aqueles que devem ser conservados na sua volumetria, podendo ser demolidos desde que os projetos sejam submetidos à Secretaria Municipal da Cultura e mantenham a volumetria pré-existente. Estes últimos, têm o objetivo de respeitar a volumetria local. Principalmente o entorno de bens tombados.

Ao longo da avenida, há 49 bens imóveis protegidos e destes, apenas 5 são tombados. Um deles, o Palacete Argentina (ver figura 53), é tombado pela União. Os demais, a nível municipal, como a Casa Torelly (ver figura 54), antiga Residência Saraiva (ver figura 55), a Igreja Nossa Sra. da Conceição (ver figura 56) e a Casa Godoy (ver figura 57). (SMC, 2017, In procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/2017_lista_patrimonio_tombado, 2018).

O antigo prédio do Hospital Beneficência Portuguesa e atual Museu da História da Medicina, MUHM, está em processo de tombamento estadual e é inventariado como estruturação pelo município (ver figura 58). É possível perceber que houve uma tentativa de conter construções nesse perímetro. Porém, muito se perdeu até a década de 1990 (ver figura 59).

Figura 53 Palacete Argentina, sede do IPHAN/RS.



Fonte: Imagem da autora (junho /2018).

Figura 54 Casa Torelly (1899), em frente à Casa Godoy.



Fonte: Imagem da autora (março/2019).

Figura 55 Antiga residência Saraiva (1926) na Avenida Independência.



Fonte: Imagem da autora (março/2019).

Figura 56 Igreja Nossa Senhora da Conceição nos dias atuais.



Fonte: Imagem da autora (março/ 2019).

Figura 57 Casa Godoy é tombada pelo município.



Fonte: Imagem da autora (novembro/2019).

Figura 58 O antigo prédio do Hospital Beneficência Portuguesa abriga o Museu da História da Medicina.



Fonte: Imagem da autora (fevereiro/2019).

Figura 59 Mapa de bens protegidos (ver Volume III, Prancha 02)



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Com o tombamento municipal da Casa Godoy e Casa Torelly na década de 1990, foi possível conter um pouco do avanço da construção civil nesta quadra. Ainda com uma porção de edificações no entorno que conservam a horizontalidade característica do início do século XX com feições ecléticas, se estende a elas a proteção através do instrumento do Inventário como Bens de Estruturação (ver figuras 60 e 61). Algumas intervenções são permitidas mediante aprovação de projeto pela Equipe de Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal da Cultura. Porém, a prática não corresponde à teoria. Algumas edificações mantiveram suas fachadas, mas perderam todos os elementos do interior do edifício, como o caso do número 450 ao lado da Casa Godoy. O telhado foi retirado para abrigar um terraço e construíram um edifício de 3 pavimentos colado ao antigo. Outros edifícios, além de sofrerem intervenções duvidosas, recebem edifícios altos no fundo do lote, alterando a volumetria e o impacto visual na paisagem. Esses projetos passaram pela análise da Equipe de Patrimônio Histórico do município, EPAHC. O porquê de liberarem altura maior e não respeitaram o perfil horizontal daquela quadra é a pergunta que permanece sem resposta, pois a Lei do Inventário, LC. 601/2008 passou por uma revisão em 2014 e foi sancionada em 2018. Hoje, a Lei Complementar 829/2018, em outras palavras, incentiva à construção.

Nos projetos de edificação destinados a ocupar parte de um terreno no qual exista alguma edificação inventariada como de Estruturação, e desde que o novo projeto viabilize a preservação do imóvel inventariado existente, também serão concedidos incentivos construtivos.

A edificação que substituir imóvel inventariado como de Compatibilização poderá utilizar a volumetria delimitada pelo Plano Diretor, podendo ainda a mesma ser flexibilizada por projeto especial, desde que as contrapartidas decorrentes dessa flexibilização sejam aplicadas na manutenção, preservação e valorização dos imóveis de estruturação, nos moldes que prevê o parágrafo primeiro do art. 54A do Plano Diretor.

(Procuradoria Geral do Município, In www2.portoalegre.rs.gov.br/pgm, 2019)

O incentivo construtivo pode levar à construção de edifícios altos no lugar de bens inventariados, pois a permissão do uso da volumetria permitida no Plano Diretor fica na interpretação de quem apresentar o projeto e de quem analisar o projeto.

A nova lei também coloca sobre o proprietário toda a responsabilidade da salvaguarda do bem. O que reforça ainda mais o poder dele de contestar o inventário. A tarefa de salvaguarda cabe ao poder público e a sociedade civil, conforme previsto no Artigo 216, inciso 1º da Constituição Federal de 1988.

Figura 60 Trecho de quadra em que a Casa Godoy está inserida, formando um pano de fachada com as casas ecléticas vizinhas.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Figura 61 O edifícios próximos, interferindo na percepção visual do conjunto.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

O instrumento do tombamento é o único que pode conter no momento, construções altas no fundo do terreno pela menor flexibilização. A quadra da Casa Godoy, que já sofre com o sombreamento dos edifícios próximos, pode sucumbir aos danos ambientais promovidos pela ausência de ventilação, luz e presença ainda maior de água (ver figura 62).

Dentre os exemplos de verticalização junto a edifícios antigos, talvez um dos mais contrastantes seja do Edifício Solar Imperial que se localiza nos números 498, 510 e 522 da avenida (ver figura 63). Eram duas edificações que foram mutiladas, restando apenas a porção junto ao passeio e mantendo a fachada. A cor cinza e branca aplicadas na fachada anulam o prédio antigo diante do edifício alto que está logo atrás (ver figura 64). Segundo consta no histórico de expediente único da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, o projeto para a construção do edifício de treze pavimentos e quatro subsolos foi aprovado em dezembro de 1988, sendo o mesmo construído em 1990 e recebendo a Carta de Habitação em 1998 (PROCEMPA, 2020. In expedientes.procempa.com.br/consultapublica).

Se faz necessária a revisão das leis que regem o município com o objetivo de controlar a verticalização na quadra em que a Casa Godoy e Casa Torelly se encontram. A revogação da LC 829/2018 e revisão da LC 601/2008 se faz necessária para conter o avanço da especulação imobiliária em áreas com potencial interesse de preservação. Para tanto, o reconhecimento da sociedade civil através de programas e projetos é fundamental.

Figura 62 Impacto do edifício alto na percepção da paisagem urbana.



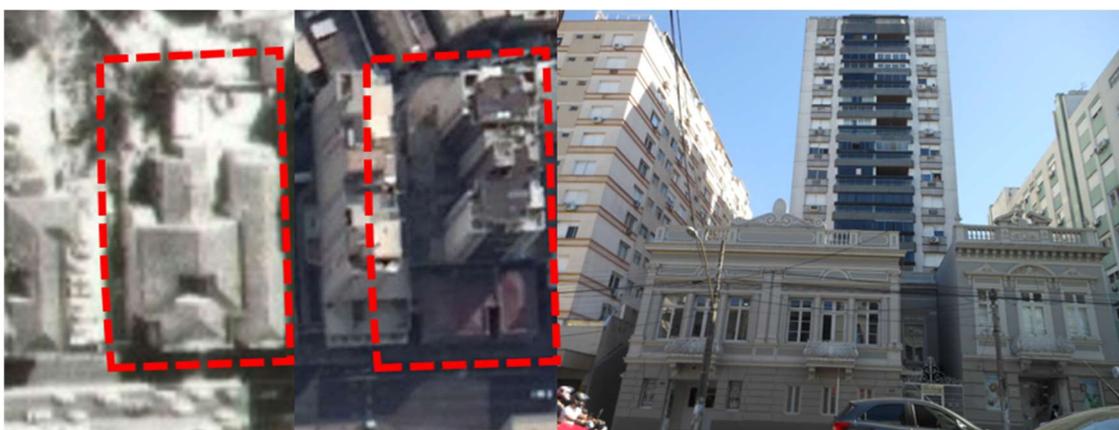
Fonte: Imagem da autora (novembro/ 2019).

Figura 63 Edifício alto atrás do casarão, que foi anulado pela cor cinza.



Fonte: imagem da autora (fevereiro/2019).

Figura 64 Ainda na década de 1970, as edificações estavam íntegras. Atualmente, resta apenas uma porção junto ao Condomínio Solar Imperial.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de imagens aéreas do IHGRS e do Google Earth (2020).

Exemplos recentes continuam a reverberar a cultura de “anulação” do edifício histórico, usando a preservação como mote. Conforme demonstrado na figura 65, as edificações se anulam ante à verticalização. Um edifício em vidro espelhado que, teoricamente seria “leve” aos olhos do observador. Porém, a cor pastel aplicada na Casa Theo Möller diminui sua presença a ponto de desaparecer, dependendo do ângulo em que se avista o empreendimento.

Na figura 66, o edifício substituiu um antigo casarão que poderia ser poupado, independente de instrumentos de proteção. Sequer leva em consideração os demais edifícios históricos presentes na mesma quadra. Todos são bens protegidos pelo município através de inventário e tombamento. Apenas se firmou nas possibilidades previstas no plano diretor para dar curso à verticalização. O fator econômico prevaleceu.

Figura 65 Empreendimento IN 1183, junto ao Casarão Theo Möller da Construtora TGD.



Fonte: Imagem virtual Construtora TGD, (<http://www.in1183.com.br/>, 2018).

Figura 66 Empreendimento Independência, 925, da Goldsztein Cyrela, que não respeita o gabarito existente na quadra e se ergue junto a dois casarões inventariados.



Fonte: Goldsztein Cyrela (<http://www.cyrela.com.br/imovel/925>, 2018).

1.3. ARQUITETURA ERUDITA DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM PORTO ALEGRE

Alguns estudiosos se debruçam sobre a temática da arquitetura de imigração alemã há algum tempo. Dentre eles, Günter Weimer que fez inúmeras

descobertas como a do primeiro curso de arquitetura da Escola Militar de Porto Alegre, sob o comando do Major e Engenheiro Maximilian Von Emmerich em 1860. O curso tinha finalidade militar (WEIMER, 2017, p. 12).

A participação de arquitetos alemães natos no Rio Grande do Sul está diretamente vinculada à formação do Exército Brasileiro sob o comando do Marechal-de-Campo Gustav Heinrich von Braun em 1826. Este tinha sob suas ordens o Capitão de Engenharia Samuel Gottfried Kerst, que foi encarregado de construir e reformar quartéis ao tempo da Guerra contra Rosas. Quando surgiram as primeiras inconformidades com o governo central e que levariam, mais tarde, à Guerra dos Farrapos, mostrou-se um ardoroso monarquista e sua lealdade a D. Pedro I lhe causou grandes incômodos ao ponto de ter sido encarcerado e mandado, sob condições humilhantes, ao Rio de Janeiro de onde acompanhou o Imperador em sua volta à Europa. (WEIMER, 2017, p. 13)

No Período do Império, houve uma forte demanda de imigrantes europeus para o Brasil, especialmente para o Rio Grande do Sul a partir da proclamação da Independência, em 1822. Os espanhóis eram em maior número no Estado, à princípio. Weimer (2004b, p. 142), divide essa migração em três tipos para melhor compreensão: a primeira era de colonos que chegavam e se assentavam na serra ou junto às margens do Rio Jacuí. A segunda leva era de colonos que se instalavam em manchas florestais junto à Lagoa dos Patos. E a terceira, era de artesãos e profissionais liberais que se instalaram em diversas vilas e cidades existentes ou em formação, onde tiveram peso importante no desenvolvimento econômico e social desses locais. Dentre muitos alemães que chegaram ao Estado, estão os mencionados anteriormente, o Engenheiro e Arquiteto Friedrich Heydtmann, o Arquiteto Phillip von Normann e Robert Offer.

No início do império, chegaram os seguintes técnicos e arquitetos no sul do Brasil: Samuel Gottfried von Kest, Johann Martin Buff, Maximiliann vom Emmerich, Robert Dittrich, Otto Edgar von Teddemann, Barão von Kahlden, Oskar Robert Hennig, além dos austríacos Friederich Pickart e Florian von Zurowski. Em meados do século XIX, vieram Phillip von Normann, natural de Hille e Robert Offer. Estes foram responsáveis pela introdução da linguagem neoclássica no Rio Grande do Sul, razão pela qual rapidamente foram encarregados das obras governamentais mais importantes. Mais para o fim do império, vieram os arquitetos Johann Grunewald (1832-1910) e Wilhelm Ahrons (1836-1915), que criou uma construtora junto a Gustav Schimitt. (GRIENEISEN, 2013, p. 157)

Segundo Grieneisen (2013, p. 158) entre 1871 e 1933 após a criação da escola de engenharia, havia um corpo técnico de extrema importância para a cidade. Dentre eles, Manoel Itaquí, que concluiu o curso em 1901, depois lecionou na mesma escola e foi responsável por introduzir o estilo Art Nouveau em Porto Alegre. E outros profissionais importantes como Adolf Stern, o norueguês Johan Ole Baade e Richard Wriedt, que veio da Alemanha.

Weimer (2017, p. 21), também destaca que, tanto Buenos Aires, capital da Argentina e Montevideú, capital do Uruguai estavam numa crescente ascensão econômica e, portanto, havia forte emigração para esses dois países e, por consequência, muitos alemães foram contratados para atuarem no Rio Grande do Sul. Além de algumas construtoras que tinham filiais nessas cidades e também mantinham o Rio Grande do Sul dentro de sua abrangência de atuação.

No início do século XX, Rudolf Ahrons, filho de Wilhelm Ahrons, se forma na Escola Técnica de Berlin e assume a construtora do pai, impulsionando o negócio e transformando no maior e mais conceituado escritório da época, o Escritório Rudolph Ahrons (GRIENEISEN, 2013, p. 158).

Segundo Weimer (2017) antes da Primeira Guerra Mundial, Porto Alegre se transformou num imenso canteiro de obras.

O súbito enriquecimento, tanto de comerciantes como de industriais, foi a principal motivação de um esplendoroso desenvolvimento da arquitetura tanto governamental e, sem dúvida, se constituiu numa das fases mais marcantes da arte. Sem exagero, pode-se afirmar que nos anos que precederam a I Guerra, Porto Alegre foi transformada num imenso canteiro de obras que marcaram o ponto mais alto da arquitetura local, que se caracterizou pelo emprego das mais variadas linguagens arquitetônicas cuja conjugação sob o ecletismo, se constituía num permanente desafio à criatividade formal.
(WEIMER, 2017, p. 25)

Se aproximando da I Guerra, o mercado de exportação de cereais trouxe muitos benefícios à capital do Estado por serem não perecíveis e passíveis de consumo durante o conflito. “Isto favoreceu o desenvolvimento de uma arquitetura dentro da linguagem eclética, de tendência abarrocada. Para programas socialmente mais significativos como igrejas e clubes passaram a ser contratados inclusive arquitetos de renome” (WEIMER, 2017, p. 24).

Quem, porém, tirou maior proveito desta nova situação foram os comerciantes “teutos” que intermediavam as trocas de produtos coloniais por importados. Neste processo coube um papel importante aos caixeiros viajantes que se constituíam no elo entre os empórios de Porto Alegre com as “vendas” coloniais. Quando eclodiu o surto de industrialização, por conhecerem bem as necessidades dos colonos, se associavam com artesãos empreendedores para reunirem forças e ampliar seus estabelecimentos.
(WEIMER, 2017, p. 25)

A Primeira Guerra Mundial resultou numa ruptura do intercâmbio sociocultural, pois não se podia importar, exportar ou colaborar devido a dificuldade de navegação transoceânica. Entre 1914 e 1918 não houve registros de chegada de imigrantes alemães. Em seguida, reduziu consideravelmente o número de construções. Principalmente pelo posicionamento dos profissionais alemães frente à guerra, que ficavam ao lado de seu país, enquanto os profissionais locais ficavam ao lado da França (WEIMER, 2017, p. 26).

Muitas obras que estavam em andamento pararam e muitos profissionais foram para o interior do Estado. A Construtora Rudolph Ahrons fecha as portas devido à forte crise. Muitos técnicos nacionais mal completavam o curso e já eram contratados para trabalhar em cargos públicos como na Secretaria de Obras Públicas do Estado.

Após a guerra, o governo do Estado, acreditando num crescimento econômico, fez altos investimentos que não pôde saldar, levando a uma grande crise econômica que foi utilizada pelas elites latifundiárias para tentar destituir o governo dominado pelos positivistas através de continuadas fraudes eleitorais e o Estado se precipitou em novo conflito interno” (WEIMER, 2017, p. 26).

Desta vez a paz foi restabelecida pela intervenção do governo central, mas as dificuldades financeiras redirecionaram a forma de encarar a arquitetura dando fim ao período que comumente tem sido denominado de belle époque. A partir de então houve um progressivo despojamento da decoração das fachadas e das massas construídas como um todo, dando lugar a uma linguagem que denominados de “objetividade”, como uma tentativa de caracterizar o que os alemães chamavam de sachlichkeit e que nas publicações locais foi denominado equivocadamente de “arquitetura sem estilo”. Este despojamento estava em plena concordância com o que estava acontecendo na Alemanha e muitas construções locais acompanhavam os ditames que foram divulgados pela Bauhaus e propiciaram realizações que poderiam ser confundidas às daquela instituição.
(WEIMER, 2017, p. 26)

A diminuição do número de imigrantes era atribuída à desconfiança quanto ao governo brasileiro e, possivelmente, pela recuperação econômica da Alemanha. Porém, essa imigração voltou a crescer nesse período, embora em menor escala (WEIMER, 1992, p. 72).

Levantamentos por nós realizados até 2002, listaram quase quinhentos profissionais atuantes no Estado no período que se estende desde a proclamação da república até a formação dos cursos de arquitetura ao fim da II Guerra Mundial (mais exatamente, 491). Esta listagem, entretanto, cresceu consideravelmente e não apresenta indícios de que esteja próxima de ser completa. Segundo estes dados, aproximadamente a metade destes profissionais eram “alemães”, termo que aqui deve ser entendido como sendo de fala alemã. (WEIMER, 2017, p. 20)

Em 1906, são criadas escolas de ofícios pelo Estado com o intuito de formar profissionais capacitados para atuar em obras industriais devido a grande demanda. Na Escola de Engenharia também “houve uma escola mantida pelo empresariado teuto denominada de Gewerbeschule (ou seja, Escola de Ofícios) que, a despeito da interrupção decorrente da I Guerra, funcionou até às vésperas da II Guerra” (WEIMER, 2017, p. 27). Essa atuação foi promissora, atendendo aos ideais das “elites mercantilistas”.

No Governo de Getúlio Vargas, suas ações conhecidas na historiografia geral levaram o Estado a muitas dívidas. “Isso significou, na prática da arquitetura, uma situação de estagnação que foi acompanhada de uma regressão em termos de evolução da linguagem arquitetônica, com o ressurgimento das linguagens históricas” (WEIMER, 2017, p. 29).

A falência de firmas tradicionais propiciou a reordenação das relações de poder com a afirmação de novas firmas construtoras que dispensavam a participação de arquitetos e os substituíram por desenhistas de grau médio. Pior que isso: com a aprovação da nova constituição em 1933, foi aprovado um dispositivo que impunha a regulamentação do exercício profissional de algumas profissões tidas como relevantes. Entre elas as de Engenharia que levou, de reboque, a arquitetura. Como a maioria dos arquitetos alemães havia se formado nos cursos emergenciais referidos no início deste texto, os mesmos não tiveram seus títulos reconhecidos apesar de terem comprovado a realização de cursos com cerca de 4.800 horas/aula enquanto os engenheiros civis de formação local que assumiram as diretrizes do mercado imobiliário tinham recebido sua atribuição profissional. [...] No entanto, apesar destas agruras, os projetos mais importantes continuaram a ser elaborados por estes profissionais que eram legitimados por um novo mal que passou a afetar o exercício da profissão: o acobertamento profissional que consistia em que os

projetos passassem a ser assinados pelos donos das empresas construtoras com a omissão do nome do verdadeiro autor.

(WEIMER, 2017, p. 29)

Omitindo seus nomes, alguns profissionais continuaram atuando mesmo durante a II Guerra Mundial. O Conselho de Engenharia e Arquitetura impunha regras rígidas devido ao desprezo por esses profissionais e suas obras. Weimer destaca que esse desprezo acarretou na demolição de muitas destas obras nos processos de transformação urbana. Muitas obras que se mantêm até os dias atuais são de “Theodor Wiederspahn, natural da cidade de Wiesbaden, na Renânia, cuja obra em sua cidade natal foi toda declarada de interesse histórico ou colocada sob proteção estatal o que em nosso país recebe a denominação de “tombamento” (WEMER, 2017, p. 32). Algumas de tantas obras idealizadas por ele que ainda se mantêm em Porto Alegre são os edifícios ecléticos dos Correios e Telégrafos que faz conjunto com o antigo prédio da Receita Federal (ver figura 67), atual Museu de Arte do Rio Grande do Sul, junto à Praça Barão do Rio Branco e o Edifício com predominância do Neobarroco, denominado Nicolau Ely (ver figura 68) localizado na Rua da Conceição.

Figura 67 Edifício dos Correios (atual Memorial dos Direitos Humanos) em primeiro plano ao lado do MARGS.



Fonte: Blog PortoImagem (<http://www.portoimagem.files.wordpress.com/2011/08/prac3a7a-rio-branco.jpg?w=640>)

Figura 68 Edifício Ely nos dias atuais.



Fonte: Wikipedia (http://www.wikimedia.org/wikipedia/commons/ee/Edificio_Ely_-_Porto_Alegre.jpg, 2020).

1.3.1. Eclétismo e o Jugendstil nos novos modos de morar

Na historiografia tradicional, é comum encontrar autores que conservam um certo desprezo pela arquitetura produzida entre fins do século XIX até o fim

da II Guerra Mundial. Weimer (2017, p. 11) destaca que “nos primórdios, a história da arquitetura erudita no Rio Grande do Sul, da mesma forma como a da brasileira, era apresentada como tendo dois períodos *dignos de serem indexados* que foram os do barroco e do modernismo”. Muitas destas opiniões acerca dos estilos remanescentes da Revolução Industrial ainda aparecem em diversas bibliografias e são discutidas nas academias. É, portanto, fundamental entender um pouco sobre essas correntes estilísticas entre a cidade colonial e o dito “progresso”.

Este era o entendimento dos historiadores do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no início de sua existência e assumida pelo ensino do curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes. Como os primeiros historiadores da arquitetura rio-grandense fizeram a sua formação no Rio de Janeiro, esta concepção era consensual e indiscutível. Talvez mais por dever de ofício do que por convicção de sua qualidade, algumas poucas obras no Rio Grande do Sul acabaram por ser arroladas nas listas de bens patrimoniais protegidos, com amplo destaque para as ruínas da Missão Jesuítica de São Miguel Arcanjo.[...] Segundo estes autores, as primeiras obras de arquitetura “dignas” começaram a ser projetadas a partir da formação dos primeiros arquitetos modernistas, nos inícios da década de 1950 e da fundação do Departamento do Rio Grande do Sul do Instituto de Arquitetos do Brasil, nesta mesma época, por meia dúzia de arquitetos com formação no Rio de Janeiro, em Montevideu e um que outro de algum país europeu.

(WEIMER, 2017, P. 11)

Como visto anteriormente, a partir da segunda metade do século XIX as cidades brasileiras passam por uma série de transformações socioeconômicas e oferecem infraestrutura em locais antes afastados do centro urbano. No caso específico da Cidade de Porto Alegre, o desenvolvimento de novos caminhos que formam arrabaldes em áreas nobres despertam interesse da burguesia. Os donos de indústrias e comércios vêm esses locais como ideais para construir seus palacetes. Com isso, os modos de morar foram mudando e, quando possível, as novas residências se deslocavam das divisas e apresentavam jardins frontais e laterais. O ecletismo começa a aparecer, substituindo as antigas casas luso-brasileiras. Algumas das novas residências são construídas aproveitando toda a largura do lote e mantendo a ocupação da cidade colonial. Na ponta da península, atual centro histórico de Porto Alegre, é possível perceber que são poucos os edifícios que não mantiveram ocupada toda a largura do lote (ver figuras 69 e 70). Isso se deve ao pouco espaço pré-

existente. “Em cada época, a arquitetura é produzida e utilizada de um modo diverso, relacionando-se de uma forma característica com a estrutura urbana em que se instala” (REIS FILHO, 2000, p. 14).

Com ressalva, apenas será de notar que a arquitetura é mais facilmente adaptável às modificações do plano econômico-social do que o lote urbano, pois as modificações deste, exigem em geral, uma alteração do próprio traçado urbano. Em decorrência, os sinais da evolução podem ser reconhecidos quase sempre-senão sempre- em primeiro lugar no plano arquitetônico e só depois no urbanístico, onde são fruto de uma adaptação mais lenta.

(REIS FILHO, 2000, p.16)

Figura 69 Rua da Praia (atual Rua dos Andradas) no ano de 1860 com seu casario no alinhamento.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 70 Atual Rua dos Andradas, conservando lotes estreitos e edifícios no alinhamento.



Fonte: Wikipédia

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Rua_da_Praia, 2019)

Na Avenida Independência, esses palacetes aparecem a partir do fim do século XIX e início do século XX. À medida que se afasta do centro histórico, os terrenos se alargam e os palacetes se desenvolvem com recuos na frente e nas laterais. Algo que fica ainda mais evidente no interior dos bairros adjacentes à avenida (ver figuras 71 e 72). Isso se deve ao fato da região central conservar seu traçado colonial com ruas e vielas estreitas e ladeiras, enquanto os demais locais puderam se adaptar a um novo traçado e divisão de lotes oriundos de propriedades rurais desapropriadas. “As vilas e cidades apresentavam ruas de aspecto uniforme com casas térreas e sobrados construídos sobre o alinhamento das vias públicas e sobre os limites laterais dos terrenos” (REIS FILHO, 2000, p. 21).

Figura 71 Palacetes com recuos laterais e fachadas no alinhamento no início do século XX.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 72 Vista dos fundos do lote da Avenida Independência a partir da Rua Miguel Tostes. Início do século XX.



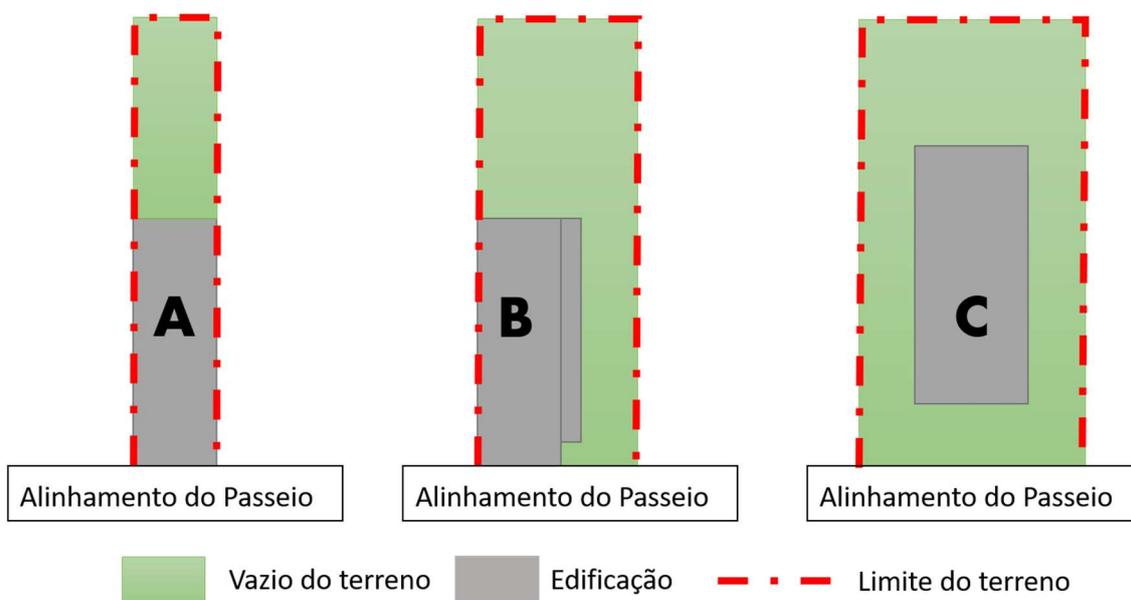
Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Lorenzoni (2016), apresenta uma análise bem clara sobre a ocupação dos terrenos ao longo da Avenida Independência através dos palacetes remanescentes. Dividiu as ocupações em três categorias básicas: A, B e C (ver figura 73). A categoria A se enquadra na ocupação de terrenos da cidade colonial. No alinhamento do passeio, sem recuos laterais e uma grande área de pátio. Esta categoria se apresenta fortemente a partir da quadra da Santa Casa, seguindo pela avenida até a Rua Garibaldi que permeia a quadra onde está a Casa Godoy.

A categoria B aparece com mais frequência a partir da esquina da Rua Garibaldi, em que o edifício começa a se soltar em uma das divisas laterais, possibilitando vislumbrar em perspectiva, mas se mantém no alinhamento. Com seus porões altos, recebem escadas e varandas laterais como acesso principal e o terreno recebe muros baixos e gradis. Forte exemplo dessa categoria é o Palacete Argentino, sede do IPHAN/RS.

A categoria C destaca as edificações que se soltam das divisas e do alinhamento, ficando mais ao centro do lote. Suas tipologias variam e possibilitam ao observador uma percepção visual mais ampla de sua implantação no terreno em relação ao seu entorno (ver figura 73).

Figura 73 Diagrama de ocupação dos terrenos ao longo da Avenida Independência.



Fonte: Confeccionado pela autora a partir da análise realizada por Lorenzoni (2016).

Os novos palacetes que despontam nessas regiões nobres das cidades brasileiras apresentam, em sua maioria, correntes estilísticas decorrentes da revolução industrial como o Ecletismo e o Art Nouveau. Este último, com raros exemplares em Porto Alegre.

O Ecletismo se desenvolve a partir da chegada de imigrantes europeus aliada a decadência do trabalho escravo e uma forte demanda econômica das cidades. “Os artefatos industrializados, importados inicialmente da Inglaterra, originaram mudanças na configuração da Cidade, principalmente na tipologia da arquitetura, praticada na maioria das vezes por arquitetos, engenheiros e construtores europeus ou descendentes desses” (LORENZONI, 2016, p. 5).

A indústria nacional timidamente despontou no cenário brasileiro em fins do Século XIX, início do XX, graças a interesses políticos movidos por conflitos internos e externos. O estilo Neoclássico substituiu o Colonial e foi seguido pelo Eclético. Elementos feitos em série, como o vidro e os ornamentos em argamassa, além do ferro e seus derivados, também foram utilizados e impulsionaram o estilo Eclético, que aqui começou a ser utilizado no limiar da instauração da República.

(LORENZONI, 2016, p. 6)

Alguns estudiosos, como Günter Weimer e Wilfried Koch, usam o termo Historicismo para definir o Ecletismo, que se manifesta no final do século XVIII com o objetivo de reagir ao Neoclassicismo e Racionalismo. “Hitchcock utiliza o

termo Arquitetura do Ferro que preparou o caminho para o Art Nouveau”, (LORENZONI, 2016, p. 27).

No último triênio do século XVIII, tem início na Inglaterra, Alemanha e Suíça um movimento de reação ao Racionalismo e ao Neoclassicismo, o Romantismo. Ele imprime à pintura, música e poesia novas formas estilísticas, partindo de uma diversa concepção da natureza e da história. No entanto, não dá origem a um novo estilo arquitetônico. Ao contrário, as formas arquitetônicas dos estilos precedentes são realçadas e classificadas. Como num jogo, seus elementos são extraídos das construções e recompostos em novos edifícios, ou segundo um estilo “puro” (Viena*), ou numa mescla eclética de estilos (Paris*). Ao mesmo tempo, as novas técnicas arquitetônicas do século XIX exercem a sua influência: o uso de armações de ferro, do concreto e do vidro.

(KOCH, 2001, p. 62)

Uma mescla de linguagens referenciadas em estilos distintos como o Classicismo, Grego-romano, Gótico, Renascimento e Barroco. Lorenzoni, (2016, p. 27) coloca que uma das questões que marcam e diferenciam a Arquitetura Eclética das suas antecessoras é o uso de novas técnicas construtivas como o emprego do ferro fundido e do concreto armado em escala industrial.

A Arquitetura Eclética utiliza esses materiais na confecção de cúpulas, esquadrias e gradis, assim como o utiliza na confecção de estruturas, como pilares e vigas. Essas estruturas apresentam-se revestidas ou não. Nessa arquitetura há também a incorporação da confecção industrializada de vidro e artefatos feitos de estuque e cimento em contraposição aos artigos artesanais empregados anteriormente.

(LORENZONI, 2016, p. 27)

Essa arquitetura caiu no gosto da burguesia, conforme Pateta (1987, p.13) fala do Eclétismo como cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso, amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto. Foi essa clientela que exigiu novas técnicas em suas casas e desta forma, a evolução das tipologias não poderiam parar.

“As exposições Universais de Londres (1851) e Paris (1867/78/79), obtendo a aglutinação de todas as expressões formais em torno do mito do progresso [...]” (PATETA, 1987, p. 14). Na segunda metade do século XIX, a engenharia ganha mais notoriedade a partir das exposições universais na França e se mantém reservadas ao país até a primeira metade do século XIX.

Durante a primeira metade do século XIX, as Exposições permanecem nacionais; isso deve-se ao fato de que quase todos os países, com exceção da Inglaterra, impõem fortes limitações ao comércio externo a fim de proteger as nascentes indústrias locais. Somente depois de 1850 é que a situação é modificada; primeiro a França, depois os outros Países, atenuam as barreiras alfandegárias, e as novas possibilidades do comércio internacional refletem-se nas Exposições, que se tornam universais, pondo em confronto produtos de todo o mundo.

(BENEVOLO, 2001, p. 129)

Dai surgem obras consideradas arrojadas como o Palácio de Cristal (ver figura 74) em ferro e vidro, confeccionado para a primeira exposição de Paris. Ou ainda, a tão criticada Torre Eiffel que permanece até hoje e se tornou um cartão postal de Paris.

Benevolo (2001, p. 122) ao falar do Ecletismo na Paris da primeira metade do século XIX, coloca que o estilo é favorecido pelo melhor conhecimento dos edifícios de todos os países e períodos. Os arquitetos manteriam em mente tanto o estilo clássico quanto o gótico e demais estilos precedentes.

A cultura arquitetônica deleitou-se, por mais de cem anos, com o fato de ter acolhido os mais variados elementos lexicais, extraíndo-os de todas as épocas e regiões, recompondo-os de diferentes maneiras, de acordo com princípios ideológicos, nos quais podem ser distinguidos pelo menos três correntes principais: da composição estilística baseada na adoção imitativa coerente e “correta” de formas que no passado haviam pertencido a um estilo arquitetônico único e preciso [...]; a do Historicismo Tipológico voltado, predominantemente, à escolha apriorísticas de cunho análogo que deviam orientar o estilo à finalidade que se destinava cada um dos edifícios reencontrados na Idade Média [...]; a dos Pastiches Compositivos que, com uma maior liberdade inventava soluções estilísticas [...].

(PATETTA, 1987, p.14)

Seguindo a análise de Luciano Patetta, se pode dizer que em Porto Alegre se percebe o Ecletismo Historicista ou Historicismo Tipológico nos edifícios que despontam a partir da segunda metade do século XIX. Estes edifícios apresentavam decoração que buscava representar seus usos. Principalmente os edifícios institucionais que traziam elementos condizentes com seu papel na cidade. Um exemplo é o Palácio Piratini (1909), sede do governo estadual, projetado pelo arquiteto Maurice Gras. O edifício imponente na paisagem da Praça Marechal Deodoro traz na fachada a predominância de elementos neoclássicos com colunas de ordem colossal e a entrada marcada por

estatuárias que representam a agricultura e indústria (ver figura 75). Nos seus interiores, salas temáticas que representam a história do Rio Grande do Sul. O Barroco, o Rococó, o Neoclássico e outras correntes aparecem para representar os interiores.

Figura 74 Palácio de Cristal (Joseph Paxton)



Fonte: Arquetetando na Net. In (<http://arquetetandonanet.blogspot.com/2010/09/palacio-de-cristal-londres-inglaterra.html>, 2020).

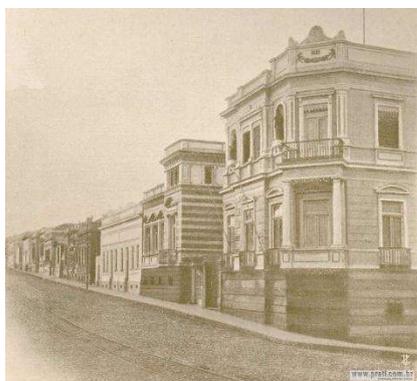
Figura 75 Fachada do Palácio Piratini (1909).



Fonte: Governo do Estado do RS. (<https://estado.rs.gov.br/palacio-piratini-5971708323fd1>, 2020).

Os edifícios residenciais traziam uma profusão de elementos na fachada que, em muitos casos, eram recorrentes como platibandas com balaustradas, compoteiras, pilastras apresentando uma ou mais ordens clássicas, representações de base, coluna e entablamento e outros (ver figuras 76 e 77).

Figura 76 Palacete na Avenida Independência no início do século XX.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

Figura 77 Platibandas com balaustrada, ornatos em relevo e acrotério.



Fonte: Fotos Antigas da Família Prati (<https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>, 2018).

O Jugendstil¹ ou Art Nouveau (1880- 1914) é um estilo que se manifesta na Europa e teria como uma das premissas o bem-estar estético. Se manifesta com o ideal de contrapor as tradições formais do classicismo. Em especial, a Fundação das Artes de Prinzregent Luitpold. Algumas características desse estilo se apresentam com o uso de linhas sinuosas, tridimensionais e assimetrias, expressando as formas da natureza. Na Europa, esse movimento durou até 1914. Porém, alguns continentes foram influenciados por algum tempo a mais.

Koch (2001) busca sintetizar algumas características do estilo por ele denominado de Liberty.

Características do Estilo Liberty são:

- Abundante ornamentação das partes funcionais (por exemplo, suportes) e de preenchimento do edifício;
- linhas e formas retas, contínuas e onduladas, inspiradas em organismos vegetais (plantas aquáticas, lírios, etc), mas também em cisnes, labaredas, jubas agitadas, etc., sem sombras, na pura arte gráfica, mas ricas de sombreado e de plasticidade na configuração das fachadas e dos móveis;
- móveis adaptados às funções orgânicas do movimento;
- obras de arte arquitetônicas globais: arquitetura do interior e do exterior, tapetes, móveis, tapeçaria, objetos de uso pessoal assinados. É rara a construção de igrejas.

(KOCH, 2001, p. 63)

Artistas de renome se associaram nesse movimento como Peter Behrens (1868-1940), Franz von Stuck (1863-1928), Max Liebermann, Lovis Corinth, entre outros, fundando o Verein bildender Künstler Münchens e. V. Secession (Associação de artistas plásticos da Secessão de Munique). A deusa grega Pallas Athena que nasceu pulando da cabeça de Zeus foi o símbolo desse movimento. O símbolo da deusa era a coruja.

Por meio da Sezession foi liberado o caminho em direção à livre expressão artística independente da Kunststiftung, e as primeiras obras arquitetônicas em Jugendstil começaram a surgir na cidade até que, por volta de 1900, artistas e arquitetos tais como August Endell, Martin Dülfer, Hermann Obrist, Richard Riemerschmid tinham

¹ O estilo se manifesta na Europa e no mundo com diferentes denominações: Jugendstil na Alemanha, Art Nouveau na França, Sezessionstil na Áustria, Stile Liberty na Itália, Modern Style na Inglaterra, Arte Jovem ou modernismo na Espanha, Arte Nova no Brasil, entre outros (KOCH, 2001, p. 164).

transformado Munique em um dos centros importantes do Jugendstil na Europa.

(GRIENEISEN, 2013, p. 178)

A Revista Die Jugend (A Juventude), fundada por Georg Hirth editada entre os anos de 1896 e 1940, deu nome a esse movimento e era um importante meio de comunicação entre os seguidores. A Oficina de Arte e Artesanato, fundada em 1897 em Munique, na Alemanha, foi precursora dessa revista e outras oficinas do movimento (GRIENEISEN, 2013, p. 178).

Foi em janeiro de 1896 que o editor de Munique, Georg Hirth, fundou a revista. Concebeu-se como um "Periódico de Arte e Vida" observando estilos e desenvolvimentos da arte no final do século, especialmente na Alemanha, mas também informando sobre as inovações gráficas no estrangeiro. Quase todos os artistas do Jugendstil de Munique trabalhavam esporadicamente ou regularmente para isso.

Embora o Jugend quase nada tenha a ver com as origens e o desenvolvimento do Jugendstil, eles permanecerão sempre ligados devido ao fato de que a Art Nouveau alemã recebeu seu nome da crítica. Muito famosas se tornaram as vinhetas de Otto Eckmann (1865-1902) e as folhas coloridas de Hans Christiansen (1866-1945) que seguiam o slogan do Jugend publicado na primeira edição: "Tudo o que segue o tradicional tem que ser excluído." A inovação e a robustez das ilustrações e ornamentações tiveram, sem dúvida, uma influência considerável nas impressões gráficas e de livros na Alemanha no final do século.

(Stein, [s/d]. In la-belle-epoque.de/Germany)

Segundo análise de Vera Grieneisen (2013) o estilo se manifesta de forma discreta em Munique, se atendo principalmente na decoração das fachadas em relevos e com menos preocupação em manifestar linhas sinuosas em esquadrias e elementos em ferro. As platibandas ou mansardas com recortes curvos e molduras salientes (ver figuras 78 e 79). O uso do Reboco penteado, conhecido como argamassa raspada ou cirex, era bastante recorrente.

Um exemplo dessa descrição está na Casa Behrens (1901). O Jugendstil se manifesta de forma suave, com menos linhas curvas e um certo movimento nas esquadrias. A planta baixa evidencia o avanço das janelas do segundo pavimento sobre o térreo. O telhado alto e com múltiplas águas destacam mansardas e trapeiras. O que pode evidenciar o aproveitamento deste espaço.

Figura 78 Edifício Jugendstil em Munique.



Fonte: Pinterest

<http://pinterest.de/pin/89298005092300508>,
2019).

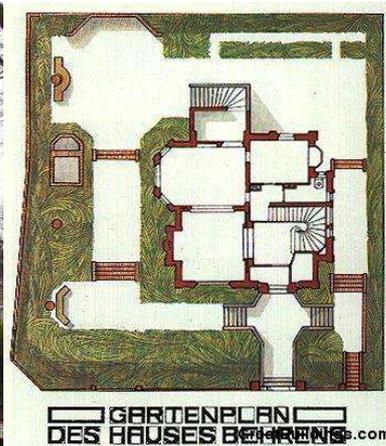
Figura 79 Interior da Stuck Villa em Munique.



Fonte: TripAdvisor

(http://tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g187309-d242807-Reviews-Stuck_Villa_Jugendstil_Museum,
2019).

Figura 80 Casa Behrens (1901), em Munique, Alemanha.



Fontes: Montagem da autora, feita a partir de imagens disponíveis no site Pinterest (<http://www.pinterest.com>, 2018).

Essa corrente estilística buscava a ideia de amenizar as consequências da industrialização como crescimento das cidades e poluição com o que eles acreditavam ser a necessidade de arte no cotidiano.

O período em que este estilo se desenvolveu também é conhecido por Belle Époque, um momento de otimismo e de grande desenvolvimento material, intelectual, artístico e científico. Período que se encerra com as crises que levam à deflagração da Primeira Guerra Mundial e, por conseguinte, superando a ideia de que é possível amenizar as consequências sociais da industrialização apenas com a produção de bens materiais “belos”, crença que vigorava entre estes artistas e sua clientela.

(UFRGS, [s/d]. In ufrgs.br/historiadaarquitectura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau)

A Bélgica é considerada por muitos como o berço desse estilo. Lá, o movimento se deu através do arquiteto Victor Horta (1861-1947), quando enxergou no aço suas potencialidades plásticas. “Um conjunto de quatro de suas obras, construídas em Bruxelas – Hôtel Tassel (1893-94), Hôtel Solvay (1895-1900), Hôtel Van Eetvelde (1895-1901) e Hôtel Horta (1898-1901) –, pertencem, hoje, à lista de Patrimônio Universal da UNESCO. As formas orgânicas utilizadas na arquitetura desenvolvida por Horta impressionam muito ao francês Hector Guimard (1867-1942), que leva a novidade a Paris” (UFRGS, [s/d]. In ufrgs.br/historiadaarquitectura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau).

Também se destacou Henri Van de Velde (1863-1957).

“[...]também ajuda a propagar o estilo, através de uma grande mobilidade pessoal. Van de Velde viaja a Paris e Dresden, vive em Weimar e Berlin e, antes de voltar à Bélgica, na Suíça. Na Alemanha, participa do Deutscher Werkbund (Federação Alemã do Trabalho) e é fundador e primeiro Diretor da Kunstgewerbeschule Weimar (Escola de Artes Aplicadas de Weimar, 1905), cujo edifício é projetado por ele. Este edifício será, mais tarde, a primeira sede da Bauhaus”. Sua obra mais conhecida é a Villa Esche (Chemnitz, 1902-11), mas também tem uma atuação destacada no design de interiores e de móveis, de cartazes publicitários e embalagens. Suas incursões no design de roupas femininas, propondo-se trazer mais conforto à mulher moderna, merecem a crítica irônica de Adolf Loos.

(UFRGS, [s/d]. In ufrgs.br/historiadaarquitectura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau)

Na França, a notoriedade do estilo se dá, assim como o ecletismo, através das exposições universais ocorridas entre 1889 e 1900 em Paris. Tanto Paris quanto Nancy foram pólos deste movimento.

A chamada 'Escola de Nancy' surge da organização Alliance Provinciale des Industries d'Art (Aliança Provincial das Indústrias de Arte), criada em 1901, cujo primeiro presidente é Emile Gallé (1846-1904). A Alliance congrega artífices, artistas e jovens industriais, cuja produção em vidro, cerâmica, ferro forjado, mobiliário, escultura e joalheria, trabalhada com técnicas ali desenvolvidas, é amplamente empregada e consumida nas edificações Art-Nouveau.

Em Paris, Hector Guimard (1867-1942) atua como grande divulgador do estilo. O edifício de apartamentos Castel Béranger (Paris, 1894-98) é considerado a primeira obra do Art-Nouveau construída fora da Bélgica. [...] A arquitetura Art-Nouveau, geralmente desenvolvida fora da École des Beaux Arts de Paris (Escola de Belas Artes de Paris), tem alguns de seus elementos incorporados aos produtos típicos da arquitetura eclética aí promovida.

(UFRGS, [s/d]. In ufrgs.br/historiadaarquitectura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau)

Talvez um dos mais emblemáticos manifestos desse estilo seja o catalão denominado de Modernisme. Barcelona concentra as tão conhecidas obras de Antoni Gaudí (1852-1926) como a Casa Batlló, Casa Milá, Palácio e Parque Güell, Igreja da Sagrada Família e outros. “Uma característica comum a estes criadores catalães, além de seu nacionalismo, é o grande virtuosismo na utilização de materiais e técnicas tradicionais, entre elas o trencadís e o esgrafito², para o que empregavam o trabalho dos melhores artesãos locais, de artistas e de outros arquitetos” (UFRGS, [s/d]. In ufrgs.br/historiadaarquitectura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau, 2020).

A Secessão Vienense ou Wiener Sezession é uma associação criada em 1897 na Áustria. Foi criada “por artistas, escultores e arquitetos como Gustav Klimt (1862-1918), seu primeiro Presidente, Koloman Moser (1868-1918), Josef Hoffmann (1870-1956) e Joseph Olbrich (1867-1908). A associação divulga o estilo através de exposições periódicas e, ainda, pela revista “Ver Sacrum” (UFRGS, [s/d]. In ufrgs.br/historiadaarquitectura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau).

A criação do Wiener Werkstätte (Ateliê Vienense), em 1903, pelos dissidentes Hoffmann e Moser, representa a intenção de integrar o trabalho artístico de modo mais decidido ao sistema produtivo,

² Trencadis é uma técnica decorativa em cerâmica com pedaços irregulares que formam um tipo de mosaico. O Esgrafito é uma técnica de pintura, a fresco, que consiste em aplicar sobre um fundo preto de estuque uma camada de tinta branca, arranhada posteriormente com estilete, de modo que o fundo apareça em forma de sombras.

empregando uma estética mais funcional. Esta associação desenha móveis e utensílios de uso cotidiano, bem como jóias, padrões têxteis e roupas, com produção em escala industrial, de grande sucesso comercial.

Otto Wagner (1841-1918) é reconhecido, em geral, como membro da Secessão Vienense, porém não é seu co-fundador. Sendo o mais velho do grupo, professor e mestre de alguns de seus membros, evolui desde os estilos historicistas até novos motivos decorativos e a exploração plástica dos materiais modernos – aço, concreto e alumínio.

(UFRGS, [s/d]. In ufrgs.br/historiadaarquitectura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau)

O Modern Style da escola de Glasgow, na Escócia, formou artistas e designers. “O desenho ali desenvolvido é de concepção mais abstrata e geométrica que o Art-Nouveau continental e, por isso mesmo, bastante admirado pelo grupo da Secessão Vienense, adverso aos excessos artísticos” (UFRGS, [s/d]. In ufrgs.br/historiadaarquitectura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau).

A figura central do movimento é o arquiteto Charles Rennie Mackintosh (1868-1928), que se une a James Herbert MacNair (1868-1955) e às irmãs Macdonald, Margaret (1865-1933) e Frances (1873-1921), designers e artistas que se tornariam, respectivamente, suas esposas. Esta associação informal é conhecida como The Glasgow Four (Os quatro de Glasgow). A arquitetura proposta por Mackintosh é uma evolução dos estilos locais vernáculos e emprega os delicados detalhes e ornamentação desenvolvidos por seus companheiros, dentro do espírito da ‘estética total’ do Arts & Crafts.

(UFRGS, [s/d]. In ufrgs.br/historiadaarquitectura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau)

No Brasil, esse movimento foi menos expressivo, se destacando em algumas edificações dos principais centros urbanos do país. Em muitos exemplares, os elementos compositivos do Art Nouveau aparecem em edifícios ecléticos. Pode-se destacar alguns edifícios emblemáticos como a Vila Penteados, em São Paulo, SP, o Mercado Ver-o-Peso em Belém, PA e a Casa Godoy, em Porto Alegre, RS.

Conforme mencionado anteriormente, o engenheiro Manoel Barbosa Assumpção Itaquí foi responsável pela introdução do estilo em Porto Alegre, projetando edifícios como o Castelinho da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ver figura 81) e a Farmácia Carvalho (ver figura 82). Porém, foi um

arquiteto alemão que projetou a Casa Godoy que se destaca entre os raros exemplares do estilo na cidade.

Figura 81 Castelinho (1906).



Fonte: Universidade Federal do RS, UFRGS (<http://ufrgs.br/patrimoniohistorico>, 2020).

Figura 82 Antiga Farmácia Carvalho junto a Rua da Praia.



Fonte: Almanaque Cultural Brasileiro. (<http://almanaquenilomoraes.blogspot.com/2018/04/patrimonio-historico-de-porto-alegre.html>, 2020).

Conforme visto anteriormente, tanto o ecletismo quanto o Art Nouveau se desenvolveram no Brasil através de profissionais europeus. Em especial, pelos alemães. Apesar de todo o requinte apresentado nos novos materiais dessas correntes estilísticas, muitas das casas residenciais ou mistas de Porto Alegre ainda repetiam a compartimentação semelhante à encontrada na arquitetura luso-brasileira de influência açoriana de fins do século XIX, como escadarias junto ao acesso principal, os longos corredores que distribuem os ambientes ou portas de acesso entre si e fachada no alinhamento do passeio. Porém, começam a quebrar essa rigidez através de alternativas como pátios internos, recuos laterais e jardins aos fundos do lote, deixando o espaço privado isolado da via pública. A possibilidade de construir em terrenos maiores, deixando o edifício solto, deu liberdade no desenvolvimento projetual, tanto em planta quanto fachadas, e trouxe o jardim para a frente ou lateral. É bem verdade que o planejamento urbano foi responsável por essa possibilidade.

O Art Nouveau foi destacado como Jugendstil para evidenciar a forte influência desta corrente estilística no trabalho de Otto Hermann Menchen na Casa Godoy.

1.3.2. Otto Hermann Menchen: o construtor da Casa Godoy

Otto Hermann Menchen nasceu em 20 de agosto de 1876, em Landau, Palatinado, Alemanha. Se formou em Engenharia Civil na Universidade Técnica de Munique e migrou para o Brasil no início do século XX (WEIMER, 2009, p. 45). Primeiramente, para Joinville, Santa Catarina e em 1903, para Porto Alegre, Capital do Rio Grande do Sul, onde trabalhou no escritório Rudolph Ahrons até 1907 (WEIMER, 2004b, p. 118).

Grieneisen (2013, p. 172) menciona o fato de não encontrar o registro do diploma de Menchen no protocolo do CREA e na Universidade Técnica de Munique, levantando a hipótese de que poderia ter cursado uma das escolas de engenharia da cidade pelas suas várias patentes por construções em cimento armado. Diante disto, não é possível afirmar por enquanto se Menchen era mesmo engenheiro civil. Será referenciado como construtor.

Joseph Lutzenberger, um conhecido e renomado construtor de Porto Alegre, também estudou na mesma escola mencionada por Günter Weimer e se formou em 1904. Trabalhou em Praga e migrou para o Brasil. Realizou algumas obras no estilo Jugendstil em Porto Alegre (GRIENEISEN, 2013, p. 102).

Nos quatro anos junto ao escritório Rudolph Ahrons, Menchen desenvolveu projetos importantes como a Confeitaria Schramm e Casa Frederico Jung com elementos do neogótico (ver figura 83), ambas no centro histórico de Porto Alegre, A loja e a residência de Theo Möller (ver figura 84), o prédio da Faculdade de Direito da UFRGS (ver figuras 85 e 86), concluído por Theo Wiederspahn.

Weimer (2009, p. 47) menciona a qualidade do trabalho de Menchen e sua demissão do Escritório Ahrons.

A alta qualidade desses projetos mostra que Menchen era um arquiteto muito competente em razão do que é difícil compreender as razões pelas quais ele teria sido demitido da firma Ahrons. Essa contradição dá crédito a uma historietta de domínio público de que a demissão teria sido imposta pelos positivistas do governo estadual que não admitiam o fato de o projeto da Faculdade de Direito ter sido inspirado no Palácio do Kaiser, de Estrasburgo por exaltar a vitória dos alemães sobre os franceses dos quais os discípulos de Comte eram admiradores.

(WEIMER, 2009, p. 47)

Günter Weimer ainda comenta sobre um cartão postal que Theo Wiederspahn teria enviado a seu filho. No postal, tinha uma foto do prédio da Faculdade de Direito da UFRGS, onde ele escreveu que ajudou a concluir e foi um de seus primeiros trabalhos (WEIMER, 2009, p. 47).

Figura 83 Casa Jung (1905).



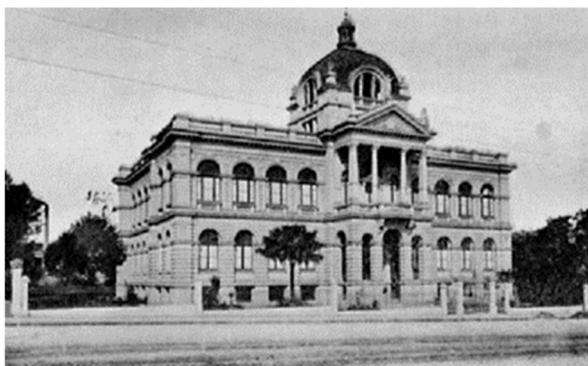
Fonte: Imagem da autora (outubro/2019).

Figura 84 Residência Theo Möller (1907).



Fonte: Escritório Kiefer Arquitetos (<http://kiefer.com.br/pt/projetos/casa-flores>, 2019)

Figura 85 Faculdade de Direito UFRGS (1907). Projeto de Otto H. Menchen.



Fonte: Funpage Facebook FDUFRGS (<http://facebook.com/FDUFRGS>, 2020).

Figura 86 Faculdade de Direito nos dias atuais.



Fonte: Universidade Federal do Rio Grande do sul, (<http://ufrgs.br/patrimoniohistorico>, 2020)

Otto Hermann Menchen começa a trabalhar como autônomo a partir de 1907, ano do projeto da Casa Godoy. O projeto aprovado na prefeitura que está

arquivado no Arquivo Municipal, Microfilme 117-1907, consta a assinatura de seu escritório como “Escritório de Engenharia de H. Menchen, Porto Alegre”.

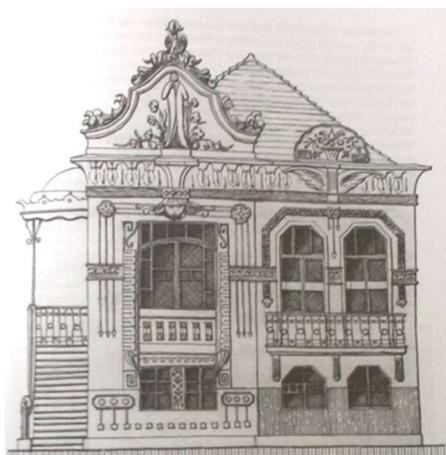
Segundo Weimer (2004a), em 1908, monta sua empresa Menchen e Colmey e se responsabiliza por quatro projetos. Se mantém como profissional autônomo até a eclosão da I Guerra Mundial, que afastou os alemães de suas atividades profissionais (WEIMER, 2004a, p. 118).

Otto Hermann Menchen provavelmente foi, entre os quatro arquitetos, aquele que melhor conseguiu se posicionar – através do casamento, mas também devido ao seu dom poético – na alta sociedade alemã porto-alegrense e conseqüentemente também contribuir com algumas obras importantes para o patrimônio arquitetônico de Porto Alegre. Ele obteve a encomenda do projeto para a grande obra pública da alfândega e recebeu um prêmio nacional para a sua obra (não identificada) na Exposição Nacional de 1908.[...] Ele parece ter sido um cosmopolita que apresentava várias características do homem europeu descrito por Nietzsche, que consegue assimilar-se rapidamente às novas circunstâncias da vida.

(GRIENEISEN, 2013, p. 170)

Dentre muitos projetos registrados em sua autoria, haviam exemplares expressivos do Art Nouveau como a Casa Arno Bastian, conhecida atualmente como Casa Godoy. Restaram poucos exemplares ainda de pé como a Casa Noronha (ver figura 87), a Casa Godoy e as Casas Nabuco Varejão (ver figura 88), que era um conjunto de 5 residências em que duas desapareceram e duas foram totalmente descaracterizadas, restando apenas a conhecida Casa Egípcia . Os materiais de construção eram, em grande parte, trazidos por ele da Europa em longas viagens de negócios. Seu escritório se localizava na Rua 7 de setembro, 82, Centro de Porto Alegre (GRIENEISEN, 2013, p. 174).

Figura 87 Casa Oscar Noronha.



Fonte: WEIMER (2004a, p. 85).

Figura 88 Casa egípcia na Rua dos Andradas.



Fonte: Imagem da autora (2011).

Com a crescente industrialização do Estado e a I Guerra Mundial, em 1917, Menchem passou a se dedicar à construção de fábricas que, possivelmente, o fez se mudar para o município de Santa Cruz do Sul, em 1930 (WEIMER, 2004b, p. 119).

Sabe-se que ainda continuou a trabalhar em Porto Alegre até 1930, quando se transferiu para Santa Cruz por estar envolvido em diversos projetos industriais ligados à fuminicultura e à rizicultura. É provável que estivesse envolvido nos mesmos na última fase em que residiu em Porto Alegre. Corona garante serem de sua autoria os edifícios Varejão e Jeanselme, na Rua dos Andradas e a reforma e ampliação do corpo central da escola de cadetes do Parque Farroupilha. [...] Em seu processo de registro no CREA, alegou que esteve ativo de 1930 a 1933, deixando de trabalhar por motivos de saúde até 1940.

(WEIMER, 2004b, p. 119)

Fez muitas viagens para a Alemanha em busca de maquinário para as fábricas, mas continuava realizando outros projetos e obras de arquitetura. “Há informações de que teria feito o Colégio Sinodal de Porto Alegre, A Igreja evangélica de Sinimbu, RS, a igreja católica de Carazinho, RS, algumas residências em Santa Cruz do Sul e algumas fábricas entre Pelotas e Santa Maria nesse período” (WEIMER, 2004b, p. 119).

Grieneisen (2013, p. 179) em sua dissertação, levanta a hipótese de que Menchen poderia em suas tantas viagens de trabalho pela Europa, ter estado em Turim e Milão no período em que se manifesta o Art Nouveau ou Estilo Liberty e a “Esposizione d’arte decorativa moderna” em 1902. Artistas de renome

expuseram suas obras nesse evento que manifestava o Art Nouveau como um estilo moderno. Na Itália, o estilo se manifesta de forma mais assimétrica e decorada, com claros e escuros em evidência. O arquiteto poderia ter tido contato com Viena, palco da Secessão, e as obras de Joseph Maria Olbrich e Otto Wagner. Porém, a linguagem das obras de Menchen não são diretamente influenciadas por nenhum dos grandes mestres. Exceto o uso de alguns elementos da antiguidade como rostos, frisos e gregas (GRIENEISEN, 2013, p. 180).

Otto Hermann Menchen vivia em Munique e estudava na Hochbau no momento em que o Jugendstil se manifesta em algumas escolas, sendo a última corrente estilística com a qual teve contato antes de migrar para o Brasil em 1903. Sua formação era no conceito do ecletismo, cujo princípio era adequar o estilo à função do edifício. GRIENEISEN, 2013, p.102).

Um possível confronto de estilos poderia ter ocorrido na visão de Otto Hermann Menchen (GRIENEISEN, 2013, p. 178). Porém, o que se percebe é que houve manifestação de ambos os estilos em seus trabalhos realizados em Porto Alegre. O Jugendstil alemão aparece fortemente na Casa Godoy ou Casa Bastian e Casa Nabuco Varejão (1912), cujo “domínio formal do estilo” é mais evidente (GRIENEISEN, 2013, p. 178).. Outras edificações apresentam elementos do estilo como a Casa Soares (1913). Também manifestou em seus projetos o Neobarroco e o Neogótico quando ainda trabalhava no escritório de Rudolph Ahrons.



CAPÍTULO II

2. A CASA GODOY

A Casa Arno Bastian, hoje conhecida como Casa Godoy (ver figura 89), foi projetada no ano de 1907 por Otto Hermann Menchen como uma de suas primeiras obras como profissional autônomo. É uma edificação, inicialmente de uso residencial, com forte representação do Estilo Art Nouveau, mais precisamente o Jugendstil alemão, em Porto Alegre. Concebida no momento em que a burguesia se instala em peso ao longo da então, Rua da Independência e outros palacetes também são construídos, dando nova cara para aquela região da cidade.

Figura 89 Fachada sul ocupando as divisas do lote e junto ao alinhamento do passeio público.



Fonte: Imagem da autora (novembro/2019).

2.1. CRONOLOGIA: USOS E TRANSFORMAÇÕES NO TEMPO

O primeiro morador da casa, de número 88 da Rua da Independência foi Arno Bastian Meyer. Em uma de suas viagens à Europa, o comerciante de descendência alemã “teria trazido a ideia de construir uma residência num estilo

que fazia sucesso por lá” (SMC, 2006, p. 27). O estilo em voga naquele período era o Art Nouveau. Deixou a cargo de Otto Hermann Menchen, o projeto e execução de sua residência que se destacava entre as imponentes residências ecléticas da avenida (ver figura 90 e 91).

A família Meyer passava muitos períodos em viagem pela Europa. Principalmente na Alemanha onde passavam até dois anos e, por isso, pouco usufruíram da sua casa em Porto Alegre (SMC, 2006). Arno e a esposa se separaram quando sua filha ainda era pequena. Mãe e filha permaneceram na Alemanha e ele voltou para Porto Alegre para administrar os negócios da família, pois tinham um comércio conhecido na Avenida Borges de Medeiros, o Atacado Bastian & Meyer (SMC, 2006).

Figura 90 Casa Arno Meyer (Casa Godoy) em 1912.



Fonte: Almanak_Henault_1910-1913, p. 296. (<http://memoria.bn.br>, 2018).

Figura 91 Cartão postal Casa Arno Meyer em 1916.



Fonte: Cartão Postal de BV Colecionismo (<http://bvcoleccionismo.lcl.br>, 2021).

Em 1916, Arno Meyer mandou construir uma garagem nos fundos do terreno que, na época, se estendia até o alinhamento da Avenida Cristóvão Colombo. O terreno era longo e com declividade acentuada (ver Anexo, fl. 04). Em seguida, alugou a residência para a Família Greco. Uma das mais tradicionais da sociedade porto-alegrense. Eram imigrantes italianos e donos de diversos prédios pela cidade. Entre eles, o cinema Apollo, também localizado na

Avenida Independência. Moraram na casa, Januário Greco, a esposa Angelina e cinco filhos (ver figura 92). A família mantinha três empregados no porão da residência, deixando o sótão livre, pois Januário gostava de apreciar a vista de lá, chamando o local de “mirante”, pois oferecia uma visão panorâmica da cidade (SMC, 2006, p. 35).

Figura 92 Família Greco. Angelina com seus 5 filhos e as quatro meninas no quintal da Casa Godoy. S/Data.



Fonte: Livreto “Casa Godoy”, (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2006).

Em 1925, a família Greco deixa a residência e em seguida, Arno Meyer vendem a casa para Francisco Tschiedel Filho, um importante comerciante do ramo de tecidos e bijuterias da cidade. Francisco, sua esposa Ema e seus sete filhos se mudam para a casa em 1926. Na ocasião, a residência sofreu importantes reformas como as pinturas murais realizadas por Ferdinand Schlatter (ver figura 93), hoje encontradas nas salas de estar (ver figura 94), jantar e gabinete, conforme relatou Arno Tschiedel: “Foi meu pai. Depois que nos mudamos e ficamos dois, três anos, ele mandou fazer a pintura.” (TSCHIEDEL, 2005, p. 9). Este artista foi responsável por executar pinturas murais em grande parte dos palacetes da Avenida Independência e outros espaços da cidade e do Estado como as pinturas tão marcantes da Biblioteca Pública do Estado, e o Paço Municipal localizados no centro histórico de Porto Alegre (ver figura 96).

Figura 93 Imagem de Ferdinand Schlatter no início do século XX.



Figura 94 Pinturas executadas por Ferdinand Schlatter na sala de estar da Casa Godoy.



Fonte: Acervo de Círio Símon.([http:// profciriosimon.blogspot.com.br](http://profciriosimon.blogspot.com.br), 2018).

Fonte: Imagens da autora (junho/2018).

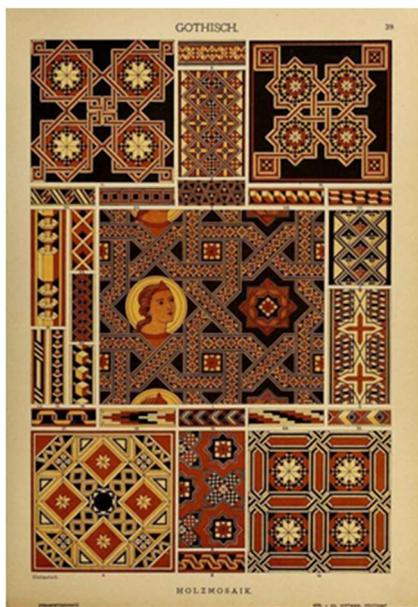
Franz Ferdinand Schlatter, 1870-1949, nasceu em Lindau, Bavária e chegou ao Brasil em 1899 na colônia alemã de Ijuí, RS. Suas pinturas eram diferentes do que se costumava encontrar na época. “Sabe-se que sua principal fonte e referência era o catálogo de ornamentos *Der Ornamentenschatz*, publicação alemã de 1887 que Schlatter utilizava como modelo, concebendo projetos e copiando os arranjos encontrados nas pranchas do livro (ver figura 95). Nota-se que, estilisticamente, este tipo de pintura estava mais de acordo com um gosto oitocentista” (INDA, [s/d], In dezenovevinte.net).

Deve-se considerar que, enquanto no Brasil ainda era comum a utilização de pranchas de ornamentos para a pintura interior de palacetes e edifícios, como nos casos analisados, sem que isso fosse julgado como “cópia” ou “imitação,” na Inglaterra, Ruskin já havia condenado severamente essa prática. Ele considerava que o método de reprodução de ornamento encontrado em catálogos era vazio de artisticidade, de forma que o pintor-decorador que se utilizasse de manuais não era considerado um artista, apenas um imitador. Para Ruskin, a contribuição individual de cada artesão ao desenvolvimento dos padrões ornamentais era mais valiosa do que a reprodução fiel dos padrões já existentes; por isso, que ele considerava que a industrialização, através do seu método da infinita repetição, interrompeu a mutação dos padrões ornamentais, “fixando-os e esvaziando-os do seu potencial expressivo.” A reprodução de catálogos de ornamento impedia, portanto, a livre criação do artista e o desenvolvimento de novos padrões ornamentais. O debate de Ruskin

acerca do ornamento, embora tenha marcado os teóricos da arquitetura e da arte moderna brasileira.[5] não parece ter influenciado as autoridades administrativas de Porto Alegre dos primeiros anos do século XX.

(INDA, [s/d], In dezenovevinte.net, 2019)

Figura 95 Página do catálogo de ornamentos Ornamentenschatz.



Fonte: Pinterest
(<http://Pinterest.com>, 2020).

Figura 96 Interior do Paço Municipal de Porto Alegre em 1920.



Fonte: Acervo de Sofia Inda. (<http://dezenovevinte.net>, 2019).

Segundo Inda (s/d), apesar do orgulho das autoridades de Porto Alegre sobre a obra de Schlatter, este era considerado apenas como pintor decorativo e não poderia ser comparado a artistas de renome da época.

A sua falta de “artisticidade,” como foi apontado por Pinto da Rocha está intrinsecamente ligada, acredito, a sua formação artesanal, longe das escolas e Academias de Arte que se popularizaram no século XVIII. Nascido em 1870, em uma família humilde, Schlatter ingressou com 14 anos na oficina do pintor Ferdinand Riegel, dentro do sistema de aprendizado de guildas, no qual um mestre-pintor assinava um contrato com os responsáveis do aprendiz, assumindo o compromisso de ensinar-lhe a arte do ofício, bem como oferecer-lhe moradia e comida, a partir de um valor acertado entre o responsável (o pai de Schlatter) e o mestre-pintor.

Essa retomada do artesanal empregada pelo Arts and Crafts de Morris está muito próxima da maneira pela qual Schlatter se apropriou do ornamento em suas obras, diluindo as fronteiras que separavam as belas artes das artes aplicadas. Os trabalhos de Schlatter, portanto, estão inseridos dentro de duas tendências: a primeira, da pintura

ornamental, que pressupõe uma continuidade à tradição do século XIX, ao mesmo tempo em que é vista com preconceito por artistas e críticos em decorrência da prática da imitação; e a segunda, em que um pintor-decorador se dedica às artes gráficas, bem como à decoração de objetos.

(INDA, [s/d], In dezenovevinte.net, 2019)

A Família Tschiedel era numerosa. Eram treze pessoas na casa, contando com os empregados. Então, Francisco mandou construir um volume junto à divisa oeste do lote, no pátio central. Este volume recebe um banheiro junto ao pavimento principal que atende dois dormitórios. A casa possuía apenas um banheiro e uma sala de banho. Mais uma janela é aberta na cozinha para receber mais iluminação, pois era muito escura. E uma sala ao lado da cozinha se transforma em copa para facilitar as refeições que, segundo Arno Tschiedel (2005) era uma confusão por conta da sala de jantar ser no pavimento principal. Embora tivesse um elevador monta-pratos.

“Era uma confusão: a sala de refeições era em cima, a comida vinha da cozinha que era embaixo e muito escura, pelo elevador. Se comia lá em cima, mas era tal confusão que meu pai resolveu modificar a casa embaixo. Fez um salão perto da cozinha para fazermos as refeições mais práticas e também resolveu fazer um banheiro lá em cima, porque o WC para treze pessoas! E o banheiro escuro, feio, uma tristeza. Tinha uma escada que as pessoas desciam para ir ao banheiro, quer dizer, dava um movimento. [...] Ele fez um banheiro em cima, pegava os dois quartos. [...] Ele fechou a escadinha que tinha, fez um piso de cimento e fez o banheiro lá em cima.”

(TSCHIEDEL, 2005, p.1).

Em 1939, a Família Godoy compra a residência de Francisco Tschiedel. O Dr. Jacintho Godoy Gomes, médico psiquiatra, determina que o porão na parte da frente da casa seria seu consultório médico particular e o pavimento principal, sua residência. Como algo ainda raro naquela época, o consultório psiquiátrico instalado no porão funcionou até 1959, ano da morte do psiquiatra. Jacintho Godoy nasceu em 1886 em Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul e se formou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1911. Foi estudar na França em 1919, onde teve seu segundo, de quatro filhos com sua esposa, Eulália (PICCININI, 2004, In Psychiatry on line Brasil, 2018).

Em 1904 tornou-se diretor do segundo Manicômio Judiciário do Brasil e atuou no Instituto Psiquiátrico Forense Maurício Cardoso. Em 1926, assume a diretoria de assistência a alienados do manicômio judiciário e o Hospício São

Pedro, sendo exonerado em 1932. Retornou à direção do São Pedro em 1937, onde permaneceu até 1950, diminuindo gradativamente suas atividades profissionais. Faleceu em 1959, aos 73 anos (PICCININI, 2004, In Psychiatry on line Brasil, 2018).

Jacinto, a esposa Eulália e a filha Carlinda tiveram papel importante para a história da casa nos anos que se seguiram. Pois lá aconteceram inúmeras reuniões e atividades ligadas à medicina, política e sociedade gaúchas. Eulália promovia eventos e recebia, juntamente com as filhas, membros da sociedade porto-alegrense (ver figura 99). Seu esposo, através de sua forte atuação na área da psiquiatria e com seu consultório em casa, vinculou sua casa à sua história profissional. Em seu gabinete (ver figura 98), recebeu políticos e importantes personagens ligados à psiquiatria (SMC, 2006, pp. 39 a 41). A Casa Godoy passa a fazer parte, simbolicamente, da história da medicina do Rio Grande do Sul.

Carlinda Godoy, filha do casal, era professora, ligada à filosofia e continuou a abrir as portas da residência para importantes eventos e encontros intelectuais e políticos quando voltou a morar na casa com o filho após a separação de seu primeiro marido. Viveu 5 anos na residência até se mudar para Bahia com seu segundo marido. Nesses 5 anos, realizou reformas no porão onde era o consultório de seu pai. Sua mãe, Eulália, e sua irmã, Wanda, moravam na Europa, quando decidiram voltar para o Brasil e novamente a casa passa a ter uma vida social intensa. Eulália faleceu em 1981 e Wanda passou seus últimos 15 anos na residência com certa dificuldade financeira. Porém, buscando manter a casa com seus objetos nos devidos lugares, embora não pudesse contar com tantos empregados para ajudá-la (GOMES, 2005). Carlinda Godoy descreve seu sentimento sobre a casa:

Não, não tem palavras para dizer o que esta casa representou para mim. Quando eu passo, às vezes aqui (Avenida Independência) tem dias que eu respiro fundo e digo que não quero nem ver, porque vem aquela saudade. Todos se foram, só sobrou eu. Não tem mais aquele clima, aquela alegria (...) Então isso: de um lado eu separo a casa em si como patrimônio da cidade. Realmente ela deve ser preservada e aberta à visitação para o público ver o que era uma construção de alemães aqui no Rio Grande do Sul. Da colônia alemã. Todas as casas aqui da Independência eram construções alemãs.

(SMC, 2006, p. 53).

Figura 97 Casal Jacintho Godoy e Eulália na sala de estar da casa. Década de 1940.



Fonte: Casa Godoy, (PMPA, 2006).

Figura 98 Gabinete de Jacintho Godoy no pavimento principal. Imagem da década de 1980.



Fonte: Acervo da EPAHC/SMC, [s/d].

Figura 99 Um dos eventos promovidos pela Família Godoy em sua casa. Sem data.



Fonte: Casa Godoy (PMPA, 2006).

Wanda faleceu em 1996, quando o imóvel foi tombado como Patrimônio Histórico do Município de Porto Alegre. Depois de dez anos de negociação com a família, que não tinha condições de manter e realizar as obras que o imóvel

necessitava, a prefeitura o desapropriava. Devido a um pedido de Eulália em 1980, para que o imóvel tivesse uso exclusivamente residencial, a Secretaria do Planejamento elabora estudos que dão origem a Lei Municipal 70/82 que define um regime urbanístico para a área. No Primeiro Plano Diretor, a área já estava indicada como Preservação Cultural e Proteção da Paisagem Urbana. Nessa relação, o prédio estava como Edificação de Interesse sociocultural, indicada para preservação devido a seus valores em diferentes instâncias. (PMPA/SMC, 2006, p. 43).

Desde 1997, a Casa Godoy abriga a Coordenação da Memória Cultural da Secretaria da Cultura de Porto Alegre. Foram tomadas as primeiras medidas emergenciais como instalações provisórias no sistema elétrico e processamento de dados. Em 1998, foi feita uma avaliação estrutural nos entrespisos, o restauro de esquadrias e vitrais da fachada principal e o restauro da cobertura (PMPA/SMC, 2006, pp. 43 a 45).

Figura 100 Aspecto do sótão do primeiro bloco nos levantamentos para restauro das coberturas.



Fonte: Acervo da EPAHC/SMC (1999).

Figura 101 Aspecto do mesmo sótão nos dias atuais.



Fonte: Imagem da autora (março/ 2018).

Figura 102 Aspecto do sótão do segundo bloco antes do restauro de 1999, apresentando ainda uma “cama de forro”.



Fonte: Acervo da EPAHC/SMC (1999).

Figura 103 Aspecto do mesmo sótão nos dias atuais, com chapas galvanizadas como subcobertura.



Fonte: Imagem da autora (março/2018).

No ano seguinte, os levantamentos planialtimétricos e a consolidação do arco entre a sala de jantar e a saleta de fumar foram realizados, bem como a restauração da cobertura de vidro da varanda e seus elementos metálicos. A varanda possuía uma cobertura provisória de telhas onduladas devido à quebra da cobertura original, em vidro (ver figura 104 e 105).

Figura 104 Fachada dos fundos ainda com a cobertura improvisada em telhas onduladas na varanda.



Fonte: Acervo da EPAHC/SMC (1997)

Figura 105 Cobertura em vidro restaurada no ano 2000. Porém, necessitando de reparos.



Fonte: Imagem da autora (março/2018).

No ano 2000, como última grande intervenção na edificação, foi feito o restauro da fachada principal (ver figuras 106 e 107). Desde então, não obteve nenhuma solução no sentido da restauração pela falta de recursos para a execução do projeto de restauro elaborado ainda no início dos anos 2000 por profissionais integrantes do corpo técnico da Equipe de Patrimônio Histórico e Cultural (EPAHC), da Secretaria Municipal da Cultura (SMC) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (SMC, 2006, p. 45).

Figura 106 Aspecto da fachada principal após o restauro executado no ano 2000.



Fonte: Acervo da EPAHC/SMC (2000).

Figura 107 Porta de acesso principal.



Fonte: Acervo da EPAHC/SMC (2000).

A casa possui um jardim que conserva algumas árvores nativas, sendo uma delas, a araucária, quase centenária. A configuração original foi estudada através de escavações arqueológicas (ver figura 108). Porém, pouco se conseguiu descobrir (FOGAÇA, 2001). Uma porção de manilha cerâmica e uma estrutura quadrangular em tijolos maciços foram encontrados na escavação. Indicando que ali poderia ter alguma instalação hidráulica antiga e desativada (ver figura 109).

Figura 108 Imagem do jardim durante as escavações arqueológicas no ano de 2001.



Fonte: Relatório de atividades Secretaria da Cultura (2001).

Figura 109 Trecho escavado junto à araucária



Fonte: Relatório de atividades Secretaria da Cultura (2001).

Sabe-se por depoimentos fornecidos por ex-moradores à Secretaria da Cultura, que havia um chafariz com um anjo no meio do jardim, na década de 1920, que foi retirado após a queda de uma árvore que o destruiu.

“O jardim vinha até aqui. Aqui tinha árvores maravilhosas. Só tinha árvores daquelas mais finas plantadas pelo alemão Arno Meyer. (...) Um temporal derrubou meia dúzia de árvores. Tem uma magnólia lá embaixo, atrás do caramanchão, que dava perfume. No centro tinha um chafariz maravilhoso com anjinho largando água. (...) Caiu uma árvore em cima e arreventou tudo. Tivemos que tirar. Foi uma choradeira geral. O caramanchão...está abandonado...era bonito!”

(SMC, 2006, p. 49)

O caramanchão citado por Arno Tschiedel ainda existe. Porém, bastante degradado pela ação do tempo e do abandono. Possuía um pergolado treliçado de madeira que remete ao muxarabis e um “galo dos ventos³” no topo. O caramanchão era florido e tinha um banco (ver figuras 110 e 111).

A extensão do terreno alcançava a Avenida Cristóvão Colombo. Porém, com a demolição da edícula e garagem, uma porção do terreno foi desmembrada e vendida (ver figuras 112 e 113). Aos fundos do jardim há uma forte declividade

³ O Galo dos ventos é um tipo de cata-vento que combina a figura de um galo à Rosa dos Ventos e sua função é indicar a direção do vento. Era muito comum encontrar em topos de igrejas, em áreas rurais e tem sua origem na Idade Média. A figura do galo é conhecida como o "profeta dos tempos", os povos antigos acreditavam que o galo afugentava os maus espíritos e as calamidades (Empório Vó Olívia, In vooliveia.com.br, 2021).

vencida por escadas feitas de pedra arenito. Espaço atualmente sem uso (ver figuras 114 e 115).

Figura 110 Caramanchão no final da década de 1990.



Fonte: Acervo CMC/SMC (1996).

Figura 111 Caramanchão nos dias atuais.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 112 Delimitação antiga do terreno entre as Avenidas Independência e Cristóvão Colombo. Em azul, localização da antiga garagem

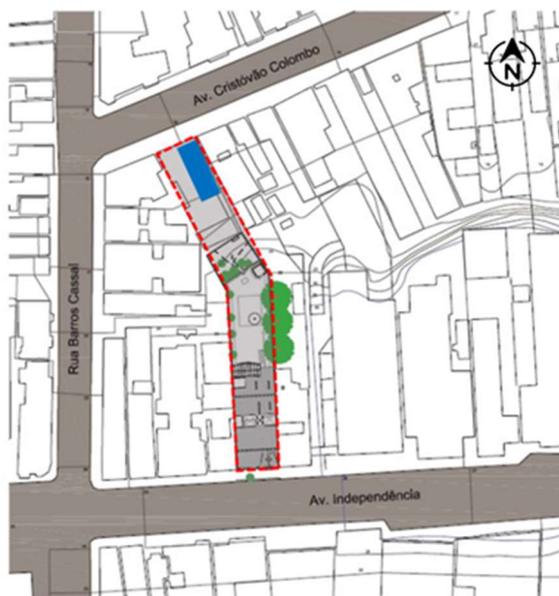
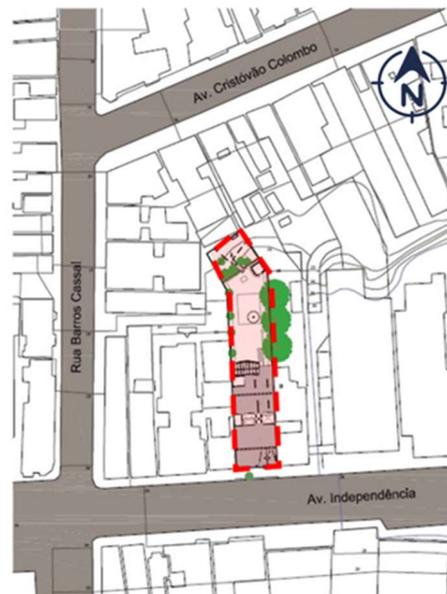


Figura 113 Delimitação atual do terreno dada a partir do fracionamento do antigo limite.



Fonte: Mapa aerofotogramétrico PMPA, editado pela autora (2018).

Figura 114 Declividade aos fundos do terreno. Maciço de árvores e muros de arrimo em tijolos.



Figura 115 Escadaria de arenito ou pedra de grés.



Fonte: Imagens da autora (janeiro/2019).

Com objetivo de atrair a população para o convívio desse bem tão importante para a cidade de Porto Alegre, foram promovidos pela Secretaria Municipal da Cultura eventos como “Chorinho na Godoy” e “Sarau na Godoy” com vistas a atrair a comunidade (ver figura 116). No entanto, devido ao avanço do estado de degradação da edificação e a falta de recursos, os eventos foram cancelados por apresentar riscos no que tange a aglomeração de pessoas nos espaços internos (SMC, 2006, p.11).

Figura 116 Um dos saraus promovidos pela Secretaria da Cultura na Casa Godoy.



Fonte: Acervo da EPAHC/SMC (2003).

2.2. CARACTERIZAÇÃO ARQUITETÔNICA DA CASA GODOY

Conforme visto no capítulo I, item 1.3.1, a região central da cidade, desde o século XIX, as casas residenciais eram construídas junto ao alinhamento da calçada e em muitos casos, na divisa dos lotes. Geralmente eram assobradadas ou sobrados. A Casa Godoy se enquadra na Categoria A mencionada, estando no alinhamento do passeio e ocupando as duas divisas laterais do lote.

Com variações sobre o tema, as casas dispunham de um corredor central ou lateral que se desenvolvia a partir de uma escadaria e distribuía e organizava os ambientes, buscando o equilíbrio e funcionalidade dentro das necessidades de seus moradores. Começando pela área social, se distribuindo a partir da fachada principal e alternando ou terminando na área íntima. A escada pode ser externa e posicionada na lateral da casa ou interna em frente à porta de acesso principal, convidando o visitante à incursão pelas áreas nobres da residência que, geralmente, se localizam no pavimento principal.

Como mencionado anteriormente, o construtor teve formação baseada no Eclétismo. Porém, no mesmo momento em que o Art Nouveau ou Jugendstil alemão se manifestava com força. O repertório do profissional se tornou mais amplo, tirando partido dos diferentes estilos conforme as necessidades funcionais de seus usuários. A sutileza nos detalhes trouxe a dúvida quanto ao verdadeiro estilo da Casa Godoy. Porém, na Alemanha e, especialmente em Munique, o Jugendstil se manifestou de forma mais discreta.

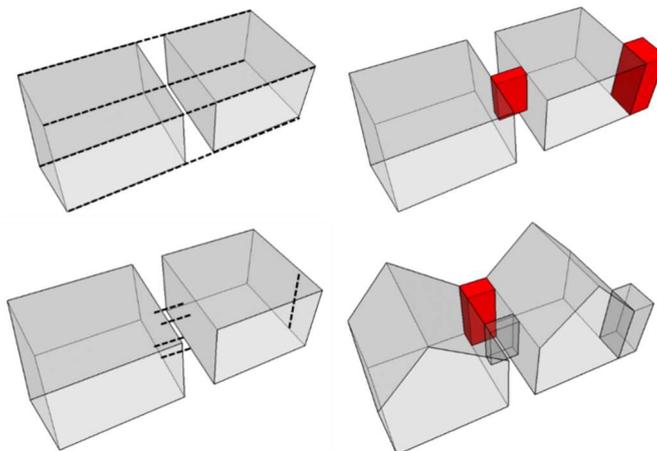
A casa foi construída com tecnologia importada da Europa pelo próprio construtor. O ferro ornamentado e as alvenarias vieram da Alemanha, segundo consta no relatório de Tombamento (GERCHMANN, 1996) Ainda oferecia recursos pouco comuns para a época, como o elevador monta-pratos que servia para levar a comida da cozinha para a sala de jantar. As campainhas em cada ambiente para chamar os empregados através de um mostrador em ferro instalado na parede da cozinha que indicava o número correspondente ao ambiente em que estava sendo solicitado. O banheiro e a sala de banho no porão da residência também era uma novidade.

2.2.1. Volumetria e espacialidade

Num terreno relativamente estreito e comprido que impossibilitava o afastamento das divisas, possivelmente se pensou como alternativa trabalhar com dois volumes provenientes de um volume primário. Um prisma retangular puro que ao ser seccionado se distribui em dois menores que se organizam em torno de um vazio central. Partindo deste princípio, um prisma menor e elevado do solo desse vazio central cria um elo entre os dois volumes. O volume posterior recebe um apêndice e assim se configura a volumetria da edificação com um aglomerado de formas junto à uma forma matriz (ver figura 117). Estes volumes se organizam em três pavimentos: porão, pavimento principal e sótão. O vazio central se consolida como um pátio interno de transição, criando uma relação espacial entre os volumes e o prisma elevado do solo que se define como um passadiço não interferindo na permeabilidade. O primeiro volume está junto ao alinhamento do passeio e ambos, ocupando toda largura do terreno e deixando uma grande porção de área aberta aos fundos. Alguns anos depois, mais um volume é inserido no contexto do pátio central, reduzindo sua área livre.

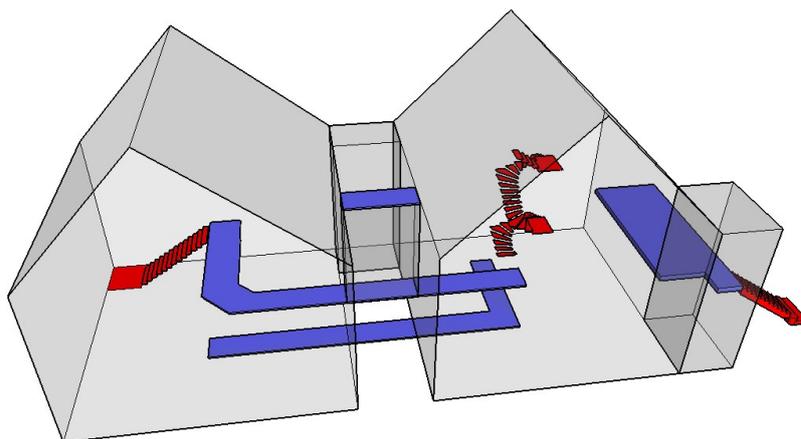
O acesso à edificação é frontal e se dá por uma portada à direita do edifício junto ao alinhamento do passeio que se abre a um átrio e escadaria que se desenvolve a partir dali até o patamar do pavimento superior principal, dando acesso a uma longa circulação em “L” que leva a todos os cômodos sociais e íntimos da família. Criando uma relação via-espço, pois se organiza de forma central e termina numa grande sala (CHING, 1998). A circulação está dividida em três seções: a primeira distribui a área social e parte da área íntima. A segunda se desenvolve como passadiço fechado que interliga os dois volumes. E a terceira, distribui a área íntima e convívio familiar que dá acesso ao jardim nos fundos do terreno por meio de uma varanda e ao setor de serviços por meio de uma caixa de escada interna que acessa tanto a cozinha no porão quanto o sótão (ver figura 118). O pátio, ao contrário da maioria das construções, não tinha função de serviço, mas um jardim para usufruto da família.

Figura 117 Estudo da geometria espacial do objeto de estudo com adições de volumes à forma primária.



Fonte: Diagramas produzidos pela autora (2018).

Figura 118 Diagrama da circulação vertical e horizontal que organiza e distribui os cômodos da edificação.



Fonte: Diagramas produzidos pela autora (2018).

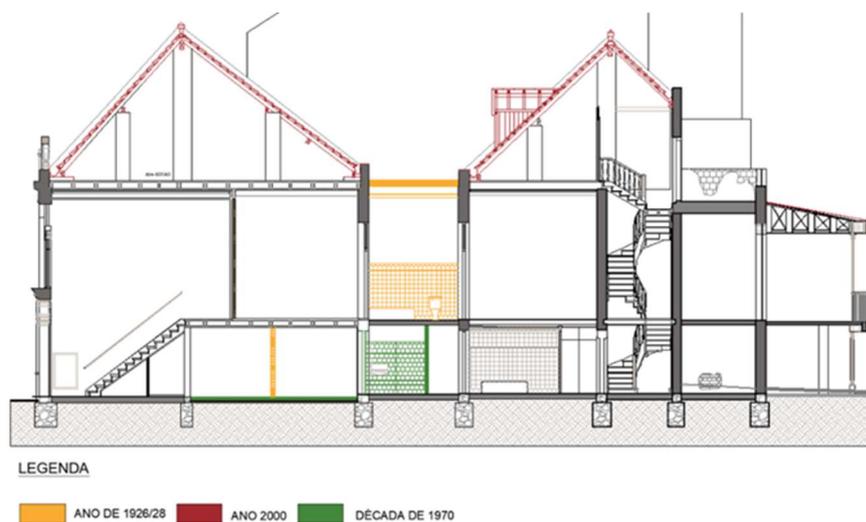
Numa análise do projeto original, é possível constatar que poucas alterações foram realizadas (ver Apêndice I). O porão junto ao primeiro bloco foi visivelmente escavado, pois está num nível mais baixo que o pátio central e a calçada. Diferente do porão do segundo bloco, que está quase no mesmo nível do pátio. Esse rebaixo, provavelmente ocorreu na obra para adaptação de salas do consultório do Dr. Jacintho Godoy, conforme aponta o relatório da Secretaria Municipal da Cultura (ver figuras 119 e 120).

Figura 119 Planta Cronológica das transformações principais ocorridas na Casa Godoy.



Fonte: Diagrama realizado pela autora (2019).

Figura 120 Corte transversal cronológico.



Fonte: Diagrama realizado pela autora (2019).

O volume construído junto ao pátio central para abrigar os banheiros, aproveitou a parede da divisa do terreno. Não há informações de quem executou o aumento (nome do construtor ilegível), mas se percebe linhas e formas

geometrizadas nas fachadas, voltando suas aberturas para o pátio, iluminando seus interiores com vitros coloridos. Presença marcante do reboco crespo e os sulcos horizontais nas paredes. Esses elementos indicam uma busca pela manutenção do desenho original projetado por Menchen.

2.2.2. Elementos de composição

A fachada da Casa Godoy apresenta uma série de ornamentos florais em relevos tridimensionais, altos e baixos relevos que expressam as linhas da natureza. Principalmente ramos de flores e galhos. Muitas dessas flores remetem à flor de narciso (ver figura 121) e lírio. O frontão é encimado por um corvo junto aos galhos (ver figura 122). Os gradis em ferro forjado das janelas do porão também apresentam folhas e flores. Apesar dos elementos em movimento, frisos verticais e horizontais buscam uma modenatura para ordenamento da fachada com o auxílio da fenestração. Visualmente, a fachada apresenta dois módulos: o primeiro organiza a porta principal alinhada à janela superior, atualmente ladeada por outra janela de igual modelo. Abaixo dela, outra janela menor ocupa o espaço que seria rebatido pela porta, trazendo um equilíbrio na composição. Este primeiro bloco é coroado por uma platibanda vazada em arco de quatro pontos. O segundo módulo possui um resalto das esquadrias tripartidas por linhas verticais que também geram simetria e equilíbrio. O coroamento se dá por um frontão em linhas curvas para fechamento de uma grande mansarda no sótão. Apesar dos elementos do coroamento, o telhado permanece aparente (ver figura 123).

Figura 121 Representação da Flor de Narciso nos ornatos.



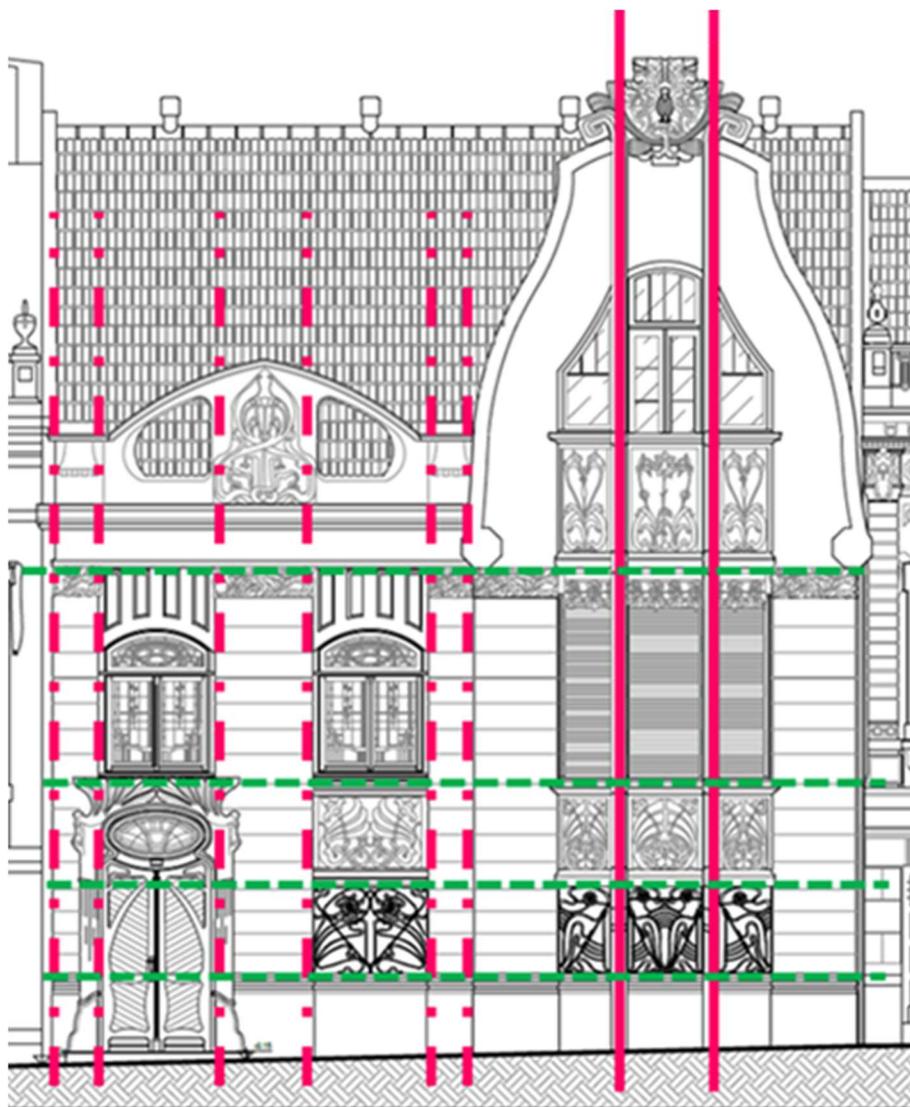
Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

Figura 122 Corvo em meio aos galhos no coroamento.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Figura 123 Modulação da Fachada.



Fonte: Edição da autora sobre imagem do projeto original do Arquivo Municipal de Porto Alegre. Processo 117/1907 (2018).

A fachada norte possui uma volumetria mais simples e geométrica dando protagonismo ao grande pano de telhado com trapeiras, terraço e os elementos decorativos de ferro e vidro da varanda que se projeta para fora do volume (ver figura 125). Esses elementos geram certo movimento. O guarda-corpo da varanda também é em ferro com ornatos florais. Os vidros coloridos do beiral dão efeito luminoso com a incidência da luz natural. As paredes da fachada recebem frisos e uma sequência de quadrados em baixo relevo.

Figura 124 Linhas mais geométricas na fachada norte.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

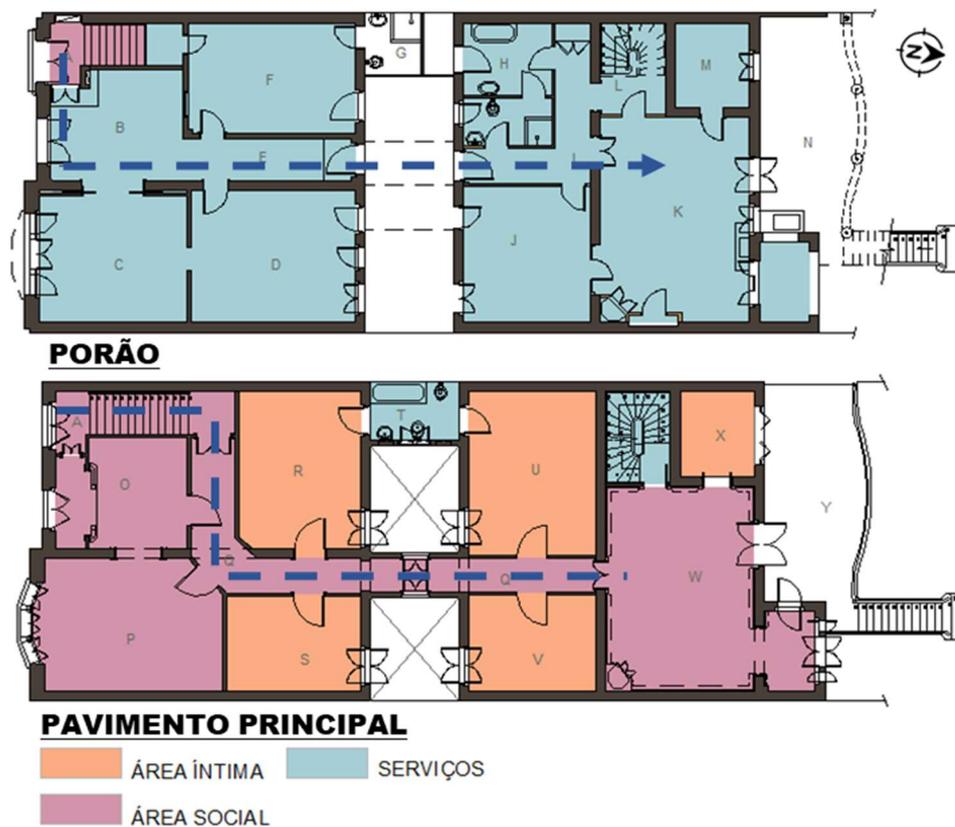
Figura 125 Protagonismo da varanda e panos de telhado.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

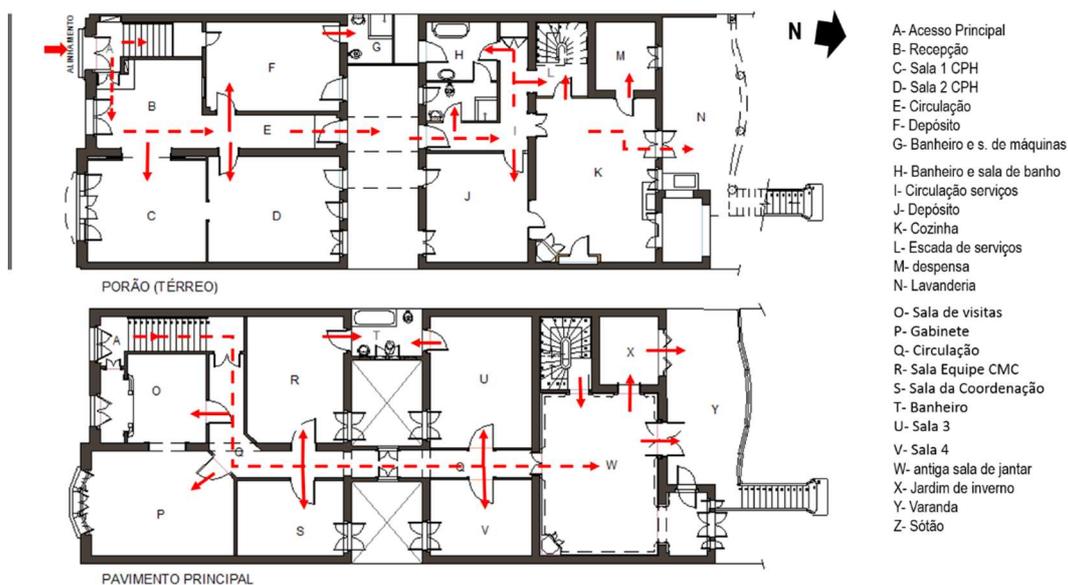
O edifício, com compartimentação pouco alterada, permaneceu até fins do século XX como residência. Nas imagens abaixo, (ver figuras 126 e 127) é possível verificar os usos no decurso do tempo.

Figura 126 Diagrama de usos da edificação como residência (ver Anexo II, fl. 1 a 3).



Fonte: elaborado pela autora (2018).

Figura 127 Planta esquemática com nomenclaturas atuais e fluxos



Fonte: Edição da autora sobre recorte de imagem de plantas simplificadas fornecidas pela SMC (2018).

2.2.3. Materiais, técnicas e sistemas construtivos

A Casa Godoy apresenta estrutura autoportante em alvenaria de tijolos maciços em toda sua caixa murária e paredes mestras no centro geométrico de cada bloco. As paredes divisórias são, em sua maioria, em tabique de fasquio. Não é possível no momento ter acesso às fundações da edificação. Porém, numa breve análise nas plantas antigas, na lógica formal da edificação e no tipo de solo do local se pode supor que, pela espessura e dimensões, as fundações são em sapata corrida de pedra.

Paredes internas em tabique de fasquio ou estuque consiste em uma estrutura de tábuas verticais mais largas com algumas diagonais e ripas horizontais pregadas a elas (ver figura 128). São sustentadas por esteios de madeira horizontais e, nesse caso, fixados nos barrotes dos entrepisos. O preenchimento dessa estrutura pode variar, mas no caso da Casa Godoy se dá por barro e o fechamento com reboco à base de cal e areia que recebe pinturas decorativas nos ambientes nobres da edificação e revestimentos em azulejos nas áreas molhadas (ver figura 129). As esquadrias são apoiadas em esteios verticais de madeira (ver Apêndice I). Este tipo de parede é muito recorrente nas edificações mais antigas em Porto Alegre. Porém, pouco estudadas. Não há

bibliografias locais que tratam do uso deste sistema construtivo com mais detalhes.

Figura 128 Parede de tabique na circulação do pavimento principal.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Figura 129 Revestimento em azulejos na Sala de Banho do térreo.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

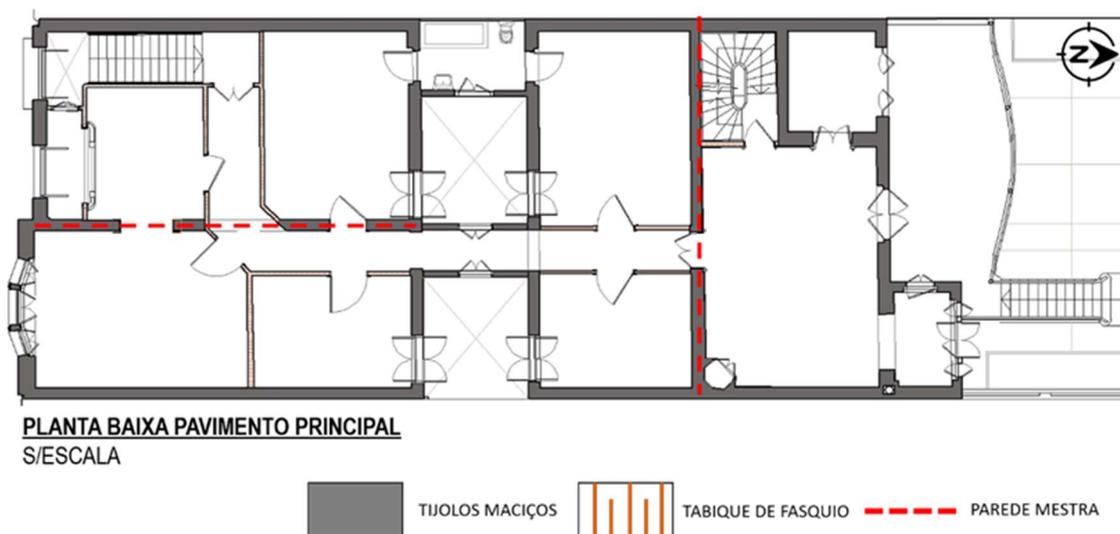
Na figura 132, está o modelo tridimensional que traz a hipótese de como poderia ser a fundação em pedra sob paredes em alvenaria autoportante de tijolos maciços na caixa murária e paredes mestras. Entrepisos com pisos e forros tabuados, barroteamento em madeira e, em alguns ambientes, laje mista de alvenaria e vigotas em ferro. Cobertura com estrutura de tesouras atirantadas.

Figura 130 Planta esquemática de sistemas construtivos do porão.



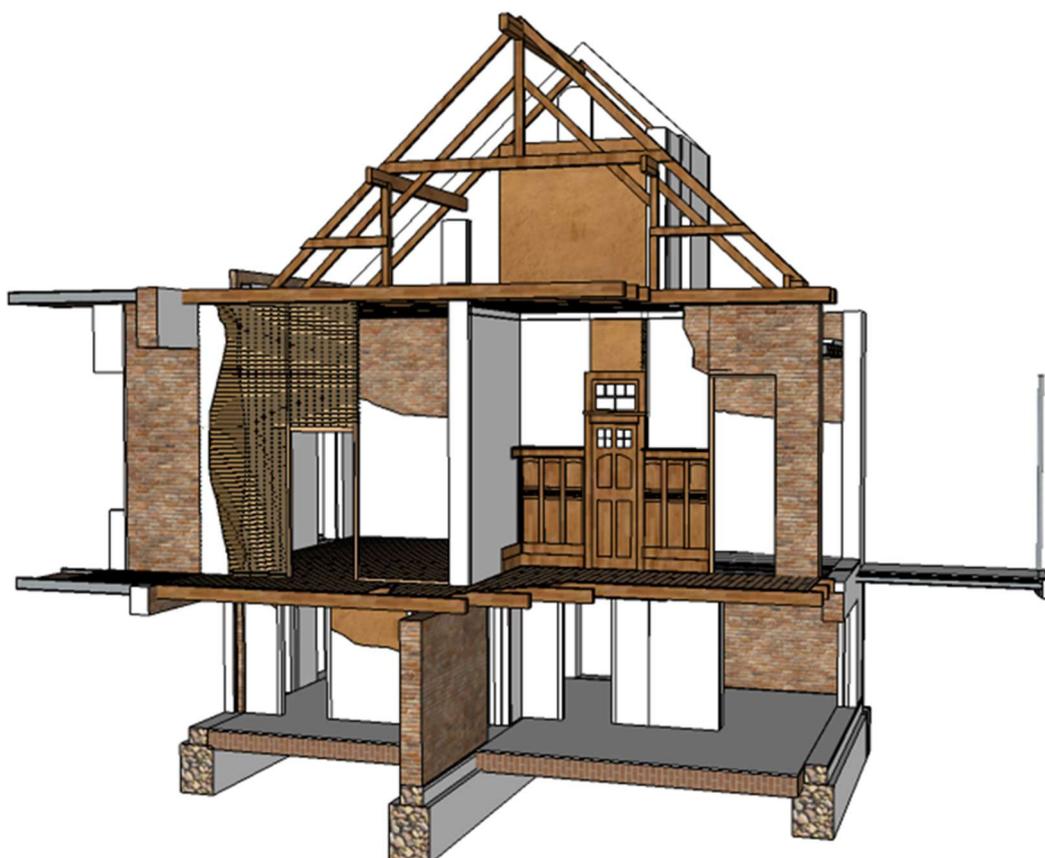
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 131 Planta esquemática de sistemas construtivos do pavimento principal.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 132 Diagrama tridimensional do sistema construtivo.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A cobertura dos dois volumes em duas águas com estrutura de tesouras de madeira atirantada com ripas seguidas de um sub telhado em chapas galvanizadas à zinco (ver figura 133), sob ripas e caibros que estruturam o telhamento em telhas cerâmicas tipo francesas. A inclinação do telhado dos dois volumes permitiu a concepção de grandes sótãos de mansardas e rasgos maiores que permitiram a entrada de luz natural por esquadrias de madeira com tampos internos em vidro e tampos externos venezianados. A mansarda do sótão fronteiro, por suas dimensões, possibilitou a concepção de um acesso ao telhado por uma escada simples em madeira que alcança o alçapão circular em aço. Possivelmente foi criado para manutenção do telhado, já que não há espaço plano para ficar de pé sobre o mesmo. Os sótãos são interligados pela laje de cobertura do passadiço, com guarda corpos em madeira e alvenaria (ver figura 134). A laje é em tijolos cerâmicos maciços, na direção transversal do passadiço. Na mesma imagem, é possível verificar os dutos de ventilação na cumeeira. Foram implantados em ambos os telhados na ocasião da intervenção no ano 2000.

Figura 133 Uma das trapeiras do sótão.



Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

Figura 134 Passadiço entre os dois volumes.



Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

No patamar intermediário ao pavimento principal e sótão, há um pequeno terraço que aproveita a laje de cobertura do jardim de inverno. Esta laje é em alvenaria estruturada com vigas em ferro tipo T invertido. Alvenaria é de pedra arenito regular com juntas argamassadas, cobrimento em argamassa por baixo e, possivelmente, acompanha tela deployer para unir à segunda camada de alvenaria sob o contrapiso que, recebe o revestimento em ladrilho hidráulico (ver figura 135). No terraço, foi aplicada uma manta impermeabilizante sobre o piso (ver figura 136).

Figura 135 Laje de grés com viga tipo bigorna sobre o jardim de inverno.



Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

Figura 136 Terraço acima do jardim de inverno, com manta sobre a laje.



Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

A cobertura do banheiro junto ao pátio central é em laje. Porém, não se teve acesso ao tipo de material. Foi executado em 1928 e possivelmente, é como no jardim de inverno. Porém, em tijolos cerâmicos maciços ao invés de pedra arenito. Esse tipo de laje é recorrente em muitas construções do período eclético em Porto Alegre.

Os entrepisos em madeira são sustentados por barrotes que variam entre 8,5 e 12 centímetros de largura, reforçados por peças menores de madeira em alguns pontos. Os barrotes são engastados nas paredes externas e paredes mestras. As paredes de divisa vão perdendo sua espessura até chegar no topo.

Revestimentos

As paredes internas da edificação receberam reboco em argamassa de cal e areia. Nas áreas enobrecidas, recebem ainda pinturas murais e elementos decorativos como frisos e douraturas (ver figura 137). Nos antigos dormitórios,

as pinturas subjacentes à tinta branca eram mais simples. Eram todas feitas à base de cal e pigmentos coloridos. Em muitos cômodos, o azul é a cor predominante. As camadas revelam rosas, azuis, vermelhos e ocres (ver figura 138). Na sala de jantar, meia parede de lambris de madeira ou boiserie com baixos relevos florais, representando a Castanheira da Índia, arrematados por prateleiras com mísulas de madeira. Acima do lambri, está o revestimento em argamassa finalizado com pinturas murais que alcançam a borda da aba do forro (ver figura 139). O jardim de inverno recebe o mesmo tratamento dos dormitórios. Tinta à base de cal e pigmentos, cujas cores predominantes eram o azul e o rosa.

Figura 137 Pinturas murais do gabinete com, frisos e molduras com ovalos e dardos dourados.



Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

Figura 138 Prospecção de cores na Sala da Coordenação feitas por Eduardo Hahn.



Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

Nas áreas molhadas, o revestimento é em azulejos produzidos pela empresa alemã, Villeroy & Boch, conforme o decalque no tardo das peças (ver figura 140). Alguns azulejos com pintura de paisagens, frisos decorativos e tamanhos diversos compõem os ambientes. Na copa e despensa o revestimento se dá por reboco de cal e areia. No caso da copa, as prospecções revelaram faixas decorativas com motivos geométricos.

As paredes do porão foram repintadas em 2018 com tinta acrílica (ver figura 141). Os azulejos existentes na recepção e circulação são da década de 1970 (ver figura 142). São azulejos de igual modelo aplicados nos corredores do Colégio do Rosário, também localizado na Avenida Independência.

Figura 139 Sala de jantar com lambris de madeira e pinturas murais.



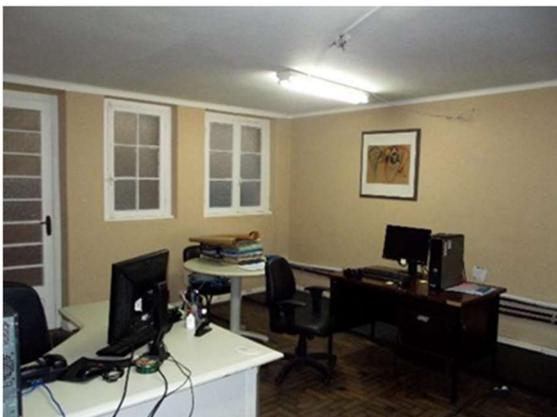
Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

Figura 140 Tardo do azulejo com decalque da empresa Villeroy e Boch.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 141 Sala da CPH com pintura acrílica.



Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

Figura 142 Recepção com azulejos da década de 1970.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Segundo Guerchmann (1996) a fachada sul recebeu um “revestimento em mica nas paredes mais lisas “apenas linhas-sulcos horizontais”. Este revestimento em mica é conhecido por Cirex ou pedra fingida. Os ornatos são em argamassa armada. Esse reboco não foi analisado em laboratório, conforme será visto no Capítulo III e, tampouco se teve acesso aos estudos feitos na época do restauro das fachadas no ano 2000. Portanto, não há certeza quanto ao traço

provável. Há depoimentos informais que mencionam o reboco penteado, mas não pôde ser confirmado. O reboco com textura chapiscada ou reboco crespo foi adotado na fachada norte e fachadas do pátio central.

Pisos e forros

No porão do primeiro bloco, o forro é, aparentemente, em estuque em todas as salas, exceto no átrio que possui pé-direito duplo e, portanto, forro em madeira como em todo o pavimento principal. No porão do segundo bloco, os forros são tabuados de madeira com 28 centímetros de largura, junta seca e roda forro simples tipo meia-cana. Este tipo de forro se apresenta na cozinha, na copa, nos banheiros, mezanino da escada de serviço, circulação de serviço e depósito da lavanderia (ver figura 143). Na despensa o entrepiso é em laje de alvenaria de tijolos revestida com argamassa de cal e areia.

No pavimento principal, todos os cômodos apresentam forro em madeira, pintados com tinta óleo na cor branca. São régua macho-fêmea com 14 centímetros de largura. Nos cômodos do primeiro bloco, os forros são arrematados por cabeiras, cimalthas e abas. Na sala de estar há frisos com douratura e ornatos em papel machê. No Gabinete há elementos decorativos em papel machê nas bordas da cabeira (ver figura 144). Na sala de jantar, que fica no segundo bloco, cabeira, ornamentos em madeira e papel machê, abas, cimalthas e frisos compõem o forro. Na sala de banho, construída posteriormente, o forro é em lâminas de madeira arrematadas por tábuas mata-junta. Provavelmente, as lâminas são de madeira compensada. No passadiço, laje de tijolos maciços revestida por argamassa.

Figura 143 Forro em madeira na cozinha. Figura 144 Forro do gabinete.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/ 2019). Fonte: Imagem da autora (janeiro/ 2019).

No porão do primeiro bloco, o piso da recepção e corredores é cerâmico, encerado e no formato sextavado. Nas salas, o piso é em tacos de madeira. Todos instalados na década de 1970. No porão do segundo bloco, nos banheiros junto ao pátio central, tanto do porão quanto do pavimento principal, e no jardim de inverno os pisos são em ladrilho hidráulico com variadas estampas. Os banheiros do porão do segundo bloco também são em ladrilhos, mas sem estampas. Os ladrilhos medem 15X15 centímetros. Alguns, por sua paginação, formam tapetes decorativos. O pavimento principal é todo em piso tabuado de madeira, arrematado por rodapés de madeira. O pátio central recebeu piso cerâmico natural. Porém, não se sabe a data da colocação, que poderia ser na década de 1970.

A varanda e sua escadaria para o jardim receberam pisos em mármore de Apuã, em tons de cinza claro e escuro na varanda e cinza claro na escada (ver figuras 145 e 146). Do mesmo mármore, algumas soleiras de porta externa são feitas, como da porta de acesso principal. Outras soleiras de porta da casa são em granitina.

Figura 145 Mármore desgastado da escadaria da varanda.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Figura 146 Piso em mármore apuano na varanda.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Esquadrias

No pavimento principal, os ambientes nobres se voltam para as principais fachadas e, portanto, recebem esquadrias mais requintadas. O átrio e a sala de visitas receberam janelas do mesmo modelo. São em madeira, com bandeira fixa em arco abatido e tampos que abrem para dentro. Tanto os tampos, quanto

as bandeiras possuem vitrais coloridos. Acima do vão das duas janelas, há rasgos na parede com vitrais fixos para incidência de luz natural (ver figuras 147 e 148). Importante salientar que, conforme mencionado anteriormente, a esquadria do átrio é posterior e não se sabe quando substituiu o vitral antigo demonstrado na imagem de 1912, mas se sabe que aconteceu ainda na mesma década conforme demonstra o postal de 1916.

Figura 147 Vitral das esquadrias da sala de estar e acesso principal são idênticos.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Figura 148 Janela do átrio igual a janela do estar.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Os vitrais dessas duas esquadrias apresentam delicados motivos florais semelhantes à modelos de desenhos utilizados por Charles Rennie Mackintosh (ver figura 149).

No gabinete, o vão das janelas avança sobre o alinhamento do passeio, simulando um vão sacado. Esse vão dividido em três seções, possui pano de peito em alvenaria. Cada seção tem esquadria em madeira com bandeira fixa e dois tampos envidraçados que abrem para dentro. O fechamento externo se dá por persianas em madeira com caixilho de ferro móvel. As roldanas de acionamento ficam junto às laterais e o rolo das persianas fica acima do vão, pelo lado interno da edificação em um compartimento fechado, em madeira,

conhecido como “caixa de persiana” (ver figura 150). Por fora, as persianas são coroadas por elementos florais em ferro tipo lambrequins. Os vãos em arco abatido na sala de estar e no gabinete possuem espelhos ornamentados em madeira.

Figura 149 Vitrais evidenciando o desenho de rosas bojudas e delicadas utilizadas nos trabalhos de Mackintosh, em Glasgow. Nos vitrais da Casa Godoy, há rosas que lembram as rosas de Mackintosh, conforme montagem abaixo.



Fonte: Imagem dos vitrais Mackintosh (<http://www.pinterest.com>, 2018). Imagem do vitral da sala de estar feita pela autora (2018).

Variações sobre os modelos de portas internas. Porém, todas têm verga reta com bandeira fixa ou com verga oculta que permite a passagem de luz através de painéis envidraçados nos tampos. As maçanetas são conforme consta no relatório de tombamento, importadas da Europa e enumeradas com códigos identificadores para cada porta. São com textura em bronze, com desenhos em relevo em motivo floral.

As janelas dos antigos dormitórios, circulação da passarela e sala de banho são em madeira, verga reta com bandeira móvel, tampos em duas folhas quadriculadas em vidro que abrem para dentro, tampos venezianados que abrem para fora e fechamento em ferrolhos. As duas janelas da circulação não possuíam tampos venezianados. A janela do banheiro não tem bandeira fixa. Mas acima dela, há pequenas janelas, com vidros texturizados na cor verde.

Da mesma forma que na fachada sul, a fachada norte também recebeu esquadrias nobres no pavimento principal. Na sala de Jantar, uma porta-balcão tipo vidraça com verga em arco elíptico, bandeira fixa, tampos em duas folhas em madeira e vidro que abrem para dentro e tampos venezianados que abrem para a varanda. Na antiga sala de fumar, as janelas são em verga reta e oculta e também são em madeira, com tampos venezianados por fora e tampos em madeira e vidros quadriculados por dentro. O Vão em arco elíptico entre a saleta e a sala de jantar é livre (ver Volume II: Diagnóstico, ficha 27). No jardim de inverno, a grande porta em ferro e vidro acessa a varanda. É em arco elíptico e as duas folhas da porta são circundadas por ferro e vidros coloridos (ver figura 151). As portas internas da sala de jantar compõem com os lambris, com textura envernizada.

Figura 150 Esquadria do gabinete.



Figura 151 Esquadria do jardim de inverno.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

No porão do primeiro bloco, as janelas da fachada principal são em madeira e vidro jateado, com tampos que abrem para dentro e fechamento em ferrolhos. Esses tampos são originais. Porém, antes do restauro os tampos eram semi-venezianados com vidraças em vidro texturizado. Atualmente, essas janelas não são abertas por conta do grande movimento da Avenida Independência. Entre a recepção e a primeira sala do Centro de Pesquisa Histórica, CPH, há uma porta de correr, em duas folhas de madeira com vidros lisos. As folhas recolhem para

dentro da parede ao serem abertas. As demais portas internas são inteiriças e semi-cheias e sem decoração. As janelas e porta da outra sala da CPH se comunicam com o pátio central. Estas são em madeira e vidro texturizado. A porta é tipo vidraça e de uma folha. Modelo semelhante, porém, mais largo e com mais vidros se repete na sala da biblioteca e na circulação de acesso ao pátio central. Uma das janelas tem uma folha de abrir e a outra, duas. Ambas abrem para dentro. As portas envidraçadas e semi-cheias do primeiro bloco são muito diferentes das demais portas dos outros ambientes, o que destaca a possibilidade de serem intervenções da década de 1970.

A porta em ferro e vidro no pátio central cobre o banheiro e a sala do boiler junto ao pátio interno. É em três folhas, sendo duas fixas e uma de abrir para fora. Nos caixilhos envidraçados das duas folhas fixas, há janelas basculantes.

No porão do segundo bloco, as portas internas entre a sala de banho e banheiro são de madeira com encaixe macho-fêmea com tábuas horizontais de consolidação e com postigos de vidro jateado (ver figura 152). A porta do banheiro também tem essas características, exceto os postigos que não existem nesse caso. A janela do banheiro é de uma folha de abrir, envidraçada e com caixilho quadriculado.

Na sala da copa, a porta entre esta e a cozinha é envidraçada, em 3 folhas. A porta que acessa a circulação é de uma folha com painel envidraçado, assim como a porta entre a sala de banho e a sala de máquina. As janelas da copa repetem os modelos da sala 2 da CPH (ver figura 153). Na cozinha, a porta de acesso à circulação é em dois tampos de madeira simples, com tábuas encaixadas tipo macho-fêmea. E nos fundos, uma porta envidraçada que abre para dentro, com verga reta, oculta, sem bandeira e com tampos venezianados abrindo para fora. As janelas são envidraçadas. Uma delas em arco abatido, com três folhas. A outra tem verga reta e com duas folhas. A janela da despensa repete o modelo em duas folhas envidraçadas. Todas as esquadrias do térreo são com verga oculta (ver Volume III, Levantamento de esquadrias).

Figura 152 Portas internas entre o banheiro e a sala de banho.



Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 153 Uma das janelas da copa semelhante às janelas da CPH e banheiro.



Imagem da autora (janeiro/2019).

Nos sótãos, as janelas são em madeira com tampos envidraçados. Nas trapeiras, há tampos venezianados que se abrem para fora. Na abertura do frontão, há uma porta balcão encaixada entre duas janelas envidraçadas e uma bandeira. Porta em duas folhas envidraçadas. O conjunto é em madeira. As portas de acesso aos sótãos pelo passadiço são em madeira com painel envidraçado na parte superior da folha, possibilitando a iluminação (ver Volume II, Caderno Fotográfico).

Mobiliários e equipamentos

A Casa Godoy possui ainda há alguns móveis da Família Godoy. No gabinete ainda se vê a coleção de livros de diversos assuntos nas antigas estantes, uma grande mesa em “U” com a cadeira que o Sr Jacintho Godoy recebia seus colegas para reuniões. Segundo depoimento de Luís Osvaldo Leite, amigo da família, o modelo da mesa era inspirado na mesa do estadista francês, Georges Clemenceau (ver figura 154). Há uma televisão, um toca-discos, um telefone de quatro teclas e pequenos objetos decorativos. Os móveis são da década de 1930. Alguns lustres e arandelas ainda permanecem na casa.

Na cozinha, há um elevador monta-pratos que servia para transportar a comida até a sala de jantar logo acima, no pavimento principal (ver figura 156).

O elevador ainda funciona e seu acionamento é manual através de uma corda (ver figura 157).

Figura 154 Mesa que foi de Jacintho Godoy.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Figura 155 Estante com livros da época.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Figura 156 Elevador monta-pratos para transportar a comida da cozinha para a sala de jantar.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Figura 157 Poço do elevador todo em madeira e a corda de sustentação e acionamento.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Instalações

Na ocasião da construção da casa, já existia água encanada e luz elétrica na rua. A água encanada, luz e telefonia foram instaladas ainda no final do século XIX na região.

A casa possuía um sistema de campainhas para chamar os empregados. Pequenos interruptores redondos que ainda se encontram em muitos ambientes. Assim como o mostrador instalado na cozinha, indicando o número do cômodo que solicitou o serviço (ver figura 158). Quando a Família Godoy se mudou para a casa, instalaram uma rede interna de telefone para não falar alto e fazer muito barulho nos dias de consulta (GOMES, 2005). Não há interruptores antigos para luz. Porém, há interruptores em modelos mais atuais instalados na casa. Muitos estão nos espelhos das portas (Ver figura 159).

Figura 158 Campainha para chamar os empregados, feita em aço com número do cômodo indicado e cada um dos mostradores



Fonte: Imagem da autora (março/2018).

Figura 159 Interruptor atual e a marca do interruptor antigo no espelho da porta.



Fonte: Imagem da autora (março/2018).

Segundo Carlinda Godoy, havia ventiladores e estufas na casa além do fogão à lenha na cozinha, cuja lenha era armazenada no depósito aberto aos fundos da cozinha (ver figura 162). Há um boiler instalado numa pequena sala junto ao pátio central (ver figura 160), mas não se sabe de quando seria sua instalação e se seria o primeiro a ser instalado ou substituto de outro ou ainda, se foi instalado na ocasião da construção do banheiro do segundo pavimento. Está conectado ao encanamento antigo em cobre (ver figura 161) e, segundo relatos informais, existia caldeira à lenha para aquecer a água do banho. Provavelmente eram do fogão à lenha da cozinha que não existe mais. e se conectava com o boiler. As louças e metais dos banheiros são originais e de épocas diferentes, devido às alterações posteriores.

Figura 160 Boiler ou caldeira instalada para o processo de aquecimento da água do banho.



Fonte: Imagem da autora (março/2018).

Figura 161 À esquerda da imagem, o encanamento de cobre.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 162 Antigo depósito de lenha.



Fonte: Imagem da autora (março/2018).

Figura 163 Compartimento junto à saída do fogão à lenha e chaminé. Presença de resíduos de carbono.



Fonte: Imagem da autora (março/2018).



CAPÍTULO III

3. ANÁLISE FÍSICO-AMBIENTAL E SOCIOCULTURAL

3.1. ASPECTOS FÍSICAS E AMBIENTAIS

A Casa Godoy se localiza em uma via arterial de segundo nível, que corresponde a um eixo de ligação entre o centro da cidade e bairros mais próximos, se conectando com outras vias arteriais de primeiro nível e vias coletoras. Segundo consta no Anexo 9 do PDDUA (PMPA, 2010. In http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/anexo_9revisao.pdf, 2019), a malha viária de Porto Alegre é classificada como vias arteriais, coletoras, locais e de transição.

A Avenida Independência está inserida em um tecido urbano consolidado na região central de Porto Alegre, classificada como Área de Ocupação Intensiva e Área Especial de Interesse Cultural, segundo a Lei Complementar 434/99, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental, PDDUA.

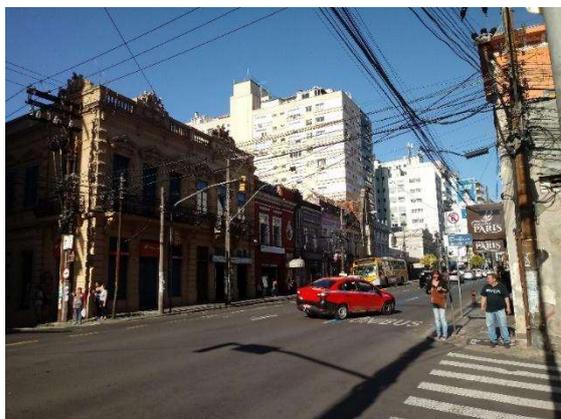
A construção da imagem nunca se dá de maneira unilateral. “As imagens do meio ambiente são resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações e o observador, com grande adaptação e à luz de seus objetivos próprios, seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê” (LYNCH, 1999, p. 16). A partir desta construção, o produto pode gerar muitas percepções diferentes do mesmo lugar, pois a identificação com estes resultados pode gerar maior ou até mesmo nenhuma interação local. Lynch (1999) comenta sobre os estereótipos: “Características chave para identificação e reconhecimento do meio em qualquer lugar. O planejamento urbano sempre se volta para a comunicação visual pela emoção. Inclusive no que tange às transformações urbanas por meio de construções novas ou “revitalizações”. Estes processos mexem na esfera emocional da população que, dentro de sua visão particular, formula uma opinião contra ou a favor das mudanças. Tanto que se percebe a luta de diferentes órgãos, entidades e sociedade civil por causa de um grupo específico, mas a ausência de um senso de coletividade e de multidisciplinaridade leva à uma luta interminável que, muitas vezes, tem final trágico. Exemplos bem comuns aconteceram e acontecem em Porto Alegre, como privatizações de espaços

públicos, a luta para comprovar os valores de bens históricos que resultaram em demolições, a luta pela preservação do meio ambiente, entre outras.

Cullen (2008, p. 19) descreve os elementos que constituem a paisagem, dividindo em três categorias fundamentais: a visão serial que constitui a percepção visual do observador ao cruzar um espaço; o local onde os espaços podem evocar e gerar apropriação de algumas pessoas; e conteúdo, que revela as variadas porções de paisagem na constituição da cidade.

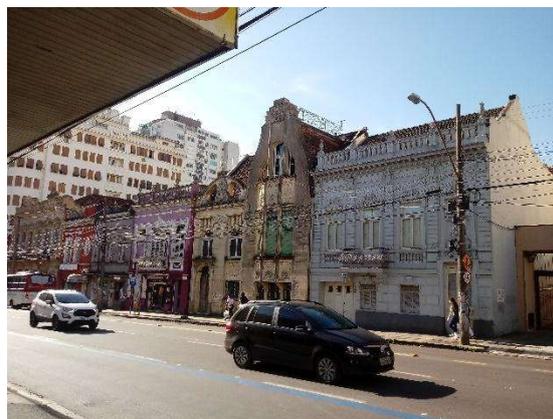
No nível do observador, as impressões do caminhar na Avenida Independência mudam constantemente. O escalonamento dos edifícios geram movimento e desconforto visual. No exemplo específico da quadra da Casa Godoy, a horizontalidade promovida pelas edificações do conjunto histórico geram conforto visual pela aproximação da escala humana. A ruptura gerada pelos edifícios altos coloca os mesmos como protagonistas, criando barreiras visuais sobre os edifícios históricos. Outras barreiras visuais acontecem como os postes e cabamentos elétricos que constituem um emaranhado de fios que se destacam negativamente na paisagem. A iluminação também contribui para a percepção do espaço. Na imagem a seguir, o sol incide fortemente nos panos de fachada dos edifícios altos, destacando-os ainda mais. Porém, o sombreamento também gera essa sensação (ver figura 164). Há barreiras ao nível do observador (ver figura 165).

Figura 164 A percepção visual vai mudando no decorrer da caminhada.



Fonte: Imagem da autora (novembro/2019).

Figura 165 Barreira visual promovida pela marquise do posto de combustíveis.



Fonte: Imagem da autora (novembro/2019).

As impressões de dentro de um veículo são ainda mais problemáticas, pois os edifícios altos se destacam. A percepção das edificações históricas é tardia. Muitas vezes, quando já está em frente a ela. Não há uma visão de conjunto satisfatória.

Outro aspecto a se notar é a largura dos passeios e os usos ao longo da via que não contribuem para apropriação do espaço por pedestres. É uma via de passagem sem espaços convidativos.

3.1.1. Vias e fluxos

O fluxo de veículos é intenso na avenida. A via possui três pistas de mão única para todos os veículos e mais uma pista exclusiva para ônibus no sentido bairro-centro. A partir da esquina da Rua Gen. João Telles, a avenida possui uma porção de canteiro central, mas se mantém em sentido único de centro-bairro. Não há ciclovias ou ciclofaixas no perímetro.

A largura dos passeios variam entre 3 e 6 metros nos dois lados e a largura total do logradouro é entre 17 e 24 metros. A maioria dos terrenos é isenta de recuo de ajardinamento, pois grande parte das edificações está no alinhamento do passeio público e inserida na Lei Complementar 601/08, Lei do Inventário, que as classifica como bens de estruturação ou compatibilização a fim de manter a morfologia do entorno de bens tombados pelo município.

Os passeios não atendem às normas de acessibilidade. Não possuem pisos podotáteis e apresentam falhas de pavimentação em muitos casos. A pavimentação varia entre ladrilhos, placas de concreto e basalto. A pista de rolamento possui pavimentação asfáltica sobre os antigos paralelepípedos. As pistas são subdivididas por faixas pintadas e, no caso da pista exclusiva para ônibus, também possui tachões.

Quanto ao mobiliário urbano, há pontos de ônibus e lixeiras ao longo da avenida. Um desses pontos é muito próximo à porta principal da Casa Godoy e possui apenas uma placa de sinalização junto a uma lixeira (ver figura 166). A qualidade do mobiliário é bastante duvidosa. O calçamento do passeio é em ladrilho hidráulico com remendos em cimento e bocas de lobo para acesso a

instalações subterrâneas. O cabeamento elétrico e telefônico é aéreo, por meio de postes de concreto com iluminação pública padrão (ver figura 167). Essa realidade é bastante comum na cidade, com raras exceções como a Rua dos Andradas. Todos os equipamentos buscam atender minimamente as normas de cada secretaria ou concessionária específica. O cabeamento aéreo prejudica a legibilidade do conjunto urbano e gera poluição visual.

Figura 166 Ponto de junto a Casa Godoy.



Figura 167 Cabeamento aparente e poste com iluminação junto ao passeio.



Fonte: Imagem da autora em (junho/2018). Fonte: Imagem da autora em (junho/2018).

3.1.2. Relevo

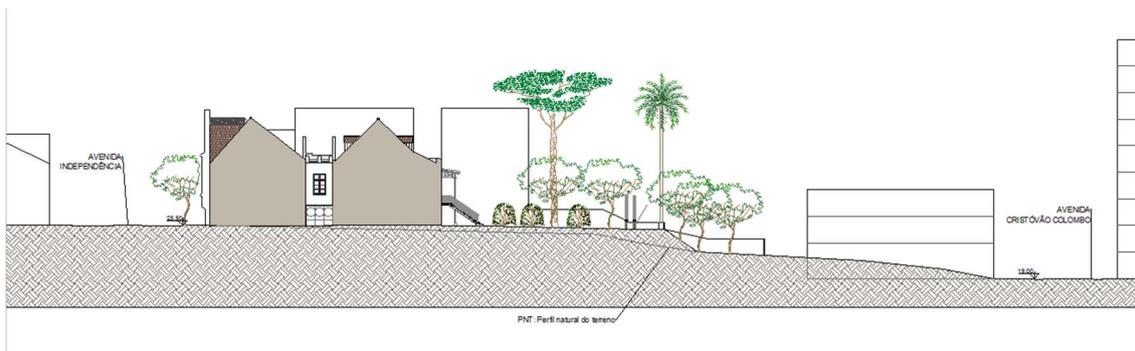
A avenida ocupa um topo de morro permeado por um grande corpo d'água mais afastado: o Rio Jacuí, afastado num raio de 1 km, que logo à frente encontra o Rio Guaíba, afastado num raio de 2,6 km da Casa Godoy. A Avenida Independência está em pequeno declive com relação ao Complexo Hospitalar Santa Casa no sentido oeste-leste. O terreno da Casa Godoy, a partir do acesso, está no nível 25 metros. Ou seja, está bem acima do nível do rio. A cota limite prevista para contenção de cheias nas margens do rio é de 3,23 metros, conforme diretrizes do Departamento de Esgotos Pluviais do município (DEP). A Avenida Independência está fora desta margem de risco de cheias pelos rios e arroios.

Figura 168 Diagrama do relevo na Avenida Independência entre a Rua Barros Cassal e a Rua Pinheiro Machado. Em vermelho, a Casa Godoy. Latitude 30.



Fonte: Desenho da autora a partir de mapa aerofotogramétrico fornecido pela Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (2018).

Figura 169 Diagrama do relevo do terreno entre as Avenidas Independência e Cristóvão Colombo.



Fonte: Desenho esquemático da autora (2018).

O solo do Bairro independência e adjacências é composto por argilossolos vermelhos e argilossolos vermelhos e amarelos combinados a presença de granito, segundo o Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre⁴. Na estratigrafia da região, foram classificados os tipos de rochas predominantes no solo. Na região da Independência, centro e adjacências se tem o chamado Granito Independência e Granófiros. É um granito cinza claro com pontos escuros representados pela presença de cristais de biotita e uma textura que pode

⁴ HASENACK, Heinrich. **Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre: Geologia, solos, drenagem, vegetação, ocupação/paisagem.** Porto Alegre: Secretaria do Meio Ambiente Municipal, 2008.

apresentar feldspatos, plagioclásios e quartzos com pouca biotita. A espessura desse tipo de solo varia entre 3 a 15 metros. Este granito ocorre no extremo oeste e sul da cidade de Porto Alegre. Ocorrem afloramentos em praças, avenidas e residências da região. Foi muito utilizado para construção civil. Principalmente em fundações de casas, prédios e muros. Bem como em calçamento de diversas vias pela cidade. (HASENACK, 2008, p. 20 e 21). Forte indício para supor que as fundações da Casa Godoy são em pedra para se adaptar ao tipo de solo.

Esse tipo de solo, na presença de granito, costuma ter boa drenagem. O lençol freático é mais profundo e tem bom suporte. Costuma ser o mais apto à construção civil. No local onde está a Casa Godoy, o escoamento superficial da área está entre 85% e 90% (HASENACK, 2008, p. 30 a 37).

3.1.3. Vegetação

Ao longo da avenida há alguns indivíduos arbóreos espalhados nas quadras. Palmeiras da Califórnia, *Washingtonia robusta*, (ver figura 170) estão implantadas no canteiro central próximo à Rua Ramiro Barcellos. Se verifica a presença de Ligustros, *Ligustrum lucidum* (ver figura 171), junto às faixas de serviço dos passeios públicos. Em frente à Casa Godoy, havia um exemplar que foi removido por não apresentar possibilidade de tratamento.

Figura 170 Palmeira da Califórnia junto ao canteiro central.



Fonte: Imagem da autora em (fevereiro/2019).

Figura 171 Ligustro em frente à Casa Godoy, que foi removido.



Fonte: Imagem da autora (fevereiro/2019).

Há importantes praças junto à avenida como a Praça Dom Feliciano, Praça Dom Sebastião e a Praça Júlio de Castilhos. Próximo a ela, está o Parque Moinhos de Vento, os Jardins da Hidráulica e o Parque da Redenção (ver figura 172) como importantes equipamentos para preservação do ambiente natural do entorno. Em uma das ruas próximas no interior do bairro está a Rua Gonçalo de Carvalho, considerada a “rua mais bonita do mundo” pelo seu túnel de árvores da espécie *Tipuana dalbergiae* (ver figura 173). Grande parte das ruas da região são arborizadas e muitas apresentam espécies como Jacarandás e Ipês de diferentes cores.

Figura 172 Parque da Redenção.



Fonte: Jornal do Mercado, (http://jornaldomercado.com.br/parque-farroupilha, 2020).

Figura 173 Vista aérea da Rua Gonçalo de Carvalho.



Fonte: Imagem G1/Globo. (http://campograndesantos.wordpress.com, 2020).

Há uma densa massa arbórea e arbustiva ao fundo do terreno da Casa Godoy. Algumas árvores como Jerivá e Araucária são nativas. Outras devem ser estudadas quanto ao corte ou podas periódicas. Há muita vegetação arbustiva próxima à casa, provocando maior teor de umidade e sombreamento na edificação, entupimento de calhas e dutos pela falta de manutenção. Nos terrenos vizinhos, há árvores de grande porte que contribuem para o sombreamento. Os panos de telhado voltados para o norte receberiam sol o dia todo, não fosse pelos edifícios altos próximos. São bastante inclinados e o escoamento das águas pluviais apresenta deficiências.

Figura 174 Vista do jardim a partir dos fundos, evidenciando a densa vegetação sem manutenção periódica.



Fonte: imagem da autora (janeiro/2019).

3.1.4. Ruído

A Avenida Independência possui um alto tráfego de veículos de todo o tipo. O trânsito diminui à noite e nos finais de semana, mas permanece intenso durante os dias de semana (ver figura 175). O fluxo maior é no sentido centro-bairro e seria assim caso não houvesse um contrafluxo de ônibus no sentido oeste. Há um ponto de ônibus junto ao passeio público em frente a casa ao lado da Casa Godoy (ver figura 176) e, portanto, as frenagens e arranques são constantes e agravam ainda mais a situação de ruídos e vibrações no edifício. O bloco 1 na parte da frente da edificação permanece fechada e se percebe nitidamente a passagem de um veículo pesado como ônibus e caminhão. A casa e os objetos vibram.

No segundo bloco aos fundos, os ruídos são bem menos audíveis, dando a impressão de que não existe grande movimento de rua próximo. O pátio central contribui para criar uma barreira ao ruído.

Não foram constatadas na análise visual fissurações estruturais em nenhum dos dois blocos. Porém, a vibração do edifício e objetos aponta a necessidade de uma avaliação criteriosa que não pôde ser realizada neste estudo devido a distância do objeto e a ausência de equipamentos. A medição deve ser realizada para aplicação das soluções adequadas à conservação do edifício como reforços estruturais de fundação e entrepisos, por exemplo.

Figura 175 Grande fluxo de veículos durante o dia.



Fonte: imagem da autora (novembro/2019).

Figura 176 Faixa exclusiva para transporte público no sentido bairro-centro.



Fonte: Imagem da autora em (fevereiro/2019).

Segundo um estudo apresentado no XXVIII Encontro da Sociedade Brasileira de Acústica no ano de 2018, os níveis de ruído na região central da cidade de Porto Alegre são bastante altos. O estudo feito por uma equipe de servidores da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade, SMAMS, da Prefeitura de Porto Alegre foi realizado nas 10 regiões da cidade que, conforme o Plano Diretor, são divididas em macrozonas pelo uso e ocupação do solo. A região central que inclui o Bairro Independência está na Macrozona 1.

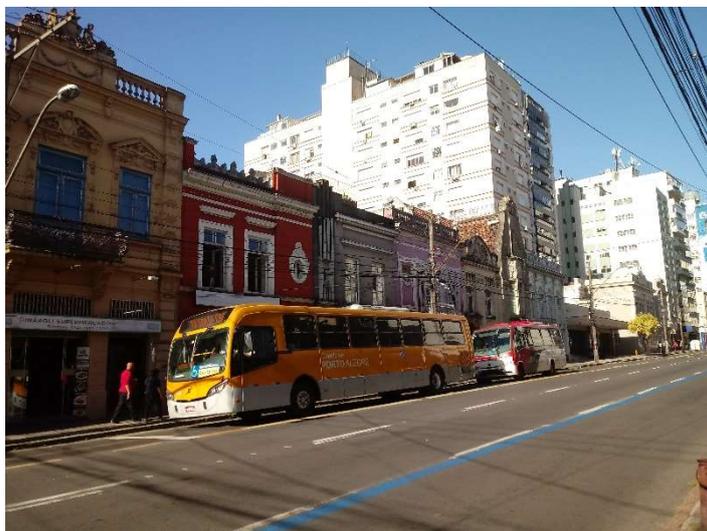
“A Macrozona 1, Cidade Radiocêntrica, que concentra aproximadamente 23% da população de Porto Alegre, é bastante atingida pela poluição sonora, principalmente nas vias de acesso à zona norte e na área central, onde os resultados chegam a 83dB(A). Outros pontos, como a área adjacente à Estação Rodoviária, no terminal Rui Barbosa e no Viaduto da Conceição, também apresentam níveis de pressão sonora equivalente próximos a 80dB(A), conforme já havia sido constatado em estudo realizado anteriormente.”

(SCHIMITT; MENTGES; ALVAREZ; PRETTO, 2018, p.09)

O estudo citado acima foi realizado em alguns pontos da região, mas é possível perceber que a realidade da Avenida Independência não se distancia deste resultado. Por isso, o estudo, tanto na via quanto no edifício, é necessário.

A mudança do ponto de ônibus localizado quase em frente a casa deve ser a primeira das soluções a serem adotadas independente da medição de ruído, pois o ponto pode ser instalado em frente ao número 488 que possui um passeio mais alargado e, portanto, possibilidade de conduzir o ônibus a uma redução de velocidade bem antes de chegar no ponto e reduzir a vibração do local. Apesar de ser próximo à Casa Godoy não é em frente à ela e as demais casas do conjunto (ver figura 178).

Figura 177 Local do ponto de ônibus atual.



Fonte: imagem da autora (novembro/2019).

Figura 178 Local possível para instalar o ponto de ônibus.



Fonte: Imagem da autora em (fevereiro/2019).

3.1.5. Uso e ocupação do solo

A Avenida Independência comporta diferentes usos e atividades em toda sua extensão. Daquela via repleta de casarões residenciais, passou a abrigar comércio e serviços de todo o tipo. Desde padarias até garagens.

Conforme mencionado anteriormente, a avenida se encontra na Macrozona 1. As atividades permitidas ao longo da avenida são classificadas como *Mista 2*

e *Centro Histórico*, conforme Anexo 5.1 do PDDUA. A atividade *Mista 2* comporta quase todos os tipos de comércio e serviços. Exceto aqueles com grandes interferências ambientais como depósitos de produtos químicos, transportadoras e outros. Quanto ao Centro Histórico, as Leis de Tombamento e Inventário propõem restrições de usos nessas edificações, tendo como premissa a preservação e conservação das mesmas.

Figura 179 Casarão que se mantém com uso residencial na avenida.



Fonte: Imagem da autora em (fevereiro/2019).

Figura 180 Casa residencial na Avenida Independência.



Fonte: Imagem da autora em (fevereiro/2019).

Há muitos edifícios cuja base ocupa todo ou quase todo terreno e concentra atividades de comércio e serviços voltados para a via. Garagem e outros equipamentos condominiais aos fundos. O corpo mais estreito e verticalizado é residencial ou serviços de escritório e chega até 11 pavimentos. O termo conhecido no meio acadêmico como “garrafa sobre a bandeja”. Alguns edifícios são blocos monolíticos.

As edificações antigas espalhadas ao longo da via receberam usos diversos. Sendo lojas de roupas, confeitarias e restaurantes os mais comuns. Percebe-se algumas lojas de decoração, escolas, edifícios institucionais e poucas residências. O interior desses edifícios, geralmente é descaracterizado para abrigar os novos usos, deixando evidente que o uso vem antes do valor cultural.

Há equipamentos importantes ao longo da avenida e seu entorno, como os hospitais mencionados no Capítulo I.

Figura 181 Modelo reduzido do mapa com atividades e usos ao longo da Avenida Independência (ver Volume III, Prancha 1).



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Gabaritos

Ao longo dos anos, conforme já mencionado, a avenida sofreu intensas modificações na sua volumetria. A alternância entre casas de até dois pavimentos e edifícios deixa evidente que em determinado período não houve qualquer preocupação com a morfologia de uma das avenidas mais importantes da região central. As alturas variam de 8 a 52 metros. Volumetria máxima permitida, conforme Anexo 7.1 do PDDUA.

Figura 182 Gabaritos ao longo da avenida (ver Volume III, Prancha 2).



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

No entorno imediato à Casa Godoy, há uma concentração de edificações inventariadas que mantém naquela porção de quadra a percepção visual do antigo gabarito. Porém, em poucos metros, essa percepção sofre uma ruptura através dos edifícios altos (ver figura 183).

Figura 183 Perfil da quadra da Casa Godoy, evidenciando o impacto dos edifícios altos (ver Volume III, Prancha 4).

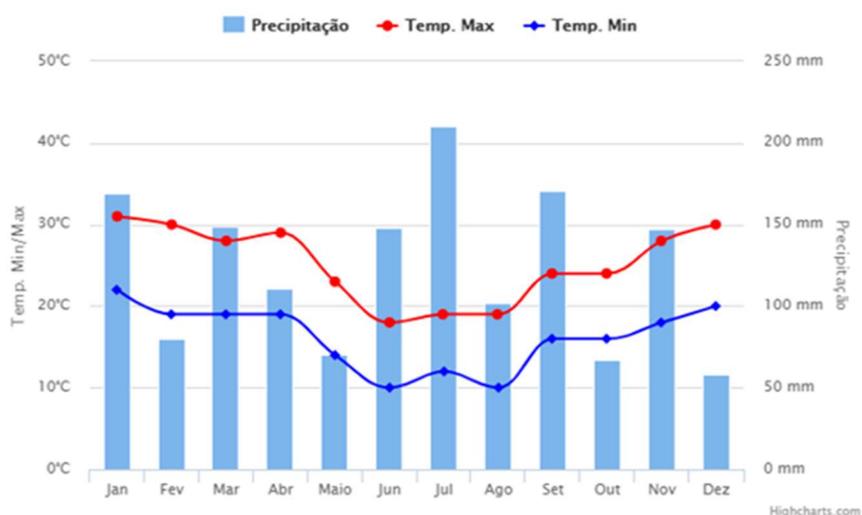


Fonte: Elaborado pela autora (2019).

3.1.6. Clima

O clima da cidade é quente e úmido no verão e frio e úmido no inverno. No Rio Grande do Sul, a amplitude térmica é bastante comum. Podendo sofrer variações de até 10° C entre manhã e noite. Principalmente no verão, essa amplitude provoca tempestades severas com raios, granizos e ventos fortes. Em especial, quando da ação do fenômeno meteorológico conhecido como *El Niño*, que se caracteriza pelo aquecimento anormal das águas do oceano pacífico, possibilitando a formação de grandes nuvens. No gráfico disponibilizado pelo Climatempo, é possível verificar essas características (ver figura 184).

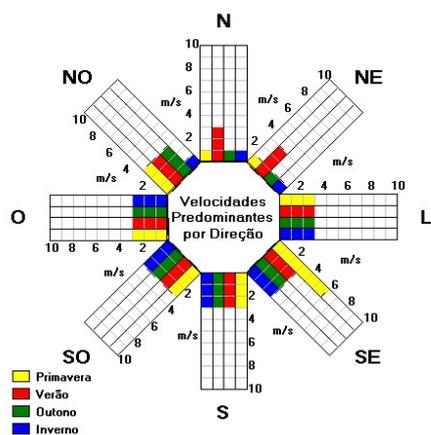
Figura 184 Climatologia de Porto Alegre.



Fonte: Portal Climatempo. (<http://climatempo.com.br/climatologia/363/portoalegre-rs>, 2018).

Os ventos em Porto Alegre são variáveis. Porém, o vento Sul ocorre com mais frequência no inverno (ver figura 185). As chuvas costumam ser mais constantes na primavera e outono. E mais espaçadas no verão. Porém, em forma de tempestades e com possibilidade de grandes volumes. Em diferentes estações, se nota maior incidência Sul-sudeste e sul-sudoeste.

Figura 185 Rosa dos ventos, indicando a predominância de ventos nas diferentes estações. A fachada sul recebe vento em todas as épocas do ano.



Fonte: Gráfico gerado pela autora através do software Sol-Ar (2018).

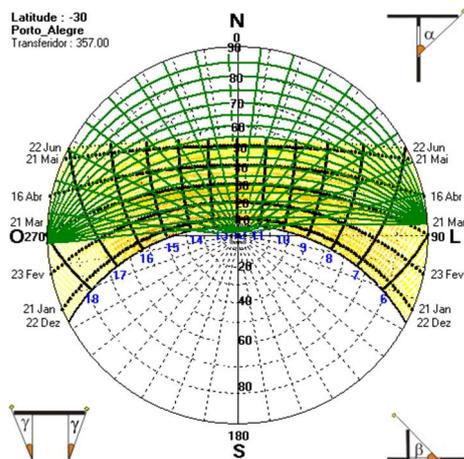
Segundo o Centro Integrado de Comando da Metroclima, em Porto Alegre, a precipitação pluviométrica da região central da cidade apresentou nos meses de janeiro e junho de 2018, volumes de chuva de 166 e 158,50 milímetros, respectivamente. Dados coletados a partir de pluviômetros manuais durante todo o período (PMPA, 2019. In portoalegre.rs.gov.br/ceic/default.php?p_secao=28, 2019).

As testadas dos terrenos ao longo da via se voltam para norte no sentido centro-bairro e para sul no sentido bairro-centro. As fachadas em posição norte, quando não comprometidas por prédios altos à frente, recebem luz solar o dia todo, enquanto que ao sul, praticamente não recebem. Recebem parcialmente na primavera e no verão.

A Casa Godoy tem sua fachada voltada para o sul. Nunca recebe luz solar direta nos cômodos da frente. O pátio central contribui um pouco para a incidência de luz nos cômodos voltados para o norte e leste. Porém, o sul não recebe. A inclinação do sol em Porto Alegre é de 37° no inverno e 83° no verão.

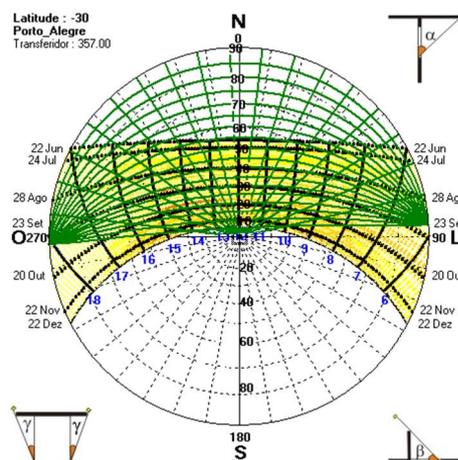
A casa está situada nas coordenadas geográficas $30^{\circ}01'45.3''\text{S}$ $51^{\circ}13'00.4''\text{W}$ (ver figuras 186 e 187).

Figura 186 Durante o inverno não há incidência solar na fachada sul.



Fonte: Gráfico gerado pela autora através do software Sol-Ar (2018).

Figura 187 No Verão, o sol incide mais no horário da manhã e um pouco à tarde na fachada sul.

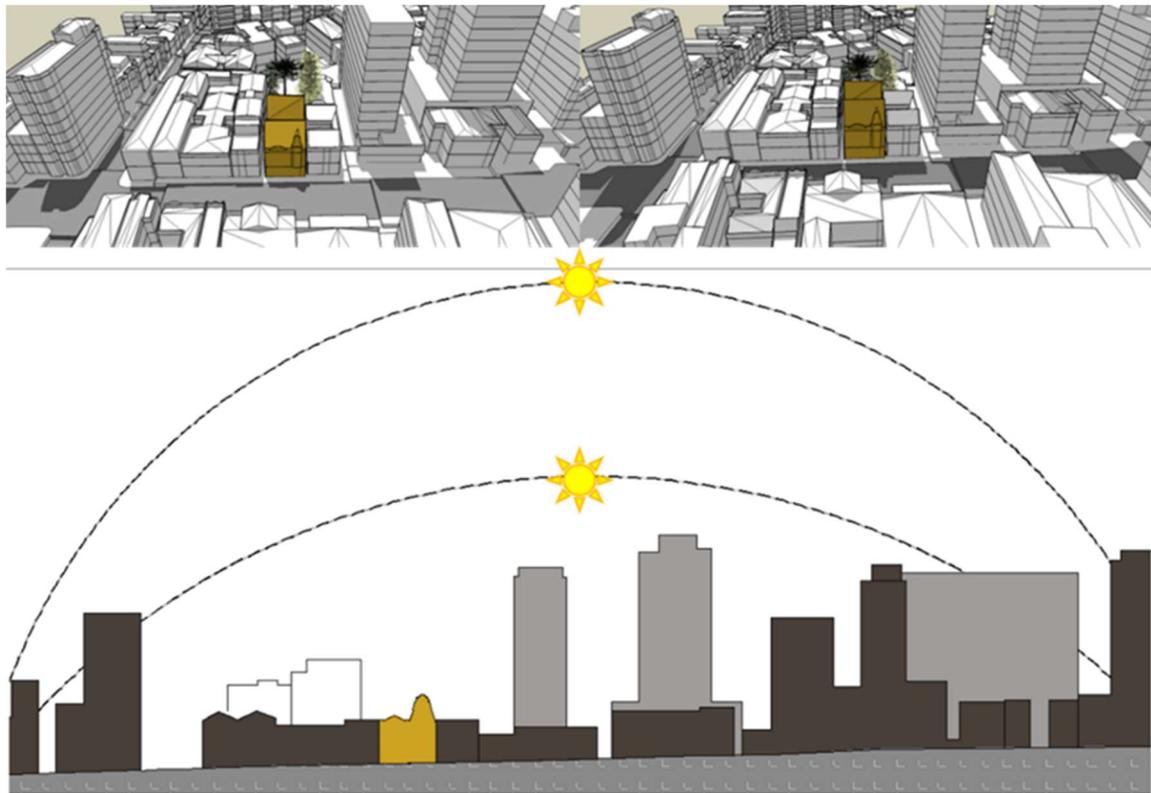


Fonte: Gráfico gerado pela autora através do software Sol-Ar (2018).

A edificação sofre um sério problema de condicionamento térmico. Ela perde calor e não recupera, gerando ambientes quentes no verão e muito frios no inverno. O pátio central não tem largura suficiente para receber mais sol e promover maior troca de energia. As paredes de divisa, muros e densa vegetação ao fundo do terreno contribuem para essa realidade. Assim como o fato das esquadrias dos cômodos da frente nunca estarem abertas. Não há ventilação cruzada no pavimento principal por conta disso. Embora as paredes sejam espessas, não conseguem segurar a temperatura.

As edificações da quadra estão nos limites da testada de seus terrenos, unindo as empenas e criando um panorama contínuo com sombreamento total da fachada sul durante o inverno e parcial no verão conforme diagramas abaixo (ver figura 188).

Figura 188 Diagrama da incidência solar norte no verão e inverno.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 189 Imagens tomadas às 15 horas numa tarde de inverno.



Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

Figura 190 Os panos de fachada contínuos e lineares, mais o sombreamento de prédios.



Fonte: Imagem da autora (junho/ 2018).

Figura 191 Sol da manhã de verão (8h AM) com forte incidência na fachada.



Fonte: Imagem de Jorge Stocker Jr (novembro/ 2018).

Figura 192 Tarde de verão com sol oeste incidindo parcialmente na fachada (às 16 h).



Fonte: Imagem da autora (novembro/2019).

As edificações antigas próximas à casa Godoy concentram usos voltados principalmente para serviços de alimentação. A Casa Godoy e Casa Torelly pertencem à Secretaria Municipal da Cultura e ambas abrigam setores desta secretaria. Ainda na mesma quadra há edifícios altos com uso misto e, pelo menos, duas casas antigas fechadas sem aparente uso. Há salas de escritório concentradas em muitos edifícios altos. Não se percebe a presença de muitas agências bancárias, casas lotéricas e outros usos que permitam maior concentração de pessoas na rua. Esses usos mais concentrados em serviços de escritório contribuem para o esvaziamento do local nos finais de semana. Apesar de existir na avenida uma importante igreja, uma grande escola e três hospitais, permanece servindo apenas de passagem para os pedestres em pouco número. Há edifícios de estacionamento ao longo da avenida. Os hospitais, por possuírem áreas abertas, concentram as pessoas dentro de seus limites.

O Plano Diretor do município, Lei Municipal 434/99, classifica a Avenida Independência como área de ocupação intensiva. Porém, com seus bens inventariados e tombados, também está dentro das condicionantes de área especial de interesse cultural, devendo qualquer projeto ser submetido à análise da Equipe de Patrimônio Histórico e Cultural do município, EPAHC.

Como se pode notar, não há usos voltados para a cultura como teatros, cinemas, centros culturais, museus e pinacotecas. Esses usos se consolidaram no perímetro do Centro Histórico de Porto Alegre.

A Casa Godoy, antes da interdição ocorrida em 2003, recebia eventos culturais bastante interessantes que traziam mais vitalidade para a avenida que sempre é deserta à noite. Aconteciam saraus e chorinhos que movimentavam o ambiente. Mas devido ao estado de conservação da casa, a concentração de pessoas se tornou arriscada.

Atualmente, Porto Alegre passa por uma grave situação social comum às grandes cidades, onde há muitos moradores de rua e usuários de drogas. Embora possam não apresentar problemas para quem transita pela via, gera a sensação de abandono do lugar como um todo. Alguns deles vivem nas calçadas, marquises de edifícios ou nas escadarias laterais do viaduto da Conceição. Muitos dormem em frente aos casarões abandonados e, se possível, até dentro deles. A Casa Godoy era uma delas, que permaneceu fechada por cerca de 4 anos, retomando suas atividades em 2017. O então Coordenador da Memória Cultural, Eduardo Hahn decidiu ocupar novamente para evitar a celeridade no processo de degradação do edifício.

Figura 193 Porção de quadra com volumetria ainda preservada.



Fonte: Imagem da autora (fevereiro/2019).

Figura 194 Casa Frasca, na mesma quadra, com uso misto. Comércio e serviços no térreo, serviços e residência no segundo pavimento.



Fonte: Imagem da autora (fevereiro/2019).

A ausência de vitalidade na avenida no turno vespertino gera riscos para quem vive nela ou mesmo, necessita transitar por ela. A reativação dessas

atividades culturais na Casa Godoy não seria a solução para o todo. Porém, agregar atividades ou ampliar horário de funcionamento de alguns restaurantes e similares poderia ser o começo.

Havia uma casa noturna instalada em um antigo casarão da avenida. A casa denominada “Cabaret Voltaire” sofreu um incêndio em 2013 que consumiu 2/3 de sua estrutura e permanece até os dias de hoje, 2020, sem qualquer sinal de recuperação e com pessoas em situação de rua sobre suas marquises. Embora estivesse com documentação em dia, o uso inadequado do edifício pode ter sido a principal causa para esse desfecho. O incêndio, neste caso, aconteceu no momento em que o prédio ainda estava vazio. Cerca de 3 horas antes de abrir para uma festa (ver figura 195).

Usos inadequados podem ter origem em diversos fatores, começando por falhas de projeto até ações que desrespeitam as normas de incêndio. Uma edificação inventariada como estruturação pode sofrer algumas alterações mediante projeto, mas a sensibilidade de perceber o uso adequado ao edifício está em quem projeta. O principal conflito é a vitalidade da avenida, pois o movimento de pedestres traz maior segurança e fomenta a cultura e economia.

A Casa Godoy está em seu estado praticamente íntegro de preservação de elementos originais. Intervir com usos que possam alterar suas características, ainda que fosse possível, não seria adequado. Poderia, caso não fosse um uso institucional, ser uma bela casa de chás ou como já propuseram anteriormente poderia ser uma loja de antiguidades e outros usos que não compromettesse sua compartimentação e materialidade.

Acreditando na possibilidade de restauro da Casa Godoy, a conservação da mesma pode se dar de diversas formas: a primeira delas através de cartilha de conservação que prevê o uso e manutenção adequados dos espaços. A segunda alternativa que funciona bem com a primeira é uma equipe responsável por monitorar o desempenho da edificação e a necessidade de manutenção. Outra forma é criar atividades de fomento à preservação. Atividades que possam contribuir financeiramente, criando um caixa para manutenção periódica. Algumas são bastante requisitadas por ser um espaço charmoso aos olhos da população, como locação do espaço para ensaios fotográficos. Algo esporádico,

mas que pode estar disponível mediante agendamento. Há poucos anos, a casa foi locada para as gravações de um longa-metragem sobre música, chamado “Espia só: descobrindo a música de Octávio Dutra”, de Saturnino da Rocha. O cinema é algo bastante forte no Rio Grande do Sul e sua forma de trabalhar é sempre com locação de espaços existentes. É um tipo de evento raro, porém, possível de acontecer (ver figura 196).

Figura 195 Prédio onde funcionou a Casa Noturna Cabaret, ainda com as marcas do incêndio de 2013 e do abandono.



Fonte: Imagem da autora (fevereiro/2019).

Figura 196 Imagens do longa-metragem "Espia só".



Fonte: Blog do Cine Bancários (<http://www.cinebancarios.blogspot.com>, 2019).

A locação de salas para palestras, pequenos cursos e oficinas também é algo possível. O jardim dispõe de espaço para instalações efêmeras, como oficinas de restauro, por exemplo. Eventos ao ar livre, também para um número limitado de pessoas. Essas atividades e outras podem gerar um fundo para conservação da casa. Se houver alguma parceria público-privada, essa possibilidade aumenta. Porém, para concentrar uma atividade fixa, seria necessário algo como um serviço. Como um espaço Café ou restaurante. E como há tantos no entorno talvez não seja viável. Esse tipo de uso demandaria muitas mudanças que poderiam comprometer a integridade da edificação como visto nas edificações do entorno que se desfiguraram após receber esses usos por intervenções inadequadas.

Projetos culturais passíveis de captação de recursos através da Lei de Incentivo à Cultura podem abrir mais possibilidades. O uso do espaço para exposições, além dos já programados saraus e chorinhos. Outros tipos de

atividades como teatro e dança ao ar livre e ainda, incluir a Casa Godoy na rota da “Noite nos Museus”. Evento que reúne arte e mobilidade urbana, pois cria um circuito de museus para visitação. Acontece desde 2016 e é escolhida uma noite do mês de maio onde todos os museus abrem entre 19 horas e 0 horas com atrações que vão desde exposições até apresentações teatrais e musicais. Esse projeto foi inspirado no evento que ocorre em Berlin, na Alemanha e tem patrocínio e apoio de instituições e empresas públicas e privadas (informações disponíveis em <http://www.margs.rs.gov.br/midia/noite-dos-museus-promove-visitacao-com-musica-e-atividades-gratuitas-neste-sabado-em-porto-alegre/>, 2019).

A Casa Torelly poderia fazer parte desse circuito e de outras atividades culturais. Isso abriria a possibilidade de atrair o público e assim, levar os comerciantes locais a ampliarem seus negócios ou atrair novos negócios.

A dinâmica do lugar se desenvolve em comércio e serviç s junto ao alinhamento do passeio. O comércio de porta é um desdobramento do que acontece no centro histórico da cidade. Dinâmica que já faz parte do lugar. Seria necessário trabalhar formas para atrair a atenção do público externo.

O atual uso institucional já está consolidado, embora passível de mudanç s. É sabido que esse uso não consegue atender as demandas que a casa necessita. A Casa Godoy aguarda por restauração desde 1997. Entre 1998 e 2000, passou por restauro nas coberturas, esquadrias da fachada principal e estrutura de aço da varanda. Pois a casa sofria com grandes infiltrações de água pelas coberturas. Isso ajudou a reduzir os impactos, mas deixou grandes sequelas que necessitam de atenção. A falta de recursos faz com que a Secretaria da Cultura trabalhe com as ferramentas que tem. Instalações precárias, pouco dinheiro em caixa para fazer reparos que, quando são feitos, são de maneira inadequada.

Além dos usos já mencionados, a Secretaria Municipal da Cultura pretende trazer para junto da Coordenação da Memória Cultural a Equipe de Patrimônio Histórico, EPAHC. Pois esta não tem sede própria e ocupa um prédio pertencente ao Arquivo Histórico Moysés Vellinho, localizado na Avenida Bento Gonç lves. Porém, há que se debruçar sobre essa possibilidade, pois três

setores demandam grandes cargas permanentes e acidentais ao edifício que pode não aceitar bem toda essa demanda.

Quando se fala de um bem que agrega valores que vão desde sua arquitetura até o valor de conjunto, os usos ficarão sempre em segundo plano. Como bem coloca Giovanni Carbonara, há que se ter a capacidade de escutar o monumento. Pois projetar o novo não deve estar sobre os valores do antigo. A Casa Godoy é uma das poucas edificações no estilo Art Nouveau em estado íntegro de preservação na cidade de Porto Alegre. A responsabilidade de intervir num edifício íntegro e alterá-lo pelo novo uso é grande e pode gerar sérias consequências na história do edifício e da sociedade da qual faz parte. A manutenção do uso atual, visando à conservação de seu estado original através do restauro e agregando usos efêmeros que não afetem sua materialidade parece o caminho a ser seguido.

3.2. DIAGNÓSTICO

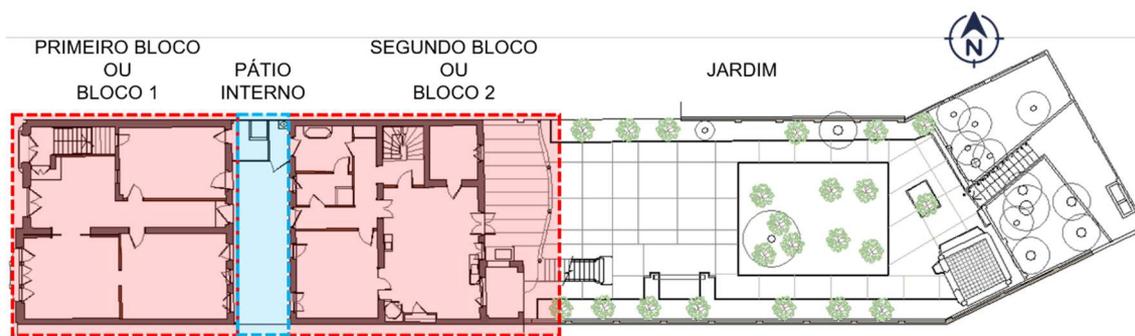
Através do Mapa de Danos (ver Volume III) e apoio das Fichas Fotográficas de Diagnóstico (ver Volume II) é possível visualizar com maiores detalhes os danos presentes na edificação. Muitos deles se repetem, pois o principal agente é a água que se apresenta ou se apresentou de diferentes fontes. Outros danos aparecem em decorrência de outros agentes que se permitem atuar com mais força através da presença de água que funciona como uma porta de entrada para eles.

O diagnóstico se deu a partir de análise físico-visual no local, do levantamento planialtimétrico arquitetônico e fotográfico, acervo documental e fotográfico fornecido pela secretaria da cultura, depoimentos de usuários do espaço e, a partir destes dados, a escolha de um ponto estratégico da edificação para ensaios destrutivos e análise em laboratório que serão melhor explicados no decorrer deste capítulo.

Para descrição da edificação nesta análise, a mesma será dividida em quatro setores para facilitar a compreensão. Serão utilizadas nomenclaturas para localização, tais como: primeiro bloco junto ao alinhamento do passeio

público; o pátio interno, que se refere ao pátio central entre os dois blocos, incluindo os sanitários; segundo bloco que está entre o pátio interno e jardim e o jardim aos fundos do terreno. Assim foi pensado, pois o edifício não é um volume monolítico, conforme visto no Capítulo II.

Figura 197 Setorização para análise de diagnóstico



Fonte: elaborado pela autora (2020).

3.2.1. Análise do estado de conservação

A Casa Godoy se apresenta num estado de conservação ruim, porém bastante íntegro, com poucas alterações significativas de materiais, compartimentação e volumetria ao longo dos anos.

Pelo histórico da edificação, a primeira condição apontada para atuação direta ou indireta dos agentes começa pela falta de manutenção. Ou seja, a ação ou falta de ação humana como um dos grandes agentes de degradação. Os antigos proprietários deixaram de fazer as manutenções periódicas por falta de recursos. Telhas quebradas e escoamentos insuficientes levaram à infiltração por água descendente da cobertura, contribuindo para a ação direta dos insetos xilófagos nos elementos em madeira, aparecimento de microrganismos e outros. Em seguida, a edificação foi tombada e desapropriada, ficando nas mãos da Secretaria da Cultura do município que fez adaptações para instalar a Coordenação da Memória Cultural no espaço. As instalações elétricas e de processamento de dados foram feitas de forma precária. Não há tomadas suficientes para todos os equipamentos e muitos cabos e fios estão aparentes. Apesar de investimentos no restauro da cobertura e fachada principal, os danos

permanecem até hoje. Muitos danos são inativos. Como não foi possível dar continuidade à obra de restauro iniciada no fim da década de 1990 por falta de recursos, foram feitas adaptações para o uso. E por um período de aproximadamente 4 anos, a casa ficou abandonada pelo risco apresentado a seus usuários, ficando à mercê de arrombamentos, acúmulo de lixo e depósito de móveis antigos da prefeitura, contribuindo para o agravamento dos danos.

Em 2017, por iniciativa do então Coordenador da Memória Cultural, Eduardo Hahn, o espaço teve seu uso retomado. Algumas salas permanecem sem uso pelo risco que apresentam, conforme pode ser visualizado no Mapa de Danos (ver Volume III) e no Caderno Fotográfico (ver Volume II).

Instalações

Algumas novas adaptações foram feitas. Os relógios medidores foram trocados para trifásicos, possibilitando maior segurança para uso de mais equipamentos que demandem mais energia. Porém, a instalação deverá ser melhor organizada para evitar riscos. Há fios aparentes e sem adequada adaptação. (ver figura 198 e 199). Os aparelhos de ar condicionado instalados em 2018 têm tomadas e disjuntores específicos. Foram instalados em razão do péssimo condicionamento térmico do edifício e, conforme mencionado na análise físico-ambiental, Porto Alegre tem invernos rigorosos e os aquecedores simples não dão conta de aquecer o ambiente. Pelo que se constatou, havia instalação de aquecedores somente nas salas de banho. Algo que não existe mais. Sendo assim, o ar condicionado no modo quente-frio foi a solução encontrada pela SMC para amenizar o frio do inverno e o calor intenso do verão. Porém, é necessário um estudo aprofundado sobre as instalações e sua correta adaptação à edificação, pois a perfuração de paredes tão antigas e os pontos de instalação dos condensadores (ver figura 200) podem prejudicar ainda mais o edifício. As mangueiras dos aparelhos de ar condicionado também não têm escoamento correto (ver figura 201).

Figura 198 Quadro de distribuição localizado na área de recepção.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 199 Instalação de central de processamento de dados inadequada em uma das salas do porão.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

O ar condicionado pode manter a questão da trabalhabilidade excessiva dos materiais que os longos períodos de infiltrações pela cobertura provocaram, deixando sequelas. Porém, o uso de ar condicionado não pode ser dispensado. Principalmente nos ambientes do porão onde não há possibilidade de abertura das janelas da fachada sul. Apesar da interrupção da ação através da intervenção nas coberturas no ano de 1999, a dilatação e retração a que foram expostos a estrutura e demais elementos deixaram marcas.

Os aparelhos de ar condicionado e seus componentes em uso atualmente, independente da solução adotada em projeto, serão considerados elementos espúrios. Pois as condensadoras e dutos instalados inadequadamente na parede externa e interna provocam poluição visual, interferindo negativamente na legibilidade do edifício. Embora instalados no pátio interno que se configura um pátio de transição e serviço.

As sequelas deixadas pela ação da água descendente vão desde o ressecamento das fibras da madeira do forro, degradação e desprendimento de elementos decorativos em papel machê, perda da camada pictórica (ver figura 202), ressecamento, trincas e desprendimento de revestimento das paredes, perda de camada superficial da madeira pela aparente concavidade nos assoalhos, alteração cromática (ver figura 203) e outros (ver Volume II, Caderno Fotográfico de Diagnóstico).

Figura 200 Posição da condensadora de um dos aparelhos de ar condicionado, instalado numa das salas do pavimento principal voltada para o pátio central.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 201 Mangueira transparente para escoamento das águas do ar condicionado instalada inadequadamente. Escoa diretamente no piso, junto à parede e junto ao eletroduto.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 202 Perda da camada pictórica e de parte do revestimento da sala de jantar pela ação da água descendente da cobertura.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 203 Apodrecimento dos elementos de madeira. Aparentes concavidades e alterações de cor. Na imagem, o piso da sala de estar.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Ainda ocorrem outras ações da água no edifício. Tais como água ascendente por vazamentos por orifícios em tubos e conexões de cobre. Descendente de calhas tanto da casa, quanto dos vizinhos (ver figuras 204 e 205). Telhados encostando nas empenas sem rufos de parede (ver figura 206).

Infiltração por terraços dos vizinhos sem vedação e escoamento correto. Escoamento inadequado através de lajes de cobertura e quebra de calhas e tubos de queda (ver figura 207). Escoamento inadequado das águas pluviais no pátio interno, que não tem escoadouros o suficiente para dar vazão a tanta água. As calhas desembocam diretamente no piso na maioria dos casos e drenam junto à parede até alcançar parcialmente o escoadouro, pois no trajeto a água fica acumulada no piso até evaporar naturalmente.

Figura 204 Prédio vizinho do lado oeste com dois terraços encostados na casa. Nota-se que não há bom escoamento



Fonte: Imagem da autora (fevereiro/2019).

Figura 205 Mesmo prédio que subiu em altura sobre uma casa antiga que teve seu telhado original retirado



Figura 206 Telhado do anexo do prédio vizinho encostado na parede da Casa Godoy sem qualquer sinal de rufo junto à parede.



Fonte: Imagem da autora (fevereiro/2019).

Figura 207 Ruptura da calha na varanda, criando uma cortina de água junto à parede da divisa.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Coberturas

Os dois blocos apresentam cobertura de telhas cerâmicas em duas águas tipo francesas, abrigando sótãos de mansarda. Há deslocamento e quebra de algumas telhas, mas não ocasionaram infiltrações. O sub telhado serve de barreira contra infiltrações diretas. Na recuperação da cobertura, todo o madeiramento foi substituído, incluindo a vedação das trapeiras, conforme mencionado anteriormente. As cumeeiras receberam dutos de convecção e a esquadria da mansarda junto à fachada sul e as esquadrias das trapeiras foram restauradas. Não há informações sobre substituição ou recuperação destas esquadrias. As telhas apresentam acúmulo de biofilme e microflora pela exposição direta às intempéries. A crosta negra aparece fortemente devido a emissão de gases poluentes dos veículos que transitam pela região central da cidade. Especialmente na Avenida Independência.

A cobertura em vidro da varanda também foi recuperada. Antes, possuía uma cobertura em telhas onduladas, pois a cobertura original não existia mais. A cobertura atual foi feita nos moldes da antiga e recebeu um vidro aramado para proteção contra quebras. Não foi suficiente, pois os vidros apresentam muitas quebras e trincas. Em dias de chuva, infiltra água por essas trincas e acumula no piso da varanda.

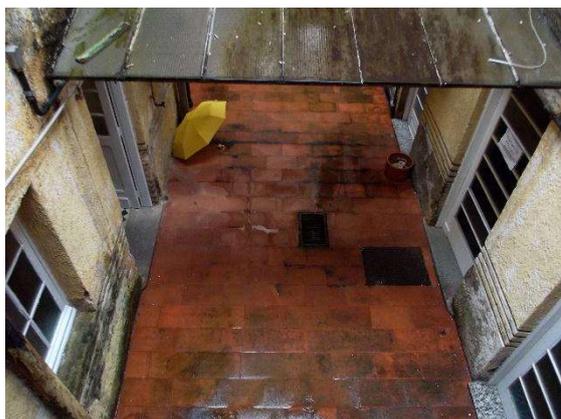
O terraço não é utilizado. Tem uma manta impermeabilizante sobre o piso, mas ainda concentra macrofloras nos cantos, grande quantidade de microflora acumulada em diversos pontos, biofilmes e crosta negra acumulados nos rebocos. O gradil do guarda corpo está bastante oxidado, apresentando risco de corrosão galvânica. A madeira do topo do guarda corpo está totalmente apodrecida com ressecamento total das fibras. O terraço também apresenta deficiências no escoamento das águas pluviais, que se dá por uma gárgula que desemboca direto sobre a cobertura de vidro da varanda que, por sua vez, está sem tubo de queda e sem parte da calha. O rufo de parede também não está adequado.

A infiltração das coberturas ocorrida no passado foi sanada. Porém, na atualidade acontecem outros tipos de infiltrações. Não são frequentes, mas são ocasionados pela falta de manutenção.

Ocorrem infiltrações de água quando há entupimento de calhas ou rompimento de emendas. Estes entupimentos são geralmente provocados pelo acúmulo de folhas das árvores e outras sujidades nas saídas dos tubos de queda.

Em janeiro de 2019, durante uma das visitas, aconteceu uma forte chuva na região, que provocou um vazamento de água para dentro de um dos dormitórios do segundo bloco por uma das calhas que estava parcialmente rompida, agravando ainda mais a situação do forro e do assoalho (ver figura 209). A água desceu em abundância, encharcando a parede do dormitório e gotejando no entrepiso até alcançar a sala de banho no porão.

Figura 208 escoamento no pátio central, gerando acúmulo de água em diversos pontos.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 209 Vazamento na calha, comprometendo ainda mais o forro do antigo dormitório.



O rompimento de calhas pode ter como causa a oxidação de parafusos de conexão das peças. As calhas são em chapas metálicas galvanizadas à zinco e emendadas por parafusos para vencer a área de escoamento das coberturas. No entanto, pode ocorrer a oxidação por meio de pequenas brechas na superfície que não receberam a galvanização adequadamente ou através de parafusos não galvanizados (ver figuras 210 e 211).

Figura 210 Oxidação de um dos rufos.



Imagem da autora (junho/2018).

Figura 211 Calha com muitos pontos de oxidação.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Em novembro de 2019, houve um forte temporal que ocasionou um transbordamento da calha junto à fachada norte. Mais especificamente na cobertura sobre a antiga sala de fumar junto à sala de jantar. A água, assim como no caso citado anteriormente, desceu em abundância até o depósito atrás da cozinha, encharcando a parede da divisa. Na imagem (ver figura 212) é possível notar que pouco restou do forro bastante apodrecido do depósito e a parede estava molhada. A situação da saleta de fumar não foi verificada, porque a sala de jantar estava em uso para uma reunião naquele momento. Segundo o servidor responsável pela manutenção do jardim, o transbordamento se deu pelo acúmulo de folhas das árvores que acontecem pela grande quantidade de árvores altas próximas, inclusive dos terrenos vizinhos (ver figura 213). A falta de podas periódicas destas árvores e falta de manutenção e limpeza das calhas são os principais fatores que desencadeiam o transbordamento.

Na intervenção para recuperação da cobertura, o sistema de escoamento das águas pluviais foi substituído. Porém, não escoam adequadamente no terreno pela ausência de escoadouros adequados. No primeiro bloco, a infiltração do passado foi menos severa. Embora tenham os mesmos problemas do segundo bloco, são em menor quantidade.

Figura 212 Forro do depósito condenado pela ação da água.



Imagem da autora (novembro/2019).

Figura 213 Árvores altas no pátio do vizinho com suas copas alcançando o jardim da Casa Godoy.



Imagem da autora (fevereiro/2019).

Pisos e forros

Os entrepisos, conforme já relatado, sofreram com as infiltrações. Os elementos de madeira, principalmente no segundo bloco, estão bastante comprometidos. Forros com pontos de podridão e assoalhos com pontos intransitáveis devido à perda de seção ou apodrecimento. Este setor da casa está sem uso pelos funcionários da prefeitura. A escadaria de serviço também está bastante comprometida, necessitando de um olhar cuidadoso sobre cada peça. O estado precário da porta de acesso ao terraço contribuiu para isso, pois em dias de chuva a água penetra pelas lacunas e acumula no patamar e alguns degraus (ver figura 214). Também não há forro na caixa de escada. É possível perceber que havia forro no passado, pela presença de uma porção de aba ainda presa à parede. O assoalho de ambos os sótãos está num estado de conservação ruim. No sótão do segundo bloco, está completamente comprometido (ver figura 215), ocasionando acidentes e comprometendo ainda mais o forro da sala de jantar. O local está intransitável. No sótão do primeiro bloco, há dúvidas quanto ao piso ser totalmente original, pois há trechos com tábuas mais estreitas e boa parte com tábuas mais largas com junta seca. Algumas destas estão em melhor estado de conservação.

Figura 214 Caixa de escada de serviço. Ao fundo, a porta de acesso ao terraço bastante comprometida.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 215 Assoalho intransitável no sótão do bloco 2.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

O forro do porão do segundo bloco está quase totalmente comprometido. Há muitas perdas de camada superficial da madeira, ressecamentos, manchas e afundamento da superfície. O ataque generalizado de insetos xilófagos facilitado pela ação da água provocou muitos pontos de fragilidade na madeira.

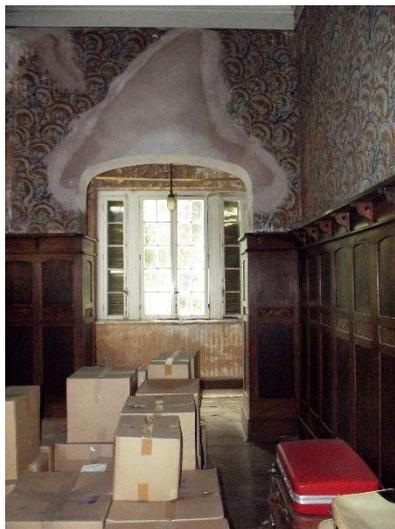
Quanto aos barrotes e vigamentos de madeira, não foi possível visualizar para verificar as condições dos mesmos no entrepiso do pavimento principal e porão. Pelo avançado estado de degradação do assoalho e forros no segundo bloco, há grande possibilidade de apodrecimento total dos mesmos. Na sala de jantar, há uma fissura de sobre a verga em arco da porta de acesso à varanda (ver figura 216). Esta fissura, que aparentemente é de revestimento, pode indicar a trabalhabilidade excessiva dos barrotes pela ação da água naquele período. Na mesma parede, havia uma grande fissura acima do arco entre a sala de jantar e a sala de fumar. Foi recuperada através do grampeamento e fechada com novo reboco (ver figura 217). É necessário verificar minuciosamente a extensão da fissura sobre a porta e monitorá-la no momento da retirada do assoalho. Pois pode estar além do revestimento. Aparentemente não há fissuras no topo da parede, mas pode estar localizada entre a argamassa de assentamento dos tijolos.

Figura 216 Fissura na verga em arco.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 217 Arco recuperado no final da década de 1990.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Os barrotes e vigamentos entre o pavimento principal e o sótão estão num estado de conservação ruim. Será necessário verificar através de análises laboratoriais a extensão do comprometimento dos mesmos. Não foi possível retirar amostras na ocasião.

No primeiro bloco, a degradação é um pouco menor que no segundo bloco, pois como visto, as infiltrações por água descendente aconteceram em menor intensidade.

O forro em madeira do pavimento principal apresenta muitos pontos de podridão pelo ressecamento das fibras, craquelamento, com perda parcial de elementos decorativos como ornatos em papel machê e madeira, abas, cimalkhas e frisos. Na sala de fumar, o forro está totalmente comprometido, apresentando empenos muito grandes e apodrecimento.

Os pisos em ladrilho hidráulico estão em boas condições, necessitando de limpeza adequada.

Os entrepisos entre a despensa, jardim de inverno, terraço e varanda são em pedra arenito regular, com vigas em ferro. A laje do jardim de inverno sofreu perda de reboco, expondo a estrutura. As vigas em ferro estão bastante oxidadas. Houve desagregação da pintura e acúmulo de microflora e biofilme

devido à forte presença de água no passado (ver figura 218). Não há infiltração direta no momento presente. O forro do passadiço sofreu grandes perdas de revestimento, revelando uma laje de tijolos cerâmicos.

O piso da varanda e sua escadaria, segundo depoimentos informais de membros da equipe CMC, é em mármore dos Alpes Apuanos, Itália, e apresenta desgastes e fissuras. Há declarações de que se trata de mármore de Carrara. No entanto, como não há certeza sobre o tipo de mármore, será referido aqui como mármore apuano, necessitando de uma análise aprofundada (ver figura 219). O corrimão em madeira da escada sofreu perda de seção e o ressecamento da madeira começa a acontecer em alguns pontos.

Figura 218 Laje de grés do jardim de inverno. Alta concentração de microflora. Figura 219 Escadaria em mármore.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

O mármore sofreu desgaste em todos os degraus da escada. Apresenta perda de massa com conseqüente descoloração e fragilidade do material. O que pode explicar as quebras nas bordas dos degraus e algumas fissuras.

Revestimentos

Os revestimentos internos apresentam diversos danos decorrentes do mesmo agente citado. A água. A partir dela, outros agentes atuam e danos se desenvolvem como biofilmes, microfloras e macrofloras.

No porão de ambos os blocos, recentemente foi aplicado tinta acrílica nas paredes. A justificativa se vale da qualidade de vida dos servidores que lá trabalham, pois o mau odor é bastante forte devido ao alto teor de umidade dos ambientes. Especialmente na sala da copa e despensa. Esta última foi escolhida como local de ensaios destrutivos juntamente com o jardim de inverno, pois o reboco junto à parede da divisa tem forte presença de água. Junto à escada de serviço se percebe o craquelamento da tinta e muitos trechos de perda da camada de tinta, revelando a cor ocre. A parede da divisa apresenta situação pior. Próximo ao chão, atrás da escada, há perda das camadas de tinta que foi maquiada com a nova pintura. Porém, a mancha ainda aparece (ver figura 220). Junto a essa parede, tanto na despensa quanto na escada, passa uma tubulação antiga de cobre que, possivelmente pertence ou pertencia à sala de banho. Aparentemente, há algum orifício no encanamento, pois num dia de chuva foi constatado que a água entra com maior rapidez na sala da despensa pelo cano que está aparente pela ausência de reboco. A parede fica molhada na base e ascende para alguns pontos mais altos. O craquelamento da tinta e desprendimento da camada de tinta também ocorrem no átrio. As atuais salas do Centro de Pesquisa Histórica, biblioteca, recepção e circulações do porão foram recentemente pintadas e não apresentam danos aparentes. A sala da antiga copa apresenta deslocamento (ver figura 221). Num olhar mais criterioso se percebe manchas nas paredes e forro.

Os revestimentos em azulejo, filetes e listelos permanecem firmes, aparentemente. Algumas peças se soltaram e se percebe que algumas foram substituídas, mas não se sabe quando ocorreu a substituição. Os azulejos são importados da Alemanha e será necessário verificar se há possibilidade de reposição. A empresa que produziu ainda existe.

A parede da circulação junto aos banheiros e cozinha perdeu parte do revestimento e boa parte do cunhal e esteio de madeira junto à quina da circulação. A parede é em tabique de fasquio. Sem o esteio, a parede ficou exposta e perdeu porções do barro do suporte.

Figura 220 Manchas aparentes na parede do fundo, apesar da pintura nova.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 221 Deslocamento do revestimento, revelando o suporte.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

No pavimento principal, as paredes de tabique apresentam fissuras de revestimento e algumas lacunas onde o preenchimento em barro entre os fasquios se soltou em alguns pontos. O barro de suporte é puro e não apresentou outros materiais na sua composição.

As paredes da caixa murária apresentam perdas de camada de tinta, craquelamento e biofilme. Não foram constatadas fissurações estruturais.

Esquadrias

As esquadrias da fachada sul foram recuperadas na ocasião do restauro. As demais permanecem nas suas condições originais desde sua colocação, lembrando que algumas são de épocas diferentes da construção da casa. Muitas receberam pintura nos últimos anos. Porém, não houve possibilidade de recuperá-las. As esquadrias internas da cozinha, sanitários e despensa estão num estado regular a ruim (ver figura 222). A porta entre a cozinha e copa apresenta trechos de podridão, desprendimento das lâminas da madeira com conseqüente abaulamento (ver figura 223). As portas de acesso à cozinha, banheiro e despensa apresentam perda de seção da madeira na base e vários pontos de podridão como orifícios e perda da camada superficial da madeira. A porta de acesso à circulação dos banheiros sofreu perda de baguetes e vidros após bater com força no batente por conta de uma forte corrente de vento ocorrida em 2018.

Figura 222 Podridão na porta de acesso à cozinha.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 223 Ressecamento e descolamento das fibras da madeira.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

As persianas da janela do gabinete apresentam pontos de podridão em algumas palhetas. Assim como nos tampos venezianados das janelas das salas voltadas para o pátio, inclusive com perdas de palhetas. As janelas da sala de fumar estão bastante comprometidas. Os tampos venezianados também perderam palhetas e não funcionam corretamente para vedar.

A esquadria da mansarda da fachada sul foi recuperada. Porém, em imagens antigas é possível notar que os caixilhos dos tampos em vidro da porta balcão não eram quadriculados. Eram inteiriços. Não tinham baguetes de madeira. Uma das janelas laterais desta porta perdeu o vidro por não se manter fechada e bater constantemente no batente.

Fachadas

As fachadas, como não poderia ser diferente, estão totalmente expostas à ação das intempéries que contribuem para o aparecimento de outros danos. A ação da água da chuva provoca o aparecimento de biofilmes, microfloras, macrofloras, desagregação do reboco, erosão de tijolos, perda das camadas de tinta e a crosta negra. A alteração cromática é resultante desses outros danos. A deposição de sementes junto à água também resulta no aparecimento de

microfloras e macrofloras. Os microrganismos desenvolvem biofilmes. A crosta negra se dá pela ação dos gases poluentes como o monóxido de carbono.

A fachada sul, por estar mais exposta à avenida, apresenta maior concentração de crosta negra, biofilme e microflora. O vandalismo é comum (ver figura 224). Pichações e cartazes com cola aparecem com frequência. Perdas e fissuras de revestimento também ocorrem. Os gradis foram recuperados no ano 2000, mas novamente apresentam pontos de oxidação pela falta de manutenção. Conforme mencionado anteriormente, não houve possibilidade de análise do traço do reboco. Na ocasião da coleta de material chovia muito na cidade, impossibilitando o ensaio destrutivo nas fachadas. Apenas uma quantidade pequena foi possível coletar. Uma porção de reboco junto à esquadria do sótão que não era em quantidade suficiente para ver o traço provável e confirmar ou não a existência de mica no revestimento.

As fachadas junto ao pátio interno são revestidas com reboco crego. A fachada dos banheiros sofreu uma fissura junto à platibanda que foi sanada com um novo reboco e, possivelmente, com grampeamento (ver figura 225). Novas fissuras apareceram nos últimos anos e devem ser avaliadas quanto à profundidade e extensão, pois o rufo metálico e a manta sobre a laje do banheiro dificultam a visualização prévia. Outros danos nestas fachadas como perda de camada de tinta, perda de argamassa de revestimento nas bases (possivelmente ocasionadas pelo contato direto com a água), alterações cromáticas, fissuras de revestimento, biofilmes, crosta negra, microfloras e os elementos espúrios que decorrem das intervenções inadequadas como os condensadores de ar condicionado. A pouca incidência solar também contribui para o aparecimento dos danos.

A fachada norte sofre com todos estes danos acrescidos do crescimento desordenado de vegetação no jardim. Muitos arbustos tipo trepadeiras sobem pelas paredes. Outras árvores crescem na fachada pela deposição de sementes. Um dano que se apresenta com mais frequência nesta fachada é a perda de reboco e esfoliação de tijolos. Apesar da incidência solar ser melhor nesta fachada, a vegetação não contribui para manter a fachada livre de sombreamento.

Figura 224 Pichação na fachada sul.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 225 Reboco mais recente e fissuras junto à platibanda.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Jardim

O jardim, conforme mencionado, sofre com a falta de manutenção periódica das espécies vegetais. Há uma concentração de árvores junto aos taludes ao fundo do terreno. A maioria das espécies são esbeltas e com diâmetros de copa menores. Porém, a quantidade é grande. O crescimento e proliferação das espécies ocorre naturalmente. No terreno vizinho, há árvores de grande porte junto ao muro e com a ausência de poda, os galhos crescem para dentro do jardim e suas folhas se depositam nas calhas. Uma destas árvores (*Mangifera indica*) é bem próxima à casa e suas raízes estão crescendo sob o piso do jardim, ocasionando fissuras no muro e estufamento do piso de concreto próximo à escada da varanda. Este crescimento das raízes pode prejudicar a fundação da edificação no futuro, caso não haja providência sobre a manutenção da árvore.

Em uma análise superficial, as espécies de vegetação presentes no jardim foram identificadas conforme tabela abaixo (ver Volume III, Planialtimétrico, P3):

Tabela 1 Planilha resumida de espécies vegetais.

Nome científico/Popular	Tipo	Origem	Quantidade
<i>Cordyline terminalis</i> Cordilina vermelha	arbusto	Exótica	01
<i>Syngonium podophyllum</i> Singônio	Uso versátil	Exótica	Várias
<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd Bico-de-papagaio vermelho	arbusto	Exótica	01
<i>Coffea arabica</i> Cafezeiro	arbusto	Exótica	01
<i>Ctenanthe setosa Eichler</i> Ctenante	Folhagem	Nativa	Várias
<i>Curculigo Capitulata</i> Curculigo	Folhagem	Exótica	Várias
<i>Ficus pumila L.</i> Ficus repens	Trepadeira	Exótica	Várias
<i>Plectranthus scutellarioides</i> Coleus	Folhagem	Exótica	Várias
<i>Maranta leuconeura</i> Maranta	Folhagem	Nativa	Várias
<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Flor da fortuna	Folhagem	Exótica	Várias
<i>Tradescantia zebrina</i> Lambari	Folhagem	Exótica	Várias
<i>Merremia tuberosa</i> Flor de pau	Trepadeira	Exótica	01
<i>Araucaria angustifolia</i> Pinheiro brasileiro	Árvore	Nativa	01
<i>Syagrus romanzoffiana</i> Jervá	Palmeira	Nativa	02
<i>Tipuana tipu</i> Tipuana	Árvore	Exótica	01
<i>Eriobotrya japonica</i> Nespereira	Árvore	Exótica	01
<i>Morus rubra</i> Amoreira vermelha	Árvore	Exótica	06
<i>Caesalpinia ferrea</i> Pau-ferro	Árvore	Exótica	01
<i>Persea americana</i> Abacateiro	Árvore	Exótica	01
<i>Syzygium cumini</i> Jamelão	Árvore	Exótica	Várias
<i>Mangifera indica</i> Mangueira	Árvore	Exótica	Terreno vizinho

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Da vegetação arbórea presente, apenas a Araucária foi mencionada em depoimentos como pertencente ao antigo jardim. Há uma árvore bastante grande e não identificada junto ao muro oeste. Está seca, mas há ramas de Tipuana em crescimento junto à ela. Possivelmente, a árvore do pátio vizinho. Na tabela acima, é possível notar a quantidade de árvores frutíferas que se espalharam naturalmente. Principalmente a Amoreira.

Arbustos e folhagens se espalharam por todo o jardim, necessitando de avaliação, transplante para vasos e ordenamento das espécies no projeto.

Figura 226 Algumas espécies encontradas : 01- Lambari, 02 – Maranta, 03 – Ficus repens, 04 – Flor-de-pau, 05 – Ctenante. 06 - Singônio



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Nos fundos do jardim, há os taludes, a escadaria e um pequeno espaço onde está o tanque. Este espaço não é utilizado e deve ser estudado quanto à intervenção adequada para garantir o manejo correto das espécies e dar uso ao espaço. A escada em pedra arenito está em estado regular e a parte mais baixa do jardim, junto ao tanque, tem uma pequena camada de aterramento. Junto ao talude leste está uma densa camada de vegetação rasteira onde foram identificadas espécies como o Jamelão. Há um Cafezeiro junto ao muro, dois Jerivás e um Nespereira próximos à escadaria e um Pau-ferro na borda do talude. Esta última, cresceu com tronco esbelto e copa arredondada e alta, buscando a luz solar. Entre essa vegetação há moirões de concreto que podem

ter origem em algum alambrado que teria no passado recente. Estão espalhados pelo talude.

No talude oeste, há um maciço de Amoreiras. Algumas são ainda jovens e podem ser passíveis de transplante. Duas delas estão apodrecidas.

O caramanchão apresenta problemas semelhantes às fachadas pela sua grande exposição às intempéries e pouca iluminação natural (ver figura 228). Perda de revestimentos, perda do pergolado ripado em madeira que o deixou sem cobertura contra chuvas e comprometimento de duas das quatro colunas de cimento armado que sustentavam o pergolado. Uma delas sofreu uma ruptura na armadura de ferro. A outra apresenta perda do cobrimento com exposição de uma porção da armadura que sofre oxidação.

Figura 227 Crescimento desordenado e falta de manutenção do jardim.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

Figura 228 Caramanchão apresentando muitos danos.



Fonte: Imagem da autora (janeiro/2019).

3.3. ANÁLISES DE LABORATÓRIO

As análises em laboratório se deram em junho de 2018, dois dias após os ensaios destrutivos. Devido a distância entre o objeto de estudo e o laboratório, a quantidade de amostras a serem coletadas precisou ser planejada com rigor. A quantidade não poderia ser grande pelo transporte. Outros fatores como a chuva torrencial no dia da coleta e o fato da edificação estar em uso impossibilitaram a coleta de material em fachadas e elementos de madeira.

Conforme mencionado anteriormente neste capítulo, o local escolhido para coleta de material foi a parede oeste da despensa junto ao porão e jardim de inverno no pavimento principal. As análises foram realizadas no Laboratório do Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração, da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, NTPR-UFBA.

3.3.1. Coleta de dados e amostras

As amostras foram retiradas na sala da despensa, pois dentre todos os ambientes, essa sala apresentou maior teor de umidade perceptível sem o uso de aparelhos medidores. Inclusive pelo odor desagradável e forte no ar. Acima desta sala, no pavimento principal, há o jardim de inverno e acima dele, um terraço. O terraço recebeu uma manta impermeabilizante na ocasião do restauro das coberturas. Porém, o escoamento das águas pluviais daquela face do telhado se dá por dutos que descem nesse terraço. A água pára na laje e depois escoar pelos dutos. No porão, passa uma tubulação de água na parte mais baixa da parede da divisa oeste. Essa tubulação está em processo de corrosão em alguns pontos e vazava água em dias de chuva. Essa parede apresenta grandes danos (ver Mapa de Danos, Prancha 8). Portanto, a metodologia adotada para as análises foi a coleta de material por meio de extrator de reboco (ver figura 227) que é um objeto metálico, tubular com ponta dentada para retirada das amostras. Estas, foram acondicionadas em potes com tampa rosqueável. Um total de 9 amostras de cada pavimento foi retirada. Porém, não foram retiradas amostras do terraço. Apenas da despensa e do Jardim de inverno, totalizando 18 amostras de reboco. O extrator de rebocos e os reagentes para análises foram fornecidos pelo NTPR-UFBA. A análise foi orientada pelo laboratorista Allard.

Na ocasião da coleta de material, estava chovendo. A umidade relativa do ar estava em 100%. A temperatura era de 16°C e os ventos sopravam de Nordeste a 3m/s. Horário do início da coleta foi às 10 horas e 30 minutos da manhã do dia 20 de junho de 2018. Os dados meteorológicos foram coletados no site do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) em tempo real, pois não havia aparelhos para a medição. Não houve possibilidade de ser em um dia sem

chuva, porque o inverno foi chuvoso e o objeto de estudo se localiza a cerca de 3.000 km do laboratório. Foram marcados 9 pontos na parede a cada 50 centímetros. Foi coletado a partir do canto da parede por conta da grande perda de reboco que ocorreu no meio da parede, impossibilitando a coleta de material nesse ponto (ver figura 228). Com o extrator de reboco e um martelo pequeno, foram retiradas amostras suficientes para preencher 9 potes de, aproximadamente 80 gramas. As batidas foram suaves, pois o reboco já estava se soltando com facilidade. Após completar o pote, este era totalmente vedado com papel filme e fita crepe para não secar a água presente na argamassa. Cada pote foi nomeado como “P”, referente ao ponto de coleta, seguido de um número de ordem que foi de 1 a 18. De P1 a P9, as amostras do porão. De P10 a P18, as amostras do pavimento principal. Com essas amostras, foi medido o teor de umidade, feitos testes de sais solúveis, granulometria e traço provável.

Figura 229 Amostra retirada do canto para o meio e de baixo para cima a cada 50 cm.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Figura 230 Parede com os pontos onde foram coletadas as amostras. No canto direito da imagem, a lacuna na parede



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Também foram coletadas amostras de barro de suporte da parede de tabique, revestimento da fachada principal e revestimento da parede de tabique. Porém, esses dois últimos estavam em pouca quantidade e só foi possível seus usos para o teste de sais solúveis que será explicado mais adiante.

Determinação do teor de umidade

As amostras para análise junto ao NTPR, foram colocadas sobre placas de petri e feita a pesagem das mesmas ainda úmidas numa balança analítica para determinar o teor de umidade. As amostras ficaram em uma estufa à 75°C por dois dias. Após este tempo, foram resfriadas em dessecador para então realizar nova pesagem das amostras secas. Através do cálculo, o resultado aponta a porcentagem relativa ao teor umidade presente na amostra, conforme demonstrado abaixo:

$$\%U = \frac{P_u - P_s}{P_s} \times 100$$

P_s

% U = porcentagem de umidade;

P_u = peso da amostra úmida;

P_s = peso da amostra seca.

Figura 231 Pesagem da amostra úmida sobre a placa de petri.



Fonte: Imagem da autora (junho/2018).

Figura 232 Retirada das amostras da estufa para resfriar.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

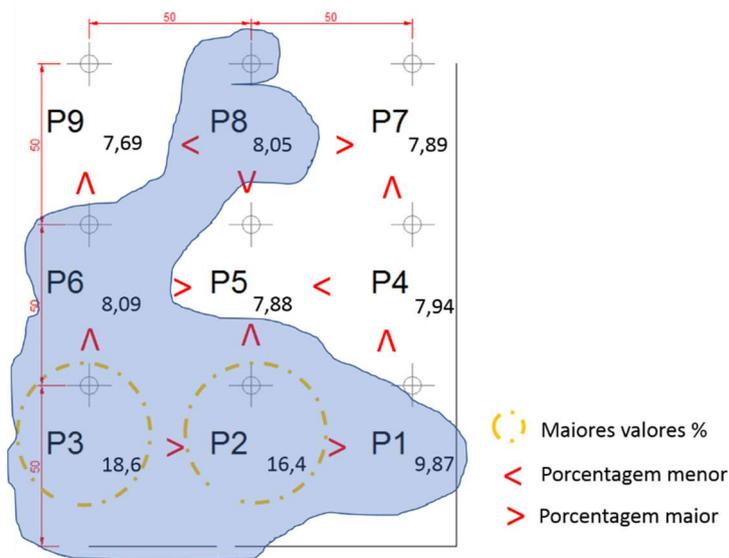
Figura 233 Pesagem das amostras secas.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

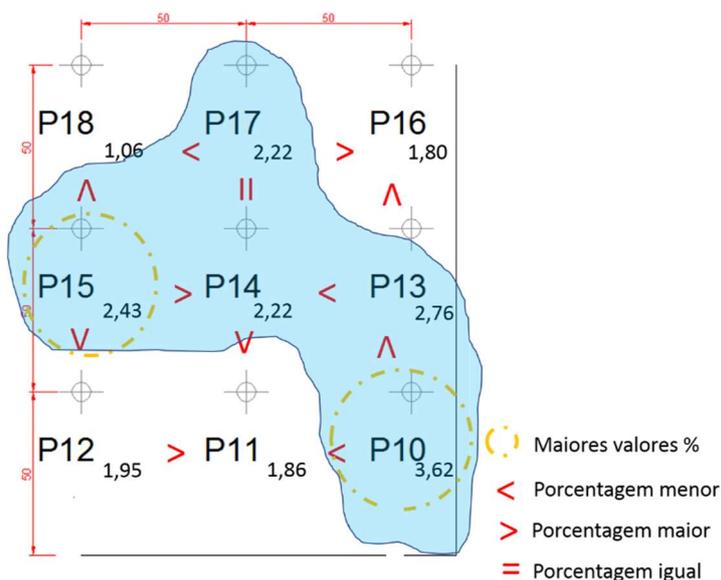
Conforme os diagramas abaixo, (ver figura 234 e 235), se pode notar maior teor na base da parede do porão. Os diagramas foram realizados com base nos valores preenchidos em uma tabela fornecida pelo NTPR.

Figura 234 Diagrama esquemático da determinação do teor de umidade da parede da despensa (Porão), de P1 a P9. Destaque para os maiores índices. (acima de 5%).



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 235 Diagrama esquemático da Determinação do teor de umidade no jardim de inverno (pavimento principal).



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Conforme o diagrama relativo à parede da despensa (ver figura 235), os valores da base são bastante elevados. Especialmente P1, P2 e P3 que apresentam percentual maior à medida que se aproximam do centro da parede

onde está a tubulação exposta e a perda de revestimento. Porém, todos os pontos apresentam valores elevados, passando de 5% que indica contaminação da argamassa. A mancha azul mais escura representa a maior concentração de água provável entre os pontos analisados.

No diagrama referente à parede do jardim de inverno é possível notar que a água sobe pelo canto da parede, passando de P10 a P13 e diminuindo em P16. Porém, P11 e P12 têm valores percentuais menores que P14, P15 e P17. O ponto P15 apresenta maior valor entre estes citados, o que pode indicar água ascendente pelo centro da parede. P14 e P17 têm valores iguais, mas maiores que P11 que pode indicar uma pequena quantidade de água ascendente no terraço. Os valores apresentados estão dentro do aceitável, estando o revestimento em condições de manutenção. A mancha azul mais clara indica a presença de água menor que a apresentada no porão.

Testes qualitativos da presença de sais solúveis

Após a determinação do teor de umidade, duas das dezoito amostras foram selecionadas para seguir nos testes. Uma amostra de cada pavimento foi selecionada, sendo elas a P5 e P11 por apresentarem melhores condições. Foram feitos testes para verificar a presença ou não de sais solúveis nas amostras. Esse teste é fundamental, pois os sais solúveis são muito prejudiciais à edificação. A ação desses sais pode levar a grandes perdas de material. Todas as amostras coletadas e selecionadas puderam ser analisadas, como a amostra de barro do suporte da parede de tabique, o reboco da parede de tabique, as amostras P5 e P11 das paredes da despensa e jardim de inverno e a amostra de reboco extraída da parte superior da fachada sul. Os sais que podem ser encontrados nessas análises são: Nitrato, que pode indicar a presença de material orgânico como fezes e urina. O sulfato, que pode indicar a presença de gesso (sulfato de cálcio) ou cimento. E Cloreto, que indica a presença de sal. O sal pode estar presente na areia extraída em regiões próximas ao mar. Das amostras, foi separado 10 gramas de cada uma para teste através de pesagem. Também foram pesados os béqueres que seriam utilizados para amparar o líquido da filtragem que inicia o teste. A filtragem do material é feita com água

deionizada. Neste momento, se pôde ver que o barro e o reboco da parede de tabique demora mais para filtrar. O líquido do barro saiu muito turvo e foi necessário centrifugá-lo. Para concluir a filtragem, foi dado um jato de água deionizada no material e este, despejado no filtro até escoar por completo os 100 ml necessários para o teste. A amostra de barro foi distribuída em tubos de ensaio e colocada na centrífuga por 5 minutos para então decantar e deixar o líquido transparente, pois ainda estava turvo.

Figura 236 Separação das amostras.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 237 Pesagem das amostras até atingir 10 gramas.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 238 Um béquer e um funil para cada amostra que será coada, aproveitando seu líquido para o teste.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 239 centrífuga.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 240 Filtragem das amostras. A amostra de barro é mais turva.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 241 Amostras prontas para os testes.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

O ensaio para verificar a presença de nitrato é feito numa Placa de Toque. Os líquidos filtrados são distribuídos em cada nicho da placa, onde se acrescenta o reagente Difenilamina + Ácido Sulfúrico (H_2SO_4) que atingirá a coloração azul na presença de nitrato. As cinco amostras apresentaram resultado negativo para nitrato. Ou seja, não há presença de material orgânico nas amostras.

Figura 242 Limpeza da Placa de Toque.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 243 As amostras e reagentes.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 244 Difelinamina + Ácido sulfúrico.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

No ensaio para verificar a presença de cloreto, acrescenta-se de 5 gotas de Nitrato de prata (AgNO_3) e a mesma quantidade equivalente a 1% de ácido nítrico (HNO_3) nas amostras dentro dos tubos de ensaio. Também acrescenta uma dose de água deionizada pura. Se a precipitação atingir a coloração branca indica a presença de sal.

Conforme tabela a seguir, pode-se verificar que apenas o reboco da fachada frontal não apresentou cloreto. O reboco da parede em tabique apresentou uma concentração média e o barro, uma concentração mínima que, certamente, se deve ao reboco. As amostras P5, porão, e P11, pavimento principal, apresentaram pouca e média presença de sal, respectivamente. Não há orla marítima em Porto Alegre, o que poderia indicar alguma contaminação por transporte da areia ou areia proveniente de regiões próximas ao mar. É possível notar que a amostra P11 e o reboco do tabique são do pavimento principal e ambas apresentam média quantidade de cloreto que pode indicar procedência da areia em períodos ou locais diferentes entre os pavimentos.

Tabela 2 Teste qualitativo de Sais solúveis realizado no dia 11/07/2018

Amostras teste	P5	P11	Reboco Fachada	Reboco tabique	Barro tabique
Nitrato	-	-	-	-	-
Cloreto	+	++	-	++	+
Sulfato	-	++	+	+	-

Legenda concentração de sais: (-) negativo (+) pouca (++) média (+++) alta

Fonte: Tabela Base fornecida pelo NTPR e teste realizado pela autora sob orientação do laboratorista, Allard (2018).

O teste de sulfato foi realizado de forma semelhante ao de cloreto, trocando apenas os reagentes. Ácido Clorídrico (HCl) e Cloreto de Bário (BaCl). Teste que verifica a presença de cimento ou gesso nas amostras. A adição dos reagentes e da água deionizada pode turvar o líquido. Quanto mais turvo, maior a concentração de sulfato. Conforme tabela acima, apenas o barro de consolidação do suporte da parede de tabique não apresentou sulfato. A amostra P11, do pavimento principal, apresentou a maior concentração, o que equivale a média concentração. Os demais apresentaram pouca concentração. Na fachada, pode haver uma pequena quantidade de cimento. Nos rebocos internos, é mais provável a presença de gesso em razão do revestimento.

Figura 245 Amostras distribuídas em tubos de ensaio para testes de cloreto e sulfato.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 246 Reagentes do teste de cloreto.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 247 Reagentes do teste de sulfato.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Verificação do traço em massa

O teste do Traço em Massa indica a proporção dos agregados finos, grossos e ligantes, identificando o traço provável para reintegração das argamassas conforme o original e pode indicar possíveis causas para danos como deficiências presentes na composição.

Esse teste foi realizado com as amostras P5, P11 e barro do tabique. O material foi moído e, em seguida, colocado na estufa a 75 °C por 5 dias. Após a estufa, foi colocado no dessecador para resfriamento. Enquanto isso, foi feita a pesagem de cada béquer correspondente à amostra. Foram separados 10 gramas de cada amostra e depositados no béquer e feita a pesagem. Em

seguida, a amostra foi umedecida com água deionizada, recebeu com auxílio de uma proveta, 80 ml de ácido clorídrico e ficou em repouso até a dissolução total do ligante. O teste com ácido clorídrico (HCl) indica a presença ou não de cal e o teste de sulfato (SO_4^{2-}), a presença de cimento. No teste, apenas a amostra de barro apresentou resultado negativo para cal e cimento. As amostras P5 e P11 apresentaram efervescência que indica presença de cal. A coloração da solução da P5 atingiu o marrom esverdeado. A coloração da P11, marrom claro e o barro, marrom avermelhado. No teste de sulfato, que indica a presença de cimento, apenas a amostra P11 acusou leve presença. Por apresentar resultado negativo, os dados do barro do tabique não foram lançados na tabela de cálculos de traço em massa, conforme recomendação do laboratório.

Figura 248 Pesagem do béquer e filtro vazios.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 249 Ataque com ácido clorídrico.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 250 Ácido clorídrico.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Após o teste com ataque ácido foi adicionada mais água deionizada no béquer que foi agitado suavemente para que as partículas mais finas ficassem em suspensão para então, filtrar o conteúdo através de um papel de filtro num erlenmeyer até que a água ficasse totalmente limpa. Depois, se fez a pesagem de cada um e os valores informados são lançados em uma tabela fornecida pelo laboratório NTPR, que contém o peso molar do hidróxido como base de cálculo para conhecer o traço, combinado com os demais pesos que geram o traço provável.

Tabela 3 Determinação do traço em massa

	P5		P11	
FINOS(Argila e /ou Silte)	1	2	1	2
Peso do papel de filtro (g)	1,0128	1,0698	1,0669	1,0351
Peso do papel + resíduo (g)	1,3366	1,3438	1,4233	1,4234
Peso dos finos encontrados (g)	0,3238	0,274	0,3564	0,3883
% Sobre a massa total	3,16	2,72	3,50	3,78
GROSSOS(Areia)	1	2	1	2
Peso do béquer (g)	68,2769	67,8232	66,5753	68,4545
Peso do béquer + amostra (g)	78,5179	77,9067	76,7653	78,7367
Peso da amostra (g)	10,241	10	10,19	10
Peso do béquer + resíduo (g)	76,4103	75,9671	74,3081	76,32
Peso da areia encontrada (g)	8,1334	8,1439	7,7328	7,8655
% Sobre a massa total	79,42	80,76	75,89	76,50
LIGANTE(Resíduo solúvel)	1	2	1	2
%L=100-(%F+%G)	17,42	16,52	20,62	19,73
Peso do carbonato (g)	1,7838	1,6656	2,1008	2,0284
Peso do hidróxido (g)	1,3200	1,2325	1,5546	1,5010
TRAÇO PROVÁVEL	1	2	1	2
Ligante:Argila:Areia	1,07:0,22:6,61		1,03:0,26:5,4	
Média	1,07:0,92:6,38		1,03:0,88:5,18	

Fonte: Preenchida pela autora com base na tabela fornecida pelo NTPR/UFBA (2018).

A estimativa de traço apontada pela tabela indica na amostra P5, parede do porão, a proporção de 1:6. Ou seja, a proporção de uma parte de cal para seis partes de areia. Na amostra P11, a proporção é de 1:5, uma de cal para cinco de areia. A proporção de argila foi próxima de zero nas duas amostras que pode indicar uma presença muito leve na argamassa ou talvez no embosso. A pouca quantidade de ligantes em comparação com a grande quantidade de partículas demonstra uma argamassa pouco resistente que facilita ainda mais a perda do reboco.

Após os testes com ataque ácido e a verificação do traço em massa, os papéis de filtro com os resíduos finos e os béqueres com os resíduos grossos foram colocados novamente na estufa e permaneceram por dois dias, quando foram retirados e levados para resfriamento no dessecador com sílica. O resíduo foi raspado suavemente do filtro de papel com uma colher de inox e colocado num gral de porcelana, onde foi moído para em seguida, fazer a verificação da coloração dos finos que se dá pela composição mineral de cada amostra, conforme o Catálogo de Munsell. As amostras P5 e P11 apresentaram coloração HUE 10YR 7/2 Light Gray. Uma coloração cinza bem clara. O barro apresentou

a coloração HUE 7,5YR 5/6 Strong Brown, que é uma cor avermelhada que pode indicar a presença de compostos com ferro.

Figura 251 Cloreto de Bário para o teste de sulfato nas 3 amostras.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 252 Momento do teste.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 253 Dessecador com sílica para as amostras.



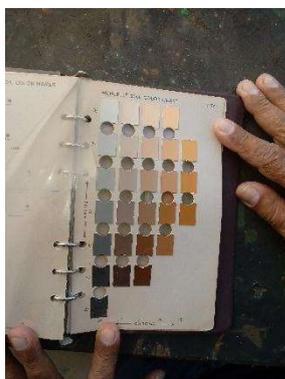
Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 254 Moagem das amostras para verificação da cor no gral de porcelana.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 255 Catálogo de Munsell com pontos vazados para comparação das cores.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018)..

Granulometria após ataque ácido e remoção dos finos

Após finalizar os testes anteriores, é feita a verificação da granulometria com os grossos como areia para que, junto ao traço, se chegue na composição correta da argamassa para recuperação. As amostras secas e dispostas nos béqueres são distribuídas em 5 peneiras de malha de números 16, 35, 60, 100, 200 e menor que 200. São encaixadas uma sobre a outra, da maior a menor, sendo a maior peneira a 16 e menor, a 200. Cada peneira é pesada sem amostra.

Depois, a amostra é colocada na peneira superior, de número 16 e fechada. Em seguida, é levada para a mesa agitadora, onde os grãos serão separados e os que passarem da peneira 200, ficarão no recipiente abaixo, pois são muito finos. Depois da separação, cada amostra é pesada dentro da peneira correspondente, deduzindo a diferença do peso da peneira para ter o peso da amostra.

Figura 256 Conjunto de peneiras de número 16 à 200. Quanto maior o número, menor o grão que passa por ela.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 257 Pesagem de cada peneira sem as amostras.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 258 Peneiras agrupadas na mesa agitadora para separação dos grãos.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Figura 259 Exemplo de uma das amostras. Da direita para a esquerda da imagem, os mais grossos na peneira 16.



Fonte: Imagem da autora (julho/2018).

Os valores resultantes da pesagem são lançados numa tabela fornecida pelo NTPR. Os resultados geram um gráfico que apresenta a curva granulométrica (ver Apêndice I).

A maior parte das amostras de P5 e P11 ficou retida na peneira 35, que identifica maior concentração de grânulos maiores ou iguais a 0,5 mm (mais de 70%). Ambas as amostras têm valores semelhantes na composição das argamassas de revestimento da caixa murária de todo o edifício.

A amostra de barro ficou retida na peneira 60 (cerca de 80%). Os grânulos se distribuem de forma mais homogênea que as demais e assim, proporcionam maior equilíbrio para servir de suporte para a argamassa das paredes de tabique.

Não foi possível analisar elementos em madeira, pois apesar da necessidade de análise pela ação incessante de insetos xilófagos, a edificação está em uso e não há elementos soltos para tal. Portanto, como não há conhecimento detalhado das espécies de insetos e nem do tipo específico de madeira, não será apontado neste relatório quaisquer deduções sobre o tipo de madeira e sua real degradação, ficando restrita apenas à análise superficial e recomendação para análise detalhada antes da intervenção.

Também não foram feitos testes de absorção em telhas e tijolos devido à distância entre o objeto e o laboratório. Não há tijolos soltos no edifício disponíveis para teste.



CAPÍTULO IV

4. PROJETO DE INTERVENÇÃO

O presente capítulo tem por objetivo complementar as informações acerca do Projeto de Restauração e Conservação da Casa Godoy, pertencente à Secretaria Municipal da Cultura da Prefeitura de Porto Alegre. O imóvel abriga a sede da Coordenação da Memória Cultural (CMC), juntamente com o Centro de Pesquisa Histórica (CPH) e após o restauro, deve voltar a abrigar a Equipe de Patrimônio Histórico e Cultural do Município (EPAHC). São setores que atuam em conjunto com a Coordenação da Memória Cultural, incluindo o Arquivo Histórico Moysés Vellinho (AHMV), o Memorial do Mercado, MM, e o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, MJF, que são unidades independentes, com atribuições específicas de acordo com as peculiaridades dos acervos sob sua guarda. Também atuante na preservação e valorização de bens culturais do Centro Histórico, esteve o Projeto Monumenta, fruto de convênio entre a prefeitura e o Ministério da Cultura/IPHAN, que em 2012 foi substituído pelo PAC-Cidades Históricas. E como órgão consultivo, está o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural, COMPAHC, encarregado de avaliar propostas e legalmente aprovar processos de proteção do patrimônio.

O escritório do PAC-Cidades Históricas se localizava no Mercado Público Municipal. Porém, com o incêndio ocorrido em 2013, foram realocados em outros espaços provisórios. Ficaram um longo período na Pinacoteca Rubem Berta e, atualmente, estão em uma das salas da Casa Godoy, onde devem permanecer até o término das obras de intervenção no Mercado Público.

Os princípios que dão subsídio a este estudo estão expostos por Giovanni Carbonara, seguido de colocações pertinentes de Beatriz Kühl sobre as bases teóricas e suas discussões na atualidade. Discursos que vão de encontro ao que interessa de fato, que é o ato de entender o monumento na sua essência. Com isso, as problemáticas impostas pelo objeto devem levar em conta a conservação e restauração como ato crítico e técnico desde o estudo histórico até a concepção projetual.

4.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ato de intervir no monumento requer grande responsabilidade, pois quaisquer ações deixarão suas marcas. No mundo ideal, conservar edifícios e sítios históricos para não necessitar de restauração seria perfeito, conforme bem colocava John Ruskin. Porém, questões das mais diversas em paralelo com a realidade cultural e social de cada lugar, direcionam as ações dos usuários dos monumentos e núcleos urbanos ao abandono e falta de cuidados. O ato de restaurar acaba por ser a saída para manter o bem no transcurso do tempo. A Casa Godoy agrega diversos valores para a cidade de Porto Alegre. Sua importância começa a partir do seu valor arquitetônico, passando pelo valor sociocultural, valor de conjunto urbano e valor histórico.

Beatriz Kühl, em uma de suas aulas, reitera a necessidade da multidisciplinaridade quando falamos em restauro, pois as visões sobre o restauro são colocadas como ato de cultura. Princípios para trabalhar os bens em função da preservação cultural como os memoriais, simbólicos, científicos, artísticos, biológicos, físicos, químicos e outros. “A multidisciplinaridade no restauro é necessária. O restauro se distanciou da filosofia e de outras diversas fontes disciplinares ao longo do tempo” (KÜHL, 2020. In tv.unesp.br/edicao/1857, 2020).

Que direito temos em destruir os bens? Sempre necessitamos de princípios para separar a reflexão do que extrapola como o ato de demolir ou descaracterizar. A reflexão é sempre necessária para ter o respeito pelas várias estratificações. Os acréscimos devem ser distintos como um novo estrato, já preconizado por Boito e Riegl. A restauração tem princípios, mas deve ser articulada a outros campos de projeto. As transformações no bem devem ser muito bem pensadas para que o resultado disso não seja desastroso aos olhos da sociedade como o ato de devolver a um estado anterior ou desfigurar o bem. “O restauro não volta ao que era.”

(KÜHL, 2020. In tv.unesp.br/edicao/1857, 2020).

Beatriz também coloca a visão preconceituosa sobre o restauro quando se fala no seu custo. “Se torna inviável, quando na verdade não há insuficiências. Não há estudos comparativos oficiais, mas o restauro bem feito pode custar menos. O restauro consensioso com surpresas mais controladas” (KÜHL, 2020. In tv.unesp.br/edicao/1857, 2020). Por isso, a importância de se trabalhar com

os agentes envolvidos que são a sociedade civil e poder público a fim de trazer à luz, questões desconhecidas por eles.

É necessário pensar as soluções de restauro, trazendo as bases teóricas para os problemas atuais. Cada princípio teórico foi desenvolvido em uma época distinta que, assim como no restauro, foi se adequando ao longo dos séculos. Da mesma forma, é necessário pensar com cuidado o modo de intervir nos dias atuais. As novas formas de viver, as tecnologias, os estudos científicos e tantas outras ferramentas devem ser levados em consideração e colocadas a favor do restauro. Deve-se pensar na longevidade do bem. A conservação vai muito além da manutenção. As estratificações devem ser mantidas desde que não prejudiquem o estado de conservação do bem. Os instrumentos de restauro dão um direcionamento, mas não indicam um único caminho. Porém, devem estar sempre presentes e unidos a prática, pois servem de base para desenvolver o raciocínio projetual.

Partindo desta lógica, Giovanni Carbonara traz princípios que podem dar segmento em parte do raciocínio aqui proposto, partindo de sua colocação sobre “a capacidade de escutar o monumento e ver o que ele tem a dizer” (NAHAS, 2017. In vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/16.184/6510, 2018). Investigar a realidade de cada monumento para que se tenha a resposta adequada.

Giovanni Carbonara coloca que o problema fundamental do restauro é a dificuldade de conciliar a intervenção, de acordo com um claro entendimento crítico, a aplicação histórica e estética: uma questão insolúvel unívoco, mas que deve ser abordado caso a caso, como um problema de cultura e sensibilidade figurativa.

Um ato de cultura e ao mesmo tempo altamente especializado. A restauração olha para o futuro e não para o passado, nem é reservada para diversão de alguns amantes privilegiados do antigo.

Possui funções educacionais e de memória, para as gerações futuras, para juventude; afinal, não diz respeito à complacência dos próprios estudos, mas ao treinamento de cada cidadão e sua qualidade de vida, entendida no sentido espiritual e material mais extenso.

(Apud notas de aula: GIANNATTASIO, [s/d]. In people.unica.it/caterinagiannattasio/files/2014/10/23.II-restauro-critico-conservativo.pdf, 2019. Tradução nossa)

Acredita que a formação de graduados especializados em restauração não é positiva, porque “poderia revelar-se inútil, se não prejudicial, quando não acompanhada pela capacidade de dominar perfeitamente a arquitetura, em torno da qual se pode construir uma rede de habilidades e contribuições especializadas. Restauro também é um ato de projeto”. É necessário analisar o monumento desde seus primórdios, trazendo para os dias atuais todo seu processo para entendê-lo e poder pensar na forma de intervenção. “Arquitetura e Restauração fazem parte da mesma pesquisa. Um arquiteto-restaurador deve ser capaz de exercer sua profissão de arquiteto, ciente das implicações teóricas, histórico críticas e também técnicas que a restauração envolve. Cada um dos dois é uma condição necessária, mas, por si só, não é suficiente” (GIANNATTASIO, [s/d]. In people.unica.it/caterinagiannattasio/files/2014/10/23.II-restauro-critico-conservativo.pdf, 2019).

Alguns conceitos que servem de guia ao pensamento de Carbonara são importantes para a construção das idéias deste estudo. Ele defende uma unidade teórica com pluralidade de técnicas que buscam:

- **Intervenção mínima**, como regra fundamental;
- **Reversibilidade**, pelo menos potencial;
- **Distinguibilidade** visível;
- **Compatibilidade** físico-química;
- **Atualidade** e sinceridade expressiva, sendo o ato de restauração de nosso tempo, manifestação da cultura histórica e figurativa de hoje.

Carta de Veneza (1964), art. 9 "Seu objetivo é preservar e revelar os valores formais e históricos do monumento e é baseado no respeito pela substância antiga e pelos documentos autênticos". Carbonara compartilha totalmente desta definição, especificando:

O projeto deve ser "por e para a restauração", orientado em trilhas históricas, críticas precisas, com intencionalidade eminentemente conservadora e aceitação como ponto de partida, um conceito de autenticidade diacrônica em que a verdade histórica com a qual se confronta é o resultado da estratificação secular do objeto, não de suas únicas faces de origem. A busca contínua pelo "mais antigo" às custas das evidências acumuladas ao longo do tempo não faz sentido e é a dilapidação do patrimônio histórico, pois seria rasgar as páginas

consideradas menos importantes ou parcialmente reescritas de um código antigo.

(GIANNATTASIO, [s/d]. In people.unica.it/, 2019, tradução nossa).

A restauração: da teoria à prática. “a Projeção na ponta do lápis torna a arquitetura correta e válida e a qualidade prevalece sobre a quantidade” (GIANNATTASIO, [s/d]. In people.unica.it, 2019, tradução nossa).

Intervenção mínima

+

Operações de conservação

+

Operação por adição (somente se necessário)

É de conhecimento que Carbonara se opõe ao que ele denomina de “ArquiStars”, pois estes colocam suas intervenções como marcas registradas nos monumentos. Assim, também se opõe ao outro extremo, que faz uso da Repristinção, conclusões de monumentos nunca concluídos e alterações estruturais.

“O projeto de restauração deve ocorrer de acordo com uma abordagem crítica e deve visar à conservação e perpetuação do monumento. A intervenção crítica é árdua e exigente, requer um sério compromisso de estudo e análise, uma boa capacidade de controlar e orientar em um sentido positivo e não destrutivo das habilidades criativas, mas acima de tudo aplicação e amor pelo objeto de estudo”.

(GIANNATTASIO, [s/d]. In <https://people.unica.it/>, 2019, tradução nossa)

Retomando os conceitos chave de Carbonara, se pode perceber que vai ao encontro da colocação de Beatriz Kühl sobre as diferentes faces que envolvem o restauro, como os valores atribuídos ao bem e a multidisciplinaridade que os envolve. Também, o fato da restauração assumir um declínio crítico-conservador sem deixar de lado a necessidade de se trabalhar as lacunas e remover adições prejudiciais ao monumento. “A restauração recusa qualquer

processo de "mumificação", pois aceita e integra em si a atribuição de funções compatíveis e bem calibradas, a primeira garantia de boa manutenção do edifício ao longo do tempo, um formidável meio de conservação, mas não um objetivo principal" (GIANNATTASIO, [s/d]. In people.unica.it/caterinagiannattasio/files/2014/10/23.II-restauro-critico-conservativo.pdf, 2019).

Sobre conservar e restaurar, o termo conservação vem do latim "con-servo", que significa manter o objeto unido, evitando a fragmentação e desintegração para garantir sua transmissão completa para o futuro. Já a Restauração vem do latim "re-stauro", que significa reconstruir, fabricar novamente, onde o prefixo "re" sublinha o caráter repetitivo e, de certa forma, retrospectivo e reintegrativo da ação. Este significado gera muitos conceitos distorcidos sobre a restauração. Carbonara coloca em seus trabalhos sobre as diversas confusões sobre conservar, restaurar, consolidar, etc.

"A restauração leva, negativamente, a uma vontade preconcebida de intervir, guiada por ambições recreativas e pelo poder da atenção estética sobre a histórica. A conservação, por outro lado, sustenta uma atitude mais moderna e científica de proteção e perpetuação rigorosas, em sua integridade material do artefato, vista principalmente sob a instância da historicidade".

"A noção de conservação foi usada de acordo com dois significados diferentes que deram origem a algum mal-entendido. Após a "conservação" anglo-saxônica entendida como o melhor lado da restauração, eminentemente conservadora que não compromete as questões de reintegração das lacunas ou remoção das adições. Em inglês, o termo "restauração" manteve uma nuance negativa, como uma restauração estilística que visa restaurar, permanecendo nas posições do século XIX. A conservação é apresentada como a versão mais atualizada e apresentável da restauração, um termo passado, segundo muitos, e que deve ser relegado ao limbo das palavras que deram o seu tempo. O outro uso da conservação teve como objetivo designar todas as medidas que, para proteger e defender o bem, devem ser tomadas antes do ato direto e material de intervenção na obra que é a restauração. Seria, portanto, o conjunto de disposições regulamentares, urbanas, sociais, econômicas, financeiras e funcionais que deveriam garantir a proteção na raiz; daí o conceito, desenvolvido na Europa, de conservação integrada".

(GIANNATTASIO, [s/d]. In <https://people.unica.it/>, 2019, tradução nossa)

O pensamento crítico sempre deve estar presente e junto à proposição técnica. O arquiteto deve saber projetar desde a base para entender que não se deve deixar sua marca sobre o monumento existente que deve vir em primeiro lugar.

4.2. CONCEITUAÇÃO DE INTERVENÇÃO: RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA CASA GODOY

Conhecer o objeto de estudo na sua essência é fundamental para entendê-lo e amá-lo como bem coloca Carbonara. Durante os levantamentos, é preciso ter seus sentidos voltados para o edifício. O ato de “escutar o monumento” acontece neste período que, fazendo uma comparação, é como um atendimento de um paciente que revela suas dores provenientes de agentes que provocam a doença. É neste momento que o edifício “conversa” com o profissional. Sentir o ambiente, entendendo sua trajetória e as sensações percebidas em cada ambiente decorrentes de danos ou usos do edifício que revelam onde e como intervir. Conhecer o objeto desperta o amor e a necessidade de proteção que se realiza por uma intervenção criteriosa.

As intervenções pensadas para a Casa Godoy resultam de uma pesquisa histórica do edifício e seu entorno, um estudo aprofundado de sua concepção arquitetônica, cronologias e problemáticas decorrentes do uso do edifício no transcurso do tempo. Também foram feitos levantamentos criteriosos que vão desde a medição até as características físico-ambientais em que o edifício se insere. É fundamental conhecer profundamente o objeto para entendê-lo, amá-lo e respeitá-lo nas suas diferentes estratificações.

O princípio que norteia o projeto de intervenção da Casa Godoy é o de conservação e restauração. Se entende que a conservação por meio da manutenção não aconteceu em um longo período, necessitando o imóvel de um olhar criterioso e apurado para entender suas diferentes demandas dentro do contexto em que se encontra. Restauração para a prevalência do bem na passagem do tempo, trazendo consigo seus valores. Porém, não deve negar por completo as necessidades do mundo contemporâneo. Há meios de conforto

antes não existentes que se fazem necessários, inclusive para a conservação do bem.

Não entrarão aqui questões que visam a repriminção, refazimentos, reparos funcionais que levariam a descaracterização ou criação de um falso histórico. Porém, em alguns dos bens integrados, será necessário recompor partes, pois a reprodução de elementos neutros ou remoção deles poderia criar lacunas ainda maiores como no caso das pinturas parietais. Porém, sempre através da distinguibilidade com uso de técnicas ou traços diferentes e perceptíveis de perto e não ao longe. Os gestos contemporâneos adotados no projeto visam unicamente a conservação do imóvel sem interferir na sua legibilidade. As operações críticas andam de mãos dadas com as operações técnicas que devem ser contemporâneas, fazendo uso de materiais química e fisicamente compatíveis com o existente sem feri-lo.

O imóvel deverá permanecer com sede da Coordenação da Memória Cultural, conforme mencionado anteriormente. Para que estes setores possam atuar na casa, estes devem se adequar à realidade espacial que oferece. Caso não seja possível alocar todos dentro deste espaço será necessário repensar outro local para um dos setores. A integridade do imóvel está em primeiro lugar, não estando o uso à sua frente.

A escala de intervenção se atém ao edifício, seu lote e seus bens integrados. Atualmente, as inconsistências do Plano Diretor, leis e decretos permitiriam uma análise mais aprofundada da questão do entorno. Porém, não será abordado no momento. Resta apenas colocar que o edifício é tombado em nível municipal e seria necessário que as edificações vizinhas que ainda conservam parte da ambiência da primeira metade do século XX fossem tombadas a fim de evitar que outros edifícios despontem no fundo de seus lotes.

Não há volumes edificadas considerados espúrios. Há elementos que prejudicam a legibilidade do ambiente e o conforto do mesmo. A ausência de manutenção periódica resultou em grandes volumes de água infiltrando pela cobertura durante muito tempo e que geraram danos que ainda perduram como comprometimento de elementos de madeira e camadas pictóricas. A cobertura foi toda refeita entre 1999 e 2000 aos moldes da antiga, porém, com material

novo. Quanto ao telhamento em telhas francesas, não pôde ser confirmado se foi todo ou parcialmente substituído. Acredita-se que parte das telhas foi reaproveitada, mas é algo que deve ser avaliado de perto. Um dos sótãos perdeu os revestimentos internos em madeira que permitiam a criação de ambientes como dormitórios e salas de estudo. Tal intervenção do passado permite partir de um gesto contemporâneo numa nova intervenção para gerar conforto térmico e acústico no ambiente e ao restante do edifício que sofre com as intempéries, devido a intervenções incompletas, para então devolver usos a estes espaços desativados na cobertura.

O pavimento principal concentra uma gama de bens integrados nos dois volumes interligados pelo passadiço fechado. Os valores começam nas técnicas construtivas e se estendem aos pequenos ornatos dispostos nos ambientes. Elementos em madeira, pinturas parietais, ornatos em papel machê, molduras, esquadrias e bens móveis integrados. A medida de conservação desses espaços se dará sob mínima intervenção, principalmente no que se refere aos bens integrados. Tais como recuperação de camadas pictóricas onde houver lacunas, recomposição de parte de ornatos quando possível, recuperação dos elementos de madeira existentes, entre outros. O preceito da distinguibilidade deve estar presente, pois “a restauração não propõe o tempo como reversível e não pode induzir o observador ao engano de confundir a intervenção, ou eventuais acréscimos com o que existia anteriormente, além de dever documentar a si próprio” (Apud ARISTIMUNHA, FAGUNDES E MATOS, 2013, p. 37).

No porão, também dividido entre dois blocos, as intervenções devem ser muito cuidadosas. O bloco da frente sofreu grandes alterações, incluindo remoção de 3 paredes de tabique de fasquio e acréscimo de uma abertura de portas e novos revestimentos. Os ambientes possibilitam gestos contemporâneos adequados que partam do pressuposto da conservação do bem. Instalações elétricas e hidrossanitárias inadequadamente instaladas, por exemplo, são elementos que devem ser repensados. Além do conforto termoacústico do edifício que passa por materiais que devem ser condizentes com o existente.

No porão do Bloco 2 há uma gama de bens integrados e, portanto, serão aplicados os mesmos pressupostos do pavimento principal. Será necessária uma avaliação criteriosa do estado de conservação dos elementos, podendo substituir o que não for adequado à conservação. Como por exemplo, os forros em madeira muito danificados e tubulações que promovem vazamentos. As paredes em tabique receberam revestimentos em azulejos importados da Alemanha, fabricados pela indústria Villeroy e Boch, atuante no mercado há mais de 250 anos. Os ladrilhos hidráulicos, esquadrias e pinturas murais são originais. São áreas molhadas que devem ter um olhar mais rigoroso quanto à conservação desses bens.

O imóvel não passa por problemas estruturais de grandes proporções, devendo a maioria das intervenções se concentrar na recuperação de fissuras de revestimento e os próprios revestimentos. Alguns elementos metálicos de entrespisos poderão necessitar de trocas, assim como elementos de madeira. Porém, não devem afetar o aspecto do objeto e se buscará trabalhar com o mesmo material ou mediante próteses. Obras relacionadas a incêndio e acessibilidade podem demandar alguma intervenção de consolidação estrutural, mas esta deve ocorrer como obra contemporânea sem afetar a legibilidade do edifício. Como exemplo, rampas de acesso e elevador.

As áreas abertas, por não estarem em seus estados originais, devem receber projetos de acordo com a realidade da edificação. O pátio interno necessita de grandes reparos que não são de restauração, exceto as fachadas. As instalações hidrossanitárias do banheiro do térreo junto ao pátio, pisos e elétrica fazem parte desta intervenção. As fachadas devem ser restauradas, mantendo as características ali encontradas sem modificações.

O jardim aos fundos do terreno, conforme mencionado, conserva poucos elementos originais. Não possui um traçado ou conformação de jardim adequado ao imóvel. Trabalhando com a vegetação e elementos existentes, deve receber um redesenho contemporâneo que abra o espaço ao convívio de todos. Não permanecendo como os “fundos” do terreno tão somente. Interagindo com a edificação em um espaço dinâmico e contemporâneo que pode atender as necessidades do local sem perder a ambiência inicialmente encontrada.

Tabela 4 PROGRAMA DE NECESSIDADES: Usos

AMBIENTE	USO ANTERIOR/ATUAL	NOVO USO	Nº de usuários
A-01	Átrio e escadaria	Mantém	Coletivo
A-02	Recepção	Mantém	De 03 a 05
A-03	Consultório/Sala CPH	Biblioteca	Até 02
A-04	Dormitório/Sala PAC	Arquivo	Até 02
A-05	Circulação	Mantém	Coletivo
A-06	Consultório/Sala 2 CPH-PAC	Sala CPH	04
A-07	Área coberta/sanitário	Sanitário coletivo PNE	Individual
A-08	Área coberta/depósito	Mesmo sanitário junto ao A-07	Individual
A-09	Pátio interno de transição	Mantém e acresce circul. vertical	Coletivo
A-10	Sala de banho	Vestiário	Até 02
A-11	Banheiro	Lavabo	Individual
A-12	Circulação de serviços	Circulação	Coletivo
A-13	Copa	Sala multiuso	Até 15
A-14	Caixa de escada de serviço	Mantém	Coletivo
A-15	Cozinha	Refeitório/espço funcionários	Coletivo
A-16	Despensa	Depósito	Restrito
A-17	Área coberta/lavanderia	Área coberta	Coletivo
A-18	Depósito de lenha/depósito	Dep. de material de limpeza	Restrito
AMBIENTE	USO ANTERIOR/ATUAL	NOVO USO	Nº de usuários
A-19	Sala de estar	Estar/atendimento	Até 04
A-20	Gabinete	Mantém	
A-21	Circulação	Mantém	Coletivo
A-22	Dormitório/Sala equipe CMC	Sala equipe CMC	04
A-23	Dormitório/Sala da coordenação	Sala da Coordenação	01 fixo Até 02 visitantes
A-24	Sala de banho	Lavabo	Individual
A-25	Circulação	Mantém	Coletivo
A-26	Dormitório/Sala 3	Sala Equipe EPAHC	04
A-27	Circulação	mantém	Coletivo
A-28	Dormitório/Sala 4	Direção EPAHC	01

A-29	Sala de jantar/sala	Salão Nobre: eventos/reuniões	Até 30 (sentados)
A-30	Jardim de inverno	Jardim de inverno e sala de apoio	Transição
A-31	Varanda	Varanda/palco	
A-32	Saleta de fumar	Estar junto ao salão nobre	Até 05 (sentados)
A-33	Terraço	Mantém	Até 05
COBERTURAS			
AMBIENTE	USO ANTERIOR/ATUAL	NOVO USO	Nº de usuários
A-34	Sótão Bloco 2	Sala equipe EPAHC	Até 4
A-35	Sótão bloco 1	Auditório	Até 35 (sentados)
	Passadiço	Mantém com cobertura	Até 03

Fonte: elaborada pela autora (2019).

4.3. SOLUÇÕES TÉCNICAS PARA O PROJETO DE INTERVENÇÃO

Quando se fala em intervir num edifício histórico, muitos são os desafios que se apresentam. Estes vão desde a materialidade até a implantação no lote. No caso específico da Casa Godoy, para além do restauro, um dos grandes desafios está na acessibilidade ao edifício. A casa ocupa toda a testada do terreno e possui apenas um acesso junto ao alinhamento do passeio que é bastante estreito. Esta limitação compromete a acessibilidade universal de pessoas e a segurança para o livre trânsito de público externo. Este último começa pela limitação de tráfego dentro de uma edificação histórica.

O passeio público tem apenas 3 metros de largura, ficando 1 metro de faixa de serviço, 1,2 metros de faixa acessível e apenas 0,80 metros de área remanescente. O aclave do passeio e a proximidade com a porta do edifício vizinho também compromete a instalação de rampa fixa.

Partindo deste princípio, a acessibilidade universal deverá acontecer através de rampa móvel, não sendo possível a colocação de uma rampa fixa que ocuparia quase toda a largura do passeio. A rampa móvel deve ser

confeccionada mediante projeto específico, considerando o desnível do passeio público (ver figura 260). A instalação de rampas junto à recepção no porão também será necessária devido ao desnível em relação ao átrio e o pátio (ver figura 261). O pátio interno receberá um elevador elétrico externo junto ao passadiço que acessa os dois blocos (ver figura 262).

Ainda sobre o passeio público, outro fator importante é o ponto de ônibus e uma lixeira instalados em frente ao prédio vizinho à Casa Godoy mencionado no capítulo III. O passeio estreito não comporta um ponto de ônibus confortável, ficando este sem cobertura para proteção contra intempéries e interferindo na percepção visual do conjunto arquitetônico devido ao mobiliário. Como diretriz neste caso, segue a organização da faixa de serviço para comportar a lixeira e canteiros floridos, transferindo o ponto de ônibus para a frente do edifício de número 488, onde o passeio é um pouco mais alargado e confortável, cerca de 5,2 metros de largura. Essa transferência possibilita a instalação de mobiliário urbano adequado a um ponto de ônibus.

Figura 260 Rampa móvel para acesso PNE, adaptando-se ao desnível do passeio.



Fonte: Imagens tridimensionais confeccionadas pela autora (2021).

Figura 261 Rampa de acesso à recepção no Porão.



Figura 262 Elevador junto ao pátio interno.



Fonte: Imagens tridimensionais confeccionadas pela autora (2021).

Não será considerado o plantio de árvores nessa porção de quadra até a altura do número 470. A árvore removida do passeio junto à Casa Godoy era a única naquele trecho de quadra e estava bastante comprometida pela ação de ervas daninhas. Sua presença não permitia uma leitura do conjunto arquitetônico. Por isso, se considera o plantio de mudas de flores resistentes a áreas urbanas, ficando a manutenção por conta de servidores que cuidarão da manutenção do jardim.

Quanto às vagas de estacionamento, os mesmos motivos citados acima impedem a instalação de estacionamento. Ao longo da Avenida Independência há edifícios-garagem e áreas reservadas ao estacionamento ao ar livre, como as “áreas azuis” que são utilizadas por quem trabalha na região. Não há áreas de estacionamento ao longo da via.

4.3.1. Plano de prevenção e proteção contra Incêndio - PPCI.

Outro desafio passa pelo Plano de Prevenção Contra Incêndio, PPCI. Com apenas um acesso, a rota de fuga em caso de incêndio se torna bastante frágil. A Resolução Técnica nº 5, parte 7, em conjunto com a L.C. 14.376/13 do Corpo de Bombeiros do Rio Grande do Sul descreve os processos de segurança contra incêndio em prédios históricos, conforme o item 4.1.2 desta RT: “É a edificação de interesse do Patrimônio Histórico-Cultural com comprovação junto ao órgão oficial competente mantidas as características arquitetônicas originais” (CBMRS, 2020, p. 2. In bombeiros.rs.gov.br/upload/arquivos/201706/13221240-rt-cbmrs-nr-05-parte-07-edificacoes-existent-hist-tombadas.pdf, 2020).

O edifício possui área total de 690 m², sem incluir terraço. Porém, incluindo a área do passadiço entre os dois sótãos que receberá uma cobertura translúcida conforme será visto mais adiante. Segundo a resolução, para edificações até 750 m² e até 12 metros de altura, são exigidas as seguintes medidas de segurança, prevenção e proteção contra incêndio no Estado do Rio Grande do Sul:

- Extintores de incêndio
- Saídas de emergência - Apesar de recomendável, não é obrigatória a adequação dos acessos, escadas, rampas e descargas a legislação vigente, bastando apenas manter as saídas devidamente desobstruídas e sinalizadas, sendo que a lotação máxima deverá ser compatível com as saídas de emergência;
- Sinalização de emergência
- Brigada de incêndio
- Iluminação de emergência

- Detecção automática (não obrigatório neste caso)
- Alarme

As saídas de emergência são desafios neste caso, pois como citado anteriormente há apenas uma porta de acesso. Depois há saída para o jardim que fica aos fundos do terreno e não possui saída para outro local ou via. Mesmo que houvesse, não serviria de rota pelas edificações vizinhas que também ocupam toda a largura do terreno.

Na tabela de classificação de usos do Corpo de Bombeiros, a Casa Godoy entra no Grupo F, que a caracteriza como local de reunião de público, na divisão F1 que especifica como local de objetos de valor inestimável. Sendo assim, deve atender as exigências citadas acima. O plano de emergência é aplicado somente em caso de lotação superior a 400 pessoas. Em eventos com maior concentração de público, estes não atingirão esta margem de pessoas. Porém, é importante aprovar um PPCI para eventos temporários que podem promover aglomerações de pessoas e instalações efêmeras no jardim, como saraus, apresentações teatrais e outros.

Essas adaptações contemporâneas previstas na legislação devem ser discutidas a partir do comprometimento da legibilidade que podem ocasionar no edifício em paralelo com a segurança do mesmo. Se algumas das normas não puderem ser atendidas, deverá apresentar um laudo técnico ao Corpo de Bombeiros como no caso das saídas de emergência. Não há espaço para colocação de uma escada metálica que atenda os três pavimentos. Apesar de existir escadas retráteis tipo marinheiro, as mesmas apresentam riscos em caso de fuga, podendo ocasionar acidentes. Este tipo de escada poderia ser fixada junto à parte externa da caixa do novo elevador, mas devido à dificuldade de acesso e sua localização seria menos arriscado descer pelas escadas existentes no edifício.

4.3.2. Instalações elétricas e luminotécnicas

Como aliado ao plano de prevenção contra incêndio, o projeto elétrico deve contemplar dispositivos de segurança aos usuários e ao próprio edifício como a

instalação de Disjuntor Diferencial Residual, DR, que monitora a corrente elétrica e possíveis fugas da mesma, evitando desperdício de energia elétrica, sobrecargas e curto circuito. É um disjuntor que deve ser instalado em cada circuito para facilitar a detecção do problema em caso de desligamento.

A instalação elétrica e processamento de dados deve ser totalmente refeita em todo o prédio. Atualmente, a instalação é aparente, mas apresenta muitos pontos de fragilidade como fios expostos, tomadas e caixas de passagem junto a áreas úmidas e outros, conforme visto no Capítulo III.

Para atendimento da demanda do edifício, tanto pelo seu tamanho quanto pelo seu uso, é necessário fazer uso de circuito de correntes trifásicas. Os equipamentos mais potentes como ar-condicionados, forno de microondas e outros devem ter tomadas específicas. A distribuição do cabeamento nos pavimentos deve passar pelos entrepisos se distribuindo nos pavimentos por meio de eletrocalhas modulares, comprometendo o mínimo pisos e forros. As eletrocalhas modulares serão em módulos quadrados e retangulares com separadores internos entre cabos elétricos e cabos de lógica para garantir a continuidade elétrica e a blindagem eletromagnética. As eletrocalhas e seus componentes são em alumínio com acabamento em pintura eletrostática. Distribuam a iluminação e tomadas de cada ambiente de forma aparente. Deve-se prever área técnica para passagem do cabeamento nos sótãos para sua distribuição nos pavimentos e prever tomadas de piso nos sótãos.

Manter as luminárias, lustres e pendentés que fazem parte dos bens integrados em funcionamento como por exemplo, o lustre da sala de estar (ver figura 263) e da antiga sala de jantar. Estas luminárias devem receber iluminação difusa, trazendo aconchego e suavidade aos ambientes e seus bens integrados. Na antiga sala de jantar, pelo seu novo uso, deverá receber iluminação de apoio (ver figura 264). Prever nova iluminação para todas as salas de trabalho distribuída uniformemente, evitando zebramentos nas estações de trabalho e fazendo uso de iluminação branca.

Figura 263 Lustre sala de estar.



Figura 264 Lustre antiga sala de jantar e iluminação de apoio.



Fonte: Imagens tridimensionais confeccionadas pela autora (2021).

Não é necessário Central de Processamento de Dados, pois a PROCEMPA, central de processamentos da Prefeitura de Porto Alegre, se encontra em outro endereço. Necessita apenas de um local para instalação dos receptores, podendo ser junto à biblioteca no espaço em que se encontra atualmente. Apenas adequando e dispondo as instalações de forma organizada. Os pontos de lógica devem descer por eletrocalhas junto às mesas. Algo que pode mudar rapidamente pela instalação de novas tecnologias que dispensam o uso dos mesmos. Algumas tecnologias como conectores de redes móveis para computadores de mesa para repetidores de sinal podem ser uma alternativa. Porém, é algo que deve ser desenvolvido e disponibilizado pela PROCEMPA.

Nas áreas externas, a instalação deve ser subterrânea e junto aos muros para iluminar o jardim através de balizadores, evitando o incômodo aos pássaros geralmente provocado pela iluminação de postes altos. A iluminação efêmera para eventos pode acontecer por fitas de LED móveis, corda de lâmpadas e/ou lanternas conectadas à tomadas que devem ser instaladas junto aos muros. Inclusive no nível mais baixo do terreno, na cota 23 metros.

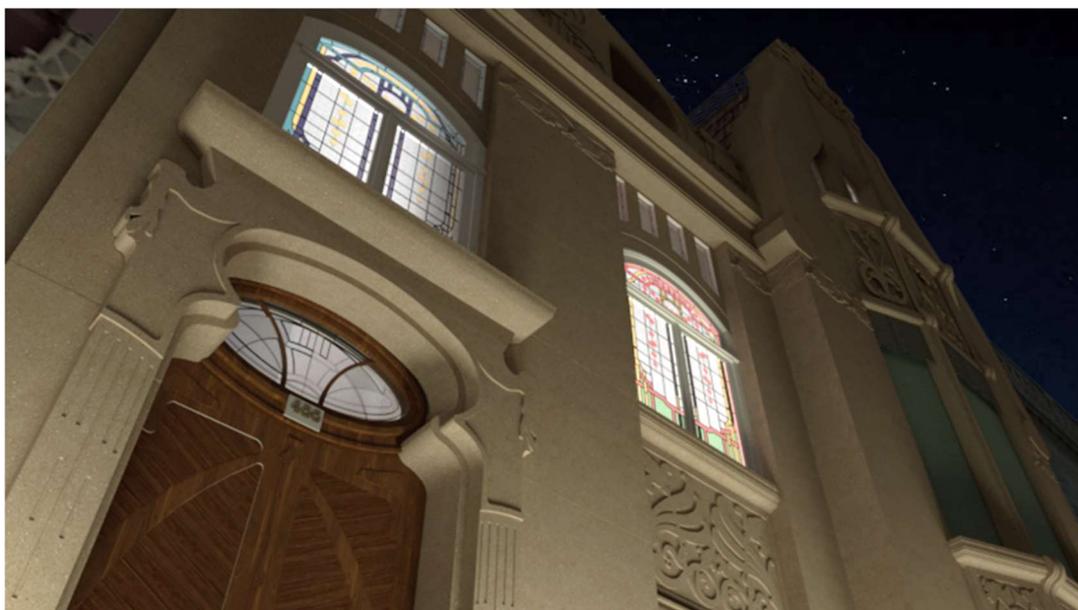
O modelo de iluminação externa utilizado nos prédios históricos do centro de Porto Alegre é a iluminação cênica. No caso da Casa Godoy, que pertence a um conjunto urbano, a iluminação deve acontecer junto à fachada sul, mas com uso de iluminação arquitetural que destaca os elementos de composição e permite a legibilidade e reconhecimento do edifício à noite. A iluminação suave

deve destacar os elementos que melhor caracterizam o objeto para não ofuscar o entorno urbano e o próprio edifício. Para isso, o uso de um sistema lumínico mais específico com iluminação rasante ou tangente é o mais adequado. Quanto à temperatura de cor, a antiga iluminação incandescente era a mais próxima da luz solar, com um índice de reprodução de cor, IRC, acima de 90 %. Porém, hoje há as lâmpadas eletrônicas que estão mais distantes desta realidade ao mesmo tempo em que a tecnologia avança rapidamente. Quanto mais alto o IRC, melhor o resultado para não alterar a cor e aspecto do monumento.

A iluminação cênica poderia ser empregada de forma efêmera ou ainda, mediante projeto específico, poderia alternar entre cênica e arquitetural conforme o tipo de evento ou data comemorativa. A iluminação em fachadas também colabora para a iluminação pública e embelezamento urbano. Por isso, seria importante estender esse processo a todos os prédios históricos do conjunto (ver figura 265).

É necessário desenvolver um projeto luminotécnico específico para a fachada e jardins através de um profissional light designer. Assim como também para o restante do edifício para garantir um bom resultado. Esses projetos são de caráter complementar, assim como projeto elétrico, hidráulico e hidrossanitário.

Figura 265 Elementos da fachada em destaque.



Fonte: Imagens tridimensionais confeccionadas pela autora (2021).

4.3.3. Áreas externas

Jardim

O jardim tem papel importante na manutenção da ambiência local. A interação da casa com este espaço localizado ao fundo do terreno é muito forte. Acontece através da varanda que articula os ambientes internos com o espaço aberto e, ao contrário da maioria das residências, não é um quintal simplesmente. Sempre foi um espaço de convívio das famílias que ali habitavam. Embora o jardim tenha essa interação paisagística com a casa, é importante frisar a perda de testemunhos do antigo jardim. Não há fotos ou depoimentos mais detalhados sobre o que foi o jardim antes do fracionamento do terreno.

Não existindo testemunhos da configuração original do jardim, exceto pela presença do caramanchão e da araucária, a intervenção se dará de forma contemporânea. Trabalhar os fluxos e criar estares de convivência fluídos com canteiros que organizam as folhagens e rasteiras e que ofereçam espaços maiores para realização de eventos abertos.

A atual pavimentação não apresenta qualquer qualidade estética. São grandes placas de concreto com pouca permeabilidade e canteiros delimitados por tijolos maciços. A proposta projetual passa pela substituição da pavimentação atual por outra que promove o redesenho do jardim, organizando os canteiros e facilitando os fluxos de pessoas e a drenagem superficial das águas pluviais. Ressaltando a importância de evitar o contato da vegetação com a edificação, mantendo um distanciamento dos canteiros e árvores. O piso será permeável e em tamanhos e tons diferentes conforme poderá ser visto no projeto (Ver Volume III).

O Caramanchão, talvez único testemunho construído do antigo jardim, apresenta muitas lacunas pela perda de argamassa de revestimento e perda de uma das colunas de sustentação do antigo pergolado. A avaliação, limpeza e intervenção deve seguir os mesmos passos adotados nas fachadas do edifício (ver item 4.3.6).

Figura 266 Redesenho do jardim com espaços fluidos.



Fonte: Imagens tridimensionais confeccionadas pela autora (2021).

Quanto a uma das colunas que possui uma lacuna, expondo a armadura, deve ser avaliada para remoção da ferrugem presente na armadura exposta e a recomposição da argamassa de revestimento.

Importante avaliar o tipo de tinta presente no revestimento e sua necessidade ou não de remoção total para receber a nova pintura. A decapagem da tinta deve iniciar com o uso de uma escova de cerdas macias, retirando todo o excesso e seguindo com o uso de uma espátula e/ou removedor nos locais em que não sai com facilidade para não danificar a textura do reboco que ainda permanece. Logo após a limpeza e decapagem, deve ser feito o chapisco para consolidar o reboco no suporte nos trechos em que se perdeu. Importante verificar a possibilidade de reaproveitamento do reboco que se soltou do suporte junto à nova argamassa que deve seguir o traço apontado nas análises.

A pintura se dará com uso de tinta à base de silicato de potássio. As cores antigas ainda permanecem na superfície e podem ser identificadas como ocre médio sobre outra camada de branco. Será aplicada de duas a três demãos de tinta na cor ocre médio, incluindo as colunas existentes.

Confecção de pergolado em aço e madeira laminada que será distribuída em ripas horizontais na face leste e oeste. Uma das quatro colunas, conforme

mencionado, sofreu uma ruptura na estrutura, devendo ser descartada. A outra coluna com armaduras expostas deve ser tratada e recoberta para voltar ao seu lugar. O novo pergolado deve contar com uma nova coluna igualmente de seção circular em concreto com superfície lisa no lugar da antiga que rompeu. A decisão se baseia no aspecto visual do pergolado, visto que a ausência ou substituição por outra coluna diferente resultaria numa lacuna maior.

Figura 267 Proposta de novo pergolado para o caramanchão.



Figura 268 Nova cadeira e reativação das floreiras.



Fonte: Imagens tridimensionais confeccionadas pela autora (2021).

A vegetação foi previamente identificada conforme visto no Capítulo III. Em conjunto com a Secretaria do Meio Ambiente do município, deve ser traçado um plano de manejo das espécies presentes no jardim. Há poucas espécies nativas e a maioria das árvores são frutíferas. O projeto prevê a supressão de alguns indivíduos como 4 das 6 amoreiras presentes no talude oeste, aos fundos do terreno. Um desses indivíduos está bastante apodrecido e os demais crescem de maneira desordenada e sem espaço. Também será suprimida a Nespereira e um pequeno abacateiro. É importante verificar a possibilidade de fazer mudas destas espécies para plantio em outros locais como praças e parques. A decisão de suprimir a vegetação se deu por dois fatores: o primeiro diz respeito à pouca incidência de luz solar no jardim. As árvores presentes no pátio vizinho do lado leste são de grande porte e geram um sombreamento potencial. Como exemplo do impacto deste sombreamento está a árvore conhecida como Pau-ferro. Ela cresceu em meio a outras espécies e para receber sol seu tronco cresceu esbelto e sua copa ficou acima das outras árvores. Esta espécie costuma ter tronco mais largo. O segundo fator determinante foi a falta de manutenção que provoca o

crescimento desordenado das espécies, acúmulo de folhas em calhas e o crescimento de macrofloras na fachada da edificação.

A partir da supressão dessas espécies de árvores, duas outras árvores Ipê Roxo serão plantadas junto a dois novos espaços próximos ao muro oeste. A escolha se deu pela preferência por espécies nativas do Rio Grande do Sul e por ser uma espécie ornamental e com folhagem caduca, que possibilita maior incidência solar no período entre outono e inverno e reforçando a ideia de deixar a luz solar entrar no jardim. O Pau-ferro será mantido. Sua folhagem semi-caduca também facilita a incidência solar, assim como a folhagem caduca das amoreiras. Essas características garantem bom sombreamento no verão e pouco no inverno. O sombreamento continuará acontecendo pelas árvores do pátio vizinho, mas estas devem ser periodicamente podadas. Principalmente pela proteção das calhas e tubos de queda da edificação.

Figura 269 Organização da vegetação promove maior incidência solar no inverno.



Fonte: Imagens tridimensionais confeccionadas pela autora (2021).

As folhagens e arbustos devem ser realocados conforme projeto com canteiros específicos para eles de acordo com suas necessidades. Houve um crescimento desordenado destas espécies que se espalharam rapidamente em consequência da falta de manutenção. Muitas delas precisam de sol ou meia-sombra para se desenvolverem com mais qualidade. Boa parte das espécies

tem período de floração que contribui ainda mais para o embelezamento do local. Característica muito presente no estilo da edificação.

As trepadeiras existentes permanecerão nos seus lugares, passando apenas por manutenção e poda, como o caso da *Ficus repens* junto ao muro leste. O pergolado metálico existente possui uma espécie de trepadeira conhecida como Flor-de-pau. Este pergolado se manterá praticamente no mesmo local com o acréscimo de uma cadeira de jardim para dois lugares. O novo pergolado do caramanchão receberá uma trepadeira conhecida como Ipomea-do-campo, que também é espécie nativa do RS.

O talude e escadarias aos fundos do terreno, conforme relatado, não possui qualquer uso atualmente. O crescimento desordenado de árvores frutíferas e folhagens não permite o aproveitamento do espaço. Com a remoção do excesso de árvores acumuladas nestes taludes, a proposta segue com a intenção de dar vida ao espaço. O talude deve ser avaliado com muito cuidado, inclusive no que tange ao escoamento das águas pluviais, e trabalhado para abrigar um novo espaço com mini-platéia. Espaço dedicado à eventos como cinema ao ar livre, palestras, pequenas apresentações ou simplesmente estares de convívio. A partir da cota 25, o talude deve ser distribuído regularmente, formando uma escadaria arredondada com degraus de 25 centímetros de altura que pode variar um pouco pelo uso de revestimento. Os espelhos serão em placas de concreto e os pisadores dos degraus terão metade revestidos com concreto e a outra metade, revestida com graminha. A espécie escolhida foi a Grama Bermudas, pois é mais resistente e pode ser utilizada como assento. Os degraus devem ter contenção de concreto para evitar erosão. Na cota mais baixa fica o espaço para apresentações e projeção. A escadaria deve contar com iluminação em fitas LED para eventos noturnos como cinema de rua (ver figura 270). Este espaço possibilita uma interação maior entre o público e o local.

Figura 270 Mini platéia aos fundos do terreno, criando novos espaços de convívio em diferentes horários.



Fonte: Imagens tridimensionais confeccionadas pela autora (2021).

O muro ao fundo deve passar por inspeção na sua estrutura, pois apresenta pontos de perda de revestimento e descamação de alguns tijolos. Quando possível, reforçar as juntas dos tijolos com argamassa após limpeza e remoção das sujidades e agentes biológicos e fechando com reboco conforme traço. O muro deve sofrer aumento de altura para abrigar espaço de projeção e será pintado na cor branca.

Antes de qualquer intervenção no talude, para além da adequação da rede pluvial, é importante que se faça uma investigação arqueológica para verificar a existência ou não de testemunhos antigos.

Pátio interno

Atualmente, o pátio interno apresenta sérios problemas de drenagem, conforme visto no Capítulo III. A primeira medida a ser tomada é a remoção total do piso do pátio para averiguar a situação da tubulação dos esgotos cloacal e pluvial. Em paralelo com a remoção do piso do jardim. Caso necessite refazer a rede pluvial até o jardim, o piso em ladrilhos hidráulicos do porão do Bloco 2 deve ser aberto em linha reta, de uma ponta à outra, seguindo pela circulação até alcançar o jardim. A remoção se dará com uso de um disco diamantado que passará entre as juntas das peças com todo o cuidado para evitar perdas. É muito provável que as primeiras peças se percam. Caso ocorra, estas devem ser

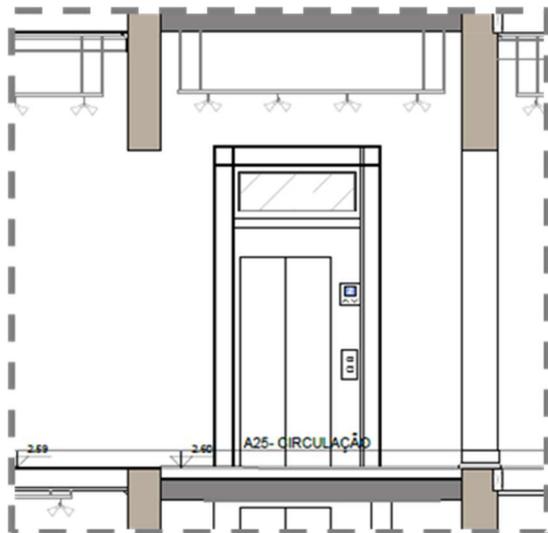
substituídas por novas com mesmo padrão no momento da recolocação do piso e seguir com tratamento proposto no item 4.3.5.

Após a revisão de toda a rede, deve seguir com confecção de ralos de piso para escoamento das águas pluviais proveniente dos tubos de queda, paredes e do próprio piso. A confecção se dará mediante projeto específico. Também neste momento, deve seguir a confecção de um poço para abrigar o novo elevador externo que será conectado ao volume do passadiço para atender os 3 pavimentos. Será um elevador elétrico em vidro e aço cinza escuro como os demais elementos em ferro da casa. A vedação do volume do elevador será em vidro. O elevador terá capacidade de 225 kg ou até 3 pessoas e sua estrutura será autossustentada. Deve passar por projeto específico em conjunto com uma empresa especializada em projeto e execução de elevadores externos. No pavimento principal a janela da fachada leste do passadiço será retirada para abertura de vão do elevador. O reforço se dará por ombreiras em estrutura metálica para sustentação dos vãos (ver figura 271). Uma viga metálica de cada lado, no sentido transversal ao pátio, acompanhando o sentido do passadiço, será fixada entre a caixa do elevador e as paredes do edifício. Uma no Bloco 1 e outra no Bloco 2. Essa fixação deve acontecer no pavimento principal e nas coberturas. Serão vigas tipo “I” fixadas por meio de parafusos. A caixa do elevador terá quatro pilares em cada canto, travados por pequenas vigas de aproximadamente 10 centímetros.

O novo piso do pátio será em placas de concreto regular com leves inclinações para encaminhar as águas para os escoadouros e evitar acúmulo de água junto às paredes da edificação. A caixa do elevador também deve ter rufos tipo pingadeira para conduzir as águas adequadamente.

Deve ser confeccionada uma nova cobertura bioclimática em aço tipo abre-fecha para interligar o sanitário do pátio ao corredor coberto (ver figura 273). Esta cobertura retrátil terá aletas em policarbonato e aço que se movimentam de acordo com a necessidade, protegendo os usuários da água da chuva (ver figura 274). A pérgola também deve ter inclinação adequada na direção da cobertura em vidro existente, que deve receber calhas para encaminhar as águas pluviais.

Figura 271 Reforço por ombreiras em estrutura metálica na parede de alvenaria do passadiço.



Fonte: Desenho da autora (2021).

Figura 272 Conexão externa do elevador aos dois blocos por vigas metálicas.



Fonte: Imagens tridimensionais confeccionadas pela autora (2021).

Figura 273 Tipo de cobertura bioclimática com brises retráteis.



Figura 274 Modelo de funcionamento dos brises.



Fonte: Imagens de referência colhidas do site Pinterest (<http://pinterest.com>, 2021).

4.3.4. Coberturas

A abordagem inicia pelas coberturas por se tratar de um elemento fundamental para a proteção do edifício. Conforme mencionado em diversos momentos deste estudo, os dois blocos receberam recuperação de toda sua

cobertura. O madeiramento estava totalmente comprometido pela ação da água e insetos xilófagos e a cobertura em telhas cerâmicas do tipo francesa pode ter sido toda ou parcialmente substituída por nova. Ambos os telhados foram refeitos conforme o original com o acréscimo de uma subcobertura em chapas galvanizadas à zinco e pequenos dutos em aço, para convecção nas cumeeiras.

Os dois sótãos não devem receber muito peso como por exemplo, grandes armários de arquivos que concentrariam uma carga permanente muito grande, podendo afetar o edifício como um todo, considerando que este possui paredes divisórias em tabique de fasquio.

O sótão do Bloco 2, além do total refazimento da cobertura, perdeu a forração em madeira. Haviam paredes e forro em madeira com encaixe tipo macho-fêmea e frisos longitudinais no centro da peça. Tipo muito comum nas casas de madeira no sul do Brasil. Sendo assim, se pode tomar como ponto de partida uma releitura do que foi essa forração em madeira antes da reconstrução. Porém, com um gesto contemporâneo.

A atual subcobertura em chapas galvanizadas à zinco é eficaz no que tange à proteção contra as infiltrações. Porém, seu papel se restringe somente a isso. Ambos os sótãos são muito desconfortáveis. Muito quentes em dias de verão e muito frios no inverno. O que seria evidente quando se trata de sótão, pois esta é sua função. Porém, os dois sótãos da casa oferecem espaços habitáveis que podem ser, em parte, reaproveitados.

Todo o telhamento deve ser avaliado para eventuais substituições de telhas quebradas e a recolocação de peças que se deslocaram do lugar. A convecção que deveria funcionar pelos dutos de respiro nas cumeeiras não é suficiente. Serão substituídos por outros dutos com saídas de ar um pouco maiores ou aumento do número de dutos.

Sob as chapas galvanizadas se deve instalar placas em lã de rocha e mais uma camada de manta de espuma e alumínio, reflexivos finos, criando um sanduíche para isolamento termoacústico. Sob esse isolamento, forração em madeira laminada, inclusive nas trapeiras. A forração se dará na área útil do sótão do Bloco 2, ficando com zonas de respiro nas laterais. Estas áreas receberão o cabeamento elétrico que se distribuirá tanto pelo sótão quanto nos

demais pavimentos. O acesso a essa área técnica se dará por portas camufladas no revestimento de madeira.. Manter as esquadrias das trapeiras e substituir as portas de acesso ao passadiço de modo que se possa distingui-las enquanto portas novas.

Para o sótão do Bloco 1, o tratamento de cobertura será o mesmo (ver Volume III, Projeto de Intervenção). Este espaço fica reservado para um pequeno auditório para palestras e reuniões de pequeno público.

Figura 275 Nova forração no sótão do Bloco 2 que se repete no 1.



Fonte: Imagens tridimensionais confeccionadas pela autora (2021).

A cobertura em vidro sobre a varanda deve ser totalmente limpa com água e detergente neutro, removendo antes a sujeira acumulada. As placas de vidro danificadas serão substituídas por outras em vidro aramado 6 mm. O vidro atual também é aramado. Porém, com a falta de manutenção nos seus 20 anos de existência está com muitas trincas, perfurações e quebras, impossibilitando a manutenção de algumas peças. A fixação dos vidros deve ser refeita com silicone. É importante salientar que a fixação dos vidros deve ser reforçada a cada cinco anos e a limpeza deve ser periódica. Os elementos em ferro devem passar por limpeza, avaliação e pintura, conforme será mencionado mais adiante. O mesmo se aplica à cobertura de vidro junto ao pátio central.

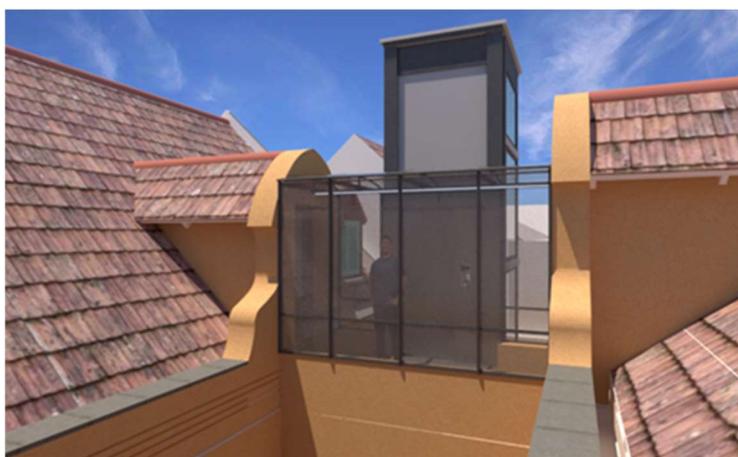
Uma nova e pequena cobertura de aço e vidro deve ser confeccionada para o terraço com o intuito de evitar a incidência direta das intempéries na esquadria. Será fixada na parede externa acima do elemento em relevo, protegendo a porta e a parede.

No passadiço entre os dois sótãos, atualmente não existe cobertura e seus guarda corpos em madeira se perderam totalmente. Com a instalação do elevador externo e possibilidade de uso dos sótãos, este passadiço deve receber uma nova cobertura em aço e vidro. Serão removidos os resquícios de madeira dos guarda corpos e removida parte das muretas para possibilitar a instalação da estrutura e fixação do elevador. O piso também passará por tratamento e nivelamento com o piso dos dois sótãos. Possivelmente deverá ter uma leve inclinação pela diferença de nível de 2 centímetros entre o piso dos dois sótãos. Esta deve acontecer no acesso ao sótão 1. A fixação, tanto do elevador quanto da cobertura em aço e vidro, se dará pelas vigas longitudinais conforme mencionado anteriormente.

Figura 276 Nova cobertura para a esquadria do terraço, que também é nova.



Figura 277 Cobertura em aço e vidro para o passadiço.



Fonte: Modelos tridimensionais realizados pela autora (2021).

Pisos e forros não cumprem adequadamente suas funções devido aos muitos danos presentes nos mesmos e isso contribui para ineficiência energética do edifício.

4.3.5. Infraestrutura e Entrepisos

Em todo o edifício, há uma interessante gama de materiais, predominando o uso da madeira. As fundações não puderam ser avaliadas, mas não apresentam recalques de piso ou fissurações nas paredes que podem ter origem nas mesmas. Nos dois porões, os pisos alternam entre cerâmica, tacos e ladrilhos assentados provavelmente sobre laje. No pavimento principal, em ladrilho e mármore sobre laje em ferro e alvenaria e os pisos de madeira sobre barroteamento e vigamento de madeira. E nos sótãos e terraço, madeira e alvenaria respectivamente.

Essa gama de materiais traduz uma época e torna ainda mais importante a manutenção de tudo o quanto for possível, desde que não comprometa a longevidade do bem.

Os elementos de madeira não foram avaliados em laboratório para indicar a extensão dos danos. Por esta razão, se possível, devem ser coletadas amostras de cada pavimento para avaliar o tipo de madeira, os danos e seus agentes e avaliar a extensão do comprometimento das peças.

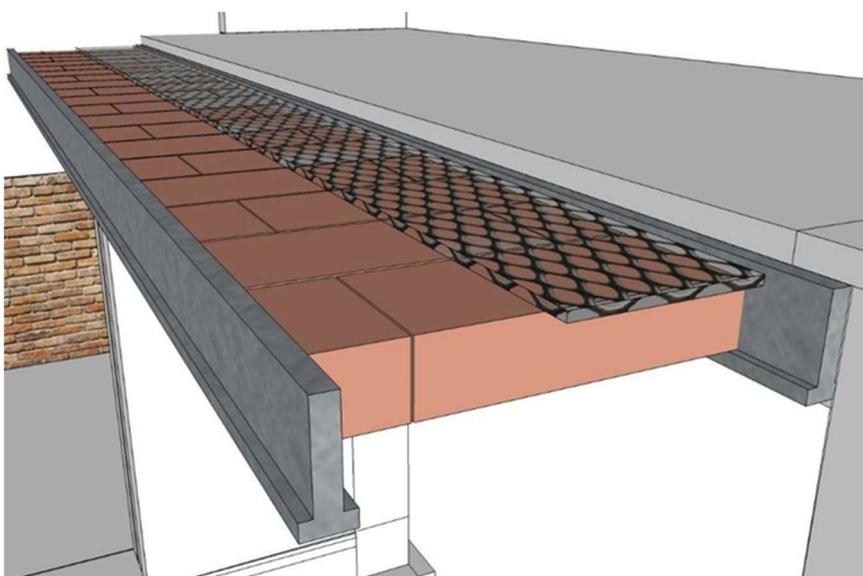
Estrutura dos entrepisos

Os entrepisos da Casa Godoy são em barroteamento e vigamento de madeira na maioria dos ambientes, ficando as áreas molhadas ou de transição com laje em alvenaria de tijolos maciços armados com vigas de ferro tipo “T” invertido e, possivelmente, sob tela deployer e contrapiso. A maioria destas lajes recebe pisos em ladrilho hidráulico (ver figura 278).

Os barrotes e vigas de todos os entrepisos devem ser avaliados caso a caso para verificar seu estado de conservação e testar sua resistência mecânica para definir o melhor tratamento, visando sempre a restauração de peças. Pode ainda, haver o apodrecimento de cabeça de barrotes, pois as mesmas se encontram engastadas nas paredes de alvenaria da caixa murária. Não foi possível fazer essa avaliação devido à baixa luminosidade e alto risco de tráfego na área do sótão. Vigas e barrotes devem ser testados com batidas suaves de um martelo emborrachado. Caso haja pontos com som oco, proceder à

avaliação, preferencialmente com uso de tecnologias presentes no mercado como resistógrafo que identifica os níveis de densidade diferenciada da madeira, ou termofotografia por infravermelho ou outros. Recursos mais simples, porém, muito invasivos como a perfuração do local com uso de broca ou a inserção de hastes metálicas para avaliar o nível de degradação podem piorar o estado da peça e dificultar o uso de próteses. Caso necessário, avaliar a possibilidade de uso de próteses com uma ou mais peças de sacrifício, mas se o comprometimento de todo o barroteamento e vigamento do pavimento for superior a 75%, é recomendável a substituição total. Muitos barrotes possuem reforços com pequenas peças de madeira nas laterais ou ainda, peças longitudinais maiores para completar altura e aumentar a resistência. Essas peças, em sua maioria, estão comprometidas pela ação de insetos. Aquelas que devem ser substituídas, darão lugar a outras peças provenientes de madeiras similares ou de peças de sacrifício. As próteses devem ser feitas conforme o comprometimento da peça e os esforços aos quais ela está submetida com o auxílio de profissional especializado para definir qual melhor técnica, sambladura, tarugos ou chapas metálicas. Deve-se fazer o escoramento das peças que receberão próteses sem serem retiradas do local. Todos os elementos de madeira devem receber tratamento de imunização contra insetos xilófagos através da técnica de pincelamento com duas ou mais demãos.

Figura 278 Laje estruturada com vigas de ferro e com tela deployer.



Fonte: Modelo tridimensional de estudo feito pela autora (2018).

Nos entrepisos de lajes mistas, os trechos aparentes devem ser avaliados quanto às condições das vigas de ferro e das alvenarias. Possivelmente será necessário o reforço das juntas das peças com argamassa e recomposição do reboco conforme o traço original.

No caso específico do jardim de inverno, parte do revestimento do teto se desprende e há uma grande concentração de microflora e biofilme. Devido ao aparente estado de conservação ruim das vigas em ferro, deve ser contratado especialista para avaliar a resistência mecânica e grau de comprometimento das peças em ferro. É necessário identificar o tipo ligações presentes no ferro e o tipo de ataque sofrido e se há perda de seção para então tomar as medidas de recuperação, que podem ser com aplicação de conversor, remoção química ou remoção por abrasão. As peças apresentam mudança de coloração para bronze, aumento de volume e mudança de textura.

Esta laje de cobertura do jardim de inverno abriga um terraço. Possivelmente, a laje deverá ser desmontada para avaliação e tratamento das peças, pois o jateamento que deve ser feito nas vigas pode atingir os blocos de arenito. Neste momento, a laje deve ser totalmente analisada, inclusive quanto a presença ou não de tela deployer e outros materiais que podem estar presentes. É possível que a tela deployer não mais exista pela ação de corrosão. Após a avaliação e recuperação, a laje deve ser remontada, recebendo, se assim necessitar, nova tela deployer e revestimento em argamassa conforme traço. Aproveitando a remontagem desta laje, deve ser refeito o sistema de impermeabilização e drenagem.

A laje de cobertura sobre os sanitários do pátio também deve passar por criteriosa inspeção, pois ainda sofre com as intempéries devido a falta de elementos do sistema de escoamento. A manta de impermeabilização deve ser removida para avaliação da situação do capeamento da laje que deve ser removido para a instalação de grelha de escoamento para adequação do sistema de drenagem. Não necessitando de decapagem total, a laje deve receber nova manta impermeabilizante para então, abrigar o reservatório de água superior que atenderá os dois sanitários. Será uma manta impermeabilizante líquida sobre o capeamento, que deve receber como reforço, mantas de poliéster misturadas a

argamassa de forma homogênea. Conforme imagem antiga e os levantamentos feitos em 1998, a laje do sanitário apresenta espessura que possibilita a instalação de um reservatório de até 500 litros ou dois de 250 litros. Caso a laje apresente alguma necessidade de reforço estrutural para receber o reservatório, deverá aderir uma manta de fibra de carbono na parte inferior da laje. Para isso, o forro do banheiro do pavimento principal deverá ser removido e posteriormente recolocado.

Pisos

Todos os pisos tabuados devem ser retirados do lugar para avaliação. Aproveitando este momento, deve-se proceder a limpeza de todos os entrepisos de madeira através de aspiração das sujidades sobre forros e estrutura e a escovação com uma escova de cerdas macias em locais com maior dificuldade de aspiração.

O assoalho do sótão do Bloco 2 se perdeu completamente pela ação direta da água, insetos xilófagos e falta de manutenção e conservação ao longo do tempo. Após a avaliação e recuperação da estrutura do entrepiso, deverá substituir por novo assoalho em madeira certificada, com encaixe tipo macho-fêmea e largura das tábuas maior que as do assoalho antigo, de 15 centímetros.

O assoalho do sótão do Bloco 1 deve ser avaliado. Porém, tudo indica que será necessário remover, pois há lacunas e comprometimento de muitas peças, além de outras peças de tamanhos diferentes. Tratamento de imunização de todas as peças de madeira com pincelamento em três demãos antes da instalação.

Os assoalhos do pavimento principal apresentam muitos danos em todos os ambientes. Muitas peças apresentam danos ocasionados pela ação da água e insetos xilófagos. A situação é ainda pior no Bloco 2, onde a incidência da água foi maior e mais prolongada. A dilatação e retração contínua das peças por muito tempo ocasionou na perda de vínculo entre elas. Será necessário retirar todo o assoalho, avaliar minuciosamente as peças e, após tratamento, recolocá-las para encaixar novamente. Ou em alguns trechos, fazer preenchimento dos vãos entre elas com taliscas de madeira. Peças com danos passíveis de recuperação

pode ser aplicada uma massa de resina poliéster com pó de madeira ou serragem do mesmo tipo ou da mesma cor da madeira do assoalho.

Devido ao grande comprometimento dos assoalhos, certamente haverá ambientes em que a substituição deverá ser total. Portanto, o assoalho deve ser desmontado, as peças catalogadas, revisadas e, em caso de descarte de algumas ou muitas peças, priorizar a manutenção do assoalho antigo nas áreas sociais do pavimento principal. Principalmente na sala de estar e gabinete, antiga sala de jantar e saleta. Nestas duas últimas, o assoalho apresenta muitas lacunas e perda da camada superficial da madeira. Assim como um dos antigos dormitórios no mesmo bloco. Por esta razão, o piso deve ser totalmente substituído nas 4 salas de trabalho (antigos dormitórios) para que as peças ainda reaproveitáveis sejam realocadas na sala de jantar, saleta e parte da circulação social. As peças ou parte delas que sobrarem e ainda apresentam bom ou regular estado de conservação, serão utilizadas em substituição às peças inutilizadas em outros ambientes e preencher as lacunas das peças parcialmente comprometidas com resina e pó de madeira. A opção por priorizar as áreas nobres da casa para manutenção do assoalho se fez por conta do comprometimento aparente do assoalho e pelo fluxo de pessoas nos antigos dormitórios que são salas de trabalho. Porém, conforme mencionado, todas as peças devem ser retiradas e avaliadas, aproveitando para avaliar também a estrutura do entepiso. A trabalhabilidade diferente entre madeiras antigas e novas não favorece a colocação de peças novas entre as antigas. Além do aspecto visual não ser favorável.

As peças devem ser catalogadas para registro documental e retornarem aos seus devidos lugares após tratamento de imunização. O registro das intervenções contribuem para corretas ações de intervenção no futuro.

Os rodapés devem ser substituídos por novos rodapés em madeira de mesma altura, caso não estejam em condições. A avaliação minuciosa dos elementos de madeira deve ser total. Desde o rodapé até as vigas para evitar descartes desnecessários e aumento de custo da obra.

No jardim de inverno, o piso é em ladrilho hidráulico e se encontra em bom estado e, aparentemente, sem peças soltas. Deve ser avaliado quanto aos

rejuntas e fixação das peças e prosseguir com limpeza que se dará com escova, água e detergente neutro Após a secagem, aplicar resina acrílica para avivar as cores (BORTOLAIA, 2004).

Os pisos da varanda, algumas soleiras e a escadaria de acesso à varanda são em mármore apuano. A escadaria apresenta desgastes por degradação química. A incidência de água da chuva, de sol e a poluição atmosférica são os principais agentes aliados à poeira e falta de manutenção. Deve-se proceder o estudo petrográfico e químico com a retirada de fragmentos e fazer ensaios de porosidade do material para posterior tratamento e/ou substituição de peças. A limpeza deve ser feita com água e sabão neutro PH-7 e escova de cerdas macias.

Se os resultados das análises confirmarem a procedência do mármore enquanto produto ainda existente no mercado, as peças com muito desgaste podem ser substituídas ou receber próteses de peças novas. Porém, há que se fazer uma avaliação das peças e buscar a recuperação das mesmas através de polimento com máquina seguida de aplicação de resina para avivar e dar brilho. Para o tratamento das fissuras, aplicar uma massa de resina poliéster e pó do mesmo mármore para dar à peça maior resistência mecânica (MENDONÇA, 2011).

Nos corrimãos das escadas e guarda corpos há algumas lacunas. Serão retirados, tratados com imunizantes resistentes à intempéries quando possível e recolocados. Nos trechos sem peças, será colocada uma prótese de madeira similar confeccionada em marcenaria e tratada com resina resistente à intempéries.

No porão do Bloco 1, o piso deve ser substituído em todos os ambientes. Na recepção, a cerâmica polida é bastante lisa e pode provocar acidentes. Sua estética também não apresenta valor e não possibilita reposição de peças quebradas. O piso será removido e o contrapiso deve ser aberto para inspeção da tubulação de água que passa no eixo da circulação, atravessando o pátio interno. Toda a rede deve passar por inspeção e adequação. O contrapiso deve ser recomposto caso ainda esteja em bom estado, pois há possibilidade de perda devido aos inúmeros alagamentos sofridos nos ambientes durante muito tempo.

Na recepção, o novo piso será em granitina polida acetinada na cor cinza. Nas três salas que receberão seus usos como arquivo, Sala da CPH e biblioteca respectivamente, receberão piso vinílico padrão madeirado tipo LVT, muito resistente à presença de água. Sua aplicação deve seguir as recomendações do fabricante. Esse piso será em substituição ao parquet apodrecido.

Não se considera nivelar o piso do Bloco 1 com o pátio conforme projeto original. Nivelar o piso seria ideal para solucionar a acessibilidade sem a necessidade de tantas rampas. Porém, ficaria muito desconfortável para salas de trabalho, pois o pé-direito do ambiente ficaria em 2,20 metros.

A soleira e degrau em mármore da porta de acesso entre átrio e recepção tem 5 cm de desnível. Esta, deve ser rebaixada, mantendo a mesma soleira e degrau. Para isso, será retirado o revestimento e o excesso de argamassa e reassentado novamente o piso em mármore. Certamente haverá perda de uma ou duas peças no momento da retirada que deve ser cuidadosa, mas pode ser completado com peça nova do mesmo tipo de mármore.

As escadarias de madeira e seus elementos, tanto do acesso principal quanto de serviço devem ser avaliados quanto ao comprometimento das peças, seguindo o mesmo processo dos entrepisos. As peças devem ser parcialmente desmontadas, limpas, receber impregnação de imunizantes contra insetos e, caso haja necessidade de substituição de peças, buscar madeiras similares.

Quanto ao piso em ladrilho no porão do Bloco 2, está em aparente bom estado de conservação, necessitando de limpeza com detergente neutro e escova e aplicação de resina para reavivar as cores. Na sala de banho, há manchas de ferrugem. Será necessário remover o lavatório para inspeção das instalações, verificando a existência ou não de vazamentos. Reinstalar o lavatório e proceder a limpeza no piso com água, sabão neutro e vassoura de piaçava. Talvez seja necessário um polimento com uma máquina para remover manchas insistentes. Finaliza com a aplicação de resina.

Forros

Os forros em madeira no pavimento principal têm encaixe tipo macho-fêmea bastante discreto. São tábuas de 14 centímetros de largura com acabamentos decorativos de cabeiras, cimalthas, abas e, em alguns casos,

elementos florais em papel machê, madeira e frisos com douraduras. Devem ser avaliados caso a caso, mas o processo será conduzido de forma semelhante aos assoalhos com a desmontagem de todos os forros, catalogação e avaliação das peças. Aproveitando o momento para avaliar, catalogar e recompor os ornatos. “(...) deverá ser avaliado o estado da peça, verificando sua capacidade de resistir ao processo, ou as características de cada produto químico, checando as possíveis alterações de resistência ou estéticas do objeto a ser trabalhado” (MÜHLBAUER e RAZEIRA, [s/d], p. 35). A avaliação passa pela verificação da resistência da peça. Os forros da sala de jantar e saleta estão bastante comprometidos, inclusive com peças soltas. Deve ser desmontado, catalogado e substituído por novo forro também em madeira, com encaixe macho-fêmea e arestas biseladas, buscando madeira de qualidade e sem presença de nós. Porém, os ornatos em madeira e papel machê e madeira devem ser recuperados pela sua importância enquanto bens integrados.

As peças devem ser limpas e avaliadas quanto ao seu estado de conservação, seguido de remoção da pintura que está bastante deteriorada. Em casos de peças fragilizadas, fazer uso de solvente para remoção, testando o tipo mais adequado para as peças através de testes em pequenas áreas (MÜHLBAUER e RAZEIRA, [s/d], p. 38).

Remoção dos forros das salas de trabalho para verificação da possibilidade de aproveitamento nas áreas nobres como peças de sacrifício. As próteses devem ser aplicadas com a madeira seca e tratada através de encaixe previamente confeccionado tipo rabo-de-andorinha (ver figura 279).

Figura 279 Encaixes tipo rabo de andorinha para próteses em forros.



Fonte: Diagrama tridimensional realizado pela autora (2021).

Na sala de estar e gabinete, após avaliação e possibilidade de aproveitamento das peças de outros forros por meio de próteses, deverá recuperar os elementos em papel machê. Devem ser limpos e recompostos aqueles que estão praticamente íntegros. As partes faltantes podem ser completadas com novos materiais em madeira laminada impressos tridimensionalmente de modo que ao longe não se perceba a diferença, mas passível de identificação de perto, mantendo a distinguibilidade. As cabeiras, cimalthas e abas devem ser avaliadas e recuperadas na medida do possível. Como último recurso, refeitas como as antigas caso necessite de substituição, pois têm forte representatividade na composição dos bens integrados do edifício.

Os reforços em peças que sofreram ataques de insetos e são passíveis de recuperação devem se dar pela injeção de resina poliéster para preenchimento de espaços vazios internamente, aumentando a sua resistência.

As peças devem passar por desinfestação e imunização através da aplicação por pincelamento de preservativos tipo penetrol em, no mínimo, duas demãos. A imunização deve acontecer também em todas as peças novas caso não venham imunizadas.

Externamente, a obturação através da aplicação de resina e pó de madeira ou serragem de coloração próxima para preenchimento de áreas que sofreram desgastes superficiais, seguida de lixamento para receber o tratamento final que deve ser procedido de aplicação de tinta a óleo na cor branca.

O forro do porão do bloco 1 deve ser revisado no momento da abertura dos entrepisos. Provavelmente é em estuque e deve passar por limpeza através de aspiração e posterior imunização juntamente com a estrutura do entrepiso. Verificar produto adequado e forma de aplicação para evitar manchas no estuque.

O forro em madeira do porão do segundo bloco está totalmente comprometido e deve ser substituído. As peças de 28 cm de largura têm junta seca e facilitariam o processo de recomposição tal como está lá. Porém, pretende-se fazer uso de um forro em madeira, com tábuas largas diferente do que se apresenta hoje. Terão largura próxima ao original, cerca de 20 a 25 centímetros porém, com encaixe tipo macho-fêmea para melhorar o

condicionamento térmico no prédio e arestas biseladas para evidenciar se tratar de novo forro quando visto mais de perto (ver figura 278). Os rodafornos em cordão são do tipo meia-cana simples. Devem ser substituídos por novos, pois ainda existe este modelo no mercado. Após avaliação e tratamento, devem receber pintura com tinta óleo na cor branca.

Figura 280 Forro em madeira com encaixe macho-fêmea e arestas biseladas. Modelo adotado em caso de substituição total nos ambientes.



Fonte: Modelo tridimensional elaborado pela autora (2021).

Escoamento das águas pluviais

As águas pluviais e seu escoamento adequado, devem devolver mais conforto ao edifício que sofrerá menos com a presença de água. Através de projeto específico, o edifício deve receber novas calhas e tubos de queda suficientes para escoamento adequado, considerando os panos de telhado e as empenas dos prédios vizinhos que incidem sobre a cobertura. Toda essa área de contribuição combinada à precipitação pluviométrica alta dos últimos anos devem ter destinação adequada. As calhas devem ter menos emendas e os parafusos devem ser galvanizados para evitar oxidação. Serão instaladas grelhas de escoamento sobre as calhas para impedir a entrada de folhas e sujeiras maiores, evitando o entupimento das mesmas. A gárgula que desemboca sobre a laje do banheiro deve ser pensada de forma adequada, pois despeja grande quantidade de água. Os tubos de queda devem ter bocal tipo funil para evitar a pressão de água.

Os tubos de queda terão sua base desembocando próximo aos ralos coletores no piso para evitar acúmulo de água no pátio. Haverá ralos lineares no piso para escoar as demais águas e todos estes serão conectados à uma caixa

de inspeção conectada na rede pluvial que desce pelo terreno. O piso do pátio, do corredor do Bloco 2 e do jardim deve ser todo aberto para verificar as condições reais da tubulação e se ela existe, conforme já mencionado. Pois há forte suspeita de inexistência da rede coletora no terreno.

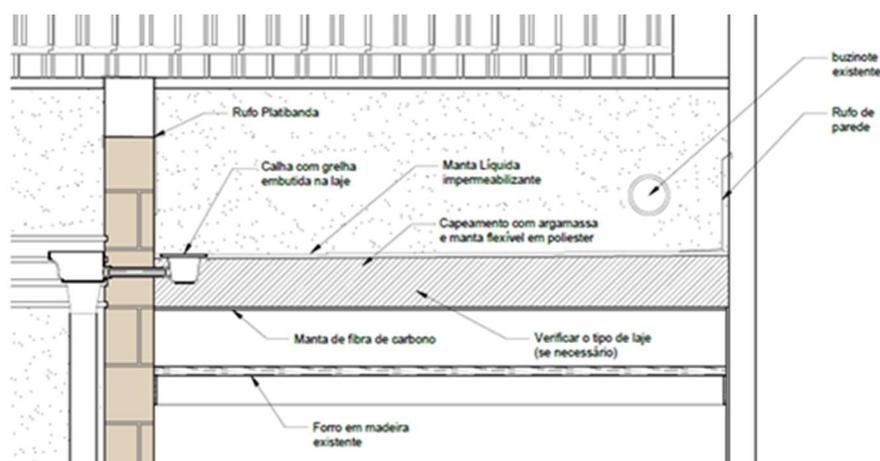
Também é importante considerar que haverá novos elementos de cobertura que terão impacto no novo projeto, como a instalação do elevador e a cobertura de vidro do passadiço. O elevador terá um poço de aproximadamente 1,5 metros. Este poço também impactará no escoamento e o piso deve ser pensado com uma leve inclinação, evitando acúmulo de água nos arredores da caixa de elevador. Deverá ter calhas e tubos de queda para esta nova estrutura junto ao sistema do prédio.

A laje de cobertura dos sanitários junto ao pátio também passou por intervenção nos anos 2000. Ela recebe água dos dois panos de telhados voltados para o pátio através de gárgulas. Há rufos platibanda instalados, mas estes não se estendem ao longo da face interna da platibanda. Também não há rufos de parede na divisa que encaminharia a água de forma mais adequada. A saída da água na parede é improvisada, não tendo proteção das argamassas de revestimento. Será necessário remover a manta impermeabilizante existente para verificar a situação da laje e instalar junto à platibanda, uma grelha linear e escoamento com o objetivo de recolher toda a água que desemboca na laje e encaminhá-la pelo tubo de queda (ver figura 281). Por isso, novos tubos de queda com funil devem ser instalados, considerando toda a área ao redor com a proteção de rufos e a colocação de um duto de passagem na parede, reforçando a parede no vão de saída da água.

Conforme colocado no item anterior, o terraço passará por uma intervenção em sua laje e, por esta razão, se deve aproveitar o momento para solucionar a questão do escoamento que ainda é deficitário apesar da manta impermeabilizante. A falta de manutenção é um dos maiores fatores para o mau funcionamento do sistema, mas este também pode melhorar. Verificando um pequeno desnível entre a soleira da porta de acesso ao terraço e o piso deste, deverá ser aproveitado o momento da recomposição da laje para fazer um novo capeamento, incluindo um novo piso de concreto regular e considerando a

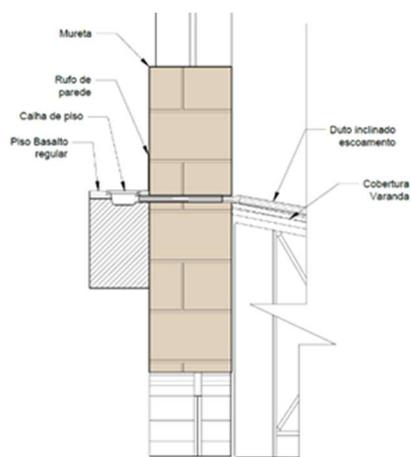
instalação de uma calha de piso rente ao guarda corpo em alvenaria (ver figura 282). Esta calha receberá água da chuva diretamente e indiretamente pela gárgula junto à parede lateral leste. Esta gárgula, atualmente desemboca direto na laje e agrava a situação de acúmulo de água. A grelha de piso encaminhará a água por um tubo acima da cobertura da varanda, que descerá em outro tubo acoplado na calha da varanda até escoar pelo sistema do jardim. A varanda terá dois tubos de queda (ver figura 283). Um para escoar a água da própria cobertura e outro para escoar a água que vem do terraço. Será necessário que o projeto contemple a capacidade de suporte da cobertura da varanda para não comprometer sua resistência mecânica.

Figura 281 Laje sobre os sanitários junto ao pátio central.



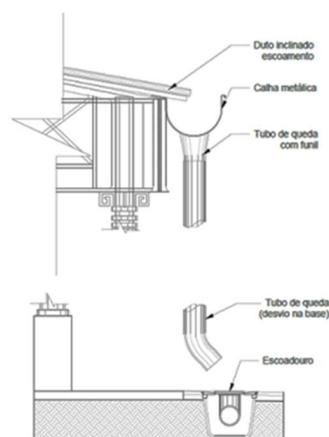
Fonte: Desenho da autora (2021).

Figura 282 Calha de piso junto ao terraço para encaminhar as águas pluviais



Fonte: Desenho da autora (2021).

Figura 283 Calhas e tubo de queda junto à varanda.



Fonte: Desenho da autora (2021).

4.3.6. Paredes

As paredes em alvenaria da caixa murária e paredes mestras apresentam muitos danos superficiais decorrentes da presença de água. A tinta se encontra craquelada em muitos pontos, alternando com perdas de camadas de tinta e remendos de cimento. Todas elas devem passar por remoção de toda a tinta que está na superfície, exceto as paredes com pinturas parietais, pois se trata de tinta acrílica na maioria dos casos. A remoção se dará com espátula de forma cuidadosa para não danificar possíveis pinturas parietais. Isto se aplica às paredes do porão do Bloco 1 também. Após a remoção da tinta, as paredes devem ser testadas quanto à estabilidade dos revestimentos através de batidas suaves. Existindo pontos de fragilidade no revestimento de argamassa, proceder a remoção com auxílio de martelo e talhadeira de forma cuidadosa para não danificar o restante da argamassa ainda firme. Em trechos com perda total, manter uma porção como parâmetro de espessura para o novo reboco. Certamente, isto deve ocorrer na antiga despensa. Após a remoção do reboco, seguir com limpeza com água e detergente neutro e uma escova macia. Caso haja presença de agentes biológicos, aplicar biocida e, depois de seco, remover e limpar as superfícies. Todo o reboco deve ser refeito conforme o traço original (ver apêndice II). Após a secagem do reboco, seguir com pintura com tinta a base de silicato na cor branca com duas ou três demãos.

Quanto às paredes de tabique, devido a grande perda de resistência das peças pelo ressecamento das fibras, será realizado reforço dos fasquios nos trechos onde estão expostos pela perda do revestimento. O reforço se dará com tiras de madeira que devem ser amarradas aos fasquios com corda de nylon. O preenchimento se dará com argamassa de barro e cal bem fraca que deve ser especificada em obra. Verificar se o barro existente no terreno é compatível com o que foi aplicado nas paredes. Provavelmente não, pois o barro presente no suporte do tabique é puro e bastante denso. Após a argamassa de barro e cal, fazer a impregnação com aguada de cal uma vez por dia, durante 3 dias e depois completar com argamassa conforme traço original. Esse processo é realizado sem a necessidade de troca de peças ou descascamento e desmontagem das paredes. As fissuras de revestimento nas paredes de tabique devem ser

regeneradas com argamassa fina de cal. O mesmo se aplica à parede de tabique do sótão do Bloco 2, acrescentando uma esquadria fixa em ripado de madeira na parte superior da parede para contribuir com a ventilação do sótão e da caixa de escada.

Na quina da parede da circulação do porão, no Bloco 2, ocorreu uma perda de seção significativa do esteio de madeira. Deve-se proceder o escoramento e a remoção da peça e substituição. Não se pensa em próteses, pois não há outro elemento de sacrifício que poderia contribuir para recuperação. Avaliar o tipo de madeira e confeccionar uma esteio com o mesmo tipo ou o mais próximo da madeira original e tratar os fasquios como citado anteriormente, fechando a parede com argamassa e fazendo novo cunhal de madeira. Atentar para a possibilidade de desprendimento do revestimento ao redor durante a intervenção.

Os lambris de madeira na sala de jantar devem ser revisados, imunizados contra insetos xilófagos e onde houver lacunas, preencher através do método de obturação na superfície e injeção de poliéster nos espaços internos vazios, conforme citado anteriormente. Verificar a necessidade de desmontagem total ou parcial das peças. O tratamento final se dará após o lixamento com aplicação de verniz em acabamento acetinado, preservando as características da madeira. O elevador monta-pratos também deve passar por avaliação, imunização e pintura das peças. Internamente com tinta óleo e externamente, em verniz. Verificar os vernizes existentes no mercado.

As pinturas parietais devem ser completadas onde houver lacunas com traço diferente do utilizado pelo artista. Deve-se proceder a avaliação do traço feito pelo artista por um especialista em restauração de pinturas parietais. O tipo de tinta e técnica devem ser os mesmos. No caso da Sala de Jantar, há trechos que se perderam quase por completo pela ação da água ou por intervenções como o reboco sobre uma fissura no arco da sala de jantar. No restante, a pátina deve se manter, apenas fazendo uma limpeza leve para retirar o pó e outras sujidades. A aplicação de resinas ou outros tipos de intervenção para proteção das pinturas só devem acontecer se recomendadas pelo especialista em restauração de pinturas parietais.

No gabinete, sob o parapeito da janela, as lacunas devem ser recuperadas conforme mencionado acima. Devem ser identificáveis somente de perto pela representação diferente.

Na circulação há trechos visíveis com pinturas. Retirar a camada de tinta branca com a ajuda de uma espátula. Se não houver lacunas, apenas manter a pátina.

Recuperação da argamassa de revestimento interno da parede do frontão após análise do traço provável seguindo os passos citados para as demais paredes em alvenaria. Este processo é importante também para o bom funcionamento da esquadria neste ambiente.

As paredes da sala da recepção apresentam azulejos assentados na reforma da década de 1970. Muitas peças estão se desprendendo da parede que apresenta muitas lacunas. Com a dificuldade em conseguir peças iguais no mercado, a proposta é a remoção total dos azulejos. De qualquer forma, antes de tomar esta decisão é importante verificar se realmente não há azulejos iguais no mercado. É importante observar o tardo dos mesmos para verificar a procedência. Também devem ser verificados quanto a estabilidade dos mesmos no suporte. Em caso de peças soltas e possibilidade de recomposição fazer nova argamassa conforme a antiga para assentar o revestimento novamente.

Quanto aos azulejos importados que estão nas áreas molhadas, estes apresentam craquelamento e perda da camada vitrificada nas bordas de várias peças. Algumas manchas escurecidas e perda de peças que formam lacunas ou foram substituídas por outras de outros tipos e até cores mais escurecidas. Os azulejos precisam passar por análise minuciosa e, se possível, por análise físico-química para identificar os agentes e proceder o melhor tratamento. Buscar a realização das análises sem a necessidade de ensaios destrutivos. A limpeza deve ser feita a seco com auxílio de pincéis ou uma limpeza úmida com uso de um pano e detergente neutro (TINOCO, 2007). Também é possível buscar peças originais da empresa Villeroy & Boch para recompor lacunas, pois a mesma ainda existe. Verificar a possibilidade de produzir novas peças com base nas antigas para preencher as lacunas, pois a recomposição destes azulejos é fundamental para manter a legibilidade desses bens integrados do edifício. As

peças caídas devem ser recolocadas e, sendo peças novas ou antigas devem ser assentadas com argamassa de traço correspondente ao original. Muitos destes azulejos estão assentados em paredes de tabique de fasquio. O que requer um cuidado ainda maior na intervenção pela delicadeza do suporte. Todo o processo deve ser acompanhado de um profissional restaurador de azulejos, pois as decisões a serem tomadas passam pela profunda análise dos danos presentes e da composição das peças para correta intervenção.

Fachadas

As fachadas receberão tratamento de limpeza por microjateamento com microesferas de vidro por se tratarem de rebocos delicados. Em especial na fachada sul que apresenta uma gama de ornatos em cimento armado. A cor original do edifício sempre foi ocre médio desde o princípio. Na ocasião da intervenção na fachada frontal, foi pintada de ocre claro. As esquadrias eram em verde e branco na face externa. Os ornatos acompanham as cores do pano de fundo e não apresentam danos maiores. As tintas devem ser à base de silicato de potássio. O reboco apresenta uma pequena quantidade de cimento, provavelmente pelo possível revestimento em cirex. Algo que deve ser avaliado com testes de laboratório.

O primeiro passo é a coleta de material para análise de laboratório e verificação do traço das argamassas, pois este não foi realizado em nenhuma das fachadas e no caramanchão junto ao jardim. Em seguida, a testagem de todo o reboco existente por meio de batidas leves para verificar a existência de pontos de fragilidade através do som cavo. Os pontos de fragilidade indicam um reboco que pode ou está se desprendendo com facilidade. A partir destes, segue a remoção do reboco de forma mecânica e cuidadosa para não comprometer o reboco ainda firme, tendo em mente o compromisso de manter o máximo possível do revestimento original. Em trechos em que os tijolos ficam aparentes, verificar a existência de pontos que apresentam desgaste nas juntas e proceder a escarificação das mesmas e recomposição da argamassa. Todo o processo requer paciência e cuidado para garantir a prevalência do material original. Em caso de perda total do revestimento em algum ponto, manter uma porção do

mesmo para servir de parâmetro de espessura ao novo revestimento e depois removê-lo.

Após a remoção das argamassas soltas, vem o processo de limpeza e remoção dos agentes biológicos, pois podem prejudicar a argamassa e a pintura novas. O processo de remoção se dará com biocidas para microfloras e herbicidas para macrofloras aplicados suavemente com escova de cerdas macias. É importante dar preferência a produtos que não tenham ação de corrosivos ou ácidos e devem ser aplicados, cumprindo as especificações técnicas do fabricante. Após a secagem, os agentes devem ser removidos e seguir com a limpeza dos locais com uso de detergente neutro e água em pontos menos frágeis e microjateamento em pontos mais delicados como na fachada sul. A limpeza se faz importante para garantir o não aparecimento de manchas na nova pintura que deverá ser em tinta a base de silicato de potássio, pois esta tinta não tem fácil remoção e sua aplicação deve ser em superfície limpa e seca.

Bateria de sanitários existente.

Os dois sanitários junto ao pátio central são utilizados pelos servidores que trabalham no prédio. A antiga sala de banho do pavimento principal deve permanecer tal como está, recebendo tratamento nos azulejos e ladrilhos e reparos nas louças, metais e instalações hidráulicas.

O banheiro do térreo junto ao pátio que fica ao lado da sala de máquina (do aquecedor), deve ser remodelado para receber um sanitário adaptado para portadores de necessidades especiais, PNE. Será de uso individual e unissex.

Todo o azulejo, piso, louças e metais serão removidos. Todas as paredes devem ser testadas quanto a resistência do reboco e a tinta será removida das paredes e laje com ajuda de espátula. O vão de porta entre a sala do arquivo e o banheiro deve ser fechado com alvenaria de tijolos maciços com dimensões e tipo de material aproximado do original e revestido com argamassa conforme o traço existente ou traço intermediário especificado em obra, seguida de revestimento cerâmico.

Para unificar os dois ambientes, a parede divisória entre banheiro e sala de máquina será removida e o reforço estrutural se dará por meio de vigas e pilares metálicos.

O banheiro, na ocasião de sua construção, aproveitou o muro da divisa como parede. Será confeccionada uma contra parede hidráulica em placa cimentícia com um vão que permite a instalação e organização dos aparelhos hidrossanitários e com abertura e tamponamento de acesso para manutenção. Todas as paredes receberão novo revestimento cerâmico até o topo. Os sanitários serão abastecidos por reservatório superior de 500 litros a ser instalado na laje de cobertura.

Após a retirada do piso, verificar as condições do contrapiso e proceder a substituição das instalações antigas por novas devidamente conectadas à rede correta de esgotos. Receberá novo piso com textura antiderrapante.

As instalações elétricas seguirão do mesmo modo que será feito em todo o edifício. Será aparente através de eletrocalhas.

As louças, metais e acessórios devem atender aos dispositivos previstos na norma NBR 9050/2018 para portadores de necessidades especiais. Deve ter uma leve rampa de acesso que pode ser confeccionada no próprio piso do pátio central até alcançar a porta de acesso ao sanitário. Este acesso será coberto por pergolado retrátil, conforme mencionado anteriormente. A porta será recuperada e receberá melhorias funcionais, conforme será visto mais adiante no item 4.3.7.

4.3.7. Esquadrias e elementos

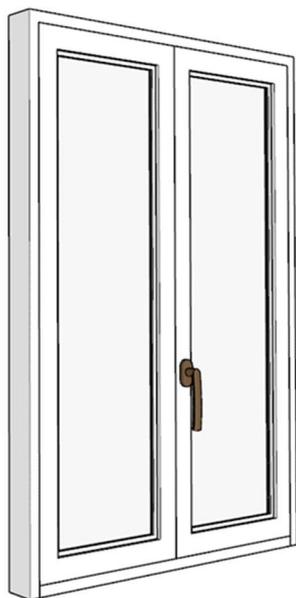
O estado de conservação das esquadrias varia de regular a ruim. Algumas apresentam lacunas como perda de palhetas de venezianas e persiana, perda de vidros por quebra ou trincas, perda de ferragens e, a mais comum delas, perda de seção de peças de madeira devido a podridão por ataque de insetos xilófagos.

Esquadrias e elementos em madeira

Iniciando pelo porão do Bloco 1, as esquadrias se encontram em estado regular. As duas janelas da fachada foram recuperadas na intervenção do ano 2000, recebendo novos vidros texturizados. Fazem composição com as grades em ferro, mas estas duas janelas não oferecem ventilação para as salas do porão devido ao alto fluxo de veículos e emissão de gases poluentes na Avenida Independência. Estas janelas devem passar por tratamento de imunização e pintura com tinta óleo. Não será possível abrí-las para a rua, mas as demais janelas das salas do porão podem ser abertas para o pátio central.

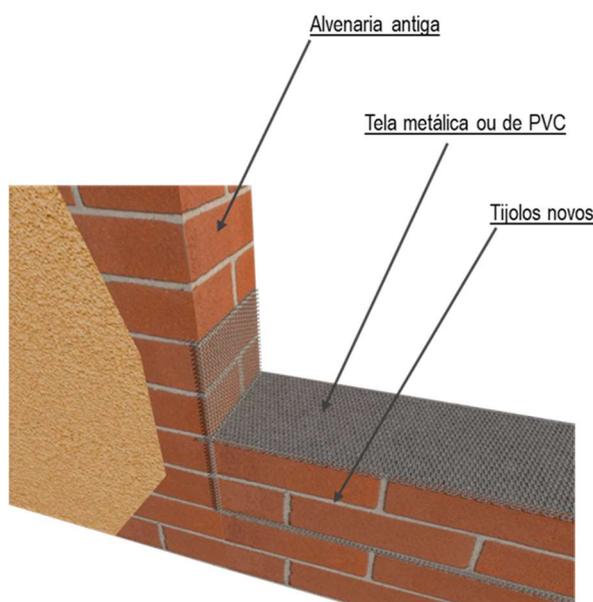
As portas de acesso às atuais salas do PAC e arquivo, voltadas para o pátio central, serão substituídas por janelas novas. A substituição se deve às frequentes entradas de água da chuva nas salas e, por consequência, à obrigatoriedade de manter as portas fechadas. Este problema foi sanado parcialmente com a colocação de soleiras de pedra recentemente. Porém, a colocação de janelas funciona com maior eficiência, sendo que existe a porta da circulação que é suficiente para acesso. As janelas serão em madeira, em duas folhas com caixilho de vidro inteiriço e trancas metálicas contemporâneas (ver figura 284). O tamanho será próximo ao das demais, mas não serão reproduzidas com traços antigos. Serão contemporâneas. Os panos de peito destas novas janelas serão confeccionados em tijolos cerâmicos maciços em tamanhos próximos ou iguais aos antigos e assentados com argamassa de mesmo traço. As paredes devem ser descascadas junto ao vão da porta a ser retirada e deve se consolidar as alvenarias antigas e novas, buscando respeitar na medida do possível o tipo de corte e modo de assentamento dos tijolos e espessuras dos rejuntas. O mesmo se aplica ao vão da porta de acesso ao banheiro que também será fechado, conforme mencionado no item anterior. O assentamento dos tijolos será feito com argamassa e tela metálica ou de PVC. A tela será aplicada na junta de argamassa, em forma de L a partir da parede, seguindo sobre a fiada de tijolos até alcançar a outra extremidade do vão, formando outro L (ver figura 285). Esse processo se repete a cada duas fiadas até atingir a altura do parapeito da nova janela conforme projeto.

Figura 284 Novas janelas junto ao pátio.



Fonte: Imagem tridimensional produzida pela autora (2021).

Figura 285 Fechamento dos vãos de porta convertidos em janelas.



Fonte: Imagem tridimensional produzida pela autora (2021).

A janela entre a recepção e a sala do arquivo é em ferro e vidro com abertura basculante, mas será removida e substituída por um ripado de madeira para possibilitar maior ventilação cruzada.

As portas internas de acesso à essas duas salas citadas, arquivo e sala do PAC que será a sala da CPH, serão substituídas por portas novas com caixilho misto. A parte inferior será venezianada e a parte superior envidraçada com requadro em madeira, possibilitando maior circulação de ar entre os ambientes e melhora na iluminação. Receberão revestimento em verniz para salientar que são contemporâneas.

Todas as esquadrias de madeira que permanecerão em todo o edifício devem passar pelo processo de remoção de seu local de origem, catalogação e avaliação individual de seu estado de conservação. As tintas devem ser removidas com ajuda de lixa e espátula, seguida de limpeza das superfícies para posterior avaliação e tratamento. O tratamento seguirá conforme previsto nos demais elementos de madeira. Preenchimento de espaços internos com injeção de resina poliéster e preenchimento superficial com massa de resina poliéster e pó de madeira ou serragem. Em alguns casos, as portas devem receber próteses

em decorrência da perda de seção de algumas peças em madeira. Como exemplo, a porta entre a circulação de serviço e a cozinha no porão do Bloco 2. A porta perdeu partes da base. A prótese deve ocorrer com o mesmo tipo de madeira ou similar e deve ser uma peça inteira que servirá de base, substituindo a parte deteriorada que deve ser cortada e retirada num trabalho cuidadoso de marcenaria.

As esquadrias que tiveram perdas de partes de seus tampos externos venezianados, como no caso das janelas, devem passar por exame detalhado. Uma das quatro janelas das quatro salas de trabalho deve ter seus tampos venezianados removidos como peças de sacrifício para completar as demais. Dar preferência para aquela que estiver mais deteriorada. Esta, receberá novos tampos venezianados em linhas contemporâneas sem emoldurados e com ferragens novas. As bandeiras dessas mesmas janelas são móveis. Porém, devido a sua altura, quase não são abertas. Um novo dispositivo com alavanca deve ser acoplado às bandeiras junto com braços metálicos para abertura quando necessário, possibilitando maior ventilação cruzada e convecção em dias quentes.

No caso da janela da saleta, voltada para o jardim, deve ter seu tamponamento veneziano substituído por novo e contemporâneo, com ferragens novas. As dobradiças que atualmente são externas, devem ser revisadas quanto ao seu reaproveitamento ou não.

As persianas da janela do gabinete, deve ser desmontada e examinada assim como as demais esquadrias. A caixa de persiana deve passar por limpeza e inspeção para instalação de um sistema novo para abertura das persianas. Verificar as condições das cordoalhas e seu funcionamento. Caso não mais exista, deve ser confeccionado um novo tamponamento para a caixa em madeira laminada, lisa e na cor branca. A abertura das persianas deve acontecer com maior frequência para ventilação e iluminação do ambiente. As palhetas que apresentarem pontos de podridão, proceder da mesma forma que os demais elementos de madeira, como desmontagem, preenchimento dos espaços vazios, imunização e pintura. Quanto aos tampos de vidro e demais componentes da esquadria, fazer a desmontagem para verificar a necessidade de tratamento

para além de nova pintura, pois a mesma foi restaurada no ano 2000. O mesmo se aplica às duas janelas de vitrais.

As portas de acesso para ambos os sótãos apresentam um estado de conservação bastante ruim. Devem ser substituídas por novas portas que devem apresentar traços contemporâneos e permitir maior passagem de luz e ventilação. Para isso, serão em madeira e terão caixilho envidraçado na parte superior e caixilho venezianado na parte inferior, assim como as portas das salas do porão. O vão de porta entre a caixa de escada e o sótão deve, após a recuperação das paredes de tabique, receber novo requadro de madeira com tamponamento venezianado. As janelas das trapeiras devem passar por revisão e pintura para sua manutenção.

A porta-balcão localizada no sótão do Bloco 1 deve ser revisada, pois apesar de ter sido refeita na ocasião da intervenção na fachada, tem grande ação das intempéries e não cumpre suas funções adequadamente. Deve ser desmontada, revisada e a tinta deve ser removida com ajuda de lixa e espátula. Fazer o preenchimento de lacunas e trincas, conforme mencionado anteriormente e seguir com pintura com tinta óleo na cor branca. Colocação das vidraças faltantes, limpeza e proteção dos ferrolhos. Importante a colocação de ganchos de segurança para os tampos se acomodarem quando abertos, evitando batidas e quebras de vidraças.

Todas as esquadrias em madeira devem ser desmontadas e passar por impregnação de imunizantes contra insetos xilófagos através de pincelamento em, no mínimo, duas demãos. A pintura de todas as esquadrias deve ser em tinta óleo, cobrindo todas as superfícies. Inclusive a base das folhas das portas e janelas. As cores seguirão no branco e verde conforme lá está. Incluindo as persianas e venezianas. Exceto as esquadrias que receberam vernizes que devem ser reaplicados, como as portas da sala de jantar e a porta principal da casa. As novas esquadrias devem ser imunizadas e pintadas antes de sua instalação. As demais portas internas que receberam a cor amarelo-claro devem ser pintadas de branco.

O terraço possui uma porta em madeira em péssimo estado de conservação. Deve ser substituída por uma nova esquadria de alumínio

anodizado com caixilho envidraçado. A escolha se deu pela resistência do material às intempéries que também facilita o processo de utilização deste espaço como descanso e contemplação por parte dos funcionários.

As pingadeiras de todas as janelas devem passar por revisão e talvez a necessidade de complementação por meio de pequenos rufos metálicos inseridos junto às mesmas.

Esquadrias e elementos em ferro

A esquadria em ferro junto ao sanitário do pátio central deverá passar por avaliação criteriosa. Deve ser desmontada e passar por limpeza e remoção dos vidros quebrados e das placas em policarbonato. Toda a tinta deve ser removida e todas as peças avaliadas quanto a resistência mecânica e perdas de seção. Um cuidadoso trabalho de serralheria deve ser realizado para recompor as partes corroídas pela ferrugem na base da porta. As ferragens devem ser avaliadas, buscando sua recuperação. Porém, a porta de acesso deve receber reforço na sua estrutura para suportar aberturas e fechamentos mais frequentes como por exemplo, a instalação de molas tipo dobradiças que dá mais leveza a movimentação da porta. Outro fator de extrema importância é a confecção de marcos em aço para acomodar a esquadria novamente no seu lugar. Certamente será necessário trabalhar no piso e paredes laterais para acomodar essa nova estrutura, pois a porta, que é em três módulos sendo dois fixos com caixilhos envidraçados parcialmente móveis e um módulo móvel que é a porta, sempre estiveram acomodados sem requadro e por cima do reboco existente nas paredes externas.

Após a aplicação de removedores contra ferrugem e os reforços, a esquadria deve receber um anticorrosivo em todas as peças que depois da secagem serão remontadas e pintadas com tinta adequada em tom aproximado do original. Os vidros devem ser recolocados e aqueles que se perderam devem ser substituídos por outros vidros com textura jateada que permite a entrada de luz e mantém a privacidade.

A porta em ferro e vidro junto ao jardim de inverno deve passar pelo mesmo processo de revisão que os demais elementos em ferro do edifício. Incluindo o

reforço das vidraças e tratamento das ferragens que, atualmente, não funcionam.

Os gradis presentes nas fachadas, guarda corpos de escada e varanda, bem como as colunas e elementos estruturais da varanda são bens integrados que agregam valor e reafirmam o estilo arquitetônico do edifício. Esses elementos passaram por intervenção no ano 2000. Porém, necessitam novamente de intervenção devido à falta de manutenção. Hoje, os danos presentes são em proporção bem menor, mas presentes. O guarda corpo do terraço não passou pelo processo de recuperação e está bastante enferrujado, devendo passar por restauração completa. Os elementos restaurados no ano 2000 devem passar por nova intervenção, mas antes é preciso consultar os arquivos da Secretaria da Cultura para verificar a existência de um diário de obra, memorial descritivo e outros documentos que possam apresentar detalhes das soluções adotadas na ocasião para então definir a estratégia de intervenção acompanhada de profissional especialista em restauração de elementos em ferro. Ver a possibilidade de estender a solução adotada na época, se ainda for viável, para o guarda corpo do terraço. É importante que os elementos degradados sejam desmontados para que recebam a intervenção em local protegido das intempéries. A remoção da camada superficial de ferrugem pode ser feita com uma lixa para posterior aplicação de anticorrosivo tipo zarcão. Logo após esse processo, será feita a remontagem das peças e pintura com tinta líquida na cor cinza chumbo, próxima a que lá está.

4.3.8. Conforto ambiental

O condicionamento térmico do edifício deve melhorar com o isolamento nos sótãos e resoluções nos entrespisos de madeira. Porém, a cidade de Porto Alegre é muito fria no inverno e muito quente no verão. Se pensou no uso de ar-condicionado, inclusive, mantendo os que estão lá. Depois, se pensou no uso de multi Split e logo depois, também se pensou no uso de ventilação e calefação que geram menos impacto nas condições do edifício. Porém, nas salas do porão não é possível a abertura das janelas devido ao contato direto com o passeio

público. Por esta razão, se optou pela utilização de VRF, Fluxo de Refrigerante Variável, tipo Multi V em todo o edifício, que pode comportar até doze evaporadoras numa mesma condensadora e assim, evita aquela profusão de elementos junto à fachada. A distribuição se dará nos pavimentos através dos entrepisos. As evaporadoras podem variar conforme a necessidade dos ambientes. Porém, é prudente atentar para o mínimo impacto nos ambientes, estando no split dutado ou no split piso-teto os modelos mais adequados para os ambientes. O tipo dutado evapora através de dutos com saída pelo forro e os tipo piso-teto podem ser camuflados no mobiliário ou ficarem junto às janelas das salas de trabalho. A condensadora pesa em torno de 95 kg e pode ser instalada no depósito junto à área coberta do jardim. A instalação de ar-condicionado deve passar por projeto específico, inclusive para determinar o lugar correto para a condensadora sem afetar as condições do edifício por cargas pontuais.

Nas salas de trabalho do pavimento principal, é importante o acionamento das bandeiras móveis existentes nas janelas voltadas para o pátio interno para possibilitar maior ventilação natural. Para isso, será necessário a incorporação de ferragens para abertura das bandeiras, pois as mesmas não possuem alavancas.

É importante frisar que todas as janelas do edifício passíveis de abertura, como nas salas de trabalho e salas junto ao jardim, devem ser abertas o máximo de tempo possível para ventilação e iluminação natural dos ambientes. A troca de ar no edifício é importante para a conservação do mesmo e bem estar de todos que ali trabalham.

5. CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

No decorrer deste trabalho, pôde ser visto a importância da restauração da Casa Godoy para sua prevalência no tecido urbano e na história da cidade de Porto Alegre. Porém, a conservação se torna a ferramenta indispensável para garantir a longevidade do edifício. Devido aos tantos anos de falta de conservação por meio de manutenção e reparos, a Casa Godoy sofreu sérias

consequências que reverberam até os dias de hoje, necessitando de restauração.

Pretende-se aqui propor diretrizes para um Plano de Conservação Preventiva que pode acontecer por meio de uma cartilha de uso e conservação, acompanhada de uma equipe técnica responsável por inspecionar o edifício a cada período predeterminado. Por exemplo, a cada quinze dias.

Em Porto Alegre, existe um bom exemplo de Plano de Conservação, que foi implantado no Solar dos Câmara. O Solar dos Câmara é uma das edificações mais antigas da cidade e atualmente, pertence à Assembléia Legislativa do Estado. Não se tem conhecimento sobre a atuação da gestão nesse momento, mas até 2014, esta cartilha e a equipe de inspeção atuava.

A Casa Godoy abrigará, conforme visto, três setores da Secretaria Municipal da Cultura, sendo o principal deles a Coordenação da Memória Cultural. O plano de conservação deve partir de um trabalho conjunto da secretaria da cultura, envolvendo todos os servidores e usuários do edifício. É importante que a comunidade do Bairro Independência e Arredores tenha conhecimento das ações de restauração da Casa Godoy e se envolva através do conhecimento da história, não só da casa, mas de todo o local para assim aprender a amar, respeitar e se sentir parte desta história. Oficinas de educação patrimonial nas escolas e caminhada orientada pelo bairro, contando sua história e apresentando sua arquitetura é uma das muitas alternativas. Além da divulgação da história e dos trabalhos por meio de redes sociais.

Para a conservação por meio da manutenção do edifício, considerando seu uso e possibilidades, é importante que haja equipes comprometidas com o uso consciente dos espaços. Mas é necessário ter dois ou mais profissionais responsáveis pela avaliação periódica do edifício. Isto inclui as diferentes questões que implicam a boa conservação, que vão desde o tipo de produto utilizado na limpeza até a imunização anual contra insetos.

Dois profissionais servidores devem ficar como responsáveis pela inspeção periódica de todo o edifício. Assim como deve acontecer a formação de uma equipe para Brigada de Incêndio, conforme previsto no Plano de Prevenção e Proteção Contra Incêndio a ser confeccionado. Os profissionais encarregados

da inspeção devem ter bom conhecimento sobre os materiais e sistemas construtivos presentes no edifício para entender a dinâmica dos mesmos diante das mudanças climáticas, eventuais danos, perdas e outras questões que possam surgir no decorrer do processo.

Os Servidores, estagiários e demais usuários devem ser orientados quanto ao uso adequado de equipamentos e espaços. A equipe de limpeza também deve ser orientada quanto ao uso de produtos e métodos adequados para manutenção e limpeza de áreas internas e externas. Principalmente no que tange a bens integrados. Geralmente, os profissionais da limpeza que atuam na Casa Godoy são os mesmos que atuam na Casa Torelly, em frente. Estes podem ser orientados adequadamente quanto à limpeza dos dois imóveis históricos.

A seguir, algumas diretrizes para dar início à conservação preventiva da Casa Godoy.

5.1. DIRETRIZES PARA CONSERVAÇÃO PREVENTIVA:

Pátio interno e jardim

- Poda periódica em árvores e arbustos entre os meses de maio e agosto, programada com antecedência junto à Secretaria Municipal do Meio Ambiente;
- Limpeza diária do jardim com uso de vassoura, recolhendo sujidades e folhas de árvores. Especialmente em períodos de outono;
- Limpeza diária do pátio interno com uso de vassoura para remover sujidades;
- Não permitir a proximidade de vegetação da edificação. Principalmente trepadeiras;
- Inspeção de grelhas e ralos de todas as áreas abertas e coberturas para evitar acúmulo de folhas e sujidades que podem acarretar em infiltrações e alagamentos;
- Inspeção quanto à drenagem superficial em pisos. Principalmente próximos às paredes da casa, incluindo o piso do passeio público;

- Limpeza e manutenção de fossas e caixas de inspeção a cada 12 meses;
- Limpeza e remoção de agentes biológicos, limo e outros, que podem se acumular em cantos nas áreas abertas.

Fachadas

- Limpeza de fachadas e seus ornatos sempre que apresentarem sujeira em excesso ou depois de períodos de chuva, limpar a seco com escova de cerdas macias ou um pano úmido com sabão neutro nas áreas que apresentam manchas;
- Inspeção quanto ao aparecimento de trincas e danos nas pinturas das paredes;
- Pintura a cada dois anos para manter a proteção das paredes externas;

Coberturas

- Inspeção e limpeza de calhas, tubos de queda quando houver maiores períodos de chuva; Limpeza total a cada seis meses, verificando se há obstrução nos tubos de queda;
- Inspeção do telhado quanto ao aparecimento de agentes biológicos ou sujidades maiores sobre as telhas;
- Limpeza do reservatório superior a cada 12 meses;
- Impregnação periódica dos elementos de madeira da cobertura conforme orientação do fabricante do produto a ser utilizado. Exemplo: a cada 5 anos, aplicar imunizantes em todo o sótão, incluindo a parte de cima dos forros visíveis pelo sótão;

Ambientes internos

- Limpeza diária com pano seco para remoção de poeira e sujidades do mobiliário;
- Limpeza a cada 7 dias de vidraças, esquadrias em geral, prateleiras e outros elementos e ornatos que podem acumular sujidades com uso de detergente neutro, água e pano macio ou esponja e enxugando para finalizar;
- Repintura de esquadrias a cada 2 anos com tinta e vernizes, conforme o caso para manter a proteção;

- Lubrificação e limpeza de ferragens sempre que necessário. Usar um pano seco para limpeza e grafite para lubrificação;
- Manutenção das janelas e portas abertas para ventilação e iluminação e para evitar altos teores de umidade e consequentes danos. Principalmente aos bens integrados;
- Limpeza diária de pedras e ladrilhos com uso de vassoura macia para retirar as sujidades, seguidas de pano úmido em água e sabão neutro, seguido de secagem;
- Limpeza diária de assoalhos com vassoura macia no sentido da madeira e aplicação de cera a cada 7 dias para manter o brilho sem uso de produtos impermeabilizantes;
- Limpeza e desinfecção diária de sanitários e cozinha;
- Limpeza de forros com vassoura macia a cada 7 dias;
- Limpeza de ornatos em forros a cada 6 meses com uso de pincel macio e seco para remoção de poeira.
- Os peitoris e soleiras, devem ser limpos a cada 7 dias juntamente com as esquadrias;

Outras recomendações

- Utilização de calçados leves e sem saltos finos sobre os pisos tabuados do edifício;
- Quando abertas, manter as esquadrias fixas aos pinos e ganchos para evitar batidas pelo vento e consequentes quebras de vidros e peças;
- Não acumular objetos e móveis sem uso no sótão. Apenas o mobiliário definido em projeto para o espaço;
- Manter uma reserva de peças de reposição como telhas,
- Não utilizar réguas e benjamins para ligar mais de um aparelho na mesma tomada. O projeto elétrico deve contemplar número adequado de tomadas para cada ambiente;

É de extrema importância que, após a obra de restauro, seja disponibilizado recomendações para manutenção e reparos com uma relação de materiais e metodologias de aplicação, como fechamento de trincas, desprendimento de

rebocos e outros, para que os profissionais possam agir com segurança sem o risco de danificar ou piorar o estado do edifício.

5.2. GESTÃO E SUSTENTABILIDADE

Sabendo se tratar de um órgão pertencente à Prefeitura de Porto Alegre e os tantos anos de ausência de manutenção e restauração, nem todas as ferramentas estão disponíveis para manutenção do imóvel. Antes da interdição de 2004, a Casa recebia eventos no jardim e em seus interiores, como o Sarau na Godoy e Chorinho na Godoy. Estes eventos foram suspensos, mas após o restauro podem ser retomados e são pontos fortes de interação entre a comunidade e a casa. Esses eventos devem ser controlados para não extrapolar o número de pessoas e, de preferência, acontecerem no jardim do terreno que terá um espaço de platéia ao fundo. A varanda também serve de palco para apresentações musicais.

Com o objetivo de criar um caixa para manutenção da casa, outros eventos podem ocorrer mediante a cobrança de taxas ou mesmo locação de espaços. Algumas salas podem ser alugadas para cursos e palestras. O jardim pode abrigar oficinas ao ar livre como, por exemplo, oficinas de restauração de bens integrados. Podem acontecer apresentações musicais e teatrais para grupos menores e também a locação da casa para fotos ou gravações de longa e curta-metragens como já ocorreu. Foram gravados dois longa-metragens, utilizando as instalações da casa. Um deles, inclusive, era sobre a trajetória do maestro gaúcho, Octávio Dutra, um dos precursores do Chorinho no Brasil. O Chorinho já faz parte da identidade da casa.

Estes eventos e tantos outros projetariam ainda mais o edifício na história da cidade e contribuiriam muito para sua manutenção. Porém, todos os eventos devem ser cuidadosamente pensados para não sobrecarregar o espaço.

6. CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, desde a pesquisa histórica até a confecção do projeto, muitos foram os desafios e grande aprendizado. O principal aprendizado está na importância de se conhecer o monumento na sua essência. Desde o primeiro contato, o edifício vai se revelando à medida que avançam as investigações, mais detalhes surpreendentes aparecem e geram reconhecimento e admiração. Daí, se entende a frase que Giovanni Carbonara tanto repete em sua linha de pensamento, “que é preciso ter a capacidade de escutar o monumento”, e a fala de Beatriz Kühl sobre a importância da multidisciplinaridade para melhor compreensão do objeto. A construção da compreensão nunca se dá sozinha. Se isso acontecer, algo está errado no processo.

A Casa Godoy, conforme visto no decorrer deste estudo, é implantada em um momento de grande expansão econômica e social da Cidade de Porto Alegre, estando a Rua da Independência em grande evidência aos olhos da elite. A casa é testemunho de muitas épocas, começando pela sua construção que traz um estilo novo e peculiar em meio ao ecletismo imposto ao longo da via. Não só o estilo, como também as técnicas e sistemas construtivos trazidos por profissionais alemães reforçam seu valor material. Ela reproduz, como em outros palacetes de Porto Alegre, as paredes internas de tabique de fasquio. Técnica muito utilizada em Portugal e pouco estudada por aqui. Muitos chamam de estuque, mas ela vai além disso. Também se encontra lajes mistas de alvenaria com vigas de ferro em “T” invertido que, possivelmente recebem tela deployer junto à argamassa de consolidação. Os ornatos em cimento armado, as esquadrias e gradis de ferro, sótãos de mansardas, pinturas parietais de Ferdinand Schlatter e muitas outras características fazem da Casa Godoy um monumento histórico e raro exemplar no estilo Jugendstil, se destacando no conjunto urbano.

Os primeiros moradores pouco usufruíram desta casa, ficando para os próximos, a missão de introduzi-la na memória de Porto Alegre. A Família Tschiedel foi importante nas primeiras transformações do edifício que apresentava deficiências na sua distribuição. Mas somente a Família Godoy

consegue, enfim, projetar a casa na história da cidade como marco, valor destacável e elemento de referência para a região. Há muito tempo, a casa deixou de recepcionar, de ter festas e discussões políticas e sociais. Porém, ela permanece viva e em busca da retomada destes acontecimentos no momento atual. Toda esta articulação social dá a ela um valor histórico singular. Sabe-se que muitos outros médicos moraram ao longo da avenida, mas nenhum teve tamanha projeção quanto o Dr. Godoy.

Os diferentes usos e a falta de manutenção ao longo de muitos anos ocasionaram muitos danos no edifício. E foi possível verificar que o principal agente foi e continua sendo a água. A ação da água também se deve a outro grande agente, que é o ser humano e sua falta de ação no sentido de combater os agentes e sanar os danos. Em se tratando de um prédio público que já foi adquirido com problemas, a situação é ainda pior. A falta de verbas para restauração, acompanhada de algumas ações inadequadas pela falta de conhecimento técnico fazem com que muitos problemas persistam.

Uma ação de grande importância foi tomada no ano de 2017, quando as equipes da Coordenação da Memória Cultural e Centro de Pesquisa Histórica decidiram ocupar a casa depois de alguns anos fechada. A decisão de ocupar, fez com que a casa fosse novamente aberta e suas instalações utilizadas. Na ocasião do abandono, a casa ficou cheia de lixo e móveis velhos, sem manutenção alguma e com frequentes arrombamentos ocorrendo. Atualmente, a limpeza e manutenção é feita na medida do possível.

O projeto de restauração contempla ações, visando a longevidade do bem, sempre o colocando em primeiro lugar com a manutenção do que é original e retirando apenas elementos prejudiciais resultantes de intervenções mal executadas ou deficiências construtivas. São a inserção do elevador e a cobertura de vidro do passadiço, as únicas intervenções contemporâneas adicionadas à volumetria do edifício. Porém, não comprometem a legibilidade do mesmo, pois estão junto ao pátio interno que, além de ser uma estrutura visualmente leve, não é visto de nenhuma das principais fachadas. O elevador, a cobertura e o sanitário PNE junto ao pátio são intervenções que visam atender as normas de acessibilidade previstas e que não devem ser ignoradas. O

sanitário também é uma intervenção sem qualidade feita na década de 1970 e considerada passível de remoção.

As adições feitas na década de 1970 no porão não apresentam qualidade e estão muito danificadas. Por isso, foram relacionadas como elementos a serem substituídos como no caso do parquet apodrecido, os azulejos e o piso cerâmico da recepção.

A projeção da Casa Godoy na história após a chegada da Família Godoy reforça a importância da participação da sociedade civil na preservação do patrimônio que começa pela identificação e reconhecimento de um ou mais bens a partir da sua história em relação ao contexto urbano. Identificar seu papel e se reconhecer naquele monumento faz parte da construção da identidade. A participação da sociedade não se restringe à audiências públicas, plebiscitos e outros meios de consulta popular. A participação está na interação com o monumento e com a cidade. Mesmo que não haja interação direta, qualquer intervenção ou demolição vai gerar impacto na sociedade. É importante que a sociedade entenda o ato de restaurar e conservar para as próximas gerações aquilo que faz parte da sua história. É preciso conhecer o monumento para amá-lo.

A restauração e conservação da Casa Godoy é de fundamental importância para a prevalência do bem para as próximas gerações. A casa é um monumento vivo e passível de uso, mas sua preservação não terá sentido sem o conhecimento e interação da sociedade. Afinal, os monumentos e núcleos históricos existem para as pessoas. A restauração deve acontecer com uma grande e multidisciplinar equipe que trabalhe pelo edifício e para o edifício, deixando de lado a necessidade de se destacar frente a ele.

7. REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Vol. 1 e Vol. 2. São Paulo: ProEditores, 1997-1998.

ARISTIMUNHA, Cláudia; FAGUNDES, Lígia; MATTOS, Lorette. **Preservação de Patrimônio Cultural**. Porto Alegre: Anais do Museu da UFRGS, 2013.

ÁVILA, Vladimir Ferreira de. **Saberes históricos e práticas cotidianas sobre o saneamento: desdobramentos na porto alegre do século xix (1850-1900)**. Dissertação Mestrado em História PUCRS, Fac. de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: 2010. Disponível em <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3945/1/000425495-Texto%2BCompleto-0.pdf>, Acesso em outubro de 2020.

AZEVEDO, Paulo Ormindo de. **Estado e Sociedade na Preservação do patrimônio**, Vol. 2. EDUFBA: IAB, 2013.

BENEFICÊNCIA, Hospitais. **História: Hospital Beneficência Portuguesa do RS**. Porto Alegre, [s.d.]. Disponível em: <http://www.beneficiars.org.br/institucional-historia> Acesso em 12.04.18.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BICCA, Briane. **Programa Monumenta: Porto Alegre**. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010.

BORTOLAIA, Ana Paula Teles de Souza. **Ladrilhos Hidráulicos: aspectos técnicos, restauração e conservação**. Santa Maria: CECREPAC/UFSM, 2004. Disponível em repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1179/Bortolaia_Ana_Paula_Teles_de_So_ua.pdf?sequence=1&isAllowed=y, 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Estatuto da Cidade: Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001 e legislação correlata – 4ª ed.**, Brasília:Edições Câmara, 2012.

CARBONARA, Giovanni. **Il restauro non è conservazione...** Roma; Facoltà di Architettura, Sapienza Università di Roma, 2013.

CHC, Santa Casa. **História**. Porto Alegre, [s/d]. Disponível em: <https://www.chcsantacasa.org.br/chc-santa-casa/historia/> Acesso em Acesso em 12.04.18.

CONCEIÇÃO, Igreja. **A paróquia: como iniciou nossa história**. Porto Alegre: Paróquia Nossa Sra da Conceição, [s.d.]. Disponível em <https://www.igrejaconceicao.org.br/> Acesso em 24/04/2018.

COSTA, Gilberto José Corrêa. **Projeto de Instalações elétricas residenciais: Norma NBR 5410/05 - Comentada**. 2ª Edição. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edição 70, 1996.

DEHAULT, Elisabeth Robert. **Obras de arte em ferro fundido: técnicas de conservação e restauro**. In Fontes D'Art no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro:

Seminário Internacional, 1997. Disponível em <http://www.easyline.com.br/francis/fontrio/p3po.htm>, 2021

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Paisagens do Sul**: pareceres sobre bens patrimoniais do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IPHAE/IPHAN, 2009.

DIPTYQUE. **L'Art nouveau écossais avec Charles Rennie Mackintosh**. in Diptyque's Crossing, 24 de abril de 2011. Disponível em <http://diptyquescrossing.blogspot.com.br/2011/04/lart-nouveau-ecossais-avec-charles.html> Acesso em 14/05/2018.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, catolicismo e gauchismo**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002, pp 51 a 59.

FABRIS, Annateresa. **Eclétismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel; USP, 1987.

FABRIS, Annateresa. **Arquitetura eclética no Brasil**: o cenário da modernização. São Paulo: In Revista eletrônica Scielo, Anais do Museu Paulista, Vol. 1, nº 1. São Paulo, 1993. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v1n1/a11v1n1.pdf> Acesso em novembro de 2020.

FARION, Suelen Josiane. **O processo de urbanização de Porto Alegre e suas consequências sobre a formação de sub-habitações na cidade**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica/UFRJ, 2015. Disponível em http://www.peu.poli.ufrj.br/arquivos/Monografias/Suelen_Farionon.pdf, 2020.

FOGAÇA, Emílio. **Intervenção arqueológica amostral na área externa da Casa Godoy – Porto Alegre**: Relatório de atividades. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura/Museu Joaquim Felizardo, 2001.

FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença. **Plural da cidade**: novos léxicos urbanos. Coimbra:Edições Almedina S.A, 2009.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre**: guia histórico. 4ª Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

GERCHMANN, Miriam Ida. **Tombamento da Casa Godoy**. Porto Alegre: Coordenação da Memória Cultural/Secretaria Municipal da Cultura, 1996.

GIACOMELLI, Sérgio. **Solar Lopo Gonçalves**: de propriedade rural ao Museu de Porto Alegre. Porto Alegre: Caderno do Museu II/SMC, 1992.

GIANNATTASIO, Catharina. **Corso di Teoria e Storia Del Restauro**: Il restauro contemporâneo [s/d]. Itália: UNIVERSITÀ' DEGLI STUDI DI CAGLIARI, [s/d]. Disponível em <https://people.unica.it/caterinagiannattasio/files/2014/10/23.II-restauro-critico-conservativo.pdf>, 2018.

GÖLLER, Lisete. **Família Kossmann**: casas antigas. in Memoriais do Tempo, 29 de maio de 2016. Disponível em <http://memorialdotempo.blogspot.com.br/2016/05/familia-kossmann-casas-antigas.html> Acesso em 16/03/2018.

GOMES, Carlinda Godoy. **Transcrição da entrevista com Carlinda Godoy Gomes** [Entrevista concedida ao Centro de Pesquisa Histórica/Coordenação da

Memória Cultural] Daiane Souza e Luciana Boeira. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 19/04/2005.

GOMES, Cleida Maria da Cunha Feijó. **Cadastro fotográfico da vegetação de Porto Alegre**. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2011.

GONZAGA, Armando Luiz. Madeira: uso e conservação. In Portal IPHAN/MONUMENTA. Cadernos Técnicos 6. Brasília, 2006. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/CadTec6_MadeiraUsoEConservacao.pdf, 2019.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Lei Complementar 14.376 de 26 de dezembro de 2013**: (atualizada até a Lei Complementar n.º 14.924, de 22 de setembro de 2016). Porto Alegre: CBMRS, 2013 e 2016. Disponível em <https://www.bombeiros-admin.rs.gov.br/upload/arquivos/202004/30161823-lec-n-14-376-completa.pdf>. Acesso em março de 2021.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Resolução Técnica 5: parte 7**. Porto Alegre: CBMRS, 2014. Disponível em <https://www.bombeiros.rs.gov.br/upload/arquivos/201706/13221240-rt-cbmrs-nr-05-parte-07-edificacoes-existent-hist-tombadas.pdf>. Acesso em março de 2021.

GRIENEISEN, Vera. **As origens de quatro arquitetos alemães e sua obra habitacional no RS no início do século XX**. Porto Alegre: LUME/UFRGS, 2013. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/85915> Acesso em 05.04.2018.

GUILHERMANO, Luiz Gustavo. **Páginas da História da Medicina**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

HASENACK, Heinrich. **Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre: Geologia, solos, drenagem, vegetação, ocupação/paisagem**. Porto Alegre: Secretaria do Meio Ambiente Municipal, 2008.

IPHAN. **Manual de conservação preventiva em edificações**. Brasília: Ministério da Cultura, [s/d]. Disponível em http://ipurb.bentogoncalves.rs.gov.br/uploads/downloads/IPHAN_Manual_de_conservao_preventiva.pdf, 2019.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos Estilos Arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KLÜPPEL, Griselda Pinheiro; SANTANA, Mariely Cabral de. **Manual de Conservação Preventiva para Edificações**. Brasília: Programa Monumenta, 1999.

KUHL, Beatriz Mugayar. **Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas teóricos de Restauro**. Cotia, SP:Ateliê Editorial, 2008.

LORENZONI, Hélade de Oliveira. **O eclético e a Avenida Independência: arquitetura domiciliar remanescente no século XXI**. Porto Alegre: UNIRITTER, 2016. Disponível em

<https://biblioteca.uniritter.edu.br/imagens/035UNR89/0000D7/0000D790.04.2016heladeSEGURO.pdf> Acesso em 28/04/2018.

MARASCIULO, Marília. **O que você precisa saber sobre a Guerra dos Farrapos.** In Portal de notícias Globo, Revista Galileu, 30/07/19. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2019/07/o-que-voce-precisa-saber-sobre-guerra-dos-farrapos.html#:~:text=Tamb%C3%A9m%20simpatizavam%20com%20ideais%20republicanos,princ%C3%ADpio%20para%20acalmar%20os%20%C3%A2nios>. Acesso em novembro de 2020.

MASCARÓ, Lúcia Elvira de; MASCARÓ, Juan Luis. **Vegetação urbana.** Porto Alegre: UFRGS, 2001.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade.** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2006.

MONTEIRO, Marcos Leandro Greff, SILVA, Guilherme Dias da. **Fragmentos: da colonização à emancipação de Cachoeirinha.** Cachoeirinha: Prefeitura Municipal de Cachoeirinha, 2017.

MÜHLBAUER, Clarice Futuro; RAZERA, Philipe Sidartha. **Conservação e Restauração de madeira na arquitetura brasileira.** In Márcia Braga Restauração: publicações, [s/d]. Disponível em <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/madeira.pdf>, 2019.

NAHAS, Patricia Viceconti. **A capacidade de “escutar” o monumento: O limite entre a criatividade projetual do novo e a conservação do antigo na obra de Giovanni Carbonara.**

NATUSCH, Igor. Patrimônio Histórico, 10/12/2019. Casa Godoy: a espera de restauração para voltar a encantar. JORNAL DO COMÉRCIO, 2019. Disponível em jornaldocomercio.com/_conteudo/geral/2018/11/658337-casa-godoy-a-espera-de-restauracao-para-voltar-a-encantar.html, 2018.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **Tecnologia da conservação e restauração: materiais e estruturas-um roteiro de estudo.** 4ª edição. Salvador: EDUFBA/PPGAU, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Revolução Farroupilha.** 3ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. **Memória de Porto Alegre: espaços e vivências,** 1ª Edição. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1991.

_____. **História do Rio Grande do Sul,** 9ª Edição. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

PICININI, Walmor J. **História da Psiquiatria: Jacyntho Godoy Gomes (1886-1959).** in Revista Psychiatry on line, Vol 09, Abril/2004. Disponível em <http://www.polbr.med.br/ano04/wal0404.php> Acesso em 22/04/2018.

PRATI, Família. **Fotos Antigas Porto Alegre.** Fotos Antigas RS, [s.d.]. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/albums/72157653322224752> Acesso em 06/04/18

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, Centro de Pesquisa Histórica. **Casa Godoy**. Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura, 2006.

_____. **História dos Bairros de Porto Alegre**. Porto Alegre: Coordenação da Memória Cultural, Secretaria Municipal da Cultura, [s.d.]. Disponível em http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf. Acesso em 24/04/2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, Equipe de Patrimônio Histórico. **Listagem de bens tombados e inventariados**. Porto Alegre: In Secretaria Municipal da Cultura, 2017. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/2017_lista_patrimonio_tombado_e_inventariado_em_porto_alegre.pdf. Acesso em 22/04/2018.

_____. **Casa Torelly**. In Secretaria Municipal da Cultura, documento histórico [s.d.]. Disponível em http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/historico_casa_torelly1.pdf. Acesso em 22/04/2018.

_____, Centro de Pesquisa Histórica. **Conheça o Centro: A avenida Independência**. in Viva o Centro, Secretaria Municipal da Cultura, [s.d.]. Disponível em http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?reg=6&p_secao=17. Acesso em 12/04/2018.

_____. **Porto Alegre tem tradição em Planejamento**. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento Municipal, [s.d.]. Disponível em http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=125. Acesso em 07/05/2018.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **O quadro da Arquitetura no Brasil**. 9ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SCHING, Francis. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SIMOM, Círio. **Karl Ferdinand Schlatter**. in Isto é Arte, 25 de junho de 2014. Disponível em <http://profcirosimon.blogspot.com.br/2014/06/88-isto-e-arte.html>. Acesso em 22/04/18.

SMC. **Listagem de bens tombados e inventariados**. Porto Alegre: in Secretaria Municipal da Cultura, 2017. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/2017_lista_patrimonio_tombado_e_inventariado_em_porto_alegre.pdf. Acesso em 22/04/2018.

SMURB. **Conheça o Centro: A avenida Independência**. in Viva o Centro, Secretaria Municipal da Cultura, [s.d.]. Disponível em http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?reg=6&p_secao=17. Acesso em 12/04/2018.

STEIN, Joachim. **Alemanha: Munique (Baviera)**. In La Belle Èpoque na Europa, [s/d]. Disponível em <http://www.la-belle-epoque.de/germany/bayern/mindexe.html>. Acesso em 22/04/2018.

TAVARES, Martha Lins. **A conservação e o restauro de revestimentos exteriores em edifícios antigos: uma metodologia de estudo e reparação.** Lisboa: LNEC, 2011.

TINOCO, Jorge Eduardo Lucena. **Mão de amigo e grampo: sambladuras para próteses em madeira.** In Boas práticas da gestão em restauro, 3ª Edição. Olinda: UFPE, 2013. Disponível em <http://www.ct.ceci-br.org/ceci/br/publicacoes/96/656-boas-praticas-da-conservacao-mao-de-amigo.html>, 2019.

TINOCO, Jorge Eduardo Lucena. **Restauração de azulejos: recomendações básicas.** In Textos para discussão, V. 12. Olinda: CECI, 2007. Disponível em <http://www.ceci-br.org/ceci/br/publicacoes/textos-para-discussao/340-textos-para-discussao-v-12.html>, 2019.

TSCHIEDEL, Arno. Transcrição da entrevista com Arno Tschiedel [Entrevista concedida ao Centro de Pesquisa Histórica/Coordenação da Memória Cultural] Daiane Souza e Luciana Boeira. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 17/06/2005.

TV UNESP. **Patrimônio arquitetônico é debate com a professora Beatriz Kühn.** TV Universitária UNESP, [s/d]. Disponível em tv.unesp.br/edicao/1857, 2019.

UFRGS. **Art Nouveau.** In Arquitetura Ocidental: Séculos XIX e XX. Porto Alegre, [s/d]. Disponível em <http://www.ufrgs.br/historiadaarquitetura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau-1880-1914-contexto-1>. Acesso em 22/04/2018.

VICTORINO, Yuri. **No túnel do tempo porto-alegrense: o túnel dos verdes anos.** In Blog Fundo de Gaveta do Yuri. Porto Alegre: 2011. Disponível em <http://projetores-yuri.blogspot.com/2012/03/no-tunel-do-tempo-porto-alegrense.html>. Acesso em novembro de 2020.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura Erudita de Imigração Alemã no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EST. 2004a.

_____. **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul.** Santa Maria: UFSM. 2004b.

_____. **Arquitetura.** 4ª Edição. Porto Alegre: Editora UFRGS. 2006.

_____. **Arquitetos Alemães no sul do Brasil.** Porto Alegre: In Revista IHGRS, Ed. 153, 2017, pp 11 -36.

Disponível em <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/71766/45456>, 2018.

_____. **Os inícios da Arquitetura em Porto Alegre.** Porto Alegre: In Revista IHGRS, Ed. 147, 2013, pp 81 -109.

Disponível em <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/57547/34529>

_____. **Plano de Melhoramento de Moreira Maciel.** Porto Alegre: In Revista IHGRS, Ed. 148, 2014, pp 53 -79.

Disponível em <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/issue/view/2636>

_____. **Urbanismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS,1992.

_____. **Theo Wiederspahn**: arquiteto. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2009.

GLOSSÁRIO

Aba	Tábua presa à parede junto ao teto, servindo de arremate para o forro. Pode ser utilizada associada a molduras e cimalthas, dando maior efeito decorativo ao forro. Também chamado de rodaforro.
Água-furtada	espaço compreendido pela cobertura do telhado e o teto do último pavimento da edificação, provido de abertura para o exterior através da própria cobertura e geralmente aproveitável como um compartimento.
Bandeira	Caixilho situado na parte superior de portas e janelas destinado a melhorar a ventilação e iluminação no interior da edificação. Em geral é envidraçada.
Cabeira	Moldura de arremate junto às paredes em assoalhos e forros. É formada por tábuas que circundam o tabuado.
Caramanchão	estrutura leve construída em parques ou jardins, ger. de madeira, que se pode cobrir de vegetação e usar para descanso ou recreação; caramanchel.
Desvão	espaço compreendido entre o forro do último pavimento e a cobertura do telhado. Espaço situado embaixo da escada compreendido por esta e pelo piso onde tem início a escada.
Esteio	Peça alongada disposta na vertical, utilizada como elemento estrutural na sustentação de paredes, tetos, pisos e telhados.
Fasquio	Tábua de madeira comprida e fina que é utilizada em elementos e peças de construção feitos de treliça.
Lambri	Revestimento de paredes internas, em geral, feitas de madeira para realçar paredes ou parte de paredes.
Mansarda	Telhado de mansarda é o espaço compreendido entre a cobertura e o teto do último pavimento que favorece a abertura de trapeiras. É um tipo de água furtada e, por vezes, assim é chamada.
Ombreira	Cada uma das duas peças verticais que sustentam as vergas nos marcos ou caixões de portas e janelas.
Palheta	Cada uma das lâminas que formam as venezianas ou as portas e janelas de venezianas.
Papel machê	
Passadiço	Galeria ou corredor suspenso externo, fechado ou aberto, coberto ou não, que une duas edificações ou duas partes de uma edificação.

Pátina	Genericamente, depósito formado na superfície de elementos do edifício pela ação do tempo, dando-lhe uma coloração especial.
Peitoril	Superfície inferior dos vãos das janelas disposta na horizontal, com ligeira inclinação para o exterior, facilitando o escoamento das águas pluviais.
Rodaforro	Mesmo que Aba
Rodapé	Barra de proteção na parte inferior das paredes internas junto ao piso para lhes dar melhor acabamento e proteger o revestimento.
Sambladura	Junção de duas peças de madeira por meio de cortes ou entalhes que permitam seu encaixe. É utilizada para alongar peças ou reforçar para dar mais resistência.
Soleira	Parte inferior do vão da porta situada junto ao piso.
Tabuado	Conjunto de tábuas de madeira encaixadas ou justapostas, constituindo parte de um elemento ou o próprio elemento da construção.
Tardo	Genericamente, face oposta a face principal de alguns elementos ou peças de construção que formam superfícies como tacos, cerâmicas, ladrilhos e placas de mármore.
Trapeira	abertura no telhado guarnecida de caixilho para iluminar, ventilar ou permitir a passagem para o desvão. Em geral, constitui-se em janela das águas-furtadas. Também chamada de lucarna. Por extensão, o mesmo que água-furtada.
Venezianado	Formado por venezianas.
Verga	Peça disposta horizontalmente sobre o vão de portas e janelas, sustentando a alvenaria.



APÊNDICES

SUMÁRIO

1. APÊNDICE 1:

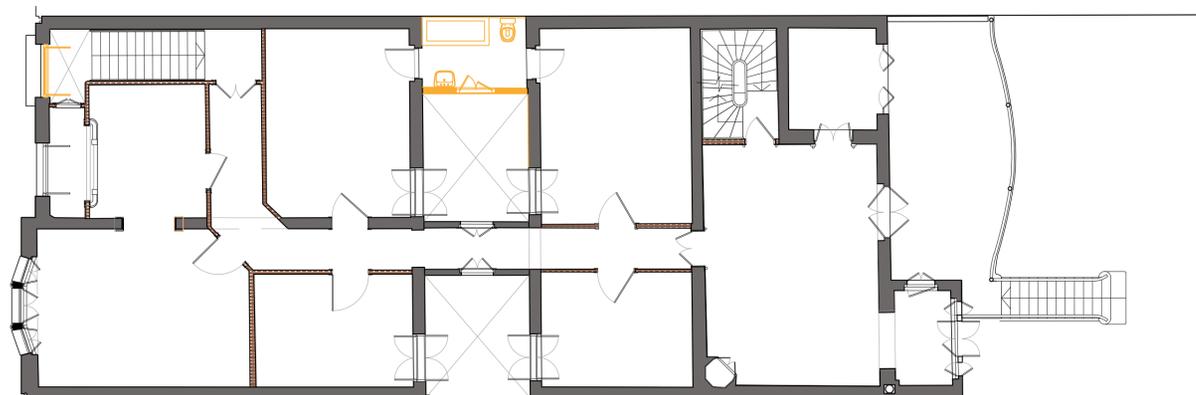
Prancha 1: Cronologia Arquitetônica.....	260
Prancha 2: Sistemas Construtivos.....	261

2. APÊNDICE II: RESULTADOS DE ANÁLISES LABORATORIAIS

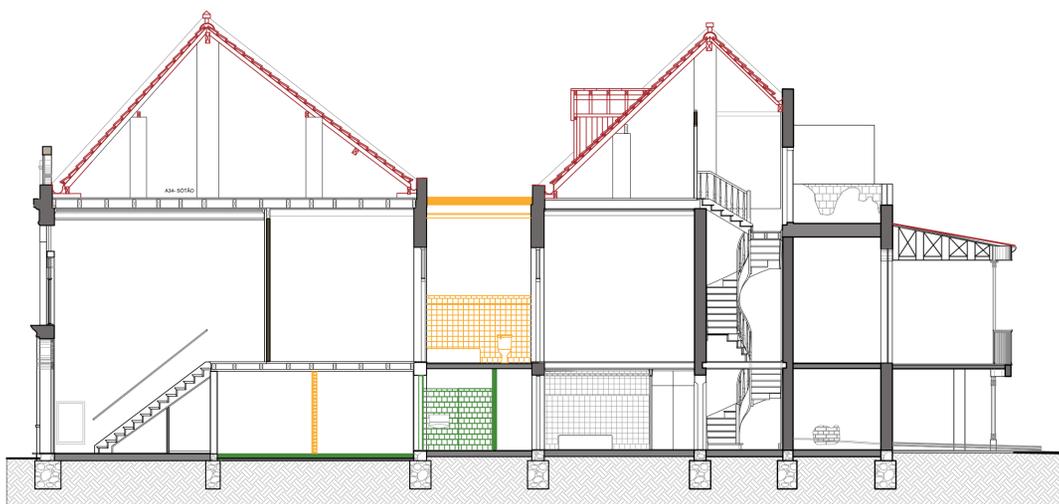
Granulometria P5_Porão.....	262
Granulometria P11_Pav_Principal.....	263
Granulometria Taipa Tabique.....	264
Traço Provável – Cálculos P5.....	265
Traço Provável– Cálculos P11.....	266



PLANTA BAIXA PORÃO
ESCALA 1/100



PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
ESCALA 1/100



CORTE LONGITUDINAL
ESCALA 1/100

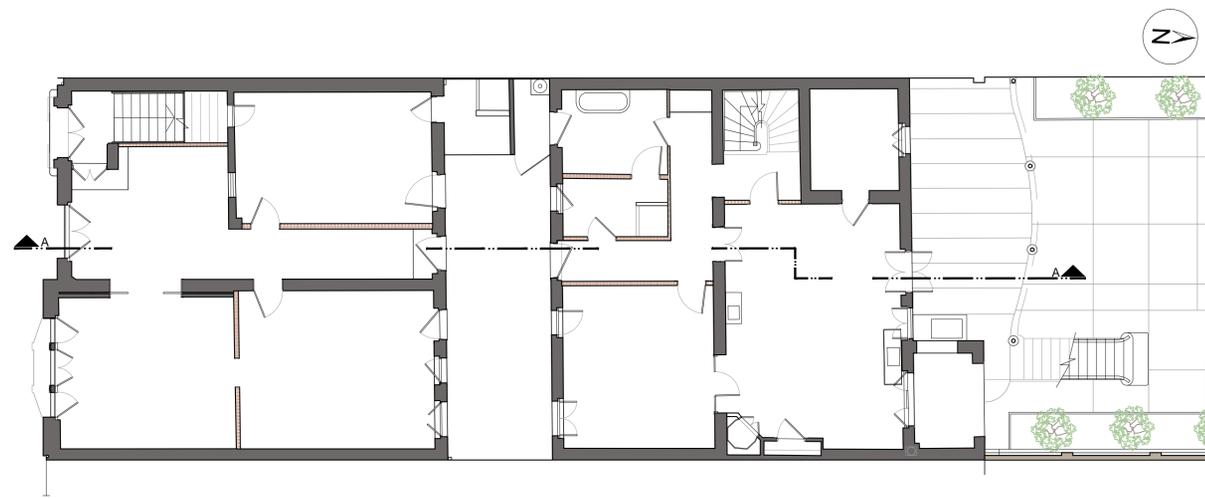
OBSERVAÇÕES:

- Desenho confeccionado pela autora com base nas análises in loco, em plantas antigas e depoimentos fornecidos à Secretaria da Cultura através de entrevistas com antigos moradores.
- Família Tschiedel: construção da sala de banho junto ao pátio interno para atender o pavimento principal; pinturas murais de Ferdinand Schletter; Abertura de mais um vão de janela na cozinha.
- A janela do átrio foi substituída. Porém, apesar de não saber a data exata, é possível observar que foi anterior aos anos 1940 devido às fotos antigas.
- Família Godoy: escavação do porão do bloco 1 para instalação do consultório psiquiátrico; conversão do depósito do pátio em banheiro, colocação de piso em parquet e azulejos no porão do bloco (década de 1970).
- SMC: Intervenção de restauração nas coberturas, esquadrias e revestimentos da fachada sul.

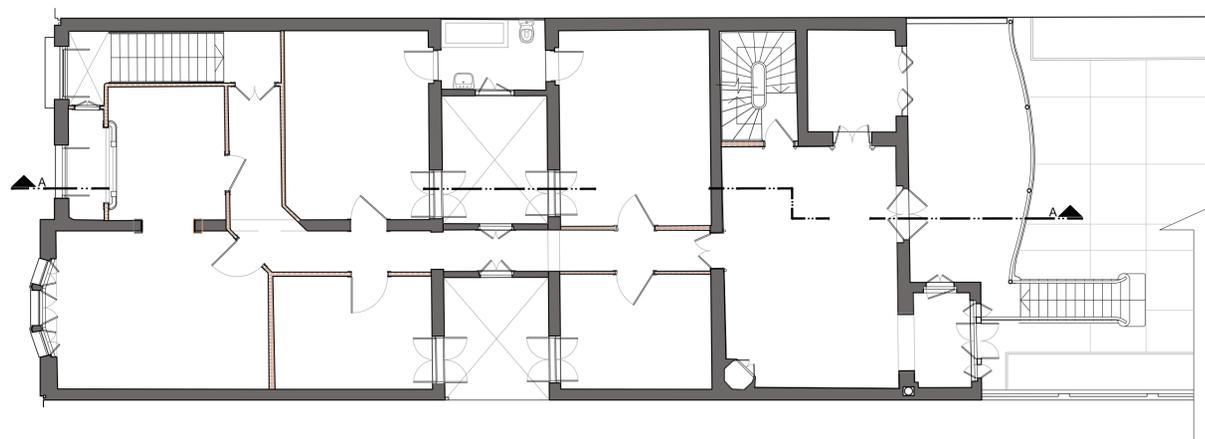
LEGENDA

- FAMÍLIA TSCHEDL
- FAMÍLIA GODOY
- SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA - SMC/PMPA

 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO</p>	<p>CRONOLOGIA CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
<p>DATA 07/04/2021</p>		



PLANTA BAIXA PORÃO
ESCALA 1/100



PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
ESCALA 1/100



CORTE LONGITUDINAL
ESCALA 1/100

LEGENDA

- PAREDES EM ALVENARIA DE TIJLOS MACIÇOS
- PAREDES EM TABIQUE DE FASQUIO



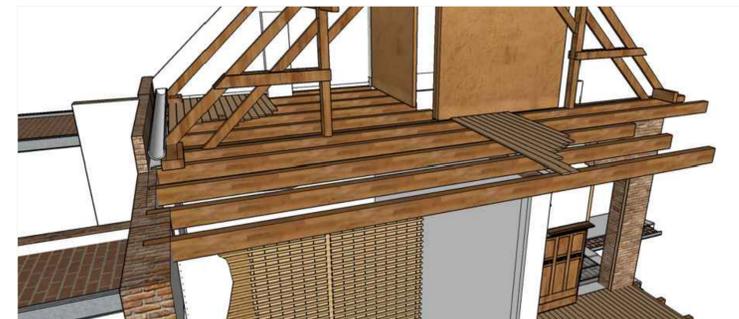
Caixa murária e paredes mestras em alvenaria de tijolos maciços, assentados com argamassa sobre fundação em sapatas corridas que, possivelmente, são em pedra.



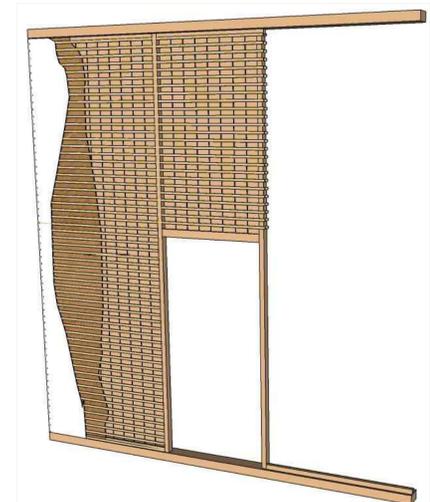
A maioria das paredes divisórias são em tabique de fasquio.



Entrepisos da despensa, jardim de inverno e terraço em laje armada de tijolos de pedra arenito (pedra de grés), vigas em aço tipo duplo "T" e tela deployer entre duas camadas de tijolos.



Entrepisos do pavimento principal e sótão com barrotes e vigas de madeira e piso tabuado de madeira.



Paredes divisórias em Tabique de fasquio são estruturadas com tábuas verticais (em alguns casos, também tábuas diagonais) recobertas por ripados horizontais (fasquios) e preenchido com argamassa. Neste caso, o preenchimento se deu com barro puro que recebeu um reboco a base de cal.

OBSERVAÇÕES:

- Desenho confeccionado pela autora com base nas análises in loco, em plantas antigas e depoimentos.
- Modelo tridimensional confeccionado pela autora, demonstrando uma porção do Bloco 2 do edifício para melhor visualização.

 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO</p>	<p>SISTEMAS CONSTRUTIVOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADORA: SUSANA ACOSTA OLMOS</p> <p>ARQUIVO: Sistemas construtivos.dwg</p>	

UFBA / ESCOLA POLITÉCNICA / DCTM / NTPR

DATA: 18/07/2018

AMOSTRAGEM: Casa Godoy

AMOSTRA: P5 Térreo_Despensa

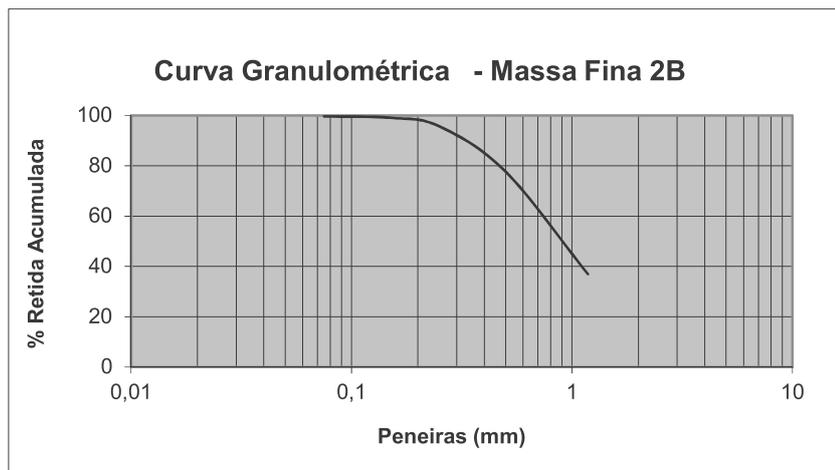
PESO DO BEQUER + AMOSTRA (g) = 84,35

PESO DO BEQUER (g) = 68,20

PESO DA AMOSTRA (g) = 16,15

Granulometria do agregado após ataque ácido e remoção dos finos

PENEIRA N°	DIM. (mm)	PESO (g)	PENEIRA + AMOSTRA (g)	AMOSTRA (g)	% RETIDA	% RETIDA ACUMULADA
16	1,18	98,37	104,34	5,97	36,97	37
35	0,5	88,13	94,70	6,57	40,68	78
60	0,25	85,96	88,87	2,91	18,02	96
100	0,15	83,85	84,40	0,55	3,41	99
200	0,075	81,59	81,68	0,09	0,56	100
>200		65,98	66,00	0,02	0,12	100



UFBA / ESCOLA POLITÉCNICA / DCTM / NTPR

DATA: 18/07/2018

AMOSTRAGEM: Casa Godoy

AMOSTRA: P11 2º Pavimento_Jd Invero

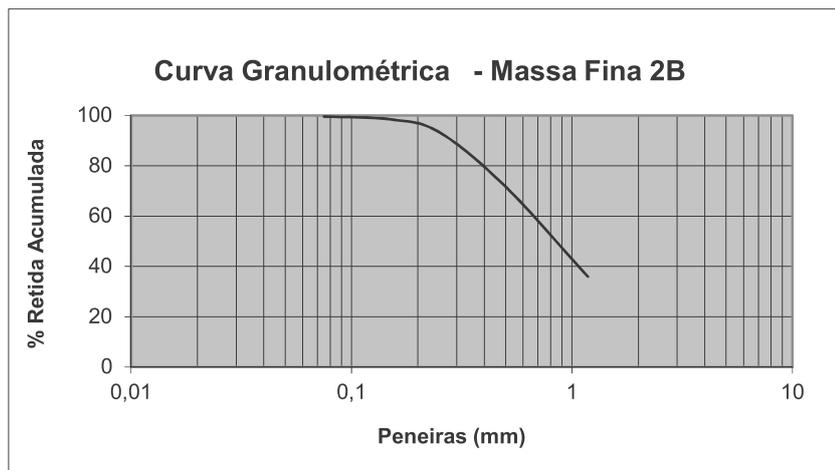
PESO DO BEQUER + AMOSTRA (g) = 82,07

PESO DO BEQUER (g) = 66,52

PESO DA AMOSTRA (g) = 15,55

Granulometria do agregado após ataque ácido e remoção dos finos

PENEIRA N°	DIM. (mm)	PESO (g)	PENEIRA + AMOSTRA (g)	AMOSTRA (g)	% RETIDA	% RETIDA ACUMULADA
16	1,18	98,37	103,96	5,59	35,95	36
35	0,5	88,15	93,70	5,55	35,69	72
60	0,25	85,96	89,33	3,37	21,67	93
100	0,15	83,84	84,64	0,80	5,14	98
200	0,075	81,58	81,75	0,17	1,09	100
>200		65,97	65,99	0,02	0,13	100



UFBA / ESCOLA POLITÉCNICA / DCTM / NTPR

DATA: 18/07/2018

AMOSTRAGEM: Casa Godoy

AMOSTRA: Taipa Parede de Estuque

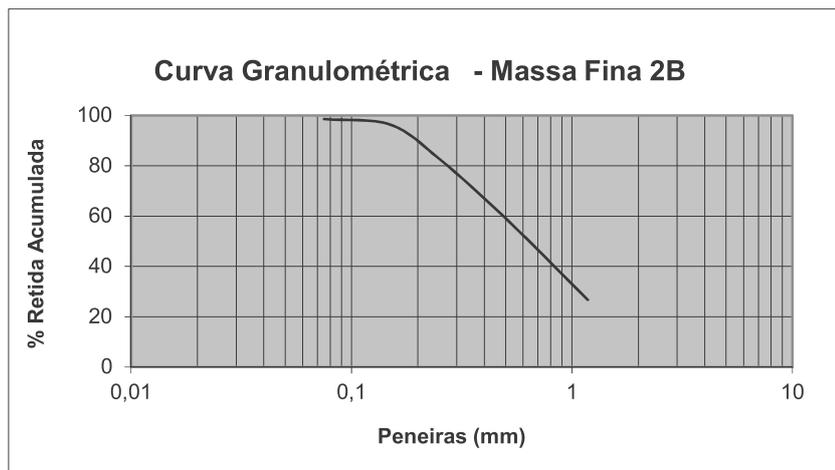
PESO DO BEQUER + AMOSTRA (g) = 93,02

PESO DO BEQUER (g) = 75,00

PESO DA AMOSTRA (g) = 18,20

Granulometria do agregado após ataque ácido e remoção dos finos

PENEIRA N°	DIM. (mm)	PESO (g)	PENEIRA + AMOSTRA (g)	AMOSTRA (g)	% RETIDA	% RETIDA ACUMULADA
16	1,18	98,39	103,25	4,86	26,70	27
35	0,5	88,13	94,03	5,90	32,42	59
60	0,25	85,95	90,24	4,29	23,57	83
100	0,15	83,84	86,32	2,48	13,63	96
200	0,075	81,59	82,00	0,41	2,25	99
>200		65,98	66,06	0,08	0,44	99



TRAÇO EM MASSA

	—	FINOS (Argila e /ou Silte)	1	2	x
A		Peso do papel de filtro (g) (A)	1,0128	1,0698	
B		Peso do papel + residuo (g)	1,3366	1,3438	
C		Peso dos finos encontrados (g) (B-A)	0,3238	0,274	
D		% Sobre a massa total (C/H)*100	3,16	2,72	
E		GROSSOS (Areia)	1	2	x
F		Peso do béquer (g)	68,2769	67,8232	
G		Peso do béquer + amostra (g)	78,5179	77,9067	
H		Peso da amostra (g)	10,241	10	
I		Peso do béquer + residuo (g)	76,4103	75,9671	
J		Peso da areia encontrada (g) (I-F)	8,1334	8,1439	
K		% Sobre a massa total (B)	79,42	80,76	
L		—	1	2	x
M		LIGANTE (Residuo solúvel)			
N		%L=100-(%F+%G) (100-(D+K)	17,42	16,52	
O		Peso do carbonato (g) (H-(C+J))	1,7838	1,6656	
		Peso do hidróxido (g) (NxPMol hidróxido/100)	1,3200	1,2325	
		—	1	2	x
		TRAÇO PROVÁVEL			
		Ligante: Argila: Areia (O/O : C/O : J/O)	1,07	0,22	6,6

0,25 6,16 0,22 6,61

Obs: Peso Molar do hidróxido = 74

TRAÇO EM MASSA

	—	FINOS (Argila e /ou Silte)	1	2	x
A		Peso do papel de filtro (g) (A)	1,0669	1,0351	
B		Peso do papel + residuo (g)	1,4233	1,4234	
C		Peso dos finos encontrados (g) (B-A)	0,3564	0,3883	
D		% Sobre a massa total (C/H)*100	3,50	3,78	
E		GROSSOS (Areia)	1	2	x
F		Peso do béquer (g)	66,5753	68,4545	
G		Peso do béquer + amostra (g)	76,7653	78,7367	
H		Peso da amostra (g)	10,19	10	
I		Peso do béquer + residuo (g)	74,3081	76,32	
J		Peso da areia encontrada (g) (I-F)	7,7328	7,8655	
K		% Sobre a massa total (B)	75,89	76,50	
L	—	LIGANTE (Residuo solúvel)	1	2	x
M		%L=100-(%F+%G) (100-(D+K)	20,62	19,73	
N		Peso do carbonato (g) (H-(C+J))	2,1008	2,0284	
O		Peso do hidróxido (g) (NxPMol hidróxido/100)	1,5546	1,5010	
	—	TRAÇO PROVÁVEL	1	2	x
		Ligante: Argila: Areia (O/O : C/O : J/O)	1,03	0,26	5,24

0,23 4,97 0,26 5,24

Obs: Peso Molar do hidróxido = 74



ANEXO

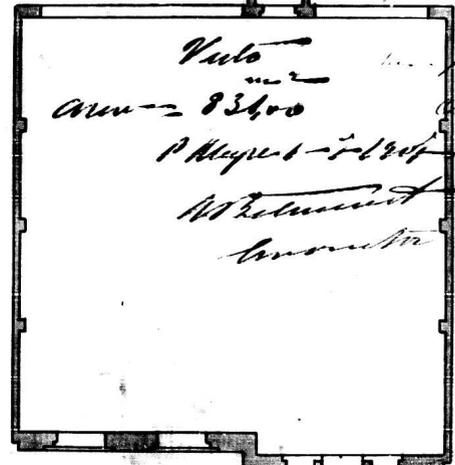
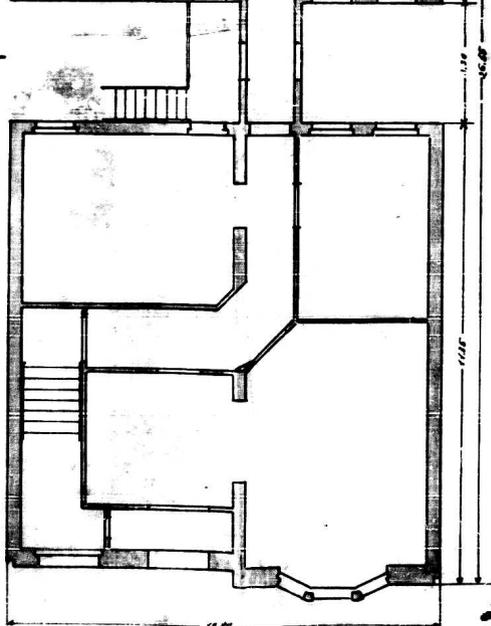
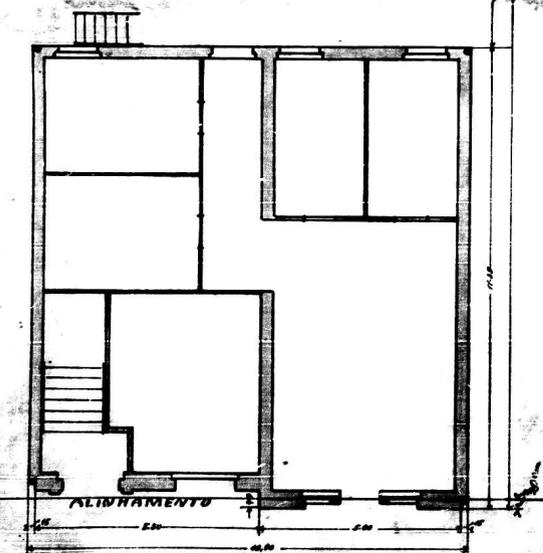
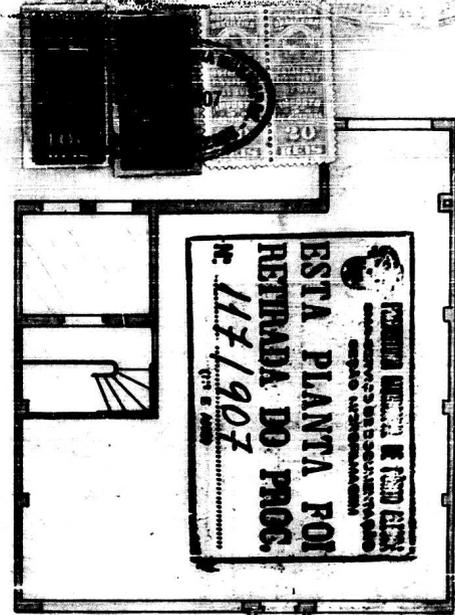
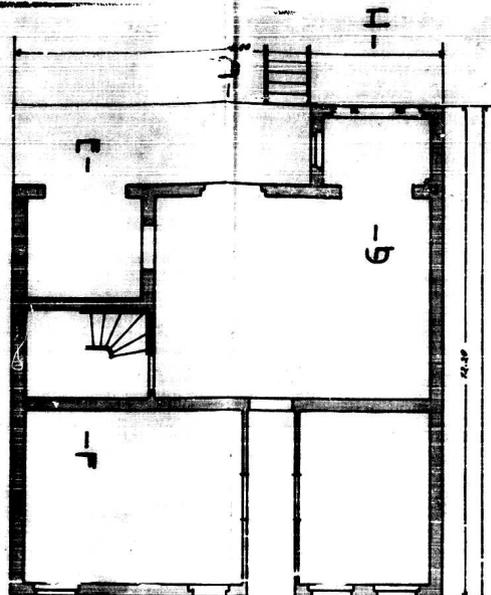
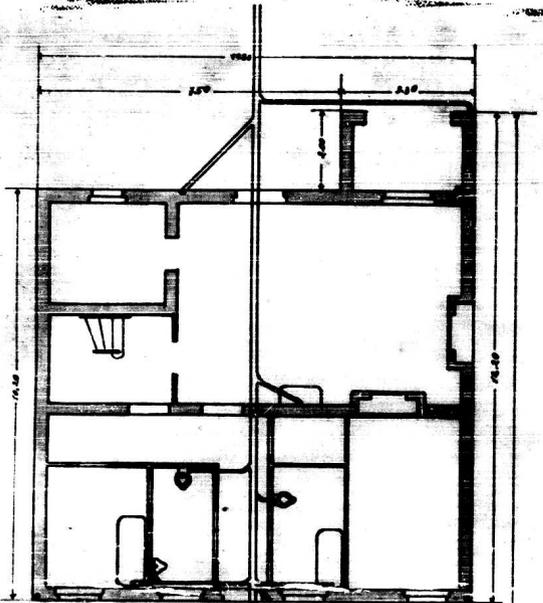
SUMÁRIO

Folha 1: Projeto original: Plantas Baixas. Processo nº: 117/1907- Arquivo Municipal de Porto Alegre.....	269
Folha 2: : Projeto original: Cortes. Processo nº: 117/1907- Arquivo Municipal de Porto Alegre.....	270
Folha 3: : Projeto original: Fachada. Processo nº: 117/1907- Arquivo Municipal de Porto Alegre.....	271
Folha 4: : Projeto original: Garagem. Processo nº: 639/1916- Arquivo Municipal de Porto Alegre.....	272
Folha 5: : Projeto para modificações: Porão, Sala de banho. Processo nº: 4388/1927- Arquivo Municipal de Porto Alegre.....	273
Folha 6: Requerimento: demolição de galpão. Ano: 1933 - Arquivo Municipal de Porto Alegre.....	274

PORÃO

ANDAR TERREO

SOTÃO



ESCADA, 1:100

105/11

Porto Alegre, em Junho 1907

Hilaryben

Arq. e. Eng.

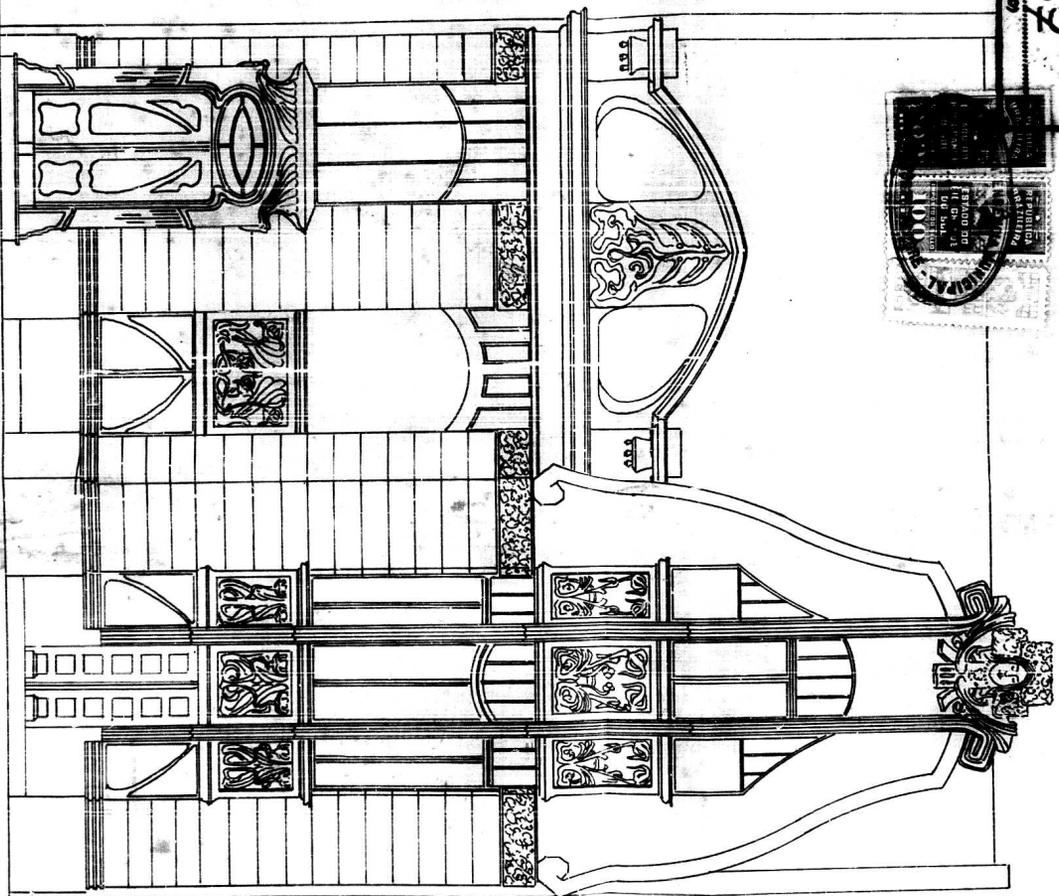
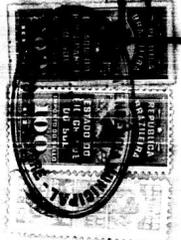
Arnold Meyer



REPUBLICA ARGENTINA DE PORTO ALBERTO
COMERCIO DE ESTAMPAS Y SELLOS
IMPRESION EN COLOR

ESTA PLANTA POR
RETRAIM DO PROC.

Nº 117/1907



*Robt
Humboldt
Buenos Aires
2 Mayo 1907*

706/11

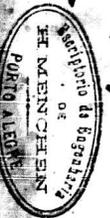
1:50

Para Regre, en junio 1907

Wienstein

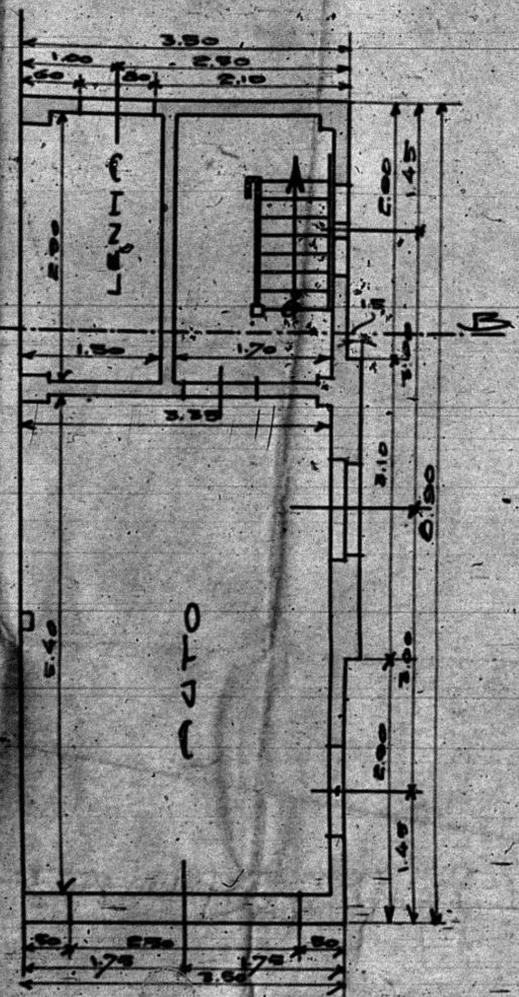
Arch. Eug.

Amador Lopez

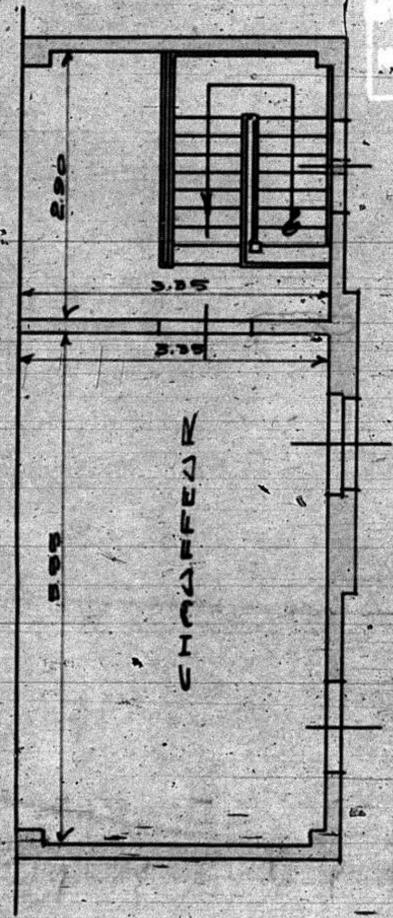


ESTÁ PLANTA POR
 REGISTRO DO PROCC.
 Nº 639/1916

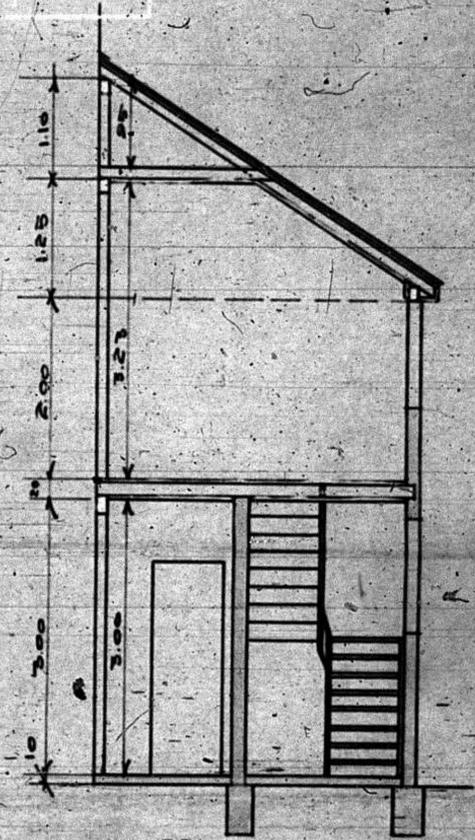
PROJECTO PARA A CONSTRUÇÃO
 DE UMA GARAGEM NOS FUNDOS
 DA CASA DO SENHOR
 ARNO B. MEYER
 RUA INDEPENDENCIA
 ESCALA 1:50



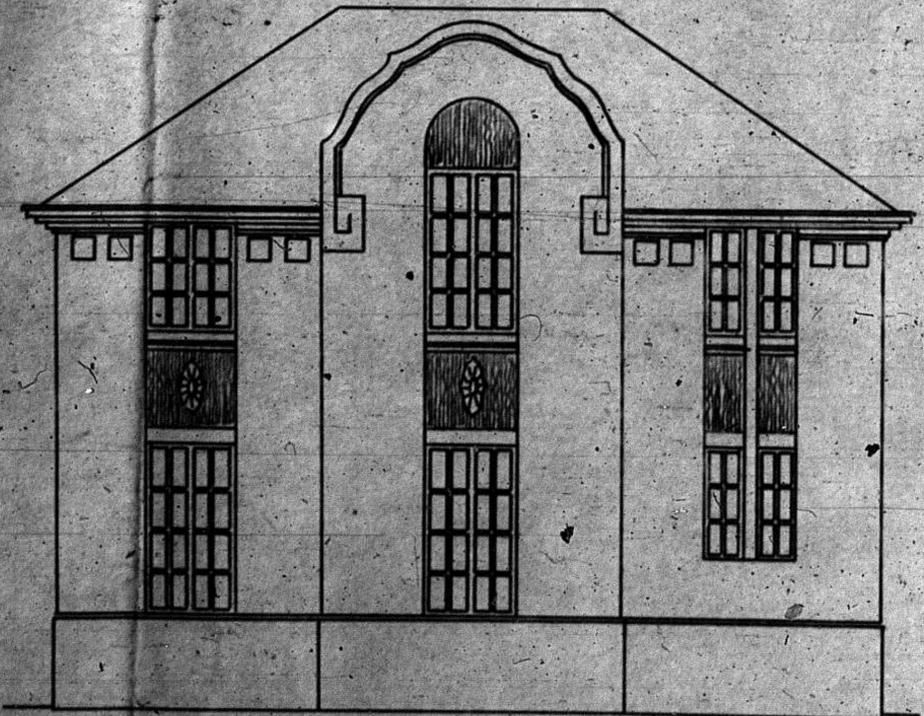
ANDAR TERREO



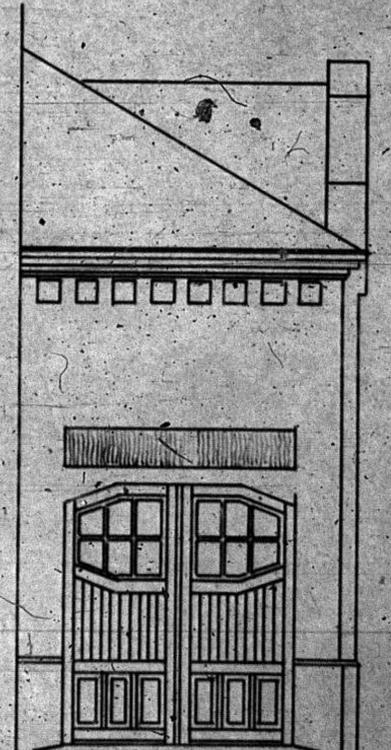
I ANDAR



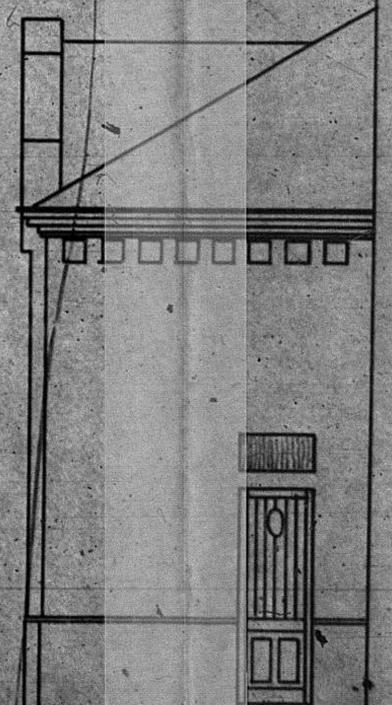
CORTE A-B



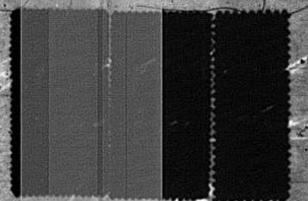
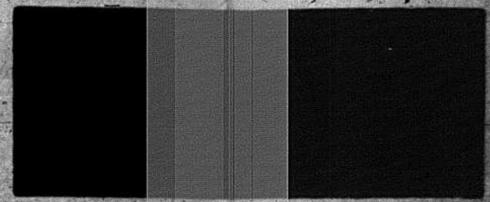
FACHADA



ENTRADA



LADOS

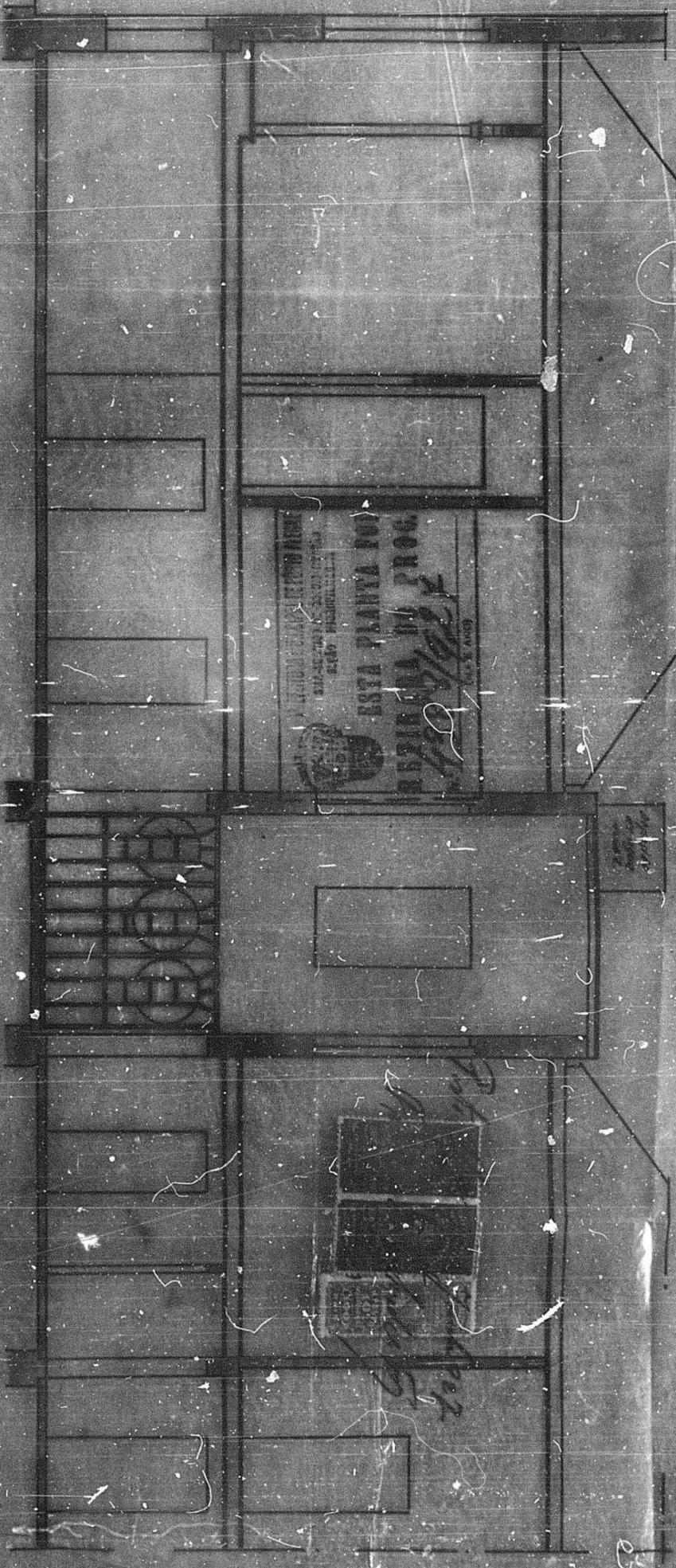


*Reservados todos os direitos
 para o autor e para a
 editora*

*Proj. e Exec. do Sr.
 Arnaldo B. Meyer
 Rua Independencia
 15-5-11*

F

Parte Arquitetônica - c.a.



6 de 1890

12

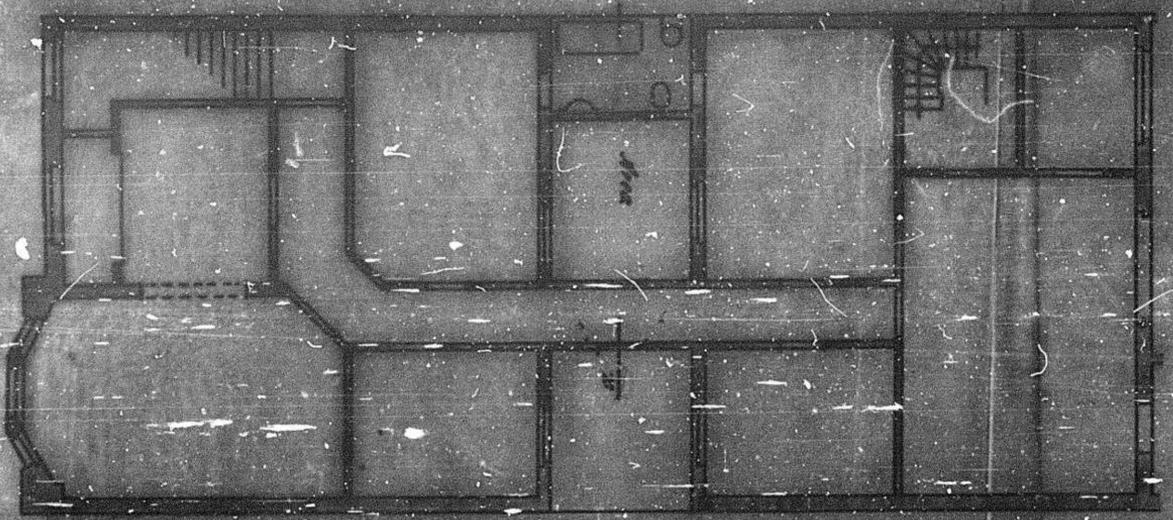
Diante por um movimento regular e vigoroso a se fazer, a escola avança da vida para a vida da Independência.

Autônomo, c.a.



Porto

6 de 1890



Porto

6 de 1890



Conselho de Reg. de Edif.

Problema

Problema

Problema

21864
- 4735

ILLM SBR. MAJOR PREFEITO MUNICIPAL

40128

Como requer

PUBLICADO *Alvaro Hoff*



Fick Irmaes querendo demolir um pequeno galpão de alvenaria nos fundos do terreno sito a rua Independência N.º 486, pede a V.ª se digna conceder-lhe a respectiva licença.

N. T.

P. deferimento



Pub. em  *Junho de 1913*

31
13 151
27 6 13
abco

Não ha inconveniente
em se fazer o que
se quiser.

de acordo
28.6.33
A. S. S.

27.6.33
B. Costa
conforme
28/6/33

A. S. S.

U. S. S. S. S.
20.6.33

M. S. S.

S. S. S. S.
13.7.33

M. S. S.





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE
MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS (MP-CECRE)

ADRIANA AUGUSTO NEVES

RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA CASA GODOY
PORTO ALEGRE/RS

VOLUME II

Caderno fotográfico

Salvador

2021

ADRIANA AUGUSTO NEVES

**RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA CASA GODOY
PORTO ALEGRE/RS**

VOLUME II

Caderno fotográfico

Trabalho Final apresentado ao Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP CECRE) da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos.

Orientadora: Susana Acosta Olmos

Salvador

2021

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	278
2.	IDENTIFICAÇÃO E RECONHECIMENTO DO BEM	280
	LOCALIZAÇÃO.....	281
	ICONOGRAFIA.....	282
3.	O LUGAR	305
4.	O OBJETO	311
5.	DIAGNÓSTICO	334

APRESENTAÇÃO

A Casa Godoy é um raro exemplar no estilo Art Nouveau na cidade de Porto Alegre. Foi construída em 1907 junto à uma região em grande ascensão social, pelo construtor alemão Otto Hermann Menchen para um comerciante, também de origem alemã, Arno Bastian Meyer. A edificação é representativa do estilo Jugendstil de Munique, Alemanha, que se apresenta de forma mais discreta que em muitos outros países da Europa.

A casa passou por diferentes proprietários, mas foi em 1939 que se projetou com força na história da ciência médica e da sociedade porto-alegrense através do médico psiquiatra Jacintho Godoy Gomes, sua Esposa Eulália e seus filhos. Importantes encontros onde se discutiam política, filosofia, medicina e educação aconteceram nesta casa e marcaram sua história de tal forma que passa a ser conhecida e referenciada como Casa Godoy.

Após negociações, a casa foi tombada em 1996 e desapropriada pela prefeitura, ficando nas mãos da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre como sede da Coordenação da Memória Cultural. Muitos são os seus valores, mas se pode destacar alguns como:

- **Valor de conjunto:** Apesar de se destacar entre as demais por seu estilo, não resultaria na mesma percepção visual se esta, estivesse isolada ou junto à outros tipos de construções. Mantém a morfologia da primeira metade do século XX nessa porção de quadra.
- **Valor histórico:** Testemunho da história da ciência médica e alta sociedade Porto-alegrense na primeira metade do século XX, prevalecendo ante as modificações do lugar e se adaptando as novas demandas, mantendo viva sua presença na história e memória do Bairro Independência e da cidade de Porto Alegre.
- **Valor estético/arquitetônico:** Arquitetura Erudita de Imigração Alemã e raro exemplar no estilo Art Nouveau/Jugendstil em estado praticamente íntegro, cujos materiais eram importados da Europa e as técnicas construtivas marcam um período em que os alemães atuavam fortemente no Estado.

- **Valor funcional:** monumento vivo e passível de diferentes usos adequados à ele.

No decorrer deste volume, serão apresentadas imagens que identificam e remontam parte da história deste importante monumento e suas transformações na passagem do tempo que levam a grande necessidade de intervenção para prevalência e longevidade do bem.



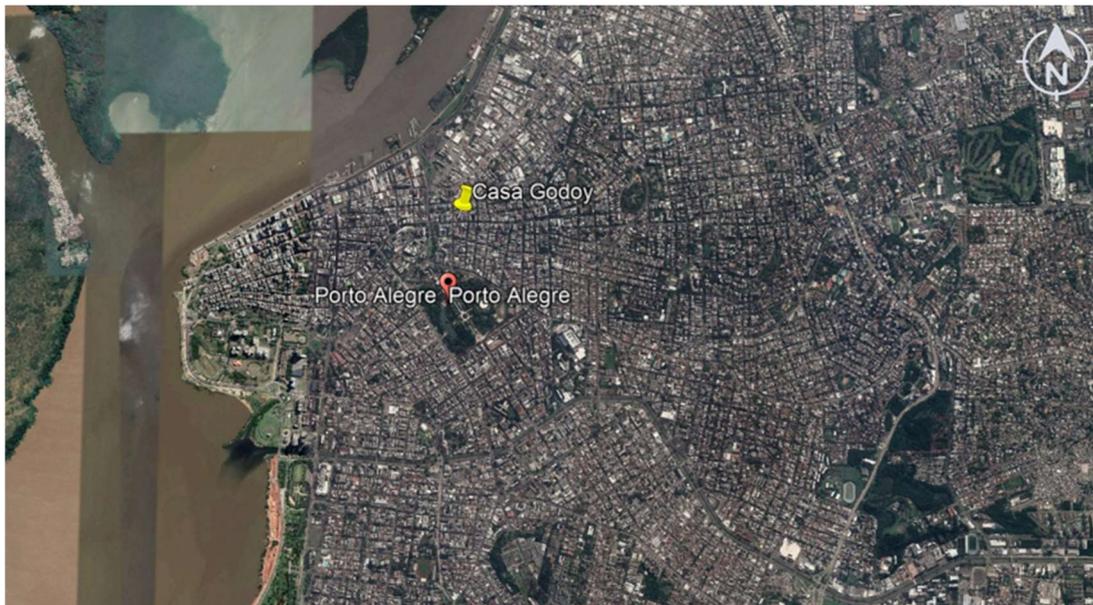
IDENTIFICAÇÃO E RECONHECIMENTO DO BEM
Apresentação do objeto



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

LOCALIZAÇÃO

Endereço do objeto: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	01
Designação: Localização da Casa Godoy	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Google Earth, editado por Adriana Neves	



A Casa Godoy se localiza na Avenida Independência, 456, Bairro Independência, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O Bairro Independência faz parte da região central da cidade, muito próximo ao Centro Histórico. A Casa Godoy possui aproximadamente 800 m², implantada no alinhamento do passeio e ocupando toda a largura do terreno que apresenta um extenso jardim no espaço do quintal.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	<h1>02</h1>
Designação: Rua da Independência final do século XIX.	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Fotos antigas da Família Prati. Disponível em prati.com.br/fotosantigas	



Aspecto da então Rua da Independência no final do século XIX com casarios no alinhamento do passeio.



Bondes de tração animal, passando em frente à Praça Dom Sebastião. Fins do século XIX.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Praça Dom Feliciano e Santa Casa de Misericórdia. Início do século XX.

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Fotos antigas da Família Prati. Disponível em www.prati.com.br/fotosantigas

03



Praça Dom Feliciano em frente ao Complexo Hospitalar Santa Casa de Misericórdia na década de 1920.

A praça e o hospital estão no limite da Rua da Independência.



Fachada do Hospital Santa Casa de Misericórdia e Igreja Senhor dos Passos no início do século XX. Ainda possuía a escadaria, muros com azulejos e gradis. Posteriormente, a rua sofreu modificações, perdendo esses elementos de composição.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Praça Dom Sebastião início do século XX.

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Fotos antigas da Família Prati. Disponível em www.prati.com.br/fotosantigas

04



Primeiro trecho da Avenida Independência, evidenciando as Casinhas da Misericórdia em 1920. Vista oeste em direção ao bairro.



Avenida Independência, esquina com a Rua da Conceição em 1906. Vista Leste no sentido centro.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

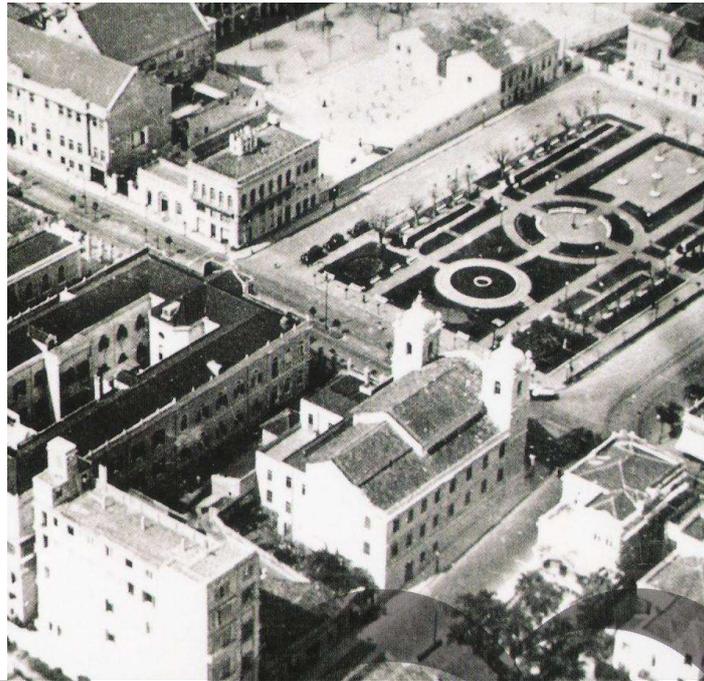
Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Praça Dom Sebastião início do século XX.

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Fotos antigas da Família Prati. Disponível em www.prati.com.br/fotosantigas

05



Vista aérea da Praça Dom Sebastião ou Praça da Conceição na década de 1920. Em frente a ela, a Igreja Nossa Sra da Conceição e Hospital Beneficência Portuguesa.



Vista sul da Praça Dom Sebastião ou Praça da Conceição na década de 1920. Ao fundo, Igreja Nossa Sra da Conceição e Hospital Beneficência Portuguesa.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Praça Dom Sebastião início do século XX.

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Fotos antigas da Família Prati. Disponível em www.prati.com.br/fotosantigas

06



Vista Sul da Praça Dom Sebastião e sua ambiência na década de 1930.



Igreja da Conceição ao lado do Hospital Beneficência Portuguesa na década de 1900.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Rua da Independência início do século XX.

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Fotos antigas da Família Prati. Disponível em www.prati.com.br/fotosantigas, 2018

Grupo Amigos do Patrimônio Histórico Disponível em
www.facebook.com/photo/?fbid=3556337311062231&set=g.1051719908211629

07



Postal da Rua da Independência no início do século XX. Vista oeste da quadra entre as ruas Barros Cassal e Garibaldi. Em amarelo ocre, a Casa Godoy.



Outro Postal da mesma época, destacando a Casa Godoy em meio aos tantos casarões que despontaram ao longo da via.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Casa Godoy em 1912.

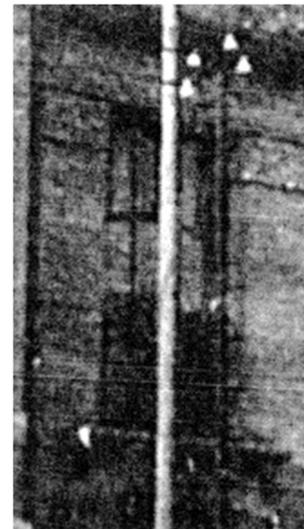
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Biblioteca Nacional- Almanak Henault 1910-1913. Disponível em www.memoria.bn.br

08



Prop. e resid. do Snr. Arno Meyer (Porto Alegre).



A Casa Godoy, pertencente nesse período ao Sr. Arno Bastian Meyer, figurando a paisagem da Rua da Independência em 1912.

Importante destacar o vitral sobre a porta principal que se apresentava conforme o projeto original e difere da esquadria que hoje se encontra no lugar. Não se sabe quando nem o motivo da substituição, mas se sabe que foi ainda na mesma década conforme pode ser visto na imagem anterior.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Avenida Independência na década de 1950.

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Fotos antigas da Família Prati. Disponível em www.prati.com.br/fotosantigas

09



Colégio do Rosário junto à Praça Dom Sebastião na década de 1950.



Av. Independência vista a partir do recém construído Edifício Esplanada.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Avenida Independência na década de 1950.

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Fotos antigas da Família Prati. Disponível em www.prati.com.br/fotosantigas

10



Os edifícios altos começam a despontar, substituindo muitos casarões.



Avenida ainda conservando os trilhos de bondes e calçamento de pedras regulares enquanto os edifícios altos se espalham. Ao fundo, Edifício Esplanada projetado pelo arquiteto uruguaio Ramon Fresnedo Siri.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

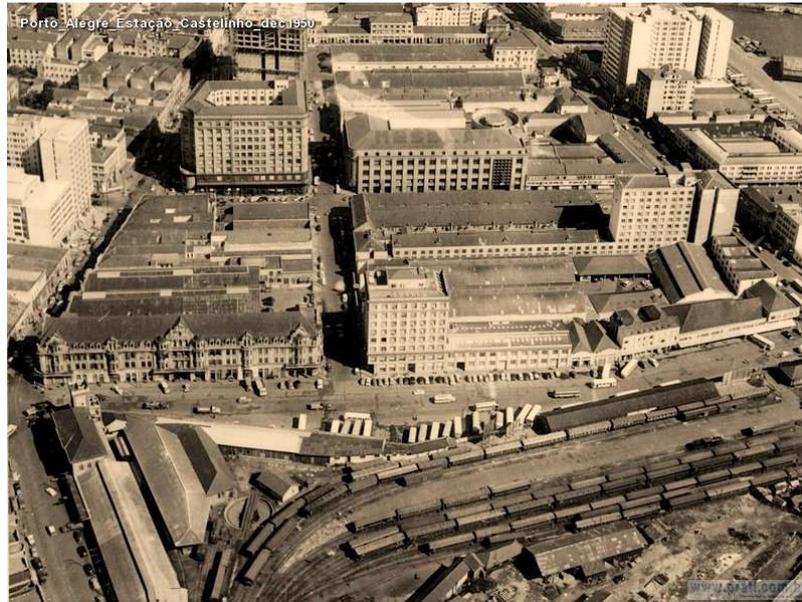
Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Rua da Conceição na década de 1970.

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

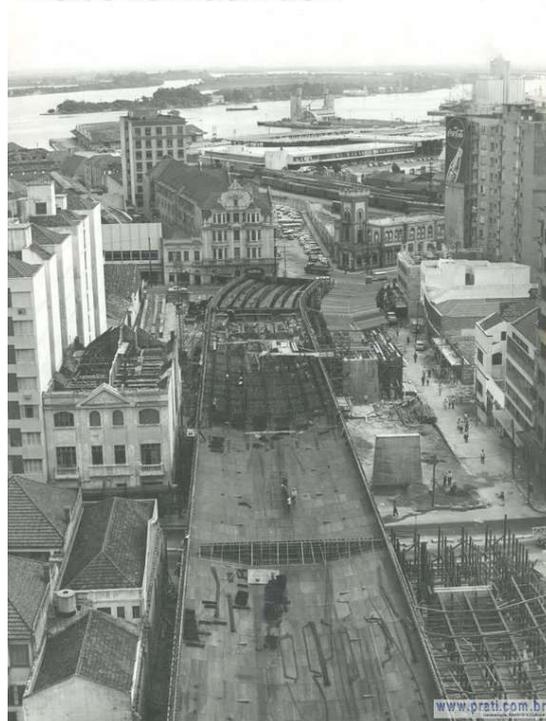
Fonte: Fotos antigas da Família Prati. Disponível em www.prati.com.br/fotosantigas

11



Rua da Conceição antes de receber os viadutos e túneis.

Porto Alegre_Obras_Elevada_da_Conceição_1971



Construção do viaduto e túneis da Conceição, demandando a demolição de algumas edificações do entorno.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Rua da Conceição na década de 1970.

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Blog Fundo de Gaveta do Yuri. Disponível em projetores-yuri.blogspot.com/2012/03/no-tunel-do-tempo-porto-alegrense.html

12



Inauguração do viaduto e túneis da Conceição no ano de 1972.



Túnel da Conceição sob a Avenida Independência.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

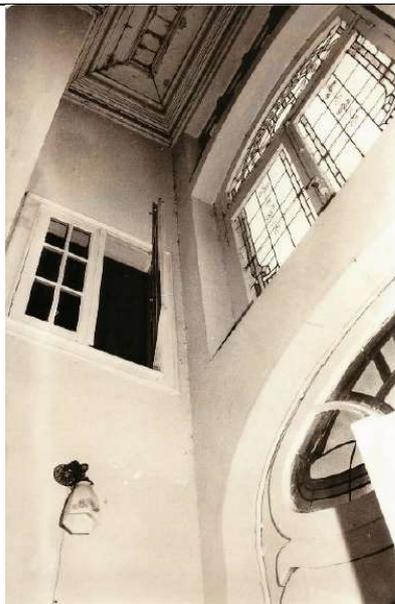
Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	13
Designação: Fachada e fotos internas da Casa Godoy na década de 1990	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal de Porto Alegre	



Fachada da Casa Godoy na década de 1980.



Fachada da Casa Godoy no ano de 1997.



Acesso principal que se abre a um átrio. Na face interna, a porta era pintada de branco.



Escadaria do acesso principal. Destaque para as antigas passadeiras de bronze que acomodavam o tapete sobre a escadaria (não existem mais).



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fotos internas da Casa Godoy na década de 1990

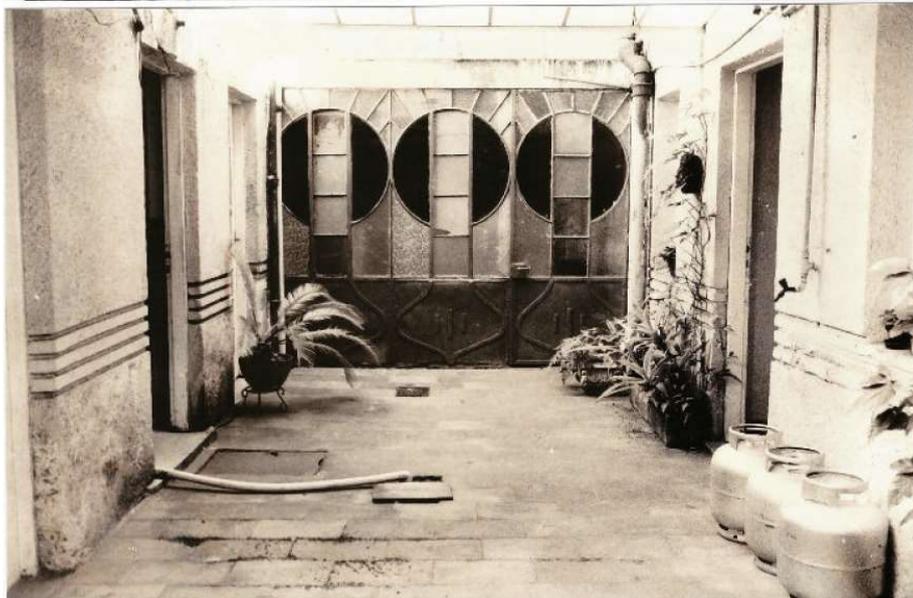
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal de Porto Alegre

14



Primeira sala do porão no bloco 1. Atualmente, a recepção.



Pátio interno.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

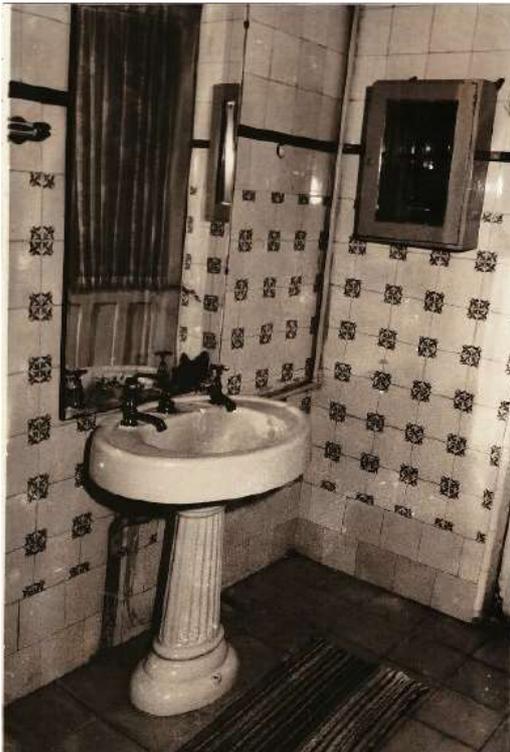
Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fotos internas da Casa Godoy na década de 1990

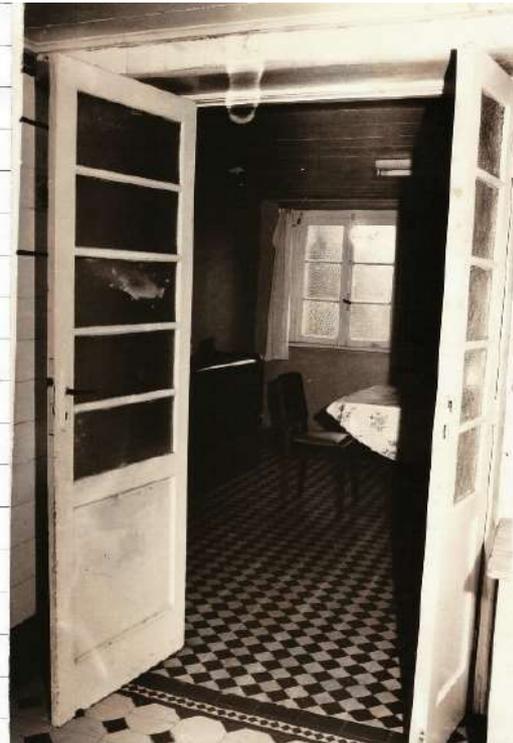
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal de Porto Alegre

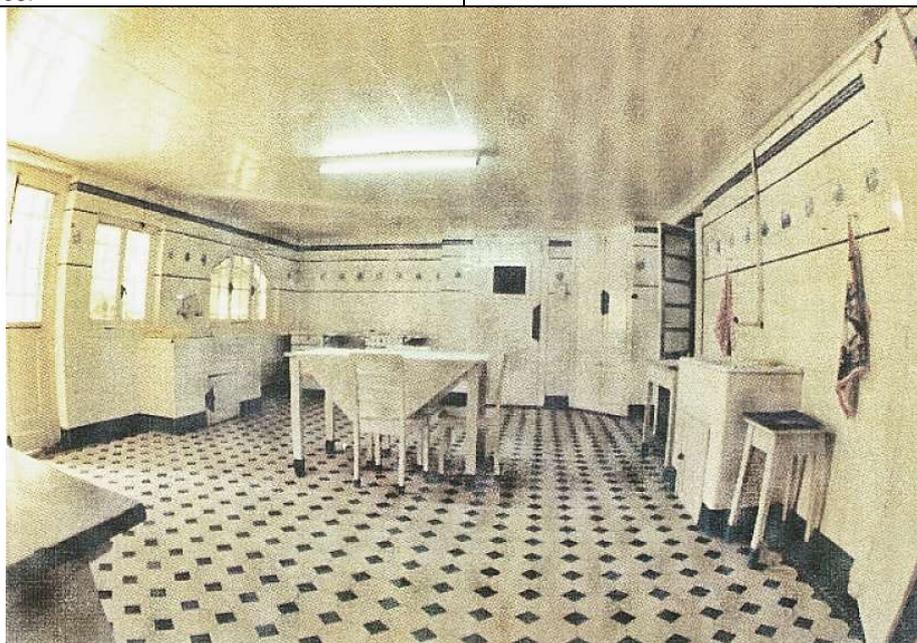
15



Sala de banho ainda com o mobiliário e acessórios.



Copa vista a partir da cozinha



Aspecto geral da cozinha no ano de 1996.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fotos internas da Casa Godoy na década de 1990

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal de Porto Alegre

16



Cozinha ainda mobiliada e em uso.



Mobiliário da Família Godoy.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fotos internas da Casa Godoy na década de 1990

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal de Porto Alegre

17



Sala de estar que também era utilizada para saraus pela Família Godoy.



Gabinete do Psiquiatra Jacintho Godoy com móveis originais e seus livros.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fotos internas da Casa Godoy na década de 1990

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Porto Alegre

18



Sala de Jantar com seu mobiliário original.



O lustre original ainda em funcionamento.



ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fotos internas da Casa Godoy na década de 1990, SMC/PMPA

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Porto Alegre

19



Um dos dormitórios convertidos em sala de visitas.



Um dos dormitórios ainda mobiliados com duas camas de solteiro.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fotos de Wanda Godoy em ambientes da casa, [s/d], SMC/PMPA

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Porto Alegre

20



Jardim de Inverno. As marcas das luminárias e lavatório ainda são visíveis.



Sala de estar com mobiliário original.



Gabinete ainda com lustre.



Vão em arco entre o gabinete e a sala de estar. Ano 1997.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fotos internas da Casa Godoy na década de 1990

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Porto Alegre

21



A cobertura do Bloco 2 abriga sótão composto por 4 trapeiras. Até o fim da década de 1990, possuía revestimento em madeira nas paredes e forro. Recebeu diferentes usos desde depósito à sala de estudos.



Varanda junto à fachada norte com vista para o jardim.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fachada norte da Casa Godoy na década de 1990

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Porto Alegre

22



Varanda junto à fachada norte com elementos em ferro e vidro. Uma cobertura provisória em telha ondulada que permaneceu até a intervenção feita no ano 2000.



Jardim aos fundos do terreno, cumprindo a função de espaço de lazer e contemplação.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Restauro da cobertura da Casa Godoy 200-2003

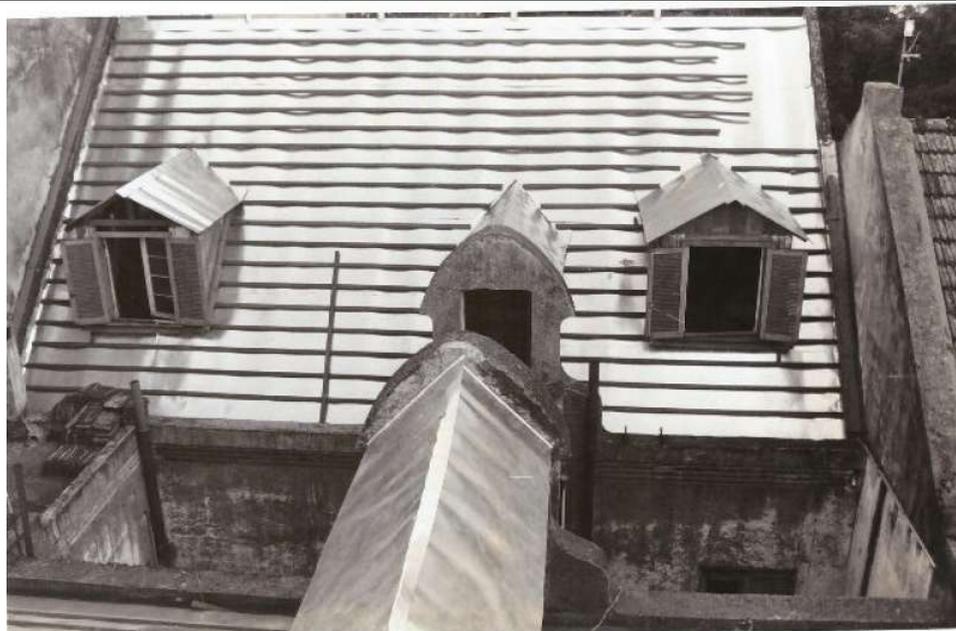
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Porto Alegre

23



Na obra de recuperação da cobertura, foram retirados os revestimentos internos em madeira, substituídas as peças danificadas do madeiramento por novas, assim como o fechamento de todas as trapeiras.



Subcobertura em chapa metálica galvanizada á zinco com o objetivo de prevenir goteiras.
Substituição de todo, ou quase todo, o madeiramento e telhamento.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

ICONOGRAFIA

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Restauo da fachada da Casa Godoy 200-2003

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Porto Alegre

24



Intervenção na fachada sul junto ao alinhamento do passeio da Avenida Independência. Foram tratadas as ferragens de sustentação dos ornatos que estavam expostas e os gradis das janelas.

As esquadrias foram recuperadas e a pintura seguiu a cor presente na fachada, o ocre. Porém, num tom mais claro.



Grande rachadura presente na platibando do volume dos banheiros junto ao pátio central.



O LUGAR
A Avenida Independência como entorno



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

O LUGAR

Endereço do objeto: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Avenida Independência: percepções visuais do espaço urbano

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora em fevereiro de 2019.

01



Fig.1: Avenida Independência, esquina com a Rua Sarmento Leite e o Complexo hospitalar Santa Casa de Porto Alegre.



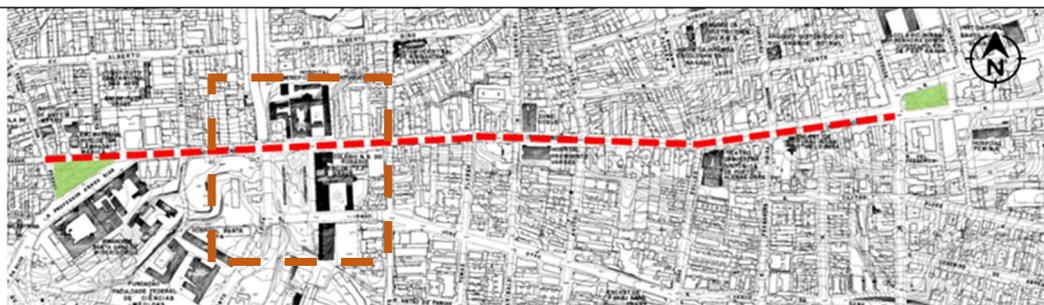
Fig.2: Vista do Viaduto da Conceição a partir da Avenida Independência, ao lado da Igreja da Conceição.



Fig.3: Igreja Nossa Sra da Conceição.



Fig.4: Antigo prédio do Hospital Beneficência Portuguesa que hoje funciona como Museu da História da Medicina (MUHM).



Legenda: Extensão da Avenida Independência - - -
Trecho de localização das imagens - - -

Fonte: Câmera Fujifilm S29

Obs.: Mapa editado pela autora a partir de aerofotogramétrico fornecido pela Prefeitura.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

O LUGAR

Endereço do objeto: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Avenida Independência: percepções visuais do espaço urbano

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da autora

02



Fig.5: o Hospital Beneficência Portuguesa ao lado do MUHM.



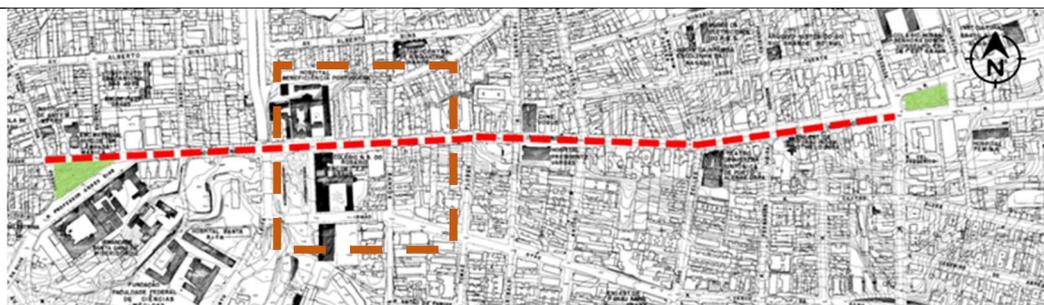
Fig.6: Praça Dom Sebastião, em frente à igreja.



Fig.7: Tradicional Colégio Marista Rosário. Construção Art Déco em destaque na esquina da Praça Dom Sebastião e Av. Independência.



Fig.8: A quadra em que está a Casa Godoy. Na esquina com a Rua Barros Cassal está a Casa Frasca que pertenceu ao Dr. Frasca.



Legenda: Extensão da Avenida Independência - - -
Trecho de localização das imagens - - -

Fonte: Câmera Fujifilm S29

Obs.: Mapa editado pela autora a partir de aerofotogramétrico fornecido pela Prefeitura.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

O LUGAR

Endereço do objeto: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Avenida Independência: percepções visuais do espaço urbano

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da autora

03



Esquina da Rua Barros Cassal com a Avenida Independência. O edifício que configura a esquina é a Casa Frasca.



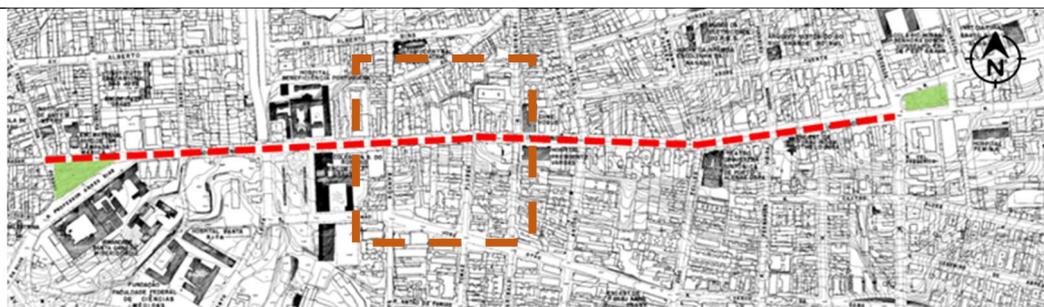
Destaque para a Casa Godoy em meio ao conjunto edificado eclético na face sul da quadra



Face norte da quadra, destacando a Casa Torelly com seu torreão em frente à Casa Godoy.



Porção de quadra com predominância de edifícios ecléticos. Porém, comprometimento da percepção face à presença de edifícios altos.



Legenda: Extensão da Avenida Independência - - -
Trecho de localização das imagens - - -

Fonte: Câmera Fujifilm S29

Obs.: Mapa editado pela autora a partir de aerofotogramétrico fornecido pela Prefeitura.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

O LUGAR

Endereço do objeto: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Avenida Independência: percepções visuais do espaço urbano

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da autora

04



Fig.9: Aspecto da quadra vista da esquina da Rua Garibaldi. Grande massa edificada, sombreando os casarões.



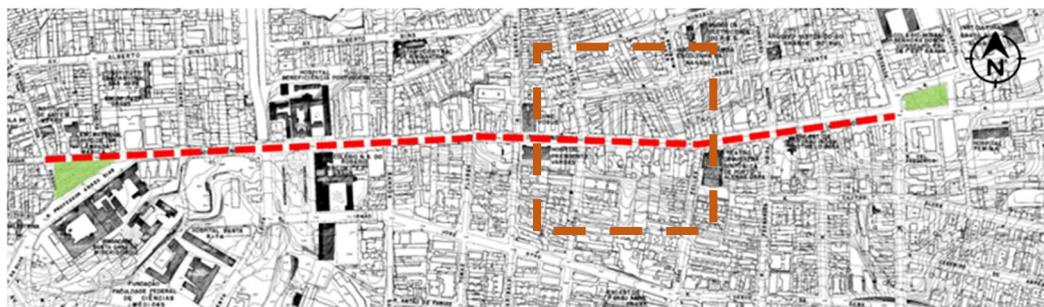
Fig.10: Casa Soares, também projetada por Otto Hermann Menchen.



Fig.11: Edifícios modernistas na esquina da Rua Garibaldi.



Fig.12: Hospital Presidente Vargas.



Legenda: Extensão da Avenida Independência - - -
Trecho de localização das imagens []

Fonte: Câmera Fujifilm S29

Obs.: Mapa editado pela autora a partir de aerofotogramétrico fornecido pela Prefeitura.



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

O LUGAR

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Entre as ruas Barros Cassal e Garibaldi – entorno imediato ao objeto

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Porto Alegre

05



Fig.13: Impacto visual dos grandes edifícios sobre os antigos casarões.



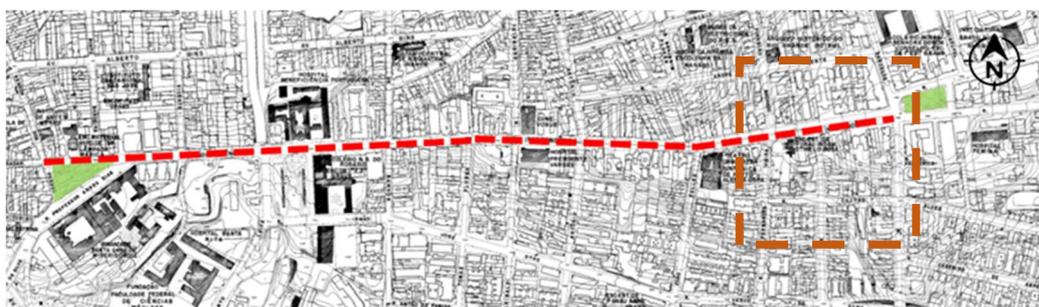
Fig.14: Palacete Argentina: Atual sede do IPHAN-RS. Também com prédios altos como pano de fundo.



Fig.15: Três imponentes casarões junto à novos edifícios altos que estão despontando em todos os lados.



Fig.16: Edifício Esplanada na esquina das Ruas Ramiro Barcellos e Avenida Independência.



Legenda: Extensão da Avenida Independência - - -
Trecho de localização das imagens - - -

Fonte: Câmera Fujifilm S29

Obs.: Mapa editado pela autora a partir de aerofotogramétrico fornecido pela Prefeitura.



O OBJETO
Apresentação da Casa Godoy



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

O OBJETO

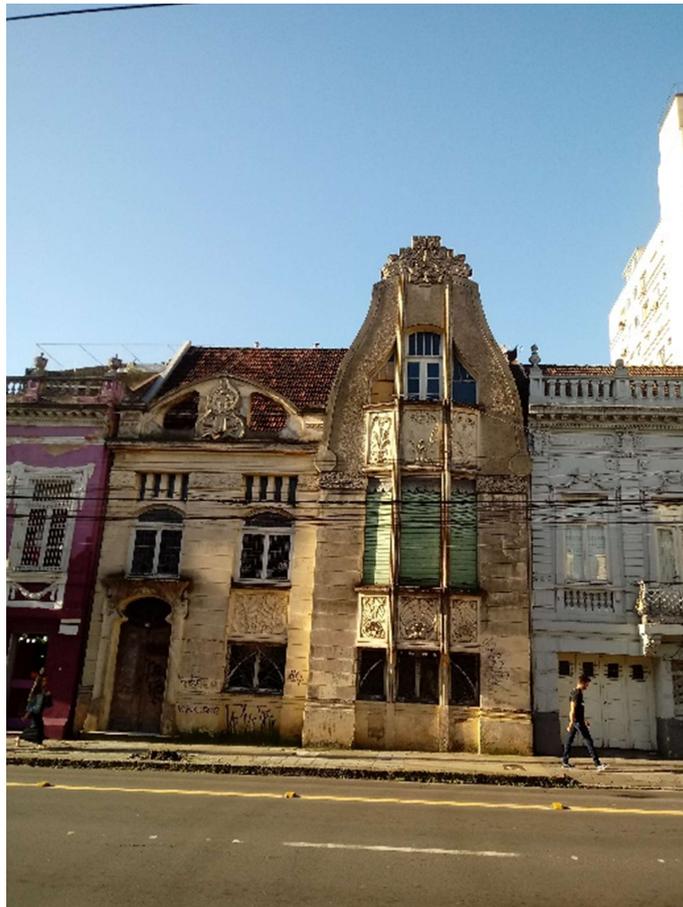
Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fachada sul

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora em novembro de 2019

01



A fachada sul (principal) da Casa Godoy se destaca em meio ao conjunto edificado com feições ecléticas. Sua forte representatividade do estilo Jugendstil fazem dela um monumento de grande relevância arquitetônica para a cidade de Porto Alegre, apresentando elementos da natureza e proporcionando delicadas sensações de movimento.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fachada norte

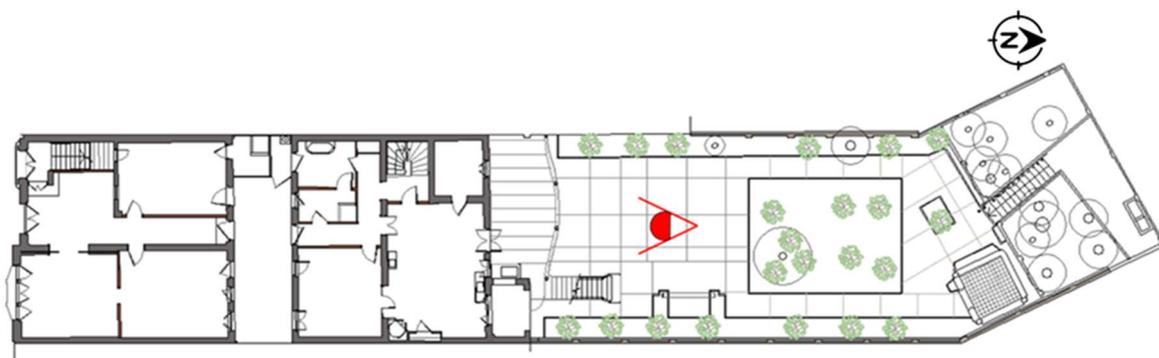
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora em novembro de 2019

02



A fachada norte, junto ao jardim se projeta em busca da luz para os ambientes nobres desta ala da casa. Proporciona uma interação entre ambiente interno e externo através dos grandes vãos envidraçados e os elementos decorativos em ferro que dão movimento e remete à natureza. Muito próprio do estilo.



PLANTA BAIXA PORÃO



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-01

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

03



Ambiente A01 – O átrio é o acesso principal do edifício. As esquadrias tem forte representação do estilo Art Nouveau, com vitrais que permitem a entrada de luz natural. Possui uma escadaria em madeira que conduz ao pavimento principal e uma porta lateral junto à entrada para acesso ao porão.



PLANTA BAIXA PORÃO



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: ambientes A-02 e A-03 – Porão Bloco 1

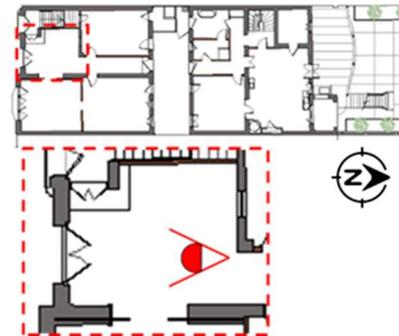
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

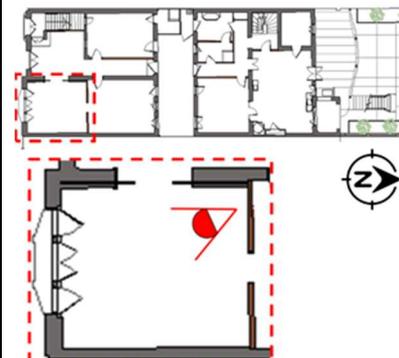
04



Ambiente A02 - Recepção. Primeira sala do porão do Bloco 1 que compôs o consultório do Dr Jacintho Godoy. Piso cerâmico sextavado e meia parede de azulejos adicionados na década de 1970.



Ambiente A03 - Sala da Centro de Pesquisa Histórica (CPH). Piso em tacos de madeira adicionados na década de 1970 e revestimento em tinta acrílica na cor amarelo-creme.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-04 e A-05 – Porão Bloco 1

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

05



Ambiente A04 - Sala do arquivo onde são armazenados livros e documentos de forma improvisada. Era dividida em duas no passado, sendo uma delas a câmara escura que ficava exatamente no canto que aparece na imagem.



Ambiente A05 - Circulação de acesso entre a recepção e o pátio interno, que também acessa o segundo bloco.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-06 e A-07 – Porão Bloco 1

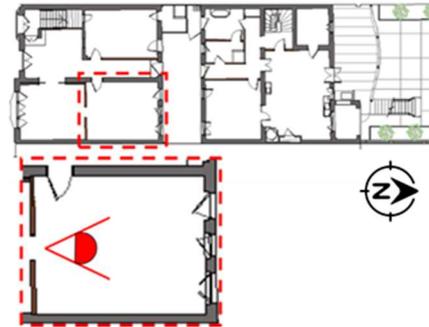
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

06



Ambiente A06 – Abriga provisoriamente a equipe do PAC Cidades Históricas. A sala recebeu pintura com tinta acrílica recentemente.



Ambiente A07 – Banheiro de serviço. É um banheiro com chuveiro que foi instalado na década de 1970 num local antes utilizado como depósito abaixo da sala de banho do pavimento principal.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-09 – Pátio interno

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

07



A09 – Pátio interno que divide os dois blocos, permitindo maior entrada de ventilação e iluminação. A porta em ferro e vidro ao fundo pertence ao banheiro A07 e casa de máquina A08.



Vista do outro lado do pátio e com acesso direto a sala A06.



PLANTA BAIXA PORÃO



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-10 e A-11 – Porão Bloco 2

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

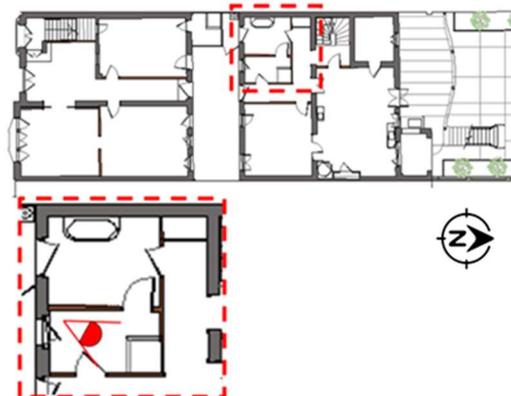
08



Ambiente A10 é a sala de banho originalmente construída em 1907. Ainda apresenta suas louças e metais originais. Não há certeza quanto aos azulejos brancos com azul e sua data de colocação.



Ambiente A11 compõe junto à sala de banho o banheiro da casa, com bacia sanitária, chuveiro e lavatório. Porém, as louças e metais foram alterados. Os azulejos são originais





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-12 – Porão Bloco 2

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

09



Ambiente A12 é a circulação do porão do Bloco 2 que concentra as áreas molhadas e a escadaria de serviço. Esta circulação é em “L” e acessa todos os ambientes principais deste setor.



Ao fundo, um armário embutido em madeira. O piso desta ala é todo em ladrilhos hidráulicos com rodapés. O forro é em madeira com junta seca e encoberto por tinta branca.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-13 e A-14 – Porão Bloco 2

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

10



Ambiente A13 é a antiga copa. Hoje utilizada como sala de reuniões e atendimento de público externo. Mesmo tipo de forro e piso da circulação.



Ambiente A14 é a caixa de escada. Concentra uma escadaria em madeira que acessa todos os pavimentos desde o porão, tendo patamares de chegada nos pavimentos e assumindo um formato helicoidal (caracol).





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-15 e A-16 – Porão Bloco 2

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

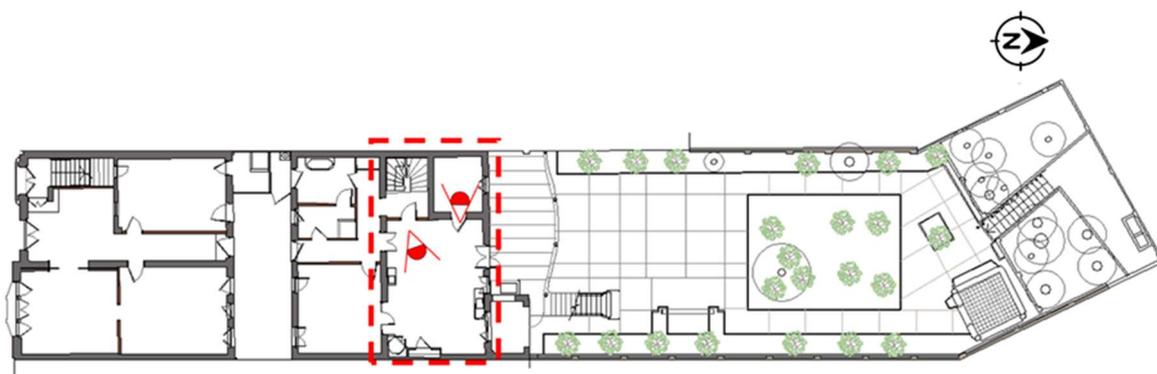
Fonte: Imagens da autora

11



Ambiente A15 está a cozinha da casa. Permanece com este uso enquanto refeitório dos funcionários e espaço de descanso. Possui armário embutido e um elevador monta-pratos em madeira com acionamento manual por cordas e roldanas. A janela com verga reta foi adicionada na reforma de 1928.

O ambiente A16 é a antiga despensa que hoje serve de depósito. Também possui piso em ladrilhos e o entepiso é em laje mista de alvenaria e ferro.



PLANTA BAIXA PORÃO



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-17 e A-18 – Porão Bloco 2

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

12



A lavanderia está localizada no ambiente A17. Ali está o tanque de roupas antigo da casa que é utilizado como apoio na limpeza da casa atualmente.



O ambiente A18, que hoje é um depósito de materiais de limpeza, foi um depósito para armazenar a lenha que abastecia o sistema de aquecimento da água do edifício através do fogão à lenha e boiler.



PLANTA BAIXA PORÃO



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-19 e A-20 – Pavimento principal Bloco 1

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

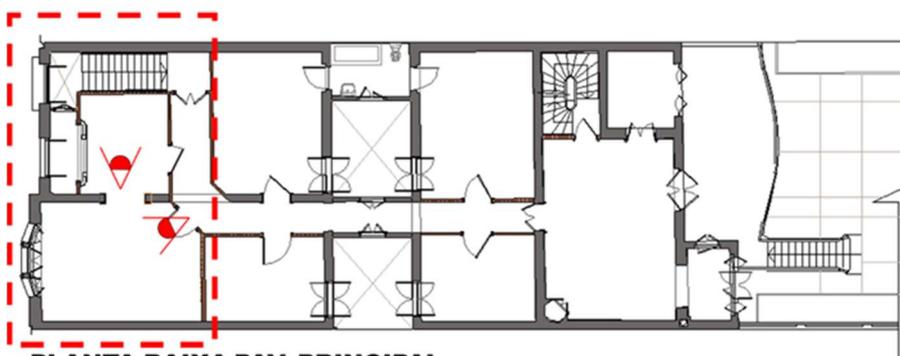
13



O ambiente A19 - sala de estar da área nobre da casa. Atualmente é uma sala para pequenas reuniões.

Neste pavimento, o forro é em madeira com elementos decorativos e as paredes receberam pinturas murais de Ferdinand Schlatter. Há frisos com douraturas nos forros e paredes.

O A20 é o antigo gabinete do médico psiquiatra Jacintho Godoy. Ainda conserva o mobiliário original e uma boa coleção de livros pertencentes ao médico.



PLANTA BAIXA PAV. PRINCIPAL



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-21 e A-22 – Pavimento principal Bloco 1

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

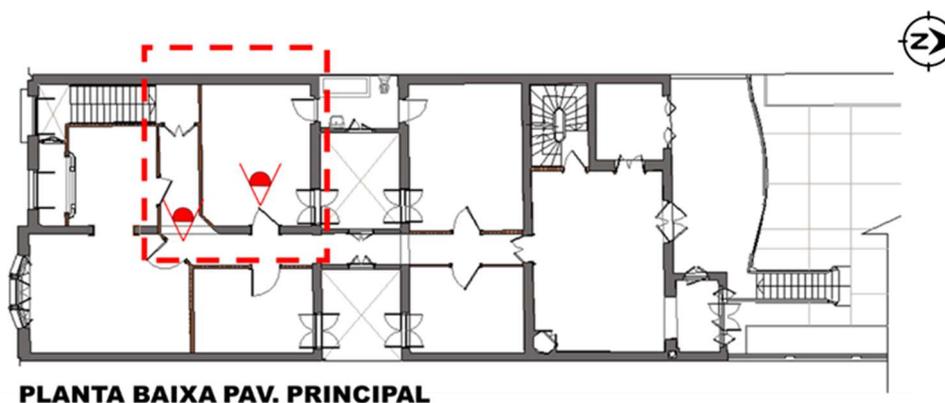
Fonte: Imagens da autora

14



A circulação do pavimento principal (nobre) concentra os ambientes A21, A23, A25 e A27. É um longo corredor em “L” que interliga os ambientes sociais e íntimos da antiga residência.

Ambiente A22 é um antigo dormitório, que já foi sala de TV e hoje é a sala de trabalho da equipe da Coordenação da Memória Cultural.



PLANTA BAIXA PAV. PRINCIPAL



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-23 e A-24 – Pavimento principal Bloco 1

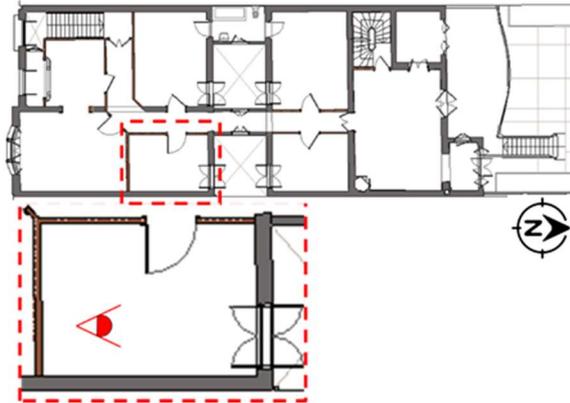
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

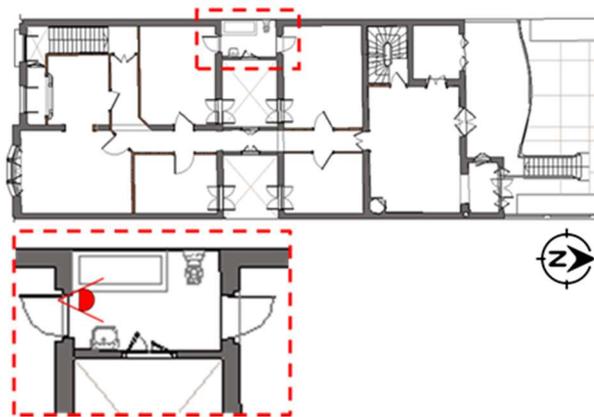
15



O ambiente A23 é a atual sala da coordenação. No passado, foi dormitório.



O Ambiente A24 é a sala de banho construída em 1928 para atender o pavimento principal que não contava com sanitários para tantas pessoas. A família Tschiedel foi responsável pela ampliação.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-25 e A-26 – Pavimento principal, Transição e Bloco 2

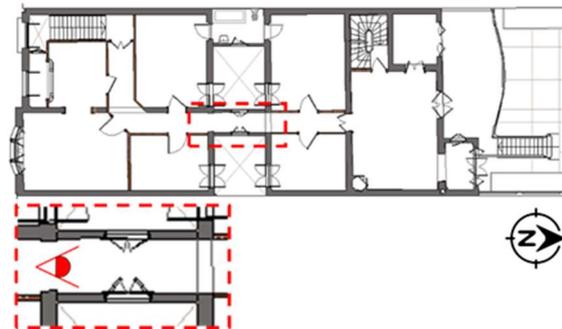
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

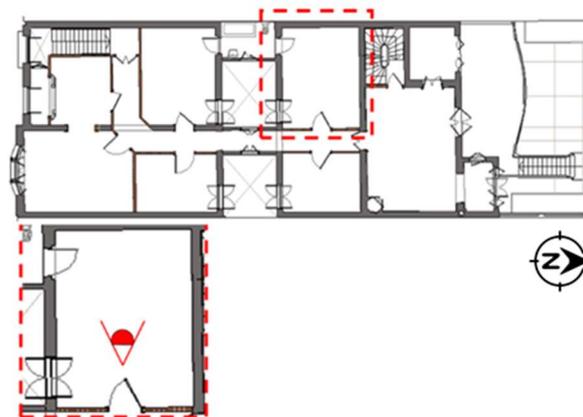
16



O A25, conforme mencionado, faz parte da circulação e é o trecho correspondente ao passadiço de ligação entre os dois blocos. Apesar do piso de madeira neste trecho, a estrutura é em laje mista de alvenaria de tijolos maciços e vigas de ferro em T invertido.



A sala A26 também era um antigo dormitório que, assim como o A22, tem acesso direto à sala de banho. O ambiente está sem uso devido ao seu estado de conservação ruim.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-28 e A-29– Pavimento principal Bloco 2

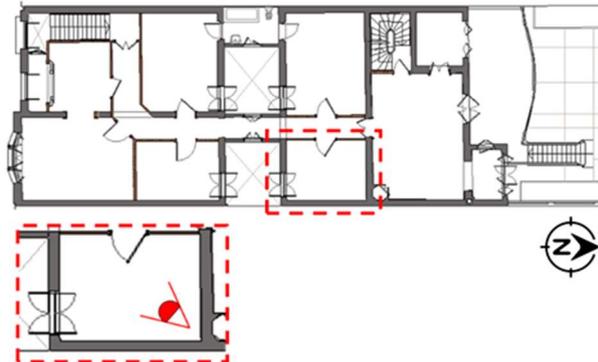
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

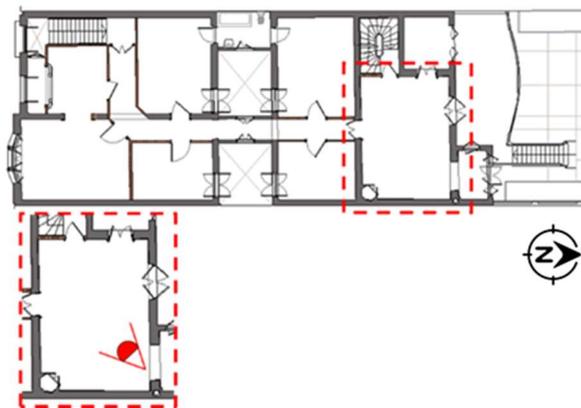
17



O ambiente A28 abriga funcionários da EPAHC. Também foi dormitório das famílias que ali viveram.



A29 é a antiga sala de jantar. Tem muitos bens integrados que vão além das pinturas murais, como por exemplo os lambris de madeira e o elevador monta-pratos. Atualmente está sem uso pelo seu estado de conservação ruim.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-30 e A-31 – Pavimento principal Bloco 2

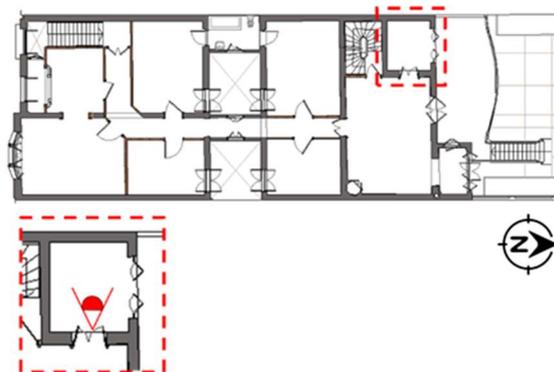
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

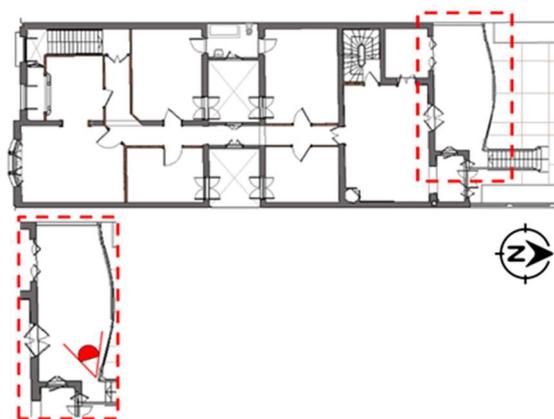
18



O ambiente A30 é o antigo jardim de inverno, com uma grande porta envidraçada com vista para o jardim através da varanda. O piso é em ladrilho hidráulico e as paredes apresentam as cores rosa e azul subjacentes a tinta branca.



A varanda ou alpendre com cobertura envidraçada e ferro é o ambiente A31. Tem relação direta com o jardim aos fundos do terreno e articula entre a sala de jantar e jardim de inverno.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-32 e A-33 – Pavimento principal e terraço Bloco 2

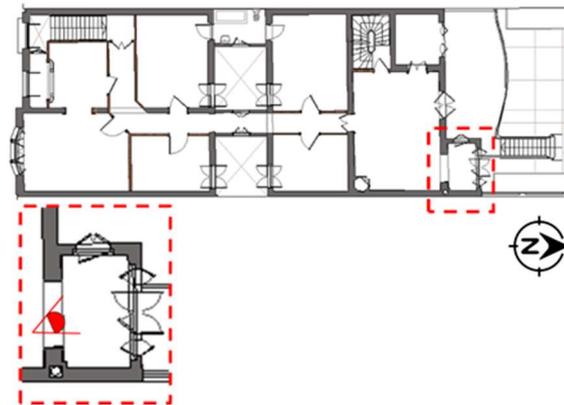
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

19



Ambiente A32 – Antiga sala de fumar junto à sala de jantar. Espaço para descanso das refeições e para fumantes.



Ambiente A33 – Terraço voltado para a fachada norte com vista para o jardim. Fica no patamar intermediário entre o pavimento principal e o sótão do Bloco 2.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-34 e A-35 – Sótão Bloco 1 e 2

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

20

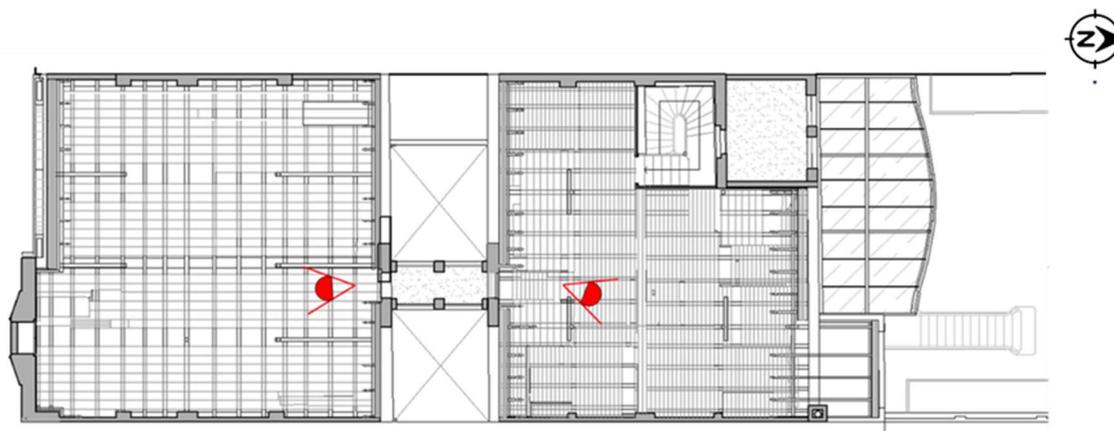


Ambiente A 34 – Sótão Bloco 2

Um telhado de mansardas que apresenta 5 trapeiras que, além do motivo estético, serve para ventilação e iluminação do ambiente

Ambiente A 35 – Sótão Bloco 1

Telhado de mansarda, formando um frontão curvo junto à fachada sul com esquadrias tripartidas que incluem uma porta balcão e um vão sacado em alvenaria. Possui uma clarabóia para acessar o telhado para manutenção.



PLANTA BAIXA SÓTÃO



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Bens Integrados

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora

21



Azulejos das áreas molhadas são importados da Alemanha, produzidos pela empresa Villeroy & Boch, segundo consta no tarso de algumas peças. Com mais de 250 anos de atuação no mercado, a empresa é próxima à fronteira da França. A inspiração francesa para a confecção das peças é marcante.



Mostrador que indicava o ambiente que estava chamando os empregados. Era acionado por um botão que se encontrava em cada cômodo do pavimento principal. O elevador monta-pratos é um item que fazia parte da maioria dos palacetes da Avenida Independência. Sua função era transferir as refeições da cozinha para a sala de jantar por acionamento manual por uma corda. É todo em madeira e geralmente aparenta um armário. Na Casa Godoy, ele ainda se encontra íntegro.



Pinturas murais executadas por Karl Ferdinand Schlatter. O mesmo artista que executou as pinturas da Biblioteca Pública e diversos casarões a longo da Avenida Independência. Além de outras obras pelo Rio Grande do Sul. As pinturas variam entre paisagens e estampas florais. Sempre trazendo motivos relacionados à natureza que é um forte traço da arquitetura Art Nouveau ou Jugendstil.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS



Maçanetas em ferro importadas da Europa pelo arquiteto Otto Hermann Menchen. Cada uma foi enumerada para a porta correspondente.



Algumas luminárias originais permanecem na casa, necessitando apenas de recuperação para uso.



O mobiliário original é do final da década de 1930, pertencente à família Godoy. Os livros, arquivos e telefone também. Ainda se conserva algumas peças de decoração e lustres da casa.



DIAGNÓSTICO

Análise do estado de conservação do edifício



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fachada Sul

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP, LG K10 Novo 14 MP

01

A fachada sul da Casa Godoy apresenta danos muito recorrentes em todas as edificações do entorno por se localizar em uma via de grande fluxo de veículos e, portanto, com alta emissão de gases poluentes. Estes, combinados à ação da água das chuvas que ocorrem com maior incidência ao sul/sudeste provocam o aparecimento de manchas enegrecidas e biofilme. Junto a isso, a ação humana por depredação causam danos na aparência do edifício.

Até abril de 2019, existia uma árvore do tipo *Ligustrum lucidum* (Ligustro) comprometida pela ação de plantas daninhas, agravando seu estado de conservação. Sua presença comprometia a legibilidade do edifício e aumentava o sombreamento dos ambientes junto à esta fachada.



Fig.1: Aspecto da Casa Godoy ainda com a árvore na frente. (junho/2018).



Fig.2: A fachada sem a árvore. (Imagem Jorge Stocker Jr, maio/2019).



Fig.3: Incidência solar à tarde durante a primavera/verão (novembro/2019).



Fig.4: O sol, destacando os ornatos da fachada.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS



Fig.8: Porta de acesso principal com pichações e alteração cromática (Imagem junho/2018).



Fig.9: Tentativa de remoção da pichação com uso de Tíner, comprometendo a aparência da madeira (Imagem novembro/2019).



Fig.10: Desprendimento de reboco nas cimalkhas do coroamento (Imagem novembro/2019).



Fig.11: Biofilme, crosta negra e microflora acumulados nos frisos decorativos e todos os elementos da fachada (Imagem novembro/2019).



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS



Fig.12: Presença de pedaços de cartazes colados na fachada sem autorização prévia e de forma errada.

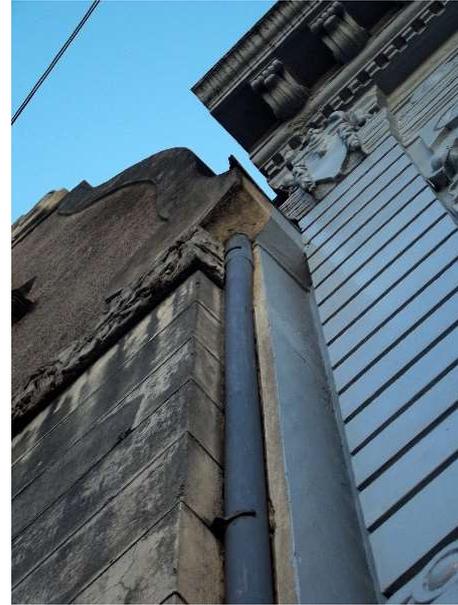


Fig.13: Tubo de queda junto ao frontão, cuja calha está sobre a borda. Possivelmente, área de contribuição maior que a capacidade de escoamento.



Fig.13: A calçada apresenta grande camada de microflora e biofilme junto à base do prédio. Os remendos em cimento foram executados de forma improvisada para tapar as lacunas dos ladrilhos. Porém, criaram outras lacunas visuais (Imagem novembro/2019).

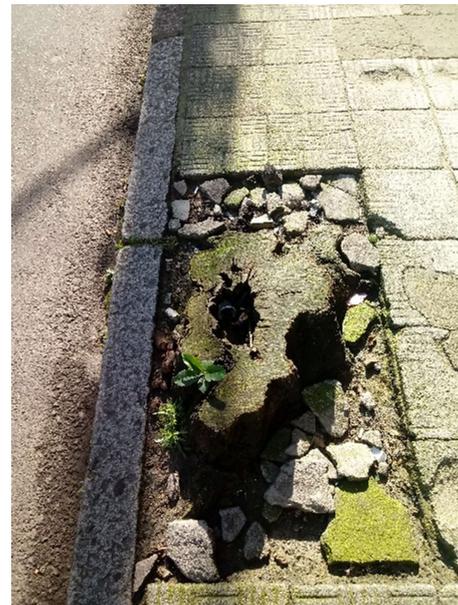


Fig.14: Local da árvore que foi removida, restando sua base bastante oca. (Imagem novembro/2019).



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS



Fig.5: O frontão curvo com esquadrias tripartidas que simulam um vão sacado se destaca entre as outras edificações (Imagem novembro/2019).



Fig.6: Na edificação ao lado foram feitas modificações na volumetria e função da mesma, comprometendo a proteção contra a ação de intempéries nas paredes de ambas as casas.



Fig.07: Detalhe do gradil do coramento comprometido pela ação de oxidação.



Fig.6: Aspecto do cabeamento de rede suspenso e próximo ao edifício. Algo recorrente na cidade.



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-01

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

02



Fig.1: Ambiente A01 - Átrio na entrada principal. À direita da imagem é possível notar uma pequena janela envidraçada que pertence à sala de estar no pavimento nobre.



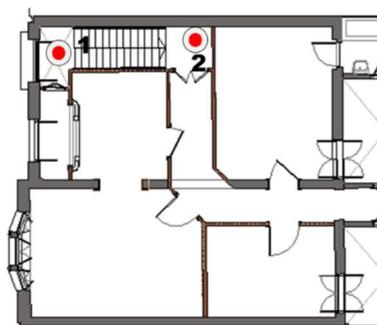
Fig.2: Forro em madeira arrematado por cabeça emoldurada por frisos, cimalkhas e abas. Muitos pontos de podridão e perda da superfície da madeira.

Estado de preservação: Íntegro

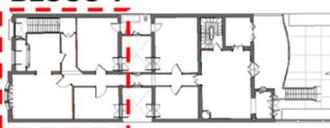
Estado de conservação: Regular



Análise preliminar: As paredes do átrio receberam camadas de tinta incompatível com a pintura original que, juntamente com a presença de água geraram craquelamento e desprendimento das camadas de tinta. Os remendos com argamassa de cimento junto ao Quadro Geral de Distribuição também geram incompatibilidade entre materiais. O QGD foi adaptado para instalações elétricas na década de 1990. A ação humana tem sido o ponto que permite a entrada de agentes maiores como a presença de água. O sistema de escoamento deficiente, juntamente com a parede do vizinho que está sem telhado e sem escoamento adequado, podem contribuir para que o teor de umidade permaneça alto dentro do edifício. Unindo isso ao uso de materiais e técnicas inadequadas, não há outro resultado que não seja a permanência ou agravamento dos danos. O ambiente nunca recebe sol e permanece fechado por conta do grande fluxo da via.



BLOCO 1



**PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-02 e A-05

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

03



Fig.1: Ambiente A02 - Recepção ao lado da entrada principal.



Fig.2: Ambiente A05 - Circulação de acesso entre a recepção e o pátio interno, que também acessa o segundo bloco.

Estado de preservação: Bastante alterado

Estado de conservação: regular

Análise preliminar: Faltam peças de azulejos e há um hidrômetro instalado dentro da parede fronteira da recepção, junto à janela, camuflado por um pedaço de madeira compensada. Os revestimentos de azulejo e piso são da década de 1970 e já perderam algumas peças. As instalações elétricas e de processamento de dados são de fins da década de 1990 e atuais e foram instaladas de forma improvisada. Novamente, as tintas utilizadas para pintura do ambiente não são adequadas e apenas camuflam o problema existente. A pintura é recente e, portanto, oculta manchas e outros problemas internos. Problemas que se apresentam nos azulejos com alto teor de umidade. O local sofreu adaptações para receber as novas atividades propostas pela Secretaria da Cultura de Porto Alegre. Porém, por ser um porão, sofreu modificações por diversas vezes antes para adaptar as necessidades de seus usuários.

Pelas razões acima mencionadas, não é possível saber o estado real de conservação do forro e nem ter certeza se é de Estuque. Porém, pelo som emitido ao bater levemente e pela espessura total do entrepiso, parece forro de estuque. Requer uma averiguação mais detalhada para diagnóstico com a retirada de peças do assoalho do pavimento principal. As instalações elétricas também apresentam riscos por estarem enjambradas com fios soltos.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-03

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

04



Fig.1: Sala da CPH localizada no porão, que já teve uso de consultório psiquiátrico do Dr. Jacintho Godoy. O local sofreu alterações ao longo dos anos.



Fig.2: Os tacos de madeira foram adicionados na década de 1970. As janelas possuíam tampos internos venezianados que foram retirados no momento do restauro da fachada, no ano 2000.

Estado de preservação: Bastante alterado

Estado de conservação: regular a ruim

Análise preliminar: O ambiente sofreu, junto com o ambiente A-06, constantes alagamentos por conta do escoamento das águas pluviais no pátio central. Não havendo vazão para tanta água, o porão que é mais baixo recebia toda a água da rua. Com isso, houve grande concentração de água no piso, levando ao apodrecimento de muitos tacos de madeira. O problema dos alagamentos foi sanado com a colocação de soleiras de pedra nas portas. Porém, em dias úmidos, os tacos ainda parecem molhados por reter alto teor de umidade, gerando um ambiente insalubre. Para amenizar o mau odor do ambiente, optou-se por pintar as paredes. Isso foi uma medida paliativa para os usuários do local, mas prejudica muito a materialidade do edifício que continua sofrendo com os mesmos agentes.

Novamente, o uso de materiais e técnicas inadequadas, sanando um problema e camuflando outro. A água é o maior agente.

O uso do Ar-condicionado também provoca maior dilatação e retração dos materiais pela ação da água e do ar quente ou frio. Porém, não é possível abrir as janelas. O ambiente é muito fechado. As paredes também apresentam manchas de água e bolhas, conforme figura 2.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-04

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

05



Fig. 1: Vista da porta envidraçada de acesso ao pátio central e da porta do banheiro. Locais com nível mais alto em relação ao ambiente. Manchas de água no forro que, provavelmente, é de estuque.



Fig. 2: Vista do ambiente a partir do pátio central. A porta ao fundo é de um armário feito abaixo da escada do átrio. A janela evidencia a ideia de criar uma ventilação cruzada no ambiente que já funcionou como dormitório de empregados.

Estado de preservação: Bastante alterado

Estado de conservação: regular a ruim

Análise preliminar: Manchas de água no forro são aparentes, apesar da pintura recente. Ambiente muito próximo ao banheiro e o pátio central, que são locais que concentram a presença de água pelo seu uso ou por problemas de escoamento. Também há manchas de água e pontos de podridão nos tacos de madeira.

O local concentra alto teor de umidade. Não é adequado para acondicionar livros no atual estado em que se encontra. A pintura também buscou camuflar os danos das paredes e forro. O local já foi dormitório de empregados e câmara escura para revelação de fotos. Havia uma parede divisória nesse cômodo que se perdeu na década de 1920. Como os demais, os tacos de madeira também são da década de 1970.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	06
Designação: Ambiente A-06	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP	



Fig.1: Esquadrias que se abrem ao pátio central. Ambiente mal distribuído e desconfortável pela temperatura local semelhante a rua e o mau odor de mofo.



Fig.2: Ligação com o ambiente A-03. Central de processamento de dados instalada junto à parede da divisa.

Estado de preservação: Bastante alterado

Estado de conservação: regular

Análise preliminar: Conforme mencionado na ficha 4, o local sofreu alagamentos por água da chuva que desce pelos tubos de queda, mas não tem escoamento superficial suficiente no pátio central. O imóvel ficou fechado por alguns anos e, portanto, muitos alagamentos aconteceram até que se tomasse ações para sanar o problema. Como consequência, os tacos de madeira apodreceram em sua maioria, estando alguns praticamente ociosos e com perda de seção. Também foi feita uma nova pintura nas paredes e forro como medida para afastar o mau odor e foi colocado ar-condicionado para manter o ambiente numa temperatura mais agradável.

As medidas paliativas têm atuado para maquiagem o agente causador em todos os casos: a água. As manchas de água e podridão permanecem. Os tacos ainda respondem ao teor de umidade em dias de chuva, retendo água. O ambiente permanece insalubre e escuro. Os cabeados elétricos continuam enjambrados. Faltam tomadas e muitos equipamentos são ligados em régua e benjamins, trazendo riscos no local.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-07

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

07



Fig. 1: Banheiro para uso dos funcionários da limpeza.



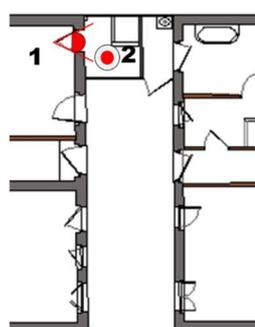
Fig. 2: Instalações elétricas e hidráulicas improvisadas, trazendo riscos ao edifício.

Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: regular à ruim.

Análise preliminar: O banheiro foi construído na década de 1970, aproveitando uma área coberta da sala de banho do pavimento principal, construído em 1928 pela Família Tschiedel. O local foi fechado por uma porta em ferro e vidro. Porém, as intempéries atuam com mais força do que nos ambientes mais fechados. A estrutura acompanha a da casa: parede de alvenaria autoportante (parede do fundo na figura 1), com entepiso e cobertura em laje em viga de ferro, tijolos maciços e, provavelmente, tela deployer. Coroamento em platibanda.

Não se sabe ao certo se esse banheiro sofria alagamentos no passado. Pois seu nível está muito próximo do pátio. Mas se observa a perda de peças de azulejos em todos os cantos, manchas de água nas paredes e teto que foi camuflado levemente com tinta não compatível com a original. Manchas de água também aparecem no ladrilho hidráulico. Inclusive, misturadas à ferrugem do encanamento de cobre original da edificação. As instalações elétricas oferecem grande risco ao prédio, conforme figura 2. Os fios expostos e remendados com fitas isolantes que facilitam para incêndios.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	08
Designação: Ambiente A-08	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP	



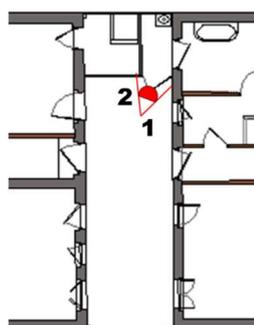
Fig.3: Boiler para aquecimento da água da residência. Não se tem a data de sua instalação.
Fig.4: Piso em ladrilho hidráulico

Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: Depósito utilizado para armazenar as instalações de aquecimento da casa. O local tem alto teor de umidade. É escuro, parcialmente fechado e fica entre dois banheiros e a parede da divisa. A parede da divisa do terreno foi aproveitada para fechamento desse bloco construído junto ao pátio central em 1928. Se supõe que a laje de cobertura desse volume tem suas vigas de ferro engastadas nas paredes de alvenaria externas dos blocos 1 e 2. A parede entre o banheiro de serviço e o depósito funciona como parede estrutural para sustentar a sala de banho do pavimento principal que fica sobre esse depósito, também. O depósito tem perda de argamassa de revestimento, perda de camadas de tinta, biofilme e outros danos provocado pelo agente, água. O boiler está bastante enferrujado e isso ajuda a danificar ainda mais as paredes.

Esse aquecedor está desativado. Porém, o ambiente que nunca é aberto tem bastante contato com o pátio central que recebe águas pluviais de todos os lados. O que agrava ainda mais a presença de água no ambiente. Unindo ainda à tubulação dos banheiros, parede divisória sem reforço, calhas e dutos dos vizinhos e falta de boa ventilação.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-09

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

09



Fig. 1: Vista oeste do pátio central. O passadizo que interliga os dois blocos é suspenso sobre o pátio.



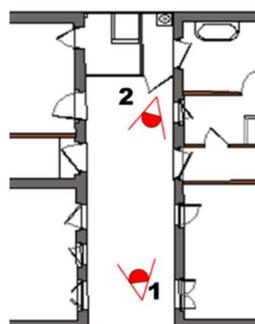
Fig. 2: Vista leste do pátio. Nota-se a presença de um condensador de ar-condicionado e, junto a ele, uma floreira tomada de plantas junto à Parede

Estado de preservação: Parcialmente Íntegro

Estado de conservação: Regular

Análise preliminar: O pátio central tem a função de levar luz aos ambientes intermediários. Pode-se dizer num primeiro momento que isto foi planejado pela pouca largura da testada do terreno, afim de melhor aproveitamento da área. Porém, a posição solar não propicia incidência solar o ano todo. Junto a isso, está a deficiência no escoamento das águas pluviais. O escoadouro do pátio não é suficiente para toda a água que vem dos tubos de queda e a inclinação do piso não é suficiente para levar toda essa água ao escoadouro, ficando parada no meio do pátio até atingir um nível que seja levado até lá. Essa é a maior causa para os alagamentos que ocorreram nas salas do porão do primeiro bloco. Como são mais baixas e, até então, não havia soleiras mais altas a água entrava nas salas. As mangueiras dos aparelhos de ar condicionado também escoam diretamente no piso do pátio. Algumas delas ficam próximas às paredes. Assim, o ambiente é propenso ao desenvolvimento de microrganismos. Pois tem a água como principal agente. Desprendimento de reboco, alteração cromática, apodrecimento dos elementos de madeira, ferrugem nos elementos em ferro e outros danos são claramente visíveis neste espaço.

Não se sabe em que época o piso foi assentado no pátio, mas é evidente que um dos grandes fatores que contribuem para esse acúmulo de água é a má execução de sua colocação. A falta de planejamento e as intervenções inadequadas.



PÁTIO INTERNO



PLANTA BAIXA PORÃO S/ESCALA



Vistas frontal e laterais



Vista para cima



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-10

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

10



Fig.1: Sala de banho com paredes divisórias em tabique de fasquio e revestida com azulejos.

Estado de preservação: Íntegro



Fig.2: Louças e metais originais. Forro em madeira.

Estado de conservação: Regular a ruim

Análise preliminar: A sala de banho foi construída no mesmo período da casa. Em 1926, com as reformas feitas pela Família Tschedel, o local recebeu melhorias. Segundo depoimentos colhidos pela Secretaria da Cultura, o local era escuro e se supõe que não havia azulejos ainda. As louças são originais e esta era a única sala de banho da casa até então. O teor de umidade é bastante alto neste ambiente pela proximidade com a parede da divisa que possui tubulação. Pelo uso atribuído ao espaço e pela pouca ventilação e iluminação. O local não possui janelas. A porta visualizada nas imagens se comunica com o depósito, que está fechado e, portanto, não recebe ventilação adequada. As esquadrias internas dão sinais de apodrecimento na base, nos marcos e espelhos das portas. Assim como o forro em madeira. Os azulejos começam a perder o vidrado nas bordas, com manchas e alteração cromática em algumas peças. Alguns frisos decorativos se soltaram da parede. O piso apresenta manchas de água muito evidentes. Um recente vazamento da tubulação deixou manchas alaranjadas. Presença de óxido de ferro pela corrosão de parte dos tubos e conexões em cobre. A instalação foi desligada para evitar novos vazamentos. O ambiente não é mais utilizado para banhos, mas a torneira ainda era.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-11

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

11



Fig. 1: Banheiro social que se comunica com a sala de banho através de uma porta interna.



Fig. 2: Paredes divisórias em tabique revestidas com azulejos. Piso em ladrilho com paginação diagonal. Forro em madeira com tábuas de 28 cm de largura e junta seca.

Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: regular a ruim

Análise preliminar: O banheiro social se integra com a sala de banho e foi feito no mesmo período. Antes da ampliação, era o único banheiro para atender a casa toda. Atualmente, é o banheiro de uso dos funcionários da Secretaria da Cultura. Se mantém limpo e ventilado. Porém, como nos demais ambientes, sofre com o alto teor de umidade e pouca iluminação. O uso atribuído ao ambiente contribui para isso. Como ainda é utilizado, a movimentação das águas nas tubulações da pia e vaso sanitário contribuem para sua conservação. A ducha está desativada, mas nota-se na parede que as manchas de ferrugem e água se espalham. Muitos azulejos estão se soltando e perdendo sua textura homogênea do vidro. O piso apresenta manchas de água, mas ainda se conserva em bom estado. A janela voltada para o pátio interno contribui muito para a ventilação do ambiente. A iluminação ainda é baixa, mas já recebe luz da rua. As paredes de tabique estão parcialmente expostas a presença de água, porque os azulejos já não têm mais rejuntas inteiros há muito tempo.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-12

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

12



Fig. 1: Acesso do pátio para a circulação.



Fig. 2: Circulação em "L", atendendo o setor de serviços.

Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: Acesso principal aos ambientes de serviço da residência. O local possui boa circulação de ar, pois a ventilação se cruza com a porta dos fundos da cozinha, que dá para o jardim. Muitas vezes, há circulação de ventos fortes, sendo necessário fechar uma das portas. Isso ocasionou



a quebra de parte da vidraça da porta que aparece na figura 1. Devido a um temporal com ventos, a porta bateu com força, quebrando peças do caixilho. O piso em ladrilho apresenta manchas de água e leves desníveis, variando de 1 a 2 cm. Porém, um desnível maior em relação a cozinha: 4 cm. O que pressupõe ser próprio da argamassa de assentamento. Conforme relatado anteriormente, as paredes divisórias são em tabique. A parede de esquina é a que permeia o banheiro e sala de banho. Nota-se a podridão dos espelhos e esteio de madeira que provocou perda de seção e exposição da estrutura da parede em tabique. Na figura ao lado, é possível ver o ripado de madeira se desprendendo da estrutura de tábuas verticais. O reboco e ripado estão se desprendendo do suporte. O forro está bastante comprometido pela ação de insetos xilófagos, tendo lacunas em muitos pontos.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-13

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

13



Fig. 1: Sala utilizada para reuniões com público externo e interno.



Fig. 2: Acesso direto à cozinha e circulação.

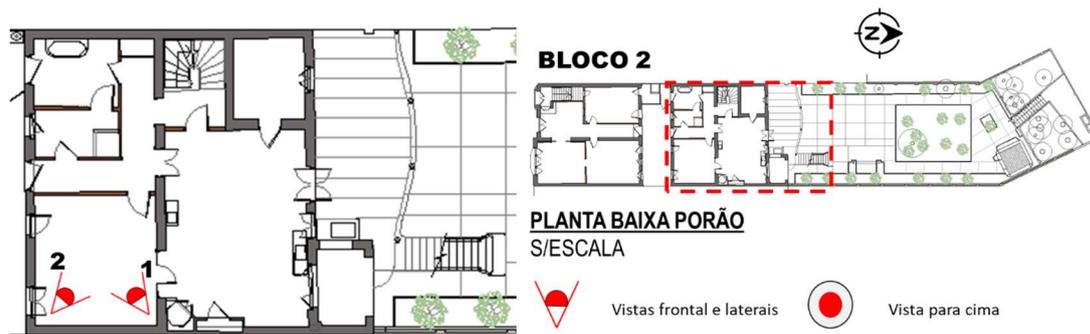
Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: A antiga copa também teve outros usos no passado. Era um depósito escuro com um sanitário que foi transformado em copa para apoio à cozinha na década de 1920.

O ambiente é ventilado. O forro em madeira está bastante comprometido pela ação dos insetos xilófagos e água. A parede da divisa sofreu deslocamentos do revestimento que se desprende com textura pulverulenta e tem manchas de água bem evidentes. Apesar da pintura nova que tenta maquiagem os danos. O odor de mofo é forte no ambiente. As instalações elétricas são inadequadas, apresentando riscos. Algo que acontece por todo o prédio.

Os azulejos que ficavam junto a um lavatório que foi retirado, estão com manchas de água também alaranjadas que podem ser pelo óxido de ferro da tubulação em cobre.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-15

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

14



Fig. 1: Portas acessando despensa, escada e jardim.



Fig. 2: Pia com balcão embutido.

Estado de preservação: íntegra

Estado de conservação: Regular a ruim

Análise preliminar: A cozinha sempre teve este uso. A ação da água no prédio durante muito tempo, combinada com os problemas atuais de escoamento das águas pluviais e a densa vegetação do jardim contribuem para a continuidade do alto teor de umidade no ambiente. Havia um fogão à lenha, mas não se sabe quando foi removido. Pelo posicionamento da chaminé e marca na parede norte, se percebe que ficava no canto esquerdo da cozinha, junto à janela em arco que dá para o antigo depósito de lenha. Provavelmente, se tratava de um fogão em ferro, pois não há marcas no piso e na parede. Houve desprendimento, trincas e perda parcial do vidro de algumas peças de azulejo. As esquadrias de madeira apresentam pontos de podridão. A janela em arco não abre (tampas soltos). O forro em madeira, está tomado pelos insetos xilófagos e bastante apodrecido. Algumas tábuas foram substituídas, mas já apresentam danos menores. O piso em ladrilho hidráulico apresenta manchas de água e alteração de cor (desbotamento). As pias ainda são utilizadas, mas o desgaste das louças é visível.



BLOCO 2



**PLANTA BAIXA PORÃO
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	15
Designação: Ambiente A-16	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP	



Fig.1: Parede cuja argamassa de revestimento está com teor de umidade muito acima do permitido. Reboco contaminado.



Fig.2: O local virou depósito de móveis e objetos.

Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: A despensa concentra um alto teor de umidade. Fica junto à divisa oeste do terreno, junto à parede do vizinho. Na parede ao fundo que aparece nas imagens, se nota manchas de água, a perda de revestimento, e concentração de microflora, biofilme. Próximo ao chão, há um cano de cobre aparente que pertence à tubulação hidráulica. Em dias de chuva, se pode ver a água vertendo nesses pontos e criando acúmulo de água no piso, que está com manchas esbranquiçadas pela ação da água. Junto à porta de acesso ao ambiente, o piso estufou e o desnível chega a 6 cm, conforme imagem abaixo. Possivelmente por erro de execução do assentamento. Na outra imagem, se pode ver a alvenaria aparente sob o marco da porta que perdeu seção da madeira pela ação de insetos xilófagos. Na figura 2, mostra o uso atual como depósito. Diversos móveis velhos e objetos quebrados acumulados nesse ambiente que está insalubre. O mau odor de mofo é extremo. Impossível de abrigar pessoas e objetos.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-17

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

16



Fig. 1: Acesso através da cozinha.



Fig. 2: Tanque de lavar roupas.

Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: O local é aberto e pelas condições, poderia se dizer que seu estado é regular. Tendo em vista a exposição às intempéries e densa vegetação. A cobertura é o entepiso da varanda em laje de cerâmica. A viga de ferro é visível na borda inferior da laje. O teto é coberto com argamassa de revestimento e apresenta manchas de água e desagregação do reboco em alguns pontos. O piso em cimento, possui sulcos que demarcam a malha de estrutura da varanda, que se alinham com os pilares de seção circular, metálicos e com base cônica de concreto. Algumas dessas bases apresentam fissuras de revestimento. Há tubulações hidráulicas aparentes na parede externa da despensa. Uma segue até o tanque e outra vai para o subsolo. Possivelmente, esgoto cloacal que vem dos sanitários. As manchas de água e formação de microrganismos são bem visíveis. Principalmente na parede da divisa.



BLOCO 2



PLANTA BAIXA PORÃO
S/ESCALA



Vistas frontal e laterais



Vista para cima



CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	<h1>17</h1>
Designação: Ambiente A-18	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP	



Fig. 1: Depósito com utensílios de limpeza jogados e peças de aço desmontadas.

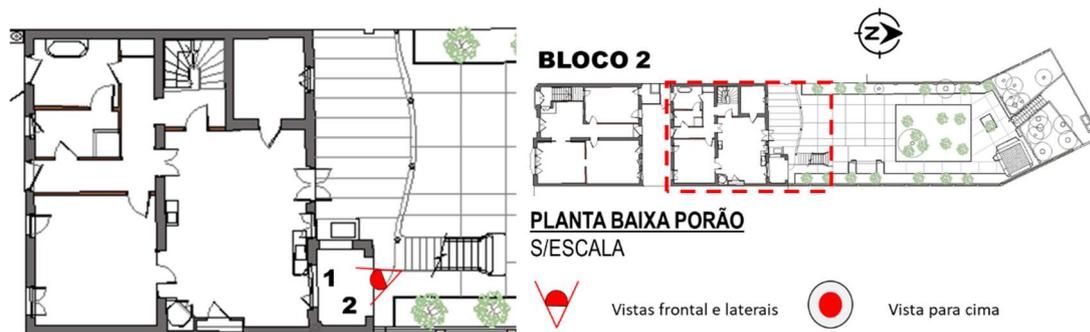


Fig. 2: Armazenamento inadequado.

Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: Esta área de depósito aberta fica junto à lavanderia e cozinha. Era um depósito de lenha. As paredes são autoportantes de alvenaria de tijolos maciços, pois são paredes externas da edificação. O entepiso todo em madeira com forro de igual modelo dos demais ambientes do porão deste bloco. Percebe-se, pela presença constante da água, que as paredes perdem a cada dia as camadas de tinta e desagrega a argamassa de revestimento, juntamente com manchas de água e microrganismos. O forro está totalmente apodrecido pela ação de insetos xilófagos e à ação direta da água. Assim, o piso em cimento também apresenta manchas de água e pequenos danos. No canto da mesma parede há o duto da chaminé que é em alvenaria. Na segunda imagem abaixo, se pode ver um nicho com material carbonizado que deve fazer parte do sistema de aquecimento da casa, que era à lenha.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	18
Designação: Ambiente A-14	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP	



Fig. 1: Acesso da escada de serviço a partir do porão.



Fig. 2: lanços entre o pavimento principal e sótão.

Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: A escada de serviço é toda em madeira, serve desde o porão até o sótão por uma caixa fechada que pode ser isolada na área íntima da casa. Servia principalmente para acesso dos empregados. Também era o caminho mais curto para acessar os sanitários.

O estado da escada é bastante ruim. Durante muito tempo, ela também recebeu toda água descendente do telhado. Os degraus estão apodrecidos em boa parte pela ação dos insetos xilófagos, facilitada pela baixa luminosidade, alto teor de umidade e presença de água nas paredes. Como mencionado anteriormente, essa parede é hidráulica e abaixo do piso passa o encanamento de esgoto cloacal. Assim como a sala da despensa, esse ambiente também é muito úmido e com odor forte de mofo. Foi pintado recentemente com tinta acrílica, mas não foi o suficiente para maquiar as manchas de água.



BLOCO 2



**PLANTA BAIXA PORÃO
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-19

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

19



Fig. 1: Vista do pequeno tablado que simula uma varanda, destacando o arco em madeira e o vitral colorido da esquadria.



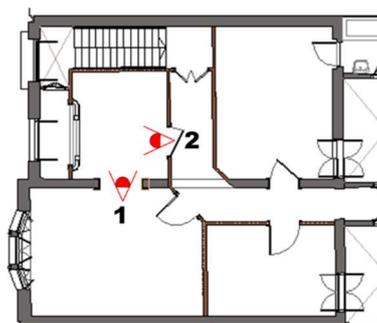
Fig. 2: A profusão de detalhes que acontecem de diferentes formas em todo o ambiente.

Estado de preservação: íntegro

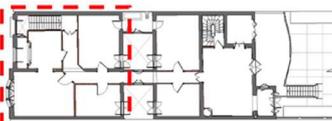
Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: A sala de estar tem esse uso até então. Um ambiente enobrecido para receber as visitas e promover reuniões. O requinte acontece nos mínimos detalhes.

Todos os elementos de madeira estão comprometidos pela ação de insetos xilófagos. A pintura tem fortes manchas de água. O topo da parede tem fissuras no revestimento e no espaço do tablado, a pintura inadequada e posterior está se desprendendo após craquelamento da tinta. As paredes são em tabique, exceto a parede entre a sala e o gabinete que é a parede mestra do bloco 1. tudo isso se deve à ação da água descendente do telhado durante muitos anos.



BLOCO 1



**PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	20
Designação: Ambiente A-20	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP	



Fig. 1: Móveis originais do gabinete do Dr Jacintho Godoy.

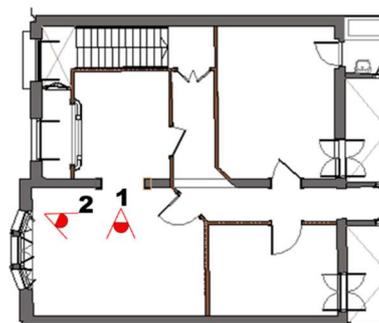


Fig. 2: Mesa onde o médico recebia colegas e alguns pacientes.

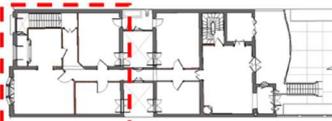
Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: O ambiente também sofreu com a ação de infiltração de água descendente do telhado. As pinturas murais e elementos de madeira ficaram comprometidos. Piso comprometido pela ação de insetos xilófagos já apresenta vários pontos de podridão e remendos de locais onde se perdeu a seção da madeira. O forro com ornatos em papel machê também apresenta muitos danos. Os ornatos estão se soltando e as madeiras estão perdendo camada superficial por conta do ressecamento das fibras. As esquadrias também apresentam problemas semelhantes. A janela da frente está com algumas palhetas das persianas comprometidas por água e insetos. Os tampos envidraçados estão em estado regular a bom. As paredes estão com manchas de água e proliferação de microrganismos. Este ambiente, assim como a sala de estar, vibra com a passagem de veículos pesados na Avenida Independência. O teor de umidade é alto e não há possibilidade de abrir as janelas por conta do barulho e poluição. Assim, o ambiente é bastante escuro.



BLOCO 1



**PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambientes A-21, A-25 e A-27

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

21



Fig. 1: Acesso principal pelo átrio.

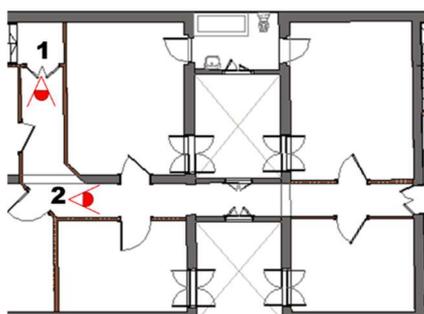


Fig. 2: Circulação que liga o átrio a todos os cômodos do andar até alcançar a sala de jantar.

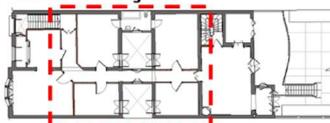
Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: A circulação funciona como uma grande via que se integra a todos os ambientes sociais e íntimos do pavimento principal. Suas paredes são em tabique de fasquio que, no passado, receberam pinturas murais. Porém, foram pintadas de branco, anos mais tarde. As paredes em tabique estão com fissuras de revestimento em toda sua extensão. Em alguns pontos, o revestimento já se soltou, ficando à mostra a estrutura e suporte da parede. O piso em madeira está quase todo comprometido pela ação dos insetos xilófagos e da água que vinha do telhado. Assim, o forro também está comprometido, inclusive, com perdas de seção. A parede da sala de jantar, no fim do corredor, tem uma fissura a partir da verga da porta. Essa fissura também aparece na outra face da parede. A fissura pode ser de revestimento devido a trabalhabilidade dos entrepisos em decorrência das infiltrações de água.



CIRCULAÇÃO



PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL S/ESCALA



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-22

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

22



Fig.1: Sala da equipe da Coordenação da Memória cultural. Parede revelando a cor original.

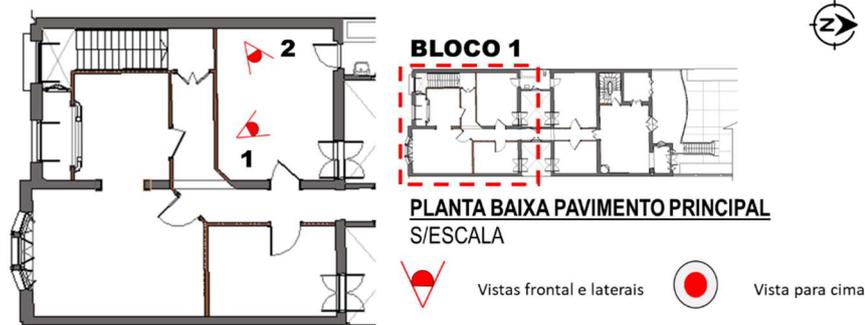


Fig.2: Janela que dá para o pátio interno.

Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: O ambiente era um antigo dormitório, que posteriormente se transformou em sala de estar e agora, sala da equipe da Coordenação da Memória Cultural da Secretaria Municipal da Cultura. Assim como os demais, forro e pisos de madeira comprometidos pela ação de insetos xilófagos e infiltração de água descendente no passado. A parede de fundo mostrada na figura 1 é da divisa. Assim, se nota a perda das abas dos forros por podridão. As paredes receberam pinturas na cor branca sobre as pinturas originais a base de cal. A tinta branca está craquelando e rompendo por ser inadequada e combinada com o teor de umidade do ambiente, que também fica junto à sala de banho construída em 1928 e com vista para pátio central. As instalações elétricas inadequadas também apresentam riscos. O Ar condicionado split instalado de forma inadequada. O ambiente pega pouco sol. Há um quadro de distribuição junto à parede entre a porta e a janela, atrás dos armários.





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-23

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

23



Fig.1: Sala da coordenação da Memória Cultural em frente à circulação social.

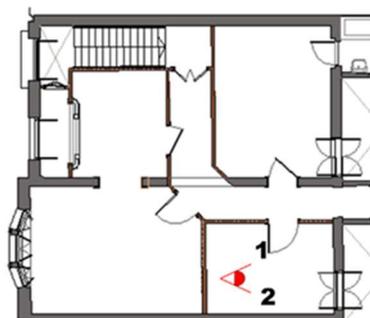


Fig.2: Vista para o pátio interno.

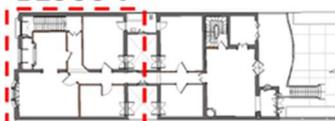
Estado de preservação: íntegra

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: A atual sala da Coordenação da Memória Cultural teve uso anterior como dormitório. As paredes internas são em tabique de fasquio e externas em alvenaria de tijolos maciços autoportantes. Forro e piso em madeira comprometido pela ação de insetos xilófagos. Pontos de podridão em ambos são evidentes. O ambiente recebe sol entre as 11 e 15 horas. Apesar do pátio interno, a luz do sol não é presente o dia todo. Principalmente no inverno. Recentemente, foi instalado um ar condicionado, cujo condensador está suspenso por mísulas metálicas no lado externo. A sala tem teor de umidade alto e como é um local com dificuldades de conservar calor no inverno, aquecedores menores não eram suficientes. Necessitando de ar condicionado. Ressecamento dos elementos em madeira, craquelamento da pintura, entre outros danos ativos e inativos.



BLOCO 1



**PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-24

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

24



Fig.1: Porta de acesso da sala de banho ao antigo dormitório do casal (atual sala sem uso).

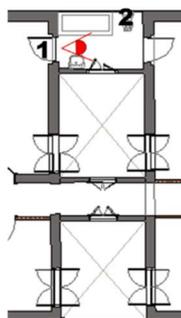


Fig.2: Porta de acesso a atual sala da equipe CMC.

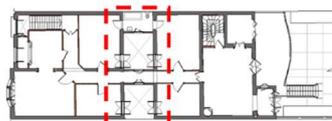
Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: regular

Análise preliminar: A sala de banho foi construída em 1928 junto ao pátio central e na parede da divisa do terreno. A cobertura se dá por laje mista de alvenaria e ferro e um forro em madeira. A parede junto ao pátio é em alvenaria de tijolos maciços e as lajes se apoiam nas paredes externas dos dois blocos. O ambiente apresenta manchas de água e também sofre pelas deficiências de escoamento das águas pluviais. A parede voltada para o pátio já sofreu várias fissuras do tipo rachadura que foram fechadas na ocasião do restauro das coberturas. Porém, outras estão aparecendo. Trincas, perda parcial do vidro, estufamento e desbotamento nos azulejos da parede da divisa. Tudo se deve à presença de água. A laje de cobertura recebe água de contribuição de metade dos panos de telhado dos dois blocos. Além disso, a água custa a escoar e chegar nos tubos de queda.



PÁTIO INTERNO



PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL S/ESCALA



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-26

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

25



Fig.1: Ainda no ano de 2018, a sala estava com poucos móveis.

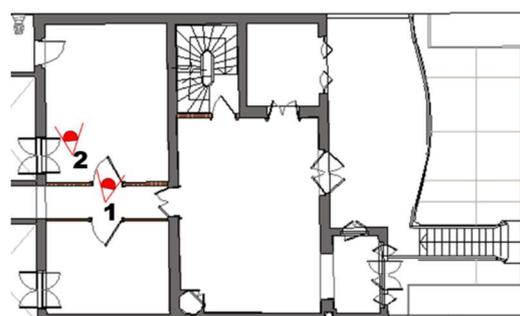


Fig.2: Perda de seção do forro de madeira.

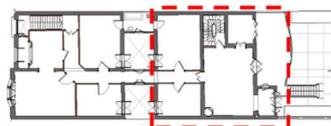
Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: O antigo dormitório serve de depósito para materiais de escritório de outras secretarias. O local não poderia ter esse uso, pois tanto o piso de madeira quanto o forro estão comprometidos pela ação da água e de insetos xilófagos. O assoalho está com muitos pontos de podridão e o forro perdeu seção de algumas peças por conta da infiltração direta de água que vaza da calha por entre a parede e o rodaforro. A janela também está bastante comprometida. Os tampos venezianados perderam algumas palhetas e outras estão se perdendo pela podridão. A ausência de pingadeiras eficazes para proteger as esquadrias é um dos fatores. A água é o principal agente. O ambiente está bastante perigoso e não pode receber pessoas. As paredes estão com grandes manchas de água, desagregação de pintura e alto teor de umidade. Este cômodo não recebe sol.



BLOCO 2



**PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	26
Designação: Ambiente A-28	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP	



Fig. 1: Sala provisória EPAHC.

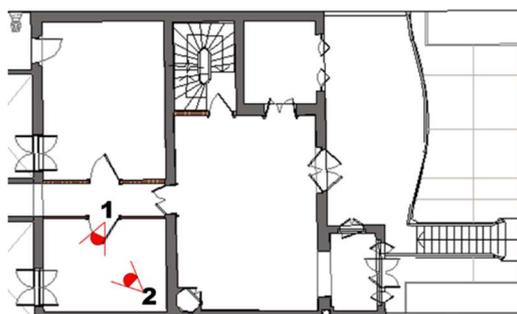


Fig. 2: A janela voltada para o pátio não recebe sol direto por ser sul.

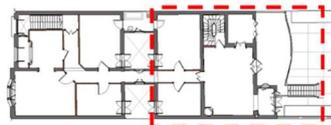
Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: Assim como a sala 3, a sala 4 está com assoalhos e forros comprometidos pela ação da água e insetos xilófagos. Todas as paredes apresentam manchas de água e marcas de escorrimento pelo período em que a casa apresentou goteiras. Ao pisar no assoalho, a sensação é de que as tábuas estão soltas. Apenas jogadas sobre os barrotes. As juntas estão mais abertas. As tábuas se desencaixaram entre si. As instalações elétricas e de processamento de dados estão improvisadas por todo o prédio. Este ambiente, apesar de se voltar para o pátio central, nunca recebe sol. A luminosidade é maior à tarde quando o sol incide sobre a parede oposta.



BLOCO 2



**PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-29

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

27



Fig.1: Antiga sala de jantar com forro muito comprometido pela ação direta da água durante muito tempo.

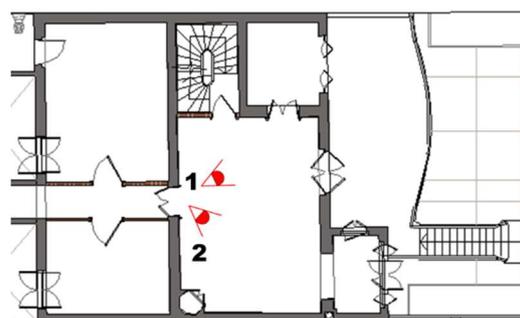


Fig.2: Consolidação do arco entre a sala e a saleta de fumar feito no ano 2000.

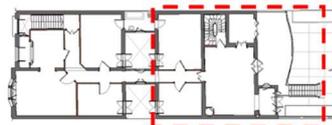
Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: A sala de jantar sofreu diretamente a ação da água descendente do telhado. As pinturas murais se danificaram em muitos pontos. O revestimento de parede sofreu fissuras. Principalmente na parede de tabique junto à porta da escada. Perdendo porção do revestimento. O forro está bastante apodrecido. O assoalho também apresenta a sensação de estar solto dos barrotes, bem como uma textura mole em alguns pontos. Inclusive, alguns leves desníveis se apresentam. A sala está repleta de caixas e malas. O peso não parece ser apropriado, apresentando certo risco. As instalações elétricas estão improvisadas e está se evitando ligar as luzes. Os lambris apresentam pontos de podridão. O forro decorado com ornatos em papel machê, frisos, abas, cimalthas e cabeiras de madeira também está com alteração cromática além da podridão.



BLOCO 2



**PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-30

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

28



Fig. 1: parede da divisa, evidenciando as diversas camadas pictóricas.

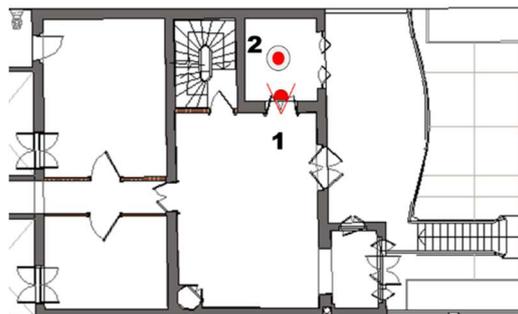


Fig. 2: Laje de cobertura, sofrendo pela ação de água e microrganismos.

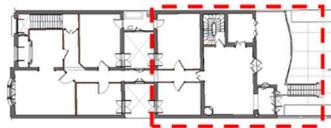
Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: A presença de água compromete o estado do ambiente. Desagregação das diversas camadas de tinta, craquelamento da tinta branca, desprendimento do revestimento da laje de alvenaria e ferro, cujas vigas estão em processo de corrosão. A laje de cobertura recebe um terraço. O escoamento de água desse terraço também é deficitário, apesar de possuir manta impermeabilizante. Presença forte de microrganismos e manchas de água no ambiente. Inclusive no ladrilho hidráulico. Pontos de ferrugem na esquadria de ferro. Ambiente que nunca recebe sol direto pela interferência da varanda. A porta de ferro nunca mais foi aberta. Está emperrada. A parede do fundo nas imagens é da divisa e recebe água tanto ascendente quanto descendente.



BLOCO 2



**PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS	<h1>29</h1>
Designação: Ambiente A-31	
Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves	
Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP	



Fig.1: Piso em mármore apuano.

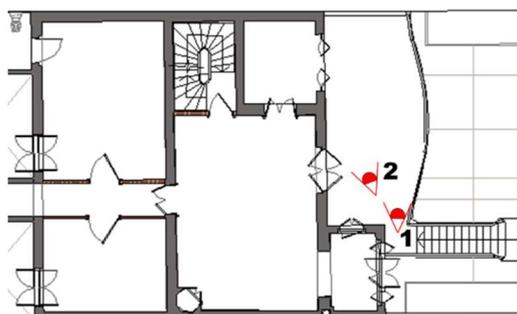


Fig.2: Cobertura em vidro e estrutura em aço.

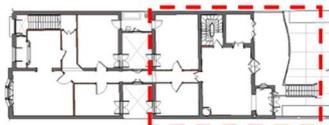
Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: regular a ruim

Análise preliminar: A varanda teve sua cobertura restaurada entre os anos de 1999 e 2000. Porém, praticamente todos os vidros apresentam fissuras e quebras apesar de serem aramados. As paredes apresentam desagregação das pinturas, presença de microrganismos como biofilme e microflora e macroflora na parede da divisa. A calha está quebrada e o tubo de queda que deveria escoar a água que vem do terraço e da cobertura está solto e com peças faltantes. Impossível de cumprir sua função. Sendo assim, a parede apresenta grossa camada de biofilme. Os guarda-corpos estão em bom estado nos elementos metálicos. Os elementos em madeira estão apodrecidos pela ação direta da água. Há vegetação arbustiva muito próxima e trepadeiras costumam crescer junto ao gradil. A escadaria de acesso ao jardim está com o mármore muito desgastado e com alteração de cor por conta das intempéries e falta de manutenção e limpeza adequados.



BLOCO 2



PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL S/ESCALA



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-32

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

30

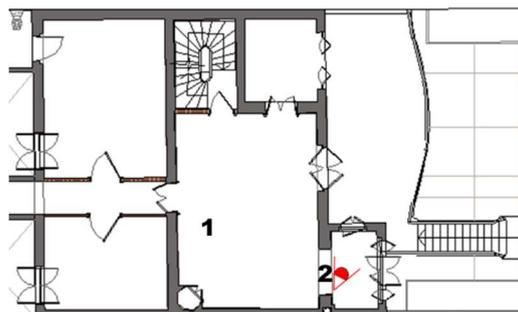


Fig. 1: Antiga sala de fumar com janelas voltadas para o jardim. Fig.2: Arco entre a sala de jantar e a sala de fumar.

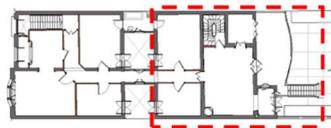
Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: A antiga sala de fumar, assim como a sala de jantar, apresenta danos relacionados à ação da água que, por sua vez, contribui para outros agentes como insetos e microrganismos. O assoalho de madeira apresenta remendos sobre lacunas resultantes do apodrecimento. O forro está praticamente todo empenado e com peças de arremate se desprendendo. Acima do forro, há madeiras compensadas para proteção. Porém, nada foi feito quanto ao próprio forro. O vão em arco foi consolidado no ano 2000, mas como visto anteriormente, há uma fissura sobre a verga da janela da cozinha que é na mesma parede estrutural de alvenaria. A parede da janela da sala, vista na figura 2, apresenta fissuras. A pintura mural está comprometida por manchas de água. Esse cômodo receberia luz solar e vento se fosse aberto. Porém, raramente está.



BLOCO 2



**PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-33

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

31



Fig.1: Porta de acesso com todas as peças comprometidas e em desaparecimento.

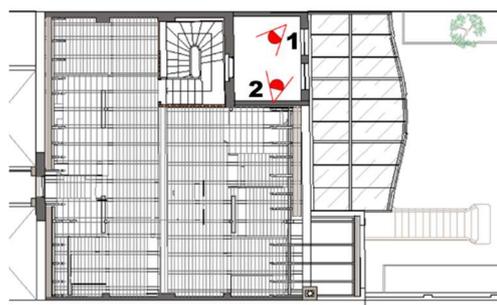


Fig.2: Gradil do guarda-corpo em processo de oxidação.

Estado de preservação: íntegro

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: O terraço sofre ação de intempéries e águas pluviais. A manta impermeabilizante não é suficiente para sanar a concentração de água. O escoamento é lento e por dutos embutidos na platibanda do guarda-corpo, que descarrega na cobertura da varanda e desce direto. Pois o tubo de queda está quebrado. As paredes perderam parte da argamassa de revestimento e a água contribui para o desenvolvimento de microrganismos e macroflora. Os tijolos expostos às intempéries acabam sofrendo esfoliação e vão perdendo sua camada de suporte. A crosta negra também se acumula junto ao biofilme, pois o local recebe o ar de gases poluentes das vias próximas. Ainda há a deposição de sementes por pássaros que contribui para macrofloras e microfloras. A porta de acesso pouco cumpre sua função por estar desaparecida e em péssimo estado. Na mureta da divisa, houve um aumento com tijolos furados sobre os antigos.



BLOCO 2



**PLANTA BAIXA SÓTÃO
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-34

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

32



Fig.1: Paredes de tabique sem o revestimento.

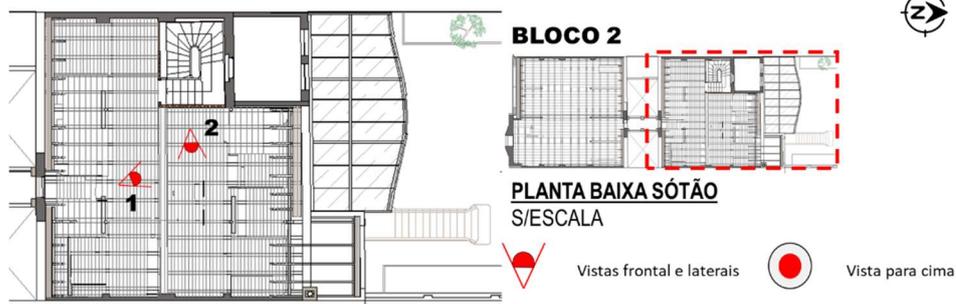


Fig.2: Estrutura de tesouras de linha alta com subcobertura de chapas galvanizadas à zinco.

Estado de preservação: Parcialmente alterado

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: O sótão do bloco 2 é acessado diretamente pela escada de serviço, se interligando com o sótão do bloco 1 por um passadiço em alvenaria de tijolos maciços. Embora o restauro tenha ocorrido, o entressôdo não foi mexido, e este, está seriamente comprometido. Todo o tabuado de madeira está apodrecido e sem condições de trânsito de pessoas. O local está interditado. Só é possível pisar sobre os barrotes que também apresentam comprometimento pela ação de insetos xilófagos. Não há luz elétrica no local e as janelas raramente são abertas, pois quando chove, a água bate no telhado e respinga para dentro do ambiente. É bastante escuro, quente e com alto teor de umidade. O sótão não cria um colchão de ar para refrescar os pavimentos no verão e nem esquentar no inverno. A porta de acesso ao passadiço está bastante danificada por ação da água e insetos xilófagos e sem os vidros.





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente Passadiço

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

33

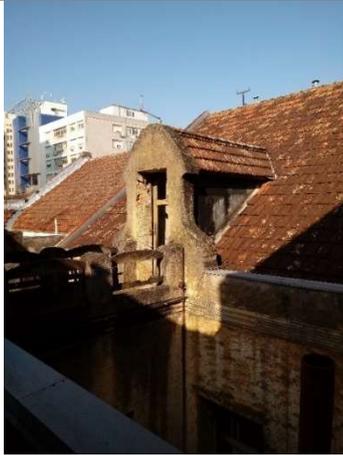


Fig.1: Conexão entre os dois sótãos.

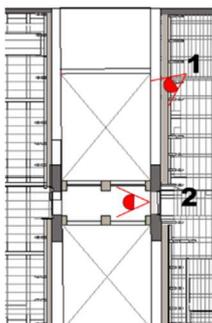


Fig.2: Passadiço sobre o pátio central que interliga os dois blocos pelo pavimento principal e coberturas.

Estado de preservação: parcialmente alterado

Estado de conservação: regular

Análise preliminar: As coberturas foram restauradas, como já foi mencionado. As lajes de cobertura também foram restauradas e receberam mantas impermeabilizantes. Porém, as calhas e tubos de queda apresentam grandes falhas por não atender a demanda de água e por erro de execução. Os tubos de queda estão mal localizados. Não há vazão correta e as lajes demoram para escoar a água que sai por gárgulas nas platibandas. Os tubos de queda não são embutidos nas paredes. O que certamente é melhor. Mas não foram projetadas de forma adequada. As mansardas foram recuperadas com os telhados, mas as portas de acesso e elementos internos permaneceram em mau estado.



PASSADIÇO



PLANTA BAIXA SÓTÃO S/ESCALA



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente A-35

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

34



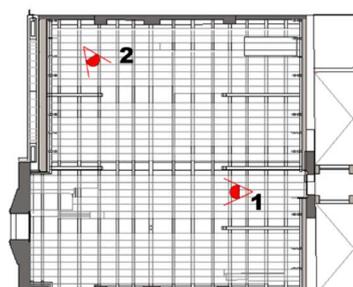
Fig.1: Grandes lacunas no assoalho de madeira



Fig.2: Manchas de água nas paredes.

Estado de preservação: parcialmente alterado **Estado de conservação:** ruim

Análise preliminar: O sótão do bloco 1 apresenta os mesmos danos que o sótão do bloco 2. Ambos foram restaurados, mantendo os mesmos entrespisos comprometidos por insetos xilófagos e ação contínua da água. Também apresenta lacunas no assoalho de madeira e risco para trânsito de pessoas. As paredes apresentam manchas de água, microorganismose desprendimento da argamassa de revestimento e expõem as alvenarias. A escada de acesso à claraboia para manutenção do telhado também está comprometida e oferece riscos para uso. Se pode ver as instalações elétricas feitas de forma inadequada. A esquadria do frontão está com a porta emperrada e as janelas não trancam com segurança. Há vidros quebrados pela ação do vento na janela que não fecha. A porta de acesso ao sótão praticamente não existe mais. Perdeu muitas peças de fechamento. Os barrotes são engastados nas paredes.



BLOCO 1
PLANTA BAIXA SÓTÃO
S/ESCALA



Vistas frontal e laterais



Vista para cima





CASA GODOY – PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Ambiente Jardim

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

35



Fig. 1: Araucária quase centenária.

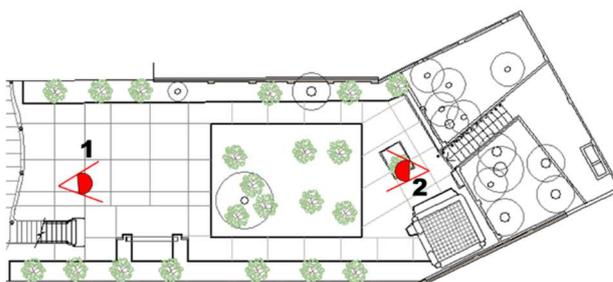


Fig. 2: Crescimento desordenado da vegetação.

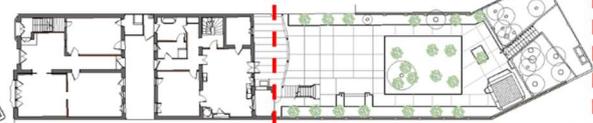
Estado de preservação: alterado

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: O jardim que hoje se apresenta somente tem o caramanchão como objeto original que está bastante danificado. Duas colunas que sustentaram o pergolado ripado em madeira estão comprometidas. Três delas permanecem no lugar, enquanto uma está rompida ao meio. As colunas apresentam fissuras de revestimento. São em cimento armado e uma delas está com as armaduras expostas conforme se vê no mapa de danos. O ladrilho hidráulico ainda resiste as intempéries e as folhas das árvores, mas as muretas estão perdendo as camadas de revestimento e estão tomadas de micro e macrofloras. O biofilme também se espalha. As poucas peças do ripado de madeira estão apodrecidas. A vegetação cresce de forma desordenada no jardim que pouco tem manutenção. Há uma árvore morta, mas há outra árvore de grande porte no terreno vizinho à direita da casa que pode estar comprometendo o muro e o piso com suas raízes. Na última imagem abaixo, é possível ver a grande fissura no muro onde a árvore está encostada. E assim, o piso do jardim também estufou e rompeu em alguns pontos próximos.



JARDIM



**PLANTA BAIXA PORÃO
S/ESCALA**



Vistas frontal e laterais



Vista para cima



CASA GODOY - PORTO ALEGRE/RS

Endereço: Avenida Independência, nº 456, Porto Alegre/RS

Designação: Fachada Norte

Preenchimento: Arquiteta Adriana Augusto Neves

Fonte: Imagens da autora - Câmera Fujifilm S29 14 MP

36



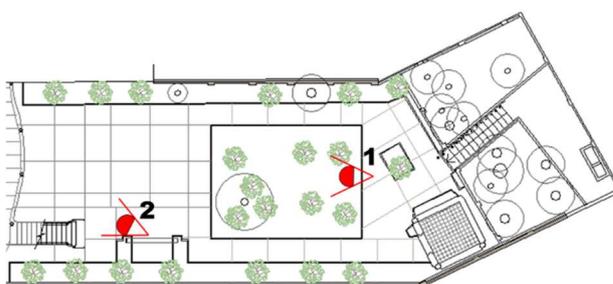
Fig.1: Vista a partir dos fundos do jardim. Grande pano de telhado de mansardas, coroando o edifício.

Fig.2: Detalhe dos vidros coloridos do beiral da varanda.

Estado de preservação: íntegra

Estado de conservação: ruim

Análise preliminar: A fachada norte passou por restauro da cobertura e elementos metálicos da varanda. Porém, foi executado conforme o original. A fachada recebe sol pleno entre as 11 horas e 16 horas. No inverno, esse período é mais curto. A vegetação muito próxima das paredes compromete a qualidade da argamassa de revestimento que se desprende e deixa os tijolos expostos à intempéries, que provocam erosão da camada de suporte. A ação das intempéries, juntamente com a vegetação que cresce junto às paredes e a deposição de sementes agravam os danos e deixam a fachada suscetível à ação de microrganismos e a crosta negra que vem dos gases poluentes do entorno urbano. Elementos em mármore com desgaste e mudança de cor visível pelas mesmas razões. Os elementos metálicos ainda estão em estado regular, mas sem manutenção. Exceto no terraço que está com gradil bastante enferrujado.



JARDIM



PLANTA BAIXA PORÃO
S/ESCALA



Vistas frontal e laterais



Vista para cima



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE
MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS (MP-CECRE)

ADRIANA AUGUSTO NEVES

RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA CASA GODOY
PORTO ALEGRE/RS

VOLUME III
PEÇAS GRÁFICAS

Salvador

2021

ADRIANA AUGUSTO NEVES

**RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA CASA GODOY
PORTO ALEGRE/RS**

VOLUME III

PEÇAS GRÁFICAS

Trabalho Final apresentado ao Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP CECRE) da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos.

Orientadora: Susana Acosta Olmos

Salvador

2021

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO.....	379
2.	CADASTRO.....	380
	PLANIALTIMÉTRICO	
	Prancha 1: Situação/Localização. Planta de cobertura, secção do sítio..	381
	Prancha 2: Planta Baixa Porão e Pátio interno.....	382
	Prancha 3: Planta Baixa Jardim.....	383
	Prancha 4: Elevação jardim, Levantamento Caramanchão.....	384
	Prancha 5: Planta Baixa pavimento principal.....	385
	Prancha 6: Planta Baixa Sótãos, Passadiço e Terraço.....	386
	Prancha 7: Plantas de Piso.....	387
	Prancha 8: Plantas de forro.....	388
	Prancha 9: Corte 'AA".....	389
	Prancha 10: Corte 'BB".....	390
	Prancha 11: Corte 'CC".....	391
	Prancha 12: Corte 'DD".....	392
	Prancha 13: Cortes 'EE" e 'FF", Fachada Sul.....	393
	Prancha 14: Cortes 'GG" e 'HH", Fachada Norte.....	394
	Prancha 15: Cortes 'II" e 'JJ".....	395
	ESQUADRIAS	
	Pranchas de 1 a 15: Levantamento parcial de esquadrias.....	396
	USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	
	Prancha 1: Figura-fundo, Atividades e Usos.....	411
	Prancha 2: Bens de interesse histórico e cultural, Gabaritos.....	412
	Prancha 3: Gabaritos vista sul Q1- Q10.....	413
	Prancha 4: Gabaritos vista sul Q12- Q15.....	414
	Prancha 5: Gabaritos vista norte Q08 – Q09.....	415
3.	MAPA DE DANOS.....	416
	Prancha 1: Planta de piso Porão e Jardim.....	417

Prancha 2: Planta de Piso Pavimento Principal.....	418
Prancha 3: Planta de Piso Sótãos, Passadiço e Terraço.....	419
Prancha 4: Planta de forro porão.....	420
Prancha 5: Planta de Forro Pavimento Principal.....	421
Prancha 6: Corte Longitudinal ‘AA”.....	422
Prancha 7: Corte Longitudinal ‘BB”.....	423
Prancha 8: Corte Transversal ‘CC” e ‘DD”.....	424
Prancha 9: Fachadas.....	425
Prancha 10: Planta de cobertura.....	426
4. PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	427
Prancha 1: Convenções – Plantas Baixas, Plantas de forro.....	428
Prancha 2: Convenções – Cortes e Fachadas.....	429
Prancha 3: Drenagem – Planta de Cobertura, Planta de piso.....	430
Prancha 4: Planta Baixa e Planta de forro Porão.....	431
Prancha 5: Planta Baixa e Planta de forro Pavimento Principal.....	432
Prancha 6: Planta Baixa Sótãos e Corte ‘AA”.....	433
Prancha 7: Cortes ‘BB” e ‘CC”, Detalhes.....	434
Prancha 8: Cortes ‘DD”, ‘EE”, ‘FF”, ‘GG”, Detalhes.....	435
Prancha 9: Cortes, Elevações e Fachadas.....	436
Prancha 10: Esquadrias e imagens.....	437
Prancha 11: Paisagismo.....	438

APRESENTAÇÃO

O presente volume tem por objetivo apresentar a Casa Godoy como objeto de estudo desde as primeiras investigações até a realização do projeto de intervenção. Este volume está apoiado pelos Volumes I e II na compreensão do objeto.

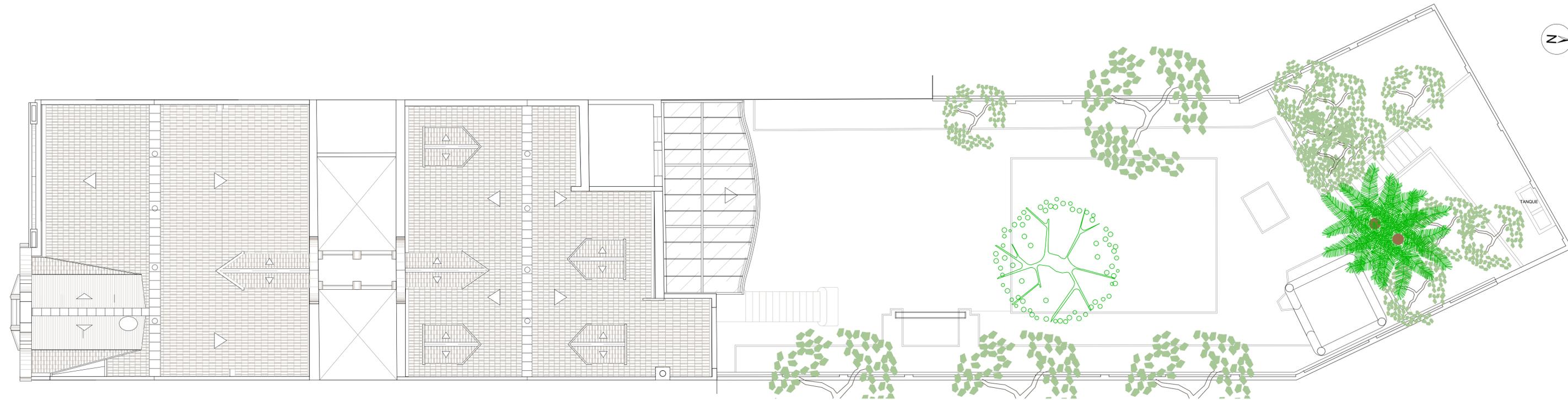
O Primeiro conjunto de pranchas apresenta o cadastro do edifício e seu entorno, demonstrando suas características gerais e aproximadas, acompanhadas de detalhes dos bens integrados. Ali estão as dimensões detalhadas de cada ambiente, apresentando Plantas Baixas, Cortes, Fachadas, Plantas de piso e forro e outros, conforme indicado no sumário. O Levantamento parcial de esquadrias traz maiores detalhes destas, que são bens integrados do edifício. E o conjunto finaliza com pranchas de apresentação geral da Avenida Independência, destacando seus valores e usos locais.

O segundo conjunto de pranchas apresenta o Mapa de Danos do edifício. Resultado do exame detalhado que incluiu ensaios destrutivos, levantamento fotográfico, depoimentos e outros. A partir dele, se tem o diagnóstico e as ações de intervenção começam a ser concebidas com vistas à longevidade do bem..

O projeto de intervenção é o resultado de todo o estudo feito até o momento, apoiado na teoria e na prática. Apresenta soluções que visam a longevidade do bem com a preservação de seus elementos originais sempre em primeiro lugar através de ações de conservação. Os elementos considerados espúrios são aqueles que prejudicam o edifício na sua materialidade e resistência. As ações contemporâneas buscam interferir o mínimo do preexistente.



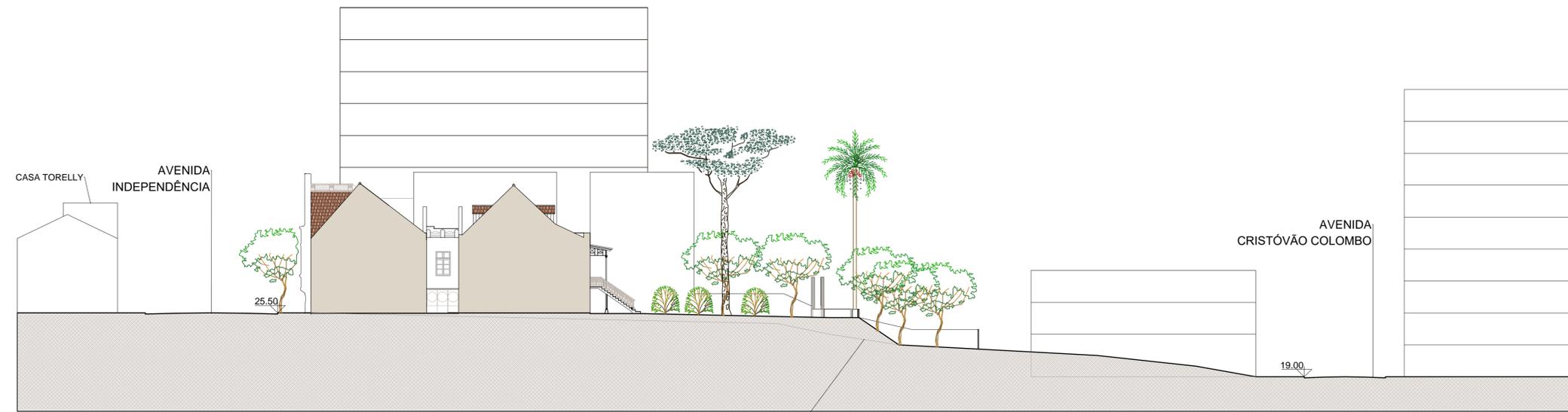
CADASTRO



PLANTA DE COBERTURA
ESCALA 1/75



PLANTA DE SITUAÇÃO/LOCALIZAÇÃO
ESCALA 1/1000

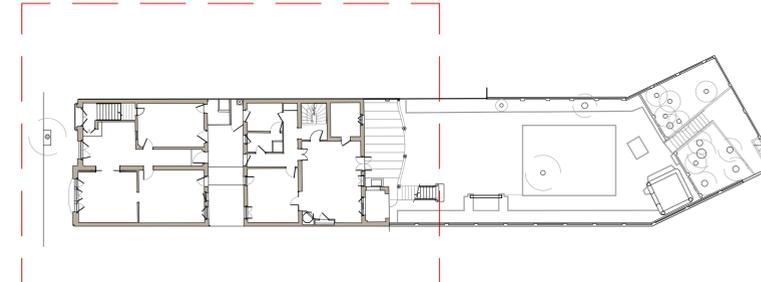
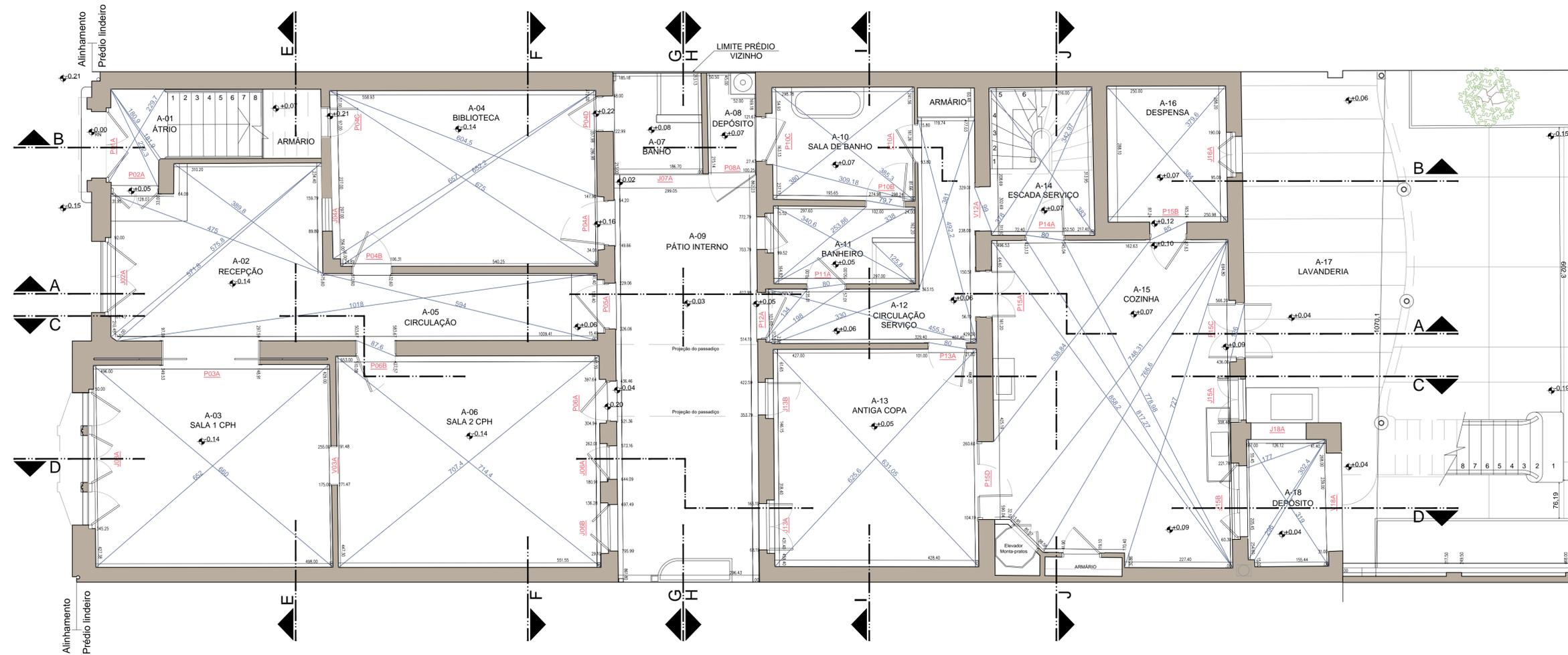


SEÇÃO DO SÍTIO - VISTA LESTE
ESCALA 1/500

PNT: Perfil natural do terreno

 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMS</p> <p>ARQUIVO: Levantamento planialtimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Situação/Localização, Planta de cobertura, seção do sítio</p> <p>ESCALA Indicada</p> <p>PRANCHA DATA 07/05/2021</p>

Avenida Independência



DIMENSIONAMENTO DE AMBIENTES

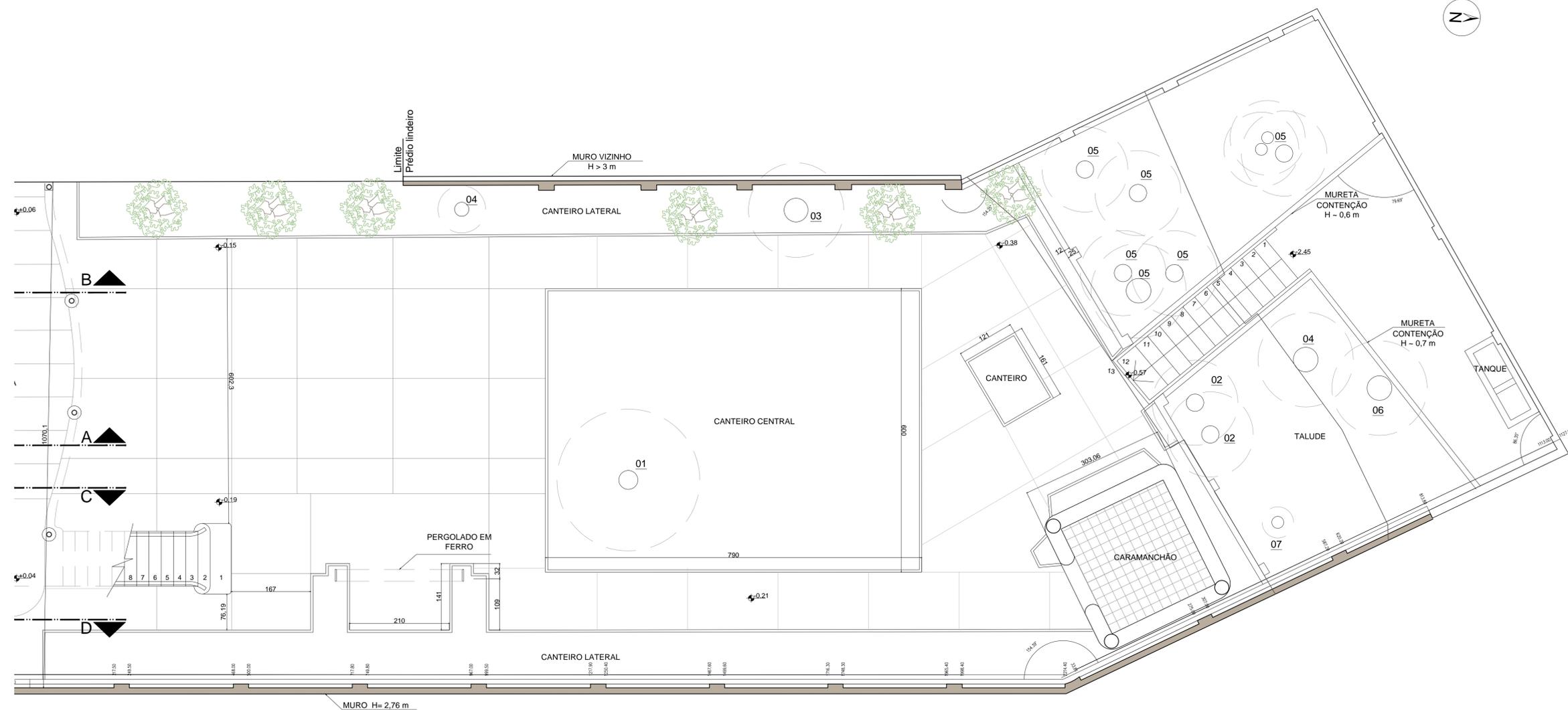
Legenda	Ambiente	Área (m²)
A-01	Átrio e escadaria	9,40
A-02	Recepção	15,83
A-03	Sala 1 CPH	21,27
A-04	Biblioteca	20,71
A-05	Circulação	8,16
A-06	Sala 2 CPH	24,72
A-07	Banheiro Serviço	3,96
A-08	Depósito	2,13
A-09	Pátio (área coberta)	3,47
A-10	Sala de banho	7,13
A-11	Banheiro	4,86
A-12	Circulação serviço	10,14
A-13	Antiga copa	19,68
A-14	Escadaria serviço	6,76
A-15	Cozinha	34,94
A-16	Despensa	7,21
A-17	Lavanderia	-22
A-18	Dep. Lavanderia	4,51
Total porão:		226,88
Total (incluindo paredes):		242,34

Observações:
 Os três pavimentos somam 682,22 m² de área construída, incluindo as paredes e excluindo áreas descobertas.
 Área do Pátio interno: 25,66 m²
 Área do jardim: 316,5 m²
 Terreno: 622 m²
 Testada do terreno: 10,78 m

PLANTA BAIXA PORÃO
 ESCALA 1/50



<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DO PÁRAMO</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMOS</p> <p>ARQUIVO: Levantamento planimétrico Casa Godoy.dwg</p>



PLANTA BAIXA JARDIM
ESCALA 1/50

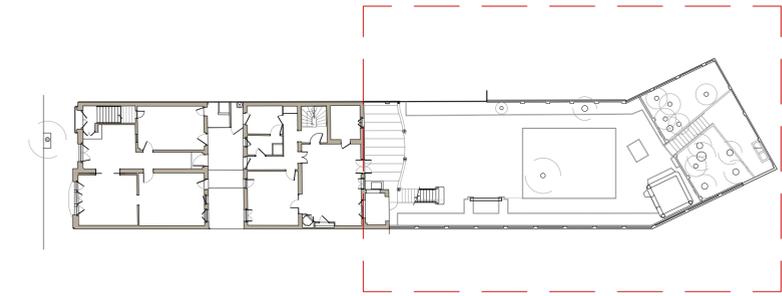


TABELA DE ESPÉCIES DE VEGETAÇÃO IDENTIFICADAS

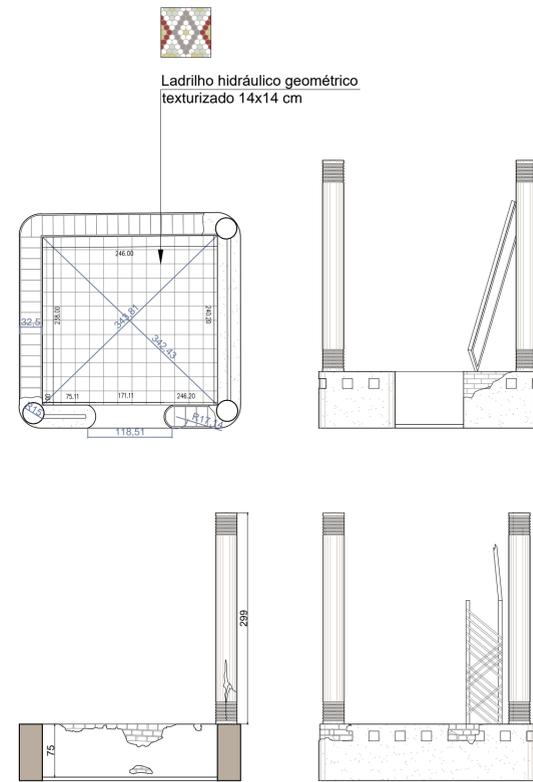
NOME CIENTÍFICO/ POPULAR	CARACTERÍSTICAS DIMENSÕES	ORIGEM	LOCALIZAÇÃO
ARBUSTOS			
<i>Cordyline terminalis</i> Cordilene vermelha	h 1 a 2,5 m Ø copa 1 m Tipo: arbusto perene Luz: Pleno sol e meia sombra Floração: inverno e primavera	exótica	Espécie localizada nos canteiros do lado leste.
<i>Syngonium podophyllum</i> Singônio	h 0,30 m Tipo: vaso versátil perene Luz: meia sombra Floração:	exótica	Espécie espalhada por diversos pontos
<i>Euphorbia pulcherrima Willd</i> Bico-de-papagaio vermelho	h 2 a 4 m Ø copa 3 m Tipo: arbusto caduca Luz: Pleno sol Floração: inverno	exótica	Espécie localizada junto ao muro oeste próximo à varanda.
<i>Coffea arabica</i> Cafezeiro	h 2 a 5 m Ø copa 2 m Tipo: arbusto perene Luz: sol Floração:	exótica	Espécie localizada junto ao muro talude leste, próxima ao muro.
FOLHAGENS, FORRAGEJAS E TREPADERAS			
<i>Ctenanthe setosa Eichler</i> Cenante	h 0,25 a 0,5 m Tipo: Folhagem Luz: meia-sombra Floração: outono Clima: tropical	Nativa	Espécie localizada nos canteiros do lado leste e central.
<i>Curculigo Capitulata</i> Curculigo	h 0,4 a 0,8 m Tipo: Folhagem perene Luz: meia-sombra ou sombra Floração: ano todo	exótica	Espécie localizada nos canteiros do lado leste.
<i>Ficus pumila L.</i> Ficus repens	h 8 m Tipo: Trepadeira perene Luz: pleno sol e meia-sombra Clima: tropical e subtropical	exótica	Espécie localizada junto ao muro leste
<i>Plectranthus scutellarioides</i> Coleus	h 0,9 m Tipo: herbácea perene Luz: pleno sol e meia-sombra Clima: tropical e subtropical Floração: primavera e verão	exótica	Espécie em crescimento desordenado
<i>Maranta leuconeura</i> Maranta	h 0,20 m Tipo: folhagem Luz: meia-sombra Clima: tropical Floração: primavera	nativa	Espécie sem crescimento desordenado
<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Flor de fortuna	h 0,20 a 0,30 m Ø copa <1 m Tipo: Folhagem perene Luz: Pleno sol e meia sombra Floração: inverno e primavera	exótica	Espécie localizada nos canteiros junto ao pergolado
<i>Merremia tuberosa</i> Flor de pau	h. copa até 10 m ou mais Tipo: trepadeira perene Luz: Pleno sol e meia sombra Floração: verão e outono	exótica	Espécie localizada no pergolado
<i>Tradescantia zebrina</i> Lambini	h 0,15 a 0,25 m Tipo: folhagem perene Luz: Pleno sol Floração:	exótica	Espécie espalhada em canteiros

SITUAÇÃO	NOME CIENTÍFICO/ POPULAR	CARACTERÍSTICAS DIMENSÕES	ORIGEM	LOCALIZAÇÃO
ÁRVORES				
01	<i>Araucaria angustifolia</i> Pinheiro brasileiro	h 20 a 50m Ø copa 20 m Tipo: árvore perene Luz: Pleno sol Floração: agosto a janeiro	Nativa	Espécie localizada no canteiro central.
02	<i>Syagrus romanzoffiana</i> Jervá	h 8 a 15 m Ø copa 4 m Tipo: palmeira semicaduca Luz: Pleno sol e meia sombra Floração: todo ano	Nativa	Espécie localizada no talude à leste.
03	<i>Tipuana tipu</i> Tipuana	h 12 a 15 m Ø copa 15 m Tipo: caduca Luz: sol e sombra Floração: primavera e inverno	exótica	Espécie localizada no canteiro oeste e bastante comprometida.
04	<i>Eriobotrya japonica</i> Nespreira	h 6 a 8 m Ø copa 5 m Tipo: árvore perene Luz: Pleno sol, meia-sombra Floração: outubro a dezembro	exótica	Espécie localizada no canteiro oeste e no talude leste.
05	<i>Morus rubra</i> Amoreira vermelha	h 7 a 12 m Ø copa 7 m Tipo: árvore caduca Luz: Pleno sol Floração: julho e agosto	exótica	Espécie localizada junto ao talude e muro oeste.
06	<i>Caesalpinia ferrea</i> Pau-ferro	h 20 a 30 m Ø copa 8 m Tipo: árvore semicaduca Luz: Sol Floração: novembro a fevereiro	exótica	Espécie localizada junto à borda norte do talude leste.
07	<i>Persea americana</i> Abacateiro	h 10 a 40 m Ø copa 8 m Tipo: semicaduca Luz: Pleno sol Floração: primavera	exótica	Espécie jovem localizada junto talude leste, próxima ao caramanchão.
	<i>Syzygium cumini</i> Jamelão	h 15 a 20 m Ø copa 10 m Tipo: árvore perene Luz: Pleno sol Floração: setembro a novembro	exótica	Espécie em mudas pelo jardim
	<i>Mangifera indica</i> Mangueira	h 15 m Ø copa alargada Tipo: árvore perene Luz: Pleno sol Floração: janeiro a março	exótica	Espécie localizada no terreno vizinho à leste e algumas mudas no jardim

<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMS</p> <p>ARQUIVO: Levanteamento planimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Planta Baixa Jardim</p> <p>ESCALA Indicada</p> <p>PRANCHA 03/15</p> <p>DATA 07/05/2021</p>

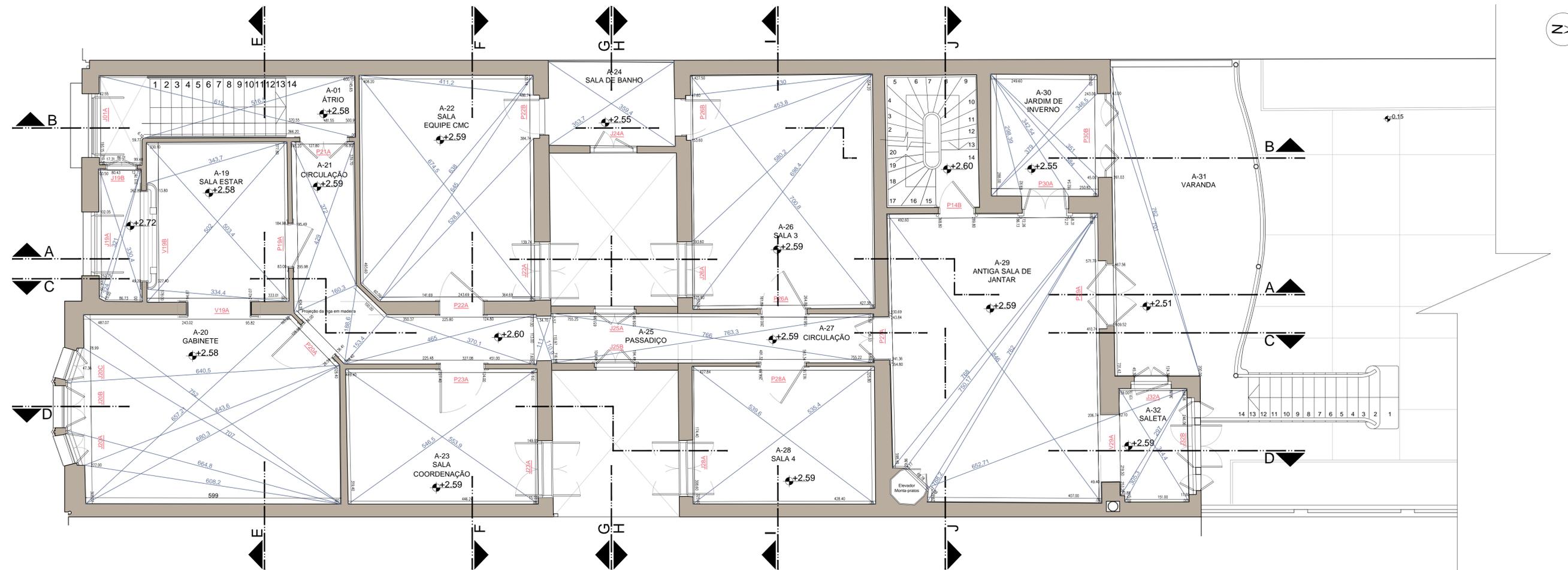


VISTA LESTE JARDIM
ESCALA 1/75



CARAMANÇÃO
ESCALA 1/50

 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>		
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p>	<p>CONTEÚDO Elevação Jardim Levantamento Caramanchão</p>	
<p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p>	<p>ESCALA Indicada</p>	<p>PRANCHA 04/15</p>	
<p>ARQUIVO: Levantamento planimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>DATA 07/05/2021</p>		



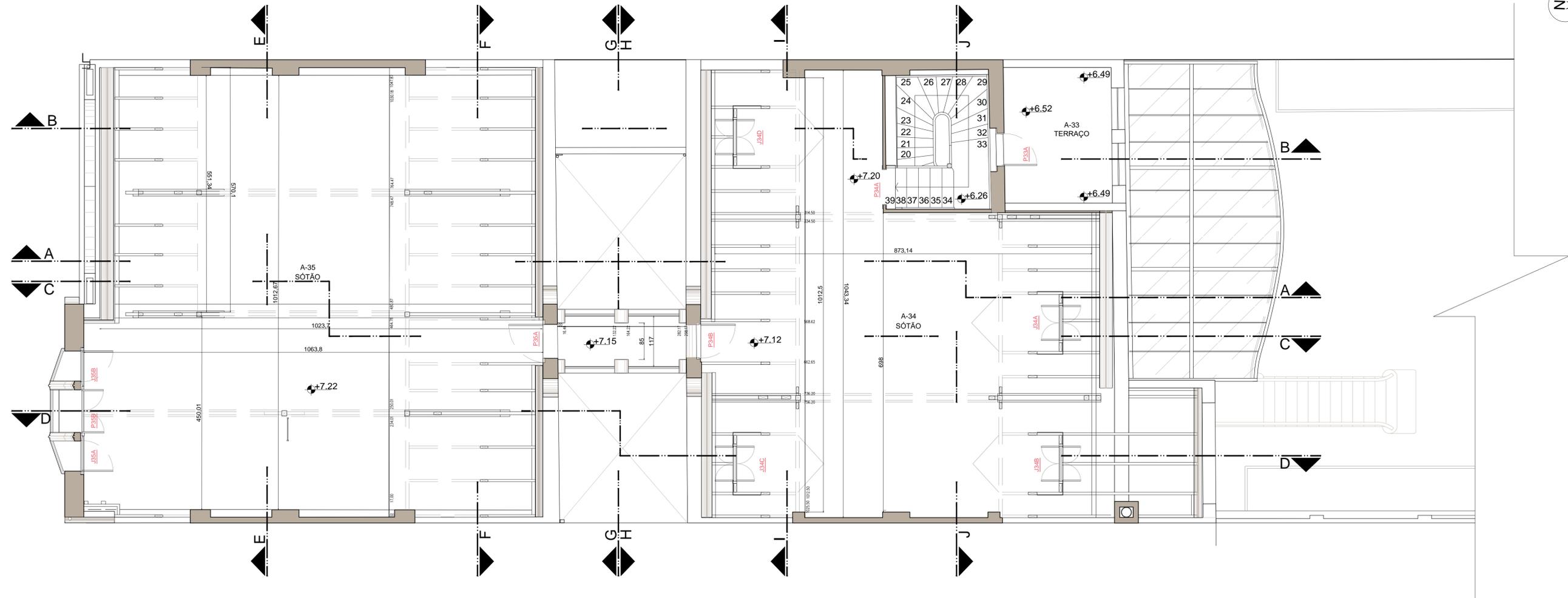
PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
 ESCALA 1/50



DIMENSIONAMENTO DE AMBIENTES

Legenda	Ambiente	Área (m²)
A-19	Sala de estar	15,90
A-20	Gabinete	27,13
A-21	Circulação	12,25
A-22	Sala Equipe CMC	21,68
A-23	Sala Coordenação	14,31
A-24	Sala de banho	5,86
A-25	Circulação	3,47
A-26	Sala 3	23,67
A-27	Circulação	4,96
A-28	Sala 4	13,93
A-29	Antiga sala de jantar	33,65
A-30	Jardim de inverno	7,20
A-31	Varanda	24,84
A-32	Antiga sala de fumar	4,29
A-14	Escadaria serviço	7,45
Área Pavimento principal:		220,14
Total com paredes:		243

	CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS	
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO ARQUIVO: Levantamento planialtimétrico Casa Godoy.dwg	CONTEÚDO Planta Baixa Pavimento Principal ESCALA Indicada DATA 07/05/2021

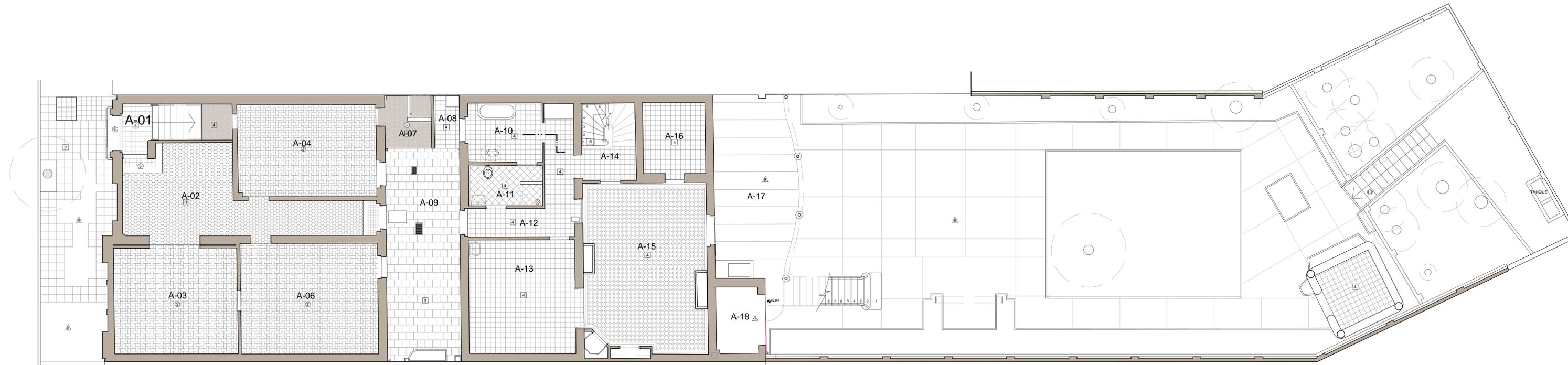


PLANTA BAIXA SÓTÃO
ESCALA 1/50

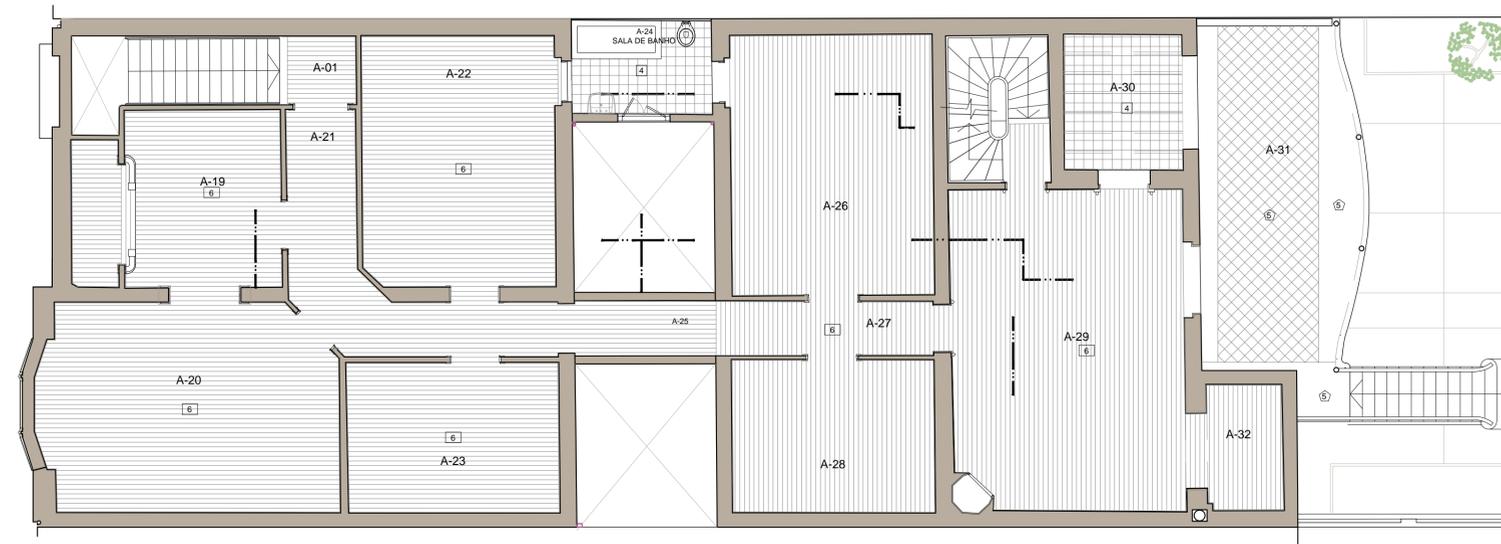
DIMENSIONAMENTO DE AMBIENTES COBERTURAS

A-34	Sótão fundos	82,00
A-35	Sótão frente	107,43
A-14	Escadaria serviço	7,45
Área construída:		196,88
A-33	Terraço (área aberta)	7,87

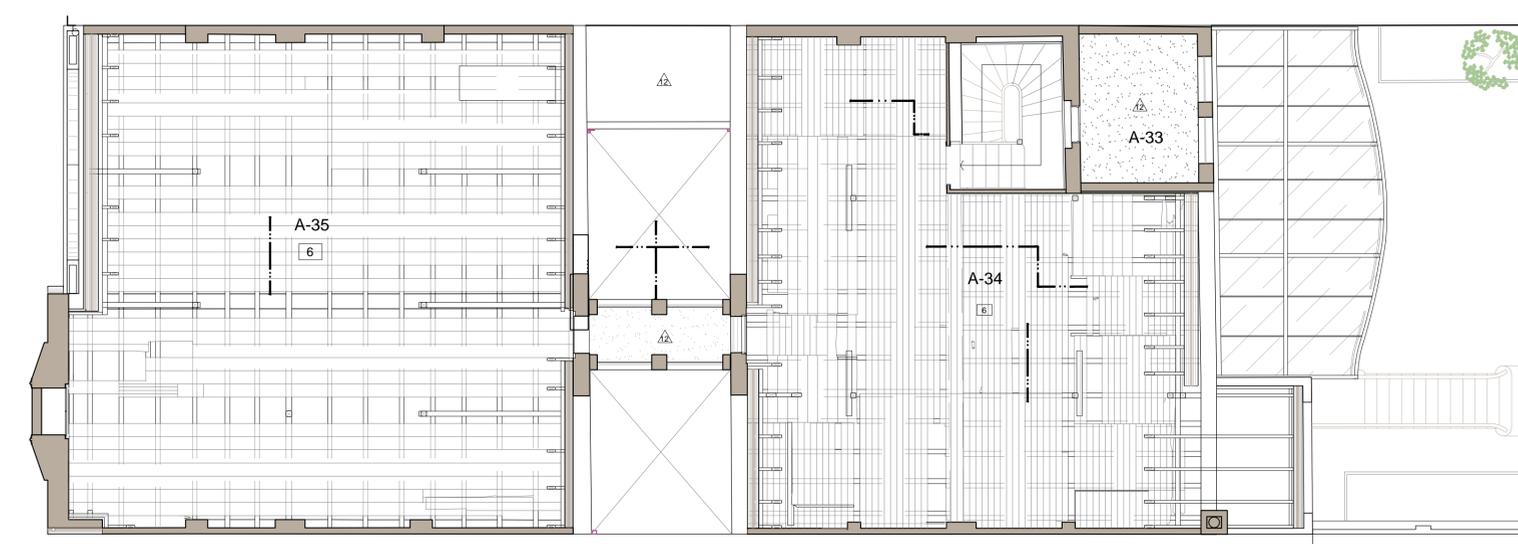
 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	CADASTRO	
	<p>CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p>	<p>CONTEÚDO Planta Baixa Sótãos, passagem e terraço</p>	
<p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMOS</p>	<p>ESCALA Indicada</p>	<p>PRANCHA 06/15</p>
<p>ARQUIVO: Levantamento planialtimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>DATA 07/05/2021</p>	



PLANTA DE PISO PORÃO/ TÉRREO
ESCALA 1/75



PLANTA DE PISO PAVIMENTO PRINCIPAL
ESCALA 1/75



PLANTA DE PISO SÓTÃOS, TERRAÇO E PASSADIÇO
ESCALA 1/75

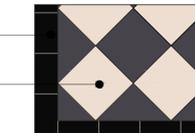


LADRILHOS HIDRÁULICOS

PAGINAÇÃO A-11
ESCALA 1/10

Faixa lisa 6,5x15 cm

Ladrilho hidráulico 15x15 cm
peças nas cores branco e preto



PAGINAÇÃO AMBIENTES
ESCALA 1/10

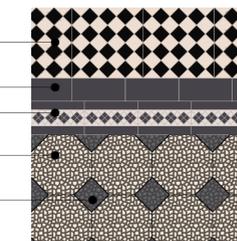
Ladrilho hidráulico 20x20 cm
Motivo geométrico

Faixa lisa 6,5x15 cm

Faixa geométrica
9,5x15 cm

Ladrilho hidráulico octogonal
texturizado 17x17 cm

Tozeto texturizado
6,8x6,8cm



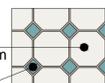
Ambientes:
A-12, A-13, A-14 e
A-16

Ambientes:
A-15

A-24
ESCALA 1/10

Ladrilho hidráulico octogonal
liso na cor branca 9,8x9,8 cm

Tozeto liso na cor turquesa
3x3cm



A-01
ESCALA 1/10

Ladrilho hidráulico
geométrico
20x20 cm



A-30
ESCALA 1/10

Ladrilho hidráulico
floral 20x20 cm



LEGENDA

- | | | | |
|----------------------------|---|--|-----------------------------|
| 1 Piso cerâmico encaixado | 5 Piso em mármore apurado | 9 Forro em madeira junta seca | 13 Piso em Arenilo Botucatu |
| 2 Piso em tacos de madeira | 6 Piso tabuado de madeira | 10 Forro em madeira macho-fêmea | 14 Cobertura de vidro |
| 3 Piso cerâmico cru | 7 Piso ladrilho hidráulico sem pigmento | 11 Forro de estuque | |
| 4 Piso Ladrilho hidráulico | 8 Piso cimento | 12 Laje Deployer revestida com argamassa | |

<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p> <p>ARQUIVO: Levantamento planimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Plantas de Piso</p> <p>ESCALA Indicada</p> <p>PRANCHA 07/15</p> <p>DATA 07/05/2021</p>



PLANTA DE FORRO PORÃO
ESCALA 1/75

Forro A-20
ESCALA 1/10

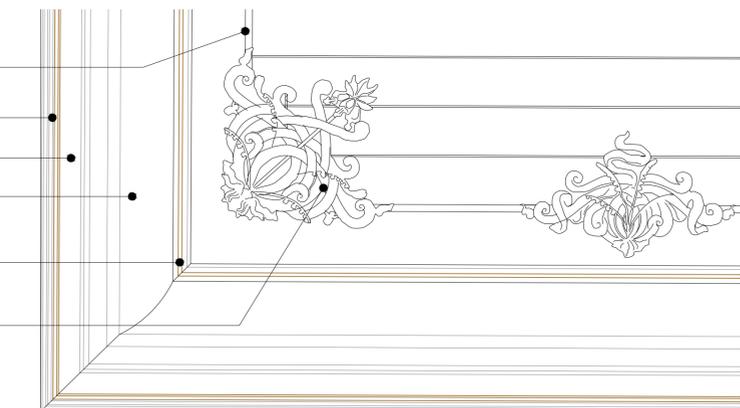
- Aba com friso e douratura
- Rodaforro com molduras em relevo
- Cabeira com molduras e frisos
- Frisos em madeira
- Frise em madeira com douratura
- Elemento decorativo em relevo em Papel Machê



PLANTA DE FORRO PAVIMENTO PRINCIPAL
ESCALA 1/75

Forro A-19
ESCALA 1/10

- Frisos em madeira
- Aba com frisos e douratura
- Rodaforro com molduras em relevo
- Cabeira com molduras e frisos
- Frise em madeira com douratura
- Elemento decorativo em relevo em Papel Machê



LEGENDA

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Piso cerâmico encaixado	Piso em tacos de madeira	Piso cerâmico cru	Piso Ladrilho hidráulico	Piso em mármore apuano	Piso tabuado de madeira	Piso ladrilho hidráulico sem pigmento	Piso cimento	Forro em madeira junta seca	Forro em madeira macho-fêmea	Forro de estuque	Laje Deployer revestida com argamassa	Piso em Arenito Botucatu	Cobertura de vidro

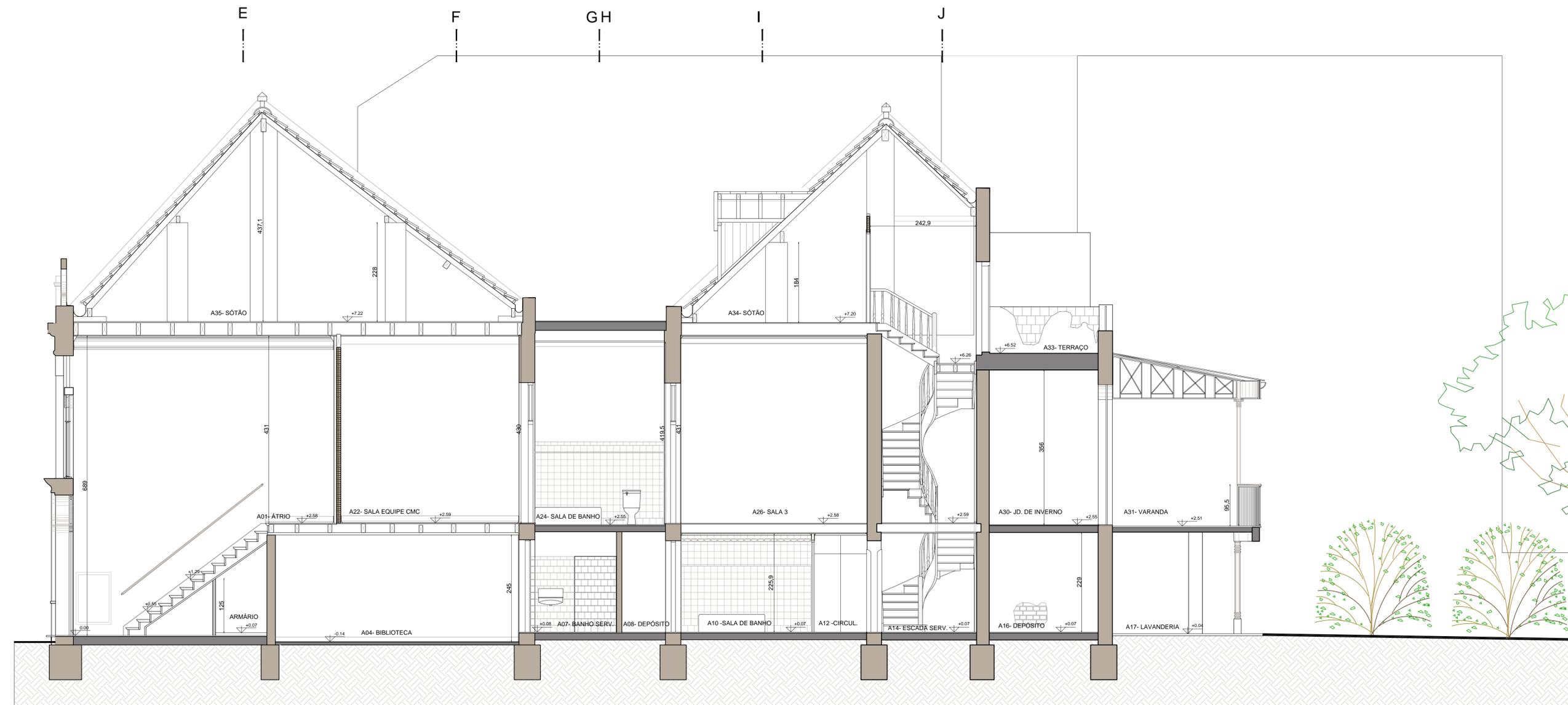
 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p> <p>ARQUIVO: Levantamento planialtimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Plantas de Forro</p> <p>ESCALA Indicada</p> <p>PRANCHA 08/15</p> <p>DATA 07/05/2021</p>



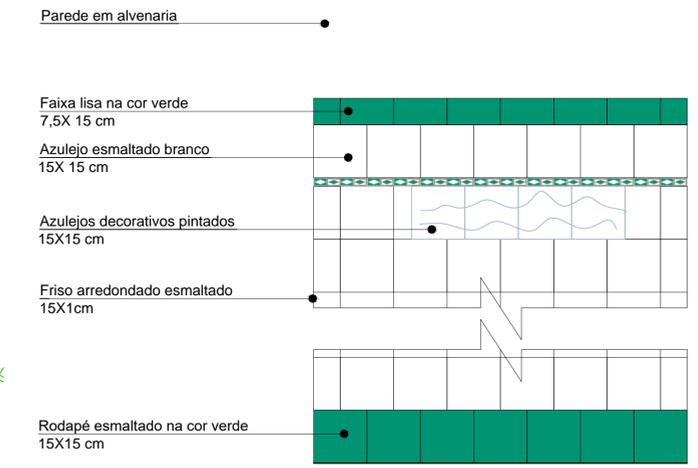
CORTE 'AA'
ESCALA 1/50



 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	CADASTRO	
	CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS	
<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p> <p>ARQUIVO: Levantamento planialtimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Cortes</p>	<p>PRANCHA 09/15</p>
	<p>ESCALA Indicada</p>	<p>DATA 07/05/2021</p>



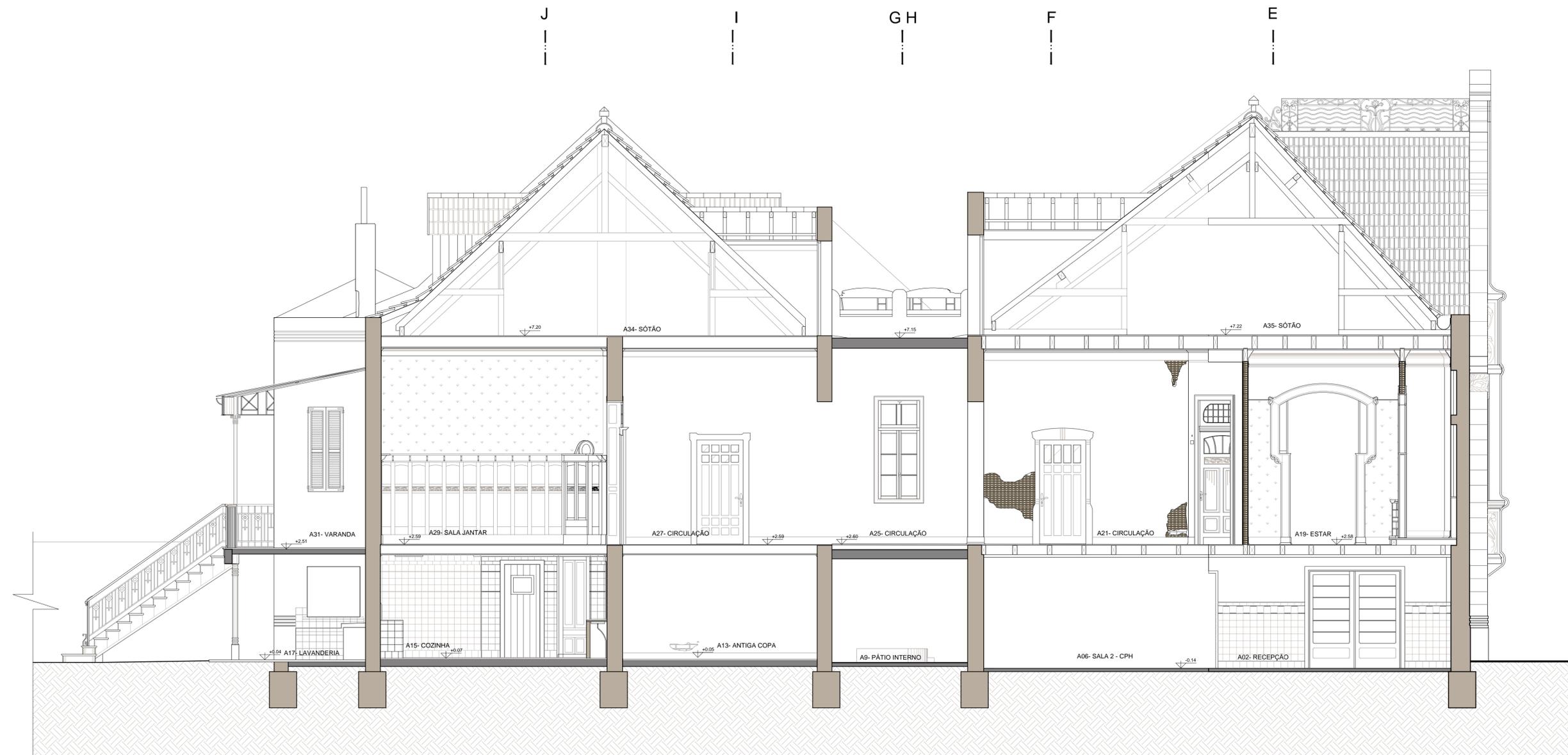
Revestimento A-24 : Altura total: 189,9 cm
 ESCALA 1/10



CORTE 'BB'
 ESCALA 1/50



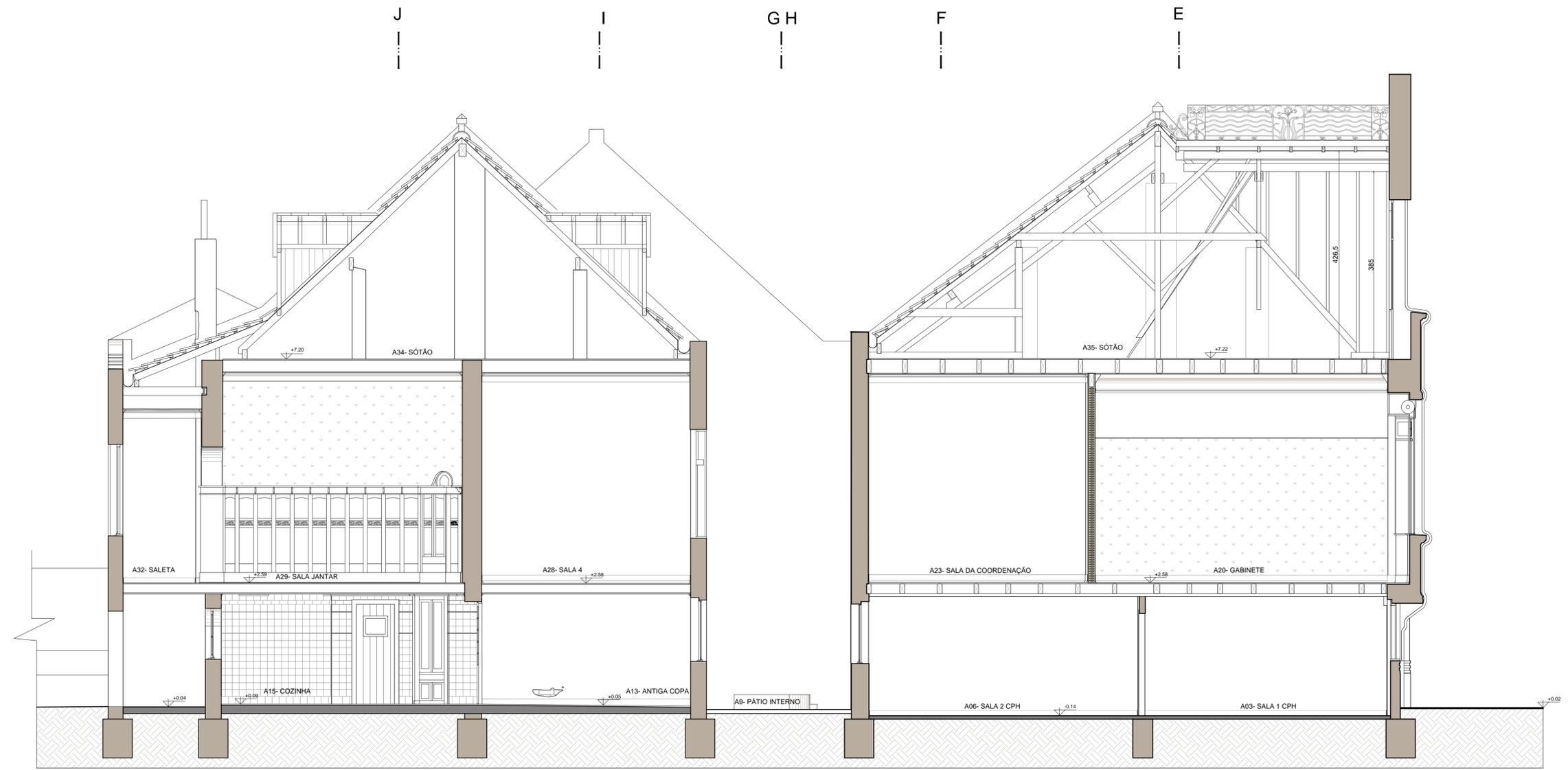
 MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS	
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES	CONTEÚDO Cortes
ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMOs	ESCALA Indicada	PRANCHA 10/15
ARQUIVO: Levantamento planialtimétrico Casa Godoy.dwg	DATA 07/05/2021	



CORTE 'CC'
ESCALA 1/50



 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	CADASTRO	
	<p>CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p>	<p>CONTEÚDO Cortes</p>	
<p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p>	<p>ESCALA Indicada</p>	<p>PRANCHA 11/15</p>
<p>ARQUIVO: Levantamento planialtimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>DATA 07/05/2021</p>	



CORTE 'DD'
ESCALA 1/50



 MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS	
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES	CONTEÚDO Cortes
ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO	ESCALA Indicada	PRANCHA 12/15
ARQUIVO: Levantamento planialtimétrico Casa Godoy.dwg	DATA 07/05/2021	



CORTE 'EE'
ESCALA 1/50



CORTE 'FF'
ESCALA 1/50



FACHADA SUL
ESCALA 1/50



 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p> <p>ARQUIVO: Levantamento planialtimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Cortes e fachadas</p> <p>ESCALA Indicada</p> <p>PRANCHA 13/15</p> <p>DATA 07/05/2021</p>



CORTE 'GG'
FACHADA NORTE PÁTIO INTERNO
ESCALA 1/50



CORTE 'HH'
FACHADA SUL PÁTIO INTERNO
ESCALA 1/50



FACHADA NORTE
ESCALA 1/50

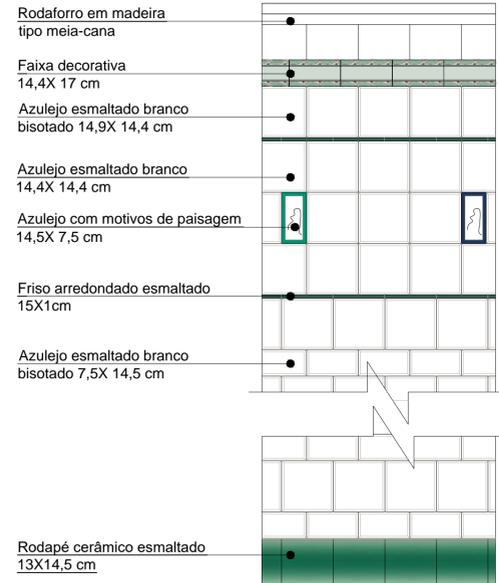


 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	CADASTRO	
	<p>CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p>	<p>CONTEÚDO Cortes e fachadas</p>	
<p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p>	<p>ESCALA Indicada</p>	<p>PRANCHA 14/15</p>
<p>ARQUIVO: Levantamento planialtimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>DATA 07/05/2021</p>	

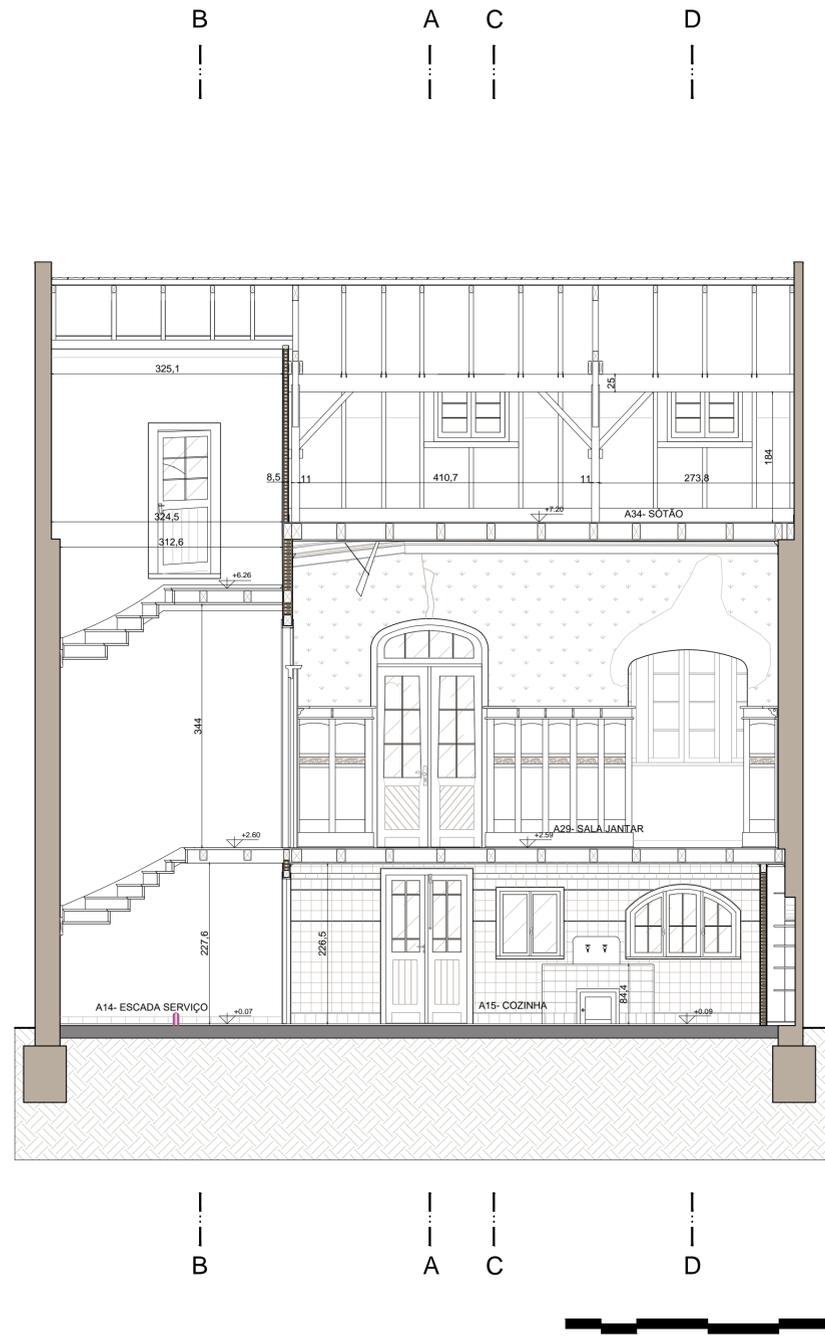
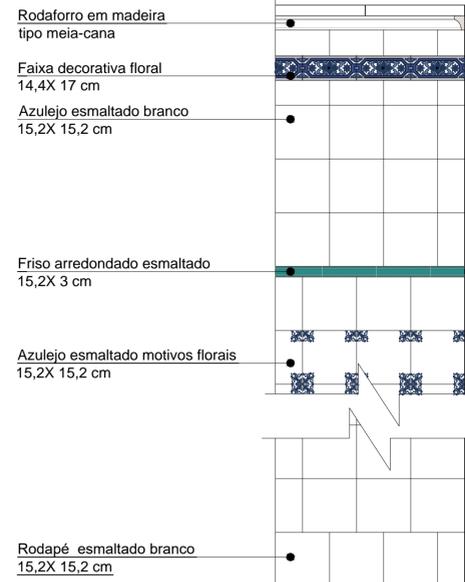


CORTE 'II'
ESCALA 1/50

Revestimento A-11
ESCALA 1/10

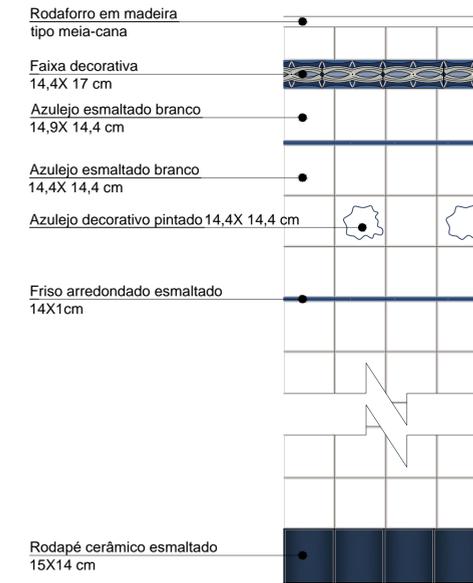


Revestimento A-10
ESCALA 1/10

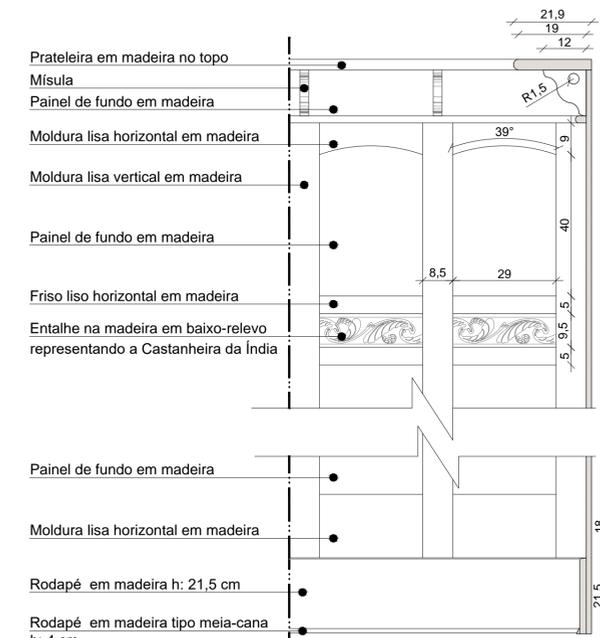


CORTE 'JJ'
ESCALA 1/50

Revestimento A-15
ESCALA 1/10



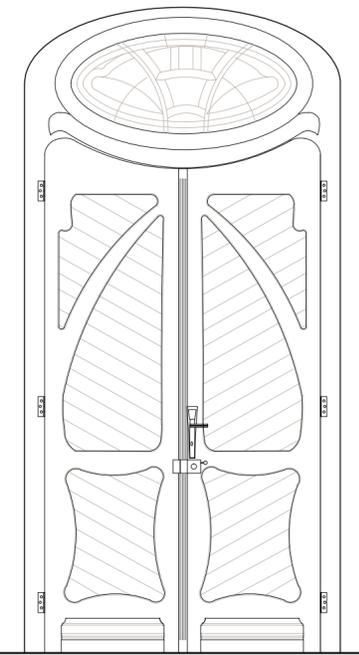
Revestimento A-29: Boiserie (Lambri) Altura total: 200 cm
ESCALA 1/10



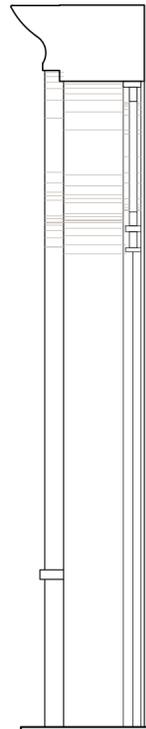
 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p>	<p>CONTEÚDO Cortes</p>
<p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMS</p>	<p>ESCALA Indicada</p>	<p>PRANCHA 15/15</p>
<p>ARQUIVO: Levantamento planimétrico Casa Godoy.dwg</p>	<p>DATA 07/05/2021</p>	

A-01 ÁTRIO

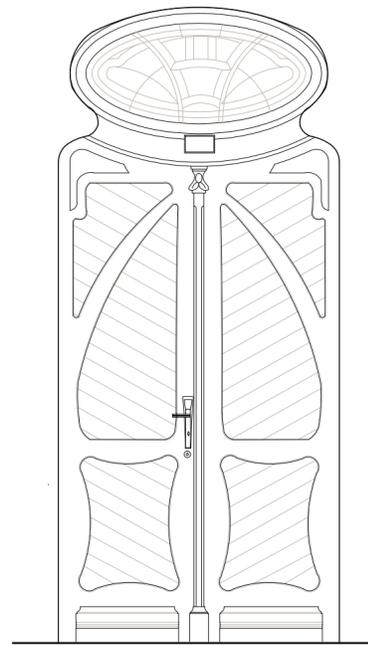
P01A



VISTA EXTERNA



CORTE

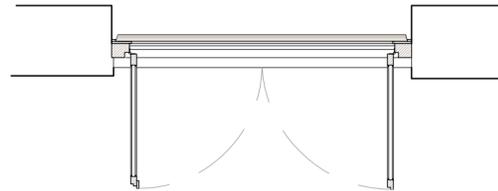


VISTA INTERNA

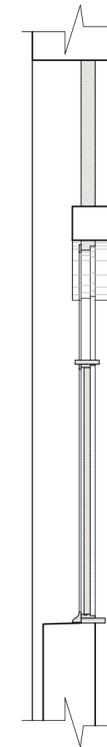
J01A



VISTA INTERNA



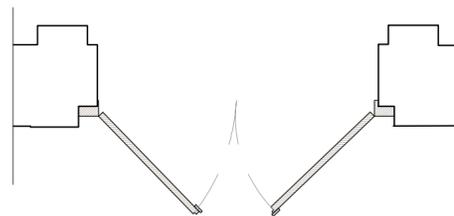
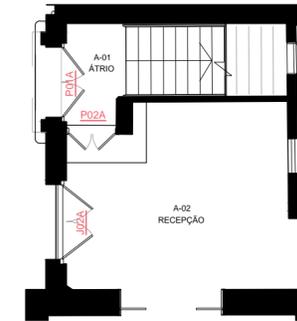
PLANTA BAIXA



CORTE



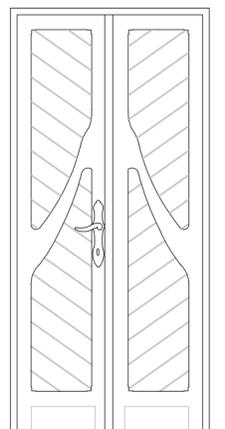
PLANTA BAIXA PORÃO



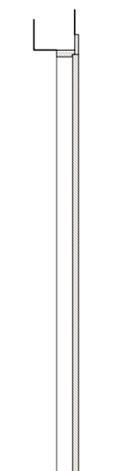
PLANTA BAIXA

A-02 RECEPÇÃO

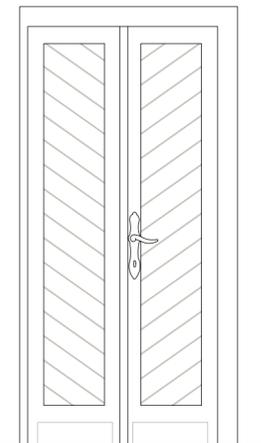
P02A



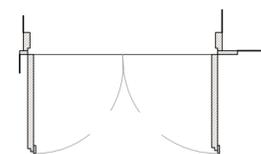
VISTA EXTERNA



CORTE

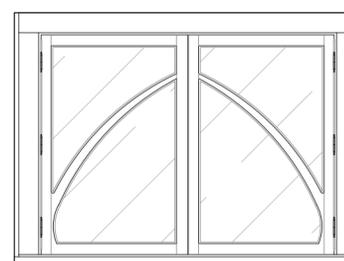


VISTA INTERNA

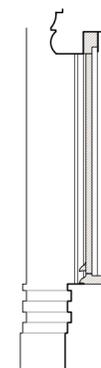


PLANTA BAIXA

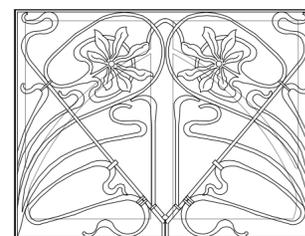
J02A



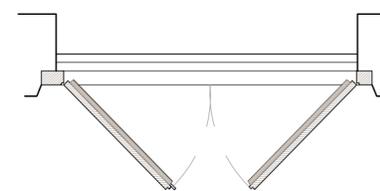
VISTA INTERNA



CORTE



VISTA EXTERNA



PLANTA BAIXA

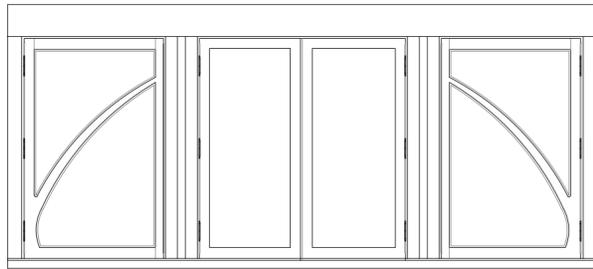
TABELA DE ESQUADRIAS (medidas gerais em centímetros)

Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P01A	A-01	157	323	—	157x75	Portal com porta em madeira, duas folhas de abrir com almofadas e fechamento em ferrolhos (fechadura com maçaneta e fecho).Bandeira fixa com vitrais coloridos e vão em arco elíptico.
J01A	A-01	81	99	128	—	Janela em madeira com duas folhas de abrir, bandeira fixa em arco abatido caixilharia com vitrais coloridos, fechamento em ferrolhos (cremona). Rasgos com vitrais fixos acima da janela.
P02A	A-02	92	199	—	—	Porta almofadada em madeira com duas folhas de abrir e fechamento em fechadura com trinco.
J02A	A-02	127	111	120	—	Janela de duas folhas de abrir, caixilharia com vidro jateado, gradil externo fixo em ferro forjado, representando ramos de flores.

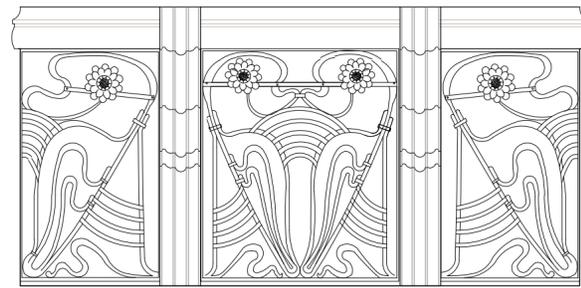
 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	

A-03 SALA 1 CPH

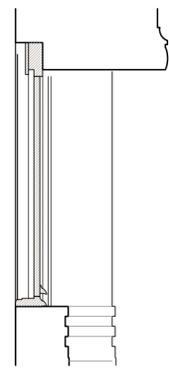
J03A



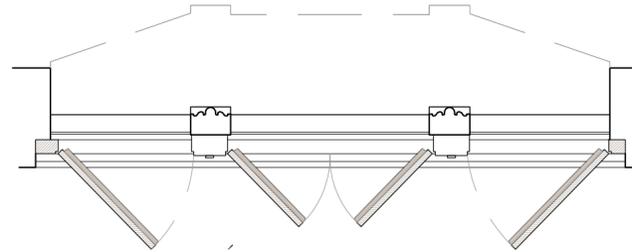
VISTA INTERNA



VISTA EXTERNA

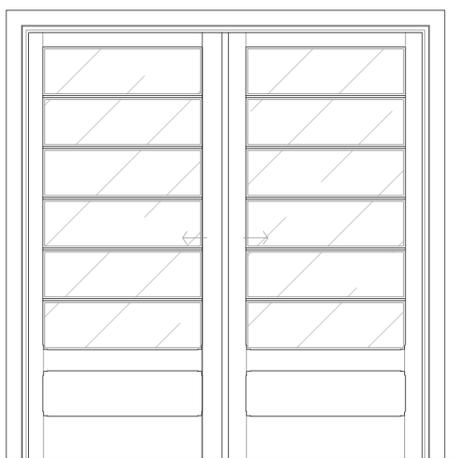


CORTE

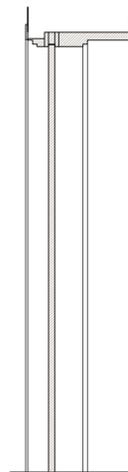


PLANTA BAIXA

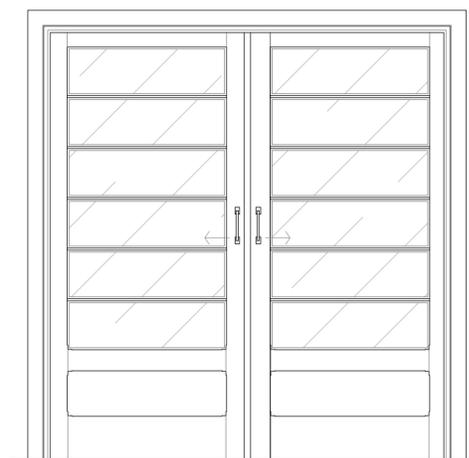
P03A



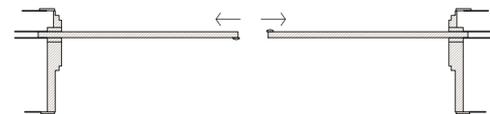
VISTA EXTERNA



CORTE



VISTA INTERNA



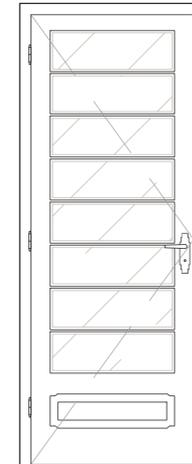
PLANTA BAIXA

A-06 SALA 2 CPH

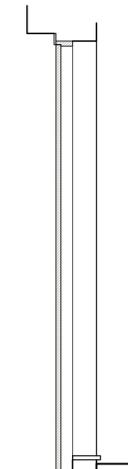
P06A



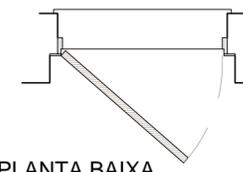
VISTA EXTERNA



VISTA INTERNA

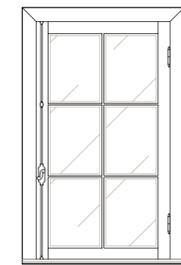


CORTE

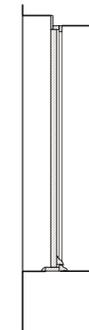


PLANTA BAIXA

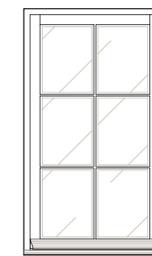
J06A



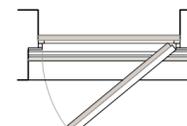
VISTA INTERNA



CORTE

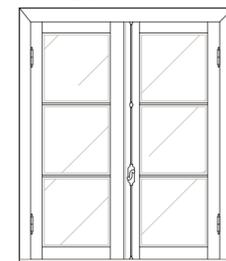


VISTA EXTERNA

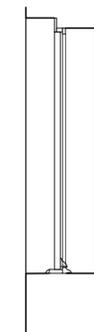


PLANTA BAIXA

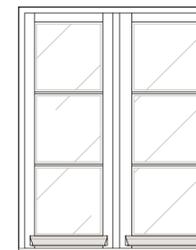
J06B



VISTA INTERNA



CORTE



VISTA EXTERNA



PLANTA BAIXA



PLANTA BAIXA PORÃO

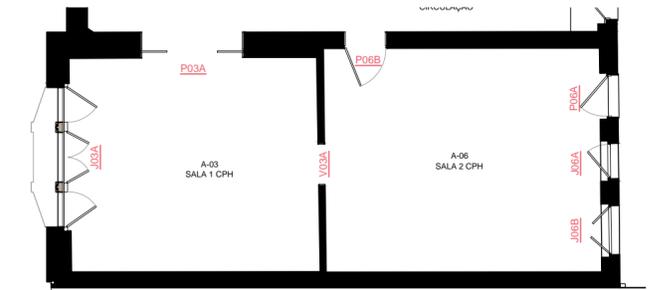
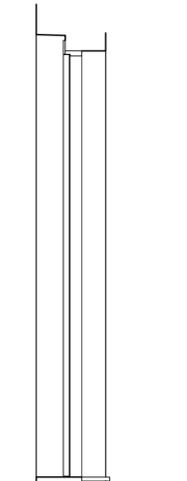
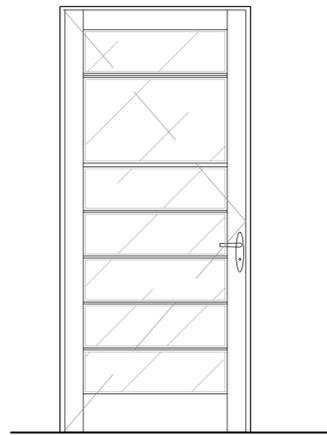
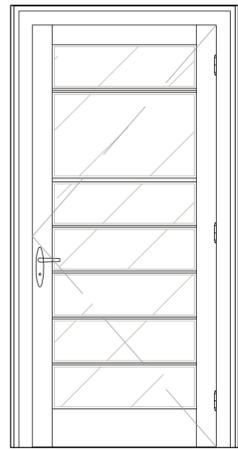


TABELA DE ESQUADRIAS (medidas gerais em centímetros)						
Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P03A	A-03	200	216	—	—	Porta envidraçada em madeira em duas folhas de correr, caixilharia e fechamento em fecho de botão.
J03A	A-03	296	127	117	—	Janela de duas folhas de abrir, caixilharia com vidro jateado, gradil externo fixo em ferro forjado, representando ramos de flores.
V03A	A-03	80	220	—	—	Porta sem folhas arrematada por guarnição e espelhos de madeira.
P06A	A-06	100	238	—	—	Porta envidraçada em madeira de uma folha de abrir, caixilharia com vidros texturizados e fechamento em fechadura e maçaneta.
P06B	A-06	79	217	—	—	Porta compensada cheia, de uma folha de abrir e fechamento em fechadura com maçaneta.
J06A	A-06	85	130	106	—	Janela em madeira de uma folha de abrir, caixilharia com vidro texturizado e fechamento em cremona.
J06B	A-06	115	130	106	—	Janela de duas folhas de abrir, caixilharia com vidro texturizado e fechamento em cremona.

<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	

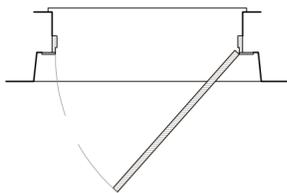
A-04 BIBLIOTECA

P04A



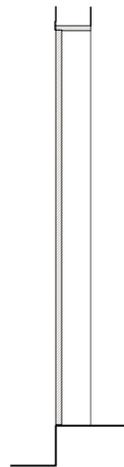
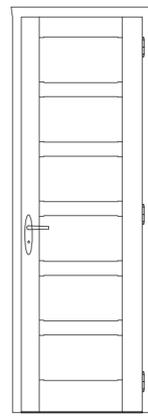
VISTA EXTERNA

VISTA INTERNA



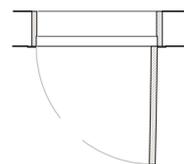
PLANTA BAIXA

P04C

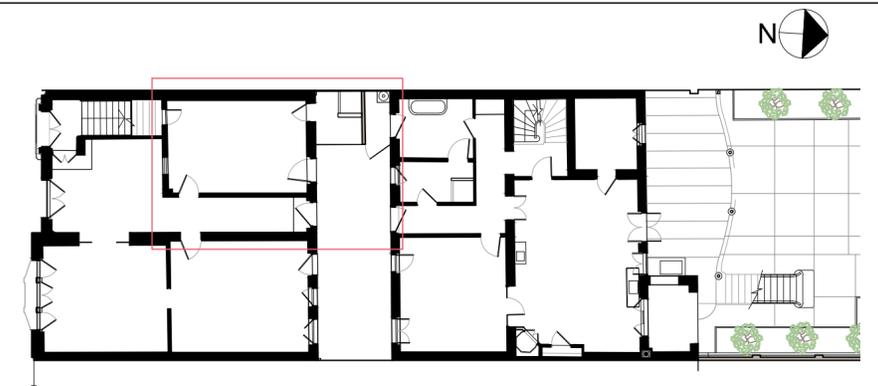


VISTA EXTERNA

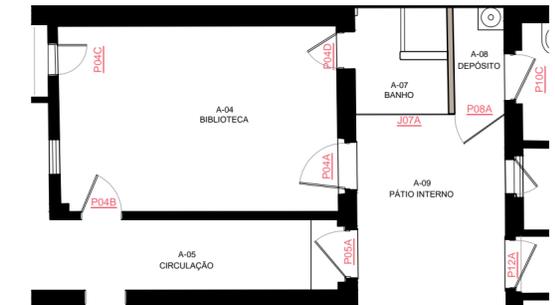
CORTE



PLANTA BAIXA

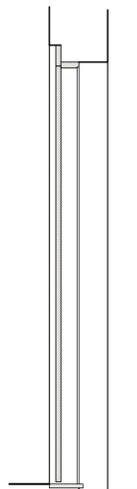
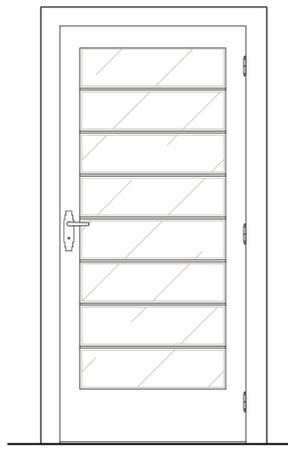


PLANTA BAIXA PORÃO



A-05 CIRCULAÇÃO

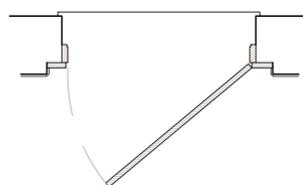
P05A



VISTA EXTERNA

VISTA INTERNA

CORTE

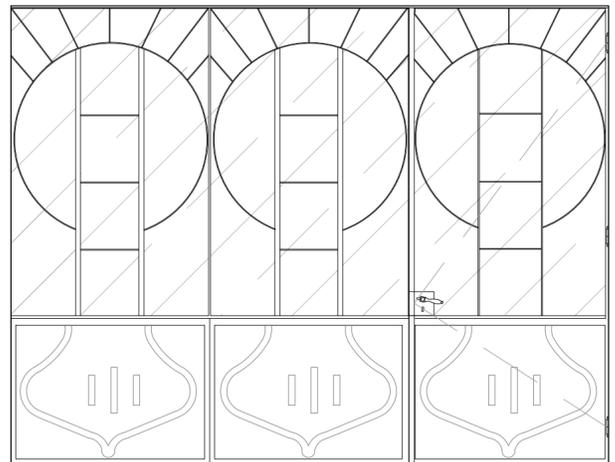


PLANTA BAIXA

A-07/A-08 BANHO/DEPÓSITO

J07A

P08A



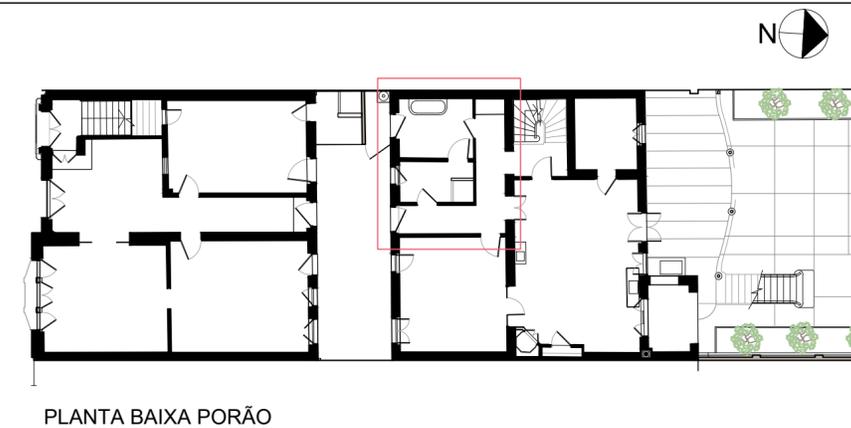
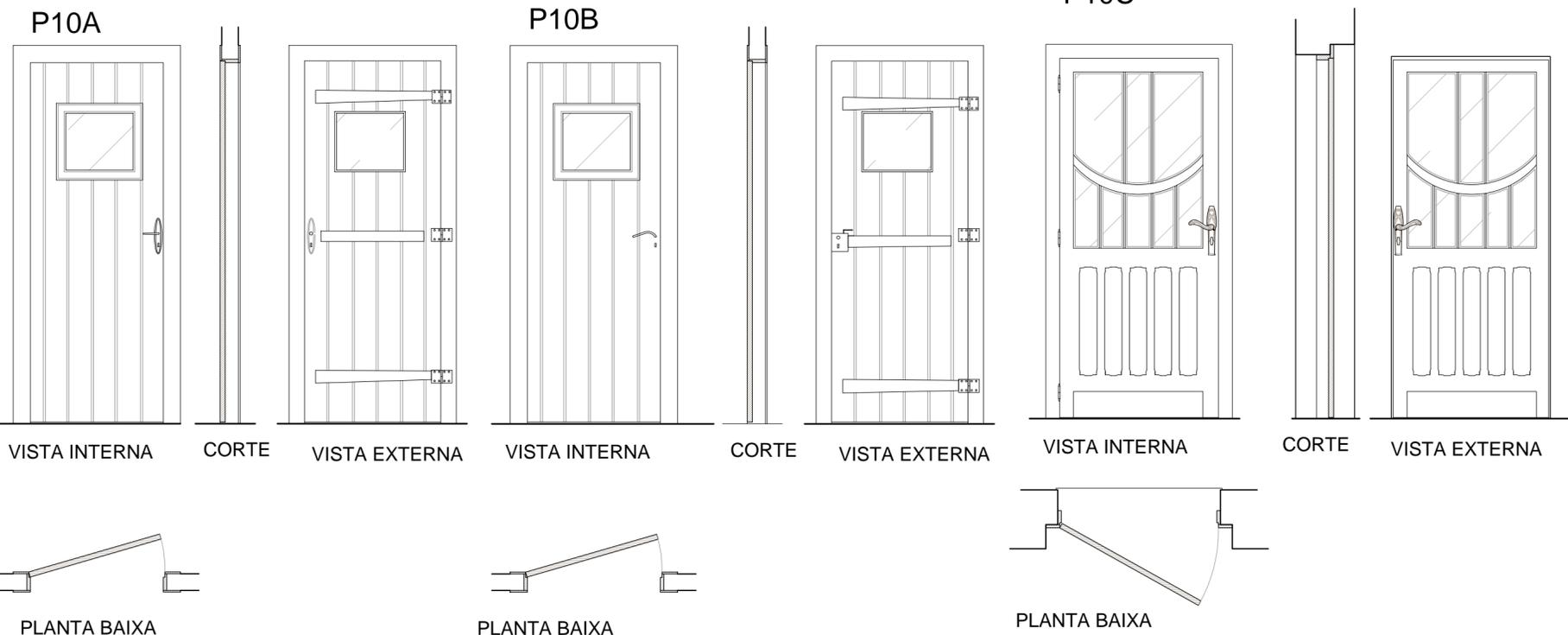
VISTA EXTERNA

TABELA DE ESQUADRIAS (medidas gerais em centímetros)

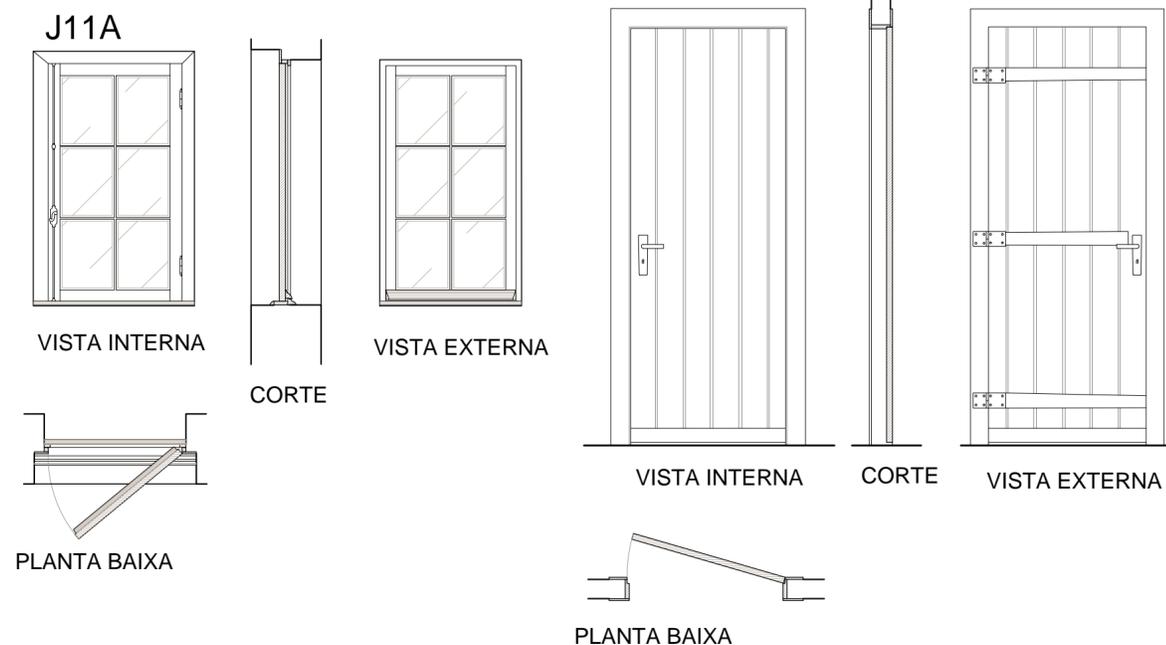
Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P04A	A-04	90	212	—	—	Porta envidraçada em madeira de uma folha de abrir, caixilharia com vidros texturizados e fachamento em fechadura e maçaneta.
P04B	A-04	79	220	—	—	Porta inteira, de uma folha de abrir e fachamento em fechadura com maçaneta.
P04C	A-04	65	200	—	—	Porta engradada em madeira de uma folha de abrir e fachamento em fechadura com maçaneta.
P05A	A-05	112	220	—	—	Porta envidraçada em madeira de uma folha de abrir, caixilharia com vidros texturizados e fachamento em fechadura e maçaneta.
J07B	A-07	113	131,2	87,8	—	Janela em ferro com caixilharia em vidros texturizados fixos e de aberturas basculantes. Pano de peito com baixos relevos.
P08A	A-08	297	230	—	—	Porta em ferro com caixilharia em vidros texturizados fixos e de aberturas basculantes. Baixos relevos no pano em ferro e fechadura em trinco.

<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	

A-10 SALA DE BANHO



A-11 BANHEIRO



A-12 CIRCULAÇÃO SERVIÇO

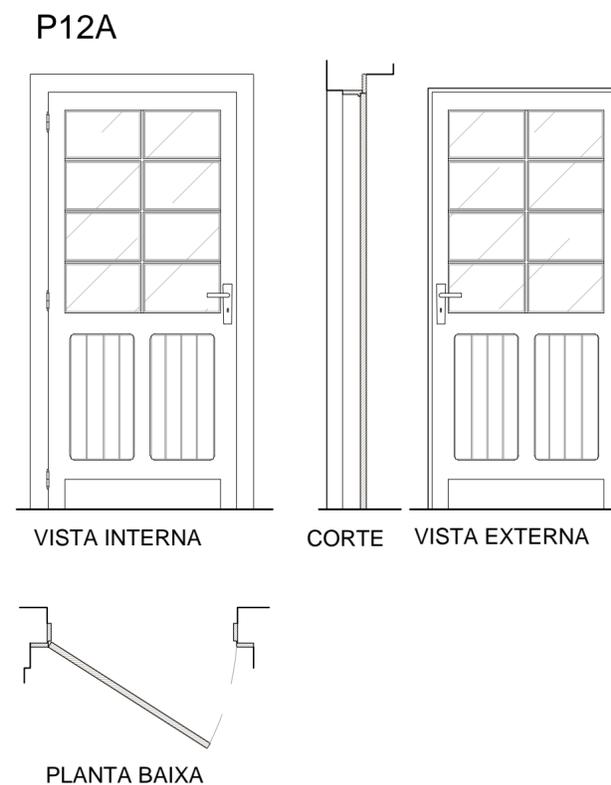


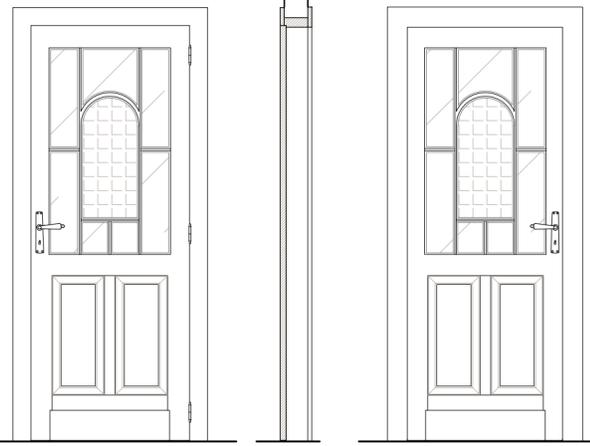
TABELA DE ESQUADRIAS (medidas gerais em centímetros)

Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P10A	A-10	78	209	—	—	Porta de calha em madeira com postigo em vidro jateado e fechamento com fechadura e maçaneta.
P10B	A-10	79	209	—	—	Porta de calha em madeira com postigo em vidro jateado e fechamento com fechadura e maçaneta.
P10C	A-10	108	215	—	—	Porta em madeira com caixilharia em vidro jateado e fechamento em fechadura com maçaneta.
P11A	A-11	78	209	—	—	Porta de calha em madeira com fechamento com fechadura e maçaneta.
J11A	A-11	83	125	126	—	Janela em madeira de uma folha de abrir, caixilharia com vidro texturizado e fechamento em cremona.
P12A	A-12	200	216	—	—	Porta em madeira com caixilharia em vidro e fechamento em fechadura com maçaneta.
V12A	A-12	94	209	—	—	Vão aberto com cunhais lisos em madeira sem guarnição.

 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMOS</p> <p>ARQUIVO: Levantamento de esquadrias.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Levantamento parcial de esquadrias Ambientes A-10, A-11, A-12</p> <p>ESCALA 1:25</p> <p>PRANCHA 04/15</p> <p>DATA 07/05/2021</p>

A-13 ANTIGA COPA

P13A

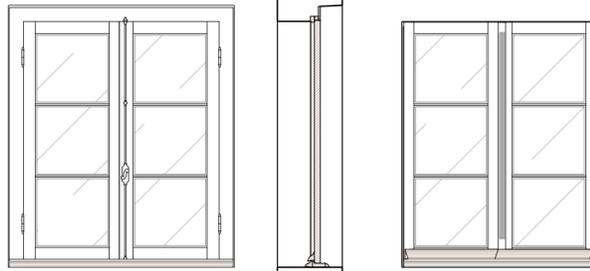


VISTA INTERNA CORTE VISTA EXTERNA

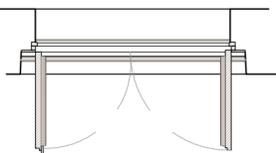


PLANTA BAIXA

J13A

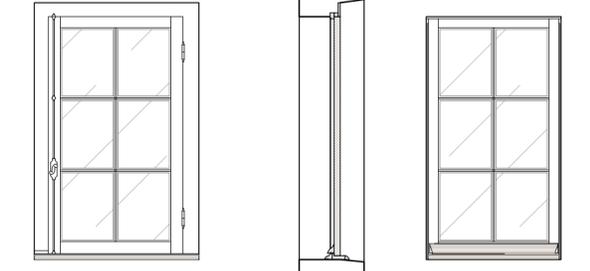


VISTA INTERNA CORTE VISTA EXTERNA

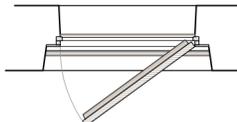


PLANTA BAIXA

J13B



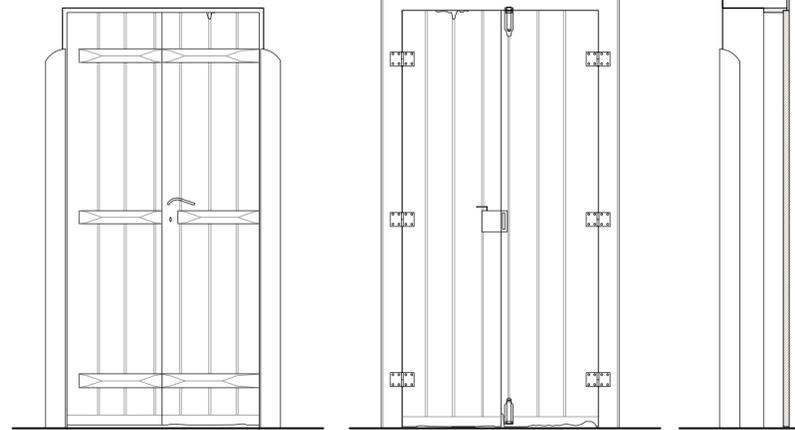
VISTA INTERNA CORTE VISTA EXTERNA



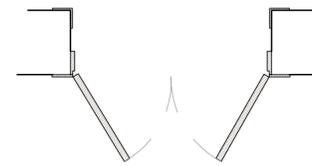
PLANTA BAIXA

A-15 COZINHA

P15A



VISTA CIRCULAÇÃO VISTA COZINHA CORTE



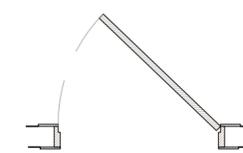
PLANTA BAIXA

A-14 ESCADA SERVIÇO

P14A

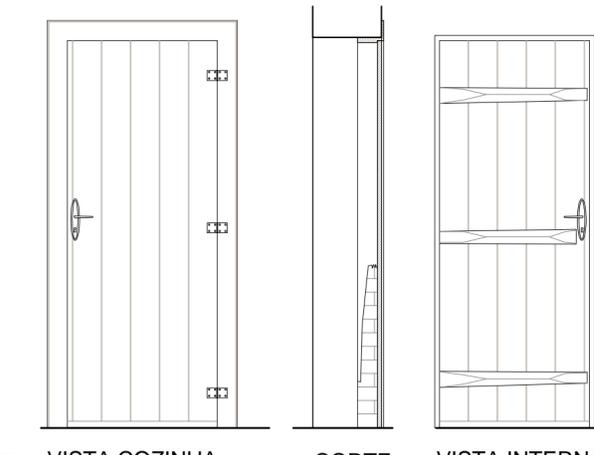


VISTA A-15 CORTE VISTA A-14

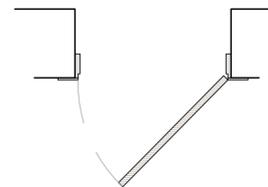


PLANTA BAIXA

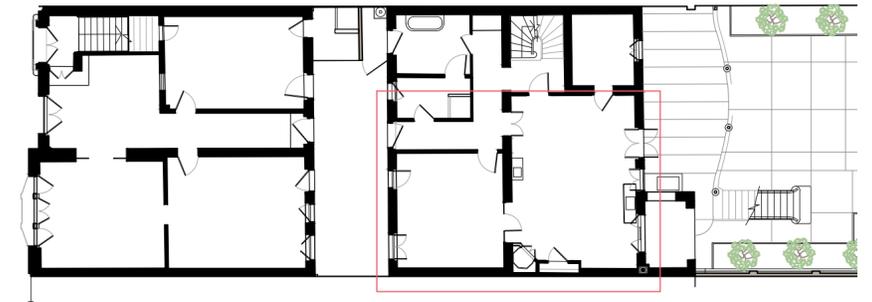
P15B



VISTA COZINHA CORTE VISTA INTERNA



PLANTA BAIXA



PLANTA BAIXA PORÃO

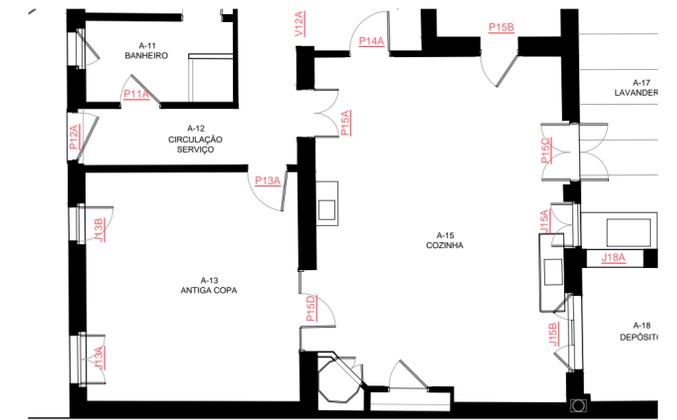


TABELA DE ESQUADRIAS (medidas gerais em centímetros)

Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P13A	A-13	80	207	—	—	Porta em madeira com uma folha de abrir, caixilharia em policarbonato com estampa e fechamento em fechadura com maçaneta.
J13A	A-13	113	131,2	87,8	—	Janela de duas folhas de abrir, caixilharia com vidro texturizado e fechamento em cremona.
J13B	A-13	84,5	131,2	87,5	—	Janela em madeira de uma folha de abrir, caixilharia com vidro texturizado e fechamento em cremona.
P14A	A-14	80	208	—	—	Porta em madeira com uma folha de abrir, caixilharia em vidro com estampa e fechamento em fechadura com maçaneta.
P15A	A-15	100	209	—	—	Porta de calha em madeira com duas folhas de abrir e fechamento com ferrolhos e fechadura.
P15B	A-15	78	195,3	—	—	Porta de calha em madeira com uma folha de abrir e fechamento com fechadura e maçaneta.
J18A	A-18	113	116,4	94,6	—	Vão de janela sem guarnição e fechamento. Acabamento em reboco crespado.
V18A	A-18	196,6	208	—	—	Vão de j porta sem guarnição e fechamento. Acabamento em reboco crespado.

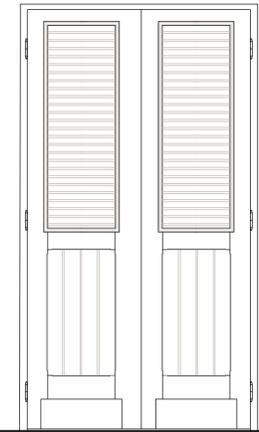
 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	

A-15 COZINHA

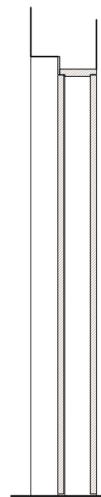
P15C



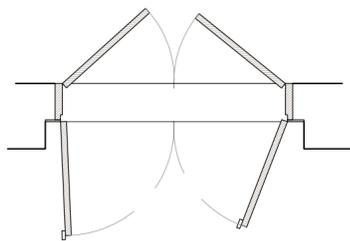
VISTA INTERNA
Tampo com caixilharia



VISTA EXTERNA



CORTE

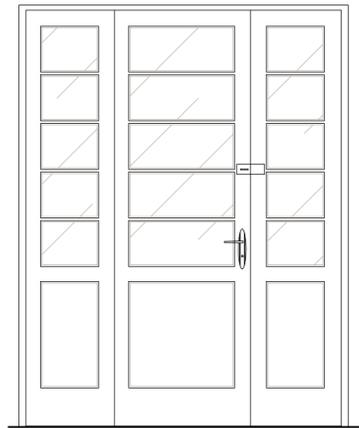


PLANTA BAIXA

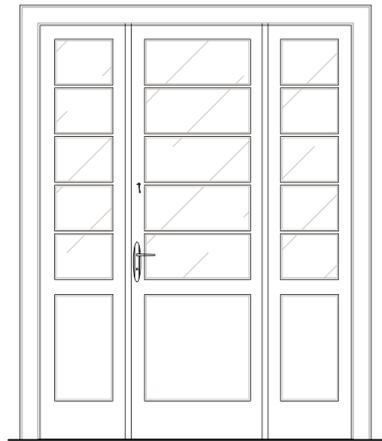


VISTA EXTERNA - ABERTA

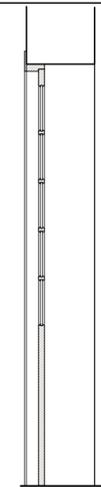
P15D



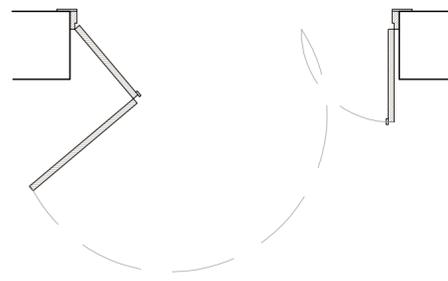
VISTA INTERNA



VISTA A-13

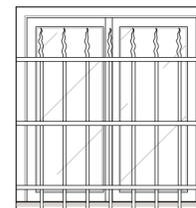


CORTE

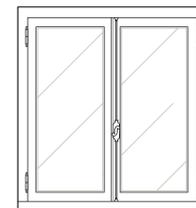


PLANTA BAIXA

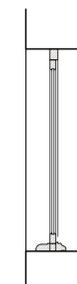
J15A



VISTA EXTERNA



VISTA INTERNA

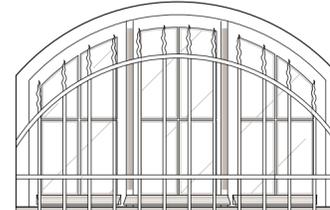


CORTE



PLANTA BAIXA

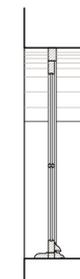
J15B



VISTA EXTERNA



VISTA INTERNA



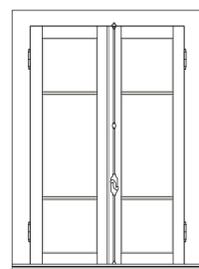
CORTE



PLANTA BAIXA

A-16 DESPENSA

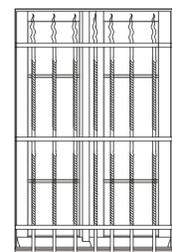
J16A



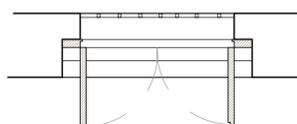
VISTA INTERNA



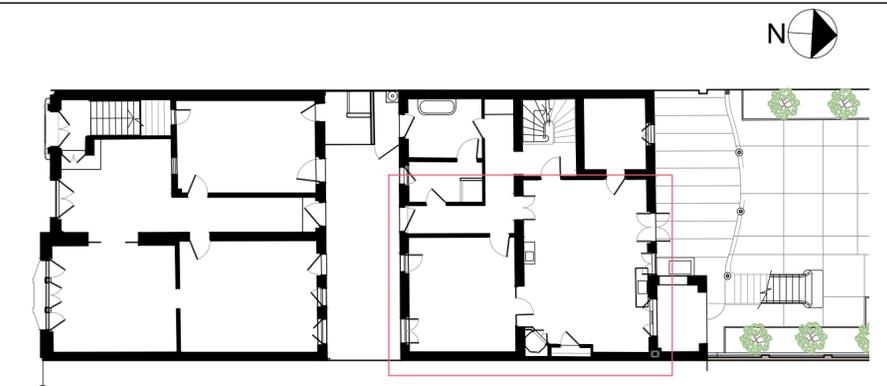
CORTE



VISTA EXTERNA



PLANTA BAIXA



PLANTA BAIXA PORÃO

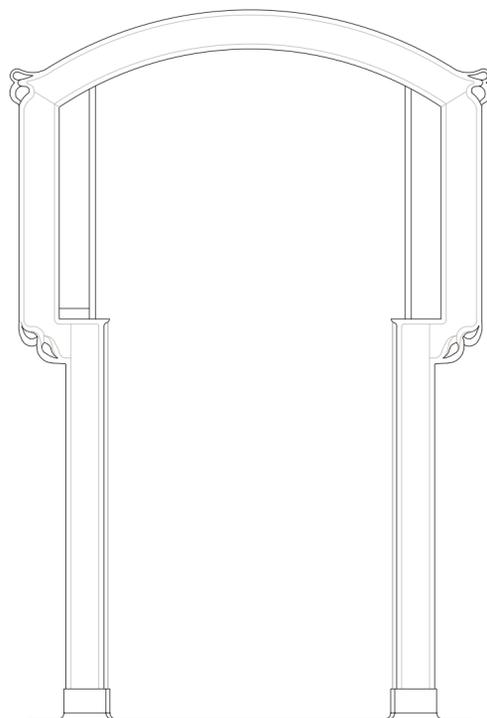


TABELA DE ESQUADRIAS (medidas gerais em centímetros)						
Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P15C	A-15	129,4	220	—	—	Porta dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a porta interna em vidraça e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.
P15D	A-15	165	211	—	—	Porta em madeira com três folhas de abrir, em vidraça, verga reta e fechamento em fechadura com maçaneta.
J15A	A-15	95	101,2	94	—	Janela em madeira, de duas folhas de abrir, caixilharia com vidro liso, verga reta e fechamento em cremona. Gradil externo em ferro forjado.
J15B	A-15	161,4	105,3	92	—	Janela em madeira com verga em arco abatido, de três folhas de abrir, caixilharia com vidro liso e fechamento em cremona. Gradil externo em ferro forjado.
J16A	A-16	95	132	97	—	Janela em madeira com verga reta, de duas folhas de abrir, caixilharia com vidro liso e fechamento em cremona. Gradil externo em ferro forjado.

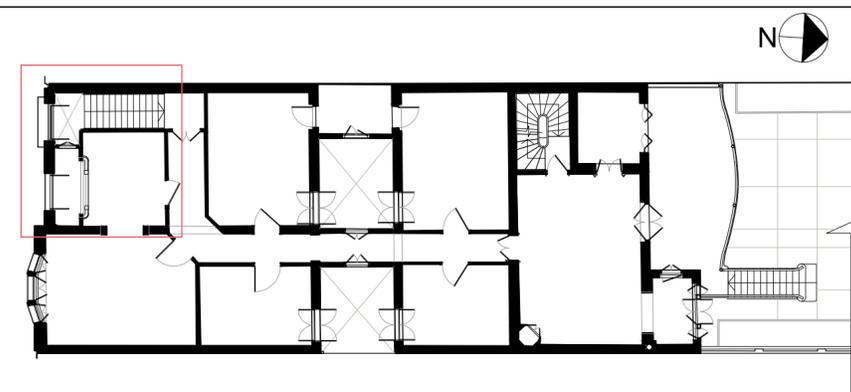
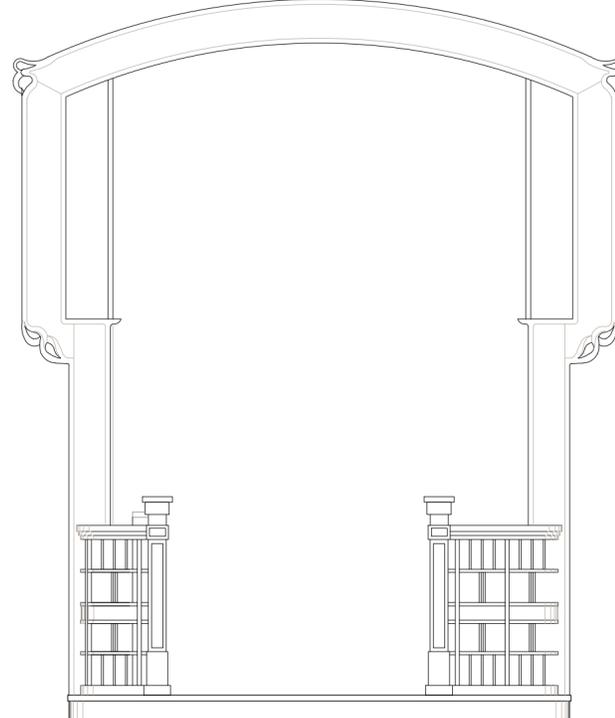
<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OL MOS</p> <p>ARQUIVO: Levantamento de esquadrias.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Levantamento parcial de esquadrias Ambientes A-15, A-16</p> <p>ESCALA 1:25</p> <p>PRANCHA 06/15</p> <p>DATA 07/05/2021</p>

A-19 SALA ESTAR

V19A



V19B



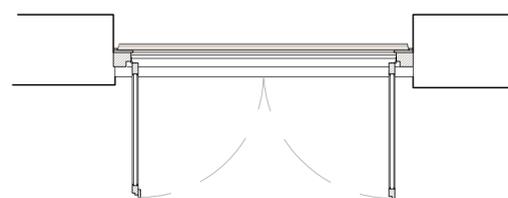
PLANTA BAIXA PORÃO



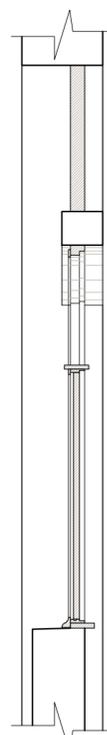
J19A



VISTA INTERNA

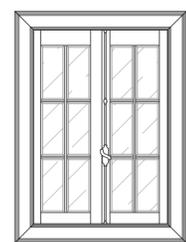


PLANTA BAIXA

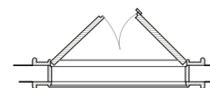


CORTE

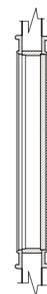
J19B



VISTA INTERNA



PLANTA BAIXA



CORTE

TABELA DE ESQUADRIAS (medidas gerais em centímetros)

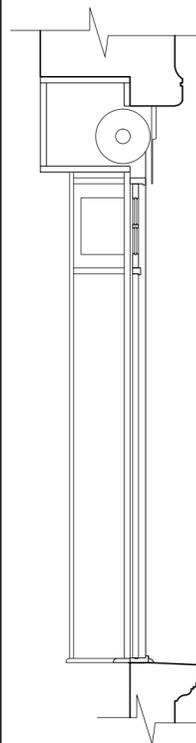
Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
V19A	A-19	191 155	340	—	—	Vão com guarnição e espelhos em madeira, emoldurados e com ornatos em relevo, representando a natureza. Verga em arco abatido.
V19B	A-19	253,5 206,5	328	—	—	Vão com guarnição e espelhos em madeira, emoldurados e com ornatos em relevo, representando a natureza. Verga em arco abatido. Acompanha peitoril em madeira ornamentado com motivos florais em relevo.
J19A	A-19	150	191,5 160	92	60x150	Janela em madeira com duas folhas de abrir, bandeira fixa em arco abatido caixilharia com vitrais coloridos, fechamento em ferrolhos (cremona). Rasgos com vitrais fixos acima da janela.
J19B	A-19	68	98	93	—	Janela de madeira, duas folhas de abrir, caixilharia com vidro liso, verga reta e fechamento em cremona.

 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	

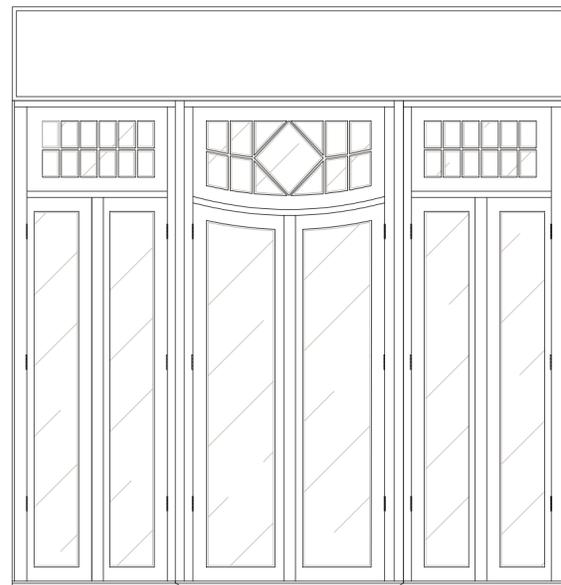


A-20 GABINETE

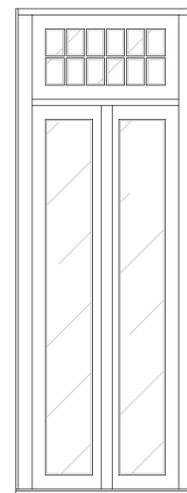
J20A/B/C



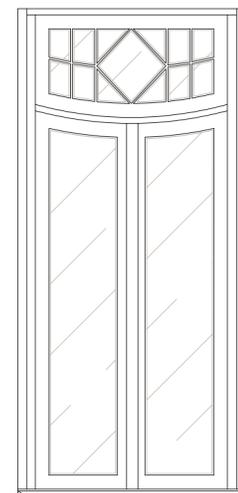
CORTE



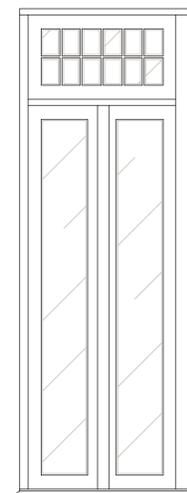
VISTA FRONTAL INTERNA



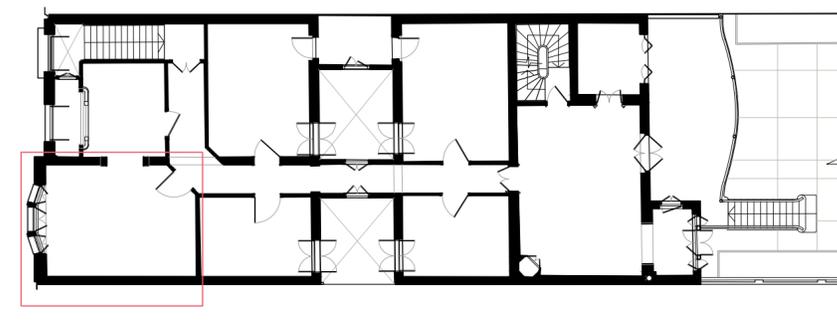
VISTA FL 1



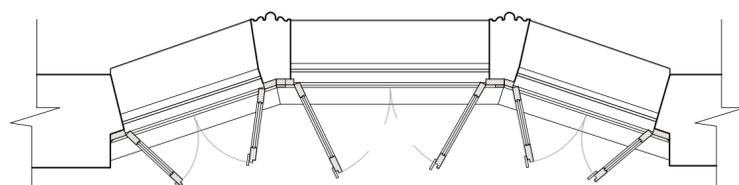
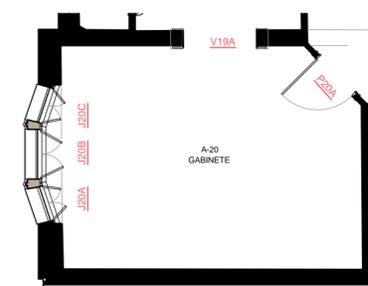
VISTA FL 2



VISTA FL 3



PLANTA BAIXA PORÃO

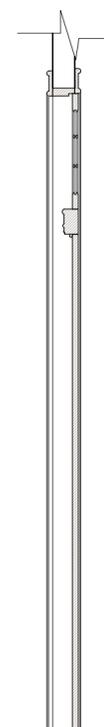


PLANTA BAIXA

P20A



VISTA EXTERNA



CORTE



VISTA INTERNA



PLANTA BAIXA

TABELA DE ESQUADRIAS (medidas gerais em centímetros)						
Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P20A	A-20	98	249	—	98x70	Porta em madeira, uma folha de abrir com caixilhos em vidros texturizados, bandeira fixa e fechamento em fechadura com maçaneta. Espelhos ornamentados em baixos relevos.
J20A	A-20	75	240	104	75x43	Janela em madeira, verga reta, duas folhas de abrir, caixilhos de vidro inteiriço, bandeira fixa, fechamento em ferrolhos. Compõe um conjunto de três janelas do vão tripartido.
J20B	A-20	100	240	104	100x42/52	Janela em madeira, verga em arco abatido, duas folhas de abrir, caixilhos de vidro inteiriço, bandeira fixa em arco abatido invertido, fechamento em cremonea. Compõe um conjunto de três janelas do vão tripartido.
J20C	A-20	75	240	104	75x43	Janela em madeira, verga reta, duas folhas de abrir, caixilhos de vidro inteiriço, bandeira fixa, fechamento em ferrolhos. Compõe um conjunto de três janelas do vão tripartido.

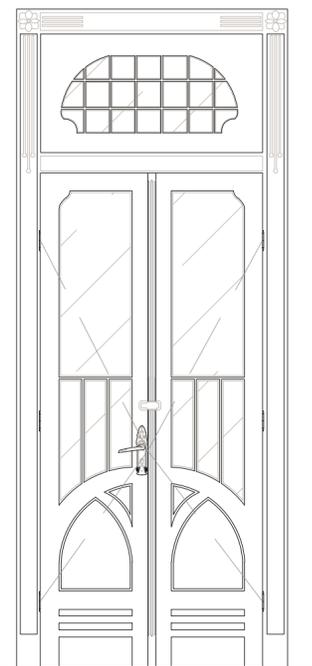
 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMOS</p> <p>ARQUIVO: Levantamento de esquadrias.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Levantamento parcial de esquadrias Ambiente A-20</p> <p>ESCALA 1:25</p> <p>DATA 07/05/2021</p>

A-21 CIRCULAÇÃO

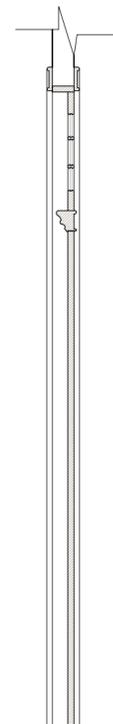
P21A



VISTA EXTERNA



VISTA INTERNA



CORTE

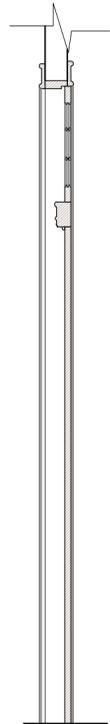


PLANTA BAIXA

P21B



VISTA EXTERNA



CORTE



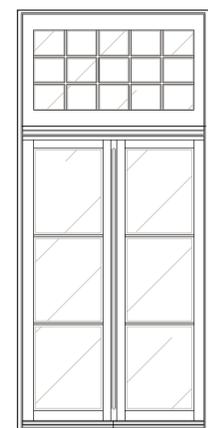
VISTA INTERNA



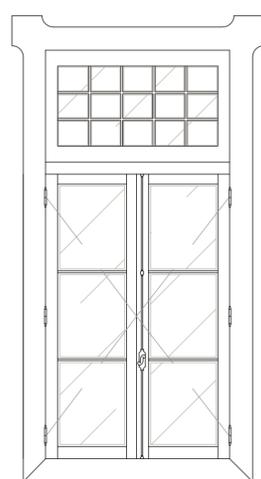
PLANTA BAIXA

A-25 CIRCULAÇÃO

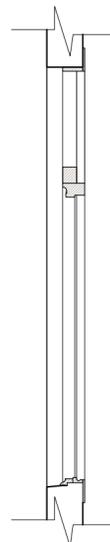
J25A



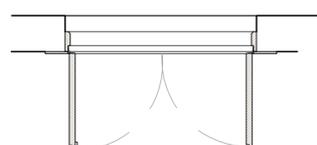
VISTA EXTERNA



VISTA INTERNA

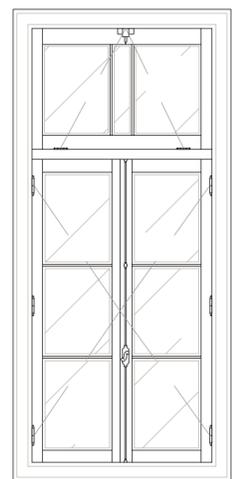


CORTE

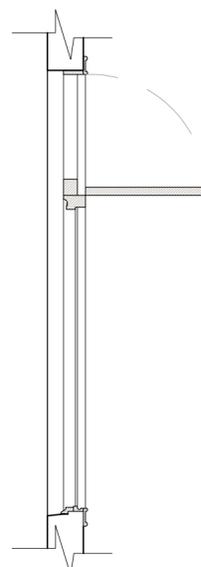


PLANTA BAIXA

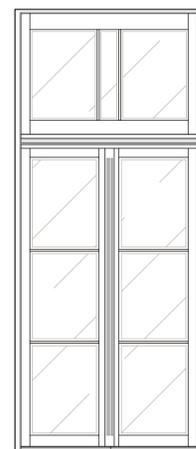
J25B



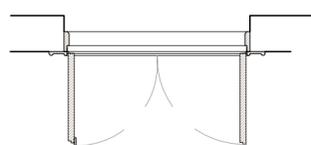
VISTA INTERNA



CORTE



VISTA EXTERNA



PLANTA BAIXA

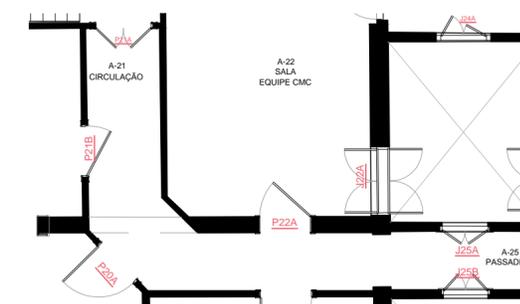
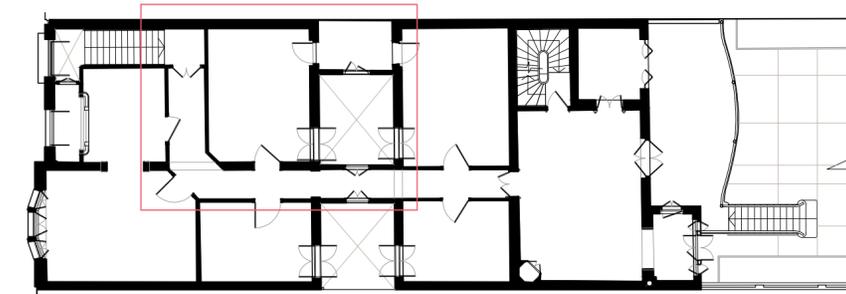


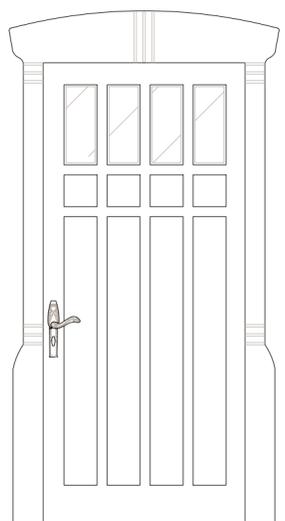
TABELA DE ESQUADRIAS

Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P21A	A-21	111	217	—	111x70	Porta em madeira, duas folhas de abrir com caixilhos em vidros texturizados, bandeira fixa e fechamento em fechadura com maçaneta. Espelhos ornamentados com baixos relevos.
P21B	A-21	98	217	—	98x70	Porta em madeira, uma folha de abrir com caixilhos em vidros texturizados, bandeira fixa e fechamento em fechadura com maçaneta. Espelhos ornamentados com baixos relevos.
J25A	A-25	90	140	101	90x71	Janela em madeira, duas folhas de abrir, caixilharia em vidro liso, verga reta com bandeira fixa.
J25B	A-25	88	150	102	88x62	Janela em madeira, duas folhas de abrir, caixilharia em vidro liso, verga reta com bandeira móvel. Espelhos com baixo relevo.

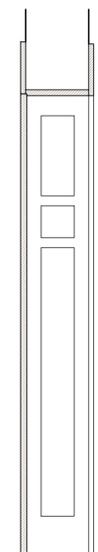
<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	

A-22 SALA EQUIPE CMC

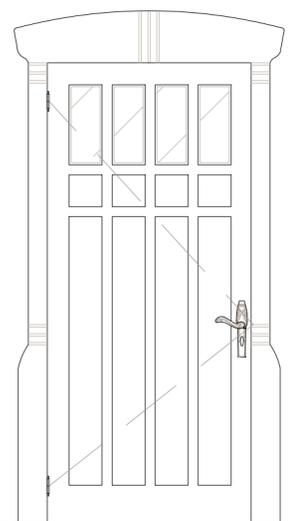
P22A



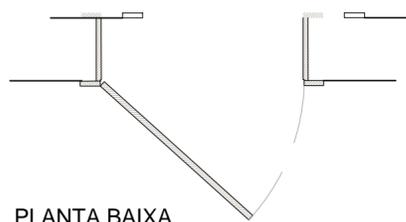
VISTA EXTERNA



CORTE

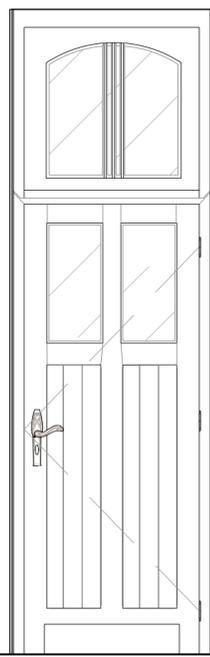


VISTA INTERNA

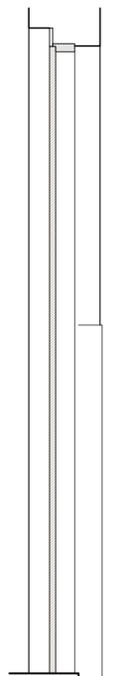


PLANTA BAIXA

P22B



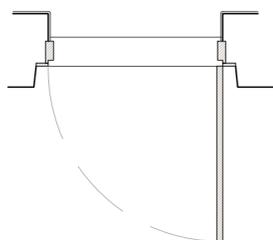
VISTA INTERNA



CORTE

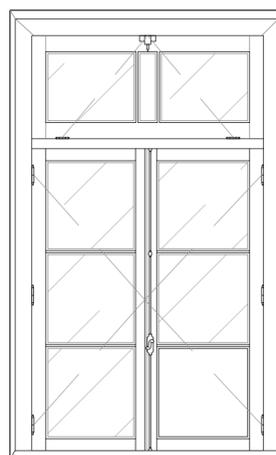


VISTA EXTERNA

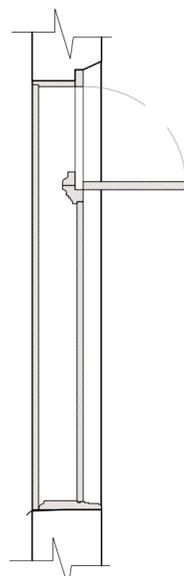


PLANTA BAIXA

J22A



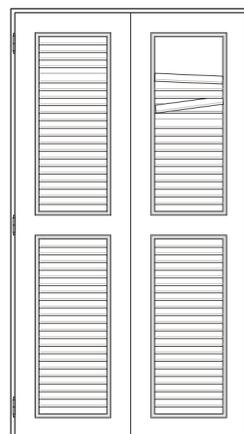
VISTA INTERNA
Tamos em caixilharia



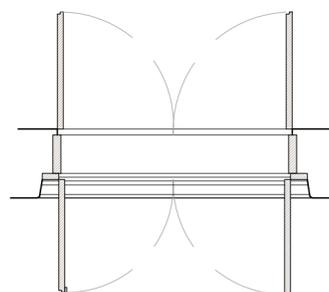
CORTE



VISTA EXTERNA



VISTA EXTERNA
Tamos venezianados



PLANTA BAIXA

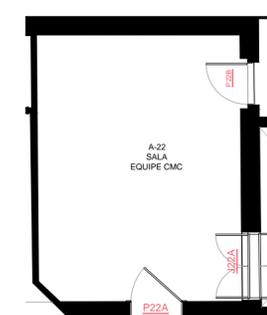
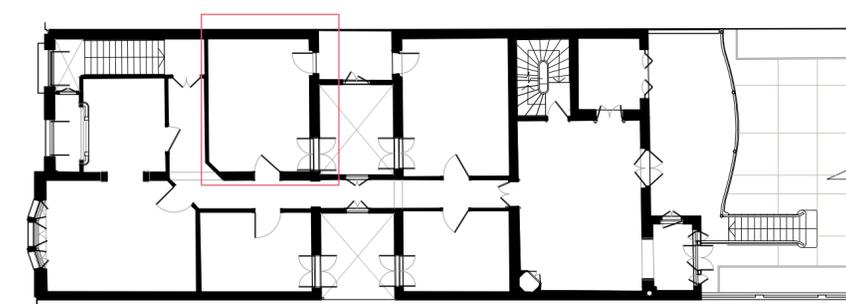


TABELA DE ESQUADRIAS

Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P22A	A-22	103	230	—	—	Porta em madeira, uma folha de abrir com caixilhos em vidros texturizados e fechamento em fechadura com maçaneta. Espelhos curvos ornamentados com frisos horizontais.
P22B	A-22	82	224	—	82x86	Porta em madeira, uma folha de abrir com caixilhos em vidros texturizados, bandeira fixa e fechamento em fechadura com maçaneta.
J22A	A-22	111	151	95	111x62	Janela dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a interna em caixilharia com bandeira móvel e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.



MP-CECRE

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

**CADASTRO
CASA GODOY
PORTO ALEGRE/RS**



ARQUITETA:
ADRIANA AUGUSTO NEVES

ORIENTADOR(A):
SUSANA ACOSTA OL MOS

ARQUIVO:
Levantamento de esquadrias.dwg

CONTEÚDO
Levantamento parcial de esquadrias
Ambiente A-22

ESCALA
1:25

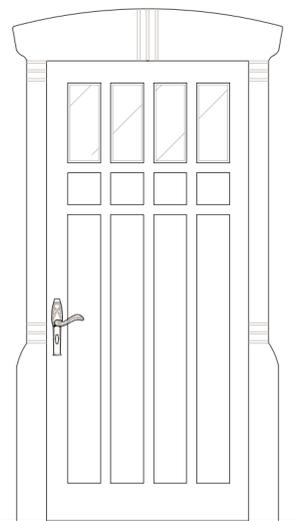
DATA
07/05/2021

PRANCHA

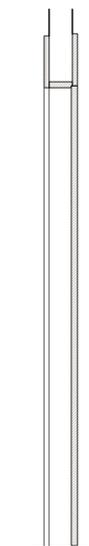
10/15

A-23 SALA COORDENAÇÃO

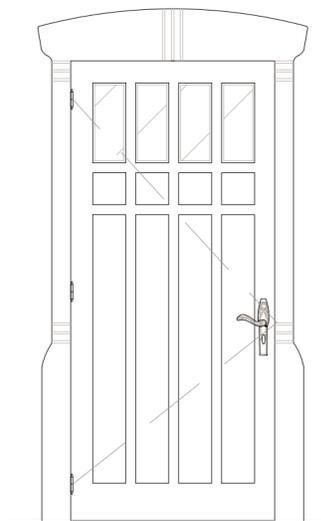
P23A



VISTA EXTERNA



CORTE

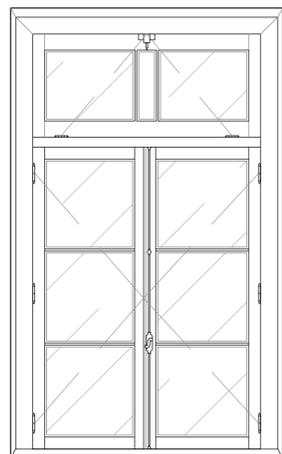


VISTA INTERNA

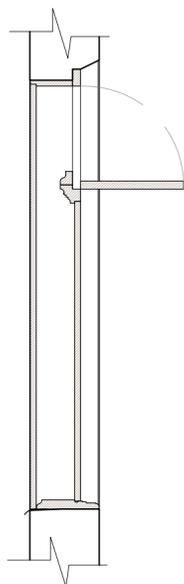


PLANTA BAIXA

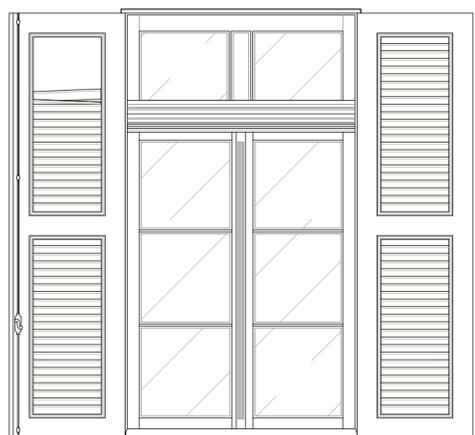
J23A



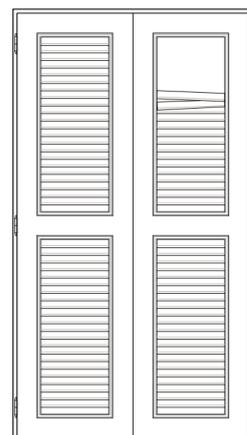
VISTA INTERNA
Tampos com caixilharia



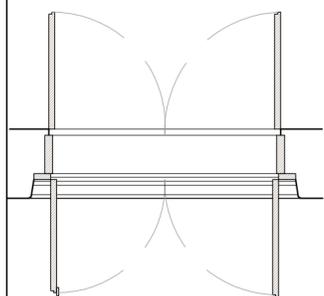
CORTE



VISTA EXTERNA



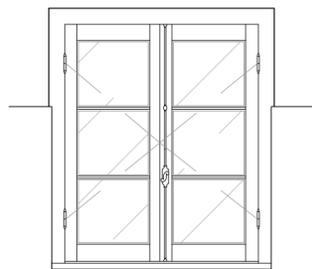
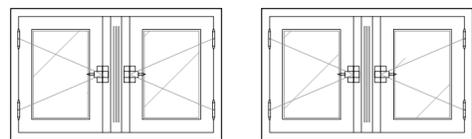
VISTA EXTERNA
Tampos venezianados



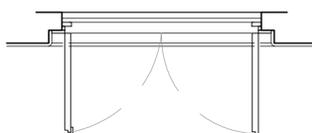
PLANTA BAIXA

A-24 SALA DE BANHO

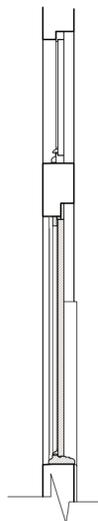
J24A/J24B



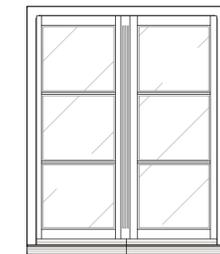
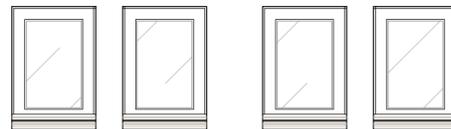
VISTA INTERNA



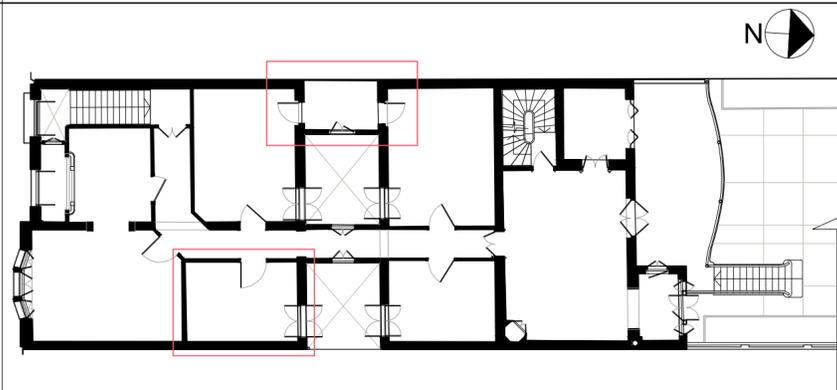
PLANTA BAIXA



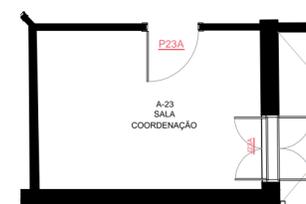
CORTE



VISTA EXTERNA



PLANTA BAIXA PORÃO



P23A

A-23
SALA
COORDENAÇÃO



A-24

SALA DE BANHO

TABELA DE ESQUADRIAS

Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P23A	A-23	103	230	—	—	Porta em madeira, uma folha de abrir com caixilhos em vidros texturizados e fechamento em fechadura com maçaneta. Espelhos curvos ornamentados com frisos horizontais.
J23A	A-23	112	150	101	112x62	Janela dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a interna em caixilharia com bandeira móvel e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.
J24A	A-24	110	127	104	—	Janela em madeira, duas folhas de abrir, caixilharia em vidro texturizado colorido, verga reta.
J24B 4x	A-24	46	66	250	—	Quatro Janelas em madeira, uma folha de abrir, caixilho em vidro colorido texturizado, verga reta.



MP-CECRE

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

**CADASTRO
CASA GODOY
PORTO ALEGRE/RS**



ARQUITETA:
ADRIANA AUGUSTO NEVES

ORIENTADOR(A):
SUSANA ACOSTA OLMOS

ARQUIVO:
Levantamento de esquadrias.dwg

CONTEÚDO
Levantamento parcial de esquadrias
Ambiente A-23, A-24

ESCALA
1:25

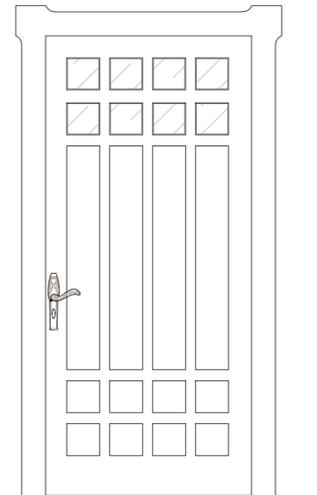
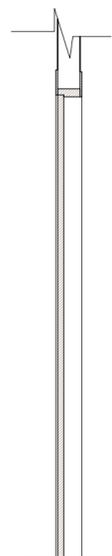
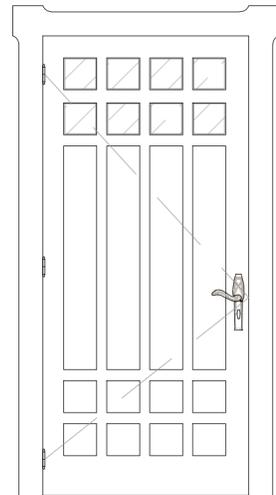
DATA
07/05/2021

PRANCHA

11/15

A-26 SALA 3

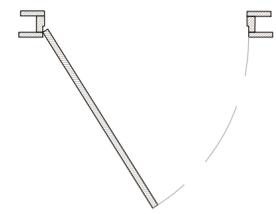
P26A



VISTA INTERNA

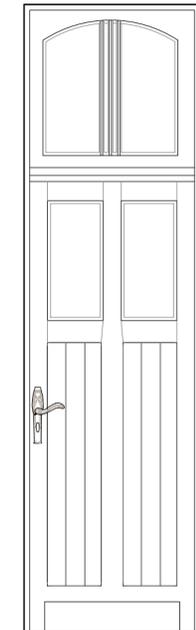
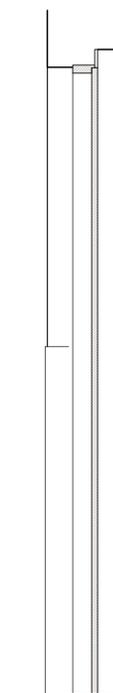
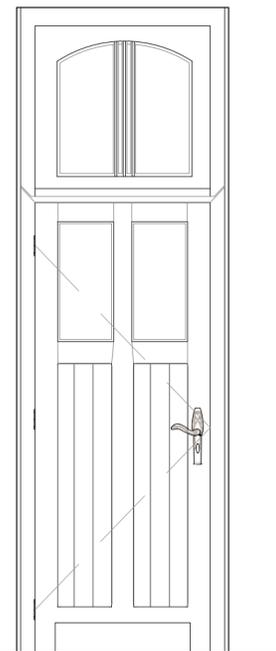
CORTE

VISTA EXTERNA



PLANTA BAIXA

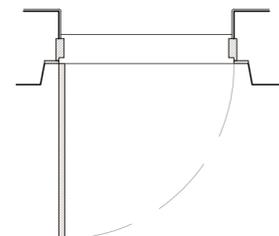
P26B



VISTA INTERNA

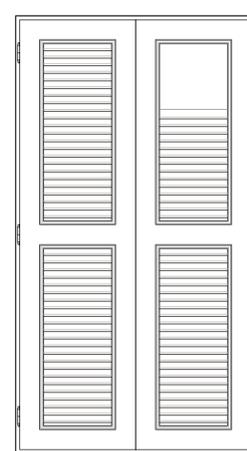
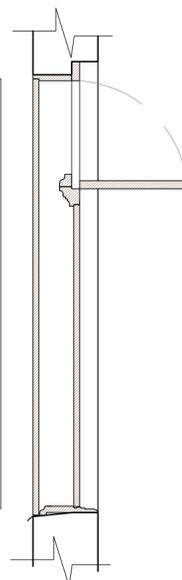
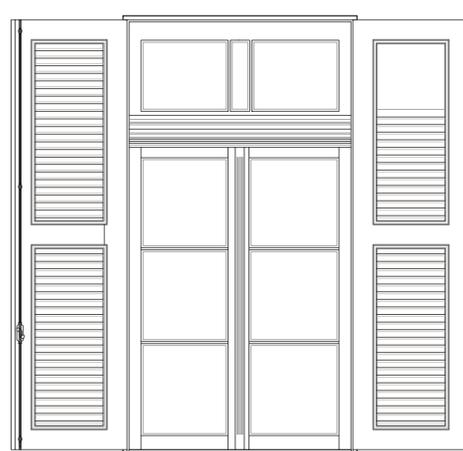
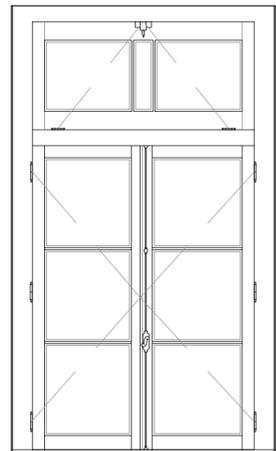
CORTE

VISTA EXTERNA



PLANTA BAIXA

J26A

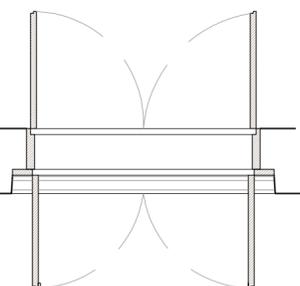


VISTA INTERNA
Tampos em caixilharia

VISTA EXTERNA

CORTE

VISTA EXTERNA
Tampos venezianados



PLANTA BAIXA

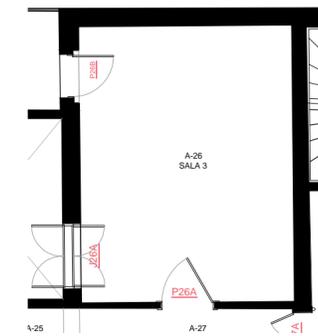
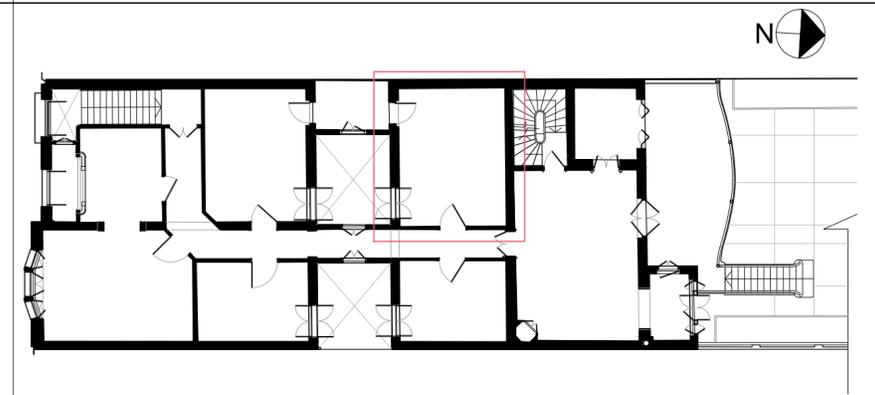


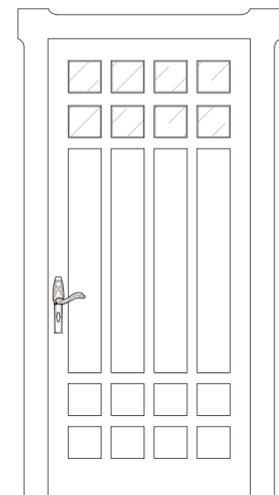
TABELA DE ESQUADRIAS

Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P26A	A-26	102	230	—	—	Porta em madeira, uma folha de abrir com caixilhos em vidros texturizados e fechamento em fechadura com maçaneta.
P26B	A-26	111	151	95	111x62	Porta em madeira, uma folha de abrir com caixilhos em vidros texturizados, bandeira fixa e fechamento em fechadura com maçaneta.
J26A	A-26	82	224	—	82x86	Janela dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a interna em caixilharia com bandeira móvel e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.

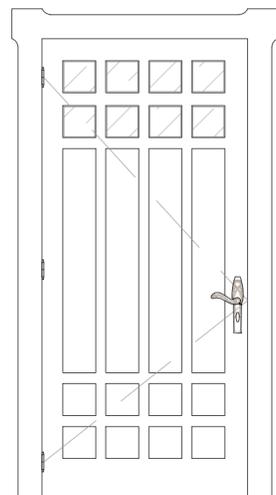
<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	

A-28 SALA 4

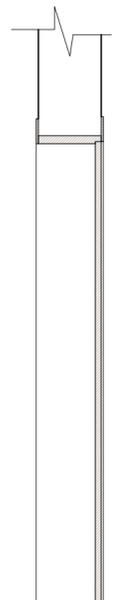
P28A



VISTA EXTERNA



VISTA INTERNA



CORTE

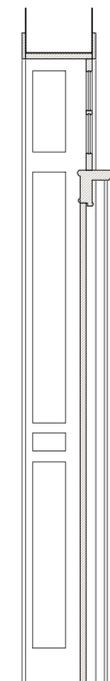


PLANTA BAIXA

P27A



VISTA EXTERNA



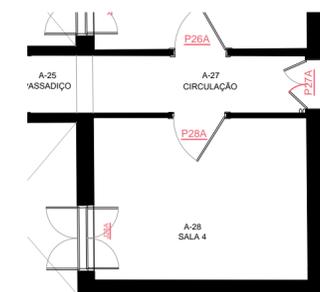
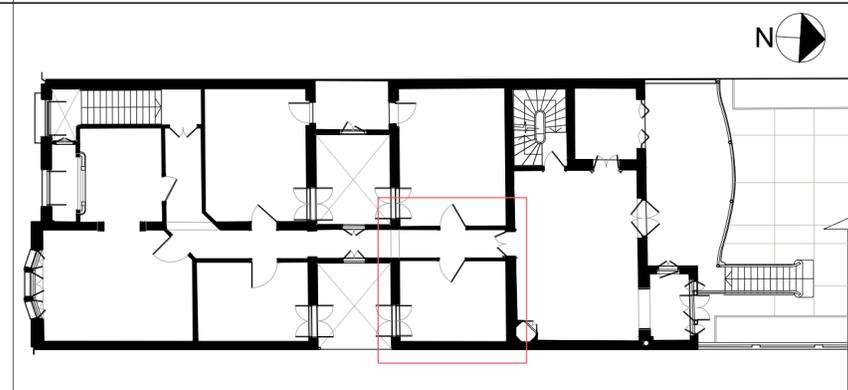
CORTE



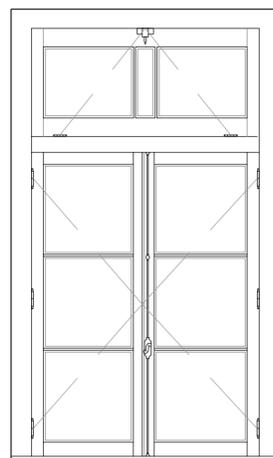
VISTA INTERNA



PLANTA BAIXA



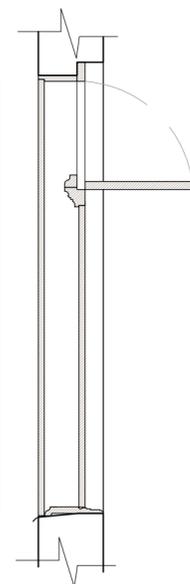
J28A



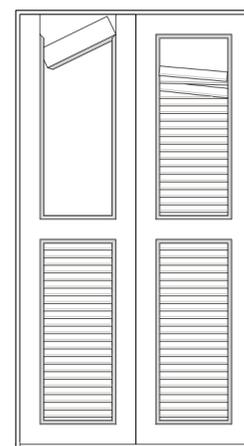
VISTA INTERNA
Tampos em caixilharia



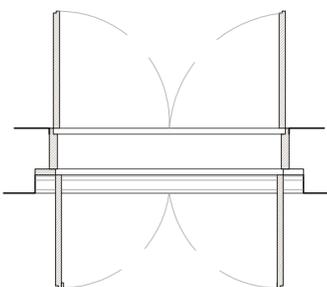
VISTA EXTERNA



CORTE



VISTA EXTERNA
Tampos venezianados



PLANTA BAIXA

Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P27A	<u>A-27</u>	100	314	—	100x55,6	Porta em madeira, duas folhas de abrir com caixilhos em vidros texturizados, bandeira fixa e fechamento em fechadura com maçaneta. Espelhos ornamentados com baixos relevos.
P28A	<u>A-28</u>	100	231	—	—	Porta em madeira, uma folha de abrir com caixilhos em vidros texturizados e fechamento em fechadura com maçaneta.
J28A	<u>A-28</u>	114	152	101	114x62	Janela dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a interna em caixilharia com bandeira móvel e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.

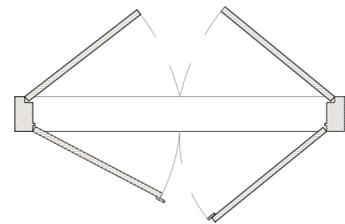
 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>		
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p> <p>ARQUIVO: Levantamento de esquadrias.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Levantamento parcial de esquadrias Ambiente A-28</p> <p>ESCALA 1:25</p> <p>DATA 07/05/2021</p>	

A-29 SALA DE JANTAR

P29A



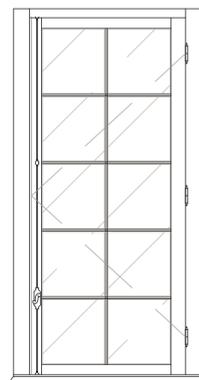
VISTA INTERNA
Tampos com caixilharia



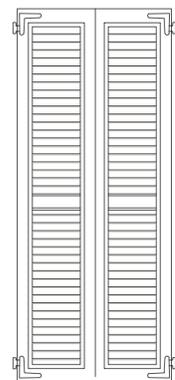
PLANTA BAIXA

A-32 SALETA

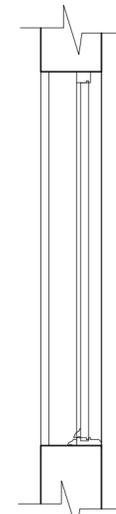
J32A



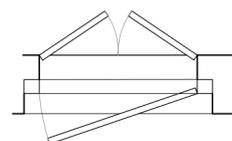
VISTA INTERNA



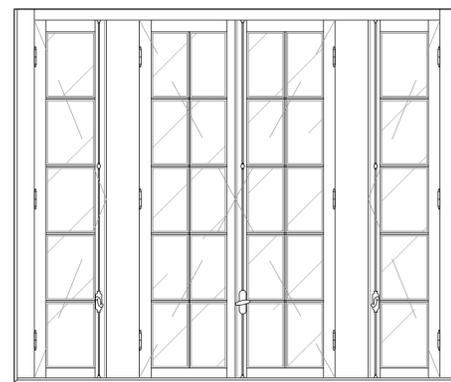
VISTA EXTERNA



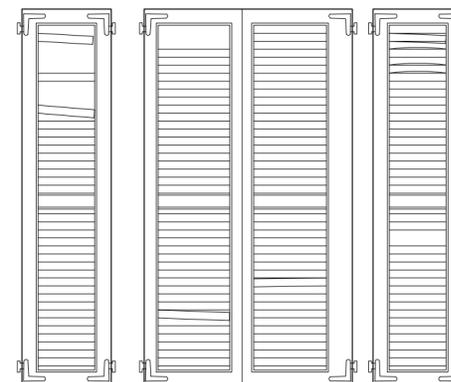
CORTE



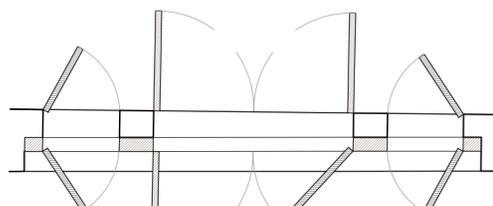
J32B J32C J32D



VISTA INTERNA



VISTA EXTERNA



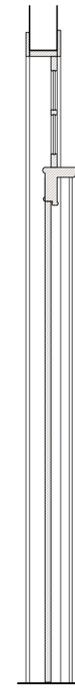
PLANTA BAIXA

A-14 ESCADA SERVIÇO

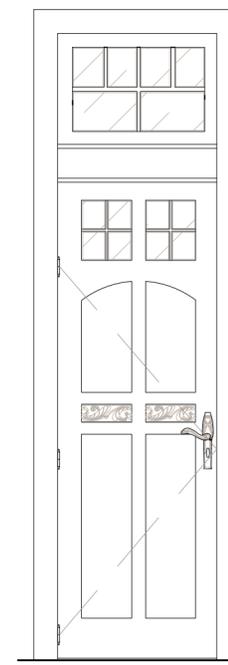
P14B



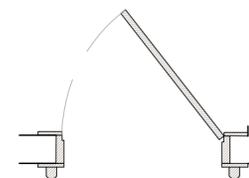
VISTA EXTERNA



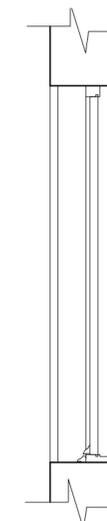
CORTE



VISTA INTERNA



PLANTA BAIXA



CORTE

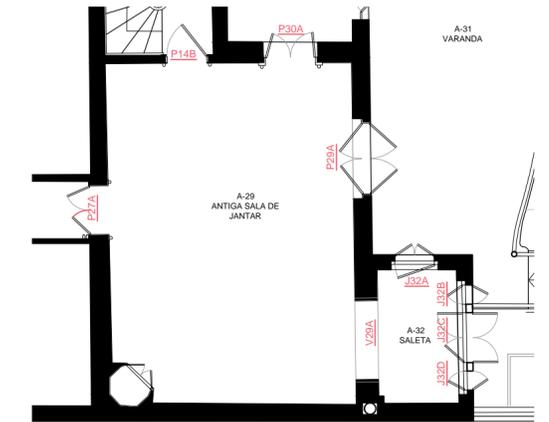
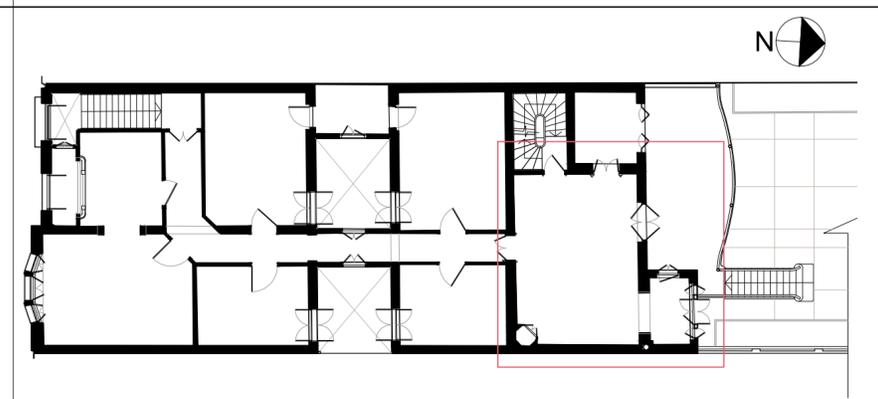


TABELA DE ESQUADRIAS

Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P14B	A-14	82	317	—	82x55,5	Porta em madeira, duas folhas de abrir com caixilhos em vidros texturizados, bandeira fixa e fechamento em fechadura com maçaneta. Espelhos ornamentados com baixos relevos.
P29A	A-29	147	256	—	147x23-55	Porta dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a porta interna em vidro e a externa venezianada. Verga em arco elíptico e fechamento em cremona.
V29A	A-29	165	264-287	—	—	Vão em arco elíptico guarnecido por boiserias até a altura de 2 metros.
J32A	A-32	78	180	102	—	Janela dupla em madeira, sendo a interna em caixilharia com uma folha de abrir e a externa com duas folhas venezianadas. Verga reta e fechamento em cremona.
J32B	A-32	36	180	102	—	Janela dupla em madeira com uma folha de abrir, sendo a interna em caixilharia e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.
J32C	A-32	100	180	102	—	Janela dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a interna em caixilharia e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.
J32D	A-32	36	180	102	—	Janela dupla em madeira com uma folha de abrir, sendo a interna em caixilharia e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.

 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	

A-30 JARDIM DE INVERNO

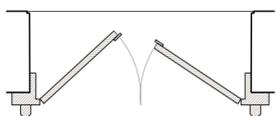
P30A



VISTA INTERNA

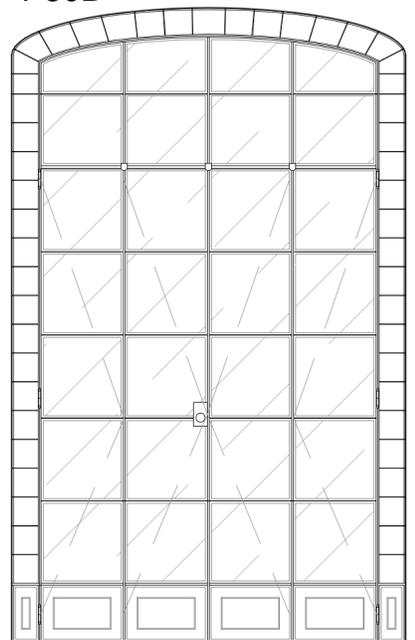
CORTE

VISTA EXTERNA

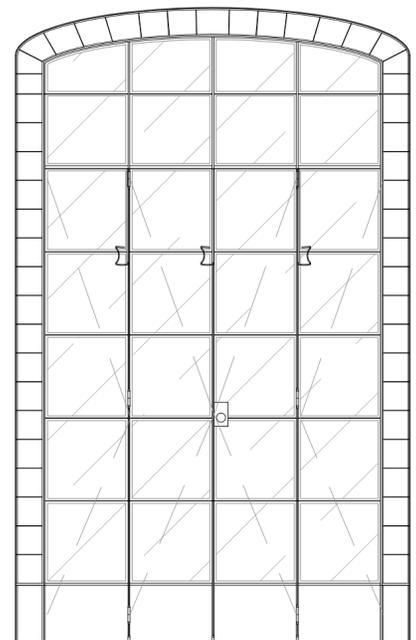


PLANTA BAIXA

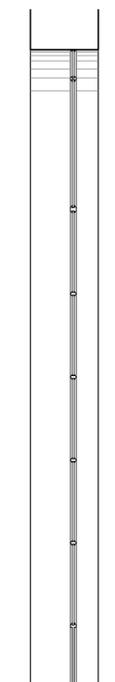
P30B



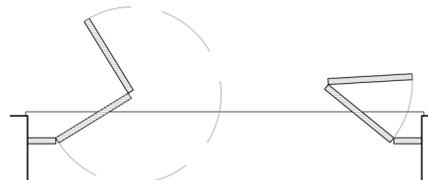
VISTA EXTERNA



VISTA INTERNA



CORTE



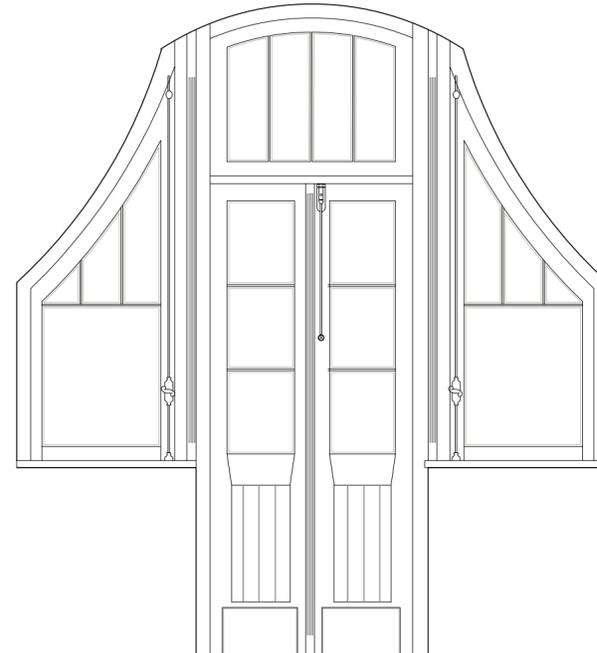
PLANTA BAIXA

A-35 SÓTÃO

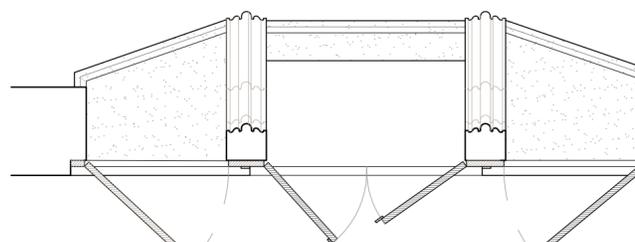
J35B

P35B

J35A



VISTA INTERNA



PLANTA BAIXA

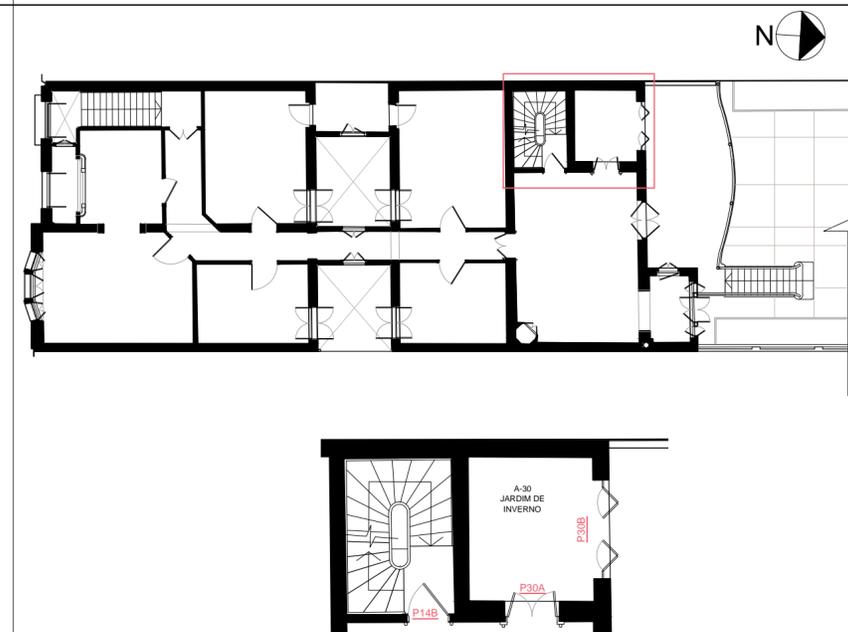


TABELA DE ESQUADRIAS

Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoril	Bandeira	Descrição
P30A	A-30	100	317	—	100x55,6	Porta em madeira, duas folhas de abrir com caixilhos em vidros texturizados, bandeira fixa e fechamento em fechadura com maçaneta. Espelhos ornamentados com baixos relevos.
P30B	A-30	197	322	—	—	Porta envidraçada em ferro, quatro folhas de abrir com caixilhos em vidros lisos. Vidros coloridos e texturizados fixos, verga em arco elíptico e fechamento em fechadura e ferrolho.
P33A	A-33	74	198	—	—	Porta envidraçada em madeira com caixilho de vidros texturizados, verga reta e fechamento com fechadura e maçaneta.
P34A	A-34	80	204	—	—	Vão de porta com ausência de folha, verga reta, guarnição e espelhos em madeira.
P34B	A-34	79	206	—	—	Porta em madeira com caixilho, verga reta e fechamento com fechadura e maçaneta.
J34A	A-34	82	97	120	—	Janela dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a interna em caixilharia e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.
J34B	A-34	82	97	120	—	Janela dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a interna em caixilharia e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.
J34C	A-34	82	97	120	—	Janela dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a interna em caixilharia e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.
J34D	A-34	82	97	120	—	Janela dupla em madeira com duas folhas de abrir, sendo a interna em caixilharia e a externa venezianada. Verga reta e fechamento em cremona.
P35A	A-35	79	218	—	—	Porta em madeira com caixilho, verga reta e fechamento com fechadura e maçaneta.
P35B	A-35	101,3	237	—	101,3x68-78	Porta envidraçada em madeira, duas folhas de abrir com caixilhos em vidros lisos. Verga em arco interrompido composto de mais duas janelas, bandeira fixa e fechamento em ferrolhos.
J35A	A-35	72	86-197	—	—	janela envidraçada em madeira, uma folha de abrir com caixilhos em vidros lisos. Verga em arco interrompido com fechamento em ferrolhos.
J35B	A-35	72	86-197	—	—	janela envidraçada em madeira, uma folha de abrir com caixilhos em vidros lisos. Verga em arco interrompido com fechamento em ferrolhos.

 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	



FIGURA-FUNDO
ESCALA 1/2000

ESCALA GRÁFICA (em metros)
0 10 50 100



ATIVIDADES E USOS
ESCALA 1/2000

ESCALA GRÁFICA (em metros)
0 10 50 100



- LEGENDA (em metros)**
- acima de 50 m
 - 46-50 m
 - 41-45 m
 - 36-40 m
 - 31-35 m
 - 26-30 m
 - 21-25 m
 - 16-20 m
 - 11-15 m
 - 0-10 m

DADOS TÉCNICOS

Densidade bruta 5 - Área de Ocupação Intensiva
Predominantemente residencial, Mistas, Prodominantemente produtiva
Solo Privado/Criado: 350 habitantes/ha - 100 economias/ha
Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. In Lei 434/99: Anexo 4, pp 379
Atividade 15.5 - Área de Interesse Cultural, Mista 2
Atividades proibidas: Comércio Atacadista e serviços de Interferência Ambiental de nível 3 que são aqueles que se configuram em revendas de gás, indústrias pesadas, frigoríficos. Bem como grandes depósitos, empresas de dedetização, entre outros.
Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Lei 434/99: Anexo 5, pp 383 à 390.
Aproveitamento:
Índice de aproveitamento mínimo de 1, máximo de 2, com possibilidade de transferência de potencial construtivo e quota ideal de 75 m²
Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Lei 434/99: Anexo 6, pp 401
Volumetria 08
Altura máxima permitida é de 9 metros na base, com aproveitamento de 90% do terreno, mais 18 metros no corpo, com aproveitamento de 75%
Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Lei 434/99: Anexo 7, pp 404.



LEGENDA

- COMÉRCIO E SERVIÇOS
- RESIDENCIAL
- RESIDENCIAL E COMÉRCIO/SERVIÇOS
- SERVIÇOS
- INSTITUCIONAL
- PARQUES E PRAÇAS

OBSERVAÇÕES

- Área de ocupação intensiva e de interesse cultural, a Avenida Independência se desenvolve como uma via arterial de segundo nível. Pois está muito próxima ao centro de Porto Alegre e faz ligação com a zona norte, reunindo importantes equipamentos como hospitais, escolas e setores da prefeitura.
- Os edifícios altos foram aparecendo desde a década de 1950. Período de crescimento da região que afastou a burguesia de seus casarões ao longo da avenida.
- As alturas das edificações variam entre 7 e 52 metros.
- Há intensa atividade de comércio e serviços em dias úteis no horário comercial. Nos finais de semana se torna um local calmo.
- O fluxo de veículos é intenso, no sentido único para todos os veículos e uma pista para transporte público no contrafluxo.
- Largura do logradouro: 24 metros
- Largura do Passeio: de 3 a 6 metros

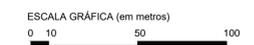
 MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS
	CONTEÚDO Uso e ocupação do solo Avenida Independência
ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES	PRANCHA 01/05
ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO	
ARQUIVO: Casa Godoy_pertis.dwg	ESCALA Indicada DATA 07/05/2021



LEGENDA

- BENS TOMBADOS NÍVEL FEDERAL
- BENS TOMBADOS NÍVEL MUNICIPAL
- BENS INVENTARIADOS - ESTRUTURAÇÃO
- BENS INVENTARIADOS - COMPATIBILIZAÇÃO

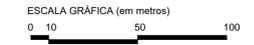
BENS DE INTERESSE HISTÓRICO E CULTURAL
ESCALA 1/2000



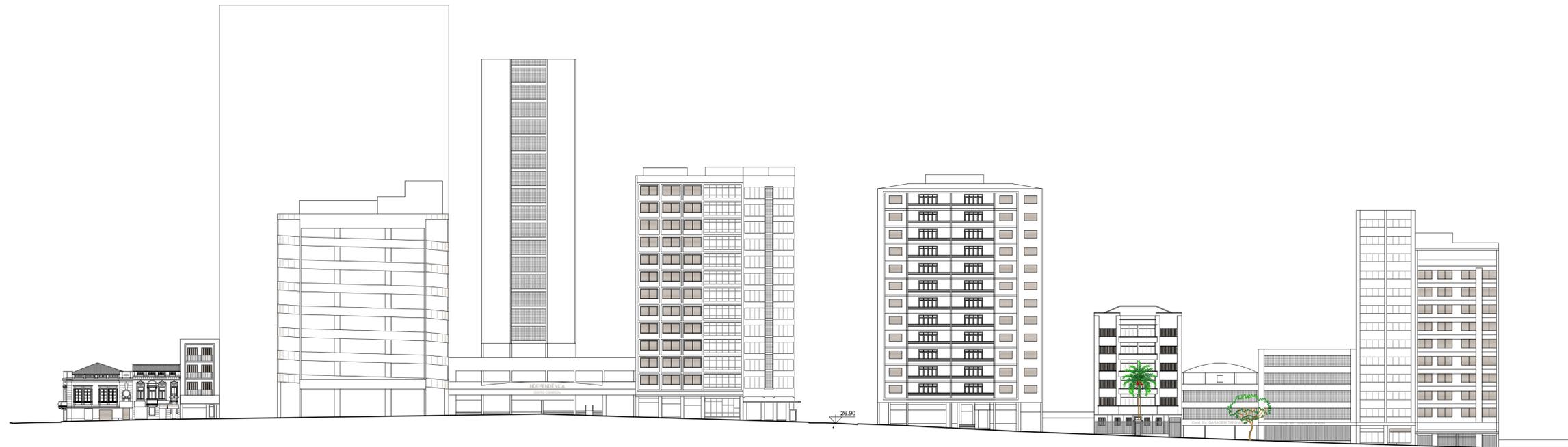
LEGENDA

- DE 4 A 12 METROS
- DE 13 A 24 METROS
- DE 24 A 33 METROS
- DE 34 A 52 METROS

GABARITOS
ESCALA 1/2000



 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY Avenida Independência</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMS</p> <p>ARQUIVO: Casa Godoy_perfis.dwg</p>	

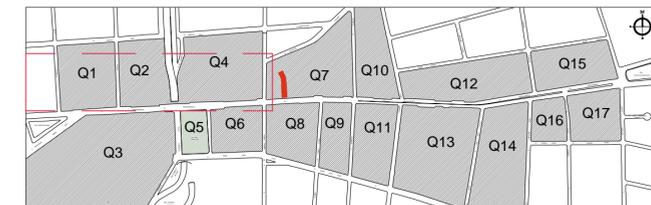


VISTA SUL: Q1

Entre as Ruas Pinto Bandeira e Coronel Vicente
ESCALA 1/500

VISTA SUL: Q2

Entre a Rua Coronel Vicente e Viaduto da Conceição
ESCALA 1/500

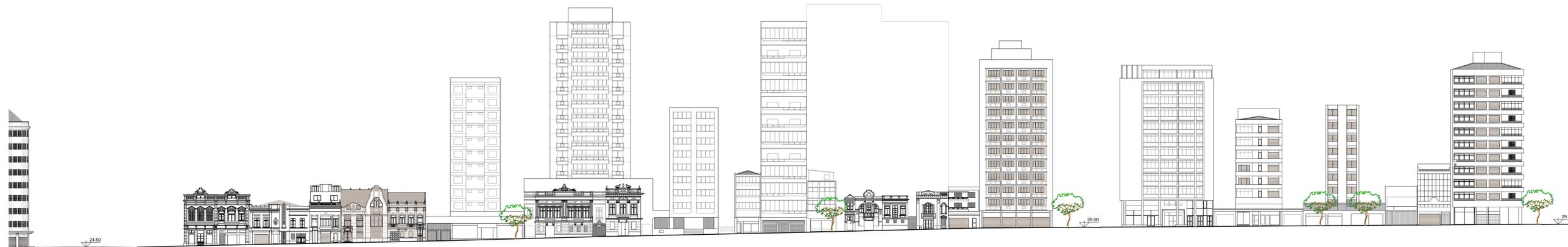


VISTA SUL: Q4

Entre o Viaduto da Conceição e Rua Barros Cassal
ESCALA 1/500

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 500 1000 1500 2000

 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OL MOS</p> <p>ARQUIVO: Casa Godoy_perfis.dwg</p>	



VISTA SUL: Q7
 Entre as Ruas Barros Cassal e Garibaldi
 ESCALA 1/500

VISTA SUL: Q10
 Entre as Ruas Garibaldi e Santo Antônio
 ESCALA 1/500



VISTA NORTE: Q9
 Entre as Ruas Garibaldi e Tomaz Flores
 ESCALA 1/500

VISTA NORTE: Q8
 Entre as Ruas Tomaz Flores e Barros Cassal
 ESCALA 1/500

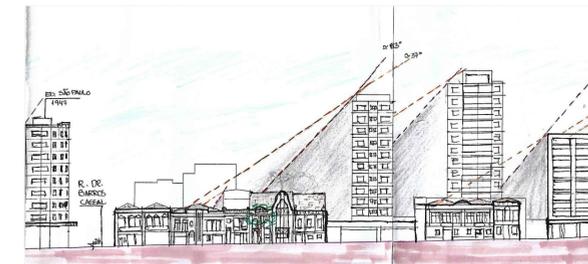
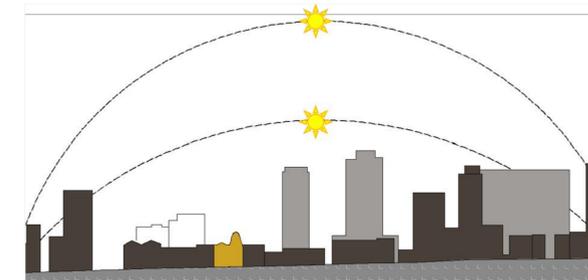


Diagrama da incidência solar no verão e inverno, gerando um sombreamento maior pelos edifícios altos.



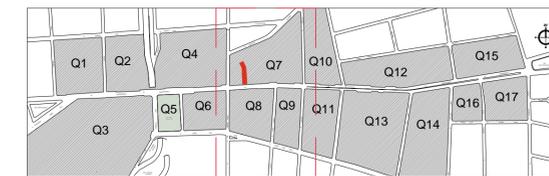
O movimento aparente do sol em Porto Alegre é de 37° no inverno e 83° no verão. Latitude 30°.



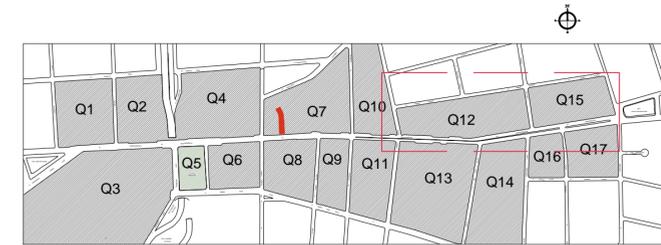
Incidência solar no período de verão, as 12h. Incidência solar parcial em parte da manhã e parte da tarde.



Incidência solar no período de inverno, as 12h. Sombreamento total na fachada sul durante todo o dia.



 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>		
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMOS</p> <p>ARQUIVO: Casa Godoy_perfis.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Gabaritos Q7, Q8, Q9, Q10</p> <p>ESCALA Indicada</p> <p>PRANCHA 04/05</p> <p>DATA 07/05/2021</p>	



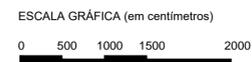
VISTA SUL: Q12

Entre as Ruas Santo Antônio e Pinheiro Machado
 ESCALA 1/500



VISTA SUL: Q15

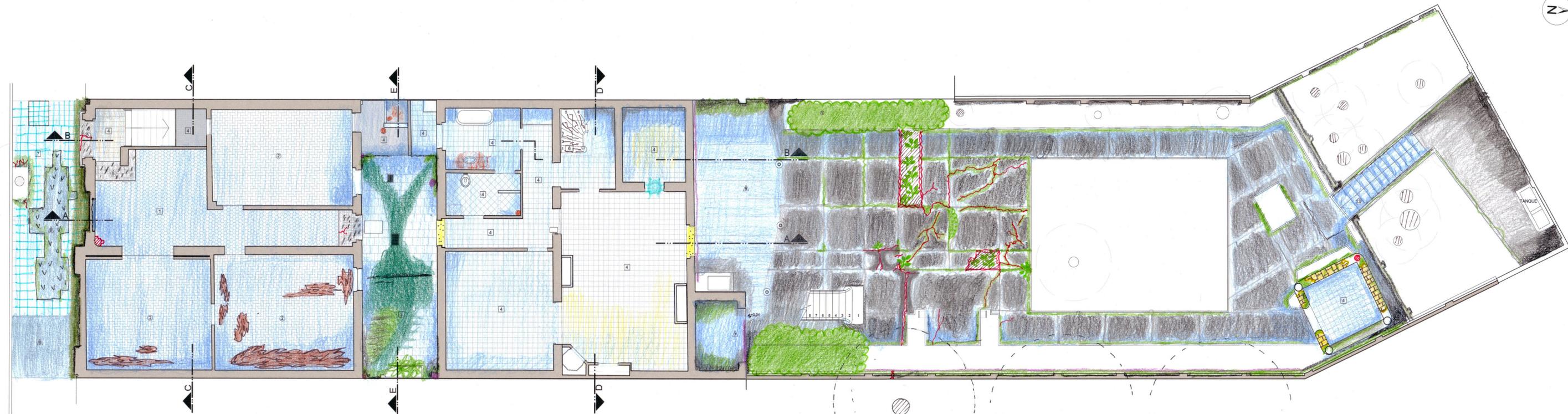
Entre as Ruas Pinheiro Machado e Ramiro Barcellos
 ESCALA 1/500



 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>CADASTRO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p> <p>ARQUIVO: Casa Godoy_perfis.dwg</p>	
<p>DATA 07/05/2021</p>		



MAPA DE DANOS



PLANTA DE PISO PORÃO E ÁREAS EXTERNAS
ESCALA 1/75

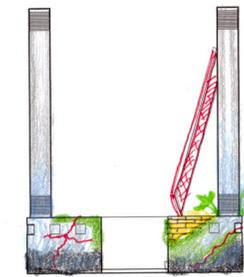


TABELA DE DANOS				LEGENDA				LEGENDA				LEGENDA				LEGENDA					
LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS		
	Trincas nas soleiras de mármore	Ação da água Ação antrópica	Uso inadequado e falta de manutenção, podendo ainda ser vandalismo. Água da chuva, associada à poluição atmosférica.		Desgaste das soleiras de granitina	Ação da água Ação antrópica	Sendo um material mais poroso é possível a ocorrência de desgaste pelo uso (tráfego de pessoas) e muitos anos sem manutenção adequada, além de infiltração de água pelo uso de mangueiras para lavar a área externa e molhar as plantas.		Desgaste do Piso de cimento	Ação antrópica Ação da água	Uso inadequado, falta de manutenção. Manipulação de água em abundância por uso de mangueiras de jardim, atritos de móveis e objetos e desgaste pelo uso.		Vegetação em excesso	Ação da água Ação antrópica Ação animal	Plantio ou transporte de sementes por pássaros ou vento que provocaram o aparecimento de novas mudas que crescem desordenadamente. Assim como a ausência de poda das árvores e arbustos cujas raízes crescem muito próximas aos muros de divisa com a contribuição da água da chuva e escoamento de águas pluviais sobre elas.		Piso em tácos de madeira	Ação da água Ação biológica Ação antrópica	A água da chuva, aliada a falta de manutenção e limpeza do passeio promovem o acúmulo de microforas nos cantos onde não há escoamento superficial adequado ou grelhas de escoamento das águas da fachada junto ao piso. O que pode ainda ser contribuído com a deposição de sementes por pássaros.		
	Concentração de microflora nos cantos dos pisos e paredes do passeio público	Ação da água Ação biológica Ação antrópica	A água da chuva, aliada a falta de manutenção e limpeza do passeio promovem o acúmulo de microforas nos cantos onde não há escoamento superficial adequado ou grelhas de escoamento das águas da fachada junto ao piso. O que pode ainda ser contribuído com a deposição de sementes por pássaros.		Manchas de água nos ladrilhos	Ação da água	Infiltração por água ascendente e descendente (parcialmente inativa). Possível tubulação desativada com vazamento junto à parede oeste (sala de banho, caixa de escada e despensa).		Perda de seção do piso cimentício do jardim	Ação antrópica Ação da água	Perda da resistência do material devido ao uso e falta de manutenção adequada, aliada à ação das intempéries em geral.		Microflora	Ação da água Ação antrópica Ação animal	A água da chuva, alto teor de umidade e deposição de sementes por pássaros. Falta de manutenção e limpeza.		Piso em tácos de madeira	Ação da água Ação biológica Ação antrópica	Acúmulo de água por escoamento inadequado aliado a sujidades e folhas acumuladas pela falta de manutenção e limpeza adequada que possibilitam a proliferação de microorganismos.		
	Concentração de biofilme	Ação da água Ação biológica Ação antrópica	Acúmulo de água por escoamento inadequado aliado a sujidades e folhas acumuladas pela falta de manutenção e limpeza adequada que possibilitam a proliferação de microorganismos.		Estufamento do ladrilho hidráulico	Ação da água Ação antrópica	Infiltração por água ascendente. Alto teor de umidade no ambiente. Provável erro de execução no assentamento do ladrilho, deixando o ar penetrar e contribuir para o estufamento.		Fissuras no piso de cimento	Ação da água Ação antrópica	Ação de água da chuva e incidência de sol forte no local, contribuindo para a dilatação e retração contínuas do material. Bem como a falta de manutenção periódica do jardim.		Macroflora	Ação antrópica Ação da água Ação animal	Transporte de sementes por pássaros ou vento. Águas pluviais, contribuindo para o crescimento da vegetação Falta de poda, manutenção da vegetação e limpeza.		Piso em tácos de madeira	Ação da água Ação biológica Ação antrópica	Argamassa de cimento	Ação antrópica	Escolha inadequada do material para reintegração do revestimento. Aplicação inadequada, desconsiderando a composição original da argamassa.
	Manchas enegrecidas nas peças em mármore	Ação da água Ação de gases poluentes	Deposição de poeira e folhas trazidas pelo vento e água da chuva que penetram na superfície, já desgastada, e poros do material. Falta de manutenção e conservação.		Ferrugem	Ação da água Ação antrópica	Perda da camada de tinta em alguns pontos que permitiu a infiltração de água da chuva e provocou uma reação química nos compostos dos elementos em ferro que são corroídos em diferentes pontos e mudando sua coloração.		Estufamento e ruptura do piso de cimento	Ação da água Ação antrópica	As rachaduras e rupturas do material podem, ter como causa o crescimento desordenado de raízes de árvores e arbustos sob o piso. Também sinalizado por uma trinca no muro da divisa que tem árvores de grande porte junto a ele. Porém, pertencem ao terreno vizinho à esquerda. A falta de manutenção periódica do jardim e a água da chuva contribuem para tal.		Alta concentração de biofilme	Ação da água Ação biológica Ação antrópica	Ação direta e acúmulo de água de chuva por escoamento inadequado aliado a sujidades e folhas acumuladas pela falta de manutenção e limpeza adequada que possibilitam a proliferação de microorganismos.		Piso em tácos de madeira	Ação da água Ação biológica Ação antrópica	Manchas de cimento	Ação antrópica	Deposição de poeira e folhas trazidas pelo vento e água da chuva que penetram na superfície, já desgastada, e poros do material. Falta de manutenção e conservação.
	Manchas de água nos tácos de madeira	Ação da água	Ambiente mais baixo que o pátio central, que ocasionou infiltração de água pelas portas junto ao pátio durante muito tempo. Sanado com a colocação de soleiras mais altas. Alto teor de umidade ambiente		Manchas de ferrugem no piso da sala de banho.	Ação da água Ação antrópica	Oxidação de tubos e conexões das instalações hidrossanitárias da sala de banho que, misturadas à presença de água por vazamentos ocasionou as manchas. Falta de manutenção.		Perda de coluna de sustentação do caramanchão e perda da estrutura de cobertura	Ação antrópica Ação biológica	Falta de manutenção e o abandono do espaço aliada a intempéries, folhas de árvores e microorganismos podem ter provocado perda de resistência dos materiais. Levando à queda de uma das colunas e perda do revestimento das ferragens em outra. A estrutura em madeira ripada que cobria o caramanchão se perdeu devido ao apodrecimento e perda de seção ocasionado pela ação direta da água da chuva e contribuindo para ação de insetos xilófagos.		Manchas de água em revestimentos de pisos e muros	Ação da água Ação humana	Água das chuvas e ausência de escoadouros das águas pluviais aliada a baixa luminosidade em alguns pontos ocasionada pelas árvores e prédios vizinhos nas laterais. Deposição de folhas caídas das árvores que funcionam como pequenos reservatórios de água.		Piso em tácos de madeira	Ação da água Ação biológica Ação antrópica	Manchas de água nos tácos de madeira	Ação da água	Ambiente mais baixo que o pátio central, que ocasionou infiltração de água pelas portas junto ao pátio durante muito tempo. Sanado com a colocação de soleiras mais altas. Alto teor de umidade ambiente
	Apodrecimento de alguns tácos	Ação da água Ação de xilófagos	Conforme descrito acima, ambiente propício à proliferação de insetos xilófagos. Infiltração direta de água cessado há pouco tempo.		Desgaste superficial de algumas peças de cerâmicas e ladrilhos	Ação antrópica Ação da água	Desgaste pelo uso (tráfego de pessoas). Muitos anos sem manutenção adequada. Ambiente com pouca ventilação e iluminação. Água ascendente e descendente que pode comprometer a aparência e resistência do material.		Perda da argamassa de revestimento do caramanchão	Ação da água Ação antrópica	Falta de manutenção, perda da cobertura, intempéries, ausência de pingadeiras para escoamento das águas na superfície murada, pouca luminosidade e muita vegetação e água podem fragilizar os materiais, ocasionando a perda da argamassa de revestimento.		Fisuras no revestimento do caramanchão	Ação da água Ação antrópica Ação das intempéries	Falta de manutenção, perda da cobertura, intempéries, pouca luminosidade e água podem fragilizar o material que responde com fissuração e, posteriormente, a perda da argamassa de revestimento, conforme descrito no item acima.		Piso em tácos de madeira	Ação da água Ação antrópica	Acúmulo de água no pátio central	Escoamento superficial insuficiente. Poucos escoadouros para amparar as águas vindas dos tubos de queda, dutos de ar-condicionado e cortinas de água da chuva. Instalações inadequadas e mal planejadas.	
	Acúmulo de água no pátio central	Ação da água Ação antrópica	Escoamento superficial insuficiente. Poucos escoadouros para amparar as águas vindas dos tubos de queda, dutos de ar-condicionado e cortinas de água da chuva. Instalações inadequadas e mal planejadas.		Trincas nos degraus da escada de madeira (serviço)	Ação da água Ação antrópica	Ambiente escuro e com pouca ventilação. Propício à proliferação de insetos xilófagos Infiltração de água descendente (parcialmente inativa) e ascendente por meio de tubulações antigas e em mau estado. tráfego de pessoas que trabalham no local é constante.		Perda da argamassa de revestimento do caramanchão	Ação da água Ação antrópica	Falta de manutenção, perda da cobertura, intempéries, ausência de pingadeiras para escoamento das águas na superfície murada, pouca luminosidade e muita vegetação e água podem fragilizar os materiais, ocasionando a perda da argamassa de revestimento.		Elementos espúrios	Ação antrópica	Instalações posteriores inadequadas como tubulações e eletrodutos aparentes sem preocupação estética com o edifício. Fios, tubos de queda e outros elementos mal instalados		Piso em tácos de madeira	Ação da água Ação antrópica			

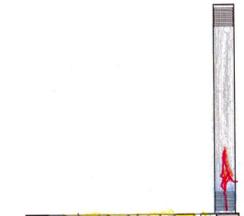
CARAMANCHÃO



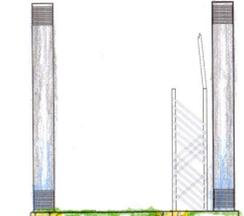
VISTA SUPERIOR
ESCALA 1/50



VISTA FRONTAL
ESCALA 1/50



CORTE TRANSVERSAL
ESCALA 1/50



VISTA LATERAL OESTE
ESCALA 1/50

OBSERVAÇÕES

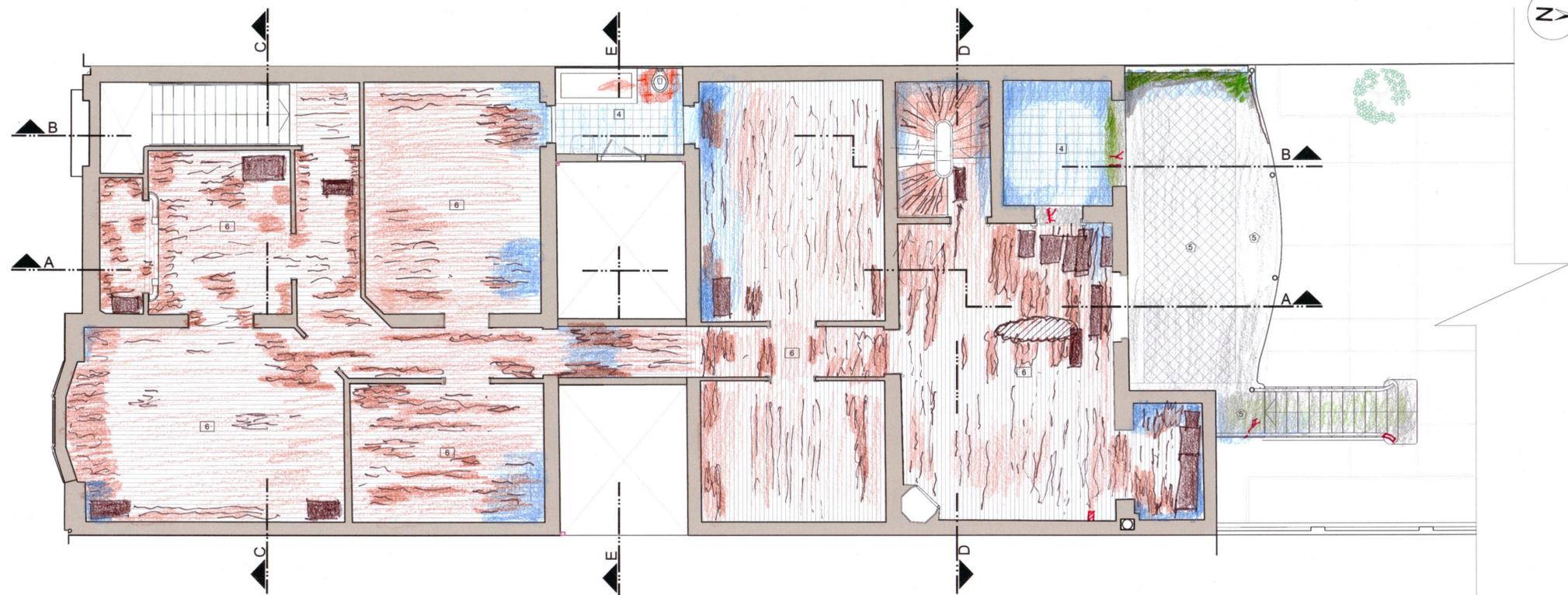
- A Planta deste pavimento será sinalizada como Porão, conforme projeto original do construtor Otto Hermann Menchen, aprovado pela Prefeitura de Porto Alegre em 1907.
- Não há testemunhos físicos quanto ao paisagismo original do jardim.
- O caramanchão em alvenaria, conforme relatos de entrevistas feitas pela Secretaria da Cultura do município, já existia desde a construção da casa.

LEGENDA

1	Piso cerâmico encaixado	5	Piso em mármore apuano	9	Forro em madeira junta seca	13	Piso em Arento Botucatu
2	Piso em tácos de madeira	6	Piso tabuado de madeira	10	Forro em madeira macho-fêmea	14	Cobertura de vidro
3	Piso cerâmico cru	7	Piso ladrilho hidráulico sem pigmento	11	Forro de estuque		
4	Piso Ladrilho hidráulico	8	Piso cimento	12	Laje Deployer revestida com argamassa		

Mapa de Danos	Data	Avaliação
Primeira entrega	15/12/2018	Pré-avaliação
Alteração	11/03/2019	Banca Ateliê II
Alteração	11/09/2021	Entrega final

<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO</p>	<p>MAPA DE DANOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADORA(A) SUSANA ACOSTA OLMO</p> <p>CO-ORIENTADORA(A) [Nome não legível]</p> <p>ARQUIVO Mapa de Danos.dwg</p>	<p>CONTEÚDO Planta de Piso Porão e Jardim Planta, Corte e Vistas Caramanchão</p> <p>ESCALA PRANCHA Indicada DATA 11/09/2021</p> <p>01/10</p>



PLANTA DE PISO PAVIMENTO PRINCIPAL
ESCALA 1/75



OBSERVAÇÕES

- O imóvel sofreu danos por densa infiltração de água descendente em abundância proveniente da cobertura, atingindo entrepisos e paredes. O problema foi sanado no ano 2000, com a recuperação das coberturas.
- As calhas mal acondicionadas e mal calculadas continuam trazendo dificuldades: constantemente entopem e não tem vazão suficiente para toda água de contribuição dos panos de telhado.
- Ocorrem rompimentos de emendas das calhas e a infiltração direta em alguns pontos.
- O mármore presente na escadaria, soleiras e pisos da varanda é nomeado como apuano, pois apesar de vir da mesma região, não se tem certeza se é ou não o Mármore de Carrara comercialmente conhecido.
- Não foi possível avaliar em laboratório os danos exatos em peças de madeira, nem o tipo de madeira. O imóvel está em uso e não era possível remover peças para tais análises.

TABELA DE DANOS

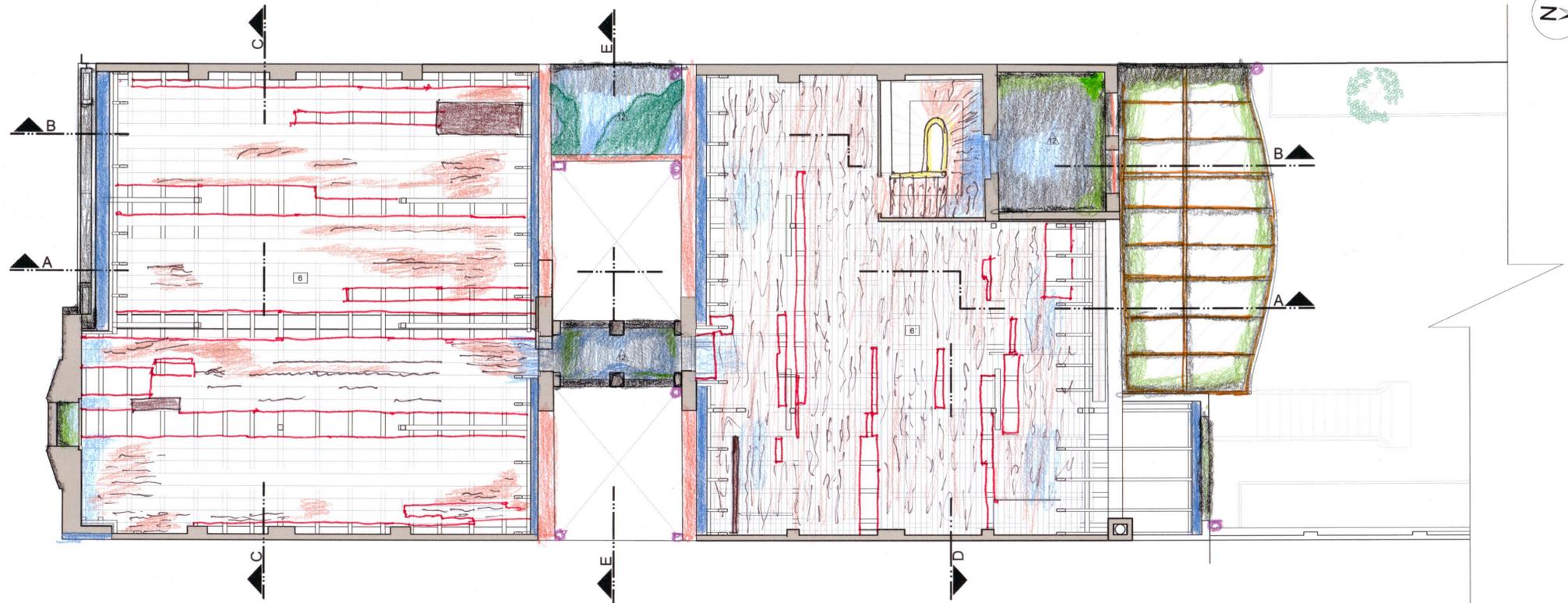
LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS
	Trincas nos degraus da escadaria de madeira do ático e serviço.	Ação da água Insetos xilófagos Ação antrópica	Ambiente escuro e com pouca ventilação propício à proliferação de insetos xilófagos. Infiltração de água descendente (parcialmente inativo) e ascendente por meio de tubulações antigas e em mau estado. Tráfego de pessoas que trabalham no local é constante.		Manchas de água no piso de madeira	Ação da água	Infiltração de água descendente da cobertura por meio de transbordamento da calha ocasionada pela ruptura de emendas da mesma.
	Perda da camada superficial da madeira	Ação da água Insetos xilófagos Ação biológica	Água descendente por longos períodos, pouca luminosidade e temperatura, propiciando o aparecimento de fungos, bactérias e insetos xilófagos, revelando a mudança de coloração na madeira e leve concavidade. Deixando-a frágil e aparentemente mole na superfície.		Manchas no ladrilho da sala de banho	Ação da água Oxidação do ferro Ação antrópica	A tubulação muito antiga associada à possíveis vazamentos nas louças sanitárias podem ter ocasionado as manchas alaranjadas que provêm da oxidação ou possível corrosão dos tubos e conexões em cobre.
	Ressecamento das fibras da madeira	Ação da água Insetos xilófagos	Ambiente propício à proliferação de insetos xilófagos. Infiltração de água descendente que ocorreu em abundância por muitos anos, ocasionando maior trabalhabilidade da madeira e ressecando suas fibras após a cessão da infiltração direta.		Trincas nas soleiras e degraus de mármore	Ação da água Ação antrópica Ação química	Uso inadequado, abandono e falta de manutenção. Água da chuva, associada à poluição atmosférica. Uso de produtos químicos inadequados para limpeza e manutenção.
	Perda de seção da madeira	Ação da água Insetos xilófagos	Infiltração de água descendente que ainda ocorre em alguns pontos, pouca luminosidade e ventilação em alguns ambientes propiciam à proliferação de insetos xilófagos e alto teor de umidade, provocando a ruptura do material.		Manchas enegrecidas na escadaria em mármore da varanda	Ação da água Ação antrópica Ação biológica	Deposição de poeira proveniente da poluição e sujeira suspensas e folhas trazidas pelo vento que acumulam água e apodrecem sobre a superfície. Proliferação de microorganismos. Água da chuva e águas pluviais sobre as peças.
	Remendos no assoalho	Ação antrópica	Pedaços de madeira laminada para cobrir os danos maiores presentes no assoalho. Tais como perda de seção e apodrecimento parcial das peças. Falta de manutenção periódica e a ação inadequada frente ao problema.		Manchas de água em revestimentos de pisos	Ação da água	Infiltração por água ascendente e descendente (parcialmente inativa). Possível vazamento junto à parede oeste no porão.
	Concavidade aparente no assoalho	Ação da água Insetos xilófagos	Leve concavidade em alguns pontos de emendas das peças do tabuado que pode ter origem nas condições dos barotes. Podem estar comprometidos pela ação de insetos xilófagos e alto teor de umidade. Pois os entrepisos estão propícios à isto pela falta de iluminação. Ausência de tratamento periódico das madeiras e a ação da água em abundância que descende da cobertura contribuem para isso.		Microflora	Ação da água Ação antrópica Ação animal	A água da chuva, alto teor de umidade e deposição de sementes por pássaros. Falta de manutenção e limpeza.
					Macroflora	Ação antrópica Ação da água Ação animal	Transporte de sementes por pássaros ou vento. Águas pluviais, escoando de maneira inadequada e contribuindo para o crescimento da vegetação. Falta de poda, manutenção da vegetação e limpeza.

LEGENDA

	1 Piso cerâmico encerado		5 Piso em mármore apuano		9 Forro em madeira junta seca		13 Piso em Arenito Botucatu
	2 Piso em tacos de madeira		6 Piso tabuado de madeira		10 Forro em madeira macho-fêmea		14 Cobertura de vidro
	3 Piso cerâmico cru		7 Piso ladrilho hidráulico sem pigmento		11 Forro de estuque		
	4 Piso Ladrilho hidráulico		8 Piso cimento		12 Laje Deployer revestida com argamassa		

Mapa de Danos	Data	Avaliação
Primeira entrega	15/12/2018	Pré-avaliação
Alteração	11/03/2019	Banca Ateliê II
Alteração	11/09/2021	Entrega final

	MAPA DE DANOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES
ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMOS CO-ORIENTADOR(A)	CONTEÚDO: Planta de piso Pavimento Principal
ARQUIVO: Mapa de Danos.dwg	ESCALA: Indicada PRANCHA: 02/10 DATA: 11/09/2021



PLANTA DE PISO SÓTÃO
ESCALA 1/75



TABELA DE DANOS

LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS
	Perda da camada superficial da madeira	Ação da água Ação biológica Ação de insetos	Água descendente por longos períodos, pouca luminosidade e temperatura, propiciando o aparecimento de fungos, bactérias e insetos xilófagos, revelando a mudança de coloração na madeira e leve concavidade, fragilizando e deixando a madeira aparentemente mole.
	Ressecamento das fibras da madeira	Ação da água Ação de insetos	Ambiente propício à proliferação de insetos xilófagos; Infiltração de água descendente que ocorreu em abundância por muitos anos, ocasionando trabalhabilidade excessiva da madeira e ressecando suas fibras após a cessão da infiltração.
	Perda de seção da madeira	Ação da água Ação de insetos	Alto teor de umidade e calor, pouca luminosidade em muitos pontos propiciam à proliferação de insetos xilófagos e consequente ruptura da peça.
	Remendos no assoalho	Ação antrópica	Pedaços de madeira laminada para cobrir os danos maiores presentes no assoalho. Tais como perda de seção e apodrecimento parcial das peças. Falta de manutenção periódica e a ação inadequada frente ao problema.
	Perda de muitas peças do assoalho com barroteamento aparente.	Ação da água Ação de insetos Ação biológica Ação antrópica	A perda de grande parte dos assoalhos nos dois sótãos se deve à ação contínua e por longos períodos da água da chuva através das lacunas da cobertura. Com a pouca luminosidade, abandono do espaço e falta de manutenção periódica, as peças chegaram ao apodrecimento pela ação generalizada de insetos xilófagos, fungos e bactérias alto teor de umidade e calor em excesso devido à convecção. A troca das coberturas favoreceu para sanar a ação da água. Porém, os danos continuaram a se desenvolver.
	Acúmulo de Biofilme e crosta negra no passadiço entre os sótãos e no terraço.	Ação da água Intempéries Ação antrópica Ação biológica	Acúmulo de água da chuva pela ausência de pingadeiras (erro de projeto e/ou execução) e superfícies que possibilitem a boa drenagem superficial das águas, contribuindo para proliferação de microorganismos. Possivelmente, a crosta negra se faz presente junto ao biofilme por estar em local próximo à via e bastante alto. A incidência solar direta o dia todo também contribui com a união entre calor e alto teor de umidade para proliferação dos microorganismos.
	Microflora	Ação da água Ação de animais Intempéries	Deposição de sementes por pássaros ou vento. Água da chuva e sol no terraço e passadiço. Acúmulo de água pela drenagem ruim.
	Perda da camada de tinta	Ação da água Ação antrópica	Pouca ventilação e incidência de luz natural. Ação da água por infiltração descendente da cobertura no passado. Falta de manutenção por pintura e limpeza periódica do local.
	Macroflora	Ação da água Ação antrópica Ação de animais	Transporte de sementes por pássaros ou vento. Águas pluviais, contribuindo para o crescimento da vegetação Falta de poda, manutenção da vegetação e limpeza.

OBSERVAÇÕES

- As portas de acesso aos dois sótãos não protegem o suficiente contra as intempéries, possibilitando a entrada de água da chuva que, pela ausência de assoalho, acaba por passar pelo forro do pavimento principal. Da mesma forma, as janelas das trapeiras não possuem proteção e pingadeiras adequadas para impedir a entrada e respingos de água da chuva quando estão abertas.
- O sótão do segundo bloco está quase intransitável pela podridão generalizada do assoalho, lacunas e baixa luminosidade. Podendo ocasionar acidentes ao permitir o trânsito de pessoas. Atualmente ambos os sótãos estão interditados.
- O terraço possui uma manta impermeabilizante. Porém, a drenagem e dutos insuficientes para escoamento das águas pluviais permitem o acúmulo de água e o escoamento lento. Possibilitando o aparecimento de microflora, e o crescimento de plantas.
- Da mesma maneira, o passadiço acumula água. Não há escoamento superficial suficiente. O passadiço não recebeu manta e as intempéries incidem diretamente sobre ele.
- Não há presença de fezes de animais no sótão nem resquícios de morcegos, marimbondos e outros que possam causar danos ao ambiente.

LEGENDA

1	Piso cerâmico encerado	5	Piso em mármore apuano	9	Forro em madeira junta seca	13	Piso em Arenito Botucatu
2	Piso em tacos de madeira	6	Piso tabuado de madeira	10	Forro em madeira macho-fêmea	14	Cobertura de vidro
3	Piso cerâmico cru	7	Piso ladrilho hidráulico sem pigmento	11	Forro de estuque		
4	Piso Ladrilho hidráulico	8	Piso cimento	12	Laje Deployer revestida com argamassa		

Mapa de Danos	Data	Avaliação
Primeira entrega	15/12/2018	Pré-avaliação
Alteração	11/03/2019	Banca Ateliê II
Alteração	11/09/2021	Entrega final

<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>MAPA DE DANOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A) SUSANA ACOSTA OLMOS</p> <p>CO-ORIENTADOR(A) ARQUIVO Mapa de Danos.dwg</p>	



PLANTA DE FORRO PORÃO
ESCALA 1/75



TABELA DE DANOS

LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS
	Perda da camada superficial da madeira	Ação da água Ação de insetos Ação biológica	Água descendente por longos períodos, pouca luminosidade e temperatura, propiciando o aparecimento de fungos, bactérias e insetos xilófagos, revelando a mudança de coloração na madeira e concavidade leve. Deixando a madeira frágil e aparentemente mole na superfície.		Fissuras no revestimento da laje da área coberta	Ação da água Ação antrópica Ação das intempéries	Falta de manutenção, maior exposição as intempéries, vegetação e águas pluviais provocam a trabalhabilidade excessiva do material que responde com fissuração.
	Ressecamento das fibras da madeira	Ação da água Ação de insetos Ação antrópica	Ambiente propício à proliferação de insetos xilófagos. Infiltração de água descendente que ocorreu em abundância por muitos anos, ocasionando maior trabalhabilidade da madeira e ressecando suas fibras após a cessão da infiltração.		Ferrugem	Ação da água Ação do oxigênio Ação antrópica	Perda da argamassa de revestimento em alguns pontos, principalmente em vergas, que permitiu a infiltração de água da chuva e provocou uma reação química nos compostos dos elementos em ferro que são corroídos em diferentes pontos e mudando sua coloração. Falta de manutenção e reparo.
	Perda de seção das peças em madeira do forro e rodaforros	Ação da água Ação de insetos Ação antrópica	Infiltração de água descendente que ainda ocorre em alguns pontos, pouca luminosidade e ventilação, alto teor de umidade em alguns ambientes propiciam à proliferação de insetos xilófagos e microorganismos.		Perda parcial do capeamento da laje da área coberta	Ação da água Ação das intempéries	Maiores exposições as intempéries e águas pluviais provocam a trabalhabilidade excessiva do material que responde com fissuração e, posteriormente, a perda da argamassa de revestimento.
	Buracos na superfície da madeira	Ação da água Ação de insetos Ação antrópica	Concavidade profunda em alguns pontos e extremidades das peças que podem estar comprometidas pela ação generalizada de insetos xilófagos combinados com o alto teor de umidade presente no porão. Ausência de tratamento periódico das madeiras e a ação da água em abundância que descendia da cobertura contribuem para isso.		Desagregação da pintura da laje da despensa.	Ação da água Ação antrópica	Água descendente e ascendente na parede da divisa oeste, ocasionando alto teor de umidade e fragilizando o material do revestimento da laje, revelando as camadas subjacentes de tinta..
	Perda de peça do forro da sala de banho	Ação da água Ação de insetos Ação antrópica	Infiltração de água descendente que ainda ocorre em alguns pontos, pouca luminosidade e ventilação em no ambiente, alto teor de umidade por ser uma área molhada que propiciam à proliferação de insetos xilófagos. Poderia ainda ser por ação humana na retirada da peça inutilizada ou para manutenção das instalações que passam no entrepiso		Sujidade	Ação da água Ação antrópica Ação de insetos	Deposição de poeira pelo vento e alto teor de umidade. Bem como ausência de limpeza e manutenção de forros que acumulam pó, teias de aranha e outros insetos que promovem sujeira.
	Perda da camada de tinta da parte inferior da escadaria de serviço	Ação da água Ação antrópica	Alto teor de umidade, pouca luminosidade, longo período de infiltração de água descendente e falta de pintura e conservação das madeiras.				
	Apodrecimento da madeira do forro do depósito junto à lavanderia	Ação da água Ação antrópica Ação de insetos Ação biológica	Ambiente exposto junto ao jardim. A ação ainda presente da infiltração de água descendente, insetos xilófagos e proliferação de microorganismos ocasionou o apodrecimento generalizado do forro. Falta de manutenção e conservação periódica das madeiras.				

OBSERVAÇÕES

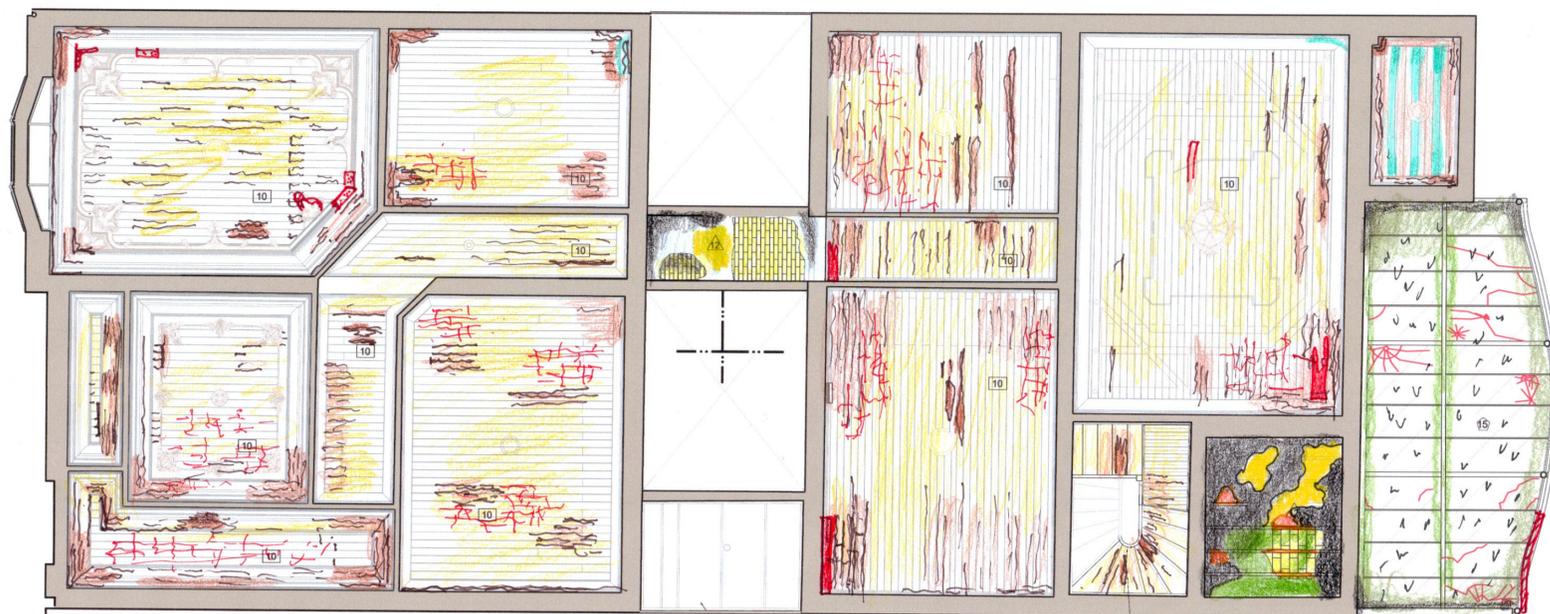
- O forro em estuque no porão do primeiro bloco não tem danos aparentes, pois foi recentemente pintado com tinta em acabamento brilhante.
- No porão do segundo bloco, os forros em madeira estão comprometidos por ataque generalizado de insetos devido à fragilidade provocada pela água descendente de antes, unida à falta de manutenção e conservação. Recentemente, numa ação da Secretaria da Cultura, esses ambientes foram pintados para melhorar as condições de trabalho. Pois o mau cheiro promovido pelo alto teor de umidade causam desconforto e, em muitos casos, crises alérgicas a quem ali trabalha e convive diariamente.
- Importante salientar que ainda há infiltração de água descendente em alguns locais. Tanto pelo escoamento ineficiente e defeitos nas calhas, quanto pelas calhas e tubos de queda dos prédios vizinhos.

LEGENDA

Piso cerâmico encerado	Piso em mármore apuano	Forro em madeira junta seca	Piso em Arenito Botucatu
Piso em tacos de madeira	Piso tabuado de madeira	Forro em madeira macho-fêmea	Cobertura de vidro
Piso cerâmico cru	Piso ladrilho hidráulico sem pigmento	Forro de estuque	
Piso Ladrilho hidráulico	Piso cimento	Laje Deployer revestida com argamassa	

Mapa de Danos	Data	Avaliação
Primeira entrega	15/12/2018	Pré-avaliação
Alteração	11/03/2019	Banca Ateliê II
Alteração	11/09/2021	Entrega final

 MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	MAPA DE DANOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS	
ORIENTADOR(A) SUSANA ACOSTA OLMOS CO-ORIENTADOR(A)	ESCALA Indicada DATA 11/09/2021	PRANCHA 04/10
ARQUIVO Mapa de Danos.dwg		



PLANTA DE FORRO PAVIMENTO PRINCIPAL
ESCALA 1/75



TABELA DE DANOS

LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS
	Perda de seção da madeira	Ação da água Ação de insetos	Infiltração de água descendente que ainda ocorre em alguns pontos, pouca luminosidade e ventilação em alguns ambientes propiciam à proliferação de insetos xilófagos e alto teor de umidade.		Perda parcial do capeamento da laje do jardim de inverno e passadiço.	Ação da água Ação biológica Ação química	Infiltração de água ascendente e descendente, oxidação das bigornas em ferro que sustentam a laje de tijolos e presença de água que contribuem para o aparecimento de fungos e bactérias.
	Craquelamento da tinta nos forros de madeira	Ação da água Ação antrópica	Infiltração de água descendente constante por longo período que provocou a dilatação e retração constante das fibras das madeiras, causando ruptura na superfície da tinta.		Biofilme na laje do jardim de inverno	Ação da água Ação antrópica	Acúmulo de água na laje do terraço sobre o jardim de inverno e baixa luminosidade, contribuindo para proliferação de microorganismos. Falta de limpeza e manutenção.
	Empeno das peças do forro	Ação da água	Infiltração de água descendente, conforme descrito acima, ocasionando fadiga das peças e deformação após longos períodos de trabalhabilidade intensa.		Microflora	Ação da água Ação biológica Ação de animais	Deposição de sementes por pássaros ou vento Água da chuva e sol no terraço combinados com o desenvolvimento de microfloras que interpenetram a laje nas partes em que perdeu a argamassa de revestimento.
	Perda da camada superficial da madeira	Ação da água Ação de insetos	Água descendente por longos períodos, pouca luminosidade e temperatura, propiciando o aparecimento de fungos, bactérias e insetos xilófagos, revelando a mudança de coloração na madeira e concavidade leve. Deixando a madeira frágil e aparentemente mole na superfície.		Sujidades	Ação da água Ação de partículas em suspensão Ação de insetos	Alto teor de umidade ambiente, combinados com deposição de poeira pelo vento e água da chuva. Presença de insetos como aranhas, que criam teias e acumulam pó no ambiente.
	perda parcial de elementos decorativos do forro (papel machê e madeira)	Ação da água Ação de insetos	Infiltração de água descendente. Alto teor de umidade do ambiente combinado com a ação de insetos xilófagos.		Fissuras na cobertura da varanda	Ação de intempéries Ação antrópica	Chuvas de granizo, ventos e queda de frutos das árvores que não tem manutenção periódica como podas e remoções. Falta de limpeza e manutenção para evitar que as fissuras avancem.
	Apodrecimento das fibras da madeira	Ação da água Ação de insetos	Ambiente propício à proliferação de insetos xilófagos Infiltração de água descendente, ocasionando maior trabalhabilidade da madeira e ressecando suas fibras após a cessão da infiltração direta.		Desagregação da pintura do forro do jardim de inverno	Ação de intempéries Ação antrópica	Infiltração de água pelo terraço, fragilizando o material do revestimento da laje e revelando as camadas subjacentes de tinta.
	Perda da camada de tinta da do forro em madeira	Ação da água Ação antrópica	Alto teor de umidade, pouca luminosidade, longo período de infiltração de água descendente e falta de pintura e conservação das madeiras.				

LEGENDA

1	Piso cerâmico encaixado	5	Piso em mármore apuano	9	Forro em madeira junta seca	13	Piso em Arenito Botucatu
2	Piso em tacos de madeira	6	Piso tabuado de madeira	10	Forro em madeira macho-fêmea	14	Cobertura de vidro
3	Piso cerâmico cru	7	Piso ladrilho hidráulico sem pigmento	11	Forro de estuque		
4	Piso Ladrilho hidráulico	8	Piso cimento	12	Laje Deployer revestida com argamassa		

Mapa de Danos	Data	Avaliação
Primeira entrega	15/12/2018	Pré-avaliação
Alteração	11/03/2019	Banca Ateliê II
Alteração	11/09/2021	Entrega final

	MAPA DE DANOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS		
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES	CONTEÚDO Planta de forro 2º Pavimento	
ORIENTADOR(A) SUSANA ACOSTA OLMOS CO-ORIENTADOR(A)	ESCALA Indicada	PRANCHA 05/10	
ARQUIVO Mapa de Danos.dwg	DATA 11/09/2021		



CORTE LONGITUDINAL A-A
ESCALA 1/75

TABELA DE DANOS

LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS
	Mancha de Água	Ação da água	Infiltração descendente por água da chuva. Teor de umidade alto, baixa luminosidade e ventilação nos ambientes. Principalmente os do primeiro bloco (frente).		Perda da camada pictórica	Ação da água	Infiltração de água descendente em grande quantidade, provocando manchas esbranquiçadas nas pinturas murais pelo escorrimento da base de cal e os pigmentos que compoem a mesma. A pouca luminosidade pela não abertura das portas e janelas, assim como a baixa luminosidade, contribuem para reter alto teor de umidade no ambiente e prosseguir com o dano.
	Perda da camada superficial da madeira em rodafornos	Ação da água Ação de insetos	Água descendente por longos períodos, pouca luminosidade e temperatura, propiciando o aparecimento de fungos, bactérias e insetos xilófagos, revelando a mudança de coloração na madeira e concavidade leve. Deixando a madeira frágil e aparentemente mole na superfície.		Desagregação da pintura	Ação da água	Dilatação e retração do material que craquelou e rompeu a camada de tinta superficial, levando ao seu descolamento e revelando pinturas subjacentes.
	Elementos espúrios	Ação antrópica	Instalações posteriores inadequadas como tubulações e eletrodutos aparentes sem preocupação estética com o edifício. Fios, tubos de queda e outros elementos mal instalados		Reboco de cimento	Ação antrópica	Intervenção posterior inadequada com material incompatível com o estrato original.
	Perda de camada de tinta	Ação da água Ação antrópica	Água ascendente; Infiltração de água descendente (parcialmente inativo); Teor de umidade alto no ambiente. Incompatibilidade por diferentes tipos de tinta sobre tinta à base de cal. Falta de manutenção da pintura e conserto em tempo das infiltrações abundantes da década de 1990.		Perda parcial de peças dos azulejos.	Ação da água	infiltração de água ascendente e descendente que diminui a resistência dos estratos e gera o desprendimento das peças que geralmente quebram com a queda brusca
	Apodrecimento dos rodafornos em madeira	Ação da água Ação de insetos	Ambiente propício à proliferação de insetos xilófagos, fungos e bactérias. Infiltração de água descendente, ocasionando maior trabalhabilidade da madeira e ressecando suas fibras após a cessão da infiltração direta.		Fissura de revestimento de parede	Ação da água	Infiltração de água descendente (inativo) que provocou a ruptura do revestimento devido à trabalhabilidade do material (dilatação e retração).
	Biofilme	Ação da água Ação biológica	Acúmulo de água por infiltração descendente e ascendente. Bem como alto teor de umidade do ambiente e baixa luminosidade, contribuindo para proliferação de microorganismos.		Ferrugem	Ação da água Ação química	Perda da camada de tinta em alguns pontos que permitiu a infiltração de água da chuva e provocou uma reação química nos compostos dos elementos em ferro que são corroídos em diferentes pontos e mudando sua coloração.
	Microflora	Ação da água Ação de animais	Deposição de sementes por pássaros ou vento. Água da chuva e sol nas paredes e coberturas e acúmulo de água nas concavidades das superfícies de telhas e rebocos.		Trincas em vidros das esquadrias	Ação antrópica	Maneira inadequada de manipular as esquadrias ou a não fixação das mesmas que poderiam se chocar contra elas mesmas pela ação do vento (causa mais provável nos dias atuais). Ou ainda, o choque de objetos contra elas.
	Perda parcial do vidro dos azulejos.	Ação da água	infiltração de água descendente e ascendente que penetram na parte porosa da peça fixada na parede por argamassa, comprometendo a estética da peça com o aparecimento de manchas e perda do brilho superficial.		Fissuras na parede do pátio junto ao banheiro.	Ação da água	Incidência direta de água da chuva na parede externa. Histórico de perdas de reboco e outras fissuras que foram sanadas com o uso de argamassa de cimento e, talvez, grampos. Itens que podem contribuir para aumentar a trabalhabilidade do material. Pois além da dilatação e retração pela água, a incompatibilidade entre os estratos pode ser um fator relevante.
	Sujidades	Ação da água Ação antrópica Ação de insetos	Deposição de poeira pelo vento e água da chuva nas fachadas e esquadrias. Bem como ausência de limpeza e manutenção das mesmas e de ambientes internos que acumulam pó, teias de aranha e outros insetos que promovem sujeira.		Perda da argamassa de revestimento das paredes internas em tabique e externas em alvenaria de tijolos	Ação da água	Incidência direta de água da chuva na parede externa. Infiltração por água descendente nos ambientes que ocasionam grande trabalhabilidade dos materiais. Principalmente madeira e barro, como no caso do tabique, provocando fissuras de revestimento que evoluem para a perda e aumentam a fragilidade da estrutura da parede.
	Craquelamento de tinta da parede	Ação da água	Ressecamento do revestimento após cessão da infiltração por água descendente que provocava dilatação e retração dos materiais e revestimentos.				

OBSERVAÇÕES

- As paredes divisórias em tabique revestidas com argamassa apresentam fissuras de revestimento em toda sua extensão, semelhantes à estrias. É possível perceber que as fissuras acontecem nos locais onde há o ripado de madeira horizontal, intercalando a mais ou menos cada 30 centímetros, buscando a formação de parábolas. A ação constante das infiltrações no passado comprometeram a qualidade dos revestimentos.

Mapa de Danos	Data	Avaliação
Primeira entrega	15/12/2018	Pré-avaliação
Alteração	11/03/2019	Banca Ateliê II
Alteração	11/09/2021	Entrega final

	MAPA DE DANOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS	
ORIENTADOR(A) SUSANA ACOSTA OLMOS CO-ORIENTADOR(A)	ESCALA Indicada	PRANCHA 06/10
ARQUIVO Mapa de Danos.dwg	DATA 11/09/2021	



CORTE LONGITUDINAL B-B
ESCALA 1/75

TABELA DE DANOS

LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS
	Mancha de Água	Ação da água	Infiltração descendente por água da chuva. Teor de umidade alto, baixa luminosidade e ventilação nos ambientes. Principalmente os do primeiro bloco (frente).		Biofilme	Ação da água Ação biológica	Acúmulo de água por infiltração descendente e ascendente. Bem como alto teor de umidade do ambiente e baixa luminosidade, contribuindo para proliferação de microorganismos.
	Perda da camada superficial da madeira em rodafornos	Ação da água Ação de insetos Ação biológica	Água descendente por longos períodos, pouca luminosidade e temperatura, propiciando o aparecimento de fungos, bactérias e insetos xilófagos, revelando a mudança de coloração na madeira e concavidade leve. Deixando a madeira frágil e aparentemente mole na superfície.		Microflora	Ação da água Ação de animais Intempéries Ação biológica	Deposição de sementes por pássaros ou vento. Água da chuva e sol nas paredes e coberturas e acúmulo de água nas concavidades das superfícies de telhas e rebocos.
	Elementos espúrios	Ação antrópica	Instalações posteriores inadequadas como tubulações e eletrodutos aparentes sem preocupação estética com o edifício. Fios, tubos de queda e outros elementos mal instalados		Macroflora	Ação da água Ação de animais Intempéries	Deposição de sementes ou esporos por pássaros ou vento. Água da chuva e sol nas paredes e coberturas e acúmulo de água nas concavidades das superfícies e nos cantos.
	Perda de camada de tinta	Ação da água Ação antrópica	Água ascendente; Infiltração de água descendente (parcialmente inativo); Teor de umidade alto no ambiente. Incompatibilidade por diferentes tipos de tinta sobre tinta à base de cal; Falta de manutenção da pintura e conserto em tempo das infiltrações abundantes da década de 1990.		Sujidades	Ação da água Ação antrópica	Deposição de poeira pelo vento e água da chuva nas fachadas e esquadrias. Bem como ausência de limpeza e manutenção das mesmas e de ambientes internos que acumulam pó, teias de aranha e outros insetos que promovem sujeira.
	Apodrecimento dos rodafornos em madeira	Ação da água Ação de insetos Ação biológica	Ambiente propício à proliferação de insetos xilófagos, fungos e bactérias. Infiltração de água descendente, ocasionando maior trabalhabilidade da madeira e ressecando suas fibras após a cessão da infiltração direta.		Fissura de revestimento de parede	Ação da água	Infiltração de água descendente (nativo) e alto teor de umidade que provocou a ruptura do revestimento devido à trabalhabilidade do material (dilatação e retração).
	Craquelamento de tinta da parede	Ação da água Ação antrópica	Ressecamento do revestimento após cessão da infiltração por água descendente que provocava dilatação e retração dos materiais e revestimentos.		Estufamento do revestimento de azulejo	Ação da água	Infiltração por água descendente. Laje com grande fluxo de água de contribuição dos telhados, acumulando água na superfície da laje e infiltrando para a parede, que é revestida. Porém, pertence ao vizinho.
	Desagregação da pintura	Ação da água Ação antrópica	Dilatação e retração do material que craquelou e rompeu a camada de tinta superficial, levando ao seu descolamento e revelando pinturas subjacentes.		Perda parcial do vidrado dos azulejos.	Ação da água Ação biológica	Infiltração de água descendente e ascendente que penetram na parte porosa da peça fixada na parede por argamassa, comprometendo a estética da peça com o aparecimento de manchas e perda do brilho superficial, podendo ser ocasionada por microorganismos.
	Orifício na parede da sala de banho do pavimento principal	Ação antrópica	Depredação e vandalismo.		Perda parcial de peças dos azulejos.	Ação da água	Infiltração de água ascendente e descendente que diminui a resistência dos estratos e gera o desprendimento das peças que geralmente quebram com a queda brusca
	Perda de seção das peças em madeira	Ação da água Ação de insetos	Infiltração de água descendente que ainda ocorre em alguns pontos, pouca luminosidade e ventilação em alguns ambientes propiciam à proliferação de insetos xilófagos e alto teor de umidade.		Perda da argamassa de revestimento das paredes.	Ação da água Ação biológica Ação antrópica	Infiltração por água descendente nos ambientes que ocasionam grande trabalhabilidade dos materiais. Gerando fissuração e desprendimento do revestimento e proliferação de microorganismos. Falta de manutenção.

OBSERVAÇÕES

- O volume central onde está o banheiro de serviço e a sala de banho foram construídos junto à divisa sem parede própria. Isso compromete quanto à incidência de água ascendente ou uma possível demolição do prédio vizinho no futuro.

Mapa de Danos	Data	Avaliação
Primeira entrega	15/12/2018	Pré-avaliação
Alteração	11/03/2019	Banca Ateliê II
Alteração	11/09/2021	Entrega final

	MAPA DE DANOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS		
	CONTEUDO Cortes longitudinais		
ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES	ESCALA Indicada		PRANCHA 07/10
ORIENTADOR(A) SUSANA ACOSTA OLMOS CO-ORIENTADOR(A)	DATA 11/09/2021		
ARQUIVO Mapa de Danos.dwg			



CORTE C-C
ESCALA 1/75



CORTE D-D
ESCALA 1/75



VER LEGENDA PRANCHA 09.

TABELA DE DANOS

LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS
	Fissura de revestimento de parede	Ação da água	Infiltração de água descendente (inativo) que provocou a ruptura do revestimento devido à trabalhabilidade do material (dilatação e retração).		Sujidades	Ação da água Ação antrópica	Deposição de poeira, teias de aranha e outros insetos que promovem sujeira combinados à presença de alto teor de umidade.
	Trincas em vidros das esquadrias	Ação antrópica	Maneira inadequada de manipular as esquadrias ou a não fixação das mesmas que poderiam se chocar contra elas mesmas pela ação do vento (causa mais provável nos dias atuais). Ou ainda, o choque de objetos contra elas.		Camada leve de Biofilme nas paredes da sala e gabinete	Ação da água Ação biológica	Infiltração de água descendente inativa. Bem como alto teor de umidade do ambiente e baixa luminosidade, contribuindo para proliferação de microorganismos espalhados pela parede, principalmente próximas ao forro.
	Perda da argamassa de revestimento das paredes.	Ação da água Ação biológica Ação antrópica	Infiltração por água descendente nos ambientes que ocasionam grande trabalhabilidade dos materiais. Gerando fissuração e desprendimento do revestimento e proliferação de microorganismos. Falta de manutenção.		Craquelamento de tinta da parede do átrio	Ação da água	Ressecamento do revestimento após cessão da infiltração por água descendente que provocava dilatação e retração dos materiais e revestimentos.
	Mancha de Água	Ação da água	Infiltração descendente por água da chuva. Teor de umidade alto, baixa luminosidade e ventilação nos ambientes. Principalmente os do primeiro bloco (frente).		Desagregação da pintura	Ação da água Ação biológica	Dilatação e retração do material que craquelou e rompeu a camada de tinta superficial, levando ao seu descolamento e revelando pinturas subjacentes.
	Elementos espúrios	Ação antrópica	Instalações posteriores inadequadas como tubulações e eletrodutos aparentes sem preocupação estética com o edifício. Fios, tubos de queda e outros elementos mal instalados		Perda parcial de peças dos azulejos.	Ação da água	infiltração de água ascendente e descendente que diminui a resistência dos estratos e gera o desprendimento das peças que geralmente quebram com a queda brusca.
	Perda de camada de tinta da parede fronteira do sótão	Ação da água Ação antrópica	Infiltração de água descendente na década de 1990. Infiltração de água pela esquadria mal fechada com vidros quebrados. Teor de umidade alto combinado com o calor por convexão e baixa luminosidade no ambiente.		Fissuras na verga em arco da porta balcão.	Ação da água Possível ação estrutural	Infiltração por água descendente por longo período. Histórico de fissuras que foram sanadas com o uso de argamassa de cimento e, talvez, grampos sobre o arco da saleta. Possibilidade de trabalhabilidade dos barrotes terem ocasionado fissuras de revestimento devido a ação da infiltração de água no passado.
	Perda de seção de elementos em madeira	Ação da água Ação de insetos	Infiltração de água descendente no passado, pouca luminosidade e ventilação em alguns ambientes propiciam à proliferação de insetos xilófagos e alto teor de umidade.		Perda de camada de pictórica	Ação da água	Infiltração de água descendente na década de 1990. Teor de umidade alto combinado com a baixa luminosidade no ambiente.
	Perda da camada superficial da madeira	Ação da água Ação de insetos	Água descendente por longos períodos, pouca luminosidade e temperatura, propiciando o aparecimento de fungos, bactérias e insetos xilófagos, revelando a mudança de coloração na madeira e concavidade leve. Deixando a madeira frágil e aparentemente mole na superfície.		Apodrecimento das fibras da madeira	Ação da água Ação de insetos	Ambiente propício à proliferação de insetos xilófagos; Infiltração de água descendente, ocasionando maior trabalhabilidade da madeira e ressecando suas fibras após a cessão da infiltração direta.
	Perda da camada de tinta da madeira	Ação da água Ação antrópica	Alto teor de umidade, pouca luminosidade, longo período de infiltração de água descendente e falta de pintura e conservação das madeiras.		Perda parcial do vidro dos azulejos.	Ação da água	infiltração de água descendente e ascendente que penetram na parte porosa da peça fixada na parede por argamassa, comprometendo a estética da peça com o aparecimento de manchas e perda do brilho superficial.
					Reboco de cimento sobre o arco da sala de jantar	Ação antrópica	Intervenção para consolidação da fissura sobre o arco com grampos e argamassa. Metodologia inadequada com material incompatível com o estrato original que comprometeu as pinturas murais em grande parte.

OBSERVAÇÕES

- Devido ao grande fluxo de veículos na Avenida Independência, a casa permanece com as esquadrias principais fechadas na frente.
- Nos fundos, o comprometimento dos assoalhos e a interdição parcial acabam por manter as portas fechadas. Sendo assim, a sala de jantar nunca recebe sol e ar renovados.
- A janela do gabinete está com as persianas em madeira comprometidas, não possibilitando sua abertura.
- A cozinha é bem ventilada e cruza entre o jardim e o pátio central, possibilitando a troca de ar entre os ambientes. Porém, o cheiro de mofo é bastante forte pela ação da água nas paredes da divisa.

Mapa de Danos	Data	Avaliação
Primeira entrega	15/12/2018	Pré-avaliação
Alteração	11/03/2019	Banca Ateliê II
Alteração	11/09/2021	Entrega final

<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>MAPA DE DANOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	
<p>ORIENTADOR(A) SUSANA ACOSTA OLMOS CO-ORIENTADOR(A)</p>	<p>ESCALA Indicada</p>	<p>PRANCHA 08/10</p>
<p>ARQUIVO Mapa de Danos.dwg</p>	<p>DATA 11/09/2021</p>	



FACHADA SUL
ESCALA 1/75



FACHADA NORTE
ESCALA 1/75



CORTE E-E/ FACHADA NORTE PÁTIO INTERNO
ESCALA 1/75

TABELA DE DANOS

LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS	LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS
	Mancha de Água	Ação da água	Ausência de pingadeiras nos elementos decorativos; Fachada voltada para sul com maior incidência de ventos, chuvas e baixa luminosidade; No pátio central, escoamento inadequado das águas pluviais por defeitos e falta de manutenção adequada das calhas e tubos de queda.		Desagregação do reboco	Ação da água Ação antrópica	Fachada sul com maior incidência de ventos e chuvas, associada à poluição e presença de microorganismos que fragilizam o estrato, gerando fissuras superficiais; Ação mecânica por meio de vandalismo ou acidente com choque de objetos podem ter provocado o dano na base do edifício. Escoamento das águas pluviais inadequado, associada à pouca luminosidade natural em boa parte do dia por conta do grande número de árvores.
	Biofilme	Ação da água Ação biológica	Acúmulo de água nos cantos e elementos, contribuindo para proliferação de microorganismos.		Perda parcial de elementos decorativos	Ação da água Ação antrópica	Infiltração de água da chuva e ventos em pequenas fissuras de revestimento podem ter fragilizado o material.
	Microflora	Ação da água Ação de animais Ação biológica	Deposição de sementes por pássaros ou vento; Água da chuva e sol no telhado; Acúmulo de água da chuva em elementos decorativos e lavagem da calçada na base do edifício; Ausência de escoadouros na calçada.		Fissura no revestimento	Ação da água Ação de intempéries	Infiltração de água da chuva, biofilmes e microflora que contribuem para fragilizar o material.
	Macroflora	Ação da água Ação de animais Ação antrópica	Plantio inadequado de vegetação próxima aos muros e edificação que gerou o crescimento desordenado junto às paredes do edifício; Transporte de sementes por pássaros ou vento; Falta de manutenção		Trincas em vidros das esquadrias	Ação antrópica	Maneira inadequada de manipular as esquadrias ou a não fixação das mesmas que poderiam se chocar contra elas mesmas pela ação do vento (causa mais provável nos dias atuais). Ou ainda, o choque de objetos contra elas.
	Crosta Negra	Ação da água Ação química	Água da chuva associada à alta concentração de gases poluentes na atmosfera.		Perda de seção de elementos em madeira	Ação da água Ação de insetos	Infiltração de água descendente no passado, pouca luminosidade e ventilação em alguns ambientes propiciam à proliferação de insetos xilófagos e alto teor de umidade.
	Pichação	Ação antrópica	Depredação/vandalismo		Desagregação da pintura	Ação da água	Incidência de água da chuva que provocou a dilatação e retração do material que craquelou e rompeu a camada de tinta superficial, levando ao seu descolamento e revelando pinturas subjacentes.
	Cartazes com cola	Ação antrópica	Depredação: colocação de propagandas em local inadequado e sem permissão		Fissuras na verga em arco da janela da cozinha.	Ação da água	Infiltração por água descendente por longo período. Histórico de fissuras que foram sanadas com o uso de argamassa de cimento e, talvez, grampos sobre o arco da saleta.
	Sujidades	Ação da água Ação química Ação de insetos	Deposição de partículas em suspensão aliada à água da chuva e textura rugosa do revestimento de fachada, contribuindo para o acúmulo de sujeira. Folhas de árvores e teias de aranha; Falta de manutenção e limpeza da fachada.		Elementos espúrios	Ação antrópica	Instalações posteriores inadequadas como tubulações e eletrodutos aparentes sem preocupação estética com o edifício.
	Reboco de cimento	Ação antrópica	Intervenção posterior inadequada com material incompatível com o estrato original.		Esfoliação dos tijolos	Ação da água Ação biológica	A perda da argamassa de revestimento possibilitou a ação direta da água da chuva e contribuiu para a proliferação de microorganismos que fragilizaram o material poroso de que é composto os tijolos.
	Ferrugem	Ação da água Ação química	Perda da camada de tinta em alguns pontos que permitiu a infiltração de água da chuva e provocou uma reação química nos compostos dos elementos em ferro que são corroídos em diferentes pontos e mudando sua coloração.		Perda de palhetas nos tampos venezianados das janelas	Ação da água Ação biológica Ação de insetos	Ação direta da água das chuvas que propiciam à proliferação de insetos xilófagos e microorganismos que levam ao apodrecimento das peças em madeira e a perda das mesmas.
	Perda de argamassa de revestimento	Ação da água Ação biológica, Ação antrópica	Infiltração de água da chuva aliada ao acúmulo de microorganismos que fragilizam o estrato, geram fissuras e desprendimento do reboco. Na base, também se constata depredação.		Perda de peças dos azulejos.	Ação da água	Infiltração de água ascendente e descendente que diminui a resistência dos estratos e gera o desprendimento das peças que geralmente quebram com a queda brusca.
	Alteração Cromática	Ação da água Ação química Ação antrópica	Ação direta de água da chuva e gases poluentes (chuva ácida). Pintura com tinta inadequada e falta de manutenção e conservação.				

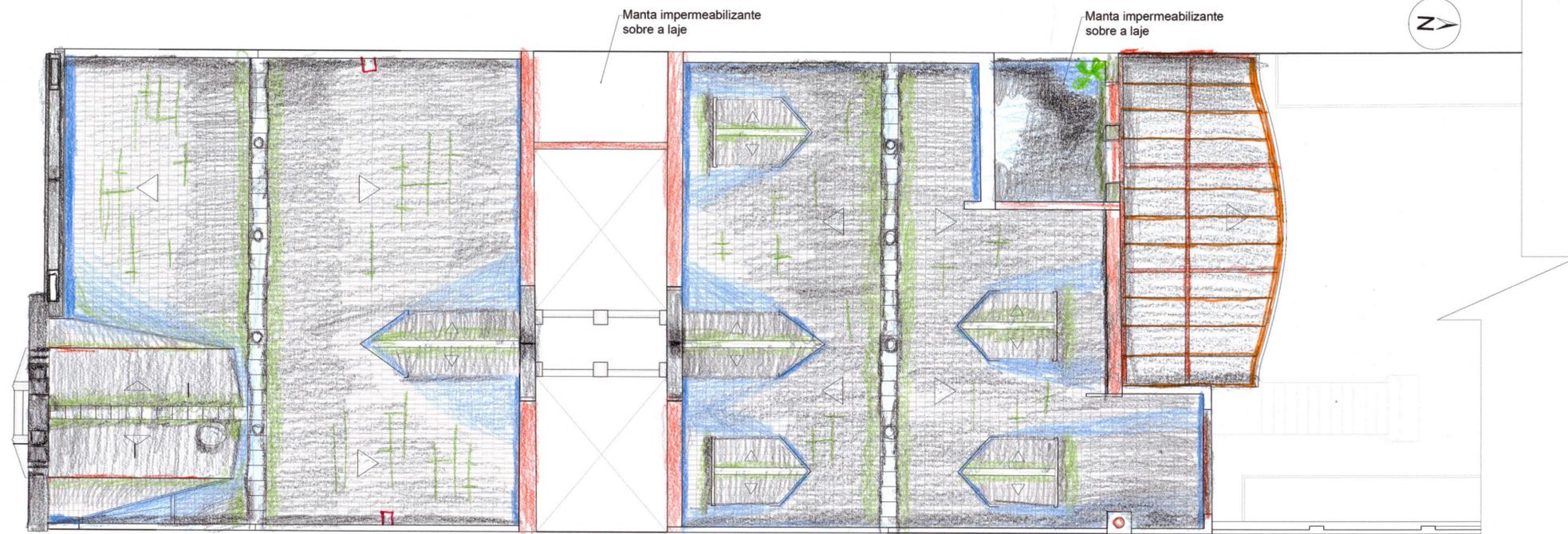


OBSERVAÇÕES

- Os elementos espúrios são em maior quantidade no pátio central. A instalação de ar-condicionados de forma inadequada resultou em condensadores junto às paredes, suspensos por suportes em aço fixados nestas paredes. As mangueiras de escoamento das águas dos aparelhos despejam diretamente no piso e nos cantos junto às paredes, contribuindo para o aparecimento ou aumento dos danos já decorrentes da presença de água.
- As calhas mal acondicionadas e mal calculadas continuam trazendo dificuldades: constantemente entopem e não tem vazão suficiente para toda água de contribuição dos panos de telhado.
- Os tubos de queda estão enjambrados junto às fachadas, comprometendo a estética e a saúde do do edifício.
- A grande quantidade de ornatos nas fachadas contribuem para o acúmulo de danos provenientes de presença de água. A maior parte dos danos resultam da ação direta da água.

Mapa de Danos	Data	Avaliação
Primeira entrega	15/12/2018	Pré-avaliação
Alteração	11/03/2019	Banca Ateliê II
Alteração	11/09/2021	Entrega final

 MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	MAPA DE DANOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS	
ORIENTADOR(A) SUSANA ACOSTA OLMOS CO-ORIENTADOR(A)	ESCALA Indicada	PRANCHA 09/10
ARQUIVO Mapa de Danos.dwg	DATA 11/09/2021	



PLANTA DE COBERTURA
ESCALA 1/75

TABELA DE DANOS			
LEGENDA	DANO	AGENTES	CAUSAS PROVÁVEIS
	Mancha de Água	Ação da água	Incidência direta de água da chuva e acúmulo em concavidades e rugosidades do edifício, propiciando outros danos.
	Biofilme	Ação da água Ação biológica	Acúmulo de água nos cantos e elementos, contribuindo para proliferação de microorganismos.
	Microflora	Ação da água Ação de animais Ação biológica	Deposição de sementes por pássaros ou vento Água da chuva e sol nos panos de telhado, acumulando nos cantos e concavidades
	Crosta Negra	Ação da água Ação biológica	Água da chuva associada à alta concentração de gases poluentes gerados pelo alto tráfego de veículos da região.
	Sujidades	Ação da água Ação biológica	Deposição de partículas em suspensão aliada à água da chuva.
	Macroflora nas lajes	Ação da água Ação de animais	Transporte de sementes por pássaros ou vento.
	Deslocamento ou perda de telhas	Ação mecânica	Colocação inadequada, ocasionando o deslocamento das peças pela incidência de fortes chuvas e ventos que resultaram em quebra.
	Ferrugem	Ação da água Ação química	Rufos sem proteção que permitiram a infiltração de água da chuva e provocou uma reação química nos compostos dos elementos das chapas de aço que são corroídos em diferentes pontos e mudando sua coloração para alaranjado. Principalmente nas emendas das peças onde a água se acumula mais.

OBSERVAÇÕES

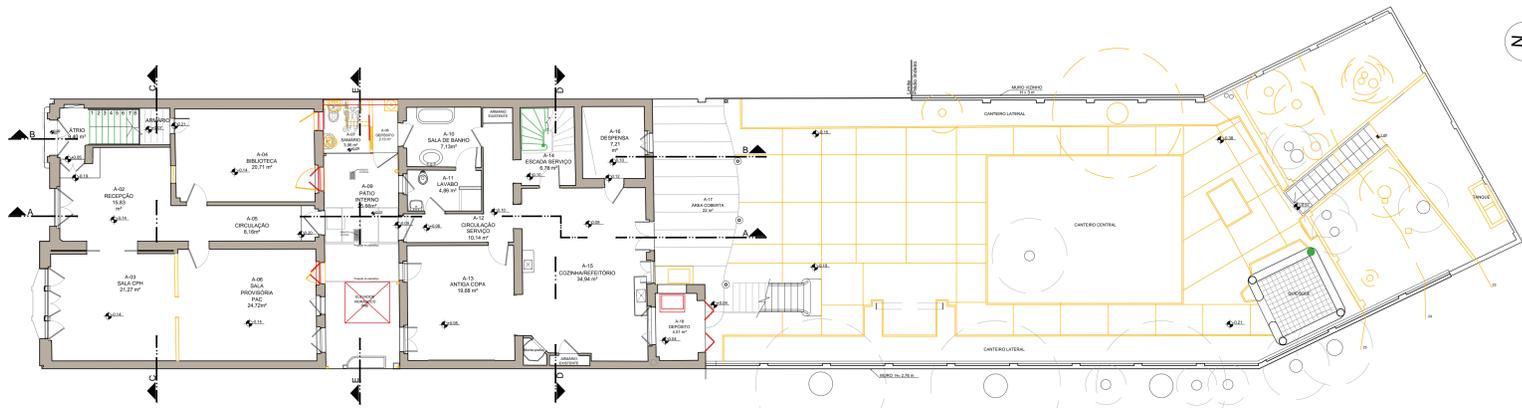
- O imóvel sofreu danos por infiltração de água ascendente em abundância proveniente da cobertura, atingindo entrespos e paredes. O problema foi sanado no ano 2000 com a recuperação das coberturas.
- As calhas mal acondicionadas e mal calculadas continuam trazendo dificuldades: constantemente entopem e não tem vazão suficiente para toda água de contribuição dos panos de telhado.

Mapa de Danos	Data	Avaliação
Primeira entrega	15/12/2018	Pré-avaliação
Alteração	11/03/2019	Banca Ateliê II
Alteração	11/09/2021	Entrega final

 MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	MAPA DE DANOS CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS	
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES	
ORIENTADOR(A) SUSANA ACOSTA OLMOS CO-ORIENTADOR(A)	ESCALA Indicada	PRANCHA 10/10
ARQUIVO Mapa de Danos.dwg	DATA 11/09/2021	



PROJETO DE INTERVENÇÃO



PLANTA BAIXA PORÃO
ESCALA 1/100

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400

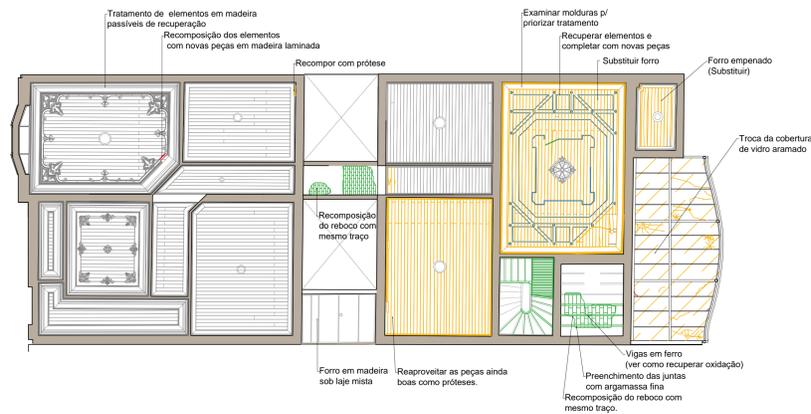


PLANTA DE PISO PORÃO
ESCALA 1/100

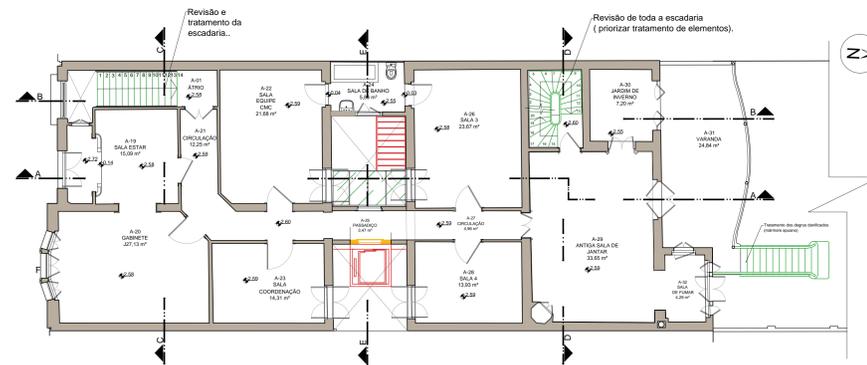
ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400



PLANTA DE FORRO PORÃO
ESCALA 1/100



PLANTA DE FORRO PAVIMENTO PRINCIPAL
ESCALA 1/100



PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
ESCALA 1/100

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400



PLANTA DE PISO PAVIMENTO PRINCIPAL
ESCALA 1/100

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400

BLOCO 1:

- A-01 Átiro: Rebaixo de 5 cm da soleira e degrau de acesso ao A-02 devido ao desnível com o piso do átiro.
- A-02 e 05 Recepção: Remoção do piso cerâmico adicionado na década de 1970; acomodação dos dutos de água do relógio medidor, para baixo do piso.
- A-03 Biblioteca: Remoção de todos os tacos de madeira, fazendo novo contrapiso.
- A-04 Arquivo: Substituição da porta de acesso ao pátio por janela contemporânea em madeira; fechamento do vão de porta entre A-04 e A-07; troca da esquadria entre A-02 e A-04.
- A-06 Sala CPH: substituição da porta de acesso ao pátio por uma janela contemporânea; remoção dos tacos de madeira; novo contrapiso com impermeabilização.

PÁTIO INTERNO:

- A-07 e A-08 Sanitário PNE: Substituição de pisos e revestimentos; retirada da parede divisória e reforço com estrutura metálica (viga/pilar); construção de parede hidráulica em placas cimentícias junto à parede da divisa, adequando a tubulação de água e esgoto. No A-08, retirada do aquecedor de água, do sóculo e da tubulação; retirada do piso e nivelamento.
- A-09 Pátio: Remoção de todo o piso, adequação da rede pluvial com instalação de ralos e calhas de escoamento; Substituir a caixa de inspeção por outra maior; assentamento de novo piso sobre contrapiso; incorporação de um elevador elétrico junto ao volume do passadiço; retirada de toda a tubulação elétrica e hidráulica para substituição.
- Colocação de uma cobertura bioclimática com brises móveis em policarbonato incorporado a uma estrutura metálica para proteger o acesso ao sanitário da água da chuva e não bloquear a luz natural.

BLOCO 2:

- Remoção de todos os forros de madeira, substituindo por novos; Limpeza de todos os ladrilhos; recuperar os azulejos danificados.

PAVIMENTO PRINCIPAL

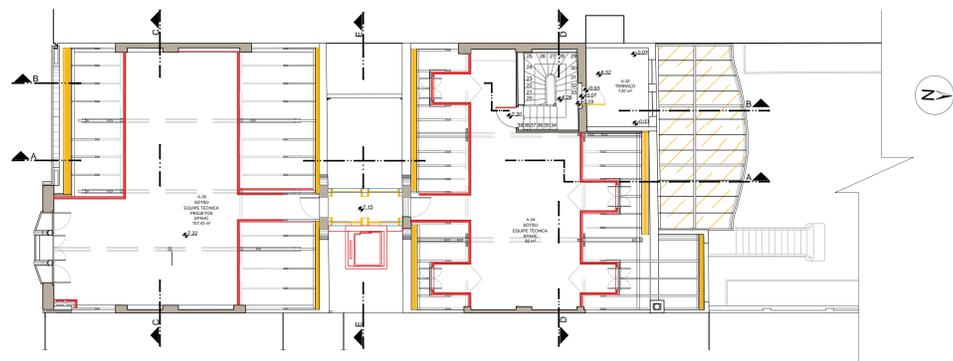
- Bloco 1 e 2: Revisão de todo o tabuado de madeira do piso e do forro com possibilidade de sacrificar algum ambiente para fazer uso de próteses em outros. Priorizando as áreas sociais na manutenção do original.
- remoção do forro e piso da antiga sala de jantar e saleta (A-29 e A-32) pelo alto comprometimento.
- Atentar para os frisos com douraduras do forro do gabinete. Devem ser recompostos.
- Regeneração das fissuras de revestimento das paredes de tabique de faixão.
- Abertura de vão junto ao passadiço, face leste, para conexão com elevador.
- Reforço do vão com verga e ombreiras em estrutura metálica.
- Recomposição das esquadrias danificadas com próteses e/ou enxertos.
- Sacrificar tampos venezianados de uma das janelas para recompor outras.
- Verificar o funcionamento da persiana e recuperar o fechamento da caixa de persiana.



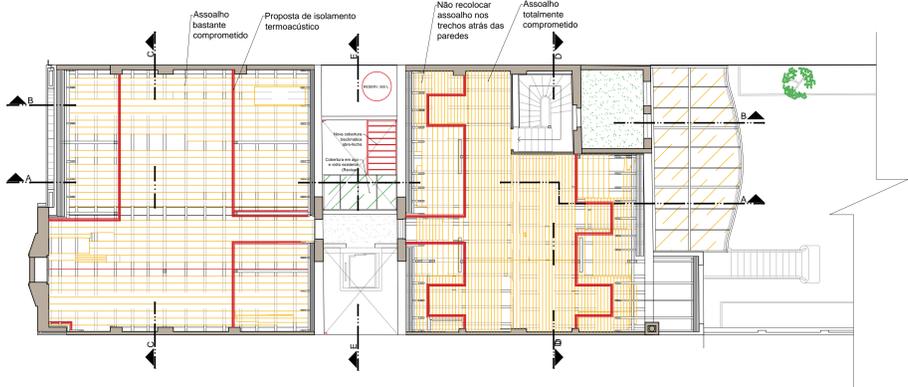
PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA 1/1000

- LEGENDA**
- DEMOLIR
 - CONSTRUIR
 - PERMANECER
 - RECOMPOR/REGENERAR

		PROJETO DE INTERVENÇÃO RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO CASA GODOY PORTO ALEGRES	
ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES	ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO	CONTEÚDO CONVENÇÕES	ESCALA Indicada DATA 07/05/2021
ARQUIVO: Projeto final.dwg		PRANCHA 01/11	



PLANTA BAIXA COBERTURAS
ESCALA 1/100

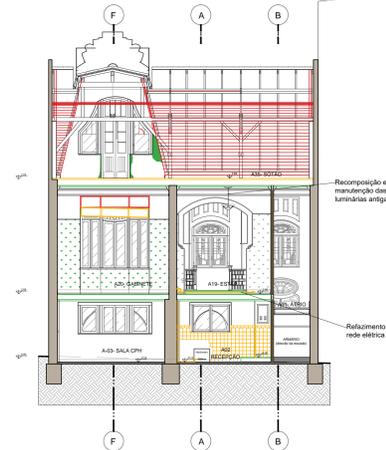


PLANTA DE PISO SÓTÃOS
ESCALA 1/100

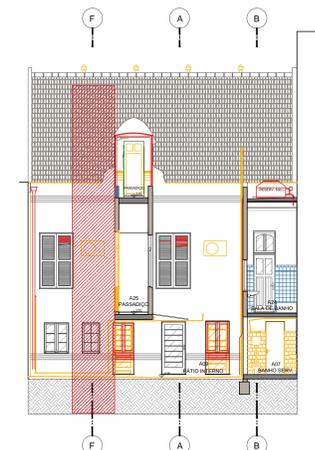


CORTE 'CC'
ESCALA 1/100

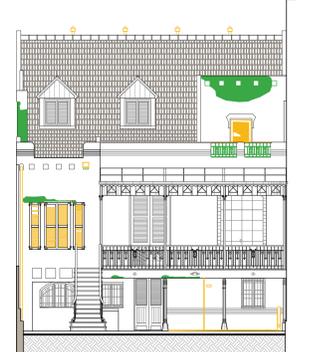
ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400



CORTE 'DD'
ESCALA 1/100

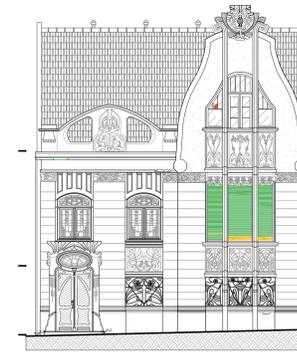


CORTE 'EE'
ESCALA 1/100



FACHADA NORTE
ESCALA 1/100

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400

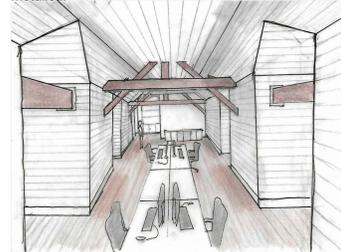


FACHADA SUL
ESCALA 1/100

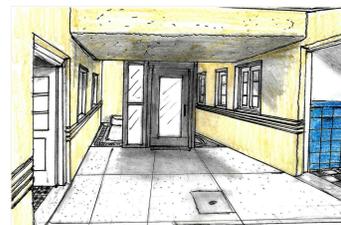
CROQUIS PRIMEIROS ESTUDOS (MAIO/2019)



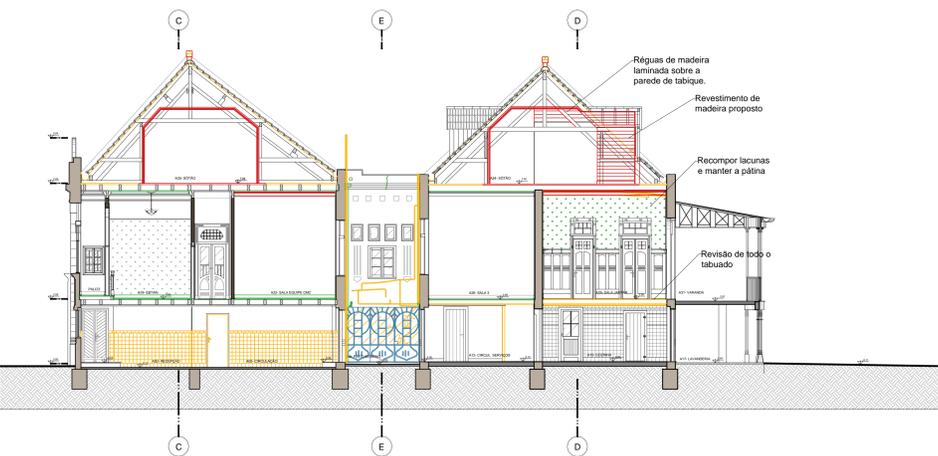
O elevador elétrico tem estrutura autossustentada e encosta no volume do passadizo através de uma viga metálica em cada lado, conectando a caixa do elevador aos dois blocos. A janela da face leste será retirada, dando lugar a um vão de porta reforçado com ombreiras e verga em estrutura metálica.



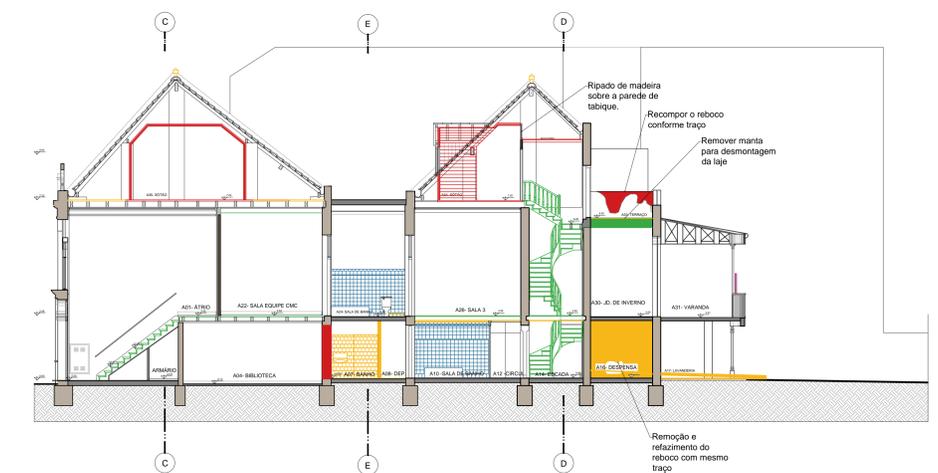
Nova forração para os sótãos em madeira laminada. Deve ser clara para dar maior conforto ao ambiente de trabalho.



Proposta inicial com elevador PNE foi substituída por elevador elétrico para até 3 pessoas.



CORTE 'AA'
ESCALA 1/100

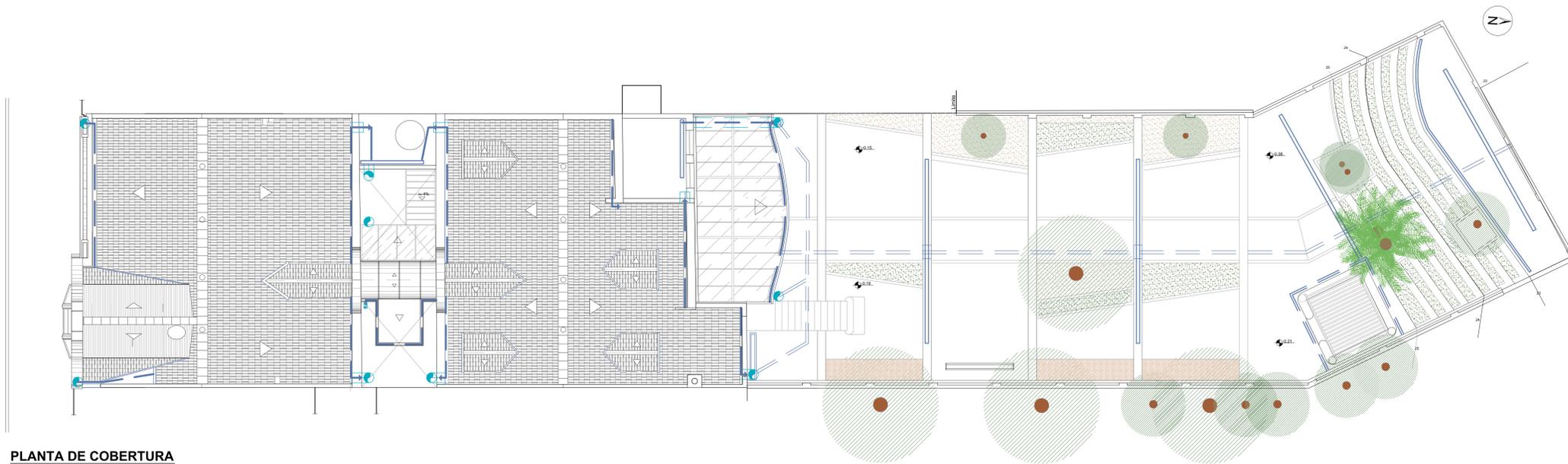


CORTE 'BB'
ESCALA 1/100

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400

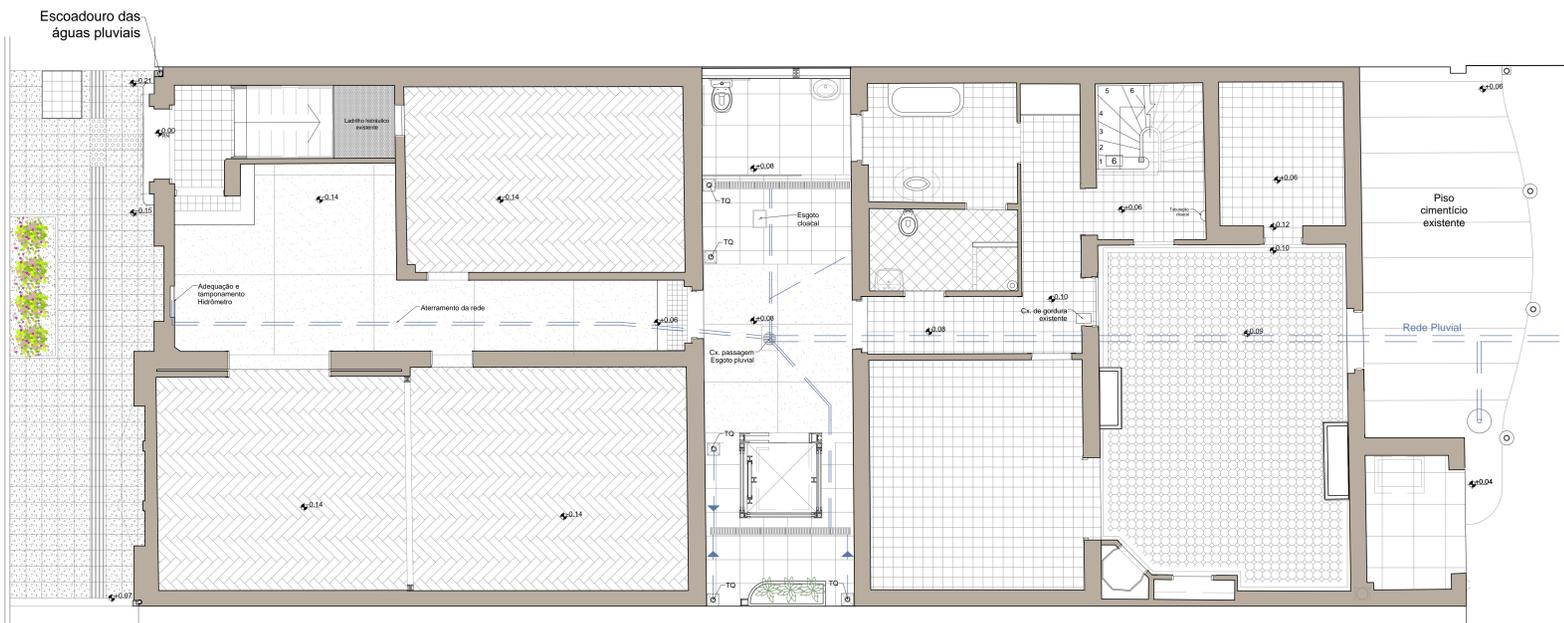
- LEGENDA**
- DEMOLIR
 - CONSTRUIR
 - PERMANECER
 - RECOMPOR/REGENERAR

 <p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA</p>	<p>PROJETO DE INTERVENÇÃO RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO CASA GODDY PORTO ALEGRES</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p>	<p>CONTEÚDO: CONVENÇÕES</p>
	<p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p>	<p>ESCALA: Indicada</p>
	<p>ARQUIVO: Projeto final.dwg</p>	<p>PRANCHA: DATA 07/05/2021</p>



PLANTA DE COBERTURA
ESCALA 1/75

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400



PLANTA DE PISO PORÃO
ESCALA 1/50

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400

LEGENDA PISOS

PISO CONCRETO PERMEÁVEL	PISO GRANITINA SEMI-BRILHO - CINZA	PISO CONCRETO REGULAR	PISO PORCELANATO P/5 RETIFICADO
PISO PODOTÁTIL CONCRETO	PISO VINÍLICO LVT PADRÃO MADEIRADO	LADRILHO HIDRÁULICO EXISTENTE	LADRILHO HIDRÁULICO EXISTENTE

LEGENDA DRENAGEM

ESCOADOURO LINEAR	TUBO DE QUEDA (diâmetro genérico)	CONDUÇÃO DAS ÁGUAS AO COLETOR PÚBLICO	ESCOADOURO DE PISO
CONDUÇÃO DAS ÁGUAS - CALHAS	SENTIDO DUTOS E GÁRGOLAS	TQ TUBO DE QUEDA	ESCOADOURO LINEAR DE PISO

Diagrama, indicando o caminho da rede pluvial até o coletor de fundos (CF) conforme mapa oficial do Departamento de Esgotos Pluviais.

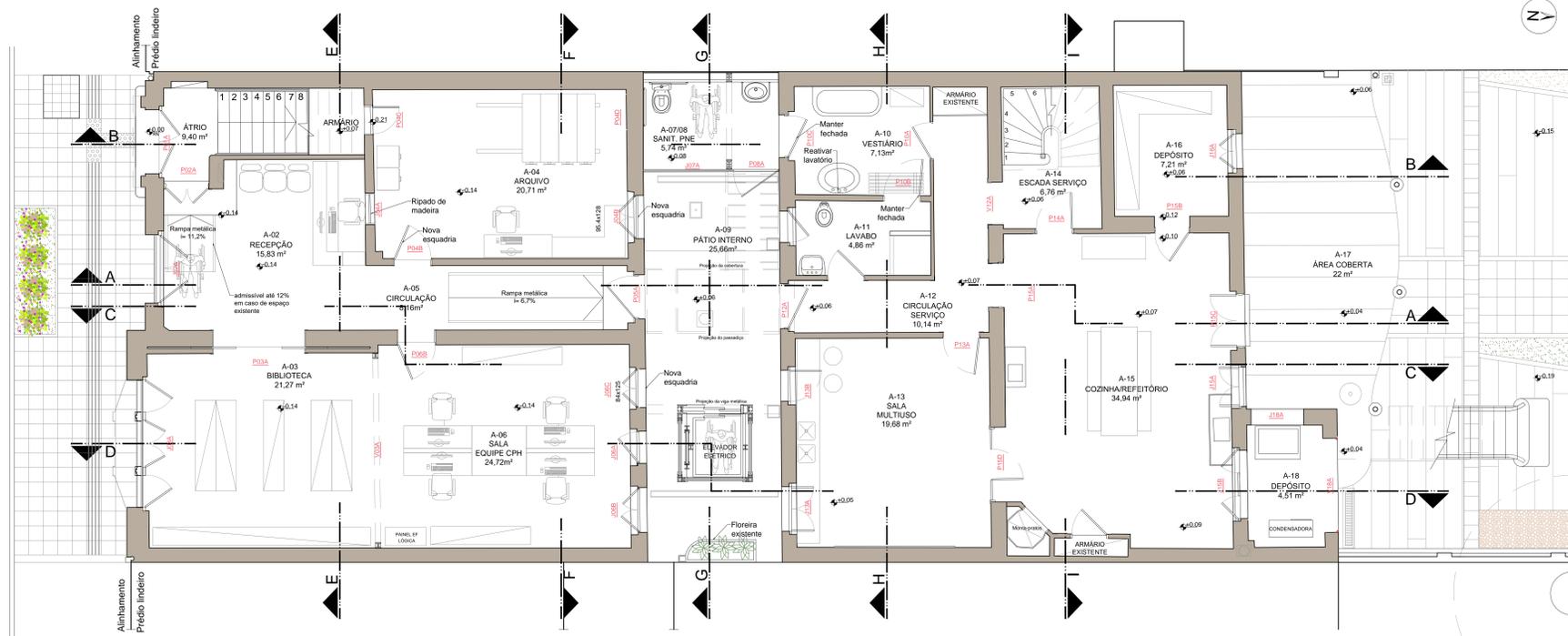


Fonte: Elaborado pela autora em maio de 2019.

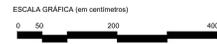
OBSERVAÇÕES:

- Os tubos de queda para escoamento das águas pluviais poderão ter conexão direta com o escoadouro ou devem apresentar desvio na base para evitar respingos nas paredes e acúmulo de água. Através dos escoadouros de piso e tubulações chegará na caixa de inspeção conectada na rede pluvial.
- O jardim receberá um novo layout que permitirá maior permeabilidade de solo e de fluxos de pessoas. A proposta busca o aproveitamento do existente, abrindo acessos a estares novos e existentes. Aproveitamento da plantas existentes e plantio de flores que buscam as formas presentes na ornamentação da casa e árvores ornamentais (ver Prancha 11).
- Não foi possível verificar a existência de um escoamento subsuperficial. Pelas instalações existentes na Casa Godoy, poderia supor que o escoamento se dá num eixo central (inclusive no prédio vizinho de fundos), acompanhando as curvas de nível do terreno até alcançar o coletor de fundos, conforme diagrama ao lado.

AVENIDA INDEPENDÊNCIA



PLANTA BAIXA PORÃO
ESCALA 1/50



PLANTA DE FORRO PORÃO
ESCALA 1/50



Ambiente A-04 Arquivo: concentra e organiza todo o acervo documental da CPH e da EPAHC.



Também tem estação de trabalho para arquivista.



Ambientes A-03 (Biblioteca) e A-06 (CPH).



Ambiente A-02 Recepção: Mantém seu uso como recepção, mas com espaço e mobiliário adequado para atendimento.



Os azulejos serão removidos, caso não haja reposição de peças no mercado. Há muitas lacunas. Ao fundo se vê a rampa de acesso ao pátio interno.



A rampa de acesso à recepção deve ultrapassar a inclinação de 8,33% devido ao pouco espaço físico e desnível a vencer. O cadeirante deve ser auxiliado.



Ambiente A-06: Sala do Centro de Pesquisa Histórica com estações de trabalho próximas à biblioteca e arquivo.



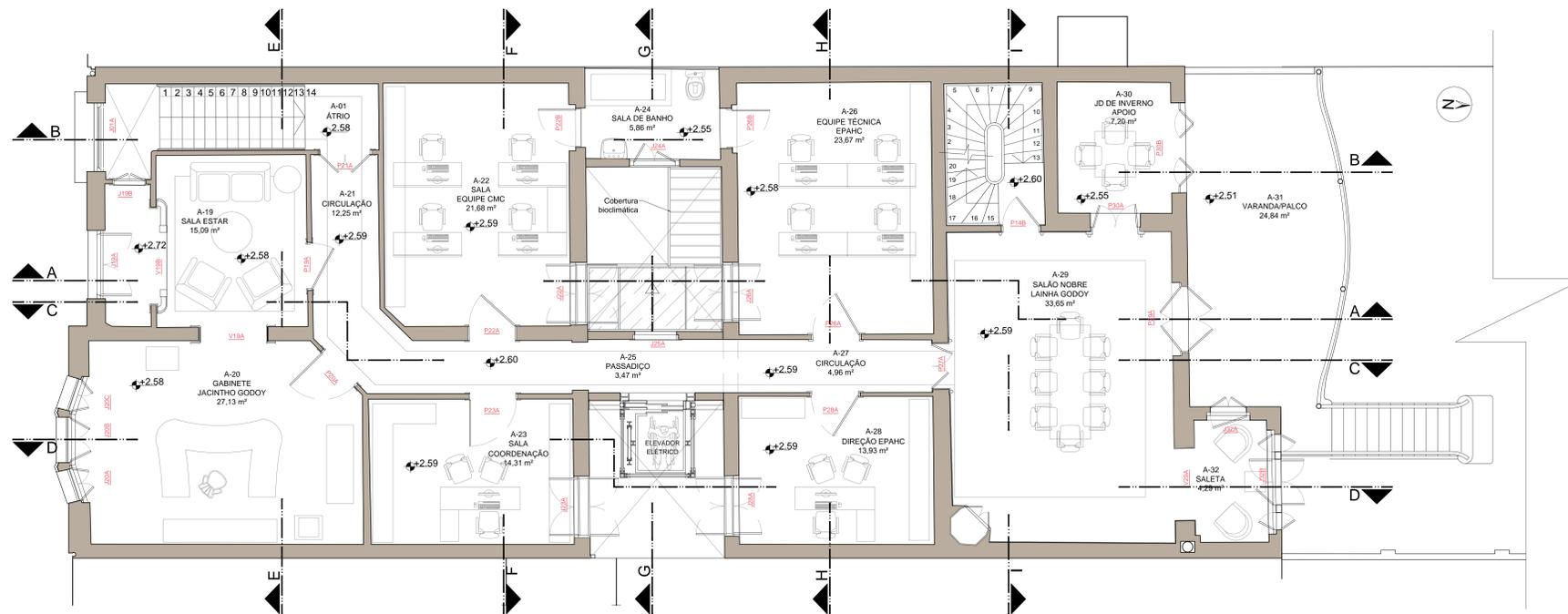
Ambiente A-03: Biblioteca. Esta grande sala abriga os ambientes A-03 e A-06. A parede existente foi removida para melhorar a ventilação. A estrutura metálica faz o reforço do vão.

OBSERVAÇÕES:

- Rampas de acesso à portadores de necessidades especiais deverão ser em aço. Ficarão fixas, porém, reversíveis. Os corrimãos serão fixados na própria rampa sem comprometer as paredes da edificação. A rampa de acesso ao edifício deve ser pensada com um projeto específico, pois deve ser móvel e não deve atrapalhar o passeio público que é estreito.
- A rampa de acesso à recepção deve ultrapassar os 8,33% por não existir espaço para rampa neste ambiente e não haver outro acesso. Nestes casos, é possível até 12% de inclinação.
- A janela entre a sala do arquivo e a recepção receberá uma esquadria ripada em madeira para possibilitar a ventilação cruzada entre esta e a janela junto ao pátio.
- A Biblioteca concentrará publicações e bibliografias produzidas pela Secretaria da Cultura.
- O elevador junto ao pátio central será totalmente em aço e vidro. A caixa externa terá uma estrutura autossustentada em aço, e vidro e um poço de 150 cm de profundidade.
- A antiga sala de banho receberá armários para guarda-volumes e vestiário individual.
- A sala multufundo terá bancadas e duas pias para uso como oficina.
- A cozinha permanece como refeitório, mantendo seus bens integrados e recebendo mobiliário adequado.
- O depósito junto à cozinha será destinado ao armazenamento de produtos de higiene e limpeza.
- O depósito junto ao jardim será para armazenamento de equipamentos de manutenção do jardim e ferramentas. Bem como a instalação de um tanque de água, substituindo o antigo que ficava na área coberta.
- As instalações elétricas se distribuirão por eletrocalhas modulares (sinalizado em amarelo tracejado) conforme Plantas de Forro.

— ELETROCALHAS MODULARES

<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE</p>	<p>PROJETO DE INTERVENÇÃO RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO CASA GODOY PORTO ALEGRES</p>	
	<p>ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES</p> <p>ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO</p> <p>ARQUIVO: Projeto final.dwg</p>	



PLANTA BAIXA PAVIMENTO PRINCIPAL
ESCALA 1/50



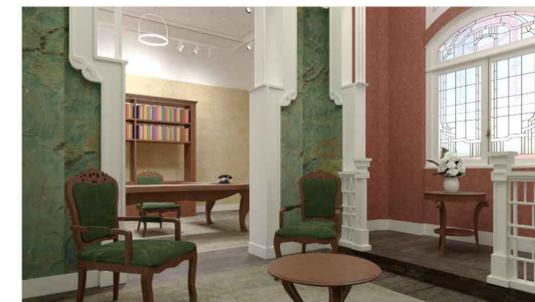
Ambiente A-22 Sala da equipe da Coordenação da Memória Cultural. A Sala A-26 (Equipe EPAHC) segue os mesmos moldes com estações de trabalho para até 4 pessoas.



A janela com bandeira móvel deve receber uma alavanca para facilitar sua abertura, pois a bandeira está fora do alcance por ser muito alta.



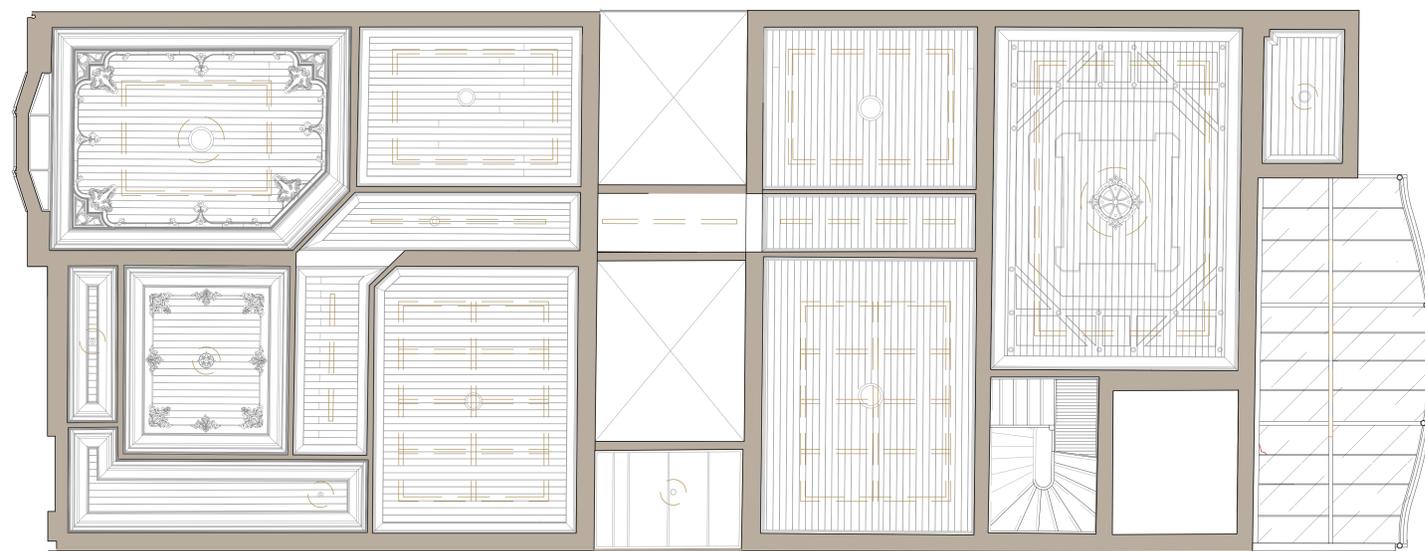
Eletrocalhas modulares na cor branca.



Ambiente A-19 Sala de Estar. Se mantém com seu uso para receber público externo para atendimento e/ou reuniões.



Ambiente A-20 Gabinete Jacintho Godoy. É um museu dele mesmo, mantendo todo o mobiliário e acervo documental.



PLANTA DE FORRO PAVIMENTO PRINCIPAL (c/ eletrocalhas)
ESCALA 1/50

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)



Encaixe tipo Rabo de Andorinha para próteses em forros.



Encaixe Macho-fêmea e arestas biseladas para novos forros.



Forro da sala de estar.



Forro so Salão Nobre todo novo, conservando os ornatos passíveis de recuperação e novos ornatos em madeira laminada para recompor a imagem.

PAVIMENTO PRINCIPAL

Bloco 1 e 2:
O gabinete manterá seu uso como museu dele mesmo, pois conserva todo o mobiliário, alguns objetos e livros de consulta do médio Psiquiatra Jacintho Godoy.

A sala de estar manterá seu uso para receber os requerentes em dias de plantões técnicos ou pequenas reuniões.

A Coordenação da Memória Cultural e sua equipe permanecerão ocupando as duas primeiras salas.

As salas A-26 e A-27 ficarão com a EPAHC

A antiga sala de banho permanece como sanitário, atendendo o pavimento principal

Antiga sala de jantar será o salão nobre, onde eventos culturais como saraus, tarde de autógrafos, rodas de conversa e palestras acontecerão, resgatando a identidade do lugar.

O jardim de inverno passa a ser uma sala de apoio dos eventos

A varanda poderá ser o palco para as apresentações de saraus e chorinhos voltados para o jardim.

O sótão do Bloco 2 abrigará a equipe técnica da EPAHC (arquitetos, historiadores)

O sótão do Bloco 1 será um pequeno auditório para palestras e cursos de pequeno porte.

OBSERVAÇÕES:

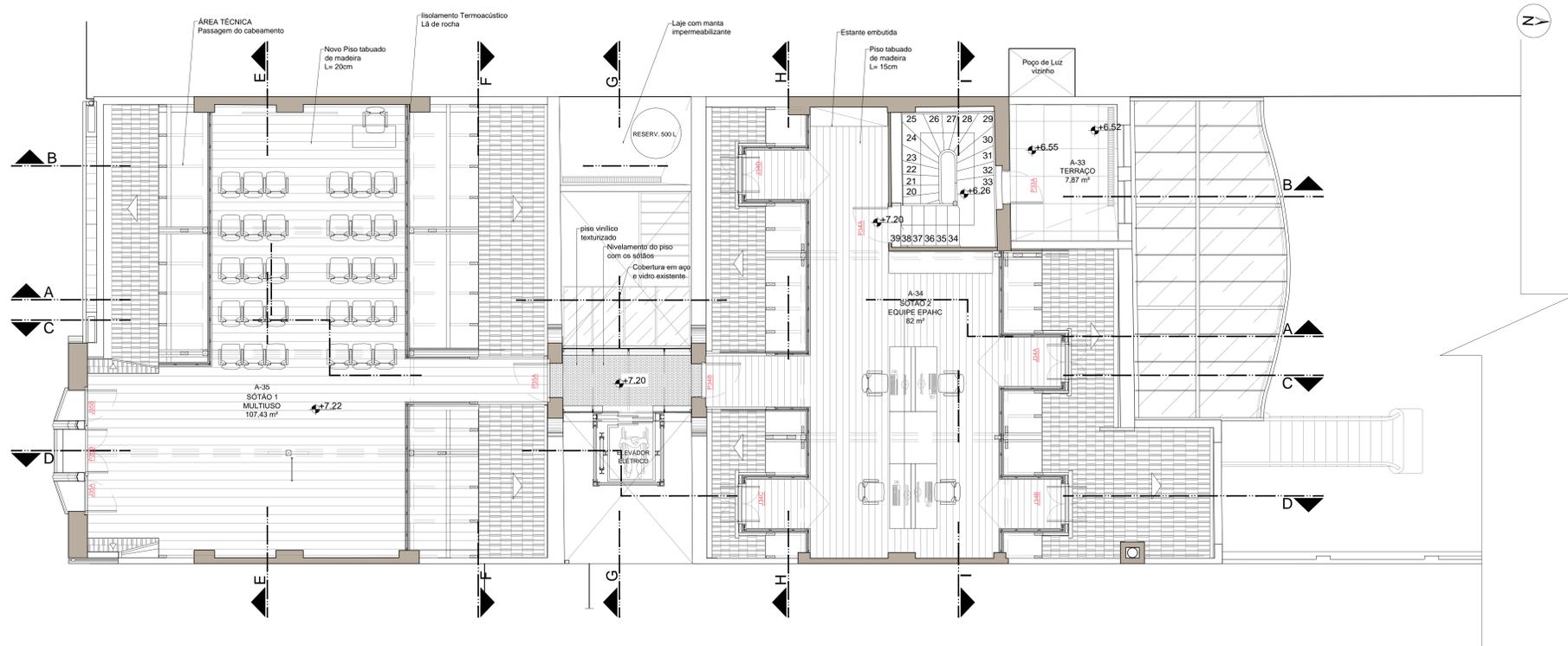
O tratamento térmico a ser dado ao edifício se direcionou para o uso de calefação para o inverno e ventilação para o verão, mantendo o máximo de tempo possível as janelas abertas para cruzar a ventilação e diminuir o teor de umidade ambiente.

As janelas das quatro salas de trabalho do pavimento principal possuem bandeira móvel. Ideal para contribuir com a convecção e melhorar o condicionamento das salas.

O isolamento térmico nos sótãos deve acontecer. Porém, a área técnica reservada à manutenção elétrica nas laterais ajudará na formação de um colchão de ar.

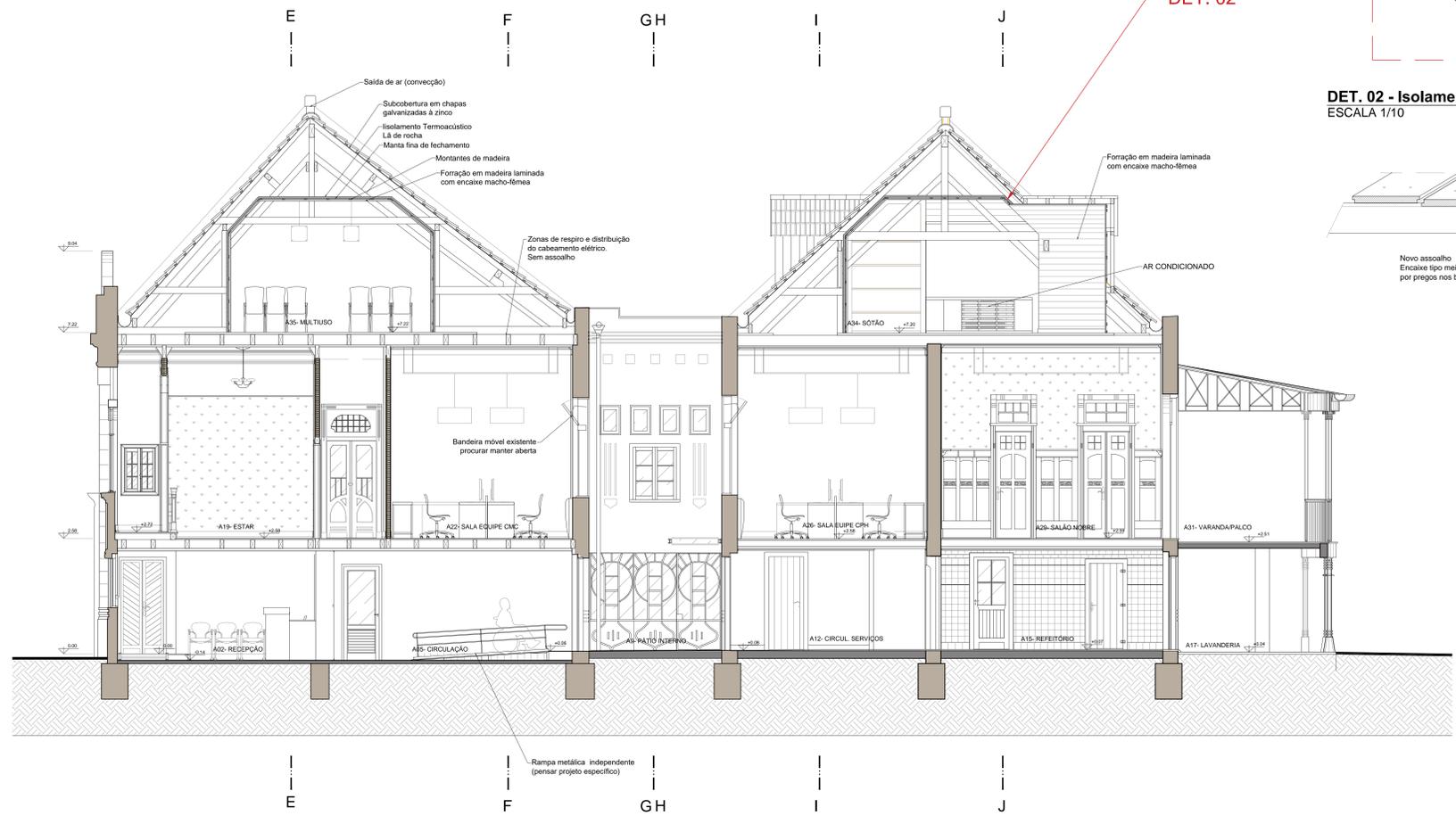
— ELETROCALHAS
— MODULARES

	MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	PROJETO DE INTERVENÇÃO RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO CASA GODDY PORTO ALEGRE-RS	
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES ORIENTADORA(A): SUSANA ACOSTA OLMOs ARQUIVO: Projeto final.dwg	CONTEÚDO Planta Baixa e Planta de forro Pavimento Principal ESCALA Indicação DATA 07/05/2021	



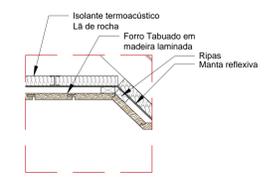
PLANTA BAIXA SÓTÃOS
ESCALA 1/50

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400

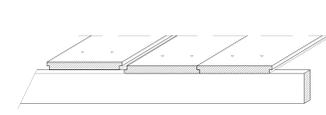


CORTE 'AA'
ESCALA 1/50

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 200 400



DET. 02 - Isolamento termoacústico
ESCALA 1/10



A-34 Sótão Bloco 2: Abrigará parte da equipe EPAHC.



As trapeiras permitem uma boa ventilação no ambiente que tem isolamento termoacústico.



Forração em madeira laminada e assoalho novo em madeira.



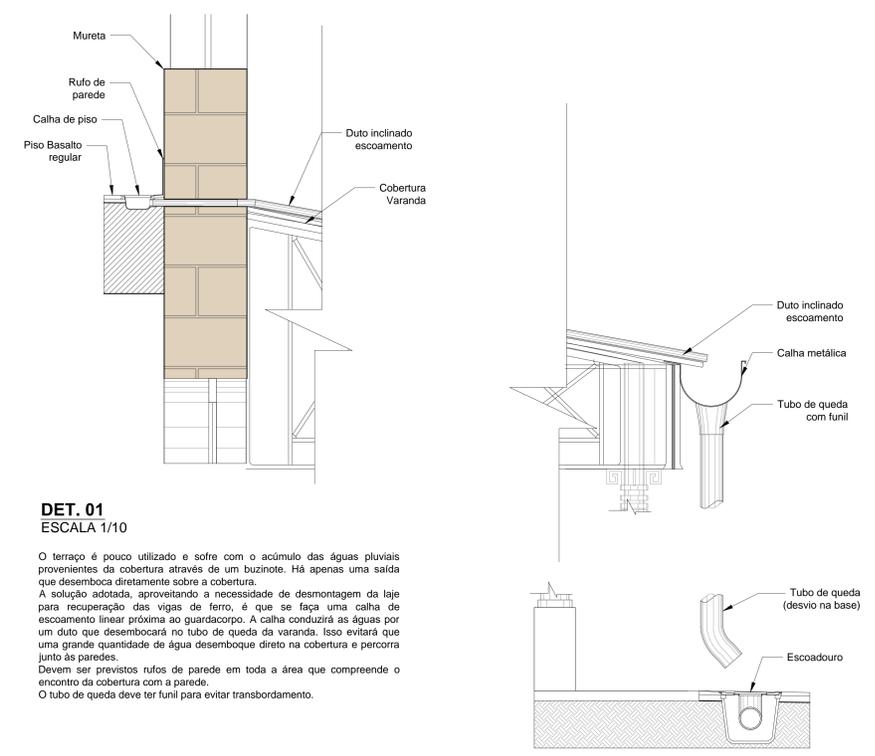
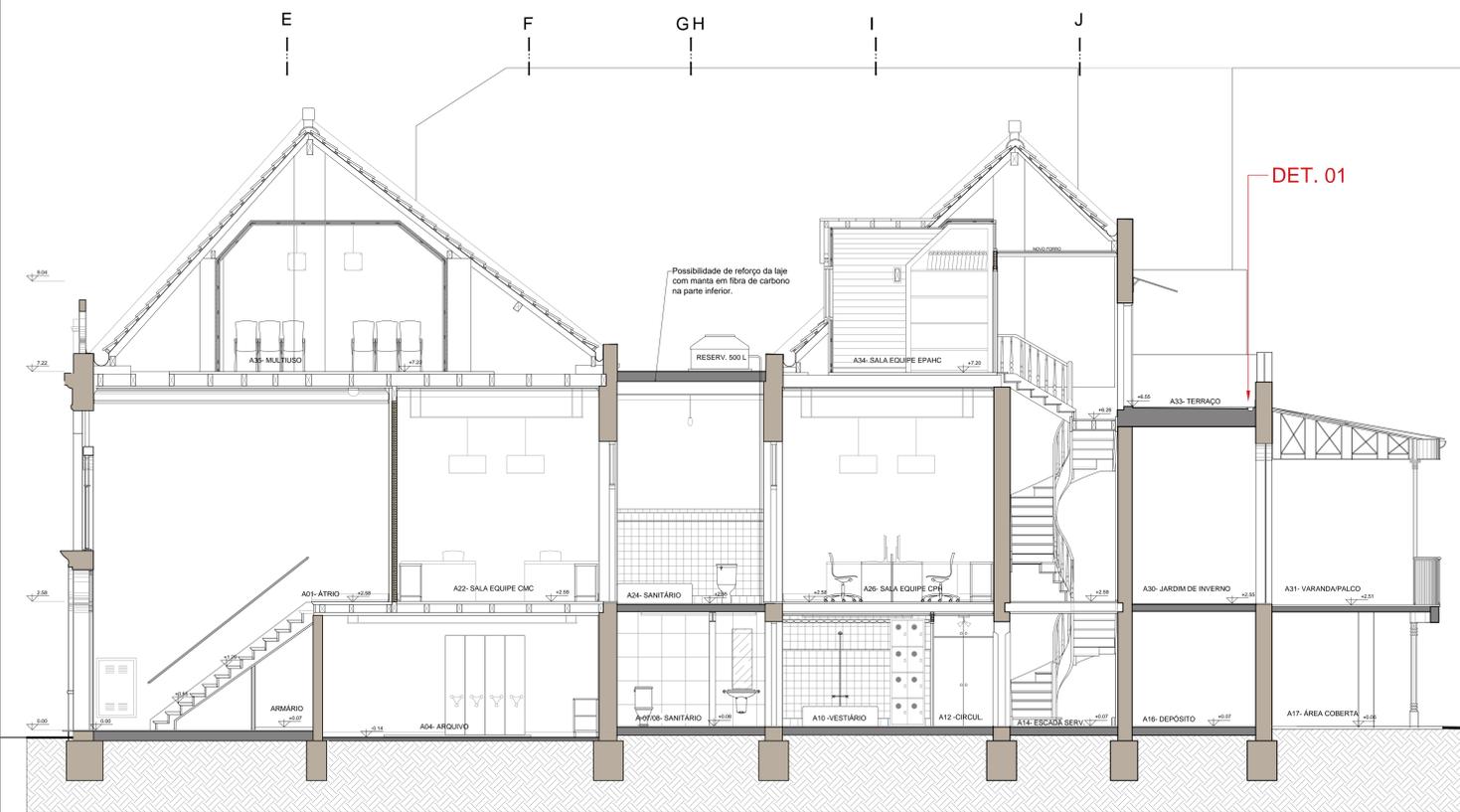
As paredes tem respiro nas laterais, estando ali a área técnica para manutenção do cabeamento elétrico e de lógica do edifício. O mesmo se repete no outro sótão.



Cobertura em aço e policarbonato com sistema abre-fecha para proteção contra chuva no acesso ao sanitário.



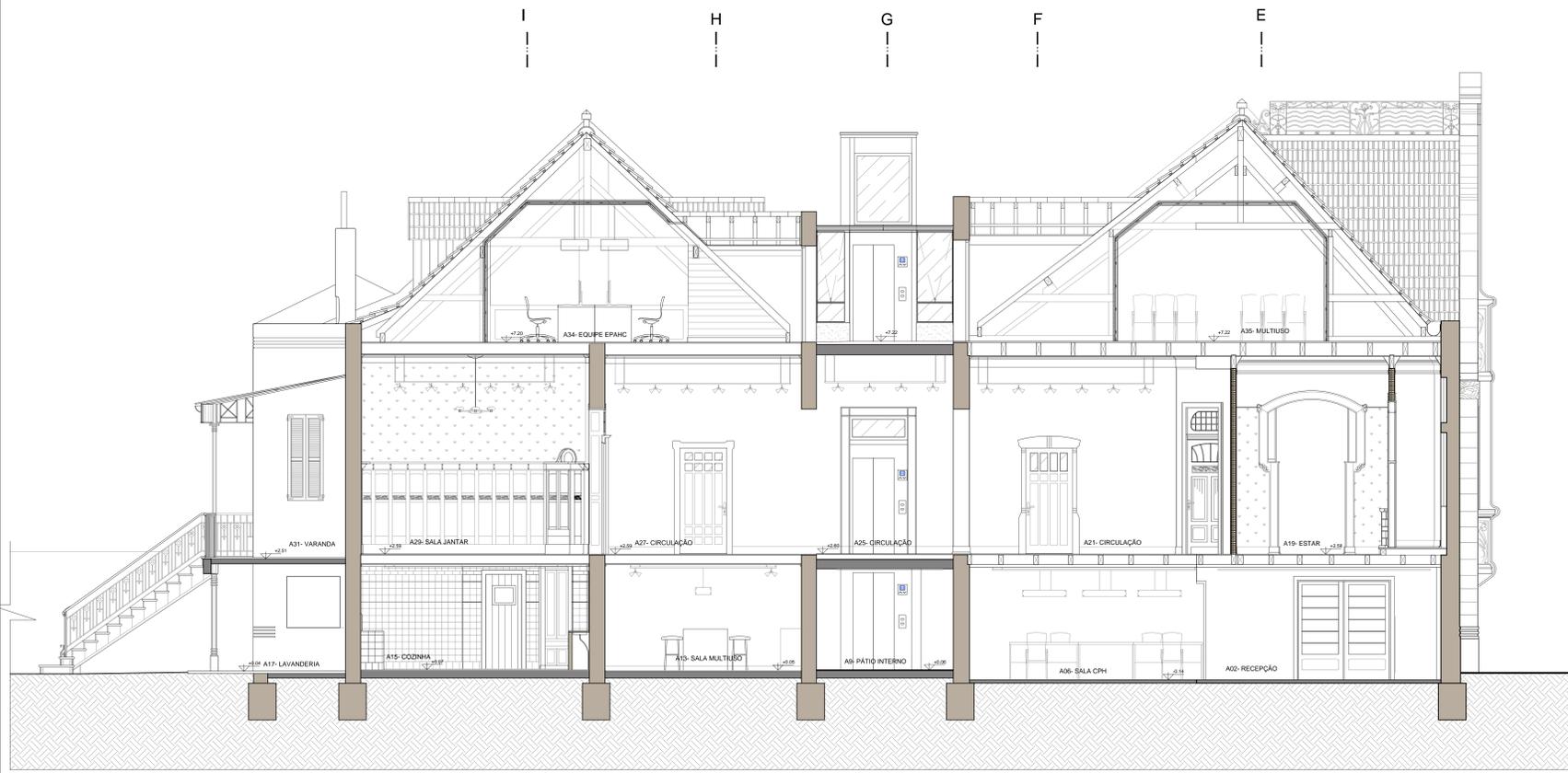
 MP-CECRE <small>MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS</small> <small>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA</small>	PROJETO DE INTERVENÇÃO RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO CASA GODOY <small>PORTO ALEGRE-RS</small>		
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES	CONTEÚDO: Planta Baixa Sótãos, Corte "AA"	
	ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO	ESCALA Indicada	PRANCHA 06/11
	ARQUIVO: <small>Projeto final.dwg</small>	DATA 07/05/2021	



DET. 01
 ESCALA 1/10

O terraço é pouco utilizado e sofre com o acúmulo das águas pluviais provenientes da cobertura através de um buzinete. Há apenas uma saída que desemboca diretamente sobre a cobertura. A solução adotada, aproveitando a necessidade de desmontagem da laje para recuperação das vigas de ferro, é que se faça uma calha de escoamento linear próxima ao guarda-corpo. A calha conduzirá as águas por um duto que desembocará no tubo de queda da varanda. Isso evitará que uma grande quantidade de água desbocque direto na cobertura e percorra junto às paredes. Devem ser previstos rufos de parede em toda a área que compreende o encontro da cobertura com a parede. O tubo de queda deve ter funil para evitar transbordamento.

CORTE 'BB'
 ESCALA 1/50



CORTE 'CC'
 ESCALA 1/50



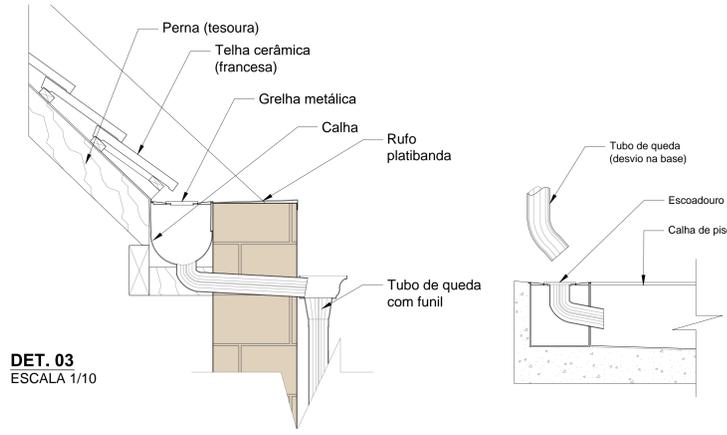
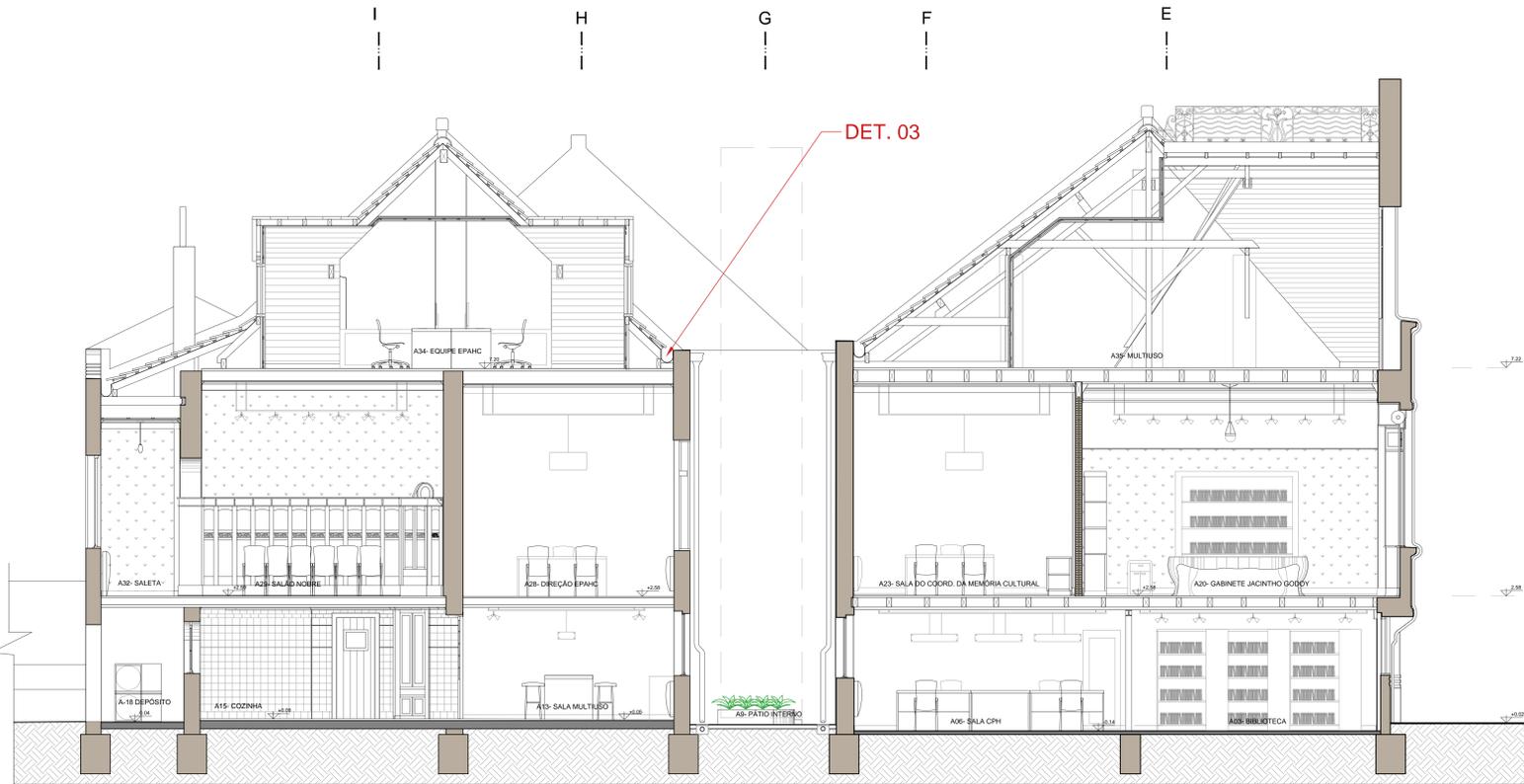
Elevador junto ao pátio. O piso junto a essa passagem coberta foi nivelado com o piso da entrada do porão.



Estrutura de aço e vidro. O passadiço possui janelas pivotantes.



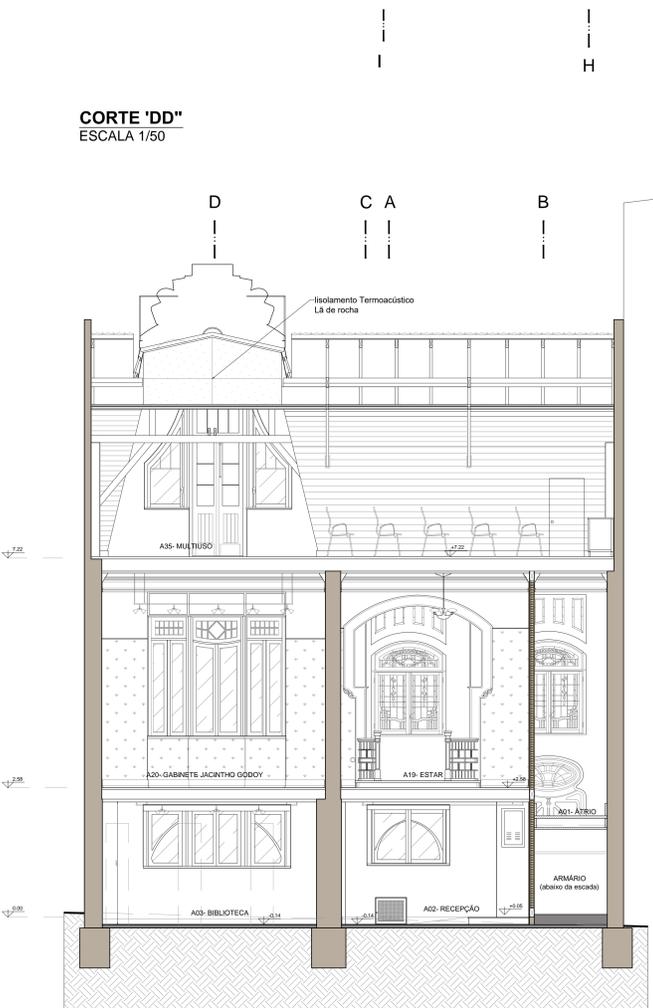
	MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	PROJETO DE INTERVENÇÃO RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO CASA GODDY PORTO ALEGRES		
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES	CONTEÚDO: Cortes 'BB' e 'CC', Detalhes		
	ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO	ESCALA: Indicada		PRANCHA: 07/11
	ARQUIVO: Projeto final.dwg	DATA: 07/05/2021		



As calhas e rufos metálicos apresentam pontos de oxidação. Principalmente junto aos parafusos. Todas deverão ser substituídas mediante a um projeto de drenagem que contempla desde as calhas até o escoamento profundo.

DET. 03
As novas calhas devem receber uma grelha de proteção e escoamento em toda a sua extensão. A medida não substitui a necessidade de manutenção e limpeza periódica, mas prolonga o período livre de sujidades. Os ralos de piso direcionarão as águas até alcançar a caixa de passagem, conforme Prancha 03. Os tubos de queda devem desembocar bem próximos ao escoadouro, com desvio para evitar respingos na base das paredes.

CORTE 'DD'
ESCALA 1/50



Estar com novo mobiliário.



A caixa de persiana deve ser recuperada com novo tamponamento.



O gabinete também recebe eletrocalhas para instalação de mais lâmpadas para iluminação especial.



Ambiente A-29 Salão Nobre Lainha Godoy. Espaço dedicado à eventos fechados e com pouco público. Máximo 35 pessoas sentadas.



Propício para saraus, palestras, reuniões e outros.



A-32 Saleta de apoio: pode abrigar um piano.

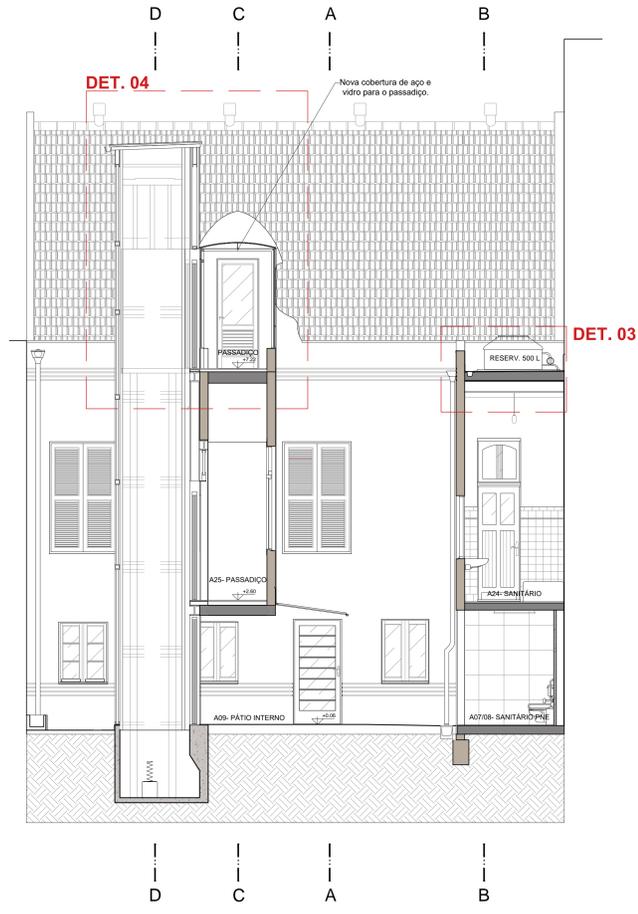
CORTE 'EE'
ESCALA 1/50



	MP-CECRE <small>REGISTRO DE SERVIÇOS DE PROTEÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS</small> <small>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA</small>	PROJETO DE INTERVENÇÃO RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO CASA GODOY PORTO ALEGRE-RS		
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES	CONTEÚDO: Cortes e Detalhes		
	ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO	ESCALA: Indicada		PRANCHA: 08/11
	ARQUIVO: <small>Projeto final.dwg</small>	DATA: 07/05/2021		



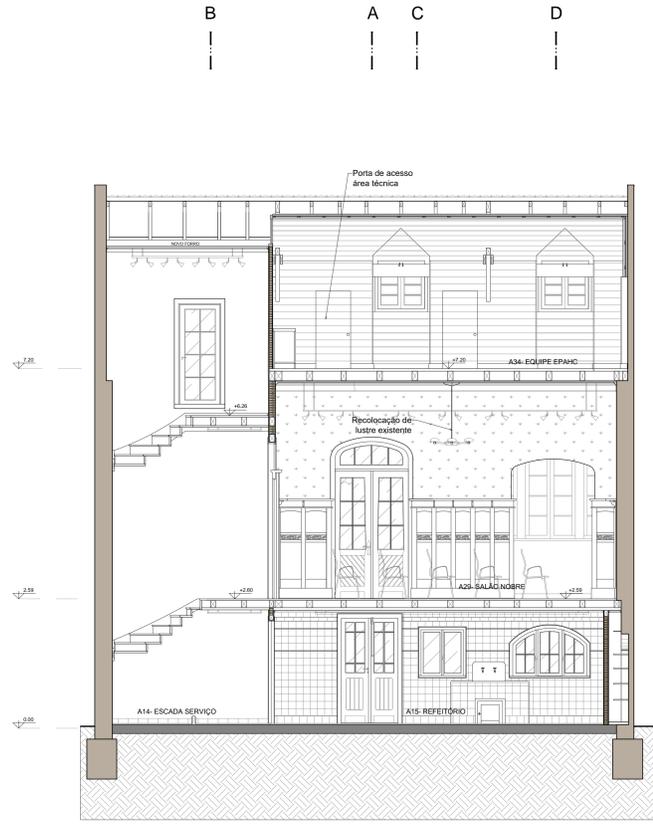
CORTE 'FF'
ESCALA 1/50



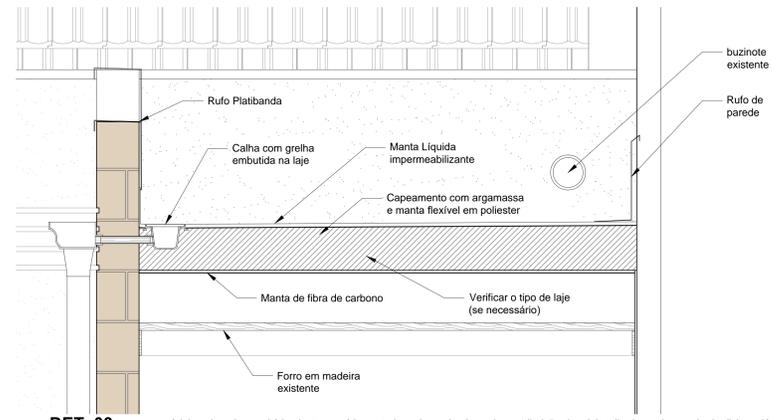
CORTE 'GG'
ESCALA 1/50



CORTE 'HH'
ESCALA 1/50

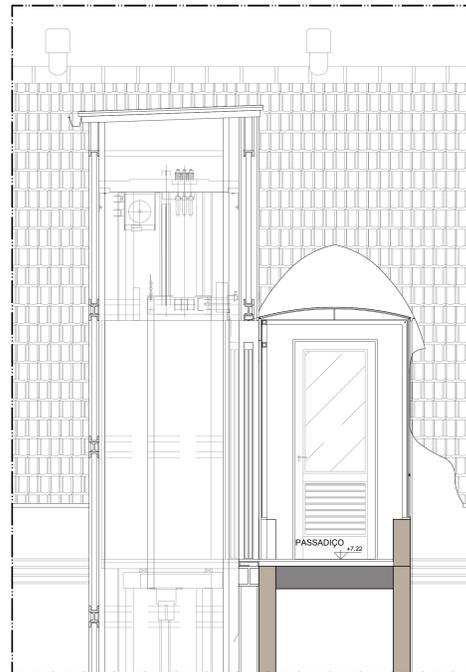


CORTE 'II'
ESCALA 1/50

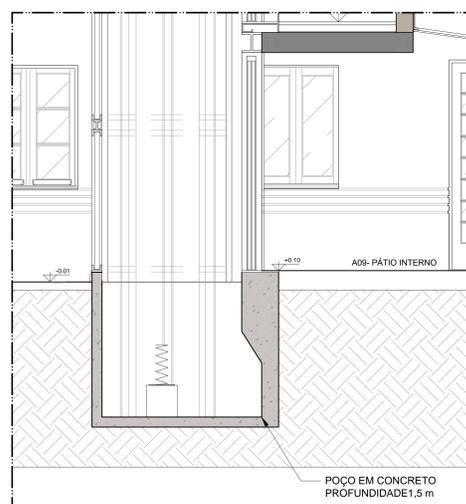


DET. 03
ESCALA 1/10

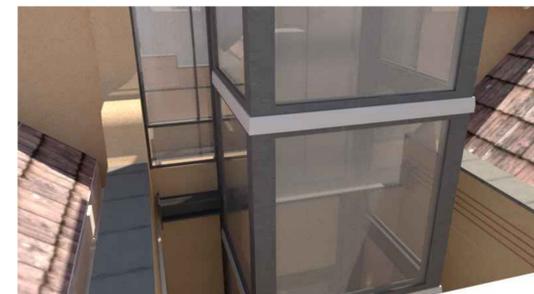
A laje acima dos sanitários junto ao pátio central recebe muita água de contribuição dos dois telhados e da parede da divisa, além da sua própria drenagem. Assim como no terraço, deve-se remover a manta e o capreamento para colocação de uma calha linear junto a platibanda, que deve receber água por um duto direto para o tubo de queda. Este, também deve ter funil na embocadura.



A caixa tem estrutura autossustentada e para ancorar no prédio, há vigas metálicas conectadas às paredes externas no nível do piso.



DET. 04
ESCALA 1/25

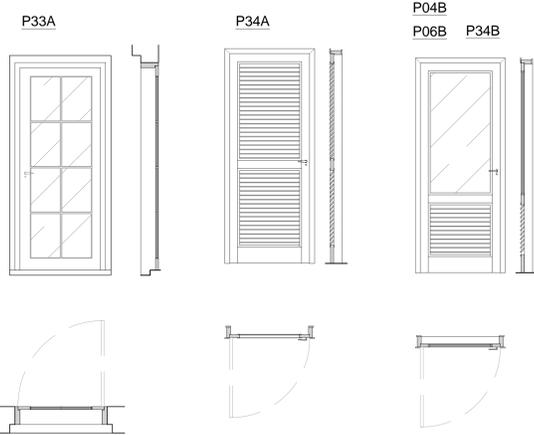


Caixa do elevador com uma estrutura de aço e vedação em vidro.

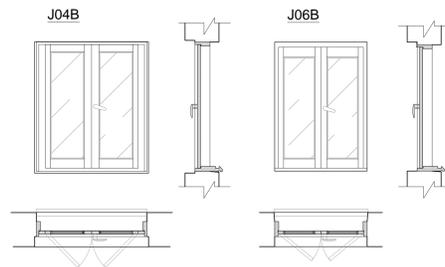


Cobertura de vidro para o passadiço junto aos sótãos para proteger a saída do elevador e os acessos aos ambientes.

	MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	PROJETO DE INTERVENÇÃO RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO CASA GODOY PORTO ALEGRES
	ARQUITETA: ADRIANA AUGUSTO NEVES ORIENTADOR(A): SUSANA ACOSTA OLMO ARQUIVO: Projeto final.dwg	CONTEÚDO Cortes 'FF', 'GG', 'HH', 'II' Detalhes e perspectivas ESCALA Indicada DATA 07/05/2021



ESQUADRIAS
ESCALA 1/25



ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 100 150

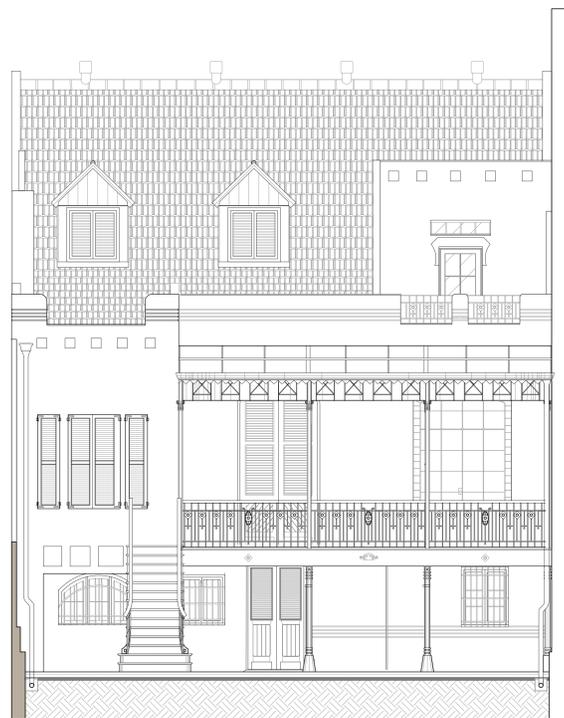


Modelo aplicado nas salas do porão. Ambientes A-03 (arquivo) e A-06 (CPH).



Janelas com caixilhos venezianados e envidraçados para permitir a passagem e renovação de ar e entrada de luz.

TABELA DE ESQUADRIAS NOVAS (medidas gerais em centímetros)						
Legenda	Ambiente	Largura	Altura	Peitoni	Descrição	Observações
P04B	A-04	80	210	—	Porta em madeira com caixilho venezianado fixo na base e envidraçado interno acima.	Substitui a porta em madeira que está apodrecida.
P06B	A-06	80	210	—	Porta em madeira com caixilho venezianado fixo na base e envidraçado interno acima.	Substitui a porta em madeira que está apodrecida.
J04A	A-04	111	130	106	Janela fixa com caixilho ripado em madeira para permitir maior ventilação.	Substitui a esquadria em ferro baseadas por não cumprir suas funções.
J04B	A-04	70	70	150	Janela em madeira, duas folhas de abrir e caixilhos envidraçados internos.	Substitui a porta P04B por risco de alagamentos.
J06B	A-06	90	130	106	Janela em madeira, duas folhas de abrir e caixilhos envidraçados internos.	Substitui a porta P06B por risco de alagamentos.
P33A	A-33	74	198	—	Porta em alumínio anodizado preto com caixilho envidraçado quadrado.	Substitui a porta em madeira que está apodrecida.
P34A	A-34	80	204	—	Porta em madeira com caixilho venezianado fixo na base e móvel acima.	Houve a perda da esquadria por apodrecimento total.
P34B	A-34	79	206	—	Porta em madeira com caixilho venezianado fixo na base e envidraçado interno acima.	Esquadria bastante comprometida pela ação de insetos e água.
P35A	A-35	79	218	—	Porta em madeira com caixilho venezianado fixo na base e envidraçado interno acima.	Houve a perda da esquadria por apodrecimento total.



FACHADA NORTE
ESCALA 1/50



FACHADA SUL - PROPOSTA CROMÁTICA
ESCALA 1/50

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 100 200 400

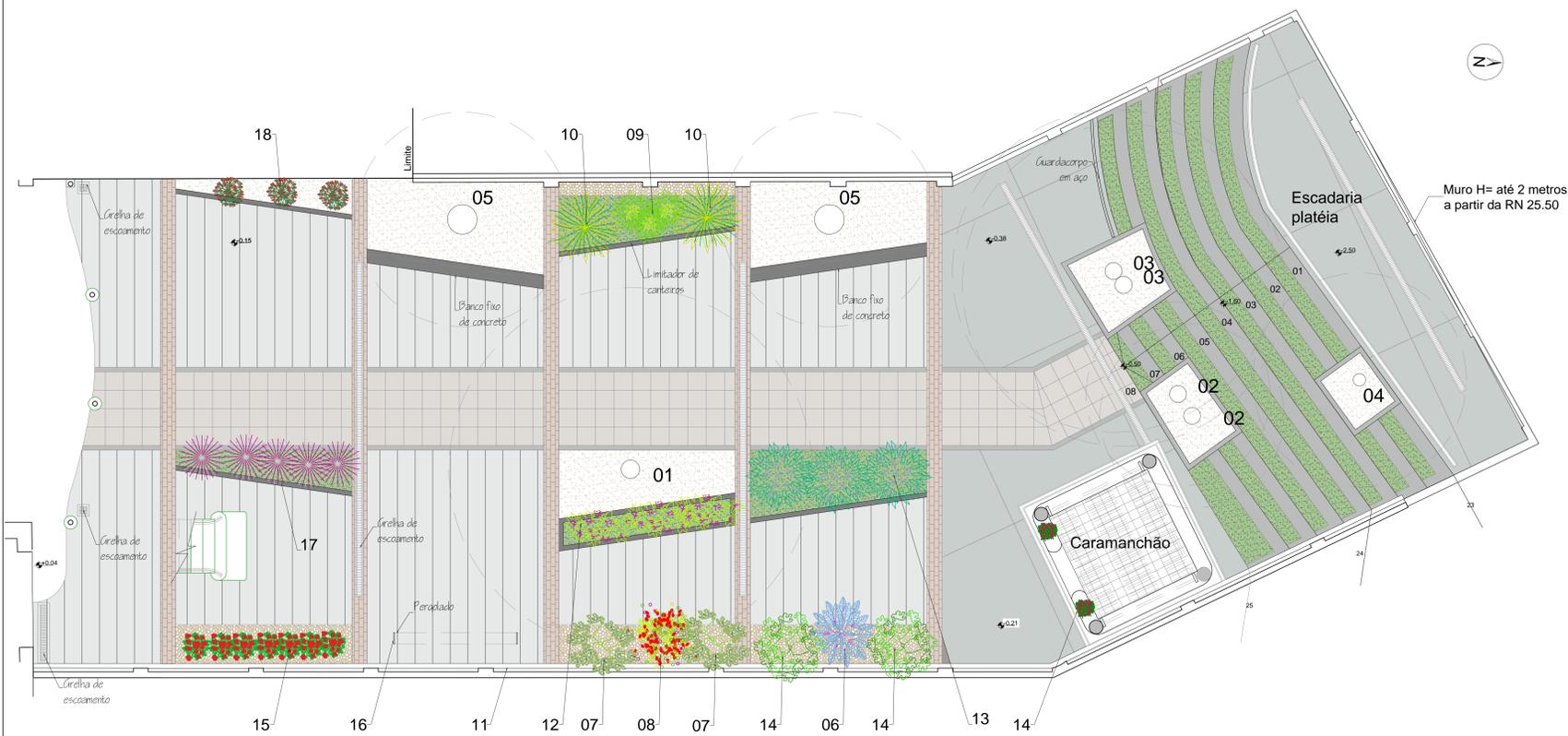


- LEGENDA
- TINTA MINERAL REF.PANTONE 4002c
 - VERNIZ INCOLOR ACETINADO
 - TINTA ÓLEO REF. PANTONE 4163
 - TINTA-ÓLEO BRANCA



FACHADA SUL- CONJUNTO
ESCALA 1/75





PAGINAÇÃO JARDIM
ESCALA 1/50

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 100 200 400



ELEVAÇÃO LESTE
ESCALA 1/50

ESCALA GRÁFICA (em centímetros)
0 50 100 200 400



O novo layout do jardim torna os espaços mais fluidos e com maior interação entre si.



Sem vegetação arbórea e arbustiva próxima a casa.



Conexão entre os espaços



O caramanchão recebe novo pergolado com leitura contemporânea.



Manutenção do pergolado metálico existente com acréscimo de um banco.



O talude nos fundos do terreno se transforma em pequena platêia, criando um espaço para eventos ao ar livre como cinema de rua, teatro e outros.



Com a retirada das árvores, a entrada de sol é maior e cria estares tropicais.



Aspecto do jardim à noite. A varanda tem potencial para palco e o jardim tem espaços para instalações efêmeras para eventos.



Espaço ideal para cinema de rua.



Espaços bem iluminados num nível baixo para não interferir no repouso dos pássaros.

PLANILHA DE VEGETAÇÃO

SITUAÇÃO	NOME CIENTÍFICO/POPULAR	CARACTERÍSTICAS E DIMENSÕES	ORIGEM	LOCALIZAÇÃO
ÁRVORES				
01	<i>Arucaria angustifolia</i> Pinheiro brasileiro	h 20 x 20m Ø copa 10m Tipo: árvore perene Luz: Pleno sol Fioração: agosto a janeiro	Nativa	Especie localizada no caminho central.
02	<i>Syngnium romanzoffiana</i> Jervá	h 4 x 4m Ø copa 4m Luz: pleno sol a meia sombra Fioração: todo ano	Nativa	Os dois indivíduos serão mantidos.
03	<i>Morus rubra</i> Amorosa vermelha	h 2 x 2m Ø copa 2m Tipo: árvore caduca Luz: Pleno sol Fioração: julho a agosto	exótica	Serão mantidos em áreas isoladas maiores.
04	<i>Caesalpinia ferrea</i> Pau-ferro	h 20 x 20m Ø copa 8m Tipo: árvore semi-caduca Luz: Sol Fioração: novembro a fevereiro	exótica	Especie nativa do Brasil. Deve ser mantida perto a sua mansão, para não trabalhar com a perda de caráter local.
05	<i>Androanthus avelanadæ</i> Ipê Roxo	h 20 x 20m Ø copa 8m Tipo: árvore caduca Luz: Pleno sol Fioração: junho a agosto	nativa	Árvore ornamental que possibilita luz decorativa para um muro oeste.
ARBUSTOS				
06	<i>Cordia terminalis</i> Cordão vermelho	h 1 x 2 m Ø copa 1 m Tipo: arbusto perene Luz: Pleno sol e meia sombra Fioração: inverno a primavera	exótica	Os indivíduos localizados nos caminhos do lado leste.
07	<i>Syngonium podophyllum</i> Singônio	h 0,30m Tipo: não venal perene Fioração: sombra	exótica	Especie espalhada por diversas partes.
08	<i>Euphorbia pucherana Willd</i> Bico-de-papagaio vermelho	h 2 x 4 m Ø copa 1 m Tipo: arbusto caduca Luz: Pleno sol Fioração: junho a agosto	exótica	Especie localizada perto do muro oeste próximo a varanda.
FOLHAGENS, FORRAGEJAS E TREPadeiras				
09	<i>Cenante setosa Eichler</i> Cenante	h 0,25 a 0,5 m Tipo: forrageja Luz: meio sombra Fioração: inverno a primavera Clima: tropical	Nativa	Especie localizada nos caminhos do lado leste e oeste.
10	<i>Curatella capitata</i> Curatella	h 0,4 a 0,8 m Tipo: forrageja perene Luz: meio sombra a sombra Fioração: ano todo	exótica	Especie localizada nos caminhos do lado leste.
11	<i>Ficus pumila L.</i> Ficus repens	h 1m Tipo: trepadeira perene Luz: pleno sol e meia sombra Clima: tropical e subtropical	exótica	Especie localizada perto do muro leste.
12	<i>Plectranthus scutellarioides</i> Coleus	h 0,3 m Tipo: herbácea perene Luz: pleno sol e meia sombra Clima: tropical e subtropical Fioração: primavera a verão	exótica	Especie em áreas verdes decorativas.
13	<i>Azaranthus africanus</i> Agapardo azul	h 0,3 a 0,8 m Tipo: herbácea perene Luz: pleno sol e meia sombra Clima: tropical e subtropical Fioração: primavera a verão	exótica	Novo espécie.
14	<i>Marranta leuconeura</i> Marrante	h 0,20 m Tipo: forrageja Luz: meio sombra Clima: tropical	nativa	Especie bem decorativa.
15	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Flor de fortuna	h 0,20 a 0,30 m Ø copa 1 m Tipo: forrageja perene Luz: Pleno sol e meia sombra Fioração: inverno a primavera	exótica	Especie localizada nos caminhos para o pergolado.
16	<i>Marrania tuberosa</i> Flor de pau	h 0,40 a 1,0 m ou mais Ø copa 1 m Tipo: forrageja perene Luz: Pleno sol e meia sombra Fioração: verão a outono	exótica	Especie localizada no pergolado.
17	<i>Tradescantia zebrina Boissé</i> Lantã	h 0,15 a 0,25 m Tipo: forrageja perene Luz: Pleno sol Fioração:	exótica	Especie espalhada em caminhos.
18	<i>Salvia splendens</i> Salvia Yermolha	h 0,3 a 0,8 m Tipo: forrageja perene Luz: Pleno sol e meia sombra Fioração: ano todo	exótica	Especie rosa em caminhos de caminhos.
19	<i>Impatiens walleriana</i> Impatiens	h 0,3 a 0,5 m Tipo: forrageja perene Luz: Pleno sol ou sombra Fioração: ano todo	exótica	Especie rosa em caminhos.
20	<i>Cynodon dactylon</i> Gramma Bermuda	h 0,1 a 0,3 m Tipo: grama perene Luz: Pleno sol	exótica	Especie rosa junto às escadarias. Manter identidade e tráfego de pessoas.

LEGENDA

■ Bloco intertravado de concreto: 100x10x10 cm	■ Piso concreto drenante: 40x30 cm	■ Chão de terra
■ Piso de concreto drenante: 40x40x8 cm	■ Piso de concreto drenante: 100x100 cm	■ Pedra britada

<p>MP-CECRE MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA</p>	<p>PROJETO DE INTERVENÇÃO CASA GODOY PORTO ALEGRE/RS</p>	